3 1761 07048387 0

ARIA ACADÉMICA
EDES DA SILVA
Mártires da Liberdade, 12
0 — TELEFONE, 25988

QUINQUAGENARIO

1858 a 1908

Cincoenta Annos de Actividade mental de Theophilo Braga

julgados pela

Critica contemporanea de tres Gerações litterarias

HOMENAGEM ORGANISADA

POR

Marques Braga, Affonso Lopes Vieira,
Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Mayer Garção, Botto Machado,
Alvaro Affonso Barbosa, Frederico Parreira,
Urbano Rodrigues
Heliodoro Salgado (falecido)

LISBOA

ANTIGA CASA BERTRAND

José Bastos & C.ª

73 — Rua Garrett — 75

1908

QUINQUAGENARIO

1858 a 1908

Proprietarios e editores: José Bastos & C.ª

Typ. «A Editora» — Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/quinquagenario1800marq

QUINQUAGENARIO

1858 a 1908

Cincoenta Annos de Actividade mental de Theophilo Braga

JULGADOS PELA

Critica contemporanea de tres Gerações litterarias

HOMENAGEM ORGANISADA

POR

Marques Braga, Affonso Lopes Vieira,
Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Mayer Garção, Botto Machado,
Alvaro Affonso Barbosa, Frederico Parreira,
Urbano Rodrigues
Heliodoro Salgado (falecido)

LISBOA

ANTIGA CASA BERTRAND

José Bastos & C.ª

73 — Rua Garrett — 75

1908

QUINQUAGENARIO

1858 a 1908

CINCOENTA ANNOS DE ACTIVIDADE MENTAL

DE

THEOPHILO BRAGA

JULGADOS PELA

Critica contemporanea de tres Gerações litterarias

HOMENAGEM ORGANISADA

POR

Marques Braga, Affonso Lopes Vieira,
Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Mayer Garção, Botto Machado,
Alvaro Affonso Barbosa, Frederico Parreira,
Urbano Rodrigues
Heliodoro Salgado (falecido)

LISBOA

ANTIGA CASA BERTRAND

José Bastos & C.ª

73 — Rua Garrett — 75

1908

PQ
9261
B68Z75

ACTA

Em 27 de janeiro de 1906 publicaram as *Novidades* uma carta assignada por Carlos Frederico Parreira e Urbano Rodrigues, a que arrancamos alguns periodos:

«Escriptor de combate, propagandista por temperamento como é Theophilo Braga, era dificilimo, ou mesmo impossivel, obtêr unanimidade para uma homenagem pessoal. Prevendo essa quasi impossibilidade, e reconhecendo, tambem, que a data de um anniversario não devia servir de pretexto plausivel para uma commemoração; e que esta, — tendo-se feito uma semelhante, ha annos, ao maior lyrico que ainda teve Portugal, — perdia todo o caracter de originalidade, podendo descahir n'uma *pastiche* impropria dos nossos intuitos e pouco digna do grande pensador da *Historia da Litteratura portugueza*, do sobrenatural espirito da *Visão dos Tempos,* resolvêmos alterar o programma da homenagem projectada, modificando-o da maneira seguinte:

Attingindo Theophilo Braga em 1908 as *bodas de ouro* da sua poderosa mentalidade, exemplo formidavel que se não repete nos escriptores modernos, e sendo por isso esta a data que melhor se nos apresenta para o fim que nos propômos, tanto mais quanto é certo que por este anno elle se compro-

mette a ter prompta a sua *Historia de Portugal*, — «obra por que ainda vive» — segundo nos confessou a sua immensa alma, — assentámos em que a Commemoração do dia 24 de fevereiro de 1906 consista na escolha dos individuos com que se ha de organisar a commissão permanente incumbida de formar o livro — *Em cincoenta annos de actividade mental* (1858 a 1908), — contendo os juizos criticos sobre a *obra litteraria*, *historica* e *philosophica*, pelos escriptores contemporaneos nacionaes e estrangeiros.»

Effectivamente em fevereiro de 1906 constituiu-se a Commissão executiva encarregada de organizar o *Livro do Quinquagenario* (1858-1908) ficando composta de Magalhães Lima, Agostinho Fortes, A. Affonso Barbosa, Mayer Garção, Affonso Lopes Vieira, Heliodoro Salgado, Botto Machado, Marques Braga, além dos iniciadores já citados.

A Commissão encetou os seus trabalhos em 24 de fevereiro e no dia 8 de março elaborava-se o programma do Livro a publicar em 1908. Esse plano constitue o indice do presente volume.

Tendo procurado cumprir integralmente o programma publicado nos jornaes (9-III 906), a Commissão, organisada para commemorar o facto unico na actividade intellectual portuguêsa — cincoenta annos de vida litteraria — vem entregar ao publico o Livro sincero do *Quinquagenario*, formado com artigos e estudos que jaziam dispersos por jornaes, revistas e opusculos.

Esses juizos criticos e depoimentos firmados por escriptores de orientações tão differentes, de *maneiras* litterarias tão oppostas não se chocam, bem ao contrario, ajustam-se harmonicamente, dando a

medida da unidade constructiva da Obra larga e complexa de Theophilo Braga.

O meio social, a personalidade do Pensador, a sua vida psychologica e mental, a influencia moral e social exercidas são focadas n'este volume, que estuda o Artista e o Sociologo na integralidade da sua Obra.

Mas além da exposição critica das idéas de Theophilo Braga, o *Livro do Quinquagenario* tem um aspecto impessoal, que o torna muito bello: é o balanço litterario de meio seculo feito por trez gerações.

Realisando o compromisso de ha dois annos, é do nosso dever testemunhar quanto a Antiga Casa Bertrand, (José Bastos & C.ª) a gloriosa Editora de Garrett e Herculano, com a sua generosa cooperação auxiliou a publicação d'este Livro. A um tão elevado desinteresse, a Commissão de Homenagem só pode corresponder inscrevendo a Antiga Casa Bertrand no Patronato de Honra do *Quinquagenario* do mais desinteressado escriptor da litteratura portugueza.

A Commissão executiva.

Escriptores nacionaes e estrangeiros que enaltecem esta obra

Abel Botelho, 40. 259, 301.
Alejandra Guichet, 586.
Alexandre da Conceição, 26, 551, 571.
Alexandre Herculano, 162.
Alberto Osorio de Castro, 294.
Alberto Sampaio, 18.
Alfredo Gallis, 278.
Alice Pestana, 609.
Annibal Passos, 291.
Anthero de Quental. 17, 38, 98, 164, 364.
Antonio Feliciano de Castilho, 159.
Antonio José de Almeida. 96.
Antonio Maria de Freitas, 215, 464.
Antonio Padula, 618.
Anselmo de Andrade, 24.
Augusto Fuschini, 28.
Basilio Telles, 35. 576, 599.
Belfort Duarte, 107.
Bento Carqueja. 375.
Camillo Castello Branco. 127.
Candido de Figueiredo. 169. 187. 299.
Carlo Mezzacapo, 260.
Carlos Arturo Torres, 617.
Carlos de Mello, 569.
Carolina Michaelis de Vasconcellos. 320, 348. 450, 463, 610.
Condessa de Proença. 612.
Consiglieri Pedrozo, 514.
Correa Barata, 27.
Costa Godolphim, 113.
Cunha e Costa, 358.
D. Leite. 32.
Debate (Anonymo). 254.
Eça de Queiroz.1 7. 37, 359.
Eduardo Coelho. 577.
Eduardo Vidal. 194.
Elliot, 543.
Emilo Teza, 246, 352.
Eugenio Vaz Pacheco. 93.
Faustino da Fonseca, 358.
Fernandes Agudo. 282. 320, 338.
F. A. Coelho, 369. 443.
F. A. Martins de Carvalho, 523.
F. M. Supico. 85.
F. de Paula Oliveira, 557.
Fran-Paxeco. 293, 328, 605.
G. Filipponi. 530.
Gustave Grober, 453.
Gubernatis, 532.
Guilherme Moniz Barreto, 196.
Heliodoro Salgado. 517.
Henrique de Vasconcellos, 288.
Horacios e Curiaceos (Anonymo), 38.
Jacob *(Correio do Norte)*. 325.
João Grave. 267, 314. 440, 481, 515.
João Machado de Faria e Maia. 39.
Joaquim de Araujo, 509.
Joaquin Costa, 362.
José d'Amaral, 93.
José Caldas, 77.
José Carracido. 388.
José Leão. 196. 553.
José de Lacerda, 55.
José Sampayo (Bruno), 211, 372. 446, 459, 482, 487, 614.
Julio Brandão, 522.
Julio de Mattos, 589.
Julio de Vilhena, 165.
Leonel de Sampaio (Vicente de Faria.)
Léo Quesnal, 541.
Leopoldo de Freitas, 520.
Loiseau, 533.
Littré, 549.
Lino de Macedo, 286.
Luciano Cordeiro. 164.
Luciano Fataça, 356.
L. Jardim, 172.
Magalhães Lima, 35.
Manuel de Arriaga, 22.
Manuel Larangeira, 300.
Marianno Machado, 45.
Marques Braga, 271, 306, 393. 495.
Maria Amalia Vaz de Carvalho. 611.
Mayer Garção, 318, 327.
Maxime Formont. 184.
Menendez Pelayo, 424.
Nicolão Florentino (A. M. de Freitas.)
Oliveira Alvarenga, 494.
Olga da Silveira, 614.
Oliveira Gomes. 355.
Oliveira Martins, 161. 176, 360. 530.
Paiz (Anonymo). 258.
Paiz (Rio de Janeiro), 322.
Paul Sébillot. 378.
Philéas Lebesgue, 246, 252. 363.
Pinheiro Chagas, 100. 116, 500. 533.
Ramalho Ortigão, 1, 83, 452. 513. 582.
Raymundo Capella. 46.
Reis Damaso, 186, 574.
Ribeiro Guimarães, 201.
Rodrigues de Gusmão. 458.
Rodrigo Velloso, 208, 249, 487.
Silva Cordeiro. 601.
Silva Lisboa, 208.
Silva Pinto, 600.
Sousa Viterbo. 577.
Teixeira Bastos, 241, 382.
Theodoro de Magalhães, 448.
Vicente de Faria, 123.
Victor Ribeiro, 589.
Virginia Quaresma, 297.
Voz Publica. (Anonymo). 539.
Xavier da Cunha, 188.

THEOPHILO BRAGA

Caracteristica da actividade mental
Synthese do trabalho effectuado — Acção politica
O orador profissional — O homem e o caracter

Entre os escriptores cujo trabalho mais profundamente caracterisa a direcção do pensamento moderno, é de justiça citar em primeiro logar o sr. Theophilo Braga. É elle seguramente na litteratura contemporanea o espirito mais operoso e mais fecundo. Os defeitos de que o accusam não são mais do que as suas mesmas qualidades vistas pelo reverso. Dentro de poucos annos elle tem percorrido e estudado todas as sciencias modernas, com o fim de tirar de cada uma d'ellas a sua philosophia especial, e de formular um systema sobre os resultados syntheticos de todas as suas acquisições mentaes.

É o trabalho de uma geração inteira emprehendido no cerebro de um só homem na edade de trinta annos. É a tarefa de uma academia provida de todos os grandes instrumentos de trabalho — os laboratorios chimicos, os observatorios astronomicos, os gabinetes de physiologia, as collecções mineralogicas, os museus archeologicos e os archivos historicos, — tarefa extremamente complexa, feita por um só trabalhador sobre os seus livros no fundo do seu gabinete!

Em taes condições é bem de receiar que só tarde ou talvez nunca Theophilo Braga chegue a ser na philosophia um inovador do criterio, um reformador do systema das leis geraes, que governam o mundo physico ou o mundo moral.

Mas a gloria incontestavel que desde já lhe cabe é a de ser o iniciador infatigavel de todos os altos estudos a que deve ser chamado o espirito da sua epoca. [1]

*

Como escriptor a sua obra contém dia a dia a historia do seu espirito. Trabalhador incansavel, não tendo largado a penna desde os quinze annos de edade, Theophilo Braga tem toda a sua vida intellectual posta ao sol, em plena rua, como a vida de Diogenes o cynico.

Em 1864, impregnado do metaphysicismo universitario, o qual mais tarde elle devia raspar de si, como os antigos leprosos raspavam a lepra esfregando a pelle com uma têlha, Theophilo emprehende os desenvolvimentos da Poesia e escreve com a mais extraordinaria frescura de originalidade e de inspiração trez livros que constituem uma epoca na historia da Poesia portugueza, a *Visão dos Tempos*, as *Tempestades sonoras* e a *Ondina do Lago*.

O culto da poesia leva naturalmente o seu espirito analytico e investigador á curiosidade e ao estudo das origens tradicionaes, e é d'esse periodo da sua evolução intellectual que data a publicação do *Cancioneiro popular*, do *Romanceiro geral portuguez*, da *Historia do Direito portuguez*.

---

[1] R. Ortigão, CARTAS PORTUGUEZAS, II: *As correntes litterarias*. Lisboa, 15 de Abril (*Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, 1878).

O exame das tradições fal-o penetrar ascencionalmente nos estudos historicos, e em 1869 principia a sair á luz a *Historia da Litteratura portugueza*. Theophilo Braga inaugura na collecção preciosa d'estes livros, de uma leitura ás vezes tumultuosa mas sempre trasbordante de materia observada e de factos trabalhosamente recolhidos, a critica comparativa, anteriormente desconhecida em Portugal. Parallelamente com a *Historia da Litteratura*, publicou os resultados do seu exame dos textos classicos nas edições de Camões, de João Vaz, de Bocage, da *Chronica dos Vicentes*, e *Cancioneiro da Vaticana*. Esta ultima obra bastaria, com as devidas condições de uma *réclame* bem lançada para fazer em Portugal a reputação de seis ou outo eruditos. [1]

De 1872 a 1877 data o periodo da renovação mental de Theophilo Braga, o seu advento na philosophia. Com um ardor de que rarissimas capacidades poderão dar um testemunho tão eloquente, elle, humanista, litterato, doutor em leis, poeta lyrico, passa destemidamente um esponja por cima de todo o seu passado, e recomeça em novas bases a educação do seu espirito. Revê a Mathematica, para comprehender de um modo positivo os phenomenos da quantidade, da extensão e do movimento. Revê a Astronomia, para comprehender a lei mais geral de todos os phenomenos do universo — a gravitação da materia. Revê a Physica, para comprehender as condições do calor, da luz, da electricidade, do magnetismo, da acustica. Revê a Chimica, para se apoderar do principio das proporções definidas e das leis da composição e decomposição dos corpos.

---

[1] *Biographia de Th. Braga*, N.º 5 da *Renascença*.

Revê finalmente a Biologia e todas as sciencias em que ella se desdobra, para o fim de conhecer os sêres vivos em todos os seus aspectos e em todas as suas relações organicas: a botanica, a zoologia, a anthropologia.

É d'esse trabalho portentoso de revisão de todas as sciencias fundamentaes, que procedem as actuaes convicções sociologicas de Theophilo Braga, e os recentes livros *Traços geraes de Philosophia positiva* e *Historia Universal.*

O primeiro d'estes livros é o resultado de uma revisão da doutrina de Augusto Comte, feita em face das novas contribuições trazidas á Philosophia pelos modernos descobrimentos scientificos. Contém capitulos da mais alta importancia, revelando uma grande sagacidade critica e um notavel poder de systematisação e de methodo. Citarei por exemplo o capitulo ultimo consagrado á reorganisação da Sociologia. Em vez de dar por base á Sociologia o facto historico da fórma da *Auctoridade*, (Poder espiritual e Poder temporal) o auctor basêa a Sociologia no grande facto biologico da *População* enunciado por Malthus, noção fecundissima, de que Darwin tirou a lei da lucta pela existencia e deduziu a synthese da origem das especies.

Reconstruir a Sciencia sociologica, a lei darwiniana do *conflicto vital* e da *adaptação ao meio,* lei expressa nas sociedades pela formula: *População limitada pelas subsistencias*, estabelecer este principio, digo, é dar aos cultores de todas as Sciencias moraes, quando não um ponto de partida, pelo menos um ponto de relação perfeitamente exacto e preciso na contraprova de todas as theorias sociaes.

A parte da obra relativa á constituição de uma Psychslogia positiva, basta para evidenciar as facul-

dades eminentemente originaes de um grande pensador. [1]

No ultimo d'estes livros, o mais importante de todos, a Historia apparece pela primeira vez em Portugal com caracter scientifico, considerada como um desdobramento da Mechanica, da Cosmologia e da Biologia. A evolução da actividade humana acha-se rigorosamente submettida n'essa obra ás modificações que lhe imprimem os grandes agentes naturaes assim divididos:

Agentes astronomicos — A peridiocidade do dia e noite, as estações, os climas, a lunação; a obliquidade da ecliptica.

Agentes physicos — A temperatura, a situação geographica, as materias transformadas em instrumentos;

Agentes chimicos — A atmosphera, os alimentos, a luz e o calor;

Agentes biologicos — A edade, o temperamento, a hereditariadade, a sexualidade; o typo da raça.

Agentes sociologicos — A linguagem, as religiões, as profissões industriaes, a politica, a moral do costume, a educação.

Eis rapidamente esboçado o modo como esses diversos modificadores actuam no sêr humano:

O rythmo do dia e da noite, servindo de periodo á intermittencia das funcções organicas.

As estações, adaptando os organismos á variação do meio e actuando sobre a variedade das culturas.

Os climas, actuando sobre a variedade das raças e suas distribuições no globo.

A lunação, por meio da sua acção magnetica so-

---

[1] Da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

bre a terra, determinando os ventos, as marés, as seivas e os fluxos animaes.

A temperatura. influindo na distribuição das especies, na structura organica por alteração de funcções ou atrophia de orgãos em consequencia da inacção.

A situação geographica, motivando as migrações das raças, seus crusamentos. fórmas de actividade industrial e fórmas de agregação nacional.

As materias transformadas em instrumentos, como a pedra, o bronze, o ferro e a applicação das forças naturaes, como o fogo, a agua, o vento. intervindo como recursos mechanicos, multiplicando as forças do homem, assegurando-lhe a sua acção sobre a natureza e mantendo-lhe a perpetuidade na especie.

A atmosphera, influindo na solubridade e na longevidade.

Os alimentos, modificando os orgãos digestivos, e determinando o desenvolvimento do systema nervoso.

A luz e o calor, influindo na hematose, na carnação epidermica, e auxiliando o trabalho com o mais poderoso dos agentes mechanicos.

A edade, influindo nas capacidades sexuaes, mentaes e moraes.

O temperamento, influindo na structura organica pela selecção, no crusamento das raças, e por consequencia na sua vida historica.

A hereditariedade, exercendo-se nos habitos, nos vicios congenitos, na transmissão dos progressos ou qualidades adquiridas e na constituição ethnica.

A sexualidade, produzindo a organisação do par conjugal e a constituição da familia.

A linguagem, promovendo o exercicio intellectual e conduzindo ás creações mythicas e aos seus desenvolvimentos subsequentes até á formação das litteraturas.

A religião, estabelecendo pelo sentimento a unificação da sociedade, a tradição nacional, e as superstições populares.

As profissões industriaes, estabelecendo as castas e as classes, e differençando-as pelas aptidões e pelas riquezas.

A politica, fazendo coexistir a livre acção do individuo e da collectividade perante o direito.

A educação transmittindo aos novos o legado dos progressos adquiridos, e fundando a grande noção da Humanidade.

Mostrar como a acção convergente de todas estas forças impelliu o homem na sua grande marcha no tempo, desde a sua apparição no globo, através das differentes edades pre-historicas, até á civilisação moderna, eis o objecto d'este bello livro, destinado não só a marcar a mais nobre tentativa de elevação no ensino da historia, mas tambem a dirigir a mentalidade social para a mais alta esphera da systematisação philosophica e da critica scientifica.

Como corpo de doutrina convicta este livro é inteiramente novo. Hade constituir epoca na historia das ideias portuguezas, e hade dar o padrão a todos os trabalhos do mesmo genero que houverem de se lhe seguir com intuitos verdadeiramente progressivos e civilisadores. [1]

*

É unicamente por effeito de uma tão poderosa disciplina e de um tão largo trabalho, que se pode chegar ao conhecimento perfeito do mundo physico

[1] CARTAS PORTUGUEZAS: *As correntes litterarias*. Biographia, p. 12 a 16.

e do mundo moral. A sciencia politica não é mais do que o derradeiro desdobramento pratico e systematico dos conhecimentos successivamente adquiridos na trajectoria que acabamos de traçar, pelo espirito de Theophilo Braga. Todo o systema de governo que se não basêa n'um systema philosophico e n'um methodo scientifico, é esteril para a civilisação. Só da sciencia podem saír as leis com que se governam efficazmente as sociedades.

*

Profundamente convencida d'esta verdade a Junta Federal republicana escolheu para representante do circulo 94 o professor dr. Theophilo Braga, no qual concorrem manifestados no seu passado todos os dotes que constituem um verdadeiro legislador.

Acceitando o *Mandato imperativo,* requerendo-o elle proprio e definindo-o em successivos comicios, o nosso candidato prestou já ao povo um relevante serviço, o de lhe inspirar a consciencia do mais puro e do mais sagrado direito da sua soberania.[1]

Fallando, como professor no seu curso, como conferente nas assembléas populares, elle descobre a poderosa contextura da sua personalidade e mostra que são do aço mais rijo o mais extraordinariamente temperado os tenues fios que o prendem á vida. A força da vontade, a consciencia do poder, a alegria do triumpho, illuminam então a sua physionomia ascetica. Os seus olhos fulgem com uma expressão penetrante e inquisitiva sob a ruga da testa; nas azas do nariz palpita-lhe o folego energico e impa-

[1] Do *Manifesto eleitoral de 1878.*

ciente de um gladiador; e, emquanto o seu busto immovel como o de um juiz, e as suas mãos sobrepostas como as de um inutil, affectam o desprezo de todo o movimento theatral, a palavra cáe-lhe do beiço grosso e sarcastico com uma fluencia monotona mas inexaurivel, dominando, vergando, batendo o assumpto, como bate o malho sobre uma verga de ferro em brasa.

O desartificio da sua dicção tem a propriedade de encaminhar o espirito de quem o ouve na direcção da idéa que elle expõe muito mais eficientemente do que o poderia conseguir a exanime correcção oratoria; as suas emendas, as suas repetições, o repeguinhar do seu estylo, dão um relêvo enorme ás suas phrases, fazem penetrar o espirito do ouvinte na elaboração psychologica d'elle orador, armam rêde, arrastam, obrigam a pensar dentro da mesma esphera em que elle se collocou, determinam correntes de collaboração entre elle e o seu auditorio, convencem finalmente; e, sem que ninguem se lembre de o applaudir, quando elle termina com o seu estribilho familiar, que bate no chão como um bordão caturra—*Esta é que é a cousa!*—o espirito collectivo e compacto do seu auditorio repete convictamente que a cousa é effectivamente aquillo.

Quando na sua qualidade de dissidente, de democrata, de philosopho, de revolucionario, elle fulmina as instituições do velho mundo, que todos aquelles que pensam vêem esboroar-se a pouco e pouco em torno da aspiração moderna, Theophilo Braga conserva sempre a frieza didactica, de uma imperturbabilidade tragica. Sem invectivas, sem exaltações sentimentaes, sem exclamações tribunicias, a sua palavra cáe sobre a analyse dos factos condemnados com uma simplicidade de inflexão intra-

duzivel, similhante ao som basso e lugubre de pregos martelados no caixão de um morto. [1]

As conferencias e leituras organisadas pela Associação dos Escriptores (Preliminares do *Centenario de Camões)* foram iniciadas por Theophilo Braga no salão do Theatro da Trindade. O conferente fallou desde a uma ás tres da tarde, sendo recebido pelo publico com uma grande salva de applausos, e terminando no meio de uma verdadeira ovação.

Explicando as relações de Luiz de Camões com a nacionalidade portugueza, e demonstrando largamente com o livro dos *Lusiadas,* escripto no momento em que Portugal ia ser absorvido pelo dominio hespanhol, é como o titulo sagrado do naufragio que o piloto lança ao mar, lacrado n'uma garrafa, Theophilo Braga fez comprehender bem o sentido da festa que se preparou no intuito de salvaguardar as novas gerações da catastrophe que subverteu a independencia de seus avós, fortificando o espirito novo pela adhesão de todas as vontades em torno da mais alta gloria da nação portugueza.

O illustre professor foi eloquentissimo quando, ao investigar as causas que em 1580 determinaram a queda da nossa nacionalidade, elle estabeleceu que a dominação hespanhola não proviera da senilidade nem da decrepitude do povo, mas sim de um vicio extranho, mas profundo, introduzido no seu organismo. Esse cancro que devorou toda a energia da nacionalidade portugueza no ultimo quartel do seculo XVI foi o *jesuita*. Foi o jesuita, e Theophilo Braga evidenciou-o poderosamente, — foi o jesuita quem apoderando-se da alma portugueza pelo confessionario e pela escola, sugou até á ultima gotta

[1] *Esboço biographico*, p. 15. Lisboa, 1879.

as fontes vivas da nossa dignidade e do nosso valor.

Pelo confessionario o jesuita fez da hypocrisia e da traição a norma da vida, a lei da consciencia, a base da bemaventurança. Pelos seus systemas pedagogicos, fundados no desenvolvimento exclusivo da memoria, instigada pela pancadaria, o jesuita prostrou a intelligencia portugueza, como se prostra um cavallo fazendo-o galopar em torno de um picadeiro, e prostrou a dignidade esmagando-a com o castigo corporal, ácerca do qual Theophilo Braga teve esta phrase incisiva e profunda: *Todo aquelle que bate n'uma creança assassina um homem.*

O ensino da grammatica, da dialectica, da logica, da rhetorica e das linguas, imposto pelo jesuita em todas as suas escolas com exclusão de toda a noção scientifica, reduziu o espirito a um cansaço esteril e justificado. Aprender palavras, fórmulas, argumentos, argucias, equilibrios e volteios de phrases, saltos, forças e deslocações de raciocinios, sem metter uma idéa, nem um principio, nem uma noção clara e positiva a justificar essa gymnastica do pensamento, é o mesmo que esgotar a força puxando a um rêmo no alto de um mastro.

Theophilo Braga disse: O ensino jesuitico fez cahir examine a intelligencia portugueza á força de a fazer dar á manivella de um moinho vasio. Não se define com um traço mais vivo e mais justo a influencia nefasta da direcção ecclesiastica sobre as energias mentaes do povo portuguez.

A annexação de Portugal á Hespanha foi o premio pago ao jesuita pela sua tarefa de aniquilação sobre a vitalidade do espirito publico, foi o seu primeiro passo para a obra immensa da obediencia universal, base de um só Imperio, correspondendo a uma só Egreja, divisões unicas do mundo subju-

gado pelos dois unicos e legitimos representantes de Deus — o imperador e o papa.

Camões, symbolo da intelligencia nacional como sendo pelo seu genio a mais alta expressão d'essa intelligencia, representa para o destino politico de Portugal o poder opposto áquelle que ha tres seculos o prostrou aos pés do invasor castelhano. Elle representa para este pequeno povo a unica força em que tem de fundar-se a sua lucta e a sua resistencia pela liberdade; a força da sua consciencia historica, a força das suas tradições, das suas ideias, das suas acquisições scientificas e do seu genio artistico.

Theophilo Braga pondo em um grande relêvo scientifico a significação do *Centenario de Camões,* mostrou ao mesmo tempo qual a importancia das conferencias d'este genero, no momento presente da sociedade, quando as revoluções se não fazem já pelos cataclysmos cosmicos, nem pelas guerras dynasticas, nem pelos motins populares, mas sim, lenta e serenamente, pela evolução das ideias, pela sua assimilação ao espirito publico e pelo seu desenvolvimento subsequente em aspirações e em necessidades geraes. N'este sentido, disse elle, que as conferencias eram a *missa civil* a que todo o cidadão devia levar a sua mulher e os seus filhos para o fim de os pôr em communicação com o desinteressado espirito de justiça e de verdade, que é o *in eo vivimus et sumus* da consciencia moderna. [1]

*

A subserviencia adoptada nas sociedades decadentes como linha de procedimento para alcançar

---

[1] *Gazeta de Noticias,* do Rio de Janeiro, n.º 499. IV anno.

o favor do governo ou dos partidos que aspiram ao governo, torce o caracter, humilda a intelligencia, atrophia o senso moral e leva á pratica de acções que mancham a vida do homem honrado com indeleveis nodoas que o biographo benevolo tem de attenuar a outras tantas explicações casuisticas.

Theophilo Braga nunça se conciliou com a corrupção do seu tempo. É um candidato mas não é um cliente. O seu caracter está immaculado. É um verdadeiro homem de bem, justo, recto, benigno, corajoso, da mais difficil e da mais rara coragem, a coragem do dever sabiamente comprehendido e firmemente praticado. Confinado na austeridade do estudo, tendo procurado com sincero ardor na sciencia e na verdade a justiça e a concordia, tendo organisado a sua familia no esforço do trabalho e no respeito do lar domestico, tendo repartido largamente com os seus similhantes em lição e em conselho as acquisições do talento, elle tem sabido honrar como poucos a dignidade humana.

Como cidadão, como escriptor publico, como professor, como chefe de familia o seu exemplo envolve para os caracteres indecisos uma direcção preciosa; para os que crêem na energia da vontade e na força do trabalho, uma confirmação consoladora; para os que triumpham pela intriga, pela baixeza e pela impostura, uma lição muda que os esmaga, pelo confronto sem precisar de os confundir pela discussão.

A biographia de Theophilo Braga faz-se em breves linhas.

Aos quinze annos de edade, tendo nascido na ilha de S. Miguel, quasi abandonado no continente, entregue aos seus proprios recursos perante o aspero conflicto da vida, luctou com a indigencia, fazendo-se typographo, fazendo-se escripturario. Foi compondo os cadernos conhecidos em Coimbra pelo

nome de *sebentas do curso*, que elle conseguiu occorrer pelo proprio trabalho ás despezas da sua formatura em direito. Foi trabalhando sempre, athleticamente, de dia e de noite, que elle se estabeleceu no Porto, que conseguiu publicar os seus primeiros livros, que se casou, que veiu a Lisboa e que foi nomeado por concurso professor de Litteratura moderna no Curso Superior de Lettras. [1]

Se a obscuridade resolvesse tomar um dia as fórmas humanas a fim de atravessar o Chiado, sem que ninguem a notasse, ás quatro horas da tarde, a obscuridade não poderia escolher para esse fim uma encarnação mais apropriada que a da figura de Theophilo Braga.

Elle passa na multidão inteiramente confundido no todo, como se fosse uma molecula da grande collectividade que se chama o vulgo.

Têm ouvido fallar, muito por certo, no escalrácho: é natural que o conheçam pouco, como de ordinario nos succede com as cousas de que se falla muito. O escalrácho é a mais modesta e a mais insignificante das gramineas; no mez de agosto, nos valles, á beira dos ribeiros, o escalrácho é um pequenino ponto verde, como a cabeça de um alfinete, tremeluzindo ao lume d'agua na ponta de um fio tão subtil, como um cabello. Em presença de uma fragilidade tão exigua, tão mesquinha, a robusta solidez de um lavrador armado do seu machado, habituado a rachar o carvalho, a furar o granito, a matar o lobo, descóra de susto. O escalrácho póde mais do que o Herculos. Porque o escalrácho tem por si a raiz: uma raiz immensa, interminavel, que não cessa de lavrar por todos os lados, alastran-

---

[1] Do *Manifesto eleitoral de 1878*.

do-se como os tentaculos de um enorme pôlvo vegetal escondido sob a crusta da terra, revolvendo medonhamente o sólo, destroçando as cearas, tombando as arvores, derribando os muros, desconjuntando as eiras.

Theophilo Braga é subcutaneamente da natureza do escalrácho. A' peripheria apparece apenas o gancho de seu chapéo de sol; dentro está uma raiz perfurante, dominativa, implacavel e tremenda: — a tenacidade.

Simples, sobrio, duro, com habitos de uma austeridade espartana, sabendo reduzir as suas necessidades a toda a restricção a que lhe reduzam os seus meios, vivendo no isolamento, como Robinson na sua ilha, Theophilo Braga tem uma unica paixão, a paixão proselytica da Sciencia. Não publica um volume por semana pela razão unica de que não ha prelos em Portugal que acompanhem a velocidade vertiginosa da sua penna. Escreve de graça, desinteressadamente, em satisfação do seu prazer supremo, o prazer de espalhar ideias. Esta enorme força é ao mesmo tempo a sua unica fraqueza; nunca se lhe conheceu outra.

Magro, encolhido, vestido de escuro, com o passo apressado e miudo, mal despegado do chão, as abas da sua longa sobrecasaca ao vento, o chapéo alto no meio da cabeça, o guarda sol pendente de um braço pelo gancho de bambu, uns poucos de livros debaixo do outro braço. surrateiro, esquivo, estugado em linha recta da sua ideia para o seu fito, elle parece caminhar sempre no escuro, do lado da sombra, como quem se evade, em bicos de pés sobre um tapete espêsso.

Ente debil, de aspecto um pouco valetudinario, dorso curvo, ventre chato, estomago escavado, deixando descahir as calças em pregas sobre os sapatos, — é o mais forte, o mais rijo, o mais energico temperamento que eu tenho conhecido.

Tem no estado mais acerbo a paixão da sua ideia. E' um fanatico. No seculo XV ou no seculo XVI teria sido João Hus, Savonarola ou Calvino; em 1879, com a sua actividade systematisada e com a sua impaciencia dirigida pela philosophia profundamente pacificadora de Augusto Comte, Theophilo Braga é o typo mais perfeito do obreiro benemerito e do cidadão util. No meio da sociedade portugueza, tão indifferente, tão despegada, tão apathica, entre a multidão dos caracteres dobradiços e moleza, a que o egoismo dá em cada dia uma nova fórma, assoprando-os, ou espipando-os, revirando-os, torcendo-os, espalmando-os, em todas as direcções e em todos os sentidos, consola-nos o poder contemplar em uma figura como a de Theophilo Braga, a curiosidade rara que se chama — um homem.

RAMALHO ORTIGÃO. [1]

---

[1] O intelligente critico Ramalho Ortigão, por differentes occasiões se tem occupado dos trabalhos litterarios de Theophilo Braga; a primeira vez nas *Farpas*, ácerca do livro *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria*, a proposito do Centenario da Academia das Sciencias; depois na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, caracterisando *As correntes litterarias*, que se manifestam actualmente na transformação do espirito portuguez; em seguida, em um *Manifesto eleitoral* em 1878, quando Theophilo Braga se apresentou candidato republicano, pelo circulo 94; e por ultimo na Biographia publicada no 5.º numero da *Renascença*, formada em grande parte dos elementos das criticas anteriores acima indicadas. Ramalho Ortigão é de todos as nossos escriptores o que mais de perto e intimamente conhece Theophilo Braga, pela convivencia intellectual em que tem vivido desde 1872, e por isso o relêvo das suas palavras funda-se em uma emoção que o tempo e a observação quotidiana não têm destruido. Reproduzindo os trechos d'esses diversos juizos criticos, entendemos agrupal-os sob uma certa unidade e coherencia logica, que a dispersão jornalistica não permittia.

I

A Eschola de Coimbra

e a dissolução do Romantismo

«Fômos todos assim, n'aquella encantada e quasi phantastica Coimbra de ha dez annos. Um sôpro romantico, calido, mas balsamico, fazia rebentar tumultuariamente as nossas primaveras em borbotões de flores; flores exoticas, estranhas, que a sciencia impassivel bania inexoravelmente das suas correctas classificações, mas a que dava um indizivel encanto, um attractivo particular uma cousa: a mocidade.» [1]

A) A Geração academica de 1862 a 1864

Eça de Queiroz, referindo-se em 1878 a essa deslumbrante crise mental, esboça em quatro traços caracteristicos aquella geração academica:

«Ha quasi doze annos appareceu vinda parte de Coimbra, parte d'aqui, parte d'acolá, uma extraordinaria geração academica: educada já fóra do Ca-

---

[1] Anthero de Quental, *Primaveras romanticas*, Prologo datado de 10 de Janeiro de 1872.

tholicismo e do Romantismo, ou tendo-se emancipado d'elles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução.» [1]

«Coimbra affirmava-se então de um modo singular. O ensino universitario não satisfazia a mocidade, convulsionada pelas grandes questões do dia — questões religiosas, historicas, litterarias, sociaes, economicas... que prendiam sobretudo a attenção, tornando-se o thema das discussões ordinarias, em vez das lições officiaes. Como tinha chegado áquelle canto remoto essa corrente revolucionaria — não é facil de explicar; nem tão pouco como teve de apaixonar rapazes o menos preparados para a receberem. Resultou d'ahi transformar-se aquelle meio em tumulto de ideias e de opiniões, de maneira nenhuma adaptado a formar espiritos novos, que vinham cada um da sua terra, de uma atmosphera totalmente diversa, de um viver antigo e tradicional. Todas essas preoccupações espirituaes, juntas com as illusões douradas e a alegria expansiva da mocidade, faziam = aquella encantada e quasi phantastica Coimbra de ha dez annos = como o escrevia o poeta em 1872 no prologo das *Primaveras romanticas*. Alli se lhe desenvolveu a intelligencia n'aquelle ruido alegre, por entre a desordem pedagogica que deixava o estudo sem base solida, sem guia e direcção que lhe faltavam — a elle e aos seus contemporaneos.» [2]

«Coimbra vivia então (1862-63) n'uma grande actividade, ou antes n'um grande tumulto mental. Pelos caminhos de ferro, que tinham aberto a Peninsula, rompiam cada dia, descendo da França, e da

---

[1] *Renascença*, p. 20. Revista. Porto, 1878.

[2] Alberto Sampaio: *Anthero do Quental — Recordações.* In Memoriam, p. 10.

Allemanha (através da França) torrentes de cousas novas, ideias, systemas, estheticas, fórmas, sentimentos, interesses humanitarios... Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo tornado propheta e justiceiro dos reis; e Balzac com o seu mundo perverso e languido; e Goëthe vasto como o universo; e Pöe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros! N'aquella geração nervosa, sensivel e *palida* como a de Musset (por ter sido talvez como essa concebida durante as guerras civis) todas estas maravilhas caíam á maneira de achas n'uma fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaraça! E ao mesmo tempo nos chegavam por cima dos Pyreneos, moralmente arrasados, longos enthusiasmos europeus, que logo adoptavamos como nossos e proprios, o culto de Garibaldi e da Italia redimida, a violenta compaixão da Polonia retalhada, o amor á Irlanda, a verde Erin, a esmeralda celtica, mãe dos Santos e dos Bardos, pisada pelo Saxonio!...

«N'esse mundo novo, que o Norte nos arremessava aos pacotes, faziamos por vezes achados bem singulares: — e ainda recordo o meu deslumbramento quando descobri esta immensa novidade, a Biblia! Mas a nossa descoberta suprema foi a da Humanidade. Coimbra de repente teve a visão e a consciencia adoravel da Humanidade! Começámos logo a amar a Humanidade, como ha pouco, no Ultra-romantismo se amara Elvira, vestida de cassa branca ao luar. Por todos os botequins de Coimbra não se celebrou mais senão essa rainha de força e graça, a Humanidade. E como n'um meridional de vinte annos, lyrico de raiz, todo o amor se exhala em canto — não houve moço que não planeasse um grande Poema cyclico para immortalisar a Huma-

nidade. — E outro bom signal do despertar do espirito philosophico era a nossa preoccupação anciosa das Origens. Conhecer os principios das Civilisações primitivas constituía então, em Coimbra, um distinctivo de superioridade e elegancia intellectual. Os *Vedas*, o *Mahabaratha*, o *Zend Avesta*, os *Eddas*, os *Niebelungen*, eram os livros sobre que nos precipitavamos com a gula tumultuosa da mocidade que devora, aqui, além, um trecho mais vistoso, sem ter a paciencia de se nutrir com methodo. Formoso tempo, todavia esse... O ár de Coimbra, de noite, andava todo fremente de versos. Por entre os ramos dos choupos mal se via com a nevoa das nossas chimeras... Com um intenso poder de idealisação revestimos todos os entes mais triviaes, de belleza ou de grandeza, de poesia ou de terror, no desejo inconsciente de que a Realidade correspondesse ao nosso sonho. — Todos nos moviamos com effeito entre phantasmas, por nós gerados para gastar sobre elles a abundancia do nosso enthusiasmo, ou sobre elles cevar santas indignações. O pobre Napoleão III foi para essa nossa Coimbra um Nero, um Antichristo... o bom Castilho passou por um oppressor das intelligencias, de cujas mãos cahia a tréva sobre o mundo, e que estorvava o caminhar dos tempos!... Assim era essa geração.

«Em torno d'ella, negra e dura como uma muralha, pesando, dando sobre as almas, estava a Universidade. Por toda essa Coimbra, de tão lavados e doces áres, do Salgueiral até Cellas, se erguia ella, com as suas fórmas differentes de comprimir, escurecer as almas — o seu auctoritarismo, annullando toda a liberdade e resistencia moral: o seu favoritismo, deprimindo, acostumando o homem a temer, a disfarçar, a vergar a espinha; o seu litteratismo, representado na horrenda *sebenta*, na existencia do

ipsis verbis, para quem toda a creação intellectual é damninha: o seu fôro, tão anachronico como as velhas halabardas dos verdiaes que o mantinham; a sua negra torre, d'onde partiam, resuscitando o *preceito* da Roma jesuitica do seculo XVIII, as badaladas da *Cabra* por entre o vôo dos morcêgos; a sua *chamada,* espalhando nos espiritos o terror disciplinar de quartel; os seus lentes crassos e cruzios, os seus Britos e os seus Neivas, o paroxismo poeirento dos seus Paes Novos, e a rija penedia dos Penedos! A Universidade, que em todas as nações é para os estudantes uma *Alma Mater,* a mãe creadora, por quem sempre se conserva através da vida um amor filial, era para nós uma madrasta amarga, carrancuda, rabugenta, de quem todo o espirito digno se desejava libertar, rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astucia, pelo empenho, pela sujeição á *sebenta,* esse *grão* que o Estado, seu cumplice, tornava a chave das carreiras. — No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia ter uma attitude — a da permanente rebellião. — A Universidade era com effeito uma grande eschola de revolução; e pela experiencia da sua tyrannia aprendiamos a detestar todos os tyrannos, a irmanar com todos os escravos. — E era por nos sentirmos envolvidos n'uma oppressão theocratica, que, além de pendermos para o jacobinismo, tendiamos, por puro acinte de rebeldia, para o atheismo. De sorte que a Universidade, ultra-conservadora e ultra-catholica, era não só uma eschola de revolução politica, mas uma eschola de impiedade moral. — De resto, eu era meramente um actor do Theatro academico *(pae nobre),* e rondava em tôrno d'estas revoluções, d'estas campanhas, d'estas philosophias, d'estas heroicidades ou pseudo-heroicidades, como aquelle lendario moço de confeiteiro que assistindo

á tomada da Bastilha, com o seu cesto de pasteis enfiado no braço, e quando a derradeira porta da fortaleza feudal cedeu, e a velha França findou, deu um geito ao cesto leve, e seguiu, assobiando a *Royale,* a distribuir os seus pasteis.» [1]

Nas Notas *Ao Correr da penna,* escreveu o dr. Manuel de Arriaga sobre este tão extraordinario movimento:

«Foi dos periodos mais originaes e suggestivos da vida academica de Coimbra aquelle em que viveu Anthero de Quental. A mocidade estudiosa de então resentia-se do estado de agitação febril que por toda a parte trabalhava o mundo. Vivia-se no periodo aureo dos primeiros poetas, oradores e philosophos do seculo. As suas obras famosas andavam nas mãos de todos nós. Os sentimentos, as doutrinas e os systemas que elles propagavam eram o assumpto obrigado das nossas interminaveis discussões. Parecia a primavera do mais opulento dos seculos a reflectir-se na juventude do mais desditoso dos povos! Eram como os penultimos lampejos de uma vida gloriosa que se extingue!

«Como se estava ainda longe do desânimo e da tristeza que hoje nos invade... Era extraordinaria a copia de livros novos e suggestivos que nos chegavam de toda a parte. Ao *Système des contradictions économiques: Philosophie de la misère* de Proudhon, trabalho aspero, sacudido e terrivel como a verdade, antepunha-se o livro amoravel de Bastiat *Les Harmonies économiques,* seductor como um sonho, nas regiões do possivel, escripto por uma penna irmã da de Fénelon. Aos trabalhos delicados de Paulo Janet em defeza do espiritualismo respondia

[1] Eça de Queiroz, *In Memoriam*, p. 485 a 492.

o ruidoso livro de Buchner *Force et Matière*. Ás normas providenciaes de uma entidade divina, regendo os destinos dos povos, as inalteraveis leis evolutivas de Darwin, impellindo e transformando o universo! Não havia problema economico ou religioso que não fosse levantado á banca dos nossos estudos ou á mesa das nossas refeições, e em especial durante aquellas inolvidaveis excursões nocturnas... Systemas de religiões e de philosophias, compendios, lentes, doutorandos, tudo passava pela fieira da nossa critica ardente e irrequieta. — Parte d'este grande movimento intellectual e moral ficou felizmente archivado para as lettras patrias nas *Tempestades sonoras, Visão dos Tempos* e *Theocracias litterarias,* de Theophilo Braga; nas *Odes modernas*, Carta *Bom senso e bom gosto, Resposta á Encyclica de Pio IX,* de Anthero de Quental; nas *Epopéas da Historia,* de Anselmo de Andrade; no *Ultramontanismo,* de Leite Monteiro; na *Determinação e desenvolvimento da Ideia do Direito — Synthese da vida juridica,* de Francisco Machado, etc. A outra parte, a mais viva, a mais original e a mais caracteristica, essa passou para as tradições academicas, que a pouco e pouco se vão apagando com a acção do tempo, e quem sabe se porventura já hoje não estarão de todo extinctas.

«Era grande o numero de estudantes que se destacavam do vulgo pelo talento, pelo estudo, pela originalidade e pela graça, e até mesmo pela agilidade e pela força. Alguns faziam prosélytos, creavam eschola e inspiravam lendas...

«Era grande a parte que ficava, e pelo conjuncto variadissimo das suas aptidões, qualidades e aventuras havia de dar as notas mais salientes d'aquelle periodo florescente da academia. Citamos ao acaso: Cerqueira Lobo, Capella, Leite Monteiro, Alberto

Telles, Santos Valente, Benjamin, Segurado, Antonio de Azevedo Castello Branco, Carvalhal, Florido Telles, Francisco Machado, Oliveira Valle, Alberto e José Sampaio, Candido de Moraes, David e Cunha, José Julio Rodrigues, Jacintho Nunes, Fernando Rocha, Germano Meyrelles, Philomeno da Camara, Anselmo de Andrade, Lobo de Moura, Eça de Queiroz, José Falcão, Theophilo Braga, Anthero de Quental, e outros tantos.» [1]

Anselmo de Andrade rememora esta epoca de Coimbra «onde ha trinta annos se fez uma verdadeira revolução no mundo das ideias e do pensamento, e onde se conceberam os mais generosos e desinteressados planos de uma vida nova, que viesse substituir a existencia decrepita, convencional, atrazada uns poucos de annos, mal disposta a novações intellectuaes e de fórmas já obsoletas. A mocidade de então abriu a porta do estreito *in-pace* das ideias e das litteraturas tradicionalistas, em que os melhores espiritos do tempo se haviam enclausurado, e mostrava-lhes, com um facho acceso no lume moderno, os caminhos do espirito novo. Era uma revolução que vinha acabar com um antigo regimen.

«Comtudo, não podia haver nada mais praticamente inoffensivo que aquelle protestantismo dos novos contra os velhos, da liberdade contra o fatalismo, da rasão contra a auctoridade. Os conspiradores eram todos excellentes rapazes. Ardentes, enthuziastas, apaixonados, artistas, poetas, philosophos, mal com o passado, peior ainda com o presente, cheios de fé e esperança no futuro; eram por isso mesmo demolidores e revolucionarios, mas

[1] *In Memoriam*, p. 95 a 98.

demolidores e revolucionarios theoricos. Discutiam religiões, aniquilavam philosophias, desconjuntavam os velhos systemas, destruíam as litteraturas officiaes, derrubavam os antigos idolos carunchosos e podres, revolucionavam a historia, e faziam tambem projectos de revolucionar o mundo, de o metter n'uma estrada direita e de o fazer girar n'uma orbita nova de sciencia, de justiça e de moralidade. Creava-se assim um grande e desmedido ideal, que, por isso mesmo que era grande e desmedido, não podia vir nunca a caber nas estreitezas da pobre e mediocre realidade.

«Essas ideias novas tinham vindo de França nos livros de Michelet, de Edgar Quinet, de Proudhon, de Renan, de Taine e dos exegetas audaciosos da Universidade Strasbourg, de Allemanha nas traducções dos seus philosophos e dos theologos da eschola de Tubingue, de Italia na *Scienza Nuova* de Vico, e na vulgarisação das doutrinas hegelianas por Vera. Tudo isso era novo. Tudo isso equivalia a uma profunda revolução nas ideias. Era a grande avalanche vinda dos dois lados dos Alpes, que cahia de repente sobre o nosso chão. — Essas revoluções e esses abalos de terra, produzidos lá fóra, sentiram-se pela primeira vez em Portugal, bem fortemente e bem distinctamente, em Coimbra.

«A sociedade tem de se contentar com a pequena porção de ideal assimilavel, mas a *Eschola Coimbrã*, como os de Lisboa e os do Porto chamavam então aos de Coimbra, tinha o defeito de querer escalar de repente o Olympo. Aquella mocidade era impetuosa e tinha pressa. Depois via o mundo das janellas do gabinete do Doutor Fausto. Os seus calculos tinham de saír necessariamente errados como os dos astrologos. As gerações academicas immediatamente anteriores tinham sido educadas nas

ideias e nos exemplos da revolução de 48, das doutrinas socialistas e do estabelecimento do Segundo Imperio. Tinham apprendido algumas utopias, mas tinham apprendido tambem a desdenhar d'ellas e a transigir e capitular com realidade. Assim se lhes havia formado o espirito n'uma eschola de politica e de sciencia historica applicada. Não se perderam em abstracções, nem tampouco na discussão de problemas transcedentes e especulativos, ao contrario do que acontecia dez annos depois á mocidade de Coimbra, quando todos se deixavam seduzir e encantar pela novidade das theorias allemãs, n'aquelles banquetes em que se serviam todos os fructos prohibidos da sciencia do bem e do mal, e em que eram audaciosamente tiradas pelos famelicos convivas as ultimas consequencias da theoria de Vico sob os Poemas homericos, do systema historico de Niebuhr, sobre as origens romanas, da *Vida de Jesus* de Strauss sobre a mythologia christã, da *Symbolica* de Creuzer sobre a morphologia dos Deuses pagãos, de Renan e de Max-Müller sobre a origem e a natural evolução da Linguagem, de Michelet e de Quinet sobre a renovação da sciencia da Historia, de Proudhon sobre a justiça na sociedade civil e ecclesiastica, de Taine sobre os processos novissimos da critica. Algumas vezes tambem se tratava de Politica, mas quasi nunca se descia do crystalino das ideias puras. Fazia-se metaphysica politica. Explicava se a Constituinte por Kant, a Convenção por Fichte, a Restauração por Hegel, e assim por diante.

«Comprehende-se bem que não eram esses os melhores preparatorios para os triumphos da vida pratica, e é d'esse modo que se explica ter-se inutilisado para a carreira publica uma grande parte da mocidade mais intelligente d'aquelle tempo. A ge-

ração anterior não valia por certo mais, e a seguinte tambem não. Comtudo, ellas deram para a vida pratica muito maior numero de homens distinctos e proeminentes do que aquella que fez realmente no paiz uma revolução nas idéas e no pensamento.» [1]

Em 1879, quando se publicou a *Revista de Coimbra,* o seu director, dr. Corrêa Barata, lente da Faculdade de Philosophia, escreveu no preambulo:

«Quem vem um pouco mais de traz e assistiu a outras épocas, presenciou outras scenas e ouviu actores differentes, convence-se praticamente d'esta grande verdade — que o chamado *espirito moderno* é uma realidade de facto, não só na successão dos acontecimentos sociaes, mas já nas primeiras manifestações viris da mocidade. — Estejamos certos de que na determinação social do futuro que se prepara ha mais logica, do que na confecção artificial dos nossos systemas.

«Eu já quasi não fui de uma época que era considerada entre os academicos como a edade heroica do pensamento. Então degladiavam-se *escholas,* e andava em moda a philosophia dos Kant, dos Hegel, dos Fichte. Diz Jules Soury, que estes philosophos tambem foram no seu paiz como que os semi-deuses de uma éra mythologica. Cá como lá, passaram essas imaginosas theorias do mundo, do homem e das cousas. Dos brilhantes espiritos que sahiram então da Universidade, alguns ahi estão bem conhecidos, os quaes, se me não engano, já soffreram esta transfiguração, que os approximou do positivismo das concepções hodiernas. D'este tempo são, entre outros, os srs. Anthero de Quental e Theophilo Braga. O primeiro, o excelso cantor de *Bea-*

[1] *In Memoriam,* p. 309 a 324.

trice, passou por intermedio das *Odes modernas,* que valem mais do que a *Beatrice,* para os seus admiraveis *Sonetos,* que, no meu limitado entender, valem ainda mais do que *Beatrice* e *Odes* sommadas.—Aquelles Sonetos... estão destinados a exercer uma profunda influencia na poesia portugueza. O segundo, esse já quasi não escreve versos; e retemperado pelo inaudito trabalho da *Historia litteraria portugueza,* trocou a lyra grega pela Philosophia positiva.»

«Tenho fé que as causas d'este marasmo hão de passar... E ter-se-hiam extinguido essas causas, se á mocidade portugueza se transmittisse a confiança na propria elevação, *baseada no amor das cousas patrias* e na *admiração dos homens que se tornaram dignos* de ser galardoados pela nação. Este amor entre nós é quasi nullo; em logar d'elle ha a indifferença ou o sorriso da incredulidade.»

Augusto Fuschini relata nas paginas desalentadas das suas *Liquidações politicas,* e como um refugio para onde a alma lhe fugia:

«N'aquelle tempo a vida academica (1869) conservava ainda algumas das suas mais bellas e apreciadas qualidades tradicionaes. Não estavam de todo extinctos os ultimos clarões d'esse periodo brilhante da chamada *Eschola Coimbrã,* em que o Anthero — o bom Anthero, ingenuo e genial, — José Falcão, Eça de Queiroz, Antonio de Azevedo Castello Branco, Anselmo de Andrade, Theophilo Braga, Philomeno da Camara e outros, cuja omissão de nomes não envolve menoscabo de valor, haviam iniciado o movimento litterario e scientifico mais largo e caracteristico dos que, porventura, têm existido em Portugal.

«O caminho de ferro não tinha destruido por completo a boa communidade academica, que, du-

rante largos mezes, pelo menos, mantinha na salutar atmosphera de estudo e de intima convivencia centenas de rapazes educados em vida simples e modesta, sem desegualdades de riqueza, sem preconceitos de nascimento, nos principios da mais sã e pura democracia. A miseravel politica não havia, tambem, penetrado nos espiritos academicos, estancando-lhes nos cerebros as ideias, e nos corações as qualidades sinceras e desinteressadas da mocidade alegre e descuidada. N'esse tempo, penso eu, mais facil seria encontrar entre os estudantes de Coimbra quem melhor conhecesse as feitos illustres do grande Sesostris e as doutrinas philosophicas do *mago* Zoroastro, do que as biographias dos nossos grandes politicos, cujas ideias magicas não conseguiam atravessar a glacial indifferença academica. Depois... *altri tempi, altri pensieri.*

«Em Coimbra, então, estudava-se, lia-se e discutia-se *de omni re scibili.* São famosos esses *cavacos* das longas noites de inverno, verdadeiras academias em que a mocidade se adestrava em fallar e argumentar. Questões de arte, de sciencia e de litteratura deslisavam e succediam-se com pittoresco desalinho, expostas em boa e castiça linguagem entre originaes apreciações; e as horas corriam alegremente no mais doce convivio amigavel, em modesto quarto academico, á luz bruxuleante e frouxa do tradicional candieiro de tres bicos. Oh minha amada Coimbra, oh minha mocidade passada!» [1]

Ouçamos o testemunho do poeta e engenheiro Alexandre da Conceição:

«Na renovação litteraria iniciada por 1862 com o apparecimento, em alguns jornaes de Coimbra, dos

---

[1] *Liquidações politicas*, p. 77 Lisboa 1896.

admiraveis versos de João de Deus e com a publicação dos primeiros trabalhos de Theophilo Braga, renovação para a qual o notavel pamphleto de Anthero de Quental — *Bom senso e Bom gosto* — foi como a proclamação dos *seus direitos...*, esse movimento de regeneração intellectual, que em dezeseis annos de combate tem dado menos fructos do que havia a esperar do alto enthusiasmo revolucionario das suas primeiras explosões. E' que a esse movimento faltou, logo depois do seu começo, a cohesão indispensavel a toda a acção revolucionaria: a direcção superior de um chefe, que, pela elevação de talento e pela auctoridade moral, fizesse convergir para um grande fóco intellectual as sympathias e os votos de todos os combatentes. Anthero de Quental, que todas as circumstancias apontavam para o commando, e que com effeito reunia em si em elevadissimo gráo as altas qualidades moraes de um revolucionario e de um iniciador, era, logo depois das primeiras escaramuças, roubado a essa lucta fecunda e promettedora por uma doença cruel, e entrava n'uma obscuridade forçada, onde, apesar d'isso, o seguiram as sympathias e as saudades de todos os que a esse tempo se alistaram na phalange dos insurgidos. Por isso esse movimento, que se apresentara com uma grande comprehensão dos destinos superiores da litteratura moderna, protestando contra a banalidade do falso sentimentalismo e contra o compadrio desaforado das *coteries* idiotas, dispersou-se e transformou-se n'uma lucta de guerrilhas, dos quaes uns se bandearam com o inimigo, que lhes conservou as *honras* da vaidade e os accrescentou em parvoice, e outros combateram dignamente até conquistarem um logar á parte n'este pequeno mundo da litteratura portugueza, como aconteceu a Theophilo Braga e a Oliveira Martins.

«A essa revolução, porém, se deve mais ou menos directamente a orientação perfeitamente moderna dos versos de Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, dos romances de Eça de Queiroz e Bento Moreno, da critica luminosa e prudhoneana das *Farpas* e dos formosos trabalhos sobre historia patria de Oliveira Martins. Falta que essa revolução se affirme no drama nacional, que parece petrificado na velha metaphysica declamadora e catholica, e na *sensiblerie* espiritualista e incoercivel.» [1]

Alexandre da Conceição descreve o influxo d'esse Ultra-romantismo:

«... todo cheio de uma rhetorica banal e pueril, de uma esterilidade irremediavel, de um ridiculo invencivel, e de uma influencia social depravadora e dissolvente.

«O grito de guerra contra todo este cachetismo litterario partiu ha dezoito annos de Coimbra dos labios ardentes de um revolucionario, mais como um protesto desordenado, mas generoso, contra o velho convencionalismo imbecil e despotico da litteratura official, do que como uma nova affirmação de principios. N'esse protesto, porém, estabelecia-se que para o exercicio honrado d'este alto sacerdocio das lettras se requeria uma larga illustração de espirito, bebida em todas as fontes do saber moderno, e uma forte constituição de caracter, dada pelo culto enthuziasta da justiça; que as Lettras tambem tinham a sua honra, como a Critica tinha a sua probidade.

«A phalange dos espiritos juvenis, que receberam com applauso esse eloquente protesto, sentiram a inanidade da nossa litteratura official e reinante,

[1] *Notas — Ensaios de Critica e de Litteratura*, p. 243.

mas ficaram sem direcção determinada e no estado indisciplinado de uma revolução negativa e demolidora. O velho ideal romantico estava morto nas consciencias; mas qual era o ideal da nova eschola? Theophilo Braga, com a sua espantosa e inquieta actividade intellectual, impregnado de metaphysica allemã, lançava o seu espirito como um feixe de raios em todas as direcções, e depois de nos dar em alguns excellentes Poemas uns formosos quadros da vida grega homerica e classica, entregava-se com verdadeiro impeto aos estudos da nossa *Historia litteraria* e dava-nos n'este ramo uma admiravel collecção de livros, cheios de talento, de erudição e de documentos esquecidos ou ignorados, apesar dos defeitos da febre de producção que consome este trabalhador extraordinario. Pelo mesmo tempo Anthero editava o seu volume das *Odes modernas,* nas quaes a critica official apenas apontou algumas expressões menos felizes e não feridas pelos moldes consagrados. Este livro, porém, apesar dos seus altos merecimentos, estava impregnado de metaphysica pantheista, e decididamente o espirito publico cedeu a favor do inventario esta velha herança da nebulosa Allemanha. — *Odes modernas* é um livro de subido valor, como manifestação individual de um talento e mesmo como symptoma da corrente de ideias que precedeu immediatamente a systematisação positivista, mas livro sem condições de propaganda e sobretudo de disciplina.» [1]

Tem alto valor historico as impressões pessoaes das individualidades contemporaneas, que se dispersaram pela provincia, sobre este movimento:

---

[1] *Notas — Ensaios de Critica e de Litteratura,* p. 93. (1882).

«Foi dos mais curiosos e originaes da academia. Toda a corrente philosophica, litteraria e politica do tempo, chegando a Coimbra, encontrou ahi umas duzias de rapazes de talento promptos a assimilal-a. Na apathia geral do paiz, atrazado no saber e falho de critica, gasta e exânime a velha Eschola arcadica (isto é, romantica), esta fermentação de novas ideias, estranhas preoccupações, aspirações novas e atrevidas, fez escandalo. D'ahi ruidosos protestos contra a velha litteratura, contra o velho regimen universitario e suas obsoletas instituições. — Ficaram celebres na tradição essas orgias da mocidade, para as quaes o fumo capitoso das discussões philosophicas e litterarias, a *verve* e o dito, davam o maior contigente. As ceias, a troca ao futrica e ao caloiro, as longas caminhadas de dia e de noite, o extraordinario dispendio de talento na inexgotavel alegria, cortada apenas pelos rapidos assômos de hypocondria do futuro poeta da morte, fizeram — essa encantada e quasi phantastica Coimbra — de que nenhum perdeu a memoria e a saudade nos posteriores trabalhos da vida.

«Entre esses rapazes, Anthero de Quental tomara breve, pelo encanto que exercia sobre os seus companheiros, uma supremacia natural. Ao grupo dos seus amigos mais intimos pertenceu José Sampaio com seu irmão Alberto, Germano Meyrelles, Florido Telles, Frederico Philemon, Felix dos Santos, Santos Valente, os dois Machados de Faria e Maia, Alberto Telles, Anselmo de Andrade, José Falcão, Philomeno da Camara, Lobo de Moura, A. Castello Branco, Theophilo Braga e Manuel de Arriaga. D'esse grupo saiu mais tarde no campo da litteratura a celebre *Questão de Coimbra*, no campo da acção a *Sociedade do Raio,* de que José Sampaio foi um dos membros do directorio.

«Em Coimbra, onde sempre medraram desde 1818 a maçonaria e o carbonarismo, a *Sociedade do Raio* parece ter realisado o typo ideal das sociedades secretas. Dentro em pouco contava para cima de trezentos membros, dos quaes poucos conheciam os chefes do movimento. Estes, nas iniciações, appareciam mascarados, e nas reuniões magnas, celebradas ao ár livre nos arredores da cidade ou n'uma casa alugada do proprio reitor, confundiam-se na grande mole, dirigindo-a sem se fazerem suspeitos.

«Em seguida faziam a sua primeira revista de forças em homenagem ostensiva ao dr. Bernardo d'Albuquerque, (!) mal visto pelo reitor ou pelas classes conservadoras. Aproveitavam a passagem do futuro rei Humberto para proclamarem os seus principios e aspirações. Pensaram em raptar o reitor, o severo e venerando Basilio Alberto, symbolo vivo do absolutismo universitario, e deram por ultimo o seu grande golpe na sessão da destribuição de premios na sala dos Capellos, retirando-se de roldão pela porta fóra toda a assistencia, quando o reitor se levantou para lêr o seu discurso.

«Foi isto a 8 de dezembro de 1862... Anthero de Quental, conseguido o primeiro triumpho e fatigado ou desdenhoso, desinteressou-se, e a *Sociedade do Raio* dissolveu-se. — Quando foi da colossal troça de Anthero, raptando a Academia para o Porto, na extravagante questão de *Perdão de acto* em abril de 1864, a Loja Reforma (reorganisação do Raio), votando pelo governo, oppoz-se. Embalde, porém, a fascinação de Anthero pôde mais...» [1]

[1] D. Leite de Castro, *Revista de Guimarães*, vol XVII, p. 7 e 8. — Passados trinta e cinco annos, ainda se observavam os effeitos d'este movimento.

B) A Questão Litteraria — Um Pensamento da mocidade realisado gradativamente

Castilho, saudando o auctor das *Tempestades Sonoras*, manifesta-se contra *as nebulosidades das transcendencias* e confundiu o que elle chamava *miragens de estylo*, jogos opticos da phrase com o estylo usado em Coimbra e ao tempo levado ao exagero por Vieira de Castro.

Lê-se no folheto *Os Coimbrões:*

«Sabemos que desde os tempos do sr. Vieira de Castro, ou talvez de tempos anteriores, *existe em Coimbra uma cousa hybrida, descabellada*, que não é exotica, porque não foi para alli de parte nenhuma, alli nasceu, alli medrou, alli vive e alli hade morrer. Essa cousa manifesta-se arripiada, abstrusa,

Magalhães Lima, na *Vanguarda*, n.º 852 (2.798) anno VI, 25 de março de 1899, accentua esse influxo moral:

«Era eu ainda novo quando se levantou a famosa campanha contra o *Elogio mutuo*, em que dois altos espiritos — Anthero e Theophilo — irmanados no mesmo criterio e na mesma orientação philosophica, lograram, á força de talento e de independencia, d'essa nobre e altiva independencia que caracterisa os caracteres de eleição, lançar por terra o velho edificio das theocracias litterarias. Acompanhei em espirito esse bello movimento, unico nas lettras portuguezas, e d'elle conservo a lição da dignidade suggerida e do ideal proseguido.

«N'esses tempos havia a coragem de se proferir em voz alta o que se dizia baixinho, ao ouvido, por esses cafés, por essas arcadas e por esses soalheiros immundos, onde se abocanham as reputações alheias e onde se premeditam os assaltos á honra dos individ os, ao trabalho indefesso e á honestidade que não faz alarde dos seus actos. Reagia-se fortemente, valentemente, contra as conve ·ções, os prejuizos e a hypocrisia social. Luctava-se contra os attentados do poder, contra as

apocalyptica, em folhetins, em artigos de periodicos litterarios, em declamações de folhas politicas, em folhetos, em livros, em prosa, em verso, e mórmente em fórmas que não são nem de prosa, nem de verso.»

Em outro folheto, *Horacios e Curiacios*, (p. 6) caracterisando esse estylo endemico, confessa-se:

«Não é de hoje, nem da Eschola de Coimbra; *grassou já mais intenso e assustador em tempos que não vão longe*, sacrificaram-se a elle *em annos já passados*, alguns escriptores aliás notaveis, e que abjurando a tempo as falsas doutrinas, seguem actualmente o rito orthodoxo da grammatica e do bom senso.» «Não confudamos, porém, *as tendencias que tem a Philosophia a invadir os dominios da Litteratura,* com uma outra pêcha... de substituir á phrase chã e comesinha o acervo de palavrões cam-

extorsões do fisco, contra as arbitrariedades dos grandes e poderosos, mas luctava-se com a fé que vem da alma, com o ardor que vem do coração, com a convicção que vem do espirito. Luctava-se pelo amor das ideias e dos principios; luctava-se com a comprehensão de aquelles que cumprem um dever civico e satisfazem uma missão social; luctava-se como uma affirmação de vida, de mocidade e de patriotismo.

«O *Elogio mutuo* transformou-se em *elogio proprio*. Nas lettras, na politica, nas artes, cada um cuida de si, cultivando o reclame á sua propria pessôa, atropelando os que lhe podem fazer sombra, ora rastejando servilmente deante dos que têm força e logares para distribuir, ora insultando e enxovalhando os bemfeitores da vespera.

«Este estado de egoismo, esta feição utilitaria, que não encontra semelhante na historia, reflecte-se na sociedade e nos partidos, pela creação de multiplos e variados grupos, de multiplas e variadas capellas e egrejinhas, onde cada um é pontifice e chefe de si mesmo, revelando a profunda decadencia a que chegou a nacionalidade portugueza.»

panudos, retumbantes, prolixos e nauseabundos, encobrindo a ideia, que nada tem de philosophica nem de transcendente com uma obscuridade artificial e só filha da escôlha de vocabulos obsoletos ou extravagantes, e da enrevezada collocação das palavras no architectar da phrase.»

D'esta increpação pérfida de Castilho falla Eça de Queiroz, na sua commemoração de 1896:

«Em todo o caso, relativamente a Anthero de Quental e a Theophilo Braga, o vetusto árcade mostrou intolerancia e malignidade deprimindo e escarnecendo dois escriptores môços, portadores de uma ideia e de uma expressão proprias, só porque elles se produziam sem primeiramente de cabeça curva terem pedido o sello e o visto para os seus livros á Meza Censoria, installada sob a secca olaia do secco cantor da *Primavera*.

«O protesto de Anthero foi portanto moral, não litterario. A sua faiscante Carta *Bom senso e Bom gosto* continuava nos dominios do pensamento, a guerra por elle encetada contra todos os tyrannetes e pedagogos, e reitores obsoletos, e gendarmes espirituaes, com quem topa ao penetrar, homem livre, no mundo que queria livre. Para Theophilo Braga essa lucta de Coimbra foi essencialmente *uma revindicação do espirito critico;* para os outros pamphletarios, todos litteratos ou alitteratados, uma affirmação de Rhetorica;...» [1]

Da *Autobiographia* de Anthero: «a famosa *Questão litteraria* ou *Questão de Coimbra*, que durante mais de seis mezes agitou o nosso pequeno mundo

[1] *In Memoriam*, p. 491.

litterario foi o ponto de partida da actual evolução litteraria portugueza. Os *Novos* datam de então. O hegelianismo dos coimbrões fez explosão.

«O velho Castilho, árcade posthumo, como então lhe chamavam, via a geração nova insurgir-se contra a sua chefatura anachronica. Houve em tudo isto muita irreverencia e muito excesso; mas é certo que Castilho, artista primoroso mas totalmente destituido de ideia, não podia presidir, como pretendia, a uma geração ardente, que surgia, e antes de tudo aspirava a uma nova direcção, a *orientar-se*, como depois se disse, nas correntes do espirito da epoca. Havia na mocidade uma grande fermentação intellectual, confusa, desordenada, mas fecunda: Castilho, que não a comprehendera julgou poder supprimil-a com processos de velho pedagogo. *Inde irae.* Rompi eu a paz, com o folheto *Bom senso e Bom gosto — Carta ao ex.mo F. A. de Castilho.* Seguiu-se Theophilo Braga, seguiram-se depois outros muitos, *la marée devient générale.* Todo o inverno de 1865 a 66, se passou n'este batalhar. Quando o fumo se dissipou, o que se viu mais claramente foi, que havia em Portugal um grupo de treze a vinte rapazes, que não queriam saber da Academia nem dos Academicos, que já não eram catholicos nem monarchicos, que fallavam de Goethe e Hegel, como os velhos tinham fallado de Cateaubriand e de Cousin; e de Michelet e Proudhon, como os outros de Guizot e Bastiat; que citavam nomes barbaros e sciencias desconhecidas, Glottica, Philologia, etc., que inspiravam talvez pouca confiança pela petulancia e irreverencia, mas que inquestionavelmente tinham talento e estavam de boa fé, e que em summa, havia a esperar d'elles muita cousa, *quando assentassem.*

«Os factos confirmaram esta impressão: os dez

ou doze nomes da litteratura de hoje saíram todos (salvo dois ou tres) da *Eschola de Coimbra* ou da influencia d'ella. O germanismo tomára pé em Portugal. Abrira-se uma nova éra para o pensamento portuguez. O velho Portugal, ainda conservado artificialmente por uma litteratura de convenção, morrera definitivamente. D'esta especie de revolução fui eu o porta-estandarte, com o que me não desvaneço sobremaneira, mas de que tambem me não arrependo. Se a uma ordem artificial se seguiu uma especie de anarchia, é isso ainda assim preferivel, por que uma cortou germens de vida e da outra nada havia a esperar.» [1]

«A este respeito (sc. iniciativa de Anthero) Theophilo Braga é completa, singular e exquisitamente exacto quando confessa que foi quem o estimulou a vir á estacada — dando réplica ás insidias de Castilho no folheto *Bom senso e Bom gosto*.

«Anthero chegou mesmo *a deplorar o ter entrado n'essa discussão*, tanto pelo acervo de publicações disparatadas, a que ella deu logar, como pelo receio de que a sua propria iniciativa fosse attribuida a intuitos de orgulho, que repugnavam a um genio desinteressado, profundo e quasi nevroticamente sensivel e opposto a exhibições de vaidades litterarias.» [2]

Na sua Carta autobiographica ao Dr. Storck (14 de Maio de 1887) Anthero de Quental, refere a famosa *Questão litteraria* ou a *Questão de Coimbra* á sua iniciativa como ponto de partida da actual evolução litteraria portugueza:

---

[1] Anthero de Quental, *Carta auto-biographica* ao dr. Wilhelm Storck, de 24 de maio de 1887.

[2] João Machado F. Maia, *In Memoriam*, p. 160.

«Rompi eu o fogo, com o folheto *Bom senso e Bom gosto.* — Seguiu-se Theophilo Braga, seguiram-se depois muitos outros...»

O insigne romancista Abel Botelho, em um estudo sobre esta renovação litteraria, refuta essa iniciativa que a si se attribuiu Anthero, na Carta impressa *Blasphemias de um Crente:*

«Affirma-nos vossa eminencia que foi quem *rompeu o fogo* na ruidosa *Questão Coimbrã*, com o folheto *Bom senso e Bom gosto.* Diz mais, que esta questão foi o ponto de partida da actual evolução da litteratura portugueza. Ser-me-ha licito duvidar... Vamos a vêr.

E' verdade que a vossa Carta, em resposta ao repto imprudente lançado por Castilho no prologo ao *Poema da Mocidade,* foi a primeira descarga cerrada n'essa cruenta polemica litteraria, analoga áquella allemã do *Sturm und Drang*, e que deixou a perder de vista as antigas questões suscitadas pela apparição do *Verdadeiro methodo* de Verney, da *Grammatica latina* dos Padres do Oratorio, do *Philosopho solitario*, ou, mais modernamente, pelos *Sebastianistas* de José Agostinho de Macedo, e pelo *Eu e o Clero* de Alexandre Herculano.

E' verdade tambem que, durante mais de seis mezes, no inverno de 1865 a 1867, houve batalhar tezo nas paginas da nossa litteratura. Todos os jornaes do tempo inseriram artigos sobre esse duello irritante. Publicaram-se quarenta e tantos folhetos, firmados por nomes de todo o quilate, desde os de Camillo, Theophilo, Ramalho, até aos dos srs. Cunha Belem, Brito Aranha e Eduardo Vidal.

Mas o escaramuçar vinha de longe. A Carta de Castilho fôra provocada pelos prologos da *Visão*

dos Tempos e das *Tempestades Sonoras,* livros em que o auctor, apartando-se do lyrismo vulgar inspirado só no vêr e no sentir da actualidade, evitara a poesia individual e piegas, e fôra pedir á Historia da civilisação universal, philosophica e sentimentalmente vivida, o veio das suas inspirações. Ora estes dois livros singularissimos, que relampejaram uma influencia enorme na educação e na orientação dos novos, appareceram á venda em 1864; e a nova carta *Bom senso e Bom gosto* e as vossas *Odes modernas* são de 1865. Vieram um anno depois.

A que vem portanto vossa eminencia dizer-nos que o sr. Theophilo Braga *vos seguiu*, n'essa desordenada mas fecunda campanha de rebellião contra a chefatura do derradeiro árcade portuguez?... Em face dos documentos, não é verdade.

O sr. Theophilo Braga não só antecedeu vossa eminencia n'esta bella arremettida de uma geração ardente contra a inercia de uma autocracia idiota, mas tem desde então continuado sempre indefectivelmente na brecha, na evidencia, na vanguarda: *escrevendo de graça, desinteressadamente, em satisfação do seu proprio prazer supremo, o prazer de espalhar ideias,* — segundo o testemunho do sr. Ramalho Ortigão; apostolando, norteando, dirigindo com uma amplitude de efficacia, de que nem ainda hoje damos bem conta, a mentalidade dos contemporaneos.

Mas posso ainda dizer mais. Essa confusa fermentação intellectual vinha-a denunciando adoravelmente, com a inconsciencia sublime do genio, no campo da poesia pura, o sr. João de Deus, em todas as poesias que, antes de 1860, elle já publicava na *Academia*, no *Phosphoro* e nos *Preludios litterarios,* — exactamente os mesmos periodicos em que vossa eminencia tambem, mas só depois

de 1860, vinha queimar a sua primeira escorva litteraria.

Vê portanto vossa eminencia que, em face do documento escripto, — o mais valioso para a Historia, — ha razões para duvidar da acção primacial do vosso fogo na campanha da nossa renovação litteraria.

Se ponho egualmente em duvida que fôsse a *Questão coimbrã* o ponto de partida da actual evolução da litteratura patria?... Pois não ponho!

Oiça vossa eminencia. Vamos á origem.

Desde o seculo XVI que as nações da Europa. esquecidas das origens medievaes, tinham perdido a liberdade politica e o sentimento do natural em Arte. Dominava-as o cesarismo e a affectação. A França ignorava a existencia das *Canções de Gesta;* a Allemanha e a Italia seguiam o pseudo-classicismo francez dos rhetoricos da côrte de Luiz XIV; a Inglaterra abafava a impetuosidade do genio saxonio n'esses *édredons* que tiveram por nome Pope, Dryden, Addisson; a fecunda Hespanha deixava Luzan legislar no Parnaso hespanhol ao gosto francez; e entre nós abrira-se um spasmo admirativo para a *Poetica* de Boileau, traduzida pelo conde da Ericeira.

*

Então, o povo que proclamára no seculo XVI a liberdade de consciencia, com a Reforma, foi o que no seculo XVIII atacou o dogmatismo da Arte. com o Romantismo. Rompeu da Allemanha a iniciativa. Lessing cria na *Emilia Gallotti* a comedia burgueza; a lenda teutonica escorraça o mytho hellenico. Schiller revoluciona o theatro, Goethe revolucionou o sentimento. Hegel revoluciona o pensamento. A

deflagração generalisa-se. A litteratura de cada povo vae buscar a inspiração ao genio nacional. Manzoni proclama na Italia o novo verbo; na Inglaterra, Walter Scott e Byron continuam a tradição de Marlow e Shakspeare. Madame de Staël traz deslumbrada para a França o novo ideal germanico, e fecunda o espirito de Victor Hugo, Alfredo de Vigny, Michelet. Depois, a descoberta da continuidade ethnica das fórmas litterarias, através das civilisações, deu um criterio seguro á philosophia da Arte.

O Romantismo triumphava.

Portugal foi o ultimo a estudar as suas tradições. Os promotores da nossa evolução romantica fôram dois emigrados liberaes: Garrett, fugido em 1823 a D. João VI, que perjurára a Constituição de 1822; e Herculano, escapado em 1831 a D. Miguel, que renegára a Carta de 1826. Mas a geração a que elles vieram trazer a *boa nova*, era baça, espêssa, fria, redondamente imbecil. Aquella impulsão generosa perdeu-se na crassidão fradesca das academias, como uma pedrada nas rêpas de um camelo. O lyrismo fez-se lamecha; a incapacidade de observação não deu mais que o romance e o drama historico; parou nas exterioridades a comprehensão da Edade-média.

Foi então que Castilho se arvorou em mestre, montando na Ideia feita capacho o seu throno frivolo e aferindo os homens pelo estalão rhetorico.

E foi contra isto particularmente que a *Escola coimbrã* se insurgiu. Não vinha proclamar uma ideia, queria derribar um fetiche. O impulso estava dado, quarenta annos antes. E a prova é que a *Visão dos Tempos* e as *Odes modernas*, — duas das mais rijas alavancas da pretensa renovação da mentalidade patria, — abundam no verso branco, essa

fórma poetica remoçada, tornada malleavel, fina pela quintessenciada organisação artistica de Garrett.

Quanto á philosophia, é verdade que em 1864 o hegelianismo não tinha curso no paiz; fóra de Coimbra, nem sequer de nome o conheciam. Não tinha mesmo ainda esguichado a obra do sr. Cunha Seixas. Mas a renovação da philosophia caminhava a par da renovação da litteratura. O Romantismo tinha sido uma epilepsia. O estudo fervoroso da Edade média trazia os espiritos desequilibrados, reclamava a disciplina scientifica. A alma humana pedia a equivalencia entre a imaginação e e razão.

Por isso Hegel e Goethe descreviam juntos como uma constellação austral a sua parabola deslumbrante no mais puro, no mais profundo, no mais alto azul do espirito. Hegel sanctificára a natureza, Goethe identificára-se amorosamente com ella. O naturalismo de ambos completava-se. Era consequencia do pantheismo, que se tinha encarnado, depois de Fichte, na arte allemã. Era um todo harmonico; seria o fóco do moderno *naturalismo* litterario, posto francamente entre nós por Guerra Junqueiro e Cesario Verde no verso, Eça de Queiroz na prosa, por Oliveira Martins na philosophia e nas sciencias sociaes.

Assim, a propulsão do Romantismo indigena, dada no comêço do seculo, vae apenas agora em via de terminação. A sua evolução seguiu, continua. Herculano já tinha mostrado como se podia basear na sciencia a litteratura. O incidente coimbrão foi um protesto, nunca uma revolução; combatia um homem, não hasteava uma ideia.

O alvo que propriamente feria, era a senilidade nociva e ridicula de um talento posthumo, conferindo

diplomas de merito aos eleitos... das cigarras da sua olaia.» [1]

O engenheiro Marianno Machado, um dos mais altos espiritos d'essa geração de Coimbra, destaca as duas individualidades litterarias, relacionando-as emquanto ao meio em que nasceram:

«O largo Oceano pela sua esplendida magestade, pelos seus multiplos aspectos com que affirma a sua immensa sensibilidade e absoluta liberdade, insinúa em todos os que nascem em terra que elle banha hombridade nos caracteres, e desperta nas intelligencias e corações que se cultivam uma aspiração ardente a descobrir um ideal de perfeição e verdade, com que se orientam na vida.

«A patria do açoriano explica e determina o seu caracter e as tendencias da sua intelligencia e sentimento associando-se estas áquelle, em completa harmonia, constituindo assim, nos maiores de seus filhos, individualidades portentosas como Anthero de Quental e Theophilo Braga. Anthero pelo seu scintillante espirito recordava a remotissima origem franceza de sua familia, da qual por hereditariedade recebeu a sua rara aptidão litteraria.

«Quando eu fui para Coimbra, em Outubro de 1859, já Anthero lá estava, creio desde 1856, gosando a sua mocidade em toda a plenitude, e era muito considerado como poeta. Desde então o seu genio poetico revelou-se em successivas producções, qual mais caracteristica da corrente de ideias e sentimentos, que dominavam os seus mais intimos amigos e contemporaneos, sendo por todos acclamado um dos primeiros poetas d'essa época, em

[1] Abel Botelho — *Blasphemias de um crente — Carta ao Sr. Anthero de Quental.*

que brilhavam João de Deus e Theophilo Braga. Anthero unia-se mais que estes ao sentir complexo e indefinido d'essa geração que cursou a Universidade de 1859 a 1864, por isso era mais querido d'aquelles cujo ideal e comprehensão do mundo elle traduzia em sublimes composições.

«Anthero de Quental foi o porta-estandarte da revolta d'essa geração séria e intelligente que, comprehendendo a vacuidade da instrucção nacional, promoveu e conseguiu dar largos horisontes á parte estudiosa da sociedade portugueza e de vez a associou ao grande trabalho scientifico, philosophico, e litterario das nações mais cultas do mundo. Acompanhou-o Theophilo Braga, obedecendo cada um á sua idosyncrasia especial.

«Cabe á minha patria a gloria luminosa de serem dois dos seus filhos, Anthero e Theophilo, vultos litterarios de primeira grandeza, que pelas letras honram Portugal, que por elles se representa e representa condignamente na grande evolução moderna do pensamento humano.» [1]

O Dr. Raymundo Capella, em uma carta para a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, escreveu algumas notas psychologicas acerca de Anthero, estabelecendo como em antithese os contornos da individualidade de Theophilo Braga:

«Fômos condiscipulos e companheiros constantes durante cinco annos, em Coimbra. Formámo-nos em 1864. Elle devera ter vinte e tres a vinte e quatro annos.

Alto, delgado, muito alvo, rosado e olhos azues claros. Barba intonsa, encrespada e loura. Basta e

---

[1] Mariano Machado de Faria e Maia, *Recordações queridas*. In Memoriam, p. 137 e 439.

emmaranhada trunfa de cabellos tambem louros, que lhe rompiam logo acima dos supercilios, deixando apenas a descoberto um dêdo de testa e indo voejar ao longe sobre os hombros e espaduas.

De capa e batina sempre, ennodoada e rota á moda classica, meias pretas esgarçadas e uns sapatos que eram o pasmo de todos nós pelo tamanho disforme e pela côr *terrena e pallida.*

Nunca estudou para as aulas, nem se dignava discorrer *a ratione* sobre a materia das lições. Tinha pouca facilidade discursiva. Uma vez reprovaram-n'o no 1.º anno. Depois deixaram-n'o sempre passar, porque constava que possuía grande talento e vasta instrucção philosophica e historica. No acto de formatura, perguntado: — Quantas eram as fórmas usuaes do processo civil? — respondeu com soberbo entono: — são infinitas!

Mas lia muito, lia sempre e lia tudo. Dos escriptores nacionaes só presava Camões e Herculano. Este era o grande homem! A Garrett, achava-o delambido. A Rebello da Silva, palavroso. A Castilho, de quem aliás fôra discipulo no Collegio do Portico, em Lisboa, um futil e um ridiculo, menos nos *Ciumes do Bardo* e no drama *Camões*. Para o estudo da lingua patria e afeiçoamento do estylo, bastava-lhe a conversação popular e a traducção da Biblia pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo.

Dos escriptores extrangeiros, apaixonavam-n'o alternadamente Proudhon, Michelet e Quinet. Deleitavam-n'o tambem os romances, e interessavam-n'o muito as mexeriqueiras biographias de Eug. de Mirecourt. A massuda erudição historica, recebia-a, em segunda mão, do seu amigo e companheiro Alberto Sampaio; as noções da philosophia transcendental, do amigo e conterraneo Francisco Machado.

A astronomia, a physica, a chimica, a historia natural, a theologia, bebia-as no ár.

Na sua casa, á Couraça dos Apostolos, ou na rua do Borralho, juntavam-se todas as noites uma duzia de estudantes de todas as faculdades, *cabulas,* mas que tinham fama de intelligentes; uns para discutir, outros para lêr ou escrever, e outros sómente para aproveitar o ocio, ouvindo. Os estudantes premiados, os *ursos,* como lhes chamavamos, quando alli entravam, era a medo e quasi ás escondidas, por se não desacreditarem.

Os cortejadores de lentes, os *capachos,* fugiam aterrados.

Comtudo, ninguem o tinha por mestre. Cada qual era independente nas doutrinas, que professava e desprofessava como e quando queria.

No que todos concordavam, era a necessidade, a urgencia de uma sublevação, de um exodo geral dos espiritos para as terras desconhecidas da promissão. O Egypto, representavam-n'o os estupidos preconceitos, as estreitas convenções da sociedade actual: — catholicismo, monarchia, burguezismo, classicimo, os estatutos universitarios e a batina academica...

O austero e sapientissimo reitor da Universidade, visconde de S. Jeronymo, figurava perfeitamente um Pharaó.

Anthero de Quental era apenas Moysés antes de subir ao Sinai.

D'aquellas ruidosas conferencias, que atordoavam a visinhança até altas horas, e faziam parar á porta a ronda suspiciosa dos archeiros, sahiu primeiramente o jornal *Academico,* ainda n'um tom bastante *urso* e quasi cathedratico, depois o *Phosphoro* e o *Tira teimas,* cada vez mais agaiatados e insolentes, e por fim a sociedade secreta do *Raio,*

a qual acabou por derribar o visconde de S. Jeronymo.

Com Anthero, collaboravam João de Deus, que todos conhecem, Alberto Sampaio, que é lavrador e ainda escreve excellentes *Estudos* sobre historia patria para a *Revista de Portugal*, — Germano Meirelles, um alleijadinho mephistophelico, que foi empregado de fazenda em uma comarca do Minho e jornalista, — Guimarães Fonseca, lyrico mimoso, que andou aos tombos cá pelo Brasil, — Cerqueira Lobo, o philosopho incomprehensivel, que é conservador do registro predial em Ponte da Barca, — Rodrigo Velloso, o chronista pilherico, que tem sido administrador de concelho, e varios outros, entre os quaes o obscuro rabiscador d'esta noticia.

O Anthero d'aquelle tempo mostrava mais a espontaneidade e bravura de um *condottieri*, do que a argucia e reflexão de um philosopho. Faltava-lhe absolutamente a uncção dos apostolos.

Queria revolucionar, transformar tudo e de uma vez.

Destruam et ædificabo — era o seu lemma. Porém sobre os planos da reconstrucção não tinha nada bem assente.

A união ou *fusão iberica* parecia-lhe e parecia a todos nós uma conveniencia politica e uma necessidade physiologica. Pois a belleza e o *salero* das andaluzas, a coragem e destreza dos *toreros*, a ferocidade dos *guerrillas* e a audacia dos salteadores — tudo isso e o mais não estava revelando uma raça ainda vivaz, de sangue quente e rubro, que viria restaurar o nosso, tão depauperado pelas sangrias da emigração e desfibrinado pela anemia dos conventos e das repartições publicas?!

Pois o idioma hespanhol não possue um orga-

nismo syntactico e phonetico mais equilibrado e valente que o nosso?!

Estes *as* (ax) e estes *os* (ox) e estes *ãos* e estes *ões* que, segundo Quinet, fazem lembrar o marulho das vagas, poderiam convir a um povo de marinheiros, que nós já não sômos nem poderemos vir a ser; mas nunca a uma gente illustrissima e excellentissima, toda terrestre e cidadeira, e que deseja mais que tudo ter opera nacional.

Alexandre Herculano já demonstrára o absurdo da distincção ethnica entre os presumidos descendentes de lusitanos e os outros habitantes da Peninsula. E a respeito do nosso futuro, não escrevera elle aquellas tristes e propheticas palavras do prologo da Historia de Portugal — *pouca força basta para pregar as taboas de um ataúde?!...*

Por tanto, mettamos na mala Camões e Herculano, e vamos para a Hespanha dançar os boleros e repicar castanholas. Fallava-se hespanhol. Liam-se muito os auctores hespanhoes n'uma collecção completa que um estudante rico comprára e fazia o favor de emprestar.

No meio d'isto começa a apparecer timidamente, crepuscularmente Theophilo Braga, um solitario, um asceta paciente, um trabalhador concentrado, folheando alfarrabios em todas as linguas vivas e mortas, e descobrindo n'esses alfarrabios que Portugal tinha tido suas *origens distinctas*, sua evolução particular e uma *Renascença* á semelhança da Italia, da França e da Allemanha. Que tiveramos uma *Jurisprudencia*, uma *Litteratura*, uma *Arte* e uma *erudição* creadas pelo genio nacional sob o influxo das grandes idéas que renovaram a Europa lá por fóra. E depois citava textos que ninguem tinha antes lido. Publicava livros sobre livros e escrevia para o *Instituto* dos lentes. Compunha tambem

Poemas cyclicos, philosophicos e mythicos nos moldes de Gœthe e de Quinet. Mas era bom estudante e premiado, e não pertencia á nossa roda.

D'ahi uma conversão lenta, mas sincera, de cada um ao *nacionalismo* abandonado.

Mas quem abafára, quem atrophiára todos aquelles germens no seio fecundo da nossa nacionalidade?

— Os Jesuitas!

Logo, guerra aos jesuitas; e tratemos de derramar sobre a fronte do soberano povo a agua lustral da *tradição* historica, a vêr se os germens resurgem, e se nós podemos ainda affirmar ao mundo o verdadeiro caracter de nossa autonomia.

Porém, como diz Michelet, cada nação deve ser uma corda na Lyra do concerto universal. Ora, a nossa corda ou a nossa nota eram as Navegações longinquas e o Descobrimento de novos mundos. Porém as nossas aventuras maritimas só chegam actualmente até o Brasil; e os mundos novos são todos conhecidos. Ora, pois, que fazer?!...

D'esta interrogação de um punhado de philosophos estroinas nasceu o modernissimo *Ideal africano!*

Anthero e Theophilo, apezar de conterraneos e por bastante tempo companheiros de casa, nunca combinaram, nunca se deram, e litterariamente, emulavam-se e aborreciam-se.

Theophilo era lymphatico, anemico e encolhido; Anthero, sanguineo e atrevido.

Theophilo tinha pachorra para as demoradas e minuciosas indagações bibliographicas. Tomava apontamentos, cotejava textos e averiguava datas. A sua suprema aspiração — como me confessou uma vez na loja do livreiro Posselius — «era encher com os seus volumes uma prateleira, como aquelle Balzac que alli está.»

Meditava e consultava durante semanas e mezes inteiros sobre a origem *symbolica* [1] do ramo de louro nas portas das tabernas.

Anthero era um pamphletario, um foliculario. Escrevia de um folego só. A's vezes apostava com um amigo sobre quem escreveria mais, melhor e mais depressa sobre um assumpto egualmente conhecido de ambos. Ganhava sempre. Dos livros que lia, só guardava na memoria os traços geraes, os principios novos e as conclusões absolutas.

Tinha furias proudhonescas e paroxismos byronianos. A's vezes descahia, e tornava-se manso e meigo como Michelet. Então, anediava a cabelleira e sorria para todos. Outras vezas annuveava o semblante, olhava para dentro e baforava phrases mysteriosas, como Hegel. Outras, emfim, franzia as commissuras dos labios, entortava o mento e atirava chufas mephistophelicas, como H. Heine. E em cada uma d'estas phases lia a biographia e as obras do seu retratado. Mas bondoso sempre!

De Th. Braga, a quem elle considerava seu inimigo, só lhe ouvi uma vez este commentario cruel, alludindo ao seu habito investigador: — Ora! se é um homem que aprendeu a lêr pelo livro do *Piolho viajante*... [2]

Já disse que elle quiz abolir a metrificação, ou reduzil-a á simples cadencia do verseto biblico. Torturava-o contar syllabas, collocar accentos e metter todos os pensamentos n'uma fôrma. Por isso os seus primeiros versos têm todos os rythmos, ou não têm nenhum.

---

[1] Allude o livro da *Poesia do Direito*. Porto. 1865.

[2] Allude ao tormento que lhe infligiu a madrasta, na infancia, obrigando-o a lêr-lhe nos intervallos da eschola a obra de José Daniel.

O Soneto foi o primeiro disciplinador dos insubordinados contra as leis do metro e da rima. Aquella fórma attrahente de uma miniatura de poema, tão affeiçoada na nossa litteratura e tratada com tanto primor por João de Deus, acabou por captivar os Hercules que tinham derrotado Castilho, derribado o visconde de S. Jeronymo, conquistado a calça para o traje academico e supplantado a hydra da reacção ultramontana.

O positivismo de Comte só mais tarde subjugará os indomitos Titans da metaphysica. E' que esta andava-nos no sangue.

Nos ultimos annos de Coimbra, as traducções francezas haviam-nos familiarisado com o systema de Hegel.

Senhores da base do systema, entrámos logo na sua applicação ao Christianismo, com o Dr. Strauss; á Historia politica, com o Dr. Gans; ao Direito e á Moral, com o Dr. Vera; e ás questões economicas, com Proudhon.

Portanto, a metaphysica resistia sempre detraz do seu reducto pantheista.

Schopenhauer ainda não era conhecido, se o conhecessemos, troçavamol-o. Pois um celibatario que tem trinta mil francos de renda; que almoça e janta nos principaes restaurantes; que vae á Opera todas as noites; que requesta costureiras; que tira o retrato em todas as photographias para mandar aos amigos e amigas; e que morre por fim de uma apoplexia fulminante; póde lá ser o philosopho da fatalidade e da dôr, o conselheiro da resignação, o consolador do soffrimento e o nuncio do Nirvâna?!...

Augusto Comte só nos era conhecido pelos desdens olympicos de Caro. Ainda não havia Sociologia para substituir o Direito natural de Ahrens e a moral racionalista de Julio Simon.

Darwin era apenas citado por algum estudante muito curioso de zootechnia, com intuitos sómente de applicar a theoria da selecção no aperfeiçoamento da raça cavallar, bovina ou suina da herdade paterna.

Foi já sendo bacharel, e depois de ter feito as Conferencias anti-clericaes do Casino em Lisboa, e organisado o partido socialista em Alcantara, que Anthero entrou no conhecimento das novissimas theorias.

Depois, sentindo os rebates da terrivel enfermidade que o levou ao suicidio, foi para Paris, onde aprendeu e exercitou a arte de typogrspho, como antes Michelet e Proudhon; assistindo aos cursos da Sorbonna e do Collegio de França, collaborando em jornaes e tratando da saude.

Convencido da impossibilidade da cura voltou a Portugal.

Visitei-o então, e causou-me profunda magua. Era outro. Abatido, avelhentado, triste, já descria das virtudes democraticas e das soluções scientificas.

Ultimamente, eil-o que reapparece. cercado como d'antes de rapazes enthusiastas e presidindo um comicio patriotico no Porto. Resuscitaria!?

— Qual! Foi a galvanisação momentanea ao contacto da mocidade, que o evocava, e dos velhos amigos que o não queriam deixar morrer.

Afinal, uma bala de revólver poz o ultimo ponto n'esta compridissima e dolorosissima reticencia de uma das maiores actividades intellectuaes e effectivas, que tenho conhecido.» [1]

---

[1] Dr. Raymundo Capella: *Anthero de Quental.* — Carta a H. Chaves. (*Gazeta de Noticias,* 30 — IX — 1891. N.º 273.)

O illustre medico psychopatha dr. José de Lacerda, uma das mais completas glorias açorianas e da sciencia contemporanea, tracejando um esbôço biographico de Theophilo Braga, caracterisando a sua mentalidade, achou-se naturalmente levado ao parallelismo com Anthero de Quental emquanto á acção renovadora:

«Criticar uma obra é illuminal-a intensamente — na sua genese, no seu modo de feitura, na elevação e na legitimidade do que ella aspira, no valor e na pureza do que ella realisa.

Biographar um escriptor é focalisal-o apuradamente — na sua origem, na sua collisão com o meio, no motivo e na maneira por que elle actua, no poder e no processo com que elle consegue.

Trabalho arduo .. mórmente quando a obra é tão collossal e complexa como a do nosso biographado, e o escriptor é tão eminente e polyapto como o autor de tal obra. . .

Theophilo Braga é açoriano. Nasceu em S. Miguel, a ilha mais importante no notavel archipelago em que, desde seculos, estão releccionando um interessante caracter proprio — mercê da insulação e d'outras condições de meio — os descendentes de antigos colonos aventurosos, oriundos de povos europeus diversos.

Seu pae — que fôra, em novo, um valente official de artilheria, teimosamente miguelista — foi, na velhice, um respeitavel professor de logica, honestamente pobre.

Ficou sem a mãe aos quatro annos. Mas a dolorosa carencia de affectivo amparo maternal, ao passo que o incompatibilisava com as confiantes alegrias infantis, fazia-o, por uma rude compensação natural, precoce na reacção e na resistencia contra as duras crises deprimentes em que abunda a lucta

pela vida. A creança fez-se rapidamente homem. Cedo começou a contar comsigo só. Aos 14 annos estudava no lyceu de Ponta Delgada, e era typographo. Aos 18 annos cursava Direito em Coimbra e leccionava. Talentoso e independente, trabalhador e pobre, livrou-se, pelo talento e pela independencia, da ôca sciencia official, que annulla, em regra, os cerebros mediocres; e isentou-se, pelo caracter e pela pobreza, das derreantes rapaziadas academicas, que neurasthenisam, em geral, os estudantes abastados.

Lia *para saber* — o que é raro n'um estudante portuguez; e ensinava *para viver* — o que é heroico n'um academico de qualquer paiz.

Do muito lêr e muito meditar os philosophos, os historiadores e os litteratos — Leibnitz, Kant, Hegel, Comte, Ranke, Macaulay, Michelet, Goethe, Shakespeare, V. Hugo, etc. — veiu-lhe a segura e progressiva orientação scientifico-litteraria altamente evidenciada, pela primeira vez, na celebre *Questão de Coimbra*, em que A. F. de Castilho — levianamente arvorado, então, em pontifice da litteratura portugueza, e, como tal, ecclesiasticamente improgressivo e intolerante — foi severamente vencido...

N'essa vibrante lucta sympathica figurava — a par de Theophilo Braga — outro açoriano illustre, academico tambem, que descança já sob a terra. Era Anthero de Quental. Ambos grandes — eram e continuaram a ser profundamente differentes, e d'uma comparabilidade difficil. Um era doente [1],

---

[1] Devo á amabilidade do dr. Sousa Martins, meu mestre e meu amigo, o ter lido um primoroso estudo, actualmente incluso no livro *In Memoriam* em que o illustre medico e eminente professor nosográpha a interessante psychopathia do estranho poeta dos *Sonetos*.

requintadamente ideologo, poeta e philosopho, — mas poeta demais para philosopho, e philosopho demais para poeta.

O outro é sadio, superiormente equilibrado, tambem poeta e tambem philosopho — mas poeta que não hallucina o philosopho, e philosopho que não assombra o poeta.

O primeiro theorisava e planeava grandes obras geniaes, rapidamente, vertiginosamente, como se houvesse de viver um dia apenas; mas escrevia-as fragmentadamente e morosamente, como se tivesse vida para seculos.

Sobrava-lhe, no poder de iniciar, o que lhe faltava na faculdade de concluir. Era um Genio sem Vontade. D'aqui a lamentavel pequenez quantitativa da sua obra — de primeira grandeza em qualidade. O segundo planêa tambem com genio, obras grandiosas, mas vagarosamente, maduramente, como se tivesse cem annos para as repensar; e escreve-as apressadamente e aturadamente como se a vida lhe estivesse para pouco.

A prodigiosa rapidez do seu executar prejudica, por vezes, a grande perfeição do seu planear. E' uma Vontade incansavel — que executa febrilmente. De tudo isto deriva a assombrosa extensão do seu trabalho — nem sempre de todo impeccavel no que toca ao apuro de feitura.

Posto em fóco pela *Questão de Coimbra* e por subsequentes trabalhos litterarios de valia, queria-o a faculdade para lente...

Depois — *offendida,* é bem de vêr, pela *insubordinação scientifica* do grande açoriano desprotegido — repelliu-o.

Mal com a Universidade por amor da Sciencia, e sendo incapaz de ficar mal com a Sciencia por

amor da Universidade, Theophilo Braga veiu para Lisboa, onde — n'um celebre concurso que foi, e é, muito fallado — triumphou da inepcia perigosa d'um jury archaico que o não conhecia, do renome litterario de Pinheiro Chagas que lhe disputava o logar, do vingativo odio truculento de Castilho que o guerreava, e foi nomeado professor de Litteraturas modernas do Curso Superior de Lettras, — cargo que exerce, com superior proficiencia, desde 1872.

Como poeta, como critico, como historiador, como sociologista e como philosopho, Theophilo Braga tem produzido — n'uma natural evolução do seu espirito — uma das mais poderosas obras do seu tempo. E o seu nome — que constitue uma das poucas grandes glorias actuaes de Portugal — é conhecido e citado, com acatamento e insistencia, por toda a Europa scientifica e litteraria.

Na sua raça tão finamente intellectual — elle representa, como sabio e como escriptor, um dos exemplares mais poderosamente cerebrados, mais intensamente perceptivos, mais altamente differenceados, do seu seculo.

Para o seu paiz tão lamentavelmente decahido — elle é, como mestre, como chefe, como cidadão e como homem, um forte protesto solemne contra a desorientação triste, o desleixo immoral e a descerebração funda, do seu tempo.

A sua patria tão injustamente desattendida — elle ensina, como pobre e obscuro que foi e como dominador e eminente que é, quanto podem, equilibradamente reunidos, o talento, o trabalho, o methodo e o caracter.» [1]

---

[1] José de Lacerda. *Actualidades*, N.º 1, de 5 de Fevereiro de 1895. Lisboa. (Com retrato phototypico.)

C) Juizo definitivo sobre a influencia da Eschola de Coimbra

Acha-se pela primeira vez syntheticamente considerado o movimento intellectual da Eschola de Coimbra no seu reflexo sobre a sociedade portugueza, pelo forte pensador Basilio Telles, no seu esbôço de historia politica intitulado *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro:*

«A mesquinhez ou extravagancia da concepção, a banalidade pretenciosa da fórma, e a quasi absoluta penuria de principios fecundos e de resultados suggestivos, a que se encontravam reduzidas entre nós Litteratura e Sciecia, anteriormente á primeira d'aquellas datas (refere se á — renovação da intelligencia portugueza, iniciada pela chamada *Eschola Coimbrã,* ahi por 1865—) conhecem-n'as um pouco quantos, por simples curiosidade ou por obrigação profissional, se deram a folhear as producções mais caracteristicas da epoca. — Isto equivale a dizer que a obra heroica de Garrett e de A. Herculano tinha sido interrompida, ou fôsse perante a incomprehensão d'um publico, estupidamente inimigo do que é forte e delicado, ou fôsse por carencia de continuadores da envergadura dos dous mestres eminentes. Pela morte de um e pelo retrahimento do outro, a historia, o theatro e o romance ficaram no estado de construcções, ou antes, de subconstrucções magnificas, mas desgraçadamente incompletas, como symbolisando a incapacidade radical da nação em proseguir uma empreza até ao fim. Os que vieram depois, excepção feita d'uns tantos, que foram ainda discipulos estimaveis, nada mais fizeram do que parodiar os dous illustres iniciadores, crendo talvez

remediar, por meio de calão archaico e de balôfa rhetorica, a tacanhez do entendimento, e a carencia de imaginação, dramatica e lyrica. O rico manancial do romantismo converteram-n'o esses estiolados rebentos, poucos annos decorridos sobre a extincção e o isolamento dos mestres, em charco immovel, feito de corrupção, de vulgaridade e d'artificio. De sorte que, n'uma historia litteraria de cêrca de meio-seculo, apenas restava de solido e são o que tinham desbravado as mãos infatigaveis d'esses dous homens superiores, e, aqui e além, algum trabalho de objectivo circumscripto. através de cuja erudição abundante mal nos é consentido divisar os talentos e a cultura geral do escriptor.

Em resumo, — porque o nosso intuito impõe-nos a obrigação de sermos breve: em litteratura começavamos a enfermar de inanição; em sciencia podemos dizer sem hyperbole que estavamos como Adão no paraizo, — «innocentes e nós deante da face do Senhor.»

Esta especie de somnambulismo collectivo que nos mantinha sequestrados, por um lado, do que havia de vivaz e duravel nas tradições nacionaes, e por outro, de qualquer participação intelligente no formidavel movimento europeu em todos os ramos do saber, não podia deixar de ferir dolorosamente uma geração possuida de enthusiasmo, e contendo em estado latente, no seu irrequieto temperamento juvenil, poderosos elementos de renovação e de creação. O que se lembrou pois de tentar, com fé, com desinteresse, e com invencivel constancia? Naturalmente, o que sempre occorre a gente môça, em cujas veias corre um sangue rubro, impetuoso, e a quem a rudeza e a algidez dos attrictos sociaes não descóraram a chimera, nem partiram a vontade. Por conseguinte: acordar no depauperado organismo da

patria, velhas energias dormentes, se as havia, retemperando as ao calor das suas mais puras glorias no passado; e introduzir-lhe no sangue dessorado tudo quanto nas altas civilisações extrangeiras significasse estimulo, e contivesse um germen de vitalidade e de futuro. D'este contacto fecundo, d'esta immersão n um banho de sciencia moderna da antiga fibra portugueza, hirta, resequida. ankylosada desde fins do seculo XVI, esperava-se que resurgisse emfim para as duas supremas manifestações da vida, o Pensamento e a Acção, a nossa individualidade historica, ou melhor, a nossa personalidade moral.

O programma era vasto, e de execução difficultosa; mas a vontade era potente, e, por fortuna, aos iconoclastas de Coimbra outros apostolos audazes vinham juntar-se, erguendo a voz em diversos pontos do paiz. Dir-se-hia uma nova guerra santa, movida com implacavel vigor contra um romantismo falsificado e dissolvente, contra uma erudição estreita e fradesca, destituida de largueza e do tino que immortalisaram os monges de S. Bento, contra o pedantismo conselheiresco das escolas e das regiões officiaes, e contra a subserviente apathia da nação. A obra não levou muito, com effeito, que mostrasse os primeiros alicerces.

A Litteratura portugueza era profundamente estudada por Theophilo Braga nas suas origens, nacionaes e extranhas, e nos seus multiplos factores, medievicos e classicos; e sobre estes materiaes accumulados por um trabalho indagador original, com rara tenacidade, fervor e senso critico, o talento philosophico do auctor ensaiava os grandes lineamentos d'uma synthese.

Simultaneamente, a historia geral da nação recebia elucidações inesperadas do mesmo escriptor e de Oliveira Martins, graças á applicação dos metho-

dos modernos, e á descoberta, em monumentos desenterrados do pó dos archivos, da influencia germanica, da persistencia do espirito municipalista dos romanos, da interferencia, na epoca da Renascença e por intermedio das escolas de Bolonha e Padua, das ideias cesaristas do direito byzantino, no conjuncto das nossas instituições, tanto sociaes como politicas. Em breves termos: ligou-se a nossa Historia aos seus antecedentes multiplos, comprehendeu-se melhor a natureza e a importancia do papel que representámos nos seculos XV e XVI, demonstrou-se que Portugal não tinha sido uma planta solitaria, haurindo apenas do seu solo instituições e ideias, energía e aspirações, mas um membro d'uma «amphyctionia», uma parcella d'um grande todo moral, que elle dirigiu, ou pelo menos fecundou na epoca dos Descobrimentos e conquistas d'Além-mar; integrou-se, emfim, a nossa civilisação privativa de povo no quadro da civilisação universal.

O symbolo augusto da nossa passada actividade era a figura imponente de Camões, surgindo na intersecção das grandes correntes civilisadoras que deram a Portugal uma alma e um destino. A ideia de fazer d'um Jubileu nacional o élo que devia restabelecer a continuidade entre o passado e o futuro no coração dos portuguezes, germinava assim, n'esta renovação da philosophia e da critica, em torno da nossa primacial gloria litteraria. No sentimento da grandeza do poema e do poeta é completo o accôrdo. Leiam-se «Camões e os Lusiadas» de Oliveira Martins, os estudos de Theophilo Braga sobre Camões e a epoca dos Quinhentistas, o folheto de Anthero de Quental «Considerações sobre a Philosophia da Historia da Litteratura Portugueza», e vêr-se-ha que, pondo de parte os excessos do espirito de systema e o fermento das animosidades pessoaes, a

unanimidade de vistas é, na verdade, perfeita, quando se trata de apreciar, em relação ao paiz, o grande poeta e a sua obra immorredoura.

Mas esta era apenas uma parte da tarefa que se tinham proposto os dissidentes do Coimbra. Saccudir estimulos adormecidos, pela evocação das mais puras glorias do passado, reavivar o sentimento da nossa continuidade historica, obliterada por mais de dous seculos de miserias e desastres, era muito, mas não era tudo. Se era opportuno retemperar energias, restituir a confiança, accender de novo a fé, não era menos necessario lançar a essas forças restauradas materiaes abundantes que as fizessem perdurar e produzir. Careciamos ao mesmo tempo de fogo e de combustivel. Se a intelligencia acordara, tornava-se urgente fornecer-lhe factos, ideias, resultados, para ella ineditos, largamente elaborados e discutidos por extranhos. Desde esse momento, uma vasta corrente assimiladora começou a derivar para Portugal.

Veiu um tanto confusamente e ao acaso, segundo era de esperar em quem sentia a dupla impaciencia de abrir respiradouros ao sangue fresco e borbulhante, e de recuperar o tempo perdido em desfiar rosarios, declamar inepcias, e banhar os ócios da tradição conventual na agua lustral do mexerico, mas trazendo em suspensão, na sua revôlta massa, innumeras sementes de verdade. A retinas e cerebros acostumados aos meios tons crepusculares dava a impressão de *terra virgem*, essa de que lhe mostrava ao longe os luminosos horizontes a sympathica phalange coimbrã, lembrando uma extranha paizagem dos trópicos surprehendida em pleno deslumbramento de luz pelo viajante que desembocasse de infindavel desfiladeiro, tortuoso e tenebroso. Tão virgem, certamente, como fôra a India

para os marinheiros de Vasco da Gama, ou a America para os companheiros de Colombo, e desenrolando quadro analogo de surprezas, á medida que o mundo do pensamento moderno, á guisa d'um scenario de magica, ia desdobrando perante os olhares embevecidos as suas decorações e perspectivas.

Primeiro, vinha um desfilar de nomes barbaros, desconhecidos, ferindo asperamente o nosso ouvido, — Strauss, Feuerbach, Fichte, Hegel, Müller, Bopp, Diez, Creuzer, ao lado de outros mais gratos a meridionaes de nervos delicados, — Quinet, Michelet, Baudelaire, Leconte de Lisle, Taine, Balzac, Burnouf, Renan... Em seguida, sciencias inverosimeis, desvairadas, exactamente como aquelles caminhos cujas complicadas trajectorias expunha á admiração dos coévos o nosso chronista do seculo XVI, — Glottologia, Philologia, Symbolica, Mythologia, Exegése, Sciencia das religiões, Ethnologia, Anthropologia, Archeologia, Paleontologia; factores recentes, ainda vagos mas enormes, de profundas transformações sociaes, talvez em futuro muito proximo, — communismo, collectivismo, socialismo cathedratico, com os seus pontifices Marx, Schaeffle, os seus paladinos Proudhon, Lassalle, os seus videntes Saint Simon, Fourier; e novas modalidades da Arte, — naturalismo e realismo, observação e documentação, contrapondo-se ás concepções anemiadas e pallidas do romantismo moribundo. Logo após, desenterrados de sob os escombros do tempo, como fosseis gigantescos de sob as camadas terciarias, monumentos veneraveis de velhas civilisações desapparecidas, — *Vêdas*, *Puranas*, *Mahabbarata*, *Ramayana*, Leis de Manú, *Pantchatantra*, *Aresta*. Por ultimo, fórmulas ineditas do pensamento scientifico e philosophico, — equivalencia e conversão das forças physicas, uni-

dade e indestructibilidade da energia e da materia, darwinismo e transformismo, positivismo e monismo, theoria do progresso, e mais tarde pessimismo e budhismo. Não era já uma corrente, era uma genuina inundação, de sabedoria e cultura, soltada sobre nós por mãos freneticas. Digamos, em poucas e claras palavras, o que ás intelligencias portuguezas, mais attonitas ainda do que attentas, foi possivel extrahir d'esta alluvião de cousas heteroclitas, depois que reprezou e assentou no nosso solo.

Muitas ficaram no estado de noções obscuras e vagas, a que se chegou a ligar sentido algum, nem agora nem então. Foram as sementes da parabola que cahiram em rocha esteril, onde não tardaram a mirrar-se, sem evolverem para planta. Outras porém, encontrando um terreno menos arido, radicaram-se a profundezas variaveis nos entendimentos que emergiam, aqui e além, predispostos para as recolher e elaborar, preparando resultados de largo alcance, sob o ponto de vista que n'este momento nos interessa. São estes resultados, estrictamente, que devemos deixar aqui consignados; por isso que, pelo seu caracter geral, ou philosophico, e pelo seu consequente papel educativo, são os unicos que tiveram valor dynamico, isto é, que foram elementos activos de ulteriores progressos sociaes, em todo o caso, de tentativas de remodelação do existente.

Não esqueçamos que, ao tempo a que nos estamos referindo, Portugal reconhecia uma religião official, senão olhada com a fé robusta d'outros seculos, ainda respeitada comtudo nas consciencias, e seguida na conducta com regular fidelidade; uma philosophia official, o espiritualismo francez da escola de Cousin, comedido e ordeiro, constando das doutrinas essenciaes — da alma, espiritual e immortal, com suas tres faculdades, da vontade com seu

incontrastavel livre arbitrio, de um Deus, pessoal e transcendente, com sua providencia velando sollicitamente sobre o mundo e os homens, e de um Universo, contingente e finito, e sua creação por um acto incomprehensivel da omnipotencia e omnisciencia d'aquelle Sêr absoluto; uma sciencia official que, bazeada em meia duzia de factos minusculos e fragmentariamente apresentados, ensinava com imperturbavel segurança dogmatica — a fixidez das especies em Zoologia e Botanica, a doutrina dos cataclysmos cosmicos em Geologia, a theoria dos fluidos e das forças-entidades em Physica, a concepção binaria e dos typos irreductiveis em Chimica; por ultimo, uma litteratura official, mixto incongruente e banal de romantismo piegas e de pedantesco classicismo. Tudo isto especava, com efficacia duvidosa, os andaimes semicarcomidos das instituições parlamentares, outorgadas generosamente pelo sr. D. Pedro IV n'uma Carta que ninguem lia, e de cuja existencia a nação só tomava conhecimento pelas charangas e luminarias que, no anniversario da referida outorga, os conselheiros expediam para as portas dos quarteis e para as janellas das repartições publicas. (Pag. 17 a 25.)

*

* *

O conhecimento dos trabalhos exegeticos da escola de Francfort sobre os Evangelhos synopticos, as Epistolas e os Actos dos Apostolos, e cuja consagração e divulgação do mundo culto se devem principalmente á *Vida de Jesus*, de Strauss, assim como dos trabalhos concorrentes de Renan sobre as *Origens do Christianismo*, constituiu a primeira e mais funda brecha aberta pela erudição moderna

no edificio da nossa fé religiosa. As diversas egrejas christãs, a Egreja romana em especial, jámais se restabelecerão do golpe que receberam.

Não ousamos affirmar que as noções, muito geraes e summarias, que em dous traços de penna ahi deixamos registradas, fôssem bem comprehendidas e assimiladas correctamente pelos rapazes que seguiam com docil enthusiasmo as prédicas dos oraculos coimbrãos. O que, porém, se póde affirmar com segurança é que o seu effeito moral, isto é, o scepticismo religioso, e a consecutiva autonomia de consciencia em face do catholicismo official, ficou definitivamente inoculado nos espiritos, e derrubado portanto o mais forte dos esteios em que assentava o bolorento conservantismo portuguez.

*
* *

A renovação do pensamento philosophico veiu-nos ainda da influencia combinada da Allemanha e da França, primeiramente, e mais tarde, quando se espalharam entre nós os livros de Darwin e de Spencer, da Inglaterra. O hegelianismo foi a doutrina predilecta da juventude coimbrã, preferencia que se explica, em parte, pela seducção artistica que nos imaginativos exerceram sempre os grandes systemas metaphysicos, em parte pela avidez de conclusões definitivas e absolutas, propria de intelligencias noveis a que falta uma larga baze de conhecimentos positivos. Principiou-se, pois, a ser hegeliano, e a votar aos deuses infernaes o espiritualismo superficial e burguez, com os seus mediocres corypheus e panegyristas irritantes, os Cousin, os Jouffroy, os Jules Simon, os Caro, os Janet.

De Comte, egualmente, parece que não se rumo-

rejava ainda nas palestras do *Cenaculo,* — para nos servirmos do termo pittoresco que o snr. Ramalho Ortigão inventou e vulgarisou. Philosopho regrado, disciplinado, meticulosamente puritano, obedecendo apenas ao *facto* e á *lei*, desdenhoso irreductivel do Absoluto e da Methaphysica, não convinha a almas juvenis, um tanto irrequietas e bastante irreverentes, com a sua rigida attitude de sectario, e a regularidade geometrica da sua original concepção. Veiu mais tarde, quando o enthusiasmo arrefeceu, e sobretudo quando uma nova camada afflorou, e decidiu revindicar tambem o seu direito a sentir e a pensar com autonomia. Comquanto não fôsse profunda, nem duradoura, *a influencia da Philosophia positiva* entre nós, como foi por exemplo no Brasil, para sermos todavia equitativo, forçoso nos é reconhecer que *a ella se deve a disciplina das faculdades analyticas de uma fracção da mocidade estudiosa,* e um papel honroso e brilhante no descredito que subverteu em Portugal a philosophia das escolas.

A' philosophia de Spencer, que se divulgou entre nós com notavel rapidez, e cuja introducção seguiu de perto o advento do positivismo comteano, estava reservada acção mais diffusa e decisiva. O que esterilisara em grande parte a obra educativa do philosopho francez fôra, segundo nos persuadimos, a existencia d'uma grande cultura mathematica para ser perfeitamente comprehendida, e não menos a rejeição de quaesquer investigações relativas ao que, em linguagem technica, se denomina o Absoluto, e portanto a incapacidade radical do systema positivista, quando logicamente respeitado, de offerecer uma resposta a certas aspirações humanas que, ou insensatas ou legitimas (é ponto controvertido, apezar da *lei* dos tres estados) traduzem neces-

sidades moraes subsistentes, muito reaes e *positivas*. Talvez modos de ser transitorios, talvez morbidos; mas uma philosophia que assume pretenções a constituir uma especie de sciencia geral, ou até, a Sciencia mesma, não póde excluir do dominio dos phenomenos a estudar, sob quaesquer pretextos ou razões (sobretudo áprioristicos), modalidades psychicas geraes no tempo e no espaço, e, senão permanentes, de extrema estabilidade e prodigiosa resistencia.

Retomando a exposição, de que nos iamos afastando: o evolucionismo, abstractamente formulado e amplamente exposto por Spencer nos *Primeiros Principios,* tinha, sobre o positivismo, a vantagem de responder a essa interrogação perturbadora, abrindo ás aspirações religiosas dos homens as paragens obscuras do Incognoscivel, onde cada qual poderia, á vontade, modelar o seu deus, construir o seu altar, e murmurar a sua prece. Mas fôsse por esta razão fundamental, unicamente, fôsse por esta e por outras que não vem a proposito inquirir, o certo é que, trazido na corrente irresistivel de modernidade, solta sobre o paiz pela geração cujas iniciativas temos vindo historiando em avaro resumo, o evolucionismo ajudava, com extrema efficacia, as doutrinas positivista e hegeliana na demolição da philosophia estupefaciente dos nossos lyceus e escolas superiores. Melhor diremos talvez — em logar do systema evolucionista, com os dous outros systemas concorrentes, — o *philosophismo*, a liberdade de exame e de critica, impondo-se com invencivel energia a mestres atrazados, repetindo da cathedra, em somnolento automatismo, veneraveis desconchavos, abandonados — fórmas fossilisadas de conceitos outr'ora vivos — no adusto areal do nosso espirito pela resaca da grande maré do pensamento.

*

* *

Fallamos atraz d'uma sciencia official. Em rigor, não havia sciencia alguma, nem official, nem livre. As poucas ideias geraes que deixamos apontadas, resumindo os resultados das indagações emprehendidas na Zoologia e Botanica, na Geologia, na Physica e na Chimica, anteriormente aos trabalhos memoraveis de, entre outros, Darwin e Haeckel, Lyell e de Buch, Joule e Meyer, Dumas e Berthelot, não constituiam acquisições mentaes conscientes, mas proposições verbaes que a mocidade fixava á pressa na memoria para satisfazer aos mestres nos exames. De maneira que traduziriamos com muito mais exactidão o estado da nossa cultura em materia scientifica, dizendo que ignoravamos tudo, a começar no que encerravam de positivo, independentemente das theorias, as cinco sciencias a que vimos de alludir.

Mais calamitosa ainda, se é possivel, se ostentava a nossa indigencia no dominio das sciencias chamadas historico-sociaes. Sendo de formação recente pela maior parte, e jazendo nós quasi absolutamente sequestrados do vasto movimento intellectual europeu a que deviam a existencia, comprehende-se bem que o nosso atrazo fôsse mais que prodigioso, completo. Por isso recordamos, a proposito, a innocencia e a nudez de Adão no paraizo: a nossa incultura não era susceptivel de exprimir-se por palavras de mais vigoroso colorido nem de mais litteral fidelidade. Em summa: no terreno scientifico nada havia a derrubar e a substituir, pelo menos no grupo das sciencias que em ultimo logar mencionamos; havia o edificio inteiro a levantar, desde as substrucções até á cupula.

Esta parte do programma da *Escola coimbrã*, de-

vemos reconhecer que não foi concebida com amplitude e nitidez, nem, que o fôsse, podia ser cabalmente executada; e o motivo do inevitavel insuccesso é facil de perceber. As acquisições scientificas, sobretudo quando a marcha dos factos a conhecer é consideravel, e não existem nas intelligencias a educar nem habitos de estudo e de critica, nem certos dotes espontaneos, não chegam a tornar-se propriedade collectiva, e a produzirem, portanto, effeitos sociaes apreciaveis, senão penetrando nas escolas pela reforma dos programmas, pela selecção escrupulosa dos professores, e pela obtenção de material e instrumentos, capazes de transformar em directo, de primeira mão por assim dizer, o ensino indirecto, de segunda mão, quasi exclusivamente verbal, da tradição pedagogica portugueza. Ora, tudo isto exige tempo, muito tempo, e além d'isso o concurso dos governos, principalmente tratando-se de paizes como o nosso, onde todos se acostumaram a esperar d'essas funestas entidades iniciativas e impulsos.

Todavia, por hesitante e deficiente que fôsse, a acção d'esses homens chegou a produzir resultados consideraveis, ao menos no grupo de sciencias que denominamos historico-sociaes, no qual, como dissemos, nada existia em Portugal que valesse a pena registrar-se.

Assim foi que muitas noções geraes, synthese luminosa de profundos trabalhos de erudição e critica, se espalharam pouco e pouco no espirito dos estudiosos, acabando por lhes suggerir a urgencia d'uma reforma integral de todo o nosso ensino publico, miseravelmente rudimentar, auctoritario e esteril. N'um lapso de tempo, que não devia exceder dez annos, a intellectualidade portugueza enriquecia-se com a appropriação d'um conjuncto de dados

e conclusões que cêrca de quarenta annos de constitucionalismo não haviam bastado a tornar sequer conhecidos entre nós. Pela primeira vez em Portugal, comquanto viesse já de longe a comprovação d'estas verdades, soubemos da Antiguidade não apenas o que, distillado em compendios, aprenderamos da Biblia, mas o que os philologos, os archeologos e os eruditos tinham directamente descoberto, reconstituindo linguas mortas, explorando velhas ruinas, interpretando documentos antiquissimos.

As designações da *aryas, indo-europeus,* soavam pela primeira vez ao nosso ouvido, e sabiamos pela vez primeira: que nós, portuguezes (os do Norte, por certo), pertenciamos a essa grande familia de povos; que a nossa lingua, derivada do latim por leis conhecidas ou que se buscava conhecer, era um rebento remoto da velha língua commum, que se buscava tambem reconstruir e localisar; que as nossas mais antigas tradições poeticas, como o nosso instrumento glottico, reconheciam a mesma origem aryana; que uma grande parte dos nossos costumes populares, dos nossos ritos e festas religiosas, senão a fórma superior da nossa crença, recebiam ainda dos costumes e das crenças d'esse povo primitivo a sua explicação bastante; que o Christianismo seria uma religião incomprehensivel sem o conhecimento parállelo das duas mais antigas religiões da nossa raça, — o Védismo e o Mazdeismo, das quaes ainda conservamos hoje expressões e fórmas liturgicas completas; que a historia geral da civilisação humana poderia concentrar-se, em ultima analyse, na historia da origem e gradual hegemonia no mundo d'uma raça, que foi a unica que chegou a elaborar estas duas ideias capitaes — a Sciencia e o Estado, — isto é, a conceber liberdade no pensamento e a liberdade nos actos, a ordem na

natureza e a ordem na sociedade. Em summa, — que nós, com os outros povos da Europa, constituiamos na realidade uma só e grande civilisação, especie de confederação moral, radicalmente homogenea, cujo pensamento commum, peior ou melhor manifestado em cada um d'elles, se podia exprimir e condensar na mais recente das fórmulas a que chegara o labor philosophico do seculo, — na theoria do Progresso.

Do mesmo passo, a esta conclusão, talvez em excesso audaciosa e synthetica, superiormente fecunda todavia, nos levava o que iamos assimilando, embora por fragmentos, n'outros ramos do saber: na Geologia e Paleontologia, a concepção das transformações, continuas e lentas, de Lyell, substituindo-se á das revoluções de Cuvier; na Zoologia e Botanica, a ideia de filiação e variabilidade das especies, á de sua independencia e fixidez; em Chimica, a doutrinas dos aggregados transitorios, reductiveis a uma unica unidade, — o atomo, concebido como um puro centro de energia, á dos corpos simles, fixos, irreductiveis entre si, e resoluveis, cada um, a um minimo de materia ponderavel e inerte; na Physica, o conceito da conversão e equivalencia das grandes forças naturaes, ao dos fluidos especificos, ou antes, das forças-entidades. Finalmente, por uma das mais bellas generalisações do espirito humano, a Astronomia, deixando de considerar exclusivamente o movimento das massas estellares e planetarias, entrava a especular sobre a estructura e a formação d'essas estrellas e planetas no espaço, enunciando o mesmo principio fundamental — o desenvolvimento, com differenciação progressiva, de nucleos nebulosos, primordiaes e homogeneos.

E' facil de vêr que estas concepções parciaes, elaboradas em tão diversos terrenos do vasto dominio

da Sciencia, convergiam, em admiravel harmonia, para uma concepção suprema: o Universo increado e indestructivel, uno na materia que o constituia e na força que o animava, manifestando-se, n'uma ordem regular e por causas naturaes, em phenomenos e sêres variadissimos, mas guardando entre si uma solidariedade estreita, desde a nebulose até ao astro, desde o protista até ao homem, desde o clan até ás mais altas civilisações da Europa. Tudo se reduzia, portanto, — na natureza a Evolução, na humanidade o Progresso.

*

* *

Mas se tudo era no mundo actividade e variação; se religiões e philosophias, da mesma sorte que os costumes e as doutrinas, eram só fórmas transitorias do sentimento e do pensamento, manifestações parcellares e diversas da Vida, estavel e cambiante, sempre differente e sempre a mesma, porque motivo a Litteratura não procuraria senão themas novos, ao menos novas e mais perfeitas expressões dos mesmos themas? Se a vida moderna, em volta de nós, ia revestindo aspectos que fortemente destacavam dos que prevaleciam, por ex., na epoca da Revolução ou de Luiz Philippe, desde os trajes até ás maneiras, desde as instituições até ás fórmulas da abstracção philosophica, — porque razão não buscaria a Arte outras fórmas e processos de traduzir esses aspectos? O romantismo representara uma generosa e fecunda reacção contra a idolatria classica; descobrira no revôlto cahos da Edade Média preciosos filões de poesia; tinha intrepidamente defendido a liberdade e a originalidade do talento contra a tyrannia dos homens de gosto e contra a

desolada aridez dos servis imitadores das obras-primas que a Antiguidade nos legara.

Mas a sua elevada missão estava cumprida, a sua pujante seiva dissipada, os seus themas e processos explorados e exhaustos. Na phase derradeira, excepção feita d'uma ou d'outra fulguração isolada, que nos evocava, por momentos, o seu passado esplendor, arrastava-se meio-trôpego n'um pantano de frivolidades insulsas, ou de morbidas ficções, entristecendo a alma, infeccionando o ambiente. Além d'isso, a geração sentimental e revolucionaria que o creara, e da qual foi, por isso, o interprete eloquente. dormia quasi toda sob as lousas dos sepulchros; e o homem que occupava agora a scena, menos enthusiasta e imaginoso do que analysta e utilitario, menos emoção e impulso do que calculo e vontade, suggeria fatalmente a eclosão d'uma esthetica que o comprehendesse e interpretasse. Balzac, de quem o inolvidavel Stendhal se deve considerar o pae espiritual, foi o iniciador d'essa Arte nova, a que se deu as designações, bem pouco proprias, de Naturalismo e Realismo.

Em relação á sociedade portugueza, concebe se a importancia do novo criterio introduzido na elaboração da obra artistica e litteraria. Todo esse microcosmos do Constitucionalismo, artificial, ignaro, verboso, ridiculo, ficava desde logo exposto á analyse desapiedada de romancistas e poetas, aliás inimigos natos, por senso esthetico e por calor de coração, de burguezes rotundos, de chatos bachareis, de conselheiros impertigados, corrompidos e vazios. E que outra cousa tinha o artista das lettras a fazer. uma vez postas de parte as idealisações falsas dos ultimos cultores do romantismo, n'um paiz totalmente desprovido de sentimentos elevados e nobres. os unicos que as poderiam suggerir, — senão obser-

var, *comprehender*, e trasladar em seguida para o livro, encarnando-os em *typos*, os individuos de diversas cathegorias e classes que representavam a *realidade* actual da vida portugueza? Com a creação d'um estylo proprio, mais variado, mais vivo, mais ductil, visto que cada concepção nova da Arte reclama aperfeiçoamentos correlativos nos instrumentos de expressão, a grande reforma esthetica ficava definitivamente consummada. Cabe essa honra — na poesia a Guerra Junqueiro, no romance a Camillo e a Eça de Queiroz. De maneira que, transcorrido curto periodo de tempo, de litteratura official não restava entre nós, mais do que uma recordação indecisa e melancholica nos espiritos propensos a abraçar com obstinada teimosia as causas e as cousas que decáem e se finam.

*
* *

Restavam as instituições. Seria com effeito incongruencia, quando não fôsse um contra-senso, pretender abrir horizontes largos á intelligencia portugueza, e respeitar ao mesmo tempo uma ordem politica que nada mais era do que a expressão, na vida publica, da mediocridade e da incultura d'essa mesma intelligencia; além de que a abstenção, ou a mera tolerancia em assumpto de tal vulto podia comprometter de maneira irreparavel o exito final das tentativas de reforma. Porquanto, se era certo que o systema das ideias e educação correntes assegurava, embora dentro de limites restrictos, a estabilidade do Constitucionalismo abastardado que, em má hora, substituira a antiga organisação politica e social do paiz, não era menos certo que os poderes constituidos, por seu turno, buscariam amparar a

todo o transe, contra os ataques dos novos, um plano de estudos e um conjuncto de opiniões acceitas de que, em grande parte, dependiam a sua subsistencia e predominio. E uma outra razão havia ainda para incluir o proprio regimen entre os scopos da campanha innovadora: as instituições e as ideias em voga formavam, na realidade, um bloco solidario que seria absurdo intentar demolir parcialmente e aos poucos, isto é, de que seria chimerico querer destacar algumas pedras sem lhe abalar o equilibrio, ainda suppondo compativeis com o entendimento lucido e logico, e com o temperamento impulsivo e radicalista dos latinos esses ataques parcellares e pacientes.

A esta preoccupação julgamos nós que obedeceram as *Conferencias do Casino,* iniciadas em Lisbaa em 1871, e mais tarde, em 1876, a *Revista Occidental.* N'ellas vêmos figurar homens — convem dizer-se de passagem — que, certamente arrependidos d'estas veleidades de rapazes, vamos encontrar, annos depois, a servir com zêlo e amor a monarchia dos Braganças, cuja suppressão reclamavam, pouco antes, como medida inaddiavel da economia publica e da salvação nacional, e — o que mais é — a subscrever diplomas destruidores de liberdades e garantias elementares dos cidadãos, e a vêr, sem protesto, expedir para as prisões e para o exilio outros homens cujo unico delicto, na verdade imperdoavel, consistia em continuar a obra de redempção que elles tinham começado, e que cobardemente desertaram. [1]

---

[1] No seu livro *Os Jesuitas*, (pag. 279) José Caldas refere-se a estas apostasias desoladoras:

«De modo que, quando se realisou a festa do Tri-Centenario de Camões — um parte culminante da vasta aspiração demo-

Se de facto obedeceram, como parece. á preoccupação de que fallavamos, nem Conferencias nem Revista levaram a resultado apreciavel. As palestras do Casino, ao annunciar-se a de Salomão Saragga acêrca dos «Historiadores criticos de Jesus», foram violentamente supprimidas por um acto arbitrario do ministerio Bolama, apezar dos protestos dos conferentes, a que veiu juntar-se a voz austera de Herculano; e a *Revista Occidental,* apezar de superiormente redigida por escriptores hespanhoes e portuguezes, não tardou, — fugitivo fóco luminoso! — a esmorecer e a extinguir-se na gélida indifferença d'um publico que precisamente se propunha doutrinar.

Aos mesmos resultados frustes conduziu outra tentativa, bem mais notavel e séria, por ser directa e com objectivo definido, de influir na vida publica, — sem duvida, a mais séria e a mais notavel que se lembraram de fazer alguns dos homens da *Escola coimbrã,* fóra do campo restricto da politica. Alludimos á agitação socialista, que n'essa epoca tanto sobresaltava os gabinetes europeus, ao mesmo tempo que prendia fortemente as attenções dos pensadores, e na qual o nosso paiz desempenhou tam-

---

cratica, que desde nove annos se vinha consolidando na consciencia publica — o partido progressista viu como um manifesto desproposito essa apotheose, chegando o proprio rei, no momento em que o prestito civico passava á raiz da real tribuna, a voltar-lhe acintosamente as costas, como signal evidente do absoluto desprezo que sentia, não pelo vulto luminoso, eterno, cuja epopêa se glorificava, se não que, como era natural, pelos seus iniciaes e impertinentes promotores.

«Começa desde esse dia a victoria, a desforra da Reacção. A' excepção da soberana figura de Theophilo Braga, tudo desde então, se prepara, se dispõe mesmo para debandar. O povo acha-se de repente quasi sem chefes visiveis.»

bem o seu papel, graças porventura á circumstancia casual de residir entre nós um môço suisso, chamado José Fontana, modesto empregado na livraria Bertrand, sectario apaixonado das novas doutrinas economicas. A este agitador extrangeiro, que emprehendia aggremiar e disciplinar o operariado fabril de Lisboa e Porto, de harmonia com as vistas e os planos da «Associação Internacional dos Trabalhadores», prestaram esses homens o apoio mais desinteressado e caloroso. Um exito brilhante, e certamente inesperado, corôou por algum tempo os seus esforços, chegando a «Internacional» a contar nas duas cidades muitos milhares de associados. Mas Fontana, a alma do movimento, suicidava-se em Lisboa, sabendo-se attingido d'uma lesão cardiaca incuravel; e Anthero de Quental, incontestavelmente a figura mais original e venerada da academia de Coimbra, e que d'esse movimento se póde considerar a cabeça e o verbo eloquentissimo, adoeceu d'aquella singular doença que deu á litteratura portugueza os esplendidos *Sonetos,* e á terra, em setembro de 1891, mais um cadaver de suicida.

Além d'isso, a dispersão dos talentos que compunham a geração de quem tentamos esboçar os intuitos e os trabalhos, ia-se operando a pouco e pouco; e esta debandada era inevitavel. Os rapazes eram agora homens feitos; e as duras necessidades da vida fallavam mais alto que as exigencias menos tyrannisantes, quasi sempre, do coração e do espirito.

Seria curioso e instructivo seguir, na existencia pessoal de cada um, a influencia exclusiva ou combinada das ideias e doutrinas que entraram em Porgal por esse tempo, e estudar o modo especial como reagem sob esses estimulantes poderosos. Infe-

lizmente, é este um inquerito que, além de nos forçar a levantar questões e a descer a minudencias que tem pouca ou nenhuma relação com o que dizemos, daria, só por si, um grosso livro. Bem a pezar nosso, temos pois que o pôr de lado.

Exposto com a brevidade e a clareza de que era susceptivel materia tão vasta e complexa, tal foi, pois, um dos dous grandes movimentos de opinião que scindiram a sociedade portugueza em dous partidos, que pela primeira vez se avistam e se encontram lado a lado, sem comtudo se confundirem um com outro, em 10 de Junho de 1880, no immenso Cortejo civico que ia depôr uma corôa no pedestal da estatua de CAMÕES.

Das sobrias linhas que precedem resulta que a campanha politica de 1877-78 foi sobretudo uma grande manifestação antidynastica; e que a decepção experimentada pela opinião democratica do paiz foi, portanto, a segunda das causas que dão conta da presença inesperada d'um grande partido popular, desafiando altivamente a realeza e os seus aulicos, na imponente celebração camoneana.

No que resumidamente ficou dito na especie de introducção que precede, julgamos ter mostrado que, a contar de 1865, a intelligencia portugueza se enriqueceu com uma somma de noções e de factos scientificos a que, até ahi, era quasi de todo extranha; que essas acquisições intellectuaes, destoando radicalmente das ideias dominantes nas escolas e academias, e portanto, das que eram recebidas e impostas pelo mundo official, alienaram do Estado os espiritos môços, sinceramente devotados ao que se chamava então *o progresso;* e que, porfim, este movimento revindicador de liberdade e independencia em face do sêcco e mesquinho conservantismo dos governos, chegando ás multidões pela

invencivel necessidade de se traduzir em tentativas praticas de reforma, acabou por disciplinar-se em Partido republicano, cuja consagração publica, se nos é relevada a phrase, se póde referir a 10 de Junho de 1880. Antes d'esta data, não ha historia do *Partido republicano,* mas apenas historia da *ideia*, da *aspiração republicana*, porque só a contar d'aquella epoca a politica o pôde reconhecer como um novo factor, susceptivel de influir nos seus arranjos.

Dissemos tambem que, desde então, cada um dos dous grandes partidos em que vêmos scindida a sociedade portugueza, entrevendo mais ou menos lucidamente a collisão inevitavel do futuro, começou a organisar-se e a preparar-se. A maneira como entenderam e desempenharam a missão de salvar do antevisto desastre um povo heroico e desgraçado, e da qual o destino, symbolisado na figura lendaria de Camões, pareceu havel-os incumbido — eis o que buscaremos apurar nas breves paginas que seguem.

No que respeitava a organisação, rigorosamente só os republicanos tinham materia vasta a emprehender. Se os materiaes affluiam, o que estava já regularisado e, para assim dizer, prompto para combate, era pouco em relação ao que restava por fazer. Imprensa de consideração quasi que não havia; centros de propaganda existiam, mas em numero restricto; talentos variados, de que carece um partido politico, jornalistas, oradores, homens de pensamento e de acção, personagens de posição social consideravel, entravam ainda por exigua minoria. Mas ninguem desanimou. Cêrca de quatro annos bastaram para que o paiz podesse vêr successivamente: tres ou quatro jornaes republicanos, dous dos quaes, «A Folha Nova» no Porto e «O Seculo» em Lisboa, desempenharam um brilhante pa-

pel nos successos mais frisantes da historia do partido; Lisboa coberta de clubs, cujas denominações recordavam os nomes e as datas notaveis da democracia portugueza; um congresso annual, eleito pelas aggremiações e outras entidades republicanas do paiz, deliberando sobre as medidas de disciplina, propaganda, organisação e tactica politica, que convinham aos interesses partidarios; um directorio executivo, dando impulso e unidade aos trabalhos d'esses nucleos isolados; e finalmente, um grupo, cada dia mais numeroso, de homens das mais variadas aptidões, uns novos, cheios de fé e ávidos de adquirir nome com os serviços a prestar, outros já conhecidos, desempenhando altos cargos publicos ou occupando posições em evidencia. Todas as energias e valores sociaes figuravam no partido nascente: havia escriptores, professores, advogados, militares de graduação, proprietarios, commerciantes, industriaes, operarios, representando pensamento, riqueza, trabalho. No seu movimento ascendente, d'uma força irresistivel, por um momento o observador pôde persuadir-se que nenhum homem de rectas intenções e sinceramente amigo do paiz escaparia ao contagio do exemplo.

E não era o caracter accentuadamente antidynastico da Commemoração Camoneana que, n'esse presago anno de 1880, constituia o unico symptoma inquietador; era a popularidade quasi subita dos oradores que, no primeiro comicio contra o tratado de Lourenço Marques, celebrado na cidade de Lisboa em março do mesmo anno, se a memoria nos não trae, proclamaram com desassombro a sua fé republicana. Para espiritos exercitados em deduzir de vagos e leves indicios as conclusões que n'elles se contém virtualmente, tornava-se muito provavel que o divorcio entre a realeza e o grande publico fôsse

todos os dias em progresso, e que os nossos debates coloniaes com a Inglaterra, cerrados por algum tempo com a decisão arbitral de 1875, viessem a originar um conflicto, interno e externo dos mais graves.»

Em 1875, escrevia Ramalho Ortigão, em um fasciculo das *Farpas* (Maio):

«Ha em todos os paizes um certo numero de individuos que pela sua natureza vehemente, expansiva, apparatosa, constituem o caracter typico, predominante no seu meio. São os imitados. A massa geral do publico é essencialmente imitadora.

Em Portugal os individuos chamados aos altos cargos do paiz dissemos já que são os menos proprios para produzirem pelo exemplo uma influencia salutar. São typos defeituosos de uma acção funesta no desenvolvimento do caracter publico.

No emtanto, fóra das regiões officiaes, manifestam-se cada dia personalidades poderosas, caracteres exemplares, destinados a tornarem-se outros tantos centros de imitação.

Entre esses caracteres typicos, de um relêvo preponderante, notam-se affinidades de ideias, analogias de convicções, linhas de uma similhança commum que approximarão de um só typo unico os grupos influenciados pelo nucleo parcial de cada exemplo. E' assim que está destinada a operar-se a revolução portugueza. O typo official cairá diante do typo dissidente, e as nomeações do Estado cederão progressivamente o passo na direcção do paiz ás preferencias da estima publica. Este resultado annuncia-se já de um modo indubitavel. No romance, na poesia, na critica, na historia, na systematisação philosophica, nos clubs, na imprensa, no professorado, o movimento dirigente dos espiritos é

manifestamente hostil ao espirito das instituições vigentes. Os homens que pela sua actividade mental estão determinando esse movimento revolucionario na Arte, na Sciencia, não são unicamente os mais instruidos, são tambem os cidadãos mais probos, os mais dignos. São esses homens que fóra dos parlamentos, dispondo apenas d'esses dois meios de acção — a Imprensa e o Ensino — estão lentamente, surdamente, imperceptivelmente, realisando esta obra humana: a reconstituição infallivel do caracter de um povo pela influencia dominante dos seus caracteres superiores.

A lucta está travada, e a victoria está promettida áquelles que dentro da esphera da sua actividade, qualquer que ella seja, souberem cumprir estes dois deveres de todo o homem trabalhador e de todo o homem honesto: espalhar lição e fundar exemplo.» [1]

---

[1] Ramalho Ortigão — *Farpas*. (Maio de 1897, p. 57 a 59.)

II

A obra de renovação poetica

Tentâmes litterarios de 1858
As «Folhas Verdes» — O Meio insular.

A situação domestica e pessoal em que a actividade litteraria serviu de refugio á vocação incipiente de Theophilo Braga, acha-se exposta em um quadro impressionante de Francisco Maria Supico, intitulado *O Orphão,* servindo de preambulo aos seus primeiros versos:

I

«Vae adeantada a noite. Repousa a natureza e descança o mundo do fadigar do dia. E' silencio e mudez tudo.

....

Que luz é aquella que através de vidraça pobre. deixa perceber além seu fulgor triste? E que froixo rumor é esse que se percebe trazido nos clarões da luz? Quem habita aquella morada?

. . . . . .

Familia honesta se abriga ahi. Aquella casa semelha um vasto tumulo, allumiado por lampada piedosa e de saudade. Véla apenas um joven, para quem a vida principia a desabrochar. Porque véla? Espreita a hora que lhe seja propicia para alguma digressão furtiva? Será victima de alguma insomnia? Thesouros, não os guarda elle, que a morada é pobre! Quem é então, e que é que o preoccupa a horas tão adeantadas? Quem é? E' Poeta e orphão. O que faz? Lamenta e canta.

II

Orphão! como chamar-lh'o, se o pae se revolve n'aquelle leito de descanço.

E' verdade.

Sim! tem pae ainda, mas falta-lhe outra creatura. Falta-lhe a alma unica que sabia prodigalisar-lhe aquellas caricias que tanto alentam a juventude. Não tem mãe!... e quem, como elle, abriu os olhos á luz e não conheceu esse legado dos anjos, póde e deve considerar-se orphão.

Quereis saber o que é o mundo para a criança que já não encontrou n'elle os labios que lhe imprimiram os primeiros beijos de amor, ás vezes do unico e verdadeiro amor que se gosa na vida?

E' a anciedade, e o desespêro que atormenta o nauta em plagas desconhecidas, sem confiança no lême que já se lhe principiou a esmigalhar!

E a mãe é o lême da vida do homem. E' ella que lhe forma o coração, e por consequencia a unica que lh'o entende. Quem a perde, fica exposto a nau-

fragar ao mais leve sôpro de uma viração contraria!

Se outra mulher lhe dá o nome de filho, é mais uma expressão mentida que profere. Se lhe offerece um carinho é por dó; se lhe suavisa uma dôr é por compaixão; se lhe adoça uma amargura é por conveniencia ou caridade.

A mãe, a verdadeira mãe, essa véla para com seu rumor não despertar a tranquillidade do filho. Sorri-se quando devia gemer, para não entristecer a alma de sua alma. Soffre resignada a nudez e a fome, para conservar agasalhado e farto aquelle para quem se não enfastiaria de olhar, ainda que cem mil olhos possuisse!! Quem na juventude vestiu lucto por ella, se ganhou no céo mais uma protecção, faltaram-lhe na terra os sorrisos, os affagos, as consolações e os conselhos verdadeiros, singelos e do coração.

E o mancebo velando a horas mortas, lamentava-se cantando. E' que n'esse dia celebrava em segredo o anniversario de seu natal.

Se fôra viva a que o gerára e ha tres lustros augmentára com elle o numero dos viventes... e talvez dos infelizes!

III

A sina do Poeta é soffrer e cantar. Vivendo pelo espirito n'uma região mais proxima do céo do que da terra, olha para esta e para as suas amarguras, e sorri-se tristemente. E o mundo que não comprehende a alma de fogo ao inspirado, olha-o com desdem, e por toda a affronta chama-lhe — poeta. Pobre mundo, que te não conhecerias a ti mesmo, se não

fôra o genio d'esses semi-deuses que escarneces no teu orgulho.

Mas o poeta que soffre resignado as tuas affrontas, despresa-as tambem, e não se prohibe de plantar marcos que lhe attestem a passagem na estrada de sua peregrinação. A esses padrões aonde deixa escripta a sua memoria, chamam-lhe depois: *Illiada, Odyssêa, Eneida, Jerusalem Libertada, Thebaida, Paraiso Perdido, Messiada, Araucana, Luziadas, Oriente* e *Camões;* mas os heroes que legam ao mundo d'estes thesouros, vivem em lucta constante com a miseria, soffrendo sarcasmos de qualquer estupido abastado, que na sua arrogancia de ignorante o salpica de lama, quando devia ajoelhar e reverencial-o na sua passagem.

Meu Deus, para que creas-te o poeta assim?...

E o mancebo que avistámos além velando a horas mortas, conduzi-o ao mundo o anjo da Poesia. Offertou-lhe uma lyra por todo o patrimonio. Conviva sem logar no banquete das materialidades, deixa adormecer o mundo para pensar e sentir, e offerecer á alma respiração desaffrontada. Pobre poeta, que tão cedo principias a soffrer as torturas da tua sina!...

. . . . . .

Criança ainda, é longa já a escriptura, que a mão da desdita traçou no livro de sua historia. A' hora em que o encontramos lamenta e canta. Canta, sim! e mal d'elle se não fôra a lyra, unica fada que o entende e que o consola.

Fizera hoje 15 annos; e nem um brinde, nem um beijo, nem uma d'essas caricias que só o amor materno sabe offertar, commemoraram o dia em que lhe foram abertas as portas do mundo.

Acha-se na terra quasi só, e é só que elle quer dar largas ao coração. E' uma endeixa de saudade,

de veneração e amor, com que celebra esse dia. Não tem outra riqueza.

Que resignação! Soffre no mundo, e não se queixa d'elle.

Escutae-o. [1]

F. M. Supico.

No meu anniversario

24 DE FEVEREIRO

Poeta! que triste sina,
Só fadado — p'ra sentir;
Dourada lyra lhe ensina
Só cantar d'amor, carpir!

Minha mãe! — que nome santo,
Nunca mais dizel-o ouvi!?
Dos céos no bordado manto
E's estrella que sorri!...

[1] Da revista litteraria *O Templo*, onde appareceu esta estreia precedida do artigo *O Orfão*, transcreveu o jornal *A Ilha*, de 20 de março de 1858, com as seguintes palavras: «o bello artigo e a poesia que vão lêr-se, mostrando aquelle o quanto o sr. F. M. Supico deseja animar a juventude estudiosa, e a poesia o grande talento do sr. Theophilo Braga, que apenas com 15 annos de edade se mostra já tão familiarisado com as Musas.

Deus queira proteger mancebo tão estudioso e dedicado ás lettras, para que um dia possa ennobrecer a terra do seu nascimento tornando-se distincto entre os litteratos do nosso paiz.»

Entre as magoas d'esta vida
Já tres lustros eu contei;
Minha mãe! — és falecida,
O que soffro não direi...

Chora o orphão a sua dor,
A turba lh'a contradiz;
Escuta mudo o fragor
De impia voz que só maldiz!

Que saudade não encerra
O triste canto que entôo?
Lyra minha, deixa a terra,
Acompanha-me em teu vôo...

Minha mãe! — roubou-a a morte,
Linda flôr que o sol tostou!...
Não é sonho, a lei da sorte
Por ella tambem passou.

Quizera estar no jazigo,
Ai que ardor havia assim...
Eu quizera n'esse abrigo
Minha mãe! — ter junto a mim?

Mas não posso; — junto á campa
Resa, resa, coração...
Que o resar é só estampa
De um filho — amor, gratidão!...

Lyra, desprende-me um canto
Egual ás trovas d'homai;
Como um protesto tão santo
Que p'ra os céos da terra vae.

Minha mãe! — tu me infeitiças,
Derramas ternura a flux
N'estas promessas noviças
Que levas aos pés da cruz!

Tu só me apontas a senda,
Qual estrella em céo de anil;
Tu só... mas que doce prenda,
Uma mãe!... tem gosos mil...

Da vida em meiga ternura
Já tres lustros eu contei;
Meus dias em desventura
Vão correndo — não direi!

Poeta! que nobre sina.
A vida sabe adoçar;
Graciosa Lyra lhe ensina
Mil saudades a cantar.

Ponta-Delgada, 23 de fevereiro de 58.

THEOPHILO BRAGA.

«Promptas para correrem mundo estão as *Folhas Verdes;* os que ainda as acharem extemporaneas e continuarem a aconselhar-te o estudo, saibam que te não negas a elle; que anceias o saber como o naufrago a praia salvadora; mas saibam egualmente que a maior parte das vezes nem penna, nem tinta, nem papel tens para dares fórma a esses pensamentos mais ou menos sazonados em cuja concep-

ção gastas o tempo que poderias vadiar; e que qualquer dia, se quizeres comer, terás de ir ganhal-o n'algum armazem de mercearia vendendo arrateis de bacalhau.

Este volume, se quizesses, podia ser muito augmentado. Se publicasses quantos ineditos te conheço, tinhas materia á farta para seis livros eguaes em tamanho e superiores em qualidade. Mas levaste em plano reunir aqui só o que escreveste em verso *durante o anno passado, o teu primeiro de noviciado litterario*, por isto aí ficam dispersos pelos periodicos muitas composições tuas que seriam aqui ridentes joias.

Uma cousa me consola no meio da tua facundia litteraria: é a certeza de não ser a vaidade juvenil quem te incita nas tuas publicações. N'este livro, aonde se acham cantos que te hão de honrar sempre, ha outros que já te provocam fastio; mas deixaste-os passar, por que talvez presentisses que serão os mais queridos dos poucos leitores que poderá ter. É provavel que acertasses, porque a maior parte dos que lêem versos, detestam os que obrigam a lêr-se duas vezes para se entenderem e saborearem. Tôe-lhes bem a rima, em muitos casos metida a malho ferreo, que de conceito não cogitam elles.

Estou certo que hasde fugir por emquanto de quem te chamar Rossini, Canova ou Miguel Angelo. São estas as tuas primeiras notas, primeiras e infirmes escôpradas, ou os primeiros traços na tela das letras. Se taes primicias revelam alguma cousa, que o averiguem outros.» [1]

[1] Francisco M. Supico, Introducção das *Folhas Verdes*, p. xix, da ed. de 1859.

«Seja como fôr, quem ha ahi que, começando a desferir a lyra, se tenha apresentado invulneravel á critica? Theophilo Braga, que ha de ser sempre havido por um dos nossos melhores poetas, na sua estreia, as *Folhas Verdes*, se deu mostras de uma vocação brilhantemente promettedora, não deixou, todavia, de caír por vezes em escôlhos, que sem duvida constituem verdadeiros desastres.

O estudo, a melhor cultura, o aperfeiçoamento do senso esthetico tirado da lição dos Mestres, fizeram-no, porém, entrar nos verdadeiros dominios da Arte, limpo d'aquellas maculas inherentes a todo o aprendizado.

O progresso da educação e o correlativo aperfeiçoamento da fórma são, portanto, factos de observação quotidiana no campo das Lettras.» [1]

Um dos membros da colonia portugueza da America do Norte, escreveu na commemoração natalicia de 24 de Fevereiro de 1904, um precioso estudo sobre a influencia do meio insulano no desenvolvimento intellectual de Theophilo Braga:

«Para se ter uma idéa bem definida do Dr. Theophilo Braga, é preciso analysal-o e comprehendel-o em todas as vastas e profundas manifestações do seu genio. D'essa analyse e comprehensão resultará, n'uma integração final, a delineação bem nitida da sua obra multipla, como producto do seu poderoso intellecto, fazendo sobresahir, ao mesmo tempo, e vigorosamente, o aperfeiçoamento moral que attingiu, guiado por um ideal puro e elevado.

Não ha nada mais bello do que seguir passo a

---

[1] Eugenio Vaz Pacheco. *O preto no branco*, n.º 106 (anno III) 22-XII-1898.

passo a evolução mental d'este grande homem; observar como saíu sempre triumphante, incolume e puro de baixas perseguições e vis calumnias, removendo obstaculos, modificando o meio em que vive, apostolo sempre generoso da verdade irrefragavel, sonhador immortal da grandiosa *Visão dos Tempos,* obreiro e architecto genial da monumental *Historia da Litteratura portugueza*, e o pensador que, pela primeira vez, em lingua portugueza, historiou a marcha evolutiva da Humanidade sob um ponto de vista scientificamente philosophico. Para analysal-o e critical-o, será sufficiente o saber; mas para comprehender o coração amoravel do infatigavel Theophilo, como o chamou João de Deus, é preciso amal-o.

O Dr. Theophilo Braga é michaelense, e como nós, quando rapaz e estudante, ia sem duvida ao Alto da Mãe-de-Deus, em Ponta Delgada, gosar o espectaculo magnifico do pôr do sol: o horisonte, ao longe, sobre a superficie do mar, cintado de nuvens côr de rosa, doiradas e brancas, e por cima o céo de um azul de anil. Aqui e ali, muitas vezes, flocos de nuvens que vão gradualmente tornando-se escuras e desfazendo-se, ou então aquelles castellos magestosos, ora quietos, ora movendo-se vagarosamente no espaço, sumindo-se silenciosos no horisonte longinquo, e o sol desapparecendo no mar em todo o esplendor da sua gloria.

Depois o sonho torna-se mais melancholico. A noite cáe docemente, as planicies luxuriantes de vegetação desappareceram na escuridão, e nos montes cobertos de pinhaes a aragem perfumada cicia melodiosa. O mar murmura harmoniosamente sobre os areiaes e marulha por entre as pedras da praia; e algumas vezes, bem longe, ao longo da Ponte da Galera e bahia da Lagoa, os penedos ne-

gros são enlaçados amorosamente por ondas franjadas de espuma branca. Então, quando a cidade começa a mergulhar no somno, e uma quietação reparadora a envolve, a lua cheia apparece por cima da montanha de Agua de Páo, deslisando, luminosa e vaga, n'um céo limpo de nuvens e recamado de estrellas scintillantes. As planicies, os montes, e a cidade, sáem da sombra, e os raios do luar reflectem-se sobre a superficie do mar, sempre ondulando, que reluz como se fosse uma poeira de diamantes.

A imaginação de creança do Dr. Theophilo Braga tambem foi fortemente impressionada por essas noites tempestuosas de inverno, quando o vento sibila assustadoramente e arrasta vertiginosamente pelo espaço vulcões de nuvens negras d'onde o raio estala, e o ruido da trovoada róla e se perde pouco a pouco na immensidade do céo. Os vagalhões do mar, altos como torres, arremessam-se contra os penhascos da costa, desfazendo-se em cachões de espuma, bramindo terrivelmente, e arrastando depois para baixo, n'uma musica selvagem, as pedras polidas e soltas da praia.

Foi no meio d'estas scenas da natureza que o genio poetico do Dr. Theophilo se formou e desenvolveu. O colorido tão vivo das suas descripções de paizagens, do mar, e de certos phenomenos naturaes, torna as suas poesias de um realismo tão verdadeiro, *tão local,* e tão da epoca de que a poesia ou poema é uma idealisação, que o leitor sente-se, por assim dizer, dentro do tempo já passado, resuscitado pela imaginação imponente do poeta.

Foi nosso proposito recordar sómente n'estas linhas um pouco o *meio* em que o Dr. Theophilo Braga passou a sua infancia e juventude, reservando para outra occasião o estudo e exposição critica de toda a sua obra.

E' no dia 24 do corrente o seu anniversario natalicio. Nós, Portuguezes, residentes nos Estados Unidos da America, felicitamol-o e saudamol-o, lembrando-lhe que a sua melhor e maior apotheose de homem de genio está no renascimento intellectual do velho e glorioso Portugal. [1]

Tufts College, Mass.,
Fevereiro de 1904.

JOSÉ D'AMARAL.»

Periodo constructivo da Eschola de Coimbra

Na *Autobiographia mental de um Pensador isolado,* descreve Theophilo Braga a sua adaptação ao meio de Coimbra, absorvendo-se n'esse estado de poesia, que o fez considerar mesquinho o lyrismo pessoal, transportando-se do *pathos* para as vibrações do *ethos* humano. Falla da sua reconcentração subjectiva, deixando desapercebida a influencia d'essa «encantada e quasi phantastica Coimbra» caracterisada por Anthero de Quental. O meio de Coimbra acha-se nitidamente desenhado pelo grande tribuno da democracia portugueza, o dr. Antonio José de Almeida, emquanto ao seu influxo moral:

«Esta terra é privilegiada. O seu clima doce e amoravel lembra passagens da costa mediterranea, onde a primavera é quasi constante. A sua paizagem, de um grande poder de suggestão, é biblica no Penedo da Saudade, argeliana nos laranjaes do Ci-

---

[1] *O Lagoense. N.º 9.* Anno I. (21-2-904.)

dral, gauleza nos alamos do Choupal, lembrando trechos bucolicos da Suissa no Valle de Cozelhas, e tendo, na encosta de Santa Clara, essa melancholica prespectiva que, a cada momento, se encontra na Italia do Norte.

As sus lendas, as suas tradições são irresistiveis de encanto e de ternura, desde Ignez de Castro, amando e soffrendo, como o anjo symbolico da dedicação, junto ás aguas de Mondego, que, suspirando, lhe levaram para o mar salgado as lagrimas e os queixumes, até ao juramento de D. Pedro e Alvaro Vaz que, pela sua fé de cavalleiros, prometeram dar um á terra o seu sangue heroico, no ponto onde tombasse o cadaver do outro.

Coimbra é a terra classica da revolta espiritual. Foi Vieira de Castro, cujo defeito consistiu em ter um coração grande demais para a disciplina nervosa de que era capaz. Foi José Falcão e Anthero, dois batalhadores temerarios.

O sr. Carlos Amaro ainda ha pouco disse que n'esta terra tinha poetado e philosofado Anthero. E' certo. A sua philosophia todavia foi morbida e doente, desfechando tragicamente no suicidio. Lembra aquelles palacios encantados de Veneza, que, de linhas esplendidas, assentam na agua limosa dos canaes. Maior foi Theophilo, que, tambem n'esta terra, lançou os fundamentos da sua cerebração prodigiosa. A philosophia d'esse, sim que é grande e é solida. E' um immenso guindaste com que elle tem procurado erguer a alma da nação do atoleiro miserando em que a lançou um regimen maldicto.

Seja como for, porém, Coimbra será sempre a cidade ideal do sentimento. Para uns, como eu, a cidadela onde se bateram; para outros a cabana espiritual onde amaram; para todos a colmêa doirada onde zumbiram as abelhas das nossas illusões.

Por isso mesmo, os senhores, meus camaradas, são pelo prestigio, que tanta circumstancia diversa lhes dá, os melhores e mais legitimos interpretes da aspiração revolucionaria do paiz.» [1]

A) Idealisação da Humanidade

(Elaboração da Epopêa cyclica da Historia)
1864 a 1869

VISÃO DOS TEMPOS

1 — Phase hegeliana *(Lucta da Libertade contra a Fatalidade):*

Visão dos Tempos — Tempestades Sonoras
Ondina do Lago — Torrentes

«Coimbra, 3 de abril. (1854.)

«Talvez se estranhe não se fallar das coisas litterarías tratando-se de Coimbra. Mas é que ninguem o estranha. A patria das lettras portuguezas é modesta, não quer dar que fallar de si, e com rasão, que o sabio ama o silencio.

Todavia apparece agora um livro, e o que mais é, um livro bom. A *Visão dos Tempos* do sr. Theophilo Braga, estudante de Direito, protesta de uma maneira brilhante contra a geral estagnação.

[1] *Discurso na inauguração do Centro republicano academico de Coimbra.*

O auctor da *Visão dos Tempos* teve em vista appresentar-nos a historia da humanidade, resumida nas tendencias mais profundas do sentimento humano através das edades.— Se o conseguiu absolutamente não o diremos nós. Descer a todos os infernos, voar a todos os paraizos, que a alma do homem tem atravessado desde a hora primeira do seu genesis, não é trabalho de um livro, nem de um poeta. Victor Hugo não o chegou a fazer na sua *Legenda dos Seculos*.

Mas que monta isso? O que a arte pedia aqui não era a totalidade dos periodos historicos, mas sim a verdade de um ou alguns d'elles. As edades que o poeta tocou com a sua vara magica erguem-se vivas no seu poema, e quaes foram, quaes deveram ser, verdadeiras, sentidas, levantam-se e apparecem brilhantes de realidade, movendo-se no largo campo da arte. Estudar a Antiguidade é facil; interpretal-a póde fazel-o a meditação; sentil-a só o olhar prophetico do poeta o logra. A Grecia, principalmente, mostra-se aí tão serena, tão pura, tão allumiada pelo céo azul da Arcadia, que nos achamos mais de uma vez duvidosos se é um homem do seculo XIX que escreve, se um antiquario que publica alguns cantos ineditos de Anacreonte ou Sapho, agora descobertos n'algum templo da Jonia ou do Pireu. Mas não: o poeta moderno vê-se ali, vê-se ali o artista, que estuda tanto, quanto sente, na arte infinita com que soube juntar n'um poema todos os elementos da vida da Grecia patriarchal. Os amores e os deuses, os sacrificios e as navegações, o prazer voluptuoso e os fados escuros, tudo ali se enlaça harmoniosamente em volta á mesma concepção, como nos templos de Attica pórticos, altares, estatuas, columnas, todas as fórmas se combinam n'uma só e unica ideia artistica.

Podemos dizer d'este livro, que o peór que tem . . é o publico.

Não são para esta gente as finas gazes, com que o poeta enfeitou o leito de noivado da Musa antiga e do pensar moderno. Esta gente quer grossas casimiras inglezas, ou *saragoça* de varas. Cambraias finissimas são muito tenues para que se lhes não rasguem ao contacto dos grosseiros dedos. Damos os parabens ao poeta pela sua obra: mas não podemos deixar de o lamentar pela desgraça ou fatalidade, que o obriga a dar por companhia ao rouxinol de seus cantos, as gallinhas chocas d'esta capoeira chamada .. basta, não me consente fechar o periodo o sentimento patriotico de verdadeiro portuguez que sou.» [1]

«Um dia o cantor da *Primavera* e do *Outomno*, o paraphraseador de Ovidio, appareceu-me com um livro debaixo do braço, alegre, da alegria sincera, que o grande poeta sempre sente ou quando se lhe depara um novo soldado, d'essa cruzada humanitaria que elle emprehendeu a favor da instrucção, cruzada de que tem sido o Pedro Eremita e o Godofredo, o apostolo e o chefe, sem comtudo ter a dita de vêr, apèsar dos seus incessantes esforços, nem de longe ainda, as portas d'esta nova Jerusalem; ou quando descobre um novo sacerdote da sua tão querida poesia, mas sacerdote que seja digno do sacerdocio.

Castilho acabava de descobrir a *Visão dos Tempos!* A descoberta fôra devida ao acaso, como todas as descobertas. Apanhára, no fundo de uma loja de

---

[1] Anthero de Quental, Correspondencia no *O Seculo XIX*, de Penafiel, n.º 11, (1864). Transcripta na *Revista Contemporanea*, vol. V, n.º 1, pag. 34.

livreiro, um exemplar selvagem, que, vendo-se isolado em terra extranha, e no meio de collegas desconhecidos, se conservava na sombra o mais escondidamente que podia.

O pobre exemplar não tivera remedio se não deixar-se lêr, e afinal submettera-se resignadamente a deixar-se admirar. Com a frescura de enthusiasmo, que possue a alma eternamente juvenil do cantor de *Echo e Narciso,* Castilho não interrompera a leitura, senão quando chegára ao ultimo verso.

E apenas a acabou, veiu dizer-me, ufano e satisfeito:

— Descobri um poeta: um poeta môço, que tem ainda as incorrecções inevitaveis n'um escriptor, que logo no primeiro vôo se abalança aos assumptos mais elevados, mas que tem não só um grande talento, mas um talento sério, aguia, que ao sair do ninho, tem ainda o vôo incerto, mas que já mostra ser a rainha dos áres. — Incorregivel enthusiasta, a quem não curam as mordeduras com que lhe agradecem as caricias, os insultos que lhe cospem em trôco de cada phrase indulgente! — Leia a *Visão dos Tempos*, disse-me elle.» [1]

*

«O nosso paiz é fertil de talentos, e principalmente de talentos poeticos. O puro sol do nosso firmamento, se é para com o torrão de Portugal prodigo de fecundantes caricias, se a sua benefica influencia faz pullular amplas messes do seio da terra, tambem incendeia com egual carinho as nos

---

[1] Pinheiro Chagas, Folhetim da *Gazeta de Portugal*; colligido nos seus *Ensaios criticos*.

sas imaginações meridionaes, e concede com prodigalidade o fogo sagrado aos filhos d'este cantinho da Europa, tão seu predilecto.

Será este valimento devido á devoção ardente, com que os nossos antepassados, que a natureza colocára junto do seu tumulo, foram em romaria guerreira procural-o, para o saudar, ás regiões onde elle tinha o roseo bêrço?

Ha muito tempo, porém, que se não revelava um talento caracteristico, uma individualidade vigorosa, que desviando-se da senda por onde caminhava a compacta legião dos nossos poetas, seguindo escrupulosamente as pisadas dos mestres, abrisse uma verêda nova, e imprimisse o cunho da originalidade nas producções do seu genio. Eram valorosos os soldados d'esta cruzada, mas agrupavam-se em tôrno de pendões conhecidos, e arvorados pelas mãos gloriosas dos mestres da renascença litteraria. Combatiam com impeto, com valor, com successo, mas sem desfitar os olhos do estandarte que tremulava victorioso, e cujas prégas illuminava o deslumbrante esplendor do sol da gloria.

«Um joven poeta açoriano, cuja brilhantissima estreia eu tenho hoje o prazer de annunciar aos meus leitores, encetou a sua carreira com um arrôjo que o seu admiravel talento justificava, e logo, no seu primeiro livro, mostrou as mais elevadas aspirações, aspirações de um genio que se não compraz nas sendas já trilhadas, e que procura espaço, ainda não sulcado, onde possa desprender á vontade o seu vôo, que já se denuncia tão energico e vigoroso.

O poeta chama-se Theophilo Braga, o livro intitula-se a *Visão dos Tempos*.

A idéia que presidiu á concepção da *Visão dos Tempos* é uma ideia tão audaz, que é já grande glo-

ria para o poeta tentar a sua realisação, ainda que a não podesse levar ao cabo. Isso era impossivel. Parece-me que não cabe nas forças de um poeta só.

Reproduzir na tela de um poema as differentes scenas do quadro cambiante da historia da humanidade, mas reproduzil-as como observador e não como actor, descrevendo-as, e não fazendo-as reviver em si proprio, pintando a sua differente physionomia, e não caracterisando-se a si mesmo com as feições de cada uma das epocas, debruçando-se elle, poeta do seulo XIX, sobre o abysmo das edades, mostrando-nos quaes eram as paixões, os sentimentos d'esses phantasmas que tumultuavam, revolteando em turbilhão, no fundo do precipicio vertiginoso, e não pondo sobre o rosto, como successivas mascaras, os semblantes das figuras que nos mostra, tal foi a ideia, já immensamente arrojada, de Victor Hugo, quando traçou a Epopêa colossal a que deu o nome de *Lenda dos Seculos*. Elle mesmo confessou, comtudo, que a obra ficára incompleta, e que esses dois admiraveis volumes não eram senão o peristylo do edificio que elle hade findar um dia.

Mas a ideia do sr. Theophilo Braga foi mil vezes mais ousada. Admittindo que a poesia tem tido tres phases principaes, a poesia *grega*, a poesia *hebraica*, e a poesia *christã*, o poeta açoriano quiz-nos fazer palpar cada uma d'estas tres grandiosas manifestações. Quiz fazer vibrar successivamente as cordas da lyra de Anacreonte, as da harpa de Jeremias, e as do alaúde de Lamartine. Quiz sentar-se, coroado de rosas, no banquete pagão; quiz, escondido por traz dos hombros dos juizes trémulos de voluptuosidade, contemplar a lasciva attitude, as fórmas provocadoras, a esplendida formosura da impudica

Phryne; quiz ouvir, debaixo dos pampanos de Chio, as sublimes canções do velho cantor da *Iliada:* quiz provar o leite e o mel da hospitalidade antiga, e esquecido da actualidade, entoar tambem um canto em louvor dos deuses do Olympo. E logo depois, apenas tivesse vibrado a ultima nota do hymno mythologico, quiz revestir a tunica do propheta, empunhar a harpa das tristezas, debruçar-se sobre os rios de Babylonia, ou sentar-se, ao lado do Evangelista, no rochedo escalvado de Pathmos. E, sem repousar na sua peregrinação poetica, quiz percorer triste e solitario as ruinas dos mosteiros, aspirar a sublime melancholia do claustro abandonado; quiz evocar na imaginação as sombras dos ascetas, conhecer o mysterio dos seus extasis, a poesia das suas vigilias, e perguntar á brisa que geme na solidão dos corredores lageados, o segredo das visões de Savonarola e dos arrôbamentos de Thereza de Jesus! Quiz ser um, e ser trez. Quiz ser o lascivo cantor da Grecia, o austero propheta hebraico, o meigo poeta christão! Ideia mais arrojada não ha de certo, talento mais talhado para a realizar seria difficil encontral-o entre nós.

Está claro que o não conseguiu completamente; mas conseguiu-o em parte, e, dizendo isto, faço o elogio do poeta. Na *Bacchante,* principalmente, a primeira das tres partes de que o livro consta, foi felicissimo o sr. Theophilo Braga. E' perfeitamente um poeta grego, e será difficil impregnar-se melhor do tom d'aquella litteratura, conhecel-a tanto a fundo, e possuir-se tão perfeitamente do assumpto que tratou.

Ampíhnomo, o gentil cantor, que, nas meigas horas da noite, desferia na prôa da nave grega as doces canções, cuja melodia tinha por suave acompanhamento o marulhar das leves ondasinhas azues

do mar Egeo, é um typo perfeitamente hellenico, é uma d'aquellas graciosas physionomias de adolescente, de formosas e correctas feições, de longos cabellos ondeados, que tantas vezes nos apparecem nas pequeninas Odes de Anacreonte. Euryaio, o antiste, é uma nobre figura do ancião d'aquellas éras, tendo não sei que longes de similhança com a veneravel figura do pae da Cymodocêa, dos *Martyres,* tão perfeitamente traçada pelo immortal Chateaubriand.

Em todo aquelle delicioso poemeto respira se o ár puro da graciosa Hélade, da Hélade gentil, que o poeta evoca no principio com enthusiasmo que bem prova que as predilecções do escriptor pertencem todas a essa terra bem fadada, a essa deusa tão formosa que surge, como elle proprio o diz, risonha e deslumbrante

Do azul da vaga ionia.

Os episodios accumulam-se na *Bacchante,* e Theophilo Braga, tratando assumptos conhecidos. não teme competir com os maiores mestres da antiguidade. Assumptos mythologicos, que nas *Metamorphoses* de Ovidio estão tratados com a proficiencia, com a delicadeza, com o gosto do cantor sulmonense, trata-os de novo Theophilo Braga com o arrôjo, a que não succede a quéda vergonhosa que se devera esperar. O episodio de Semele, por exemplo, lê-se com gosto na *Bacchante,* mesmo depois de se admirarem os inimitaveis versos que Ovidio consagra a este assumpto.

As outras duas partes da *Visão dos Tempos*, denomina-se uma *Harpa de Israel*, a outra *Rosa mystica*. O poeta não desmaia de certo n'estas ultimas paginas do seu livro, mas o ousado emprehendedor

de uma tarefa sobrehumana vê-se obrigado a arrojar a carga de cima dos seus hombros, e a confessar-se finalmente vencido. A *Harpa de Israel*, tem assumptos biblicos, mas assumptos biblicos tratados por um poeta moderno. Antes assim, porque o lyrismo das poesias que a compõem, lucrou muito com a liberdade de movimentos do poeta, e de certo, se Theophilo Braga se restringisse á imitação dos modelos hebraicos, não encontraria o segredo da delicadissima ideia da poesia a que deu o titulo de *Stella Matutina*. Na poesia *Ave Stella!* escripta no estylo imaginoso do *Apocalypse*, sente-se, comtudo, o sôpro da inspiração moderna, e são ideias de um poeta da actualidade as que se envolvem no manto riquissimo da phantasia hebraica.

Já vêem, pois, os meus leitores, que Theophilo Braga é um vulto muito notavel, destinado a occupar um logar eminente entre os nossos escriptores, e, o que é talvez melhor ainda, um logar á parte. Hade-lhe comtudo custar a conquistar a popularidade, porque, como muito bem disse um escriptor que no *Seculo XIX*, jornal de Penafiel, analysou a *Visão dos Tempos*, falta-lhe publico. Portugal não é grande bastante para que cada poeta tenha um publico especial. E' necessario agradar a um só, cujo gosto e instrucção não estão constantemente á altura do genio de Theophilo Braga. Se a litteratura portugueza occupasse um logar determinado e fixo na litteratura européa, se as lucubrações dos nossos genios podessem ser apreciadas pelos estrangeiros, Theophilo Braga seria de certo, em o seu talento se aperfeiçoando mais, um dos que chamariam a attenção do publico illustrado da Europa.

Infelizmente as reputações portuguezas nascem e morrem n'este cantinho do occidente, e em quanto os mais insignificantes escriptores francezes fazem

o giro do mundo, as obras de Garrett, de Castilho e de Alexandre Herculano, nem são conhecidas fóra da sua patria!» [1]

*

* *

«O ideal do canto resume-se em tres nomes: Lamartine, Milton e Byron.

Lamartine, quer dizer o sentimento: o amor palpita-lhe nas azas da estrophe, e a ideia purificada scintilla deslumbrante, como a gôtta emperolada do orvalho a illuminar a esmeralda das folhas.

Milton, é o cantor da religião: a musa do christianismo derramou-lhe no coração os santos aljofares de sua aurora de purpura e o poeta do *Paraiso,* similhante áquelle monge da legenda hespanhola, ia ao céo implorar das estrellas os sonhos com que devia embriagar os homens.

Byron, o cantor do desespêro, o filho da duvida, ergueu-se na magestade tetrica do seu scepticismo assombroso e atira ao mundo as paginas tempestuosas de uma alma que pedia ao mar, á terra e á nuvem a luz dos seus destinos.

Em Lamartine o verso é limpido e suave, como a sombra meiga de *Graziella*· dir-se-hia um filete de cristal a serpear e a sumir-se entre as verduras de uma relva avelludada.

Em Milton o canto é grave como Deus, e a harmonia é a das estrellas a baloiçarem-se nas rêdes ethereas: parece que o sol se vae erguer alegre do seu leito de ouro, e que as flôres, docemente acariciadas já pelos raios, entreabrem a furto as pétalas, como se descerram os labios timidos da donzella.

Quem já viu a catadupa que se despenha da

---

[1] Pinheiro Chagas, *Ensaios criticos.* (1864.)

cima dentada dos alcantís, ou as nuvens prenhes a enredarem-se ennoveladas na fronte dos céos, póde imaginar a estrophe férvida do poeta de *Child-Harold*, onde a expressão confunde e assoberba o espirito, como se fôra um camartello que esmaga, uma onda que engole, ou um Vesuvio que anniquilla

A musa de Theophilo Braga reune á ardentia de Byron, a suavidade de Lamartine e o mysticismo angelico de Milton.

Determinar as evoluções mais caracteristicas da Poesia, para estudal-a tambem pela sua face ideal — tal é, diz elle, o pensamento da *Visão dos Tempos*.

A poesia é de todos os tempos, e em que pese á phrase fatidica de Pelletan, nem mesmo a rima passará de moda, porque é ella a corda mais poderosa da harmonia; como todas as artes, porém, sugeita-se a lyra á lei progressiva que avassalla o mundo.

Em as suas variadas manifestações a poesia incrustou-se na fórma núa e palpitante da voluptuosidade; na infinita, omnipotente e increada perfeição invisivel, e finalmente acordou expandindo de suas azas o pollen fecundo da immortalidade, do amor e da esperança.

É assim que Theophilo Braga se propoz a cantar no seu poema da *Bacchante* — a antiguidade de Homero; na *Stella Matutina* — a musa de Israel, e na *Rosa Mystica* — os suaves extasis do christianismo.

A poesia grega teve por ideal o *visivel;* a belleza palpitante em a magestade de sua nudez primitiva: a estatua saia das mãos creadoras do artista em todo o esplendor das fórmas luxuriantes, com que a natureza enriqueceu o poema do palpavel.

Melhor do que ninguem, os gregos comprehenderam que só pelas pómas rubras se equilibravam as nayades á orla das aguas, e a mulher ostentava-se em seus altares, com todas as galas da belleza nativa, deslumbrando e attrahindo os sentidos que se enleavam no dédalo de uma sensualidade grosseira.

Quizera eu transcrever aqui todo inteiro o poema da *Bacchante;* não n'o posso, contento-me, porém, em copiar um dos mais lindos trechos, para que o leitor se possa louvar nos elogios que ora escreve o mais obscuro admirador do genio de Theophilo Braga:

. . . . . .

O BANHO

O cysne, que deslisa n'agua pura
Do crystallino Eurotas, não vencera
Na graça e candidez Clytia, ali núa
Banhando-se risonha. Era a nascente
Tão limpida! e os languidos salgueiros
Davam á urna recatada sombra!
Doida, doida a brincar, vendo-se n'agua,
Namorando suas fórmas delicadas,
Que delirio de amor não inspirava!
As solitarias aves gorgeando,
As brisas segredando na folhagem,
E o sol por entre as nuvens do occidente,
Vinham tornar esta hora tão propicia...
Clytia alegre, dispersos os cabellos,
Lascivo o olhar, mimosa Galathêa,
Mais timida talvez que a loira nayade,
A doudejar na trépida corrente,
Mais occulta que a ondina do nevoeiro,
Não cuidava que a visse olhar travêsso.
Viu a o amante assim! morto de amores
Passou-lhe pela mente a voz do Oraculo;
Inquieto foge.
A deusa de Cythera

Da alva espuma do mar não sáe tão linda
Como a virgem do banho: os peitos brancos
Como as neves dos pincaros do Athos,
A coxa trémula, o macio pello,
E a pyra de cristal onde arde a chamma
Que incendeia sem vêr-se... a filha d'Hélade
Era um poema de amor! Na selva muda
Ouviu-se um canto lubrico e sentido:
A virgem toma o arco, a aljava, as settas,
Veloz parte; detem-se, escuta!
Um riso
Adejou-lhe nos labios purpurinos.
E ao conhecer a voz doce e maviosa,
Corre aos braços do amante!
Elle cantava:

Estava distrahida
No banho, á tarde, respirando aromas.
Ah, vi-te! Hora de vida,
Eu vi-te, n'esse instante
Pareciam suster-se n'agua as pómas
O corpo fluctuante.

Eu, d'entre o arvoredo, quasi occulto,
Temia que o desejo me trahisse,
Pois tu, cysne do lago,
Mostravas na doudice
De namorar as fórmas do teu vulto,
Anhelo ardente e vago!
E vi-te!... n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pómas
O corpo fluctuante.

Como eras linda! as cómas
Caindo em anneis, soltas,
Ondeavam-te nos hombros
A's quedas e ás voltas!
Mais bella n'esse instante,
Pareciam suster-te n'agua as pómas
O corpo fluctuante.

Irmãs gémeas da graça,
Unidas n'um amplexo,
Casal de pombas mansas,
Thronos de amor e da volupia a taça,
Tremendo, qual nas dansas

Se corres delirante,
Suscitavam desejos que não dómas!
E ainda n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pómas
O corpo fluctuante.

Que nitidez de inspiração! que ardencia de phrases! Que infinito de prazeres nos não acorda no espirito essa palavra arrebatada, desfalecida e sensual, que se abre a todos os encantos. como sorri aos toques avelludados do orvalho o calix a meio cerrado das flores!

A poesia hebraica, é, como mui elegantemente escreve o auctor da *Visão dos Tempos,* a potencia que falla e tudo se faz; manda e tudo se cria; que está no céo, no inferno e nos mares.

Os pintores gregos escondiam nas dobras do manto as contracções hirtas do desespêro e da dôr, para que a mais leve sombra não viesse desharmonisar a correcção da fórma: a arte grega, ainda no bêrço, não sabia abstraír.

A poesia hebraica, é o auctor quem falla, retratava a divindade na sua unidade abstracta e na sua altivez genetica, luctando com a difficuldade de determinar na fórma o absoluto.

A *Harpa de Israel* é modelada por esse typo symbolico, nada deixando a desejar quanto á correcção do metro e á realisação das ideias.

Influenciada pelo christianismo, continúa o poeta, a arte conseguiu determinar o absoluto pelo sentimento; espiritualisou a poesia, elevando-a da apotheose da plastica á contemplação esthetica do bello. Deu vida á estatuaria, tirando a immobilidade olympica, como a Grecia a concebêra; deu luz á pintura, sua filha predilecta, e para exprimir os sentimentos novos, que a lyra, o pincel e o escôpro não sabiam revelar, idealisou a musica.

Tal foi o pensamento do poeta na *Rosa Mystica*, e ninguem comprehendeu e traduziu ainda em mais harmonioso lyrismo a essencialidade singela e meiga da Musa christã.

O sepulchro illuminou-se com a auréola radiosa da immortalidade, e cada homem resignou-se a abandonar o fardo das suas chimeras ephemeras ante os porticos eburneos da eterna vida.

O cantico christão de Theophilo Braga resôa-nos ao ouvido repassado dos sonhos e da embriaguez moral de uma alma que paira no imperio das harmonias; e a estrophe tranquilla e funda, como que nos segreda o poema dos anjos.

O que, porém, mais seduz em o livro que me suscitou estas espontaneas admirações, é a simplicidade das imagens e da phrase, é esse fugir de todos os desvios e de todas as obscuridades, tão communs em a generalidade dos mestres da poesia.

Ainda mais: como nos arrebata em toda a obra a variedade dos matizes, o cambiante das harmonias que, ora illuminam-se e depuram-se como notas de cristal, ora espriguiçam-se indolentes, como a deusa dos serralhos erguendo a custo as nuvens que lhe velam os thesouros esplendidos da belleza, para arrojar-se de um salto na agua mole e perfumada! E tudo a confundir-se nos sons aéreos, indefinidos e vagos de uma orchestra de suspiros, onde o ouvido attento parece escutar os anjos a saudarem as estrellas, e as estrellas a perderem-se mysteriosamente no espaço immenso de suas eternas divagações.» [1]

---

[1] Belfort Duarte, *Correio Paulistano*, de 1864.

*

«Apesar do prosaismo com que alguns revestem a nossa época, apesar do indifferentismo com que alguns envolvidos no fumo das locomotivas, nas transacções egoisticas que deprimim as aspirações do sublime, a poesia com as suas azas brancas eil a espargindo os seus doces carmes, desprendendo as suas mimosas perolas.

A galeria dos poetas que contamos, cada anno nos vem deixar dois ou tres nomes distinctos. Cada anno, no céo da nossa litteratura apparecem astros novos. E ainda não ha talvez um mez que de Coimbra nos vieram dois livros, que nos revelam dois talentos esperançosos... e já hoje nos chega do Porto um outro livro que pela nitidez com que está impresso nos elevam os olhos, prendendo-nos o espirito ao lêr logo as primeiras paginas, não se podendo fechal-o senão depois de se lêr todo, e que ao levantar-se a gente no outro dia, vae logo pegar outra vez no livro para tornar a lêr uma outra estrophe, um outro verso cuja harmonia nos ficou a eccoar no coração. O livro intitula-se *Visão dos Tempos,* e o seu auctor é o môço Theophilo Braga. Divide-se em tres partee: 1.ª Antiguidade Homerica, 2.ª Harpa de Israel, 3.ª Rosa Mystica. Não é um livro de versos simplesmente talhado por esses moldes que já vão estando gastos, de que o infeliz Van-Deiterz ia reconstruindo as bases talvez de uma nova época para a poesia. A *Visão dos Tempos* é um livro onde a par das bellezas e de um talento em todo o seu vigor, se nota estudo profundo e sériamente meditativo.

A primeira parte do livro é a *Bacchante*, poema em quatro cantos, quasi todos em metro alexandrino.

A voluptuosidade dos tempos homericos é alli

descripta com penna de mestre. Os caracteres, as descripções, as imagens são traçadas com as mais brilhantes côres, e o estylo o mais correcto e ameno.

Véja a leitora no canto segundo, quando o velho Euryalo, antiste do templo de Delos, vem ao encontro de Amphinomo, como elle o convida a vir descançar:

«Oh! forasteiro.
Em terra extranha, á mingoa, andas errante:
Vem enchugar teus humidos cabellos,
Pendurar tua cnémide alagada
Nos troncos da floresta rumorosa,
Que defende o vestibulo do templo.
Vem reclinar-te ao sol, que vem saindo,
Tomar calor nos membros regelados,
E frugal refeição! Eia, partamos;
Oh, vem! traz a alegria ao nosso alvergue.

Depois, no capitulo XVI, quando á mesa da refeição o velho sacerdote dando-lhe a taça, lhe diz:

«A taça é largo oceano côr de rosa,
Onde o naufragio é doce! Desgraçado
O joven que em seus labios purpurinos
De Nictileu os osculos despresa,
Que assim despresa o extasi d'um trago!
Do ruidoso festim ledos convivas
De seu gremio o repelem; gloria alcança
Quem, firme, em punho o cópo, desafia
O Deus que anda enfeitado de corymbos.
Só para elle a festa guarda encantos;
Voz sincera, expasiva acode, exprime
Sentimento de amor, verdade, tudo.
Bebe pois, oh, poeta! Na tua alma
Acorda o enthusiasmo tumultuante,
N'uma mão ergue a taça, n'outra a lyra!

E como é vaporoso e bello o canto que á hora da sésta solta Amphinomo, recordando a amante que viu no banho:

«Estavas distraida
No banho á tarde, respirando aromas!
Ah, vi-te! hora de vida,
Eu vi-te n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pomas
O corpo fluctuante.

E quando no templo, Amphinomo, junto de Clytia pegando na lyra assim se prostra aos pés da amante:

Amo-te muito! Encantam-me
Teus nitidos contôrnos,
Despida dos adornos
Realças o ideal!
Da Grecia és deusa, és symbolo,
És a ficção do artista;
Diana assim foi vista
No lago de cristal...

Na descripção da hospitalidade antiga, quando Mercurio subindo uma ingreme collina, encontrando o velho Philemon carregado, o deus lhe diz:

..... quando eu para ti olho,
Bem penso que o viver te peza mais que o mólho,
Que assim te faz vergar e quasi ao chão te inclina.

Como o velho lhe responde, cheio de alegria:

A vida é boa; é lei que sobre todos peza
O trabalhar; que importa a agrura da pobresa!
Lidei; no meu casal repouso encontro agora;
Depois, revivo, acordo á luz da alegre aurora.

Vou vêr o meu pomar, que fructifica o orvalho,
E a troco de suor, meu improbo trabalho
Em ouro se converte, e a farta novidade
Innunda o nosso lar de tal felicidade...

Á *Bacchante* segue-se a *Stella Matutina*, poema biblico, onde a primeira lagrima caída pelas faces

de Eva vae aos degráos do throno de Jehovah que depois a converte em estrella d'alva:

> ..... annunciando o Verbo
> A's gerações futuras!

Segue-se depois *Ave, Stella!* poema apocalyptico, e a *Rosa Mystica*, *Savonarola* ou o *Extasis do Propheta*.

Se eu quizesse transportar para aqui todas as bellezas que tem o livro, teria que o transcrever todo, o que decerto não gostaria muito o editor.

A *Visão dos Tempos* do sr. Braga é um livro que todo aquelle que ama a boa litteratura, que ama e presa as nosssas glorias deve possuir. A elegancia do estylo, a correcção da phrase, a naturalidade da metrificação, as galas de que são revestidas as descripções e o profundo estudo que revela este livro, dão ao sr. Braga um logar distincto na nossa litteratura.

Do obreiro humilde receba o poeta estas poucas linhas que ahi vão, como testemunho de admiração.» [1]

* * *

«Que esplendida, que opulenta primavera não é a d'este poeta! Que delirio de seiva não ferve dentro d'aquella arvore de benção, que desata a um tempo em fructo e em flôr, fructo de carnuda polpa, flôr de colorida pétala! que exuberancia de vida, e de imaginação, e de erudição! que desabrolhar de poesia! que esplendor de aurora!

---

[1] Costa Goodolphim, na *Voz do Alemtejo*, n.º 342 (15-v-1864).

Como n'aquellas magnificas florestas da America do Sul, em que regurgita a seiva fecundada pelo sol, trasbordando e brotando em ramaria intrincada, em vergonteas que se enlaçam n'uma verdadeira loucura de vegetação, assim no espirito juvenil do senhor Theophilo Braga se atropella uma grande cópia de idéas adquiridas, que, fecundadas pelo sol da imaginação do poeta, dão em resultado esses livros admiraveis, taes como a *Visão dos Tempos* e as *Tempestades Sonoras,* em que o poeta, arrastado por esse feliz defeito da opulencia — a prodigalidade, arroja a flux pérolas e pérolas, que poderiam e deveriam formar talvez corôas mais artisticamente entrançadas.

Ali ha um vulcão de poesia em constante actividade; irrompem a cada passo d'aquelle espirito torrentes de lava, que elle não poderia reprezar talvez, ainda que o quizesse. Possue-se d'elle não sei que louco frenesi de inspiração, os dedos correm impacientes todas as cordas da lyra da Humanidade; hoje é poeta grego, ámanhã biblico, depois christão, no outro dia romano, e a final indiatico. Novo doutor Fausto, viaja pelo mundo no manto de Mephistopheles. Theophilo Braga escreve para si, não escreve para o publico; tanto melhor para o publico se o ouve em certos assumptos, tanto peior se ouve n'outros.

Theophilo Braga tem um não sei que de sibylla; falla emquanto a inspiração o tem prezo nas suas garras de fogo, cala-se quando a inspiração affrouxa. Isso vê-se principalmente nos seus artigos em prosa. Todos elles são antes fragmentos, do que verdadeiramente artigos. Theophilo Braga está pensando, de repente e, por acaso, pensa em voz alta. Esse trecho, que elle pensou em voz alta, é o artigo que apparece continuado depois no seu espirito. D'essa

continuação não tem conhecimento o publico. Isto em prosa é decerto um defeito, em verso desculpa-se mais. O vago, dentro de certos limites, não faz mal á poesia, como que a envolve n'um mysterio augusto.

No novo livro que publicou, e que se intitula *Tempestades Sonoras,* segunda série da *Visão dos Tempos*, encontra-se já um pouco mais o artista. *As Ceias de Nero* formam, mesmo consideradas debaixo d'esse ponto de vista, um bellissimo poema.

As Ceias de Nero! Ahi temos nós a pérola do livro. Que profusão de lyrismo! Como o poeta se compenetrou bem do espirito da epoca! como estudou Petronio, o cortezão devasso e satirico, esse elegante Rabelais de uma epoca, em que o ridiculo é côr de sangue, e em que o látego, que o fustiga, toma por isso não sei que lugubre reflexo!

Parece-me que o snr. Theophilo Braga de nenhum genero de poesia se impregnou tão bem como da poesia grega. Já a *Bacchante* o demonstrára. Veiu confirmal-o o poemeto d'*As Ceias de Nero!* A poesia romana não é senão um reflexo da poesia grega, e Petronio, ao rasgar as veias, entôa um verdadeiro cantico de Anacreonte.

As Ceias de Nero! que admiravel, e que bem aproveitado assumpto! Que soberbo contraste o dos dois festins, o festim eucharistico do Agape christão, e o festim dissoluto do palacio dos Cesares!

Sim, é esse, devia de ser esse um dos banquetes, que inspiraram a Petronio o sublime e pungente quadro do *Festim de Trimalcião.* Devia de ser essa a agonia de Roma. Entre o vinho espumoso, as mulheres pallidas de lascivia, as rosas desfolhadas, os manjares requintados, sente Nero o cançasso, a fadiga! Imperador! o mundo todo o sente! o mundo

pagão, adorador de um culto, que perdeu já a mystica poesia do primitivo symbolismo, e que passou a ser apenas a glorificação dos deleites materiaes. recosta se junto dos altares dos seus deuses, sente na alma um vazio horrendo; a lingua que lhe serviu outr'ora para traduzir, imperfeitamente sim, a aspiração do seu espirito para Deus, perdeu toda a significação. O vago reflexo de ideal que lhe doirava as crenças, sumiu se, e os idolos vãos, a que sacrifica, prégam todos, com o exemplo, a satisfação infrene dos appetites materiaes. Mas a natureza humana protesta, de vez em quando, contra a bestialisação forçada a que a querem reduzir, uns procuram, como tu, inventar novos prazeres, novas orgias, cujos clamores abafem a voz do coração. Outros, prestam o ouvido aos sectarios da nova crença. e vão augmentar as fileiras d'aquelles, que dão á humanidade os thesouros do seu espirito, e que entregam com indifferença ás feras esse corpo vil, que tu, imperador, adoras em ti, e que n'elles não é mais do que o ninho ephemero em terra estrangeira da alma, essa andorinha que espera anciosa a primavera do céo.

Nero, imagem e flagello da Roma pagã, recosta-se cheio de tedio á mesa do banquete. Nada mais póde inventar para erguer esse pezo enorme de aborrecimento que o esmaga! Nada mais? enganome. Uns frouxos clarões começam a allumiar a um tempo os quatro cantos da cidade, depois vão estendendo a pouco e pouco os seus braços de fogo, afinal, soltando um rugido, apertam a si os edificios ingentes da Cidade eterna, e envolvem o Forum n'um manto de chammas. E Nero, que vê, sorrindo-se, o marmore das torres e das estatuas tingir-se de reflexos escarlates, brada: —Faço-te de novo rainha, oh Roma. Eis a tua purpura.—

Sigâmos n'este ponto a magnifica descripção do sr. Theophilo Braga:

Pelas sombras
De procellosa noite luz brilhante
A vista absorta céga. As labarêdas
Já, famintas no ár rubras, fluctuam;
Era o incendio de Roma! A chamma indomita
Lambe por toda a parte; o estrago vôa,
Baqueam altas fabricas, por terra
Ruem torres enormes. O alarido
Da consternada plebe se mistura
Ao crepitar do fogo que a circumda!
As chammas vão do Cœlio ao Palatino,
Como farpadas linguas de serpentes.
A flamma brilha d'entre o espêsso fumo,
E coruscante lavra, e se derrama
Madeixa loira e solta sobre o corpo
Da Meretriz das Gentes. Brada insano
No ergástulo profundo o escravo, as grades
Vergam-lhe sob os dedos, na ancia extrema!
No tumulto se esmagam, se atropellam!
Os monumentos inclytos desabam,
Cobrindo a multidão que tripudía.

N'este poemento ha uma vehemencia de lyrismo, um tão prefeito tom da éra, que nos espanta. Desde o aposento de Celia até á arêna do Circo, Theophilo Braga nem um instante só sente affrouxar-lhe a imaginação.

Não desmentiria talvez Ovidio a descripção do aposento da dama romana, e da sua voluptuosa *toilette*. Intercalaria ufano Chateaubriand nos seus *Martyres* o canto, que se intitula *Horas do Ágape*, e Eudoro não desdenharia contar a Cymodocéa, depois dos seus combates contra os armoricanos, os combates do heróe de Theophilo Braga contra os lusitanos do monte Herminio. É esse effectivamente um dos mais bellos episodios do poemeto:

Ao outro dia, á luz do sol que nasce,
Caindo a jórros do alcantil dos montes,
Achei por terra as legiões romanas
Sobre as cruentas fargas. No destrôço
Fiquei tambem, perdido, extenuado.
Senti a raiva, o opprobrio da ruina!
Ao vir da noite negra, a todo o custo
Ergui-me ás roucas vozes dos abutres
Pairando sobre as cryptas escalvadas
Dos fraguedos do Herminio...

O Festim de Trimalcião produz no leitor o effeito do episodio do livro de Petronio, que dá o nome ao canto de Theophilo Braga, misturado com a impressão vuluptuosa de algumas das elegias delirantes dos *Amores* de Ovidio. É aquella verdadeiramente a Roma agonisante. Como Petronio, o devasso historiador da devassidão, tambem Roma tem as veias rasgadas, e esmorece no seio da volupia, empunhando egualmente a taça de phalerno.

Deixando-se arrastar pela sua erudição, continúa o sr. Theophilo Braga a evocar todas as litteraturas. Mostra conhecel-as a fundo; mas, por Deus, o sr. Theophilo Braga é pagão devéras, tão pagão como o seu homonymo Theophilo Gauthier. É um adorador da fórma! um discipulo de Ovidio e de Anacreonte! É pagão convicto e relapso! O mysticismo israelita, o ascetismo indiano não lhe agradam muito. *Sémida* e a *Perola de Ophir* são duas glorias para o artista, mas a ideia religiosa, tudo em Israel, tudo tambem na India, apenas se entre-mostra n'essa pastoral e n'esse drama. Maghavan não é nem parente do rei de *Vicrama* e *Ourvasi*, e em vão procuro a idéa pantheistica nas scenas do drama indiatico. Theophilo Braga, no seu prologo, mostra perceber perfeitamente a poesia do Ganges, a intima ligação da natureza com todos os actos da vida, esse pantheismo tão differente do pantheismo grego, que,

em vez de personalisar os objectos inanimados, como o fazia a poesia hellenica, os conserva taes quaes são, e nem por isso deixa de lhes dar voz e alma. Essa tendencia, que, cousa notavel! tornamos a encontrar na poesia moderna, e que se torna até muito sensivel nas *Contemplações* de Victor Hugo, revela-se esplendidamente no episodio do nascimento do Ganges, no grande poema do *Ramayana*.

Mas se Theophilo Braga concebeu bem essa ideia, foi mais infeliz na execução. Maghavan pensa antes nas delicias do amor carnal do que nas ethereas *réveries* do amor indiano. Vamadheva, typo que, pela ingenuidade, se aproxima sim da Sacuntala do drama indico, esquece-se depressa, pensando no seu esposo, da natureza sua irmã. Não ha, na *Perola de Ophir*, cousa que se assemelhe áquellas palavras de Sacuntala:

«Oh meu pae! deixae-me fallar ainda a essa flor do madhavi, a quem eu chamava minha irmã, e cujas purpureas moitas brilham como uma chamma nos bosques.»

Virupa não tem a minima feição dos ascetas brahmanicos. As aguas do Douro não são as aguas do Tomosa, e Brahma, que visitava Valmiki na sua cabana de folhas, não está disposto a fazer uma longa viagem para vir ao Porto visitar o snr. Theophilo Braga.

Mas isto em nada diminue o elevado merecimento da *Pérola de Ophir*.

Com os vastos recursos de talento e de erudição, que o snr. Theophilo Braga possue, parece-me que escusava de desfolhar a sua corôa lyrica ás brisas de todas as poesias, e que podia dar mais unidade á sua obra.» [1]

[1] Pinheiro Chagas, *Ensaios criticos*.

*

* *

«*Tempestades Sonoras*. E' o titulo do novo livro de poesias, que acaba de publicar o snr. Theophilo Braga, a quem a *Visão dos Tempos* collocou entre os nossos poetas mais originaes e mais esperançosos para o futuro das lettras patrias.

A indole do livro é ainda a da *Visão dos Tempos*. Apartando-se do lyrismo vulgar, exclusivamente inspirado pelo sentir e o crêr da actualidade, o escriptor põe ao serviço de uma philosophia generalisadora a sua lingua poetica e os seus dotes artisticos; foge á poesia individual e egoista, que parece haver produzido os seus melhores fructos, e pede á Historia da civilisação universal as suas grandes recordações litterarias, baseando ahi, como em alicerde seguro, todo o edificio das suas concepções.

Na *Visão dos Tempos* vimol-o andar vagabundo pela Antiguidade homerica, reproduzindo em cantos de brilhante colorido e deliciosa frescura as harmonias da musa grega; ouvimol-o desferir na harpa de Israel os mais melodiosos accentos, e depois assistimos á sua entrada no sanctuario christão, onde foi aprender os segredos de uma poesia mysteriosa e profunda.

Nas *Tempestades Sonoras*, obedecendo á mesma inspiração philosophica e metrificando a parte sentimental das suas inquirições criticas não só sobre a poesia grega, hebraica e christã, mas tambem sobre Roma, Persia, India e em geral sobre o genio do Oriente, o auctor apresenta um livro, que vem servir de continuação á *Visão dos Tempos* e forma naturalmente a sua segunda série.

O primeiro poema das *Tempestades*, que é sem duvida o mais importante da obra, tem o titulo de

Ceias de Nero, e é um bello estudo do poeta sobre a Roma imperial e a sua arte licenciosa.

> Eil-a; a escrava dos Cesares! vaidosa
> Sobre sette collinas se espriguiça,
> Poisando o duro sceptro ensanguentado
> Na cerviz das nações. N'um féro abraço,
> Prostituta, ella o Orbe a si estreita,
> E delira, no estrepito da festa,
> Com que a funda agonia esconder pensa.

Sendo a decadencia do imperio romano ideia associada á diffusão do christianismo, e sendo a corrupção dos costumes velhos e a pureza das crenças novas a antithese mais assombrosa que póde offerecer a historia do mundo, nas *Ceias de Nero* cantam-se a par do *Festim de Trimalcião* as *Horas do Agape;* em face de Nero, Tigellino e Petronio, apparece o Antistite venerando das Catacumbas, o neophyto Licinio, a quem a agua do baptismo renova a velha seiva romana, e emfim Eurydêa, a immaculada martyr, que floresce como um lyrio entre cadaveres pôdres. Celia, a libidinosa e torpe romana, despresada por Licinio, cobiçada por Nero e vingativa como Juno, dá com os seus ciumes o desfecho ao poema, que começa na rua de Suburra e acaba no meio do Circo.

As *Ceias de Nero* resentem-se necessariamente do seu assumpto, e *a priori* se podia concluir que o cantor do festim de Trimalcião, de Celia e Nero não podia sustentar-se perpetuamente com a tunica descaida. Ha porém sempre um perfume de discreto e melindroso recato a embalsamar as paginas mais delicadas, e a quem se der por offendido convidamos a ir lêr as prosas de Petronio e Suetonio, e os versos de Ovidio, Marcial e Juvenal.

Das lendas, onde na austeridade das fórmas e

pureza dos sentimentos reverbera o espirito christão, a *Parabola,* que o Bispo recita á meza do Agape tem evidentemente o cunho da Edade-Média baixa, e a alguem ouvimos já censurar o poeta por introduzir nas catacumbas de Roma uma narrativa de data relativamente moderna. É um agradavel anachronismo, que a nosso vêr se deve excusar, porque o respeito da exacção historica não é sem duvida rigor para o poeta, e eu não sei em que bocca ficaria melhor a relação d'essa perfumada narrativa do que na do primitivo prelado christão.

O que sobretudo distingue a execução do nosso poeta é o mimoso e reluzente colorido, que sabe dar aos seus poemas. A versificação está muito longe de ser perfeita e póde até mesmo dizer-se má; porém é esse um sacrificio que faz o artista á sua ardente inspiração e é de esperar que a experiencia acabe de persuadil-o de que a regularidade da fórma entra por muito na immortalidade das grandes obras litterarias. Amirador legitimo da *Divina Comedia*, talvez fosse aí que o author aprendeu tambem a dar ás suas melhores tiradas um laconismo fugitivo; e deprehende-se á mais ligeira leitura que a sua musa debaixo de um manto severo esconde as azas, sempre dispostas a imitarem as da borboleta. Verêmos se mais tarde irá aggregar se á familia dos grandes poetas, que, mais felizes do que o Dante, tinham a servir-se de uma lingua feita e podiam dar ás suas concepções um desenvolvimento e uma fixidade esplendida.

Na Pastoral biblica de *Sémida* não parecem adequadas á bocca de Jesus as poucas palavras que o auctor o faz proferir, e em geral não achamos todo esse poema bem penetrado do espirito hebraico, conforme estamos acostumados a reconhecel-o na prosa latina. E para rematarmos o cumprimento do

nosso dever, diremos que no drama *A Perola de Ophir* não apparece em relêvo, e com o relêvo necessario, o caracter a todos os respeitos grandioso da poesia asiatica. Em regra pode asseverar-se que, quanto á indole e á natureza verdadeiramente plastica, os seus poemas não resistem a um escalpello inflexivel. Nas *Ceias de Nero,* onde o triumpho d'essa ordem era mais accessivel ao auctor, é para lastimar que elle não se valesse bastante dos seus recursos de erudição, indo banhar-se na fonte de aguas vivas, isto é, nos proprios livros latinos e dando-nos um espectaculo novo em Portugal: um poeta essencialmente moderno luctando face a face com o genio da poesia latina, como Jacob com o Anjo.

Com tudo isto, não ficam as *Tempestades Sonoras* abaixo do nivel da *Visão dos Tempos.* A imaginação alada e vivaz, a sensibilidade melindrosa, o tacto das côres mimosas e purpureas, que inspirou o outro livro de poesias, aqui reapparece e fulgura. Theophilo Braga, apesar da direcção dos seus dous primeiros livros publicados n'este paiz, é primeiro que tudo um poeta lyrico. Os seus estudos de philosophia podem chamal-o para o campo das abstracções, a historia da civilisação e das litteraturas passadas podem absorver as suas horas de trabalho, — mas quem não vê que o seu genio lucta e bate as azas debaixo do pezo d'essas graves meditações, preferindo á historia, á critica, á philosophia o vôo audacioso e liberrimo pelos espaços indefinidos da poesia lyrica? Se a nossa voz pode ter uma influencia minima, o poeta d'ora-avante porá acima de tudo a contemplação directa dos monumentos, completando a obra das suas ricas e productivas faculdades com a obra do trabalho verdadeiramente fecundo. Então o poeta brilhante, o artista robusto, o escriptor mimoso e delicado, o talento vivo e opu-

lento da *Visão dos Tempos* e das *Tespestades Sonoras* terá a satisfação de vêr realisadas as suas especulações no campo da esthetica e da philosophia litteraria.» [1]

Camillo Castello Branco publicou uma série de folhetins no *Jornal do Commercio*, colligidos depois nos *Esboços de Apreciações litterarias*, sobre estas duas primeiras séries da Epopêa humana. Merecem archivar-se como documento de historia litteraria:

I

«O snr. Theophilo Braga tem vinte e dois annos. Já publicou tres volumes, e tem outro no prélo, afóra artigos de variado assumpto e poemetos em diversas publicações periodicas.

Antes de conhecer os livros, li escriptos do snr. Theophilo Braga ácerca da Mystica de fr. Thomé de Jesus e do fundador da Arrabida, fr. Antonio das Chagas. Como o periodico em que li isto era de Coimbra, e de rapazes, admirei a especie abstruza que o academico escolhera para estreia. Um rapaz da peninsula a escrever como allemão velho, afigurou-se-me phenomeno agoureiro de algum caturra litterario. Maior se fez o espanto, quando vi a pennugem do bigode a despontar, e o semblante do snr. Braga a revêr candura feminil.

De algumas praticas agradaveis que tivemos tirei a limpo de toda a duvida, que o snr. Theophilo

---

[1] Leonel de Sampaio, (Vicente de Faria.) no *Commercio do Porto*.

Braga não era bem d'este paiz, nem d'este tempo. Vastissima capacidade fertilisada com a sementeira dos espiritualistas illuminados das regiões septemtrionaes, o môço academico, ainda assim, quando se entregou de toda a alma aos estudos nevoentos e um tanto glaciaes do norte, resalvou para si e para os seus poemas o ardor, a vehemencia, o enthusiasmo que individualisam os engenhos, n'este recanto do occidente, onde o céo é azul, e o sol aquece, e as noites estrelladas tiram pela alma a enlêvos e doces desvarios.

Desde já o digo: a indole litteraria do snr. Theophilo Braga não alcanço idoneamente especifical a, porque é novidade entre nós. A nossa eschola de poetas tem sido uniforme: os bem-sorteados das musas, das fadas, dos amores inspirativos, da natureza dadivosa, os poetas, emfim, por graça de Deus ou por graça do estudo da metrificação e dos bons modêlos, parece que todos saíram do mesmo cenaculo, cantando de si e das mulheres que amaram, colhendo rosas dos seus jardins orientaes, e juncando de pétalas a passagem dos caminheiros. Alegres ou tristes, repartiam o tempo entre a lyra de Anacreonte, e a harpa do Rei penitente, revezando-se entre o peccado e o arrependimento, facto que, a meu vêr, nos habilita a piamente conjecturar que os nossos poetas falecidos se salvaram pela contricção, e os poetas vivos, com raras excepções, podem contar com a bemaventurança. O infortunio, condão do talento, quem o indemnisará, senão fôr Deus, o senhor d'esses milhões de estrellas? As estrellas de que servem, ou que podem ser, senão são eternas habitações de poetas, *cottages* de luz electrica dispersos no infinito dos áres? Quantas vezes eu imagino que os raios são projectis que arremessam sobre os poetas sandios d'este mundo os

predestinados que já moram nas regiões beatas, e n'este globo escuro que se chamaram Ovidio, Camões, Dante, Milton, Shakespeare, e Corneille? A indemnisação aos poetas infelizes e condição provavel da justiça divina, e infelizes denomino eu aquelles que desbarataram tempo, alma, chimeras amparadoras, e esperanças reanimadoras, tudo, em continuado anceio de uma vaga felicidade.

O snr. Theophilo Braga fugiu d'esta pleiade de visionarios, e fugiu na edade em que todo o poeta se despenha, vestido e calçado, no orco das paixões. Aos quinze annos esteve elle debruçado no cairel do abysmo commum. O amor deu-lhe um osculo de fogo na fronte, accendeu-lhe o coração, e o poeta gemeu precocemente as suas dôres n'um livro de lyricas intitulado *Folhas Verdes*. O novel cantor abre o seu livro com a apostrophe ao anjo da Poesia, ao qual pede as alegrias do coração:

Transpondo abysmos, lá por horas mortas,
A' voz d'esta alma que no mundo anceia,
Traz'-me p'ra vida mysterioso anjo,
A flor tão meiga com que o amor se enleia.

A flor desabotôou cedo, e murchou-se logo. Poucos annos depois o snr. Theophilo Braga já não deixa entrevêr a minima individualidade nos seus poemas. O amor, no seu espirito pueril, havia sido um parcissimo tributo á natureza. Penou uma primavera; viu amarellecerem as suas grinaldas d'este anno; chorou-as; e levantou-se do seu abatimento. quando o anjo da poesia lhe apontou mais remontados plainos onde librar se com elle.

Eu não admiro levemente as poesias do livro chamado *Folhas Verdes*. É causa d'isto a edade do auctor então, e a minha edade agora. Avalic-as

como sentimento, e acho-as falsas: é isto, nem póde deixar de ser, defeito meu, perda da segunda vista com que estas cousas são dignamente e acertadamente examinadas e definidas. Avalio-as como linguagem, e acho-as desprimorosas. Examino-as como objecto de medida, e acho-as em divorcio com as pautas legisladas pelos mestres, aos quaes ninguem desobedece, sem ferir o ouvido ao leitor. Estou com os revolucionarios da poesia moderna, em quanto elles gritam contra a dictadura de Aristoteles e Despréaux; mas, em mechanismo de metrificação, é necessario respeitar o proprio Candido Lusitano, de indigesta memoria. A melhor das poesias das *Folhas Verdes* não póde desdenhar estes reparos.

Acintemente sobrestive n'esta passagem para fazer mais sensivel o prodigioso progresso do snr. Theophilo Braga; que, a não ser isto, fôra grande desserviço lembrar as primicias do engenho do poeta; e elle mesmo olhou pouco menos de nada ao lustre de sua gloria consentindo que se vendessem e divulgassem, agora, os restantes volumes das *Folhas Verdes*.

Porém, que profundo e complicado lavor se operou no espirito do snr. Braga, ao correr de cinco annos?

Que horisontes se lhe desdobraram! De que pontos culminantes da região ideal os olhos da aguia, esvoaçada do baixo terreno do lyrismo vulgar, aprofundou do alto a vista penetrante aos grandes cyclos da intelligencia humana, ás litteraturas esculpturaes, aos poetas heroicos, aos factos titanicos da vida espiritual da Humanidade! É para assombro esta rapida adolescencia, esta validez e contenção de espirito, que veste de roupagens tangiveis todas as abstracções, incorpora todo o vago espiritual, ata com subtil engenho as correla-

ções das cousas immateriaes, e tenta com sublime desvairamento abrir em marmore o que apenas se concebia ou mal se deixava apprehender nas concepções puramente intellectivas!

Quem anteviu nas *Folhas Verdes* o poeta da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades Sonoras*?

Os dous livros, que nomeei agora, têm já sido competentemente avaliados. Convergem ao mesmo juizo os pareceres, que merecem nota, e são premio e incitamento ao sr. Theophilo Braga. O agrado publico manifestou-se na extraordinaria voga de livros de auctor, escassamente conhecido, em terra onde o tirocinio dos não somenos orça por annos laboriosos. O Brasil correspondeu e ultrapassou a minha esperança. Já por duas vezes lá se imprimiu a *Visão dos Tempos*, consumidos os volumes que foram de Portugal. A desleixada e descuriosa Lisboa, avisada pelo seu brilhante folhetinista Pinheiro Chagas, leu o maior numero da edição da Viuva Moré. Este facto irmanado a outro que signalou o relevante merecimento do *D. Jaime* testificam, ainda bem, a pressa que se dá o espirito litterario de portuguezes em apremir os escriptores benemeritos. Desprendido ainda dos louvores da critica, o exito dos livros do sr. Braga é a maxima caução de sua valia.

Em cousas de letras, na nossa terra, — com licença dos praguentos — não ha compadrios nem sympathias. O livro, que se lê, a edição que se repete, mas que não haja gananciado a bem querença dos criticos, tem inquestionavelmente excellencia: julgou-a o senso publico.

Mas eu, da consciencia o digo, não estava predisposto a conceituar tão altamente o senso publico. Como quer que eu acabasse de lêr a *Idéa do livro*, anteposta aos poemas da *Visão dos Tempos*, per-

suadi-me que a poesia não seria lida por amor, ou direi melhor, por desamor da prosa. O sr. Braga historía as modalidades da poesia, desde as suas primeiras balbuciações, e remata o prefacio, determinando as fórmas da poesia futura, conjecturadas das intenções da arte moderna. O que é descriptivo n'este estudo é o elenco, algum tanto desatado, do que se lê extensamente em Vico, em Hegel, em Michelet, em multiplicados authores que o sr. Braga modestamente cita como auxiliares do seu thema; mas nem tudo se deve attribuir a influxo extranho. As engenhosas e logicas inferencias, que se destramam da linguagem, a relanços enredada, são prova de grandissima connexão de idêas, de muito estudo, de intelligente applicação das generalidades da poesia ao intento explicativo da indole da *Visão dos Tempos*.

Bem: é magnifico e desusado este trabalho em prosa; mas quem me dá tres leitores, que o levem a cabo, em cada cento? Isto perguntava eu, e á resposta sahiu consoladora para o poeta e para mim. Foram geralmente lidas e apreciadas as paginas duvidosas da bellissima estreia do sr. Theophilo Braga.

De fóra parte a idêa do prefacio que me pareceu sublime, eu aventuro-me a observar ao esclarecido escriptor que a sua prosa é menos esmerada e polida do que seria, se elle attentasse mais á fórma, sem com isso deslapidar o pensamento. E' certo que ainda se está formando o nosso vocabulario esthetico, sciencia nova em livrarias portuguezas. Os entendidos n'isto cogitam em linguagem extranha, e descuram de aclimar as idéas, dando-lhes ár e geito lusitanos. Se o fizerem, se o sr. Theophilo Braga o quizer fazer, verá que o idioma portuguez se molda e frisa a tudo que está na área do espi-

rito. A linguagem portugueza é filha da mais rica e inventiva; e, se regeitou as composturas, aliás nativas, que lhe offereceu Francisco Manoel do Nascimento, é que se dispensava d'ellas e as depara de sobra a quem as busca nos opulentos celeiros dos Lucenas, e Sousas, e Castilhos. O sr. Braga dá pouco tento á melodia da prosa; articula descuidadosamente os membros de alguns periodos; deixa de remediar o que estava em mudança de vozes, e translações facilimas. Isto argue que as idéas o divertem e desattentam da parte não menos nobre do seu escripto. E' descuido. Os lavores engenhosos do engaste de prata em que se embutem e enfloram os brilhantes, bem que a prata valha comparadamente pouquissimo, dão realce e luzimento ás pedras de estremado quilate.

Entremos na poesia.

II

A *Bacchante* é a feição esplendida da poesia hellenica. O snr. Braga havia dito no prefacio: «A voluptuosidade na poesia antiga é a verdade; é o retrato da natureza virgem a mostrar-se núa em sua candura. A arte, para assim dizer, criança, balbuciando apenas, não sabia abstrahir. Conta o que vê e admira, o palpavel, o real... Na Grecia a belleza do corpo é o caracter principal do heroe... A sensualidade caracterisa a poesia grega, o ideal é o visivel...»

A demonstração é a *Bacchante*. Corre emburilhada a urdidura do poema; no emtanto, os versos rescendem perfumes; requebram-se, apaixonam-se, e suspiram em amorosa vertigem. Os personagens parecem desenhados das phantasmagorias orphicas,

e dos heroes do cego de Smyrna, quando os cinge a magestosa auréola dos patriarchas. Conversam de guerras e naufragios no tom clamoroso e retumbante dos rhapsodos. Os doidos do amor e da volupia sorriem graças e deleites das mais lubricas lyras de Corynthe. Os epithetos repetem-se como nos poemas gregos. Não obstante, a placida maviosidade do canto é premeiada de borrascas pavorosas. Ha pouco, o nauta Ctésios, arpejando na onda azulada com os remos, suspirava assim:

Já lancei ferro em Coryntho;
Terra assim de gregas bellas
Nunca vi!
Por matronas e donzellas
De amor por todas, não minto,
Me perdi!

Mas quando arribei a Athenas,
Doido amor! que dura guerra
Soffri eu!
Oh! que saudades da terra,
Ao lembrar-me das pequenas
Do Pireu!

. . . . . .

Docemente se levava nas azas da brisa o marinheiro cantando das pequenas do Pireu, quando:

. . . . . pouco a pouco
Nimbo caliginoso a praia esconde,
Repentino pampeiro estoura, o dia
Foge, e com elle a ultima esperança;
Turbulento stridor nas surdas grutas
Rebôa lá por dentro, e nas restingas
Dos occultos parceis rebrama a vaga:
Ecco soturno do trovão medonho
Pelo espaço rimbomba e tudo atrôa;

O torvellino rue. Alta celeuma
Se eleva ás harmonias da procella;
Sossobra quasi a náo. Saltam de chofre
Emmaranhados ventos, rota a vela,
Sem rumo, e já partido o leme fragil,
Affrontando a borrasca e o céo escuro,
A que almejado porto a sorte os leva!

O poeta airosamente se transfere das varzeas floridas dos amores aos abysmos convulsivos de uma tormenta. E' de altos engenhos a passagem do dulcissimo ao asperrimo, sem deslizar do agrado do leitor que não tem no espirito, como quem escreve. imagens unitivas das transições. No poema do snr. Theophilo Braga, os versos ora gemem, ora estrepitam. Encadeiam-se as diversas peças, alternadas de musicas suavissimas, e estrondos sobre-excitados pelas paixões algum tanto ferozes, como é de crer que fossem os amores sensitivos d'aquelles animalaços do mundo velho.

O auctor da *Visão dos Tempos* tem, n'este seu livro, versos que pedem e merecem a sua attentiva revisão, quando forem republicados. E' trabalho decoroso egualal-os a muitos, que primam em cadencia, acerto e pompa.

Na contextura da *Bacchante* a critica não tem direito a assignalar inverosimilhanças. Ninguem se dá á ingloria, se não estolida, canceira de malsinar os desconcertos de Macpherson e Hoffmann, nem ainda o maravilhoso das epopêas que mais de perto se acostam á historia e á tradição. O snr. Theophilo Braga inventou; dos usos gregos aproveitou as decorações para a scena: foi a poesia mythologica. sem duvida, que lh'as deu. A Grecia não era assim de certo; mas ao poeta não corria obrigação de ser menos falacioso que os seus antepassados. N'este genero resurgido de poesia, renovam-se as liberda-

des antigas; e o talento de escriptores do tomo do snr. Theophilo Braga fará que as liberdades não disparem em licenças. Quer Deus que as almas se andem empenhadas em alargarem os horisontes de sua espiritualidade: já vae alto o dia do entendimento: será peccado do coração e crime de lesa litteratura avocar trévas e fazer noite, a noite antiga dos espiritos, com afeminadas pinturas, em que a porção muscular resalta como essencia, filtro e deleite de olhos O auctor da *Visão dos Tempos,* n'alguns trechos do seu poema, sacrificou excessivamente á supposta fidelidade da época das bacchantes. A sua gloria, os gabos que lhe advieram d'aquelle livro, não estribam decerto n'isso.

Denomina-se *Stella Matutina* o segundo poema d'esta primeira série da *Visão dos Tempos.* Altea-se das bacchanaes o pensamento do poeta á creação do mundo, á primeira mulher, ao primeiro lapso, á primeira lagrima. E' uma donosa e encantadora phantasia. A lagrima falla com Jehovah em termos tão ameigadores que, por isso, fica radiante estrella, engastada no empyreo. Quem tendo os céos á sua disposição, os não daria a uma Lagrima que fallava assim :

Eu sou como o aljofre,
Vim de um profundo mar,
A angustia de quem soffre
Ao céo me faz voar.

Eu sou a gotta de agua
Do calice da flor;
Cahi, para tal magua
Venho pedir amor.

Eu sou a nivea opala
Que o sol já derreteu;
Venho servir de falla
A' dôr que emmudeceu.

Eu sou a estrella errante,
Perdida na amplidão!
Subi, vim tão distante,
Senhor, pedir perdão.

Eu sou a filha de Eva
Gerada em outro amor!
Cahindo a dôr me eleva...
Senhor, Senhor, Senhor!

O fragmento é brilhante: não carecia de decorar-se com o epitheto, algum tanto phantastico, de *poesia biblica,* para estremar-se entre as mais lustrosas paginas do livro. Sem desaire do alto quilate da *Stella Matutina*, pede reparo o caso ingente da creação, depois da *Bacchante*. Na ordem dos tempos, a visão do poeta é nimiamente retrógrada. Interpõem-se milhares de annos, milhares de successos. A intenção do titulo, que parece emparelhar com o das *Legendas dos Seculos* de Victor Hugo, quebranta-se virtualmente, e desluz-se no animo do leitor methodico; isto, porém, de leitores methodicos, a meu juizo, não apontam a sua superciliosa censura a poemas; o que fazem é saborear-lhes a bella desordem, os caprichos seductores, a galanice das fórmas. Ora, o snr. Braga entraja gentilmente as suas visualidades; lcura os cabellos ás cabeças encanecidas das gerações olvidadas; desenruga os vincos do tempo; aliza as epidermes encorreadas, e remoça quantas velharias nos enfadam offerecidas por poetas gregos e romanos. O que o insigne poeta não vingou foi dar-nos a creação do mundo, e a primeira mulher, e a primeira culpa, e a primeira lagrima com mais uncção e dôr que Moysés.

Ave Stella! é outro poemeto, denominado apocalyptico. A mesma pompa de peregrinas fórmas, versos admiraveis, raptos esplendidos. Mas que histo-

ria do evangelista S. João nos conta o imaginoso môço? A' hora em que o discipulo amado louvava o seu mestre e Deus, pelo fervente amor e fé com que os seus eleitos se deixavam crucificar, — e quando a sua doutrina divina medrava no mundo regada com aquelle sangue redemptor — o poeta figura-nos o filho adoptivo de Maria guiado por um anjo que o admoesta por este theor:

Porque na dôr mortal te precipitas?
Porque foges da vida e a insultas?
Porque apagas a luz que tanto fitas?

Porque é que no festim do mundo, a occultas,
Foste tocar só do veneno a taça,
E a tua consciencia não consultas?

Este anjo é que insultava enternecidamente o velho desterrado em Pathmos. Nas visões do Evangelista, em que relanço transluziu ao sr. Braga o desalento impio, o horror e insulto á vida, o empeçonhar-se o santo ancião nos venenos dos festins mundanaes, e o afogar elle em si os dictames da consciencia!

Quer-nos parecer que a poesia ultrapassa propriamenre as raias, que lhe demarcou o lyrico pagão, quando desfaz a historia em legendas, e refaz em mythos de não admiravel engenho os traços sagrados dos annaes piedosos de uma religião.

San João responde ao anjo cousas incriveis, e reversivas de tudo que os Actos apostolicos nos transmittiram.

Disse elle: — Foragido o justo passa
Por entre a sociedade agonisante!
O rir confunde os gritos da desgraça!

De hypocritas o riso impio, insultante,
E' como de um cadaver o sudario
Que esconde ulcera feia, repugnante!

A's gentes fui fallar-lhe do Calvario
Palavras d'esse Verbo universal,
Em cada irmão achei feroz sicario.

O evangelisador de Pathmos não podia assim enganar o anjo. Na velhice do discipulo de Jesus Christo, resoava a estrondosa conquista das almas para a religião da cruz. Fremente dos santos jubilos e confiança na regeneração das nações, devia expirar o justo aos noventa e quatro annos de sua edade, não em Pathmos, como o poeta conta, mas em Epheso, onde a condescendencia de Nerva o deixou finar-se serenamente no meio da sua christandade, cujo bispo era.

Em quanto o snr. Theophilo Braga, com o talisman do seu prodigioso engenho, demuda, a sabor e alvedrio seu, os mythos velhos n'outros mais graciosos, dê-se-lhe d'esse innocente feito os emboras; quando, porém, o *ecce Deus!* o impellir a recamar de lantejoulas, ou ainda de diamantes, as roupas sagradas dos heroes do christianismo, o poeta leve a bem que a critica lhe faça sentir que nem todas são de servir as suas flores. Estas refundições no cadinho da poesia, com quanto formosissimas na fórma, denotam verdura de annos, e desvanecimento futil em ir ao par com os prosadores de algumas escolas. Acontece, todavia, que estes fructos de Pentapolis, se acertam de abrir-se, e volitar-se em cinzas, não pequena parte da gloria do escriptor indiscreto vapora-se com elles.

A apotheose de Savonarola que significa! E' um acervo de vistosa folhagem onde a mesma vibora se esconde. O poeta denomina *Apostolo* o prior de

San Marcos. Dedilha, no alaúde das victimas illustres da corrupção, plangitivas estrophes. O apostolo cáe nos abysmos que quizera fechar; morre ás mãos dos florentinos, exclamando:

«..... Oh! que fazes tu, Florença!

E *vestiu-se o céo de lucto*, acrescenta o poeta...

Nos córos de beatifica morada
Hade pura, alva clamyde vestil-o!

O leitor, que tiver coração sensivel, e sciencia menos de sensivel, commove-se das penetrativas estancias do snr. Theophilo Braga, e do infausto destino do fradinho que ficou esmagado sob o carro triumphal da devassidão, que intentou retêr.

Saibamos, de relance, as virtudes de frei Girolamo Savonarola. Prégou, como frade, contra frades e leigos, conhecia os viciosos, e delatou-os á ira publica do alto do pulpito. Captivou a vontade do povo. Acorrentou a si o leão, e arrancou a corôa á cabeça do filho do seu protector Lourenço de Medicis. Acaudilhou a revolução, venceu e assumiu a dictadura theocratica. Denominou-se ministro de Jesus Christo, cujo reinado começava com elle. No proposito de regenerar a sociedade desde os cimentos, fez, na praça publica, uma pyramide de obras primas de litteratura, quadros, espelhos, ornatos, utensilios de recreios, e perfumarias; depois, fez d'aquillo uma fogueira, e aos florentinos, em troca dos seus livros, e ornatos, e quadros, deu-lhes procissões, muitas procissões em cada dia. Deliberou convocar concilio eucumenico para corrigir o papa e o sacro collegio. Alexandre VI, como é de vêr, excommungou-o. O regenerador enfuriou-se contra os

raios do Vaticano, e declarou-se Filho de Deus. Proseguindo imperturbavel em extirpar o cancro da desmoralisação, ordenou que se golpeassem as linguas aos blasphemadores de sua divindade, e entendeu, com inaudito fervor, na vida intima dos casados, pautando-lhes, sob penas rigorosas, os prasos em que deviam sacrificar ao espirito e á oração os enlaces maritaes. A Inquisição nunca se lembrou de retorcer tanto a corda na estrangulação dos israelitas! Assim que a virtude do fradè descambou em alvitres estupidos e fanatismo sanguinario, surgiram-lhe em volta os inimigos. Aggridem-no, e o monge resvala apupado do throno dos Medicis. Acode em honra d'elle um frei Domingos de Peschia, offerecendo-se a atravessar illeso uma fogueira, em honra das doutrinas do Filho de Deus, que, pelas contas, vinha a ser o frade. Tirava o outro a partido que outro frade o imitasse na prova do fogo, testemunhando, ante o juizo do Senhor, as falsas doutrinas de Savonarola Sáe um franciscano ao desafio. Conchavam-se os contendores. Carreava-se a lenha para a fogueira, quando frei Domingues declarou, em artigo addicional, que havia de entrar n'ella com uma hostia entrè os dedos. O povo urrou: «sacrilegio e abominação!» Correram as turbas ao mosteiro, e aprezaram Savonorola e os discipulos. Instaurado processo contra o impostor blasphemo, queimaram-no.

Foi mal queimado o pobre homem; valeu-lhe, porém, o incommodo da assadura, descontado pelas bellas grinaldas que o sr. Theophilo Braga lhe entretece na urna das cinzas! Que amoraveis queixumes lhe tirou de alma o inimigo de Roma, o incendiario dos primores de arte na Italia, o cabecilha de um governo de padres, o reformador que apagou os fachos da civilisação e accendeu os cirios das

procissões! Mal empregadas flores!... Se o talentoso môço assim continuasse, dava-nos jardins: o peor é que nos escondia entre festões os livros de historia.

Em pró do sr. Theophilo Braga, direi que o estudioso mancebo provavelmente conhece Savonarola das apologias de Luthero e de Meier, e de Stuttgard. Os protestantes e racionalistas pegaram do frade, e deram com elle na cara de Alexandre VI.

III

Em seguida á *Visão dos Tempos*, foi editada a continuação dos poemetos do sr. Braga, com o titulo de *Tempestades Sonoras*, como segunda série d'aquelle livro, que intentei avaliar, desprendendo-me de falsas considerações nocivas á liberdade da critica sincera, senão prestadia.

O titulo euphonico de *Tempestades Sonoras* esconde intenção, que não transluz dos poemas. Quer o auctor dar a sentir que as sublevações do mundo moral, as pugnazes conjurações dos animos apontados á conquista de um progresso, são as «tempestades»; e que o serem ellas sonorosamente rythmadas do plectro, que as relembra, lhes justifica o epitheto de «sonoras»! Ou passou no espirito do poeta o pensamento de se estarem ainda vibrando no espaço os sons amortecidos das estrondosas luctas que, ha muitos seculos, as gerações travaram arca por arca, a idéa contra a materia, o espirito de liberdade contra as algemas da escravidão? Não sei, nem me dispendo em hypotheses que podem ennublar ainda mais a denominação do livro. Seja o que fôr. O leitor e eu, se nos levassem ao frontal de um templo de Buddha, não deixariamos de ir dentro

admirar as maravilhas, por não entendermos os caracteres chinezes esculpidos no frontal da porta.

Abre o livro com um discurso, ou «Parte esthetica» *Sobre a evolução na Poesia determinada pelas relações entre o sentimento e a fórma*. Em nota com que o poeta esclarece um periodo da pagina IX, vê-se que o seu proposito é esboçar a poesia romana, que é reflexo da poesia grega, e caracterisal-a, determinando por ella a feição da arte classica. Este aviso deve ser o fio conductor de quem quizer emboscar-se n'este formoso labyrintho.

Eu reli com muita reflexão esta prosa do sr. Braga, e desgostei-me da minha pouquissima agudeza. Não me fatigo de admirar a copia de symptomas de muita leitura do estudioso môço; o que me custa é atar os pensamentos, concatenar as illações, achar fórma demonstrativa, vêr de frente os raciocinios que o poeta me offerece de perfil. Ha aqui torrentes de idéas, cachoeiras ruidosas, que a minha reflexão não consegue aquietar em remançoso lago, para examinal-as em toda a sua limpidez. Grande parte da culpa está por conta da minha inhabilidade para estas cousas de nevoenta especulativa; e uma diminuta parte heide pôl-a á conta do poeta que, em verdade, é prosador pouco menos de abstruso. Eu já li — Deus m'o encontre com os meus peccados! — as cartas de Schiller, sobre esthetica; tambem quiz saber o porque de não entenderem os francezes a metaphysica de Kant; pedi á minha paciencia extraordinaria que me apresentasse a alguns meditativos discipulos de Lessing; pois apesar do meu entendimento bôto em subtilezas germanicas, adivinhei a *vis insita* de alguns dizeres d'aquelles sabios; e agora acontece que me vêjo de todo em todo atagantado com a esthetica do sr. Theophilo Braga!

Quer-me, porém, parecer que o elevado escriptor reduz a poesia romana a imitação fiel da grega: asserto por demais absoluto. Nenhum povo, nenhuma litteratura de nação ou epoca, offerece caracteristicas exclusivas suas. Os mesmos homens, as mesmas paixões, boas e más, torpes e generosas, o mesmo theor de manifestal-as. Eu de mim descreio de Saint-Sorlin, quando me diz que Deus collaborou no poema de *Clovis*. Inspirações divinas, apesar de Platão, vou jurar que nem Milton se gosou d'ellas, em obra tanto do agrado do vencedor do inferno. O que eu vejo nas litteraturas antigas, e modernamente na poesia de cada nação legataria de monumentos escriptos, é a circumvolução logica, as quatro phases symbolisadas na ode, na epopêa, no drama e na elegia: a poesia em Deus, a poesia do heroismo, a poesia da humanidade, a poesia concentrada no individuo. Afóra isto, a erotomania, os Anacreontes, os Catullos, os Pirons, os Elmanos, são de todas as nações e tempos, e não caracterisam nem sigilam feição alguma classica, symbolica ou romantica.

Outro ponto para maiores estranhezas e reparos. O sr. Theophilo Braga em materia de historia ultrapassa o idealista Hegel. Os factos não criam as idéas; são as idéas que geram os factos. D'aqui a reversão da historia, uma barrella geral nas farraparias guardadas no sujo armazem da memoria do homem. Aquelle Tarquinio, tão nosso conhecido por medeação de Livio, é uma legenda, personificação dos tyrannos gregos. A batalha de Regillo é copia de outra da Illiada. Lucrecia não é aquella sentida matrona que se mata: é outra legenda que representa «a poesia religiosa, a immobilidade do direito divino, o direito pessoal sacrificado ao direito civil.» Quem diria que era isto Lucrecia!

Aquella senhora dos meus maiores respeitos, por cuja virtude eu tremia sempre, quando o scelerado do Tarquinio, lhe dizia, sobranceando-lhe o punhal ao peito arquejante: *Tace! ferrum in manu est; si emiseris vocem, morieris!* «Cala-te! que o punhal está aqui! se dás á lingua morres!» A final de contas, e averiguado o negocio, a violada do real devasso era... *a immobilidade do direito divino!* Virginia — estimo saber isto! — é uma legenda tambem. Eu tinha odio ao pae d'ella que a matou, tanto odio ou mais que a Apio Claudio que parecia amal-a. Diz nos agora o poeta, auctorisado pelo senso historico profundo de Michelet, que Virginia é um ideal, uma creação do artista grego. De maneira que o sr. Theophilo Braga desvalisa os romanos de poesia sua e de historia sua. Nem quando inventaram Lucrecia e Virginia foram, sequer, originaes!

«Poesia puramente romana, — diz o insigne poeta, — é a poesia do Direito.» Aqui está o titulo de um livro que o sr. Theophilo Braga tem no prélo. O auctor nos diz que, n'esta obra, se acham desenvolvidas as theorias que apparecem embryonarias n'esta sua introducção ás *Tempestades Sonoras*. O promettido desenvolvimento é muito de desejar-se, que eu de mim confesso que nunca farejei poesia no direito: as leis trescalaram-me sempre a prosa ignobil.

Com perdão do sr. Theophilo Braga, e de Vico, e de Michelet, e respeitando quantos visionarios fazem do entendimento humano uma corda bamba, ainda agora me não desço da minha teima em considerar o direito a mais solida base social, mas sem mais poesia que o Digesto, e o Pêgas ás Ordenações. O direito, examinado em suas origens, urde-se de symbolos, e já em França corre impressa a *Symbo-*

lica do Direito, porém, entre o symbolo e a poesia não sei onde está o atilho. Esperemos o livro elucidador, o livro, que, ainda no caso verosimil de não esclarecer estes arcanos de formidanda esthetica, forçosamente hade ser lavor de muitos creditos para o sr. Theophilo Braga.

Deixemos nas boas horas a prosa do meditativo escriptor, e entremos de melhor vontade na poesia.

Aqui temos o brilhante poema das *Céas de Nero*. No reinado de Nero, ergue-se o leão velador do Evangelho, de sobre a sepultura de uma testemunha de Christo, e vae a Roma, enviado do Evangelista.

Vae, sabe o que se passa pelo mundo.

O leão observou, e voltou ao sepulchro da testemunha da Escriptura, a contar-lhe em resumo os seus encontros.

Eil-os aqui peregrinamente referidos pelo poeta. O leitor conhece-os; todavia, sem receio de impertinencia, comprazo-me em relembrar com o leitor os realces d'estas memoraveis paginas.

A impudica Celia ama Licinio, o gentil e bravo batalhador que, apagada a sua estrella da victoria, nas escarpas dos Herminios, volta a Roma com o animo alvoroçado de visões celestiaes. Coração sonhador de idealidades, não póde amar a lasciva romana. Tem sêde de uma alma pura. Os seus amores é Eurydea, a virgem christã, que se votou ao holocausto de Jesus Christo.

A rejeitada Celia conhece a rival, e premedita vingar-se. Escolhe o braço vingador de Nero, que, ao vê-la estremece em sezão de brutal amor. O mordomo dos prazeres do imperador, Petronio, in-

dul-a facilmente a seguil-o ás saturnaes do real amante. Nero, embriagado de amor, vinho e sangue, para dar um vistoso espectaculo a Celia, incendeia Roma, converte em archotes embreados de resinas os christãos, manda abrir o circo, e desacorrentar as féras. Entre as victimas é conduzida Eurydea, a amada de Licinio. O leão, que o Evangelista enviara a Roma, golpha bulhões de sangue do seio da virgem. Licinio salta ao amphitheatro, e expede a vida sobre o cadaver d'ella. Celia, a libertina, vingou-se.

Esta é a acção principal. Os episodios da corrupção bracejam magnificos d'este enredo simples. O morrer do sybarita Petronio á ordem de Nero, cioso de Celia, é bellamente expressivo do desprezo de uma vida repleta de gosos. A descripção do Agape, presidido pelo bispo Fidus, é magestosa de religiosa uncção. O terror do circo incutem-o versos de pungente energia.

Resaboriemos algumas das mirificas passagens d'este poema.

Licinio, condoido da baixeza moral da romana que o requesta com lascivos requebros, diz-lhe estas bellas e melancholicas estrophes:

Tens no peito com letras de atro fogo
Do desespero e dôr o sello escripto;
Bella, tão morta já!
Libertina, alevanta a Deus te rogo!
Emmudeces? pois Deus teu debil grito,
Como pae, ouve lá!

Manchou-te impuro beijo a face linda,
Não foi o teu algoz punhado de ouro,
Ah! descuidado amor!
Levaram-te, mulher, todo o thesouro,
Mas deixaram-te as lagrimas ainda,
Expressão d'essa dôr!

E' memoravel esta engenhosa comparação de Celia com a corrompida Roma de Nero:

Como a Roma potente que ha prostrado
Ante si o orbe todo, e ebria, ás gentes
Prostituida hoje os seios abre.
E deixa gangrenar-se de seus vicios,
Tu pareces-me a patria! Eu abraçar-te,
Fôra abraçar a ruina do Imperio.
Odeio-te mulher!

A entrada de Celia, á presença de Nero, no festim de Trimalcião:

O frémito da aragem fugitiva
Que passa, ao fim da tarde, perfumada
Do arôma inebriante da campina
Em vão imita o afan do seu cansaço;
O arquejar do peito, na fadiga
Era a vaga indolente que o sol doura,
Era uma haste flexivel que balouça,
Vergada por dous pômos que a aura agita.
A alvura dos contornos, a harmonia
E nitidez dos traços de seu vulto,
Dão-lhe a graça, a altivez de uma rainha
Vindo trazer-lhe as páreas do Oriente!

Petronio, já com o braço a gotejar sangue da veia que elle voluntariamente cortou, canta:

A vida é breve instante!
Brinco ao vêl-a afundar-se para o nada,
Como na praia solitaria o infante
Ri, atirando ao mar concha quebrada.
. . . . . .
Embala-me da vida o epicedio,
O nada é frio! cantae, cantae, mulheres;
Largas hoje ao delirio! a vida é o tedio,
Quero fugir-lhe na aza dos prazeres.
. . . . . .

Porque espero e confio no segredo,
Que este veneno me dirá; não córes!
Assim ao menos findará mais cedo
Este inferno de dores!

Graciosa imagem:

Mudo pranto
Desata-se nas faces de Euridêa,
Como de um lirio a balouçar na aragem
Cae o crystal do orvalho matutino.

Aqui vem um relanço, que resabe á doce e singela poesia de Bernardes e Fernão Alvares:

Ès um anjo esquecido! Oh quem podesse
Fazer do peito a urna, ostia querida,
Fazer do peito a urna, e te escondesse.

Erma rôla que gemes dolorida,
Que ao pôr do sol procuras a soidade,
Que pela soledade andas perdida;

Que vaga, indefinivel saudade,
Te inspira a migração? como tão cedo
Tua alma pura anhela a immensidade?

De uma cythara angelica és segredo,
Que ao peito amor purissimo transmitte
Como a mensagem da aura no arvoredo.
. . . . . .

Se assim vou forrageando bellezas no livro, póde saír-me o dono da seara a pedir contas do artificioso roubo! Muito maior traslado me está a vontade solicitando; mas ahi fica incentivo que farte para quem não leu ainda as *Ceias de Nero*.

Este poema convida a ser examinado por duas faces: uma historica, outra philosophica. Não é in-

tolerancia esta maneira de vêr: é preito ao vulto que já figura nas lettras patrias, o sr. Theophilo Braga. Mais ainda: é considerar o insigne pensador na plana circumspecta e grave que lhe assigna a indole de seus estudos e escriptos.

Eu não hei de aqui acceitar como inventado ou historiado o facto rigorosamente acontecido ou liberrimamente imaginado pelo poeta. N'este romance rythmico, se Licinio e Celia existiram não se averigua: o importante é averiguar se os costumes d'aquella edade se compadeciam com os sentimentos e factos que tecem o urdimento das *Ceias de Nero*. Assim é que, em poemas e romances, distingo os historicos dos ficticios. O *Monge de Cistér*, a meu vêr, é mais historico nas magnificas composturas da parte inventiva, que no fragmento da chronica de D. João I, ponto essencial do entrecho. O *Arco de Santa Anna,* tirante o nome de um bispo no catalogo dos prelados portuenses, é estreme ficção. Aquella florente phantasia de Byron, chamada *Cêrco de Coryntho* é mais historica que a *Ulyssea* de Pereira de Castro. Eu dou quasi nada pelo caracteristico historico, ainda que m'o hajam de justificar com o fabulario da historia assignado por fr. Marcos de Lisboa, Raphael de Jesus, ou Martinho de Azevedo. N'uma palavra, mais me empenho em achar verosimilhanças que factos historicos n'este poema do sr. Theophilo Braga. Presupposto isto, vejamol o historicamente.

V

Bem que poucas, as linhas physionomicas de Nero são felizmente traçadas. Está o poeta de boas avenças com a historia, salvo quando phantasia o filho

de Agrippina incendiando Roma, a fim de offerecer aos agrados de uma rapariga da vida airada o espectaculo surprehendente de uma cidade em chammas.

Não está cabalmente averiguado se Nero poz fogo a Roma; se o fez em odio aos christãos no intuito de os culpar do crime; se o fez para renovar a cidade, cujos bairros desalinhados e sujos o incommodavam. Como quer que fosse, caprichos amorosos para tanto é que nem a historia, nem o romance de Petronio, denominado *Satyricon,* argue ao filho de Domitio Ænobarbo.

Celia é a romana da familia das Lesbias, sem nodoa de inverosimilhança. Está pintada a primor. Finge, quando lhe praz, amores que uma virgem poderia sentir e exprimir sem deshonra. Taes ficções frizam muito de molde com taes mulheres. As mais desbragadas, se acertam de apaixonar se por mancebos de coração e virtudes de Licinio, desforram a deshonra que as humilha, rompendo por uma estrondosa infamia, se não morrem ethicas por amor.

A virgem Eurydêa, convertida ao culto de Jesus, respira o ascetismo christão e fervor do martyrio, commum ás devotadas martyres mais ou menos imitadas da Cymodocêa de Chateaubriand. E o poema do sr. Braga esperta muitas lembranças dos *Martyres*, mórmente na catastrophe derradeira; semelhança que por nenhum motivo desluz o merecimento da engenhosa urdidura do poema portuguez.

O ecónomo *(arbiter)* dos regalos de Nero, em tão fugitivas linhas, representa as feições que lhe assignala o historiador Tacito. Contam que elle assim morrera, versejando coplas de garrida lascivia; outros querem que os paroxismos da sua musa ha-

jam sido o *Festim de Trimalcião,* satira em que elle quizera perpetuar a infamia de Nero. [1]

São já bastantes os relêvos a caracterisarem de historico este poema das *Ceias de Nero*, quanto costumam ser fieis á historia estes escriptos que se querem enfeitados pela imaginação.

O que não é de certo historico é ter entrado em batalhas, nos Herminios, Licinio, que volta a Roma abalado pelas visões da noite immediata á da peleja. Os lusitanos do tempo de Nero já não pensavam em rebelar-se contra o jugo de Roma. Perto de cem annos antes, Julio Cesar déra o derradeiro golpe no braço pertinaz dos aborigenes das nossas serranias.

Tambem não é verosimil que o bispo Fidus, á mesa do Agape, contasse a parabola do *Jesus Peregrino*, que principia:

> Angelicas harpas entôam trindades,
> Ai que hora tão santa, de tantas saudades.

---

[1] «Era Petronio (diz Tacito) um aulico voluptuoso que se ia dos prazeres aos negocios e dos negocios aos prazeres com a mesma facilidade. De dia dormia, de noite repartia-se entre encargos, festas e amores, Idolo da corrompida côrte, que se comprazia nas graças d'elle, foi longo tempo o arbitro dos deleites, modelo da vida lauta, e valido do imperador. Afinal, abatido por Tigellino, seu émulo, antecipou com voluntaria morte a crueldade de Nero. Fiel, até morrer, a Epicuro, seu mestre, encarava sorrindo a vida que lhe fugia com o sangue da veia cortada. Quando a veia golfava de mais, fechava-a para conversar mais de espaço, não ácerca da immortalidade da alma, mas de versos facetos e eroticos. Longe de imitar as outras victimas do tyranno que, a expirarem, beijavam a mão do algoz e legavam ao ávido assassino os haveres, Petronio, nas suas horas finaes, occupou-se a descrever em resumo as devassidões de Nero, e descreveu o ultrajador da natureza e do pudor. Este testamento dirigiu elle a Nero, selando-o com o annel consular; e depois deixou-se acabar, como quem mui naturalmente se adormece.»

N'aquelle tempo nem os sinos nem as harpas entoavam trindades. Em 1326 foi que o papa João XXII decretou os toques de saudação angelica, pela oração denominada *Angelus*. E, depois, a parabola do *Jesus Peregrino* pertence áquella ordem de lendas da Edade Média, que vieram com a sua primitiva rudeza até nós, e ainda agora se repetem menos harmoniosas, mas muito mais encantadoras, por sua simplicidade, do que podem refazel-as os poetas do abalisado engenho do snr. Braga.

Tambem não era historico perfumarem os romanos com o helleboro as taças do seu phalerno. O hellebero é irritante e venenoso. Os gregos cuidavam que se curava com elle a demencia; pelo menos constava que o pastor Melampo curára com elle duas nymphas doudas. Foi pena perder-se a receita!

Os romanos tinham tantas drogas aromaticas importadas da Asia com que perfumarem os seus vinhos! Porque aberração de olfacto e paladar iriam elles buscar o helleboro, do qual ha especies que se chamam *fetidas* por excellencia? No emtanto, o snr. Braga, no prefacio, falla das «amphoras perfumadas do helleboro; e, na *Saturnal do Imperio*, ainda nos diz que

> o phalerno ardente
> Perfumado de helleboro trasborda.

Não é historico tambem que Nero fosse calvo, nem tal se cognominasse.

Escreve o snr. Braga:

> Thaïs e Lydia, ambas divinas,
> E perdição de consules austeros,
> Tentam debalde avassallar do Calvo
> A fria indifferença.

O imperador Domiciano é que foi calvo; e Juvenal, para o emparelhar a Nero na protervia, denominou-o *Nero calvo*. [1] E' de crêr que Juvenal, lido de relance, induzisse o snr. Braga á inadvertencia.

No canto intitulado *Flos Martyrum* diz o poeta:

> Era junto do altar da santa virgem,
> A' luz erma da alampada suspensa.

Infere-se que nas catacumbas havia altares, retabulos e imagens. Não podiam existir. Só depois de Constantino é que a piedade erigiu altares nas catacumbas.

Aqui é o ponto de alguns insignificantes reparos que não entram como analyse historica nem philosophica. E' analyse de contextura.

Dissera-nos o poeta que Celia era

> ... a dama romana mais lasciva

E no brinde que lhe faz Nero, ouvimos estas palavras do real devasso:

> Ròla engraçada e timida,
> Vem ser *puro* holocausto!
> Deixa teu peito exhausto
> Pender no altar do amor!
> Entremos! Noite esplendida!
> Oh, vem de olhos enxutos,
> Trocar por doces fructos
> *A pudibunda flor!*

---

[1] Cum jam semianimum laceraret Flavius orbem
Ultimus, et calvo serviret Roma Neroni.
SAT. IV.

Suetonio falla dos cabellos louros de Nero, que os penteava com esmero mulheril.

Nero estava ébrio! Onde elle viu *flôr pudibunda e holocausto puro!*

Pouco antes nos havia dito o sr. Braga que o imperador,

> ... ao vêl-a sentira se poeta
> De inspiração selvagem, sanguinaria.

A gente espera desgrenhadas impudicicias, e Nero rompe n'este maviosissimo lyrismo:

> Celia! na vida o thálamo,
> Na vida — atro deserto,
> E' paraizo aberto,
> Seio feliz de mãe!

Nero, a fallar em *seio de mãe*, devia de fazer rir os convivas.

Ha uma imagem bellissima nos livros do sr. Theophilo Braga que desmerece pela muita frequencia com que nol-a mostra. E' o que succede ás mais bellas flôres, aos mais primorosos quadros, e ás mais formosas mulheres.

Na *Bacchante*, pag. 67, disse:

> Como um fio
> De perolas se rompe e solta a frouxo
> A corrente das bagas luminosas,
> Assim nas lindas faces do mancebo
> Lagrimas silenciosas desfiaram.

Nas *Ceias de Nero*, pag. 10, escreve:

> Lagrimas espontaneas lhe rebentam
> Dos roxos olhos, como em seio virgem
> Bagas de aljofres, se um collar se quebra.

No *Flos Martyrum*, pag. 79:

> Depois muda ficaste,
> O pranto de quem soffre
> Brilhava, mais que a perola no engaste,
> Do que um collar de aljofre.

Esta quadra não resiste a uma severa dissecção grammatical.

Ainda temos outro collar, a pag. 127:

> As virgens de Israel, collar de perolas
> Que mão impia quebrou,
> São como os lirios, que no fundo valle
> A rajada tombou.

E, finalmente, a pag. 149:

> Inquietas na haste flexivel
> A brisa as vem confundir;
> E a dôr as lagrimas soltas
> N'um collar as sabe unir.

Estas manchas, quasi imperceptiveis nos versos do sr. Braga, apontam-se-lhe para que o numeroso poeta, de vez em quando, procure joias n'outros escaninhos dos seus thesouros de phantasia.

VI

Examinado em sua intenção philosophica, o poema das *Ceias de Nero* usa liberdades que seriam perigosas se não fossem pueris, e de mais a mais poeticas. Aquelle leão, que levanta a garra de sobre o Evangelho de San Marcos, e vae ao circo espedaçar

christãos, e volta ao tumulo do Evangelista a dizer-lhe ironias, e depois se posta novamente de sentinella ao livro sagrado, é um leão incongruente, contradictorio, e digno de que a gente de juizo não faça caso d'elle.

Por que é que o santo, de dentro da sua cova, lhe pergunta:

> ... Acaso
> Dormes quieto o somno do jazigo?

Pois quem dormia o somno do jazigo, era o santo ou a féra?

Fosse quem fosse, o leão foi, e viu a raça de Ænobarbo escondendo:

> ... a vergonha atroz da queda,
> Nos retalhos da purpura, pedaços
> Arrancados da tunica do Christo.

Eu não me entendo com esta queda da raça imperatoria, nem com os retalhos da purpura arrancados da tunica do Salvador. Que ha de commum entre a degradação de Nero e os preceitos de Jesus?

As ultimas linhas do poema fecham o pensamento desconcertado do illustre escriptor. O leão narra os improperios que ouviu, e as ulceras que viu, assim com uns geitos de severo moralista! O scelerado, que tirou as entranhas a Eurydêa e Licinio, a fingir-se depois espantado das infamias que presenceou! Leão que podia apostar em manha com as raposas de Lafontaine!

Ora, San Marcos não se espantou do que ouviu; mas não pôde deixar de ranger com os ossos:

> Ao pensar, que esse Verbo que elle dora,
> Moloch, um dia, os filhos seus devora!

Este dislate final — para lhe darmos um nome suave — tira ao poema todo o vislumbre de seriedade philosophica. Senão, seria necessario á rasão e á piedade impugnal-o. Eu de mim abstenho-me de esgaravatar n'isto. Achei preciosissimas joias: o lixo, que envolve e afeia algumas, que tenho eu com elle? N'isto de critica litteraria convém imaginar-se a gente aguia para se não andar de rastos á caça de moscas. D'aqui a poucos annos, o sr. Braga ha de recontar-nos a historia do festim de Trimalcião, sem introduzir no drama a féra nem o santo. Se o não fizer, peor para elle, que permanecerá longo tempo nas verduras do seu admiravel talento.

CONCLUSÃO

Entre os restantes poemas das *Tempestades Sonoras* ha um que parece o mais avantajado, e digno de camaradagem por egual illustre. E' a *Velhice de Homero*. Figura-se-me que estou lendo um dos mais insinuantes e magestosos episodios das *Legendas dos Seculos*. Um livro assim composto de peças d'este acume e primor, seria dignissimo do titulo de *Visão dos Tempos*. As outras que não se compadecem com aquella rigorosa nomenclatura, nem caracterisam as epocas assignaladas nos prefacios do auctor, ficam sendo formosas visualidades, phantasias de mui alto engenho, que devaneia por céos estrellados, com o ouvido attento ao suspirar de uma noite de agosto.

Concluindo, é de crêr que o sr. Theophilo Braga me queira honrar com o debate que me já offereceu com a sua carta publicada. Eu aprecio infinitamente o glorioso torneio de que eu, ainda mesmo ferido, espero de sahir glorioso de tal contendor, e por

ventura despersuadido d'estes juizos, que dessôam á rasão do brilhante poeta.» [1]

*

Como obedecendo a uma corrente de hostilidade, publicou Antonio Feleciano de Castilho em um jornal do Rio de Janeiro, uma carta ao novel poeta, que os jornaes portuguezes reproduziram, accentuando-lhe os intuitos:

«Recebi ha dias as *Tempestades Sonoras* com que v. me mimoseou.

Não as agradeci logo, porque desejei conhecel-as antes de fallar d'ellas ao author.

Li e reli, e continuarei ainda a relêr e a estudar este notavel livro, perante o qual por ora estou pasmado como os hebreus em face da sarça ardente, e dos estrondos profundos e brilhantes do Sinai.

Vejo que ha um genio divino que pretende manifestar-se, e um propheta coroado de luz e incumbido de trazer ás turbas as taboas da lei nova; mentiria, porém, para dissimular a confissão da minha ignorancia e pouquidade, se tivesse o arrojo de dizer que abranjo e comprehendo já toda a sua doutrina, e a sigo em todos os seus assômos.

---

[1] Em 1865 já Camillo começava a cruzada de demolição que levou de frente perto de vinte e cinco annos; em carta de 24 de agosto de 1865, escrevia a Ernesto Pinto d'Almeida, fallando do apparecimento das *Odes modernas* e das *Solidões*:

«São dois protestos contra a salsugem que revessam umas cabêças tumidas de tempestades, oceanos infinitos de um lyrismo em que cada verso é uma restinga.»

Na *Bibliographia antheriana*, pag. 54; folheto por J. d'Araujo Genova 1897.

Cantor exclusivamente de amenidades mui terrestres e chãs, e não me elevando quando muito senão ás realidades palpaveis do ensino do povo, como caminho para melhores e mais agradaveis tempos n'este mundo, nunca me sobraram ocios nem cubiça, nem sequer, segundo julgo, capacidade para me engolfar nos oceanos sem fundo das philosophias transcendentes, por onde vêjo que o espirito eleito de v. corre a pannos largos para mundos desconhecidos, e de que eu nem bem suspeito a existencia.

Das theorias especulativas do seu prologo releve pois v. á minha humildade, que eu lhe não diga bem, nem mal; ingenuamente fallando, ainda não acabei de as entender, e confesso mesmo (tanto o meu espirito é limitado e terra terra), que sinto uma especie de vertigem só em pensar que hei-de outra vez abalançar-me por taes alturas. Os Dedalos vôam, os Icaros affogam-se.

Do que eu digo aqui com toda a ingenuidade da minha alma, com toda a franqueza que se deve ao genio, não se conclua (o que para ambos nós seria injurioso) que eu engeito por inintelligiveis as paginas aliás esplendidas d'estas suas prosas; digo só, que ou por innato acanhamento do meu espirito, ou ou por falta de iniciação prévia, ou pelo concurso de ambas estas cousas, a verdade, meu caro senhor, é que eu não entendo, nem me parece que chegarei já nunca a entender.

Não assim pelo que respeita ás suas poesias. N'essas vêjo e comprehendo milhares de bellezas de primeira ordem, e assômos de uma verdadeira inspiração, rara em toda a parte e em todos os tempos, taes emfim, que poderiam dispensar todos aquelles apparatos scientificos com que v. se aprouve de as acompanhar.

Direi mais: sem esses apparatos scientificos, está-

me parecendo que as poesias só por si realçariam muito mais.

As nebulosidades das transcendencias, muitos myopes (em cujo rol eu me incluo) poderiam contestal-as, o que eu por mim estou bem longe de fazer; mas as bellezas das *Ceias de Nero*, por exemplo, são incontestaveis para todos; arrastam, dominam, triumpham; vê-se que não são miragens de estylo, nem jogos opticos de phrase; têm existencia propria e real; impressionam, porque têm vida e verdade intrinseca.

Aqui tem v. expostas com toda a lisura e sinceridade de que sou capaz, as ideias entre si diversissimas que me inspirou o seu livro *Tempestades Sonoras,* verdadeiro acontecimento na litteratura portugueza contemporanea, pois que o é innegavelmente, e dos mais faustos e auspiciosos.

O tempo e a critica illustrada e séria, hãode algum dia aquilatar esta, em todo o caso, muito memoravel producção: eu por mim só quiz dar conta ao auctor do que por mim passava ao inesperado caír d'este fulgurante e enorme aérolitho litterario.

As duas palavras de que v. lhe compoz o nome, cifram a minha individual opinião, e tambem nada mais poderiam significar: as theorias do prologo, *Tempestades*, que me ensurdecem, desorientam, e terrificam; as poesias, *Sonoras*, e mais, e melhor que sonoras. lustrusas e solidas, de ouro incandescente, e de diamantes montanhas de luz.

Sobre estas em particular, alguma coisa mais poderia dizer, mas recolho-me receoso de ter ja excessivamente abusado da bondade de v.

Acredite v. em que sou com todas as véras de v.

admirador e servo muito affectivo e obrigado, — *Antonio Feliciano de Castilho.* [1]

*

Alexandre Herculano data a época dos «*desgostos que o forçaram a descrêr das lettras e ainda mais do paiz*» com o facto simultaneo das *tendencias da actual mocidade estudiosa;* e como homem de analyse confessa que lhe «*parecem perigosas, para não dizer outra cousa, essas tendencias.*» Em que consistiam essas tendencias? No emprego da generalisação e da synthese, que elle concebia como um processo mental desligado de todo o fim constructivo! E por isso, impondo a analyse e as monographias dispersivas, fundamenta em carta a Oliveira Martins:

«No tempo em que eu andava perigrinando por esse mundo litterario, antes de me accolher ao mundo da santa rudeza, conversei um pouco com Vico e Herder como a Italia e a Allemanha os geraram, e não como os aleijaram e embonecraram os cabelleireiros francezes, [2] (todo o francez, com raras ex-

[1] No *Diario Official do Imperio do Brasil*, n.º 29 (29 de janeiro de 1863.)

[2] O trabalho luminoso de Michelet, *Principes de la Philophie de l'Histoire,* traduit de la *Science nouvelle* de Vico, 1827; e as Oeuvres choisies de J. B. Vico, contennat ses *Memoires,* la *Science nouvelle* et ses *Opuscules,* avec une introduction, Paris, 1835, en 2 vol., isto considerado trabalho de cabelleireiro francez! E a traducção das *Idées sur la Philosophie de l'Humanité,* de Herder, publicada por Edgar Quinet, em Paris, em 3 volumes, em 1826-27, que mereceu uma noticia litteraria de Goëthe, e a homenagem de Victor Cousin, para Herculano era isto um Herder aleijado e embonecrado!

cepções, tem um pedacinho de cabelleireiro). Sempre me pareceu que tinham nascido antes do seu tempo. Deus ter-lhes-ha de certo perdoado o mal que fizeram. Sem o quererem, nem pensarem, deram origem a uma coisa em Historia que eu só sei comparar ao gongorismo da poesia e da prosa litteraria do seculo XVII.

«Desculpe v. s.ª esta franqueza de um homem do campo. Tenho-a, porque o seu opusculo revela um escriptor, [1] e posto que eu hoje não passe de um profano, far-me-ía pena se o visse *perdido por esses desvios das symbolicas, das estheticas, das syntheticas, das dogmaticas, das heroicas, das harmonicas*, etc.

«Theophilo Braga é uma intelligencia completa e uma grande vocação litteraria, mas uma fraca vontade; *gosta* de fazer ruido; não possue, porém, o *querer* robusto que vae até ao sacrificio, que vae até ao martyrio, e que é preciso para se tornar um homem superior. *Achou a porta do abstruso synthethico e symbolico engrinaldada de maravalhas francezas; metteu-se por ella:* e em resultado ahi temos, não direi a *Visão*, as *Tempestades* e a *Ondina*, mas direi a *Historia da Poesia popular*, e *Os Foraes*, que v. s.ª mesmo trata desapiedadamente.

«N'estas materias peço a v. s.ª que se volte um pouco para a analyse. Ha tanto que fazer por esta parte! Relendo o seu folheto d'aqui a annos, hade conhecer que o conselho era sincero e amigavel. Dirme ha porque o não dou a Theophilo Braga? Porque não o acceita. Aquelle, ou já se não cura, ou

---

[1] Referia-se n'esta carta dirigida a Oliveira Martins ao opusculo que este lhe offerecera intitulado *Theophilo Braga e o Romanceiro e Cancioneiro portuguez*. — Porto, 1869.

hade curar-se a si mesmo. E' o que, sem lh'o dizer, eu do coração desejo.» [1]

Por esta carta de 1869 se vê, como de 1864 até 1868, em que foram publicados *Os Foraes*, Herculano creara uma atmosphera de hostilidade ao desprotegido Theophilo, que actuou na Universidade e na imprensa jornalistica; Anthero de Quental e Oliveira Martins, que admiravam cegamente Herculano, serviram essa suggestão deprimente. [2]

Luciano Cordeiro, que se filiara na geração de pretesto nos seus inicios, julga com sympathia a obra de Theophilo:

---

[1] Apud *Bibliographia Antheriana*, p. 10. — De Joaquim de Araujo. Genova, 1897.

[2] Escrevia Oliveira Martins em um folhetim do *Jornal do Commercio* ácerca dos *Estudos da Edade Média*, consignando: «Ao defeito de uma producção que não representa fertilidade verdadeira, reune o sr. Theophilo Braga numerosos defeitos de escriptor. Os seus estudos apparecem como uma grande téla nebulosa, incoherente, muitas vezes indecifravel... mas revela-se alli um trabalhador notavel, um talento verdadeiro, reconhece-se o vulto mais originai da geração litteraria que vae succecendo aos homens do Romantismo.» — «Na litteratura portugueza, não obstante os enormissimos defeitos de escriptor do sr. Theophilo Braga, é elle o iniciador d'este moderno cyclo como poeta e como critico.»

Nas *Considerações sobre a Philosophia da Historia da Litteratura portugueza*, escrevia Anthero de Quental: «Na Historia litteraria os primeiros passos n'este caminho foram dados corajosamente por um trabalhador dotado de energia e perseverança singulares, o sr. Theophilo Braga. Podem disputar-lhe qualquer outra especie de gloria, menos esta, já não pequena, de iniciador.

«Com effeito a sua gloriosa iniciativa é compensada, como geralmente acontece aos iniciadores, por defeitos graves: dois, que resumem, e d'onde se originam todos os outros: a impaciencia, que leva a conclusões prematuras, e o espirito systematico, que leva a conclusões falsas. — O lado inferior

«Em Portugal principalmente, passada a primeira agitação *romantica,* e falha de força plastica para por si só se desenvolver e expandir-se, a Litteratura nacional descamba para este marasmo actual, e queda-se a poetar lamurias vasias e serôdeas, a traduzir, a imitar, a panegyricar, a madracear e a reproduzir, marasmo que poucas cabeças valentes não consegue afogar e que mal começa a estremecer á voz da gente môça, estudiosa e audaciosa, que hade revolucional-a ou cahir extenuada e descrente n'elle. Mas o lyrismo individualista, e elegiaco dolente, melancholico, angustioso ou ancioso, ou mystico apresenta ainda magnifico exemplar de espon-

---

e fragil, a meu vêr, são as theorias geraes, a parte philosophica. Sente-se que não é essa a vocação do talento do sr. Theophilo Braga. Ao mesmo tempo chimerico e systematico, dá ás suas doutrinas uma feição dogmatica... E' isto o que torna abstrusas certas obras como a *Poesia do Direito,* por exemplo.» *(Op. cit.,* p. 11 a 13.)

As theorias por elle apresentadas só lhe pertencem nas applicações particulares a uma nação em que as creações sociaes, juridicas, litterarias ou poeticas são reflexos da grande civilisação europêa; essas theorias pertencem a espiritos de primeira ordem que incutem disciplina.

O dr. Julio de Vilhena, nas *Raças historicas,* caracterisando este novo movimento intellectual, escreve: «N'este *momento,* verdadeiramente difficil, de elaboração litteraria, appareceu entre nós um escriptor a quem, diga-se com toda a imparcialidade, a Litteratura portugueza deve muito, e ainda mais deveria se á grandeza da concepção soubesse alliar a phrase clara e transparente, propria de um vulgarisador, e não empregasse um estylo obscuro e sempre rebelde em traduzir o pensamento...» (P. 12.)

Esta obscuridade provinha da vista isolada de trabalhos que pertenciam a um plano geral, que estava então longe de ser realisado; mas é certo que esses juizos pessimistas difficultaram-lhe muito o ascendente espiritual. Por isso dizia Sousa Martins que Theophilo era como o lavrador que lança á terra cinco sementes para colher seis.

taneidade e de exuberancia genial em Soares de Passos, — e em João de Deus, um dos mais originaes poetas que conhecemos nas modernas litteraturas, pela concepção e pela fórma, e cuja poesia é a synthese natural e espontanea das ancias do *eu* inculto e crente no meio do cahos da alma social do presente.

Em geral, porém, o lyrismo individualista decáe ante a lenta construcção do *cosmos* esthetico pela sciencia.

Um homem tenta recentemente em Portugal affirmar a evolução artistica que váe lá fóra adeantada, e que traz absorvidos aos maiores poetas.

Este homem que vale tanto ou mais do que Garrett para a critica desapaixonada da nossa arte, chama-se Theophilo Braga. De redor d'elle brotam grandes vontades e fenecem generosas tentativas.

Os papas e sacripantas da litteratura official começaram por lhe saudar a apparição, até que um qualquer mais francamente ignorante, confessou ingenuamente não entender o que applaudia, mas parecer-lhe aquillo rebeldia contra a deliciosa madraçaria e soberana insciencia da egreja estabelecida. [1] Foi o signal d'alarme.

Pullularam as excomunhões, que para espirito despreoccupado mais pareciam pedradarias de mal creado rapazío, e como os ditos sujeitos preferiam o insulto e o sarcasmo á lucta leal e incruenta das ideias e das doutrinas, como demais em mais a critica d'elles se resumia na mutua adoração e na commum retoiça de improperios, nada veiu a ganhar com a balburdia a litteratura patria porque o que d'ella podia deduzir-se: a insciencia profunda e a

[1] Alludia á Carta de Castilho.

enorme vaidade dos aggressores, era parte já conhecida e assente em quem não perdera o senso commum.

Foi trabalhando Theophilo e trabalhando váe, sem estimulos e sem correcções e ensinamento da critica, que era a vantagem que podia tirar-se d'essa cousa que para ahi chamam *Questão litteraria*, quasi com a mesma sem rasão com que se distribuiram diplomas de *Escholas* a êsmo.

Victor Hugo tacteara a generalisação, a synthese philosophica na arte. Quinet, espirito a um tempo profundo e idealisador, homem que tem alguma cousa da originalidade concepcional e excepcional de Michelet, o applaudido sensualismo de Herder, a elegancia fecunda de Heine, tenta escrever a Epopêa da Civilisação do *homem* da Humanidade. Tennysson, Lenau, Oelenschlager haviam já transportado para a arte os cyclos historiços em synthese ou em symbolos esplendidos.

A Historia philosophica, ou antes a Philosophia da Historia, fornece á Arte moderna pedreiras immensas onde ella póde talhar vultos pelo tamanho das Trilogias de Eschylo, da Epopêa do Dante, dos Dramas de Shakespeare. Goëthe devassara já esses horisontes e trouxera de lá o *Fausto,* Quinet fez o *Ashaverus,* Hugo escreve a *Legenda dos Seculos.*

Theophilo é um obreiro audaz. Reune, talha, estuda, accumula materiaes, edifica já obras que n'outra terra escriptas formariam o renome de um homem. Louqueja, precipita-se, hallucina-se e fascina-se a miudo. E' que são fascinantes e hallucinadores os mundos em que se immerge.» [1]

---

[1] Luciano Cordeiro, *Livro de Critica*, Arte e Litteratura portugueza d'hoje: 1868-1869. (pag. 208 a 210). Porto 1869.

*

«A poesia *collectiva*, a poesia da synthese social — se pode dizer-se assim, — quasi desconhecida é ainda entre nós. Tacteou-a Anthero de Quental, possante talento.

Tem tentado inaugural a Theophilo Braga, talento dos mais brilhantes e fecundos que hemos tido, mas n'estes tentâmes — tão mal comprehendidos e tão mal apreciados, — o Romantismo lança ainda elementos dissolventes na fórma, e o idealismo metaphysico falsêa a concepção critica. — Outras devem ser as *Odes modernas*, que são as que Quental sob a influencia do *racionalismo* francez e do *idealismo* allemão, escreveu. *A Ondina*, *Tempestades*, *Visão*, são decerto monumentos grandiosos e caracteristicos na litteratura nacional, reflexos brilhantes no marasmo pôdre, da litteratura da *Lenda dos Seculos*, e das Odes phantasticas e *historicas* de Hugo, do *Ashaverus*, *Prometheu*, *Napoleão* (Quinet); mas o problema da alliança da poesia com a philosophia da historia está muito longe ainda de ser aqui como lá fóra satisfactoriamente resolvido, por ventura porque está ainda envolvido n'uma metaphysica insoluvel, em que tem tam-anha parte os exageros do *symbolismo*, já profundamente abalado pela critica positiva da philologia, desde Muller até Bréal.

Muito tem feito Theophilo Braga, e muito e enormemente injustos têm por ahi sido para com este primeiro vulto de uma segunda evolução da nossa Arte contemporanea, talento vigoroso, incansavel no estudo e na producção e que em tão pouco tempo tem conquistado incontestaveis direitos a um renome sério, sólido e duradouro, o que mais vale que as lantejoulas e incensos de uma popularidade facil e insciente.

No meio porém do cahos do presente encontram-se já elementos de idealisação nova e hodierna. A questão é que a poesia os não desdenhe pelas concepções e fórmulas do passado e que o poeta tenha um cerebro possante e sadio.» [1]

*

Candido de Figueiredo, que pertence á geração academica que se seguiu á da *Questão litteraria*, matiza a sua critica sobre Theophilo com traços realistas de impressões pessoaes:

«E' difficil retratal-o: ha uma distancia enorme entre a sua physionomia physica e a sua physionomia moral. A sua face esmaiada, anemica, insensivel, a sua bocca levemente sombreada por um bigode trivial, pequeno e pendido negligentemente nas extremidades, a timidez dos seus movimentos, o timbre da sua voz mansa e debil, nada d'isso corresponde á severidade das suas crenças politicas, á sua tenacidade de investigador, á sua energia de revolucionario, á sua intransigencia de homem de seita.

N'aquella corporatura franzina, sob aquella apparencia de timidez, e a despeito d'aquella voz serena, arrastada e hesitante, ha uma energia estranha de luctador intemerato, uma fervente dedicação de apostolo de ideias muito levantadas, uma estranha teimosia nos mais graves emprehendimentos.

A sua vida de escriptor exhibe-nos differentes evoluções, determinadas pelo tempo, pelo estudo, e por varios accidentes, cuja analyse competirá aos futuros bibliographos.

Ha doze annos, em 1868 ou 1869, via-se muitas

---

[1] Idem, *ibid.*, p. 287 e 288.

vezes atravessar o páteo da Universidade desde a Porta Férrea até á porta da Bibliotheca com o seu passo meúdo e pouco firme, com a capa academica indolentemente cahida sobre os sapatos desengraxados. Os novatos meus contemporaneos, formavam-lhe álas affectuosamente, respeitosamente; passava um sabio, ou pelo menos uma celebridade em embryão.

Para mim, e para muita gente era elle, já n'esse tempo, um poeta de primeira plana, porque tinha publicado a *Visão dos Tempos*, a melhor obra de arte que lhe devem as lettras patrias. [1]

---

[1] Escreveu Candido de Figueiredo, vinte e cinco annos depois, a proposito do livro *Marinhas: (Diario de Noticias* de 12-VIII-906):

«Na saudade da patria, em pleno oceano, vae o sentimento do eterno feminino, o entresonho de venturas que o mar afasta dos marinheiros Ha na *Visão dos Tempos* de Theophilo Braga duas estrophes que espelham a enamorada alma do marinheiro grego..., ou dos marinheiros de todo o mundo:

«Já lancei ferro em Corintho!
terra assim de gregas bellas
Nunca vi!
por matronas e donzellas,
de amor por todas, não minto,
me perdi

Mas quando arribei a Athenas,
doido amor! que dura guerra
soffri eu!
Ai que saudades da terra,
ao lembrar-me das pequenas
do Pireu!»

«Quando a vida do mar é reproduzida na escripta de um poeta ou, em geral, de um homem de lettras, os nossos olhos lêem, e o nosso espirito divaga e expande se encantadamente por essas mysteriosas solidões, em que a poesia, a nostalgia, o patriotismo e, muitas vezes, a tragedia, repassam a alma do marinheiro, engrandecendo-a e depurando-a...»

Hoje, (1881) creio que não faz versos: faz prosa, muita prosa, nos livros e nos comicios.

Estuda sempre, apparece pouco. E' um prégador convicto e infatigavel do evangelho de Comte e Littré; e trabalha a um tempo na demolição dos altares dos deuses litterarios, e na construcção de formosissimas republicas.

Elle sabe perfeitamente que o pensador, o philosopho, o homem de gabinete, hade ser sempre praticamente um máo politico, quando lhe escassêa a pratica dos negocios publicos, e o conhecimento largo e immediato das condições economicas, moraes e sociaes dos individuos e da collectividade; mas Theophilo Braga sabe tambem que o prestigio do seu nome e do seu talento transmitte ás classes menos alumiadas e menos convictas o enthuziasmo e a força que alentam a esperança n'uma redempção suspirada.

Por isso deixa ás vezes os seus livros, entra na officina do operario, e explica-lhe o melhor que póde, os mandamentos da republica, e os peccados da monarchia e das religiões.

Os seus livros de philosophia, de critica e de historia, são escriptos por um homem que, immerso n'um oceano de programmas e de ideias, de evoluções e de revolução, de coisas e factos, põe de lado a exigencia da fórma; o que lhe importa é salvar a ideia; bem ou mal vestida, coberta de sombras ou limpidissima, isso pouco importa.

O escriptor é artista; a arte visa ao bello; e Hegel tinha dito, que a realisação do bello na arte depende essencialmente da inteira alliança da fórma com a materia.

Mas Theophilo disse a Hegel que fosse prégar a outra freguezia, por que em philosophia, tanto na philosophia da Arte como na philosophia social,

conhece só um pontifice, Littré, representante de Comte. Ora Littré ensina-nos muito para a observação dos factos e para os processos artisticos; mas, quanto a estylo e fórma, deixa-nos perfeitamente á vontade, pela simples rasão de que *de minimis non curat Pretor.*

Evidentemente nas prosas modernas de Theophilo Braga não é possivel entrevêr a penna que escreveu a *Visão dos Tempos* e as *Tempestades sonoras.* Só o poema da *Bacchante,* na *Visão dos Tempos,* é de por si um titulo de gloria. Opulencia de oiro, aromas inebriantes, vivacidade de côres, todas as galas luxuriantes da flórida Hellade instillaram nos versos de Theophilo Braga a vida exuberante que vislumbra dos mais perfeitos quadros dos artistas gregos.» [1]

N'este mesmo volume, pag. 396 apresenta a lista das obras publicadas até 1881, e alguns dados biographicos:

«Formou-se na faculdade de Direito na Universidade de Coimbra em 3 de julho de 1867. Fez acta de *Conclusões magnas* na mesma faculdade em 1 de julho de 1868, e acto de *licenciatura* em 24 de julho do mesmo anno, tomando o gráo de doutor em 26 d'aquelle mez.»

A approximação das Fontes tradicionaes populares, veiu actuar em uma nova phase da Epopéa humana, e revelar-lhe as bases da Historia litteraria:

«O novo impulso litterario achou ecco por toda a parte; na Allemanha Bürger, Uhland e Wieland buscam o sentimento popular; na Inglaterra, Lockart, em França Philibert Le Duc, Fauriel, Michel, Ville-

---

[1] Dr. Candido de Figueiredo, *Homens e Lettras.* Galeria de Poetas contemporaneos, pag. 11 a 14.

marqué; na Hespanha Duran, na Italia o cavalheiro Nigra, e entre nós Almeida Garrett, acham o veio preciosissimo da poesia do povo. D'este modo o sentimento da personalidade acabava e ficavam sómente os cantos e as trovas de uma nação pela bocca do immenso rhapsodo – o Povo.

A tendencia critica e metaphysica insuflou tambem nova vida á poesia, desdobrou-lhe novos horisontes. Ella volve-se hoje para os periodos historicos, anima as edades, adivinha os sentimentos, as paixões das gerações extinctas, os sonhos dos heroes que dormem no sepulchro, e emfim o passado inteiro que vem á festa do seculo XIX pulsar a sua lyra.

Em todas as litteraturas se encontra esta tendencia, esta direcção; todos pretendem desempenhar esta missão verdadeiramente creadora.

Na Allemanha Lenau, em França Victor Hugo, na Inglaterra Tennysson inauguraram a poesia da Historia, e têm feito pullular das ruinas do passado flôres nativas de graça, typos adivinhados pela imaginação quasi divina. Entre nós o sr. Theophilo Braga inaugurou esta segunda phase da poesia, e é não pequena gloria o completar a grande obra de Garrett. Cada dia nos apresenta um novo florão encontrado na necrópole da antiguidade.

Vae para dous annos que se estreou com o poema da *Bacchante*, revelação profunda do amor grego, aquelle amor desvairado, furioso, que accommettia a fraqueza, que era quasi desnatural em Pasiphae, em Phedra, em Biblis. Clytia é irmã d'ellas, morre de amores pelo irmão.

A *Visão dos Tempos* não foi logo comprehedida; acoimaram o poeta de audacioso, sem esperarem o seguimento do seu plano. A imaginação do poeta transporta-se das paizagens atticas da Grecia, abandona o murmurio dos rios, o suspiro das fontes, o

riso das Nayades, que lhe ditaram aquella suave *Velhice de Homero* e o *Cyclope,* e deixa fascinar-se pela fraqueza indiana, pelo typo mais puro da mulher, a Sacuntála; é então que faz surgir d'aquella verdura esplendida da natureza oriental a Vamadheva da *Perola de Ophir.*

Quando o vêmos pulsar o alaúde hebreu, severo e doloroso na *Torrente de Cedron*, annunciando a redempção na *Ave! Stella,* e o messianismo mystico de *Sémida,* o filho da viuva de Naim, logo o sentimos plangente acompanhar o psalmo dos claustros, e recolhendo como strope pura o ultimo suspiro dos myrtires, no *Savanarola* e no *Spazimo.*

As *Ceas de Nero* são o resultado da luta do sentimento christão com a alma romana, é o imperio agonisante que se debate nas vascas da destruição, e recebe uma nova vida com as doutrinas de Christo. No *Baptismo de Fogo* reflecte-se ainda a mesma lucta, e ali o sr. Theophilo Braga pretendeu arcar com a *Noiva de Corynthe* de Goethe.

Tinhamos seguido o poeta n'esta sua immensa palingenesia; estes trabalhos historicos assim coloridos á luz do genio, e resaltando em strophes harmoniosas, foram com certeza um grande progresso para a nossa litteratura. Já ha muito que lá fóra a revolução litteraria seguia esta direcção dando resultados brilhantes, por isso nem eu sei a rasão porque o poeta não foi comprehendido, e atacado por uns como licencioso, por outros como pedante, e por outros ainda, como uma esperança perdida.

Escondido no fundo do seu laboratorio, como o alchimista da Edade Média, Theophilo Braga não sabia o que se pensava, nem o que se dizia; continuava na sua tarefa de todas as noites, e quando todos perguntavam que noyo cyclo da historia iria animar com a sua vara magica, é então que nos

apparece com um novo poema. Faltava a Cavalleria, um mundo de armas, galanterias, amores, torneios, fadas, aventuras, sabaths nocturnos, feitiçarias, alchimia. Tudo isto resumiu o poeta no seu ultimo livro a *Ondina do Lago*.

E' uma poema brincado, rendilhado, gothico florido, plena Edade Média. O mimo de strophes escondidas em toda a extensão do livro, faz lembrar aquelle labor desinteressado dos velhos obreiros das cathedraes, que bordavam a cinzel uma *flexa*, que ninguem jámais havia de vêr, posta no ár á altura de trezentos pés, só para ser tocada pelos ventos, e pelas aves do céo. A *Ondina do Lago* é como uma peça de filigrana, uma *cizelura* florentina, renascença pura.

Logo nas primeiras paginas encontramos o amor feérico, cujo typo se acha no romance do *Cavalleiro do Cysne*.

Theophilo Braga quiz representar n'este poema os dois cyclos principaes da Cavalleria — o cyclo Carlingiano, da força, da bravura; e o cyclo bretão ou de Arthur, do amor, do galanteio e da aventura. Na primeira parte predomina o sentimento da *honra*, na segunda o *amor* e a aventura galante. Este livro que deve ser estudado; encerra fórmulas de philosophia da historia, revestidas pela imaginação com realidades palpitantes de vida.» [1]

*

Oliveira Martins, como adherindo á Eschola de Coimbra, e seu continuador, julgava com largueza a obra poetica de Theophilo:

[1] L. Jardim, *Diario Mercantil*, do Porto. 1865.

«Causas complexas, que seria ocioso e deslocado enumerar aqui, demoraram entre nós a revolução que lá fóra Walter Scott e Byron, Victor Hugo, Lamartine e Chateaubriand, Goëthe e Schiller haviam effectuado. E' quando a obra ia já completa pela Europa, que Almeida Garrett apparece entre nós. — Creou um theatro nacional, remodelou a poesia, excavou a mina das tradições e lendas populares, fundou nas *Viagens*, principalmente o folhetim; deixou-nos, em summa, um todo que pareceu uma litteratura... Proseguidores, discipulos, escholas, não os fez, não os teve. — Da scena tinha desapparecido tambem Herculano. E no meio d'esta sombra immensa procurava-se uma litteratura e não se achava. Não faltava de certo quem soubesse empunhar a lyra, mas não havia quem podesse chamar-se artista. — O Romantismo fôra uma reacção e um transição. Logo morreu.

Nós, porém, não iamos mais além de Garrett. Se alguns primavam pelo conhecimento do *métier* era isso muito pouco, era nada, para nos dar uma feição á litteratura portugueza, para nos dar a nós uma litteratura. A ideia nova, comprehensão verdadeira do tempo, ninguem a tinha, não chegava para tanto o pulso da nossa gente.

Publica-se porém um dia a *Visão dos Tempos* e — honra nos seja feita — que a recebemos cavalheirescamente. Estou quasi a dizer que esta boa terra a não entendeu; o alcance do livro passou-lhe, de certo; agradou-lhe e comprou, primeiramente porque os papas lhe disseram que comprasse, segundo, porque o livro primava pela fórma.

Depois da *Visão dos Tempos* vieram as *Tempestades Sonoras*. O poeta não tinha avançado; o segundo livro senão o compromettia, não lhe augmentava tambem os creditos. Entretanto a *critica* disse

que sim, e repicaram de novo os sinos. Ainda bem que d'esta vez não tangiam elles para elevar mais uma banalidade ôca.

A *Visão dos Tempos* e as *Tempestades Sonoras* tinham implantado entre nós uma litteratura, e — o que menos valia — manifestado um grande poeta.

Mas, ai! despeitos, invejas, interesses ou o que fosse, levantaram em pezo aquillo a que se chamava litteratura portugueza, e que não passava de plagiato mais ou menos habil, contra o inovador poderoso e atrevido. Deploravel contenda de que, para nossa honra, deviamos aniquillar os documentos, tão miseros são de uma parte e de outra! Deram os de Lisboa prova de quanto podiam, patentearam os de Coimbra que somma de ganga andava ligada ao metal rico; os intermediarios, não ousaram atacar os primeiros nem souberam comprehender os segundos.

Foi depois d'isto que appareceu a *Ondina do Lago*, e os *litteratos* por que a não entendiam, ou se calaram ou chasquearam. Tristissimo expediente, que perante a justiça mais invalida e critica do que o auctor.

E comtudo a *Ondina*, apparecendo um anno antes, teria sido recebida com saudações eguaes, se não superiores. Não as valia porém. Ideia vasta, e póde-se dizer complementar dos dois primeiros livros, não compromettia de certo a faculdade generalisadora do poeta: a *Visão* e as *Tempestades* eram as origens da civilisação moderna até ao estabelecimento do Christianismo; a *Ondina* tomava ahi o mundo e conduzia-o através da Edade Média e da Renascença até ao dia de hoje. Os tres livros formavam uma Epopêa. (Agora mesmo se publicam as *Torrentes*, livro complementar do cyclo estudado aqui.)

Mas o quadro é immenso, e para representar em vultos e em scenas que são symbolos as evoluções do facto e da ideia, carece-se de uma percepção agudissima das minimas caracteristicas, de um conhecimento exacto de todas as circumstancias porque é d'esse conjuncto que hade surgir o ideal. Esculpia a estatuaria grega um Jupiter; não era o retrato de um homem perfeito, era a perfeição concretisada. No symbolo historico é o mesmo, mas a difficuldade é maior: retratar especificadamente os caracteres é caracterisar é amalgamar; estudal-os e sobre elles crear a personificação é fazer o Jupiter. Além da difficuldade da synthese, maior por mais complexa, accresce a da execução. Nas artes plasticas de um mesmo jacto o artista creou e compoz; na poesia cumpre que o symbolo retrate proeminentemente a ideia, sob pena de, em logar d'elle, apparecer um amphiguri, uma charada, sob pena de, onde deviam resaltar como vivos os factos e as ideias, se encontrarem tão sómente meias sombras, traços confusos.

Ora o vigor da execução verdadeiramente notavel que patentêa a *Visão,* diminue nas *Tempestades* e muito mais ainda, em geral — na *Ondina.*

Nos seus tres livros, Theophilo Braga, absorvido pela reflexão sobre as evoluções da collectividade, não nos dá o sentimento da vida individual e menos o da psychologia; as luctas do espirito, o homem moral, e a acção do individuo sobre a sociedade, em nenhum se deparam.

Accusal-o-hemos por isso? Não. Não acredito eu que Theophilo deixe de reconhecer a autonomia de todas essas acções, mas não o accusarei por não ter de um jacto vasado no molde artistico toda a sua ideia philosophica. Como Quinet, quando sómente escrevera o *Ashavero* (symbolo epico do passado

Theophilo não escreveu ainda *Napoleão* (a idealisação do presente revolucionario) nem *Prometheu: o homem*, nem a alma.

Demandam — e por isso não agradam aos da profissão — livros, como a *Visão* ou o *Ashavero*, a par de um espirito synthetico em elevado gráo, conhecimento profundo e critico; custa por certo menos ir lançando, no papel ou na téla, as impressões pessoaes, limando, cortando, cirzindo e embonecando, para depois dizer ao publico: ahi tens um poema, um romance, um quadro.

A poesia lyrica decae em toda a parte. A poesia collectiva é verdadeiramente moderna: o prefacio da Epopêa do seculo XIX é a philosophia da Historia, cujo facto culminante, no periodo moderno, é a redempção do povo, a gradual ascensão para a liberdade. Poeta epico, historiador philosopho, eis as qualidades indispensaveis a quem mire a altos fins.

Mas, disse eu, que assim como custa relativamente pouco reproduzir no terreno da arte a impressão subjectiva, só baseada sobre o conhecimento exacto da collectividade póde o poeta conceber o ideal. E' que, emquanto ao primeiro basta sentimento e noção maior ou menor dos *processos* artisticos, carece o segundo de uma força de imaginação que, recebendo todos os factos, seus caracteres e feições, a todos synthetise e personifique, reproduzindo depois com a penna, com o pincel ou com o escôpro, o ideal supremo. O que assim fizer, será esse o verdadeiro artista.

Não é dizer com isto — seria absurdo — que o artista tem de possuir uma erudição encyclopedica; não é assim. Mas a sciencia exacta do passado e ainda do presente; comprehensão firme da critica collectiva actual sobre o dia de hontem e sobre o dia de ámanhã; conhecimento da tradição que nos

anima e da aspiração que nos guia, hade forçosamente tel-as.

Isto comprehendeu Theophilo Braga, e é por isso que os seus poemas são verdadeiras obras de arte.

Seduziu-o porém a erudição, afundou-se de mais no passado, e abandonou pela erudição a poesia. Fez bem? Quanto a mim direi francamente, que não.

Manifestou-se um verdadeiro poeta; promettia vir a ser um grandissimo poeta; tinha pulso para tanto. Mostrou-se um máo critico e muito peior historiador; sem que deixe esperar por agora, melhoria de futuro. —

Poeta, dotado de um grande espirito de generalisação, de uma imaginação ardente, Theophilo Braga não se inspira de historiadores como Thierry, Gibbon, Beugnot, Savigny, Guérard, Montesquieu, Hume, Guizot, Mommsen, Muñoz y Romero, Herculano e tantos mais pela Europa inteira; o terreno especulativo attrae-o, a synthese philosophica enamora-o, e de braços abertos se lança aos grandissimos poetas que se chamam Vico e Herder, Michelet e Edgar Quinet. Cada facto é uma *ideia*, e o curso dos acontecimentos uma perpetua psychomachia.

Ponhamos agora de parte as qualidades da eschola, para sómente considerarmos que desempenho tem Theophilo Braga dado ao papel que talhou para si.

Vistas, portanto, largamente philosophicas, generalisações superiores, ninguem as tentara ainda (Herculano, Rebello e Soriano); e é esse o terreno para que o genio de Theophilo Braga o estava chamando.

O campo era na verdade seductor; não serei eu porém quem diga ter elle sido bem succedido na empreza.

Acredito, que assim como os tres livros de poesia da historia de Theophilo Braga hão de ser vividouros na litteratura portugueza, os seus estudos historicos não serão de futuro considerados senão como a inauguração, entre nós, da historia philosophica. Creio mesmo que, quando os annos e muito mais conhecimentos exactos das nossas cousas houverem chegado ao auctor, e lhe tiverem abrandado o orgulho da edade fogosa, será elle o primeiro a reconhecer o pouco valor das suas compilações. Acredito ainda que o verdadeiro terreno para Theophilo Braga é a Arte e não a Sciencia: perdôe-me o seu fanatismo pela erudição.

Eis aqui o que eu penso ácerca dos trabalhos já importantes de Theophilo Braga; importantes pelo que são, e muito mais pelo que promettem. Que talento vigoroso, que ferrea energia, que perseverança indomavel! Fio me que não será este dos muitos que se convertem á santa religião do paiz, á vida bestial do *make money*.» [1]

Sobre a corrente do *germanismo,* de que tanto foi accusada a Eschola de Coimbra, escreveu Oliveira Martins no seu estudo *Os Poetas da Eschola nova:*

«As *Odes modernas* tem já historia. O apparecimento da primeira edição d'este livro, e simultaneamente a publicação dos poemas historicos do sr. Theophilo Braga, produziram uma commoção na Poesia portugueza, que d'essa epoca entra n'uma éra nova. A poesia sentimental lamartiniana perdeu evidentemente, a contar de então, o seu predominio

---

[1] Oliveira Martins, — *Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro geral portuguêz*, p. 2 a 15. Porto, 1869.

até ali indisputado. A poesia erudita do sr. Theophilo Braga, não era um genero que pudesse vingar entre nós, onde a educação do publico é escassa, onde o gosto artistico não é geral, condições que por si só bastavam para deixar isoladas as tentativas de uma poesia refinada, subtil e que ao mesmo tempo deve ser sabia para ser acceitavel. A' ausencia d'estas condições accrescia a natureza propria do temperamento peninsular, que é em si muito mais poeta do que artista, muito mais capaz de sublimes loucuras do que de sabias concepções, muito mais capaz ainda de ardencia, calor, enthuziasmo, do que de subtilezas e finos retoques. Dez annos que vão decorridos (1875) sobre esses tempos, comprovam a verdade d'estas observações; dez annos em que nem um só poeta tentou continuar a obra do auctor da *Visão dos Tempos;* em que o proprio auctor, ou convencido da aridez da tentativa, ou chamado pelo seu genio para outra ordem de trabalhos, abandonou, infelizmente, para a poesia, para se entregar todo á erudição.

Muitas vezes tem já sido estudado o movimento moral-litterario que levou a sociedade europêa do racionalismo do seculo XVIII para a reacção romantica do principio d'este seculo; quaes as causas que determinaram essa reacção por certos lados fecunda como todas; e como a partir da introducção do *espirito germanico* em França, a philosophia espiritualista, perdendo sempre terreno, foi pouco a pouco arrastando comsigo a litteratura romantica, até que esta, divorciada da moral, caíu na dissolução a que hoje se chama satanismo em poesia, realismo no romance.

O caracter seu da eschola nova,... é serem principalmente inspirados pelo systema das ideias allemãs, apesar dos poetas receberem suas inspirações

mais por via dos representantes da cultura germanica em França, do que directamente pelos mestres allemães pouco conhecidos e ainda menos lidos. — Hegel, o Aristoteles da nova edade philosophica, é lido por poucos, mas as ideias hegelianas que apparecem por toda a parte nos livros de Quinet, de Vacherot, de Proudhon, de Renan, e mesmo de Michelet apesar da sua possante individualidade, são entre os môços poetas e pensadores portuguezes mais sabidas do que a muitos se affiguraria.

Este modo, pelo qual o systema das ideias allemãs tem entrado no espirito da mocidade portugueza, affigura se-me ainda um elemento de prosperidade; por que assim, repassadas, reverificadas essas ideias pelo genio francez, mais plastico, chegam-nos limpas da dureza, do dogmatismo escholastico e de uma nebulosidade mystica que as revestem na mãe patria. —

O sr. Theophilo Braga, cuja *Visão dos Tempos* foi dos primeiros livros que em Portugal marcaram esta nova epoca da poesia nacional, encarou porém a renovação litteraria sob um ponto de vista mais particularmente seu, mais artistico e erudito, do que propriamente poetico; e do systema das ideias allemãs cativaram-o de preferencia as que na Allemanha tinham ficado de pé desde a época do romantismo, do que o movimento religioso, social e philosophico que cada dia tende mais a tomar a dianteira ao sentimento politico historico, com o qual os allemães já acabaram de construir a sua hegemonia nacional. Como era de prevêr, entre a historia poetisada e a erudição historica, o ex-poeta entendeu com rasão que a ultima valia mais do que a primeira, e abandonou a *Visão dos Tempos* pela *Historia da Litteratura portugueza*.— Assim os poemas do sr. Theophilo Braga ficaram como um

exemplar da poesia pessoal, isoladas e sem seguidores; e o systema das suas ideias prende-se ainda ao das ideias romanticas na maneira porque poetica ou scientificamente concebe a historia, isto é, como uma expressão naturalista dos genios das raças, e não como uma revelação ininterrompida de Deus no tempo, para me servir da fórmula hegeliana; apezar de não admittir dos romanticos francezes, nem o individualismo heroico de Hugo, nem o sentimentalismo dos lakistas ou dos lamartinianos.» [1]

O consciencioso lusophilo Maxime Formont, no seu estudo *Le mouvement poetique contemporain en Portugal*, aprecia nitidamente a obra poetica de Theophilo Braga, então representada na *Visão dos Tempos*, *Tempestades Sonoras* e *Ondina do Lago:*

«Encontra-se n'estes livros uma grande frescura de imaginação alliada a uma notavel facilidade em comprehender e reflectir em versos enthuziastas a alma das differentes civilisações. Na sua impetuosa avidez, o joven poeta, faminto de ideal historico e romanesco, apodera-se de todas as tradições, de todas as lendas, de todos os symbolos, eternos elementos de phantasia e de sonho que nos offerece o passado. Eil-o em frente da *Antiguidade homerica:* templos gregos, hierophantes e ritos, divindades dos bosques, dos campos e das montanhas, nayades cujo corpo immortal irradia vagamente sob as aguas transparentes, bacchantes precipitando-se através das campinas em carreiras desvairadas, com alaridos. Depois, vem a *Harpa de Israel:* a Biblia, o Evangelho, desde Eva a chorar no Eden depois da queda

[1] Oliveira Martins, *Os Poetas da actualidade. (Revista Occidental),* 1.º anno, tomo II, pag. 156 a 160.

até San João, dormindo o seu somno de propheta na ilha de Pathmos, aos raios do sol implacavel, sob o firmamento immenso, opalino e tórrido. Agora a caravana dos Reis Magos, que vem através do deserto humilhar diante da tradição hebraica o mysticismo de Zoroastro. Mais adiante o Oriente de Mahomet, que dá logar á Edade Média gothica e á Renascença, com Savonarola.

A poesia cavalheiresca acha-se ahi concentrada na *Ondina do Lago*, a narrativa de um joven conde que tendo-se perdido na caçada, adormece de cansaço junto de uma arvore, e ouve no seu sonho a queixa longinqua de uma fada, de que fica logo apaixonado. Depois das vigilias na sala de armas, dos torneios, os espectros velados apparecem no meio de um festim nupcial, as donzellas transmudadas em vampiros, os castellos encantados onde languesce uma virgem captiva, a floresta de Brocéliande onde jaz Merlin, a floresta das Ardennas, que Ariosto e Shakespeare povoaram com os seus encantamentos, nós vêmos levantar-se, através das brumas de ouro da lenda, o Oriente voluptuoso, terra das palmeiras e das Fatimas, das trigueiras princezas que libertam por amor os cavalleiros captivos, esquecidos de suas mulheres, e arrebatados pela troca por algum tempo de Alix ou Brunisenda, por Leilah e Haydéa. Verdadeiramente, é um tropel bastante pittoresco: o anachoreta ingenuo sonha na sua gruta; Eghinard esquece junto de Emma de contar as horas da noite, tão longas para o Doutor Fausto no seu aposento gothico; Carlos Magno e Turpin conversam passeando por entre vergeis floridos; Ashaverus, lá ao longe passa com a sua grande tunica e sua barba esqualida; Dom João Tenorio faz rir e chorar a sua guitarra junto de um mirante, ou leva, cantando barcarolas, uma donzel-

linha que se fiou na sua barca pérfida e seguirá até ao fim o traidor pelo rio de Tendre.

Comtudo não é a estes encantadores poemas, que Th. Braga deve a sua reputação europêa; é aos seus trabalhos sobre a formação das tradições litterarias e historicas.

A sua actividade intellectual tem-se exercido sobretudo fóra da poesia propriamente dita. Assim, foi collaborador de Emilio Littré na *Revue de Philosophie positive;* tem prestado o seu concurso a revistas allemãs, inglezas, italianas e hespanholas. Muito tem escripto sobre materias pedagogicas e feito uma fervorosa propaganda das ideias positivistas em Portugal. A sua acção politica não pode ser aqui apreciada. Além das suas poesias, duas das suas obras têm o direito de nos interessarem particularmente, o *Romanceiro geral* e o *Cancioneiro popular,* onde reuniu os bellos romances populares para estudo dos scientes e dos poetas, que podem tambem haurir proveito. Sob o ponto de vista da erudição, estes livros têm um immenso valor; não só pela acção salutar que esta poesia eminentemente nacional pode exercer sobre as inspirações dos litteratos e ideias dos criticos, como completam tambem a obra de regeneração realisada por João de Deus. O genero litterario inaugurado pela *Visão dos Tempos* não teve verdadeiros continuadores.» [1]

---

[1] *Le mouvement poetique contemporain en Portugal.* (Na *Revue mensuelle du Monde Latin*, tomo XXI, 1.º Mai 1890, p. 42 a 44.

No *Monde poetique*, de Paris, escreveu Reis Damaso um valioso estudo *Os Poetas portuguezes contemporaneos*:

«Da segunda phase de Victor Hugo, na *Legende des Siècles,* deriva se a Eschola historica na Poesia portugueza; despontou restricta mas desenvolveu-se vigorosamente pela com-

No prologo das *Torrentes*, de 1869, vem uma referencia ao accolhimento da critica ás séries da obra poetica: «Os applausos da vespera transformaram-se em tripudio de rancor e em vergonhosas palinodias. O obreiro voltou para a sua mina, a proseguir no trabalho lento, mas não já socegado.» O dr. Candido de Figueiredo fazendo a revista do anno litterario de 1869, ao chegar ás *Torrentes*, revela essa corrente de hostilidades: «Visões estranhas vieram pousar me o leito. Sobre o meu travesseiro dormiam commigo as magestosas *Torrentes* de Theophilo Braga, livro de que em seguida ás *Flores do Campo* eu contava fallar-te. Por cima de mim, por cima do livro, em torno de meu leito, adejavam uns demoniosinhos, microscopicos como os lilliputinianos de Gulliver; uns expediam risadidinhas agudas, como de feiticeiras em noite de San João; outros folheavam o livro e dobravam os joelhos por baixo das estrophes da mais levantada

---

prehensão do grande ideal scientifico, chegando logicamente a exprimir syntheses philosophicas, Theophilo Braga com os seus livros *Visão dos Tempos, Tempestades Sonoras, Ondina do Lago, Torrentes* e *Miragens Seculares;* Teixeira Bastos com os *Rumores Vulcanicos* e *Vibrações do Seculo;* Luiz de Magalhães com os *Primeiros Versos, Odes e Canções;* Antonio Feijó com as *Transfigurações,* representam esta brilhante eschola que procura mais ou menos trazer á forma artistica as concepções da philosophia positiva, esta salutar e benefica philosophia professada pelos maiores espiritos portuguezes, que a propagam pela palavra escripta ou fallada. e cujos principios começam a introduzir-se em todos os ramos da litteratura, que assim se revivificam.

«Theophilo Braga, o primeiro em Portugal que a pronunciou, emprehendeu com os seus admiraveis trabalhos poeticos o desideratum da Epopêa cyclica da Humanidade, grangeando assim a justa reputação de primeiro poeta da Peninsula.»

inspiração; estes murmuravam muitos kyrie em volta do livro, arrancando-m'o da mão, como da mão de um profano se arranca a hostia sacrosanta; aquelles desfaziam o livro em tiras, entreteciam com ellas uma corôa e collocavam-a na cabeça. Se me voltava para a direita, os da esquerda escouceavam-me com arreganho diabolico; se me voltava para a esquerda, os da direita affiavam a pequena dentadura e arrancavam-me as panturrilhas. O equilibrio era impossivel: esmagava-me um pezadelo! Acordei. — Suspendo pois a revista do anno litterario de 1869, emquanto me vier á ideia aquella visão aterradora.» [1]

Um dos poemas incorporado nas *Torrentes* foi estudado pelo Dr. Xavier da Cunha, então ainda estudante de medicina:

«Chama-se *Ultima gargalhada de Mephistopheles* o ultimo poema do sr. Theophilo Braga...[2] Lêr o titulo é evocar o nome de Goëthe, e com elle a recordação de quem tem feito o desespero dos criticos no poema immortal do *Fausto*.

Quando se medita no *Fausto* de Goëthe, e occorre á lembrança aquelle engenho fecundissimo, aquella imaginação inexhaurivel, sente-se a gente, como por encanto, n'um transporte de pasmo e de admiração.

Custa conceber como o octogenario patriarcha de Weimar sentia ainda viçosos, do mesmo modo que nos primeiros tempos da juventude, os primorosos thesouros da sua risonha phantasia.

Os fios de prata, que lhe emmolduravam a fronte, veneravel diadema da sua realeza de poeta, não

---

[1] *A Folha*, n.º 10. — Coimbra, 1869.

[2] Tem o titulo de *Vertigens do Infinito*, no livro das *Torrentes*; e na edição integral *Vigilias do Fausto*.

tinham vindo coroar a decadencia do genio, nem recordar um talento que fôra: — renascia cada vez mais brilhante a inspiração, e brotavam cada vez mais deslumbrantes os poeticos arrôjos n'aquelle cerebro de gigante.

Não se apagára nem um raio sequer da auréola, que lhe circumdava os primeiros triumphos da mocidade; antes, d'aquella cabeça, como de astro esplendido radiavam cada vez mais offuscantes os fulgores da gloria.

São em numero pequeno os mimosos com quem tanto a natureza tenha prodigalisado os thesouros do genio: — o espirito cança, cança a imaginação, cança a intellectualidade: — não é raro vêr aos trinta annos o occaso de um sol d'aquelles, cujo arrebol fôra dos mais formosos, dos mais precoces, e dos mais promettedores.

Começar por escrever o *Werther*, e concluir coroado de cans as ultimas paginas do *Fausto*, privilegio é esse que poucos tem podido disputar a Goëthe.

O sr. Theophilo Braga, o talento poetico mais encyclopedico de que em annos tão juvenis eu tenho noticia, quiz mais uma vez, e em genero novo, revelar os thesouros inexgotaveis da sua poesia.

Se ha cousa, onde devéras deva comprazer-se a alma do sr. Theophilo Braga, é decerto n'aquelles devaneios vagos do mundo phantastico de Goëthe, n'aquella lucta incessante entre a cabeça e o coração, entre o espirito e a materia, entre a razão e o absurdo, entre o ferveroso da crença e da vertigem diabolica da ambição, entre Fausto e Mephistopheles.

Se ha assumpto, repito eu, que mais particularmente mereça a sympathia do môço poeta, é devé-

ras este, postoque em todos se compraza divagar aquella imaginação ridente e expansiva, fertilissima, encyclopedica, e oxalá que inexhaurivel.

E senão.. vejam como a phantasia lhe esvoaça facil e cheia de encanto por todos aquelles mundos de poesia, que lhe temos admirado: — umas vezes, evocando as noites tempestuosas do palacio de Nero, e fazendo-nos escutar os brindes apaixonados de Petronio entre as taças do espumante phalerno: — outras vezes, desvaneando todo éstro e inspiração através d'aquellas piedosas lendas do christianismo: — hontem escutando os hymnos mysticos da Edade Média, hoje deixando o espirito vaguear por entre os quadros voluptuosos do Gita Govinda, ou deliciando-se nas pittorescas imagens do Ritou-Sanhara, ámanhã trocando os *slokas* de Vyasa pelos poemas da Grecia.

Hoje captivou se-lhe a alma n'aquelles mundos meio-sonhados do Goëthe: ámanhã a imaginação voar-lhe-ha talvez, envolta nos crepusculos brumosos da Islandia, ou embrenhada pelas florestas virgens da America tropical, ou derretida em cantos de amor nas serenadas de Granada. [1]

Nas *Memorias* de Goëthe encontrou talvez o sr. Theophilo Braga o pensamento inicial do seu ultimo poema.

Chamava-se Frederica a mulher, que o grande poeta da Allemanha encontrou um dia: — admiral a, apaixonar-se por ella subitamente, e pedir-lhe um beijo n'um momento de delirio, coisas são estas que não repugna conceber: — ao poeta, que sonhára no

[1] Effectivamente realisou-se a previsão no poemeto *O Bravo de Uiraçaba*, e no drama lyrico *Blanca de Bivar* (inedito).

intimo do coração e escrevêra com tanto sentimento as paginas do *Werther*, difficil era que se lhe não incendiasse a alma de artista perante o ideal da formosura.

Pediu-lhe um beijo, e o beijo foi dado: — que seculos de vida se não passaram talvez no coração d'aquella mulher, formosa, virgem, resplandescente de encantos, consagrando de corpo e alma a existencia, n'aquelle momento, ao poeta mais festejado da Germania?

Schiller ter-se-hia sequestrado talvez á vida ruidosa, que lhe sorria em tôrno, para concentrar todo o seu existir d'aí ávante no amor da encantadora Frederica.

Goethe, calcando aos pés os anhelos do coração, tudo em proveito da humanidade que o saudava com fervorosos festejos, teve animo sufficiente para nem se quer pagar aquelle beijo, que lhe tinha dado Frederica, e emquanto a pobre triste se finava de magoa ao vêr calcadas e destruidas pela raiz as esperanças que ella, hera humilde e graciosa, concebêra de envolver em voluptuosas espiras o tronco ao roble gigante, o poeta ensurdecia á voz do coração, e engolphava-se na embriaguez dos triumphos com que lhe infloravam a existencia.

A poder de estudo e de esforços, o poeta do coração, que escrevêra *Werther*, acabava por ser o poeta da phantasia que delineava o *Fausto:* — o sentimento cedêra o logar á imaginação.

O cerebro desenvolvera-se-lhe á custa do orgão cardiaco; e o grande genio conseguira escutar placidamente na sua côrte de Weimar os applausos unanimes do mundo inteiro que o proclamava poeta.

A aventura foi esta, e foi esta a ideia que presidiu á elaboração do ultimo poema do sr. Theophilo Braga.

Começa elle por uma introducção de noite estrellada e sem nuvens, em que o poeta na contemplação muda e extatica d'esses milhões de mundos, que giram serenamente pelo azul escurissimo do firmamento, sente devoral o a sêde eterna da gloria.

A'quella sêde ardentissima e insaciavel responde a apparição de Mephistopheles, evocado pelo poeta de Weimar, sêde que o abraza, e para satisfazer a qual não poupa elle sacrificios, sem duvidar mesmo desobedecer aos impulsos intimos do coração, com tanto que lh'o recompense com applausos a humanidade, a quem de todo se consagra.

Ao proprio Mephistopheles chega isto a causar espanto:

. . . . . Insaciavel,
A sêde do Infinito te devora!
O prazer, a sciencia do passado,
O livro do futuro, o absoluto,
Ante os teus olhos pávidos puz tudo!
. . . . . .
Que me pedes? . . . . . .

E o poeta pede-lhe vêr a mulher no estado primordial de candura, tal qual pura e formosa a tinha Deus creado na aurora do paraiso, antes de haver-lhe o pranto do infortunio aljofrado a face com lagrimas:

Eu quero erguer-lhe o véo d'essa candura,
Mas não é para mim! beber lhe o riso,
Trespassar-me do olhar mais vehemente,
Extasiar-me com fallas pequeninas,
Fazel-a ideal, e dal-a á humanidade.

E o poeta assigna o pacto com Mephistopheles! — e Frederica surge diante de Gœthe, toda perfumada de encantos!

Que magia a d'aquella imagem deliciosa que o dedo de Mephistopheles aponta! — que suavidade em todos aquelles contôrnos! que pureza no existir d'aquella donzella, que vive sósinha com a sua candura no eirado onde Gœthe a encontra, e onde a pobre virgem n'um beijo, que lhe dá, lhe consagra os thesouros riquissimos da sua alma!

Depois... que decepção para a pobre Frederica, quando o poeta, recebendo o beijo com uma frieza incrivel, lhe diz:

Mulher, porque amas tanto? Quem te obriga
A depôr a meus pés tua innocencia?
E's a flor que se esvae toda em perfumes,
E que ao calor da sésta se emmurchece:
Não me beijes assim!

Mas, em frente da desfalecida Frederica o poeta, chega quasi a pedir perdão de ter ido desafiar e deixado medrar no coração da pobre mulher tão lindas esperanças.

Por fim lá está Mephistopheles a segredar-lhe ao ouvido:

Baqueias! pobre athleta,
A dôr teu peito esmaga?
Mais diz volta solta e vaga:
— Levanta-te! és poeta.

E *és poeta!* dirão a Theophilo Braga os applausos de quantos lhe lêrem mais esta nova producção, mais esta demonstração solemne do seu primoroso talento.

Em todo este poema, onde a meiguice do lyrismo vem casar-se com o sarcasmo das gargalhadas mephystophelicas, respira-se não sei que perfume de poesia vaga, que faz lembrar as paginas do *Fausto*, e de que tanto se resentem os escriptos do sr. Theophilo Braga: — collar precioso de pero-

las, mas onde estivesse de espaço a espaço interrompido o fio que as une; por vezes a interrupção foi demasiado sensivel para que se note ali a falta de algumas bagas de nacar, que se perderam, e que eram essenciaes para completar a continuidade do collar.» [1]

*

O poeta Eduardo Vidal, que tomou parte na *Questão litteraria* contra a Eschola de Coimbra, no seu opusculo *Guelfos e Gibelinos,* em que censura a prosa estylistica, resalva a poesia appresentando um trêcho do poemeto sobre os amores de Gœthe:

«Sejamos todavia justos; a Eschola de Coimbra desce algumas vezes insensivelmente da sua peanha transcendental e põe-se ao livel dos assumptos comesinhos. O seu melhor poeta, ou para nos expressarmos com verdade, o seu unico poeta, não deixou de banda a sua musa que lhe segredava estes versos:

Se a visses á janella
Cuidando em seu bordado;
Podesses, como eu, vêl-a
Detraz do cortinado!
. . . . . .

E se á janella, triste,
Vem pôr sua gaiola;
Se vem deitar alpiste
No comedouro á rôla!

Ai, rôla! quem pudesse
Gosar os teus carinhos;
Que a vida me parece
Um thálamo de espinhos.

[1] Olympio de Freitas, (Pseudonymo do Dr. Xavier da Cunha), na *Gazeta de Portugal.*

«Nada mais infantil, nem mais gracioso, nem mais bello. Sente-se uma pessôa desafogar intensamente quando recita estes versos. Uma creança que deita alpiste a uma avesinha querida, enche de arôma um idyllio; Jupiter franzindo o sobr'olho enche de magestadade uma epopêa. Um gesto, um sorriso colhido entre os labios, um volver de olhos triste, a vermelhidão do pejo afogueando um semblante, eis a simplicidade e ao mesmo tempo a poesia.» [1]

2 — Phase comteana I: *(A continuidade humana, no seu determinismo psychologico* — 1884-1894)

Miragens seculares

Fallando do culto da Humanidade, escrevia o esculptor Etex, nas suas *Recordações de um Artista*: «no culto da Humanidade apprendi alguma cousa da synthese na historia e na Arte; .. Comprehendi bem que *o sentimento sem a sciencia,* permanecia impotente; mas a philosophia positiva de Augusto Comte me ensinou, que *sciencia sem o sentimento permanecia morta.*» (1852). Nas *Miragens seculares,* publicadas em 1884, a posse d'este ideal positivo na elaboração da Epopêa humana é confessada por Theophilo Braga: «As Epopêas antigas foram productos organicos, que já se não podem repetir, porque passou o estado *psychologico* e *social* que as inspirou; as Epopêas litterarias foram sempre uma falsa e servil imitação das obras seculares, e como falsas perderam o prestigio. Mas a conce-

[1] *Guelfos e Gibelinos* — Tentativa critica na actual polemica litteraria. Lisboa, 1866.

pção épica não pode estar extincta, principalmente quando se chegou a determinar o mais vasto e mais bello de todos os ideaes. Existe o espirito da Epopêa nova, falta ainda dar-lhe fórma. Que se accumulem os esforços. Augusto Comte foi o primeiro que presentiu a necessidade da grande *Epopêa da Humanidade*, e que a esboçou em parte na commemoração historica pelo culto sociolatrico.» (p. x.)

A concepção positiva iniciada nas *Miragens* foi saudada por José Leão Ferreira Souto, de San Paulo, em bilhete de 8 de janeiro de 1884: «Nos ultimos tempos apesar do differente modo de philosophar que adoptámos, leio sempre com prazer os seus escriptos recem-publicados.

«Agora, com maior prazer ainda, acabo de lêr as suas *Miragens seculares*. Pela primeira vez lobrigo-lhe tendencias para uma verdadeira regeneração na Arte. Inda que não passem de uma aspiração indefinida, acceite da minha parte mil felicitações, pois que sempre o julguei capaz de chegar a esse resultado.»

O livro das *Miragens seculares* termina com uma Nota (pag. 231 a 237) em que pela primeira vez se esboça a systematisação dos quatro volumes de poesias integrados os seus varios poemas no plano philosophico sob o titulo geral de *Visão dos Tempos*. Sobre esta *Phase comteana*, fixada nas *Miragens seculares* escreveu o indiano Guilherme Moniz Barreto este precioso estudo:

«N'este livro vem o auctor completar um pensamento iniciado ha vinte annos pela publicação da *Visão dos Tempos*. (1864.) Superior aos outros volumes da série na concepção philosophica, esta collecção é em si um trabalho completo, e contém em resumo não só as ideias que inspiraram toda essa

longa obra poetica, mas ainda o espirito geral da philosophia do auctor. Porque é o condão da obra d'arte exprimir com uma nitidez e concisão soberanas a verdade despedaçada pela laboriosa analyse scientifica ou penosamente organisada pela lenta generalisação philosophica. Se eu tivesse de escrever um estudo psychologico sobre Theophilo Braga, escolhia este livro entre todos os seus numerosos volumes, como o mais precioso documento de um tal espirito. — Em parte alguma a pègada humana se imprime tão fundo como no solo da Arte.

Homens ha que, por uma estructura peculiar da sua intelligencia, não vêem na constante harmonia do universo senão um montão irregular e disforme de factos; que emparedados n'uma especialidade, julgam não haver mundo fóra da limitada esphera de phenomenos a que applicaram a sua investigação, e ignoram esta grande verdade que para conhecer bem uma cousa, é preciso conhecer bem todas as cousas; que não vêem da realidade senão uma das faces, ás vezes apenas uma aresta, e que agachados a um canto da Sciencia contemplam desdenhosamente toda a investigação que váe além do facto, com uma prudencia de espiritos mediocres e uma philosophia negativa.

Outros, pelo contrario, têm o instincto e a necessidade da synthese; através da innumeravel multidão de phenomenos elles se precipitam em busca da lei que os resume e que os explica. — Elles têm o genio da coordenação e da deducção continua, e precisam de agrupar constructivamente os factos dispersos dentro do estreito recinto de uma fórmula superior de que todos elles não sejam mais que os casos e os exemplos. A Sciencia começa verdadeiramente com esses homens, e os outros não são mais do que colleccionadores de dados concretos.

Theophilo Braga pertence a essa classe de espiritos cujo trabalho em todas as suas variadas manifestações está subordinado a uma ideia directriz: é essa ideia que seu novo livro de versos exprime e que tratarei de expôr.

Este livro é a Epopêa da Humanidade; escrevendo-o Theophilo Braga não saíu do campo das suas investigações da Historia; ninguem mais bem preparado do que elle pela sua immensa erudição e pelas suas aptidões generalisadoras para esse trabalho.

Desde o dia em que compoz o primeiro volume da *Visão dos Tempos* até hoje, elle não cessou de augmentar ou renovar o seu peculio intellectual, e esta obra é a corôa do vasto trabalho encyclopedico anterior.

No lucido prefacio que publicou em frente d'este volume e na Nota que o fecha, expõe o auctor a largos traços a sua philosophia da Historia e a sua philosophia da Arte:

«A simples comprehensão da Historia é o thema fundamental de uma vasta Epopêa; a Historia — *a lucta da Liberdade contra a Fatalidade* — dá logar á seguinte trilogia:

«A *Fatalidade,* ou o conjuncto de forças naturaes que o homem teve de vencer: os instinctos, e as instituições staticas da sociedade, taes como as castas, as religiões e os odios nacionaes.

«A *Lucta,* ou o conjuncto dos esforços empregados para alcançar os progressos successivos na ordem juridica, moral, artistica, philosophica, economica, industrial e scientifica, constituindo cada conquista uma dada civilisação.

«A *Liberdade,* ou o momento em que o sentimento e a rasão, accordando-se no mesmo fim scientifico, tendem pela disciplina positiva a reuni-

rem o maior numero de relações para a verdade, eliminando da consciencia e da constituição socia. as noções absolutas ou subjectivas da mentalidade theologica e metaphysica.»

O livro divide-se por conseguinte em tres partes — Cyclo da Fatalidade, Cyclo da Lucta, Cyclo da Liberdade.

A primeira parte é um grupo de poemetos em que se celebram os grandes factos prehistoricos e as origens da Historia: os cataclysmos do globo, a apparição das monstruosas faunas e floras primitivas, as primeiras invenções, as migrações através dos continentes ainda desertos, as luctas do homem contra os elementos hostis e todas as forças destruidoras da Natureza indisciplinada, e as lentas creações organicas promovidas pela reacção do homem contra a Natureza. Os dados da Sciencia são tão altamente dramaticos que basta transcrevel-os coordenando-os, para se ter um quadro do mais vivo interesse; é o que fez o auctor, e a isso talvez se deva o ter esta parte do livro um menor cunho de idealisação que as outras duas.

O *Cyclo da Lucta* conduz a Historia desde as primeiras civilisações até á Renascença. — Os grandes momentos historicos são successivamente representados na sua face mais elevada. Esta parte contém algumas das mais formosas poesias do livro, e é no seu conjuncto a porção mais bella do volume. O estylo, que na primeira parte partilhava da indecisão e da aspereza do assumpto, torna-se de uma grande facilidade e energia, e chega mesmo ás vezes como na poesia intitulada *O Sepulchro de Virgilio* a achar a suavidade e a força dos mais bellos trechos das *Torrentes*.

O *Pesadelo dos Tumulos* exprime essa estranha doença que affectou uma das primeiras civilisações

antigas e feriu de morte tudo quanto os dons naturaes e os esforços proprios tinham accumulado nas margens do Nilo. — A preoccupação da morte, que foi o traço dominante d'esse povo, está longamente exposta n'esse poemeto que termina por um protesto contra os funebres dogmas do repouso, da immobilidade absoluta :

Alargando os subterreos pavimentos
Aonde iriam gerações inteiras
Esconder-se no somno interminavel,
Fizeram-nos sentir que esses momentos
Da vida eram chimeras vãs, fagueiras,
E que era só verdade o que era estavel.

Esculpindo na pedra que não sente,
Immerso em trévas trabalhei constante,
Era o hypógeo baixel, eu o gusano :
O tempo corre rapido, e adiante
Se chego a conhecer que o dogma mente.
Quem dá reparação ao grande engano ?

Nunca o sol enxugou os nossos prantos
Que abrandavam a pedra onde ficára
O ignoto geroglyphico gravado.
Os Padres nos domavam com seus cantos
Submettendo ao trabalho a raça ignara,
Cada qual aspirava a ser finado.

Quantos mil annos dispendeu o Egypto
N'esse lavor das sepulturas baixas
Sem ninguem discutir da Morte o mytho !
Queriamos que a esposa bella e nova
Fosse envolvida pelas mesmas faixas,
Merecendo ambos uma mesma cova.

Nós pagámos com sangue o frio asylo
Como casta servil, e obedecemos
A todos os caprichos dos tyrannos ;
Esperando alcançar por graça aquillo
Que a natureza impõe, ledos morremos,
Crentes n'estes animicos enganos !

No *Deserto de Deus* está synthetisada a vida d'esse povo singular, que permaneceu n'um isolamento voluntario, e cujo genio tem a monotonia e a aspereza do deserto natal. Absorto na invenção do crédo monotheista, e esgotando a sua seiva na actividade religiosa, elle não concorre ao immenso trabalho collectivo e harmonico que funda as sciencias, formula as artes, as industrias, as formações sociaes:

Mas os povos da terra amaldiçoados
Subjugam com trabalho a natureza;
Fundem metal, sulcam a terra, os mares,
Levam a toda a parte os seus productos;
Dão vida ao pensamento pela escripta,
Apossam-se do mundo, e fraternisam.

Mas o povo hebreu confinado n'uma ideia fixa, fica fóra de todo esse movimento, e quando entra no convivio da civilisação é para interrompel-o pela creação do Christianismo:

Oh Povo eleito entre as malditas gentes,
Escolheu-te Jehovah, Deus solitario,
Para tornar-se o eterno vagabundo!

O *Sepulchro de Virgilio* é uma deliciosa poesia em que são postos frente a frente o principio romano da Justiça e o principio christão da Graça. — O fundo tradicional do poema é uma lenda medieval, em que San Paulo chega ao tumulo de Virgilio e chora por ter vindo já tarde para salval-o. Mas Theophilo Braga serve-se d'esta lenda como um pretexto para apresentar n'um contraste dramatico as duas civilisações em lucta. San Paulo diz estes suaves versos, que destôam talvez um pouco da aspera eloquencia do Apostolo; o que é perfeitamente correcto quando se pensa que Virgilio e Paulo são

aqui symbolos e não os verdadeiros personagens do drama:

— Oh alma pura, ingenua, bem nascida
Para sentir o Bello e a Verdade!
Para ti minha vinda foi perdida.

Ao conhecer-te quem chorar não hade,
Vendo morrer no erro e culpa d'Eva
O melhor coração da Antiguidade?

Tu foste como o guia quando leva
A luz adiante e a todos alumia;
Só para si não vae rompendo a tréva.

Presentindo essa ideal melancholia
Que fez do novo dogma a essencia, brando,
Sunt lacrimæ rerum, proferia.

A nova ordem foste annunciado
Na voz *Saturnia regna,* não ouvida
Do povo que ia á saturnal em bando.

. . . . . .

Soubeste amar, sentir, outros gosaram;
Tiveste a dôr da ideal melancholia.
Com tédio os outros ja se aniquillaram.

Virgilio! ah, como apostolo seria
O que déra á verdade essa linguagem
Profunda, humana e viva da poesia!

Se Paulo, ai tarde! da longiqua viagem
Podesse vir a tempo em tua procura,
Do Verbo novo dando-te a mensagem!

Ter eu vindo tão tarde! Desventura.
E ser já tarde, que lethal tristeza,
Para salvar essa alma ingenua e pura!

Virgilio responde-lhe antepondo á doutrina da Graça e do arbitrario a theoria da Justiça e a no-

ção do Direito. Toda esta poesia tem por objecto a antithese d'esses dois factos. Theophilo Braga como muitos dos mais poderosos pensadores d'este seculo affirma o antagonismo entre o Christianismo e o espirito moderno inimigo de todo o privilegio. Alma essencialmente positiva e *humana,* elle não poderia deixar de combater uma religião que volta todos os pensamentos e esforços do homem para a conquista de uma felicidade extra-terrestre, e suspende a actividade productora em proveito da contemplação infecunda, substituindo ás energias creadoras da Sciencia e do trabalho a ignorancia voluntaria e a esterilidade perpetua do repouso e da renuncia.

Esses versos são singularmente bellos, o que se explica porque são a expressão de uma das convicções mais vivas do poeta. Não é de crêr que a meiga, feminina alma de Virgilio fosse capaz de inspirar-lhe essas viris palavras dignas de algum dos grandes descontentes da extrema decadencia do Imperio, Juvenal ou Tacito; mas ellas estão á altura da alma romana que tentam representar, e do sentimento do Direito que exprimem:

«Não vieste tarde! E vê se poderias
Ao maximo pontifice do *Justo*
Leval-o a crêr na *Graça* do Messias?

Não podera esquecer á todo o custo
Essa harmonia eterna das vontades,
Pelo dogma d'um privilegio augusto.

Cuspido á praia pelas tempestades
Vieste, Paulo, a tempo a dar a nova
D'esse mysterio ás immoraes cidades.

Emquanto da Justiça déra prova,
Roma foi grande, soberana e forte.
Quem haverá que a outra ideia a mova?

Mas essa luz que foi sempre o seu norte,
Offusca-a hoje a purpura devassa;
Do gangrenoso Imperio soffre a morte.

Antepondo á Justiça a casual Graça,
Ao Direito o favor... Paulo, entra em Roma,
Se fallas em rasão o vulgo passa;

Elle não te percebe. Ah, Paulo, doma
O ignaro povo com o dôce engano,
Um absurdo em que creia, e um deus que coma.

Da bemaventurança pinta o arcano;
Mas a doutrina só será fecunda,
Passada a embriaguez em que se funda,
Quando o teu Christo se tornar Romano.

Uma série de poesias entre as quaes avulta a formosa composição latina *Dilexit multum,* pinta a dominação do Christianismo, e a conquista gradual dos espiritos pela enervante acção do mysticismo. A agil e fecunda intelligencia da Grecia, a austera alma de Roma, são successivamente attrahidas e vencidas, até que finalmente a Europa não é mais que um vasto ataúde onde dorme esperando o despertar da Renascença o cadaver da nossa raça. Apesar de profundamente adverso ao espirito medieval, Theophilo Braga tem a felicidade de achar a linguagem propria para exprimir esses estranhos e doentios estados psychologicos, que foram os normaes durante os seculos que mediaram da queda do Imperio romano ao comêço da edade moderna. — Algumas d'essas composições, taes como a *Vinha do Senhor,* a *Alma mystica,* formulam perfeitamente os pensamentos e as emoções do individuo humano em preza ao vago torpôr e ás indistinctas aspirações do mysticismo.

O *Cyclo da Liberdade* é quasi todo occupado pelo poemeto intitulado *O Banquete dos Livres.*

E' nas vesperas da Revolução franceza; o terremoto de Lisboa acaba de lançar o pasmo e o torror pela Europa; então os pensadores da Encyclopedia aprendendo d'esse cataclysmo a não contarem com uma Providencia harmonisadora no Universo, resolvem fundar um novo poder espiritual — a Sciencia. Todo esse poemeto está cheio de apostrophes vehementes contra o espirito clerical e auctoritario, e de fervorosas invocações a um ideal de Direito e de Verdade. Mas no meio d'estes cantos insurreccionaes e destruidores, destaca-se um hymno de uma serenidade e amplidão extra-humana: é a poesia intitulada *Firmamento*.

Com este, vem a litteratura portugueza a possuir tres grandes cantos que tem por objecto a totalidade do Cosmos; os outros dous são o *Firmamento* de Soares de Passos, e o *Pantheismo* de Anthero de Quental. Cada um d'estes tres poemas representa uma philosophia.

O hymno de Soares de Passos é um producto do espiritualismo; o immenso universo apparece-lhe como sendo uma construcção tirada do nada por um Deus pessoal e omnipotente. Esse poema, o mais bello que sahiu da penna do poeta portuense, hade ficar como uma grande manifestação do espirito humano considerando as cousas debaixo de um certo ponto de vista, ainda que os progressos do pensamento tenham deixado este ponto de vista muito para traz.

Anthero de Quental inspira-se no *Pantheismo;* o universo é para elle a tunica de Deus; e sob a immensa ondulação dos phenomenos elle vê o leito solido, a rocha do Absoluto; na tumultuosa passagem das Fórmas, no tropel estrondoso dos acontecimentos elle vê a immobilidade augusta do *Quid* soberano de que todas as cousas são as parcellas e

as faiscas; elevando-se nas azas da Intuição elle perde de vista a realidade e sobe ás regiões vazias e supremas onde assiste á genese dos sêres e ao desencadeamento das omnipotencias.

Mas o poema de Theophilo Braga é a simples idealisação dos dados scientificos; com dous dados apenas: a Repulsão e Attracção elle contrue o seu universo e o seu hymno; o Deus pessoal e a vaga Substancia immanente estão bem longe d'aqui; o universo é uma machina, e a realidade um conjuncto de causas e effeitos ligados entre si pela soldagem da Necessidade:

Vós que brilhaes na Via-lactea, Estrellas,
Sol que as energias nos alentas,
Terra, que assim opaca vás entre ellas,
E a Consciencia e a Vida em ti sustentas,
Da Arte as concepções bellas,
A Noção racional e a Liberdade,
Tudo são fórmas d'essa dualidade,
Mas transitorias, gradativas, lentas.

Tal é esse livro notavel, em que todas as partes estão subordinadas a uma ideia superior: a Solidariedade humana. Mas essa mesma larga sympathia que o inspirou na sua concepção do Futuro e no seu ideal da Vida, o habilitou a exprimir os sentimentos das épocas mais diversas, e fez comprehender ao seu espirito moderno e positivo as dolencias do mysticismo medieval. Possa a Poesia entrar no caminho aberto por um dos seus primeiros representantes e um dos seus mais vigorosos pensadores. [1]

«Aquelle que percorre o conjuncto dos escriptos de Theophilo Braga é egualmente surprehendido pela

[1] Moniz Barreto, *Revista de Estudos Livres*, 2.º anno, p. 200.

abundancia e variedade dos generos como pela facilidade e superioridade de producções. Conheço poucos homens dotados de tanto talento e de tantos talentos. A sua vocação é polytechnica. Poeta, é-o pela energia da sensibilidade, pela sinceridade da paixão, pela tenacidade das crenças, e finalmente por um tino singular em vêr o lado épico dos acontecimentos humanos. Critico, é-o, e dos mais valiosos, pela sua rara intuição do que ha de verdadeiro e profundo nas obras de arte, pela sua elevada concepção das Litteraturas como productos sociaes e instrumentos de cultura, pela sua vasta erudição e pelos seus habitos de comparação. Psychologo, é-o pela sua percepção dos meios e das épocas, e pela sua penetrante ainda que intermittente adivinhação dos caractéres. Philosopho, é-o pelo seu amor das ideias vastas, pela sua capacidade das operações abstractas e pela sua comprehensão geral ainda que mechanica do mundo. Todos estes dotes de erudição e generalisação se encontram na sua *Historia da Litteratura portugueza*, combinados e um pouco prejudicados por um tom de aggressão e instinctos de polemica e revolta. E' que todos estes dotes são empregados por uma organisação de reformador e sectário. = O fim do homem é a acção =; este aphorismo de Voltaire resume a sua concepção da vida. A aptidão polytechnica anda n'elle ligada ao temperamento apostolico. D'ahi o fluxo inexgotavel da sua producção de propaganda e combate, a rapidez e execução dos projectos litterarios, o descuido voluntario da fórma proprio de quem considera o livro como um instrumento e a litteratura como uma acção, a dureza na refutação e a rudeza na discussão, o tom inflammado e decidido das affirmações, a intransigencia obstinada nas theorias, e o habito de tratar os adversarios como

inimigos seus e da Verdade. Aberrações que acompanham a grande faculdade de crêr e querer, e que se exageram naturalmente n'um pequeno paiz em que tudo vae mal, e em que a Sciencia para ser attendida tem de revestir a fórma de escandalo Todos estes traços, juntos á necessidade de ideias palpavelmente nitidas explicam o seu Positivismo, doutrina que satisfaz a necessidade de affirmação e os instinctos de negação do seu espirito, e que sendo uma coordenação limitada dos phenomenos naturaes e uma organisação humana do mecanismo social, se coaduna plenamente com a sua aversão pelo regimen theologico e a sua prevenção contra as explicações metaphysicas.» [1]

*

O dr. Rodrigo Velloso, que na epoca de Coimbra tivera a iniciativa de varias Revistas de Litteratura, consigna assim a impressão d'esta obra poetica:

«Ha 20 dias, para mais, tenho em frente de mim,

---

[1] G. Moniz Barreto, *A Litteratura portugueza contemporanea*, § XIII. (Na *Revista de Portugal*, vol 1, pag. 37. Porto, 1889).

«Moniz Barreto est né à Goa (Inde portugaise) en 1863. Il vint de bonne heure à Lisbonne, où il suivit les cours de notre Faculté des Lettres *(Curso Superior de Lettras)*. Il y subit tout naturellement l'ascendant de Theophilo Braga, dont la science profonde et positive, l'érudition étendue et sûre ne contribuèrent pas peu à lui inspirer le goût des recherches et à aiguiser son sens critique naturel. Il semble, cependent qu'il ait manqué à l'ésprit si subtil de Moniz Barreto la pondération d'une forte education scientifique. Ainsi s'explique qu'il se soit attardé dans le criticisme neokantian que Theophilo Braga comme presque tous les esprits de sa génération, avait tout d'abord propagé au Portugal, mais dont

sobre a banca de trabalho, as *Miragens seculares* do sr. Theophilo Braga, a ultima obra do eminente escriptor, e ha outros tantos que leio e releio seus formosos versos, em que o levantado da ideia tão bem se engasta no lapidado e polido da fórma, e cada vez mais enlevado me sinto e mais prezo á admiração que desde os bancos da Universidade tributo ao enorme talento, prodigiosa lição e saber, indefesso estudar e investigar, e incansado labutar do illustre professor do Curso Superior de Lettras, uma de nossas mais puras e luminosas glorias. No decurso d'estes dias por vezes, e muitas, tenho pegado na penna para dizer e fazer sentir aos leitores da *Aurora* o quão esplendido é este livro de Theophilo Braga, e o quão levantada sua concepção e perfeita sua execução e o logar distincto e proeminente que elle ficará occupando, bem conquistado por sua indisputavel valia, entre a vastissima obra do auctor, e na nossa litteratura moderna.

São as *Miragens seculares* o complemento e remate da obra verdadeiramente monumental iniciada, por ordem chronologica de sua publicação, pela

---

ce grand esprit eut vite fait de se débarrasser. L'éducation trop exclusivement litteraire de Moniz Barreto devait le porter tout naturellement à rester sur ce terrain imprécis.

«D'autres influences vinrent ancore ajouter leur actions pour le pousser vers des speculations metaphysiques. A cette époque de notre histoire littéraire, Anthero de Quental écrivain brillant dans l'apogée d'une reputation éblouissante, s'était fait l'apôtre d'un pantheisme tout imprégné de poésie qui n'etait pas pour déplaire à l'imagination ataviquement orientale de Moniz Barreto. Il fut, à ce point de vue, le disciple d'Anthero de Quental, obeissant inconsciemment dans cette préference à d'ancestrales reminescences...» Silva Lisboa, *Les Disparus: Moniz Barreto*, Nouvelle Revue Internationale *(Les Matinées espagnoles)* 31 de jan. 1897, n.º 2, pag. 148).

Visão dos Tempos, e successivamente continuada nas *Tempestades Sonoras*, *Ondina do Lago*, e *Torrentes*, obra que ficará definitivamente consagrada sob o titulo de *Visão dos Tempos*, que o sr. Theophilo Braga justamente generalisa a todo o seu conjuncto, o qual abrangerá como que a *Epopêa da Humanidade* através os seus tres bem definidos «Cyclos da Fatalidade», «da Lucta» e da «Liberdade.»

Os precedentes livros de versos do sr. Theophilo Braga apenas abrangiam poemas referentes ao «Cyclo da lucta». As *Miragens seculares* comprehendem-os referentes ainda a esse «Cyclo», e dão completos os que respeitam aos «Cyclos da Fatalidade e Liberdade.»

Dada assim a medo succinta noticia do que são e do a que vêm as *Miragens seculares*, não me farei eu cargo de tentar dar a meus leitores uma ideia, fugitiva que fosse, de seus esplendidos versos, como que fundidos de um só jacto, e de uma pureza e vigor inexprimiveis... Só lendo-se... Leia-os, pois, quem quizer julgal-os. [1]

*

Na *Revue Indépendante*, na secção *Os Livros*, acham-se apreciadas assim as *Miragens seculares:*

«Executado segundo um plano analogo ao da *Lenda dos Seculos*, mas revelando um espirito rigorosamente scientifico, este poema comprehende tres Cyclos: da *Fatalidade* (Tradição); da *Lucta* (Historia); da *Liberdade* (Philosophia). Muito evo-

[1] Dr. Rodrigo Velloso, *Aurora do Cávado*, n.º 482 (4-11-1884.)

cadora, ás vezes typica e precisa esta habil e nova adaptação dos processos poeticos aos dados positivos da Sciencia — mascara um dos mais originaes caracteres da evolução naturalista. Especialisamos no coração do livro, no Cyclo da Lucta, *Dilexit multum*, poesia latina, que relembra o byzantino maravilhoso e que é escripta em tercetos de rimas triplicadas como aquella que Baudelaire dedicou a uma modista erudita e devota.» [1]

Edição integral da Visão dos Tempos

— Em quatro bellos volumes, no commodo formato 8.º Charpentier, nitidamente impressos em excellente papel, acaba de realisar a importantissima Casa-editora Lello & Irmão, d'esta cidade, uma empreza rara e surprehendente no nosso acanhado meio de venda, de par e passo que prestou um serviço excepcional ao renome litterario, scientifico e philosophico da nossa terra portugueza.

Trata-se da obra poetica de Theophilo Braga, *Visão dos Tempos*, Epopêa da Humanidade, em edição integral, que comprehende nos seus quatro volumes, confórme o exara a advertencia dos editores, todas as obras poeticas publicadas pelo auctor, desde 1864 a 1894, taes como *Bacchante* (1.ª ed. da *Visão*), *Tempestades sonoras*, *Ondina do Lago*, *Torrentes*, *Miragens seculares*, livros que já de ha muito se achavam esgotados; e contém mais cento e vinte e sete poemas e poemetos ineditos, material que excede o d'esses cinco volumes, agora incorporados sob o titulo de *Obras poeticas completas*.

---

[1] *Revue Indépendante*, politique, littéraire et artistique, de Paris. N.º 6 (1884).

O poema é dedicado aos estremecidos filhos do auctor, Theophilo e Maria da Graça, bem como aos Poetas amigos da piedosa homenagem que se intitula *A maior dôr humana.*

Além d'um preliminar, a *Visão dos Tempos* contém treze cantos, por cujo percurso desdobra o auctor os episodios com que caracterisa os diversos Cyclos em que dividiu a evolução humana, o da Fatalidade, o da Lucta e o da Liberdade. Cada um, d'estes cantos é precedido d'um elenco philosophico, e a explicação synthetica da concepção inteira realisada faz a substancia do proemio que a preludia e prepara.

Discutir este colossal trabalho, ou seja no seu plano geral ou seja na pormenorisação da sua realisação; avaliar do merito e alcance da ideia que presidiu á sua feitura, tarefa seria esta que não nos permitte o tempo nem quadra na modesta indole da secção a que estas linhas são destinadas.

Sómente, frisaremos, n'este lance e a similhante proposito, que a obra de Theophilo Braga vence a difficuldade em que sossobraram, nas suas tentativas congeneres, tão altos espiritos como Victor Hugo e Leconte de Lisle, isto é, a fragmentação desconnexa dos quadros, que se succedem mas não se filiam.

Deve-se esta victoria á philosophia que o auctor eximiamente professa.

Na verdade, o grande espirito de Augusto Comte, consoante o estabelece, com indesmentida probidade superior, Theophilo Braga, formulou os contornos *psychologicos,* ou o fio subjectivo, que deve ligar, através dos seculos e das luctas dos seculos e das luctas dos povos, o drama objectivo da Historia. Sem este nexo subjectivo, implicito nos conflictos da Historia, esses quadros, por mais perfeitos e

commoventes, ficariam sempre fragmentarios e artificialmente juxtapostos.

E' no t. IV, pag. 482, do seu *Systema de Politica positiva*, que Augusto Comte traça a estructura da Epopêa humana, emquanto ao seu encadeamento psychologico. Aberto, assim, pelo philosopho o caminho aos vates, declara Theophilo Braga haver procurado dar a essa concepção o relêvo poetico.

Raramente, em toda a Europa culta, se encontraria um homem nas condições mentaes de Teophilo Braga, para se abalançar á ingente faina, pois que possue uma imaginação poetica excepcional e uma erudição positiva prodigiosa.

Assim, a sua obra não é só um titulo para o seu auctor, é uma honra immensa para o paiz onde se depara com quem verse por tal modo e a similhante altura os problemas e as curiosidades, as theorias e as hypotheses, as idéas e os factos peculiares e proprios da cerebração contemporanea, em sua extrema transcendencia.

Sem vaidade nacional nem lisonja para o nosso amigo, não vêmos mesmo hoje lá fóra quem dos poetas possua a massa variada de conhecimentos e sua interpretativa systematisação, sobretudo, que assignalam o saber incalculavel e o engenho percuciente de Theophilo Braga. André Léfèvre ou Sully-Prudhomme decerto se lhe não pódem comparar.

Por isso, consoante aventamos, na Europa actual, dos conhecidos, só Theophilo Braga, poderia ser o poeta que realisasse o projecto consentaneo com a phase da Arte, que o escriptor declara ser a definitiva, correlativa á transformação da philosophia no fim do seculo XIX.

Na sequencia da obra, não poderia Portugal deixar de ter representação; na série *Tentanda via est*, Theophilo Braga lhe consagra quatro compo-

sições: *A Sagração da Epopéa, Vaticinio do Adamastor, O Poema de Camões, Desalento de Tasso;* como, no anterior schêma das *Auroras do Occidente*, lhe votára o poemeto *O Mar tenebroso*, que tem por argumento a queda de Constantinopla e a invasão dos Turcos na Europa, deslocando-se a antiga navegação do Mediterraneo para o Atlantico. Pondera Theophilo Braga que se estabeleceu aqui a lucta contra as forças da Natureza, esboçando-se, na verdade, pela descoberta do caminho da India, a concordia, pela primeira vez, entre o Occidente e o Oriente; e, pela circumducção do globo por Magalhães, estabelecendo-se uma nova concepção do Universo. = Portugal, exclama com cioso enthusiasmo o poeta, cuja benemerencia civiva uma propaganda assidua culminantemente nobilitou, Portugal influe na marcha da Humanidade por estes feitos, que são o elemento sobre que se funda a Epopêa pacifica, iniciada por um pequeno povo. =

Analysar, agora, sobre si, as composições que constituem o livro, eis tentação a que não nos cumpre outro remedio do que o de resistir-lhe.

Como já notámos, não é este o logar para estudos que ou, tanto quanto nas forças de quem os tenta, têm de ser completos ou melhor é não tental-os.

Ridiculo seria que a tal obra, como a de imponente magnitude da de Theophilo Braga, dedicassemos furtivas linhas, forçadamente escassas.

A' espera de mais proprio ensejo, em que o pensamento possa então manifestar-se integro, em sua relativa perfeição, limitamo-nos a consignar, para os homens cultos, o apparecimento d'esta obra, que marca epoca na historia litteraria portugueza.» [1]

---

[1] José Sampaio (Bruno), *Voz Publica*, n.º 1703, 23-x-95.

*
* *

«A obra poetica do dr. Theophilo Braga, já bastante conhecida e altamente cotada em Portugal e no estrangeiro pelos seus primores artisticos, pela sua riqueza historica e pelo arrojo da sua concepção revolucionaria, appareceu ha pouco publicada em uma nova edição integral, augmentada de mais de cem composições inteiramente novas.

Ha muitos annos que o sabio professor trabalhava com fogoso enthusiasmo por enriquecer de novos quadros e remodelar o grandioso cosmorama, em que planeou debuxar a historia da Humanidade, idealisando-a desde as suas origens remotissimas, até antevêr a realisação do seu verdadeiro destino, seguindo-a passo a passo nas progressivas modificações da sua existencia physica, intellectual e moral.

Se a necessidade d'este trabalho supplementar lhe era, por um lado, intimada pela propria consciencia de que a execução de tão ousado plano fraquejára a trechos na rapidez, com que o autor andou sob o natural e ardente desejo de vêr realisado o seu maior sonho quanto antes; por outro lado, a nova doutrina de Comte veiu determinar uma revisão das peças já conhecidas da grande obra, orientando-as por um pharol mais seguro e travando-as com mais solida unidade de vistas philosophicas.

O primeiro grito da moderna revolução litteraria entre nós, soltado á publicidade em 1864 sob o titulo de *Visão dos Tempos,* e em seguida as *Tempestades Sonoras*, *Ondina do Lago,* as *Torrentes,* as *Miragens seculares,* foram como columnas prévias e fortemente preparadas para receberem a cúpula de um edificio, contra o qual podiam marrar depois á vontade os arietes da rotina impenitente.

Com aquellas bases de primeira ordem eram bem empregados e garantidos todos os cuidados de acabamentos e todos os accessorios d'arte, pedidos por uma perfeita harmonia de construcção e destinados a adoçar as durezas ingratas de toda a obra, concebida dentro dos moldes gigantescos e com a intenção profundamente remodeladora da Epopêa cyclica da Humanidade.

A conclusão magistral da *Visão dos Tempos* elevou, quanto a nós, o dr. Th. Braga a uma culminancia litteraria, de que nenhuma das suas obras lograriam approximal-o. Não faltam certamente a estas merecimentos para de per si destacarem mesmo da mediania um nome vantajoso de escriptor e de sabio; mas n'aquella transluzem com mais attrahente singeleza e relêvo demonstrativo os seus poderosos dotes intellectuaes, é uma finissima tempera de artista, que nos escapa com facilidade sob a rigidez didactica dos seus escriptos puramente philosophicos e sociologicos.

O vastissimo poema da *Visão* é o exemplo claro e intuitivo de uma magna nebulosa e arrevezada; é o quadro quente, movimentado e verdadeiro, que mal se sente através de uma descripção technologica, menos accessivel á generalidade dos espiritos; é a revolução litteraria posta em campo, sem proclamações ostentosas e aggressivas, e consumada de uma maneira decisiva e perduravel, pela serenidade conscienciosa da acção, pela posse segura do fim e pela suavidade insinuante da fórma. Os vôos do pensador, ávido de ideal, as theorias ainda as mais aladas do philosopho, as advertencias austeras do critico, as excavações profundissimas do investigador, o mais delicado sentir de uma organisação artistica, tudo ali se vê entretecido n'uma proporção e n'uma concordancia admiraveis, impondo-se á in-

telligencia menos culta, acordando commoções no coração menos vibratil ao calor cariciante de uma alegria intima ou ao contacto frio de uma lagrima.

E' este principalmente o grande exito, o feliz triumpho do dr. Theophilo Braga na *Visão dos Tempos*. Apesar do seu espirito não se arredar um instante do moderno traçado scientifico de uma Epopêa da Humanidade, executou-a de uma maneira tão comprehensivel e communicativa, enraizou-a tão profundamente na alma popular, que ninguem visitará esse notavel monumento da litteratura contemporanea, que effectuou finalmente a preconisada alliança da poesia com a philosophia, sem levar uma reliquia curiosa dos primeiros tempos do homem sobre a terra, uma impressão estimulante das suas luctas variadissimas e formidaveis para alcançar a actualidade, e uma idéa do futuro que ellas lhe têm vindo preparando através dos seculos.

*

A *Visão dos Tempos* consta de quatorze cantos, incluindo o preliminar, impressos em quatro tomos, e coordenados em tres Cyclos, ou cadeias dogmaticas de pequenos poemas, onde se idealisam e reconstituem com surprehendente palpitação de vida as scenas fundamentaes e mais caracteristicas das grandes phases da existencia humana.

Um grito d'alma suspende-nos dolorosamente logo ao entrar o portal do edificio. Theophilo Braga esculpiu n'elle, como o brazão de todas as suas glorias, como o objecto absorvente de todo o seu culto e da sua vida laboriosissima, o nome de seus filhinhos, Theophilo e Maria da Graça, que a morte lhe arrebatou vertiginosamente ao risonho alvorecer da

intelligencia. Esculpiu-lhes o nome com a mão ainda trémula de uma angustia acerba; versejou-lhes n'um soneto uma vivissima saudade e o anhelo de *vencer a lei bruta que da luz os priva*, com o coração ainda a sangrar na frescura eterna da maior dôr humana

No canto preliminar o poeta demarca e accentua as differentes phases da existencia preparatoria. Consagra ao *Tempo* tres estrophes, que lhe definem a marcha insoffreavel e transformadora; faz em tres preludios — lyrico, épico e dramatico, a *Evocação* do passado á luz da sciencia, em vez da velha *Invocação* aos numes tuteliares dos poetas, e dá-nos sob o titulo geral da *Linguagem dos Mythos* uma série poemetos, em que se interpreta com finissima intuição e discernimento, o que ha de mais palpavel realidade nos symbolos e allegorias, que nos chegaram por unicos vestigios historicos dos velhos tempos biblicos.

Entra-se depois em pleno *Cyclo da Fatalidade*, que forma a primeira parte da epopêa. E' a idealisação das epocas prehistoricas, o periodo em que dominou a inconsciencia da especie humana, absolutamente alheia ao conhecimento das leis naturaes que a regem, algemada n'uma triste inferioridade pelas forças cosmicas, e vegetando, por assim dizer, sob uma fórma social, caracterisada pelo prevalecimento dos instinctos e das instituições staticas, muito longe ainda de respirar a acção impulsiva da vontade e da intelligencia para lhe rasgar o caminho definitivo da solidariedade e da civilisação.

Abrange tres cantos este Cyclo. No primeiro reunem-se diversas composições designadas no seu conjuncto pela *Trindade Natural*, e nas quaes se idealisa a *Terra*, o *Espaço* e o *Homem*, com tanta penetração de vistas scientificas como sentimento artistico do passado. Os poemetos intitulados *Deme-*

ter ou a *Revelação pela Mulher*, *O Céo* ou a *Revelação pela Luz*, *Carmen* ou a *Revelação pela Palavra*, são tres primores de buril, tres formosissimas concepções, repassadas de um tal sabor archaico, que nos sentimos transportados a assistir ao primeiro tumultuar da vida nas regiões orientaes.

O canto segundo consta de quatro poemas: Os *Seculos Mudos*, *A Chimera Oppressiva*, *Migração das Raças* e a *Sphynge*, que nos representam com funda base historica e a maior verosimilhança ethnographica a existencia agitadissima do homem, despontando no limiar dos tempos quaternarios, e mais tarde a braços com as consequencias do cataclysmo diluviano; a separação dos *Aryas*, as civilisações egypcia e chaldaica, estabelecendo-se assim de certa fórma o primeiro traço de união entre as épocas ante-historicas e as modernas.

O canto terceiro fecha o Cyclo com a *Trindade Social* — Familia, Patria e Humanidade, — a que se chega gradualmente, como ao remate harmoniosissimo, correspondente á *Trindade Natural*, idealisada no canto primeiro.

Denominam se *As tres cordas da Lyra* os primeiros poemetos d'este canto, nos quaes se poetisa com tocante abandono de coração a *Trindade affectiva* na familia, isto é, a Mulher sob o seu triplice aspecto de Esposa, de Filha e de Mãe.

Não conhecemos colheita mais rica de ideal tanto historico como romantico, nem execução artistica mais inspirada em combinações de luz e de sombras, e mais correcta nas suas linhas apesar da liberdade exigida pelo contôrno. A primeira corda vibrada é *A Perola de Ophir*, uma das moiores revelações, já conhecidas, do talento poetico de Theophilo Braga e da sua larga familiarisação com a poesia oriental. E' a idealisação, em fórma de drama,

da Familia indiana, cuja disciplina severissima é pittorescamente symbolisada na esposa, que não sobrevive ao marido, lançando se na sua fogueira funeraria.

Os dois quadros subsequentes *Pobre Mãe* e *Mater dolorosa*, que completam a *Perola*, tambem trazem ao perfil complexo da mulher traços magistraes da maternidade no estado instinctivo e de providencia domestica que a mãe representa para o homem desde o berço até á arêna das grandes luctas da vida.

A's *Tres cordas da Lyra* segue-se a *Trindade activa*. No duque de Krok, flagellando a Gallia, personifica-se o instincto da destruição dos barbaros, prestes a apagar-se ao sôpro de uma actividade creadora; na *Grande Muralha* da China, escalada afinal pelos Tartaros, figura-se o isolamento absoluto, cioso, pertinaz do Estado, de tudo o que é estrangeiro, e o estacionamento consequente da civilisação chineza; em *Anteo* interpreta-se o irisar da liberdade individual sobre o velho servo que geme adstricto á gleba; e no *Pòmo da Concordia*, contraposto com felicissima lembrança ao *Pômo da Discordia*, cada Patria apresenta-se-nos como o seio gerador e alimentador do sentimento da humanidade, e o pômo é offerecido á mais bella das quatro patrias — Athenas, Roma, Florença, Paris, — que na sua obra melhor comprehensão tiveram do mesmo sentimento.

A *Trindade Social* tem um fecho digno da sua soberba abertura nos poemetos entrelaçados sob o titulo expressivo e culminante de *Humanidade*. No primeiro d'elles, *O Deserto de Deus*, fixa-se nos seus traços essenciaes a vida dolorosamente accidentada das tribus semitas fundidas pelo sentimento religioso no povo hebraico, esse povo nómada, eter-

namente vagabundo e refractario a tudo o que podia incorporal-o no viver harmonico de todos os outros povos. O segundo, a *Escada de Jacob*, é um esboceto primitivo calcado na visão mystica do terceiro patriarcha de Israel, e no qual se fere precisamente a gradação ascencional dos deuses da humanidade, a começar nas diversas manifestações da Natureza e acabar nas Entidades moraes, que encerram em essencia os altos attributos do sêr humano. O terceiro, intitulado os *Improperios de Job*, aproveita, conservando-lhe a uncção typica, uma das mais formosas paginas do Velho Testamento para nos pôr em relêvo o conflicto do bem e do mal, conciliados pela *graça*, o ideal christão; e o quarto idealisa na *Ameaça de Prometheu* a proclamação da *Justiça* e a libertação dos homens do terror do sobrenatural por meio do Fogo, de que elle os dotou.

*

O segundo e o terceiro tomo abrangem a segunda parte da Epopêa denominada *Cyclo da Lucta*, em que vêmos perpassar com intuitiva verdade a sequencia de civilisações, que ligam os velhos tempos do Oriente aos tempos modernos, e as peripecias de demorada e porfiosa lucta entre o mundo oriental dominado pela theocracia e o occidental avigorado, até completo triumpho, pelo criterio scientifico. Este Cyclo divide-se no *Universalismo hellenico e romano*, que serve de subtitulo ao segundo tomo, alcançando desde o quarto até ao oitavo canto. e no *Regimen catholico-feudal*, que serve de subtitulo ao terceiro, occupado pelos substanciosos cantos, nono e decimo.

O canto quarto, precedido da ode á *Historia*, introducção inspiradissima ao Cyclo, começa por apre-

sentar no quadro bucolico de Jacob ludibriado nas suas aspirações á mão da formosa Rachel o choque ex-abrupto do *Ideal* e do *Real*. Em seguida a canção *Os tres Valentes de David* define a subjugação dos desejos pela força moral; na *Harpa de Salomão* descreve-se com indizivel emoção poetica a visita da rainha de Sabá ao auctor do *Cantico dos Canticos*, onde se reflecte o amor ardente, que abriu um parenthesis caracteristicamente humano na missão religiosa dos israelitas; na *Morte de Socrates* e no incendio do Templo vê-se retardado o advento á unidade positiva; *O Carro triumphal* interpreta, com uma justeza admiravel de criterio, verdadeiros serviços á humanidade nos actos inconscientes dos antigos tyrannos; e o *Templo vasio* de symbolos polytheicos, assim continua á espera de que se radique por todo o universo a verdadeira concepção da Humanidade.

O canto quinto compõe-se, como o anterior, tambem de seis poemetos, tendentes na sua acção combinada a evidenciar a unidade successivamente elaborada pelo fetichismo. No *Dom das Fadas*, a inferioridade da força physica do homem em face dos outros animaes é compensada pela invenção de instrumentos de ataque e de defeza e pela apropriação, como tal, dos elementos naturaes. A ossada do *Mastodonte* em colloquio philosophico com a *Pyramide*, demonstra, por um lado, a sobrevivencia dos sêres fracos aos fortes nas grandes luctas subversivas da natureza, e por outro, como contraste, o medonho perigo de preconceitos, de superstições, etc., a que elles ficam sujeitos. O *Platano da Lydia* é a identificação parabolica da vida humana com uma arvore frondosa, quanto á cultura do homem, inciada pela Grecia. A *Verdade das Fabulas* é um poemeto dialogado entre o espirito fetichico e o theologico, e

do qual se conclue que nas fabulas e nas epopêas, por menos cunhadas de verdade que nos pareçam, residem todos os traços reconstitutivos da historia do homem. *Cogitata et visa* é uma reminiscencia da infancia, engenhosamente urdida para accentuar o prevalecimento do fetichismo no nosso estado mental, relativo áquella edade. Finalmente *In questa tomba oscura* resôa como um brado vehemente, que vae acordar aos seus recessos sepulchraes para introduzil-as no vasto gremio humano todas as gerações, que cooperaram na conquista paulatina da perfeita sociabilidade.

O canto sexto occupa-se de uma nova phase do fetichismo espontaneo, determinado pela *Astrolatria*, da qual raiaram os primeiros alvores scientificos. Este canto é unicamente formado pela *Epopêa da Lagrima* ou *Verbo de Luz*, poema dividido em quatro threnos, nos quaes o genio do poeta esplende em todo o seu poder imaginativo, em toda a sua admiravel plasticidade, e onde se traduz com a fidelidade de um instantaneo a mais subtil vibração do coração e do cerebro.

Dê-se embora que nos poemetos anteriores se encontre dureza n'um ou n'outro verso; um pouco de desalinho no tratamento de alguns pontos da mais exigente compostura scientifica; e n'esta ou n'aquella das ultimas composições um longinquo esmorecimento do fogo creador que scintilla nas antigas; dê-se muito embora que a critica, predisposta e minuciosa deixe o grandioso conjuncto da obra para dissecal-a, pedra por pedra, linha por linha; — a *Epopêa da Lagrima* é de uma irreprehensibilidade magistral no minimo pormenor da sua delicada estructura. A *Stella matutina,* em que se converte por uma fórma conceituosissima a primeira lagrima chorada por Eva; *A Estrella dos Magos,*

symbolo do espirito novo, em torno da qual se agruparam todos os outros corpos luminosos; *Avè, Stella!* idealisando em referencia á liberdade humana as revelações escriptas por S. João Evangelista durante o seu desterro na ilha de Pathmos; e a *Stella Salutis*, em que avulta o genesis do mal e a humanidade se destaca d'um cahos repentino sob uma nova fórma; encerram verdades scientificas, impossiveis de enunciar melhor por outras palavras, e passariam como thezouros puros da linguagem e da imaginação orientaes, nomeadamente das hebraicas, se não fosse tão inequivoca a sua procedencia e o seu ponto de vista philosophico.

Com o canto septimo chegamos, da *unidade elaborada pela Astrolatria*, á *unidade elaborada pela Theocracia*. Nos cinco poemetos, de que se compõe este canto, Theophilo Braga sustenta-se com egualdade e firmeza á altura do seu grande talento. São elles por sua ordem os seguintes: *O Dogma da Morte*, ou a transformação das expressões materiaes da immortalidade subjectiva; *O Pezadelo dos Tumulos*, ou a influencia perniciosissima da preoccupação da morte na civilisação egypcia; *A execração de Samuel*, ou as previsões funestas que elle fez, obrigado a declinar o poder theocratico e a sagrar em Saul o primeiro rei dos Judeus. *A Sombra do Propheta*, ou a reconstituição que estes fazem da sua hierarchia sacerdotal; *Sémida e Cidlia*, uma mimosa pastoral biblica, que se póde com afouteza irmanar á *Epopêa da Lagrima* e á *Perola d'Ophir* pela belleza estranha dos lavores e pelas fragrancias inebriantes da essencia, e na qual se desenrola aos pés da figura aureolada do Messias a historia commovente do filho da viuva de Naím e da filha de Jairo.

O canto outavo rompe inspiradamente com o fes-

tejado poema *A Bacchante*, que mereceu a Theophilo Braga louvores unanimes, até dos mais ferrenhos adversarios da nova corrente litteraria, e um nome immorredouro de poeta. N'elle se idealisa o delirio religioso e o ardor sensual, que depois das Guerras médicas se apoderaram da Grecia pelo culto de Baccho. Desde a invocação á Grecia até ao *Funeral de Amphinomo* é uma verdadeira obra prima, uma fiada de quadros arrebatadores, que mais parecem executados por quem respirasse desde creança a atmosphera jonia, empregnada de languidez e de voluptuosidade, remontando-se assim com mais seguro vôo aos velhos tempos hellenicos. Tão assombrosa de relêvo archeologico e de colorido local é esta brilhantissima composição poetica!

A' *Bacchante* seguem-se: O *Desterro de Eschylo*, em que o poeta de Marathona, desgostoso, deixa Athenas a braços com a sua grande transformação social e vae azylar-se na Sicilia, depositaria das bellas tradições do passado; *O Delirio de Alexandre*, uma eloquentissima pagina de critica para a historia do famoso conquistador. Estes dois ultimos poemetos com a *Bacchante* formam o *Ideal do Bello*, immediatamente seguido do *Ideal de Justiça*, que comprehende *As Ceias de Nero*, onde se assiste ao fermentar da grande devassidão do imperio romano, começando as damas humildes a agitar-se ao sôpro libertador do christianismo; e *Vae Victis!* que nos representa o bracejar ambicioso de Roma pela Africa e pela Europa, central e occidental, asphixiando sem piedade todas as civilisações que encontra na marcha assoladora da sua conquista. *As Ceias de Nero* e *Vae Victis!* são, sem duvida alguma, duas das mais refulgentes pedras do diadema poetico de Theophilo Braga.

No canto nono, que é o primeiro do *Regimen ca-*

tholico feudal, pinta-se-nos a Edade Média sob o aspecto complexissimo das suas luctas desmoronadoras. *Graça e Amor*, eis o titulo do poema inicial, dividindo em cinco cantos, pelos quaes divaga a sympathica figura do Apostolo San Paulo, negando a *Lei antiga*, que esmagava o servo, e ploclamando a *Graça* que o poeta canta no *Amor*, como a sua manifestação divina. Temos em seguida, e guardando ordem por que estão dispostos, mais estes poemetos: A *Virgem fria*, uma scena que se passava na Alexandria, onde o platonismo renasce e equipara a immortalidade ao sentimento do amor, doutrina esta que é em vão combatida pela egreja; *Noite de Mil Annos*, série de quatorze quadros habilmente confeccionados para exprimirem o desfilar penoso do homem, durante muitos seculos, acabrunhado pelo regimen inexoravel do privilegio e manietado com o terror das penas eternas utilizado largamente como instrumento pela pressão clerical; *A Trégua da Rasão*, figurando o embate que as Cruzadas proporcionaram entre o catholicismo e o islamismo, isto é, entre o monotheismo occidental e oriental, embate que fez estremecer a consciencia humana, e de que faiscou para a Europa a primeira scentelha da Sciencia.

O canto decimo offerece-nos outra phase da Edade Média, illuminada pela civilisação feudal, filão riquissimo, onde a Arte moderna, na mais completa accepção, encontrou os elementos da sua vigorosa vitalidade. E' um dos cantos mais assignalados pelo valor dos poemas que o constituem. O *Perdão de Carlos Magno*, *O Santo Graal*, e sobretudo a *Ondina do Lago*, avultam com o merito inestimavel de peças authenticas, que nos fossem transmittidas dos tempos medievaes, e nas quaes a magia houvesse recolhido, como em cofres encantados, os vi-

brações mais intensas e expressivas da existencia humana de então.

O *Perdão de Carlos Magno* é uma *Gesta*, em que se esboça com bastante physionomia o cyclo épico, a que presidiu o grande imperador; e no *Santo Graal* o cyclo, que teve por heroe o celebre rei Arthur; a *Ondina do Lago* é, como vimos no principio d'esta noticia, um dos poemas de Theophilo Braga publicados ha annos e dos que mais contribuiram para a sua alta reputação litteraria. N'elle se considera a Cavalleria quanto ao seu culto fanatico pela mulher; é a chronica animadissima do imperio do Amor, estimulando o heroismo ao ultimo extremo do sacrificio.

O poeta sentiu perfeitamente a epoca nas obras, que a romantisam com um exagero desnorteador de côres; mundificou-a de accessorios toscos e impertinentes, pôl-a nos seus devidos traços, vestiu-a das côres mais proprias a realçal-a no fundo historico e enquadrou-a com summa felicidade no desenvolvimento do plano scientifico da sua Epopêa da Humanidade.

Termina o canto decimo com o *Romanceiro do Cativo*, um poemeto lindissimo, que nos traz, como nas azas mansas de uma viração perfumada, os ultimos eccos da velha navegação no Mediterraneo, de envolta com uma variante encantadora do predilecto thema medieval, os amores do christão com a musulmana.

O canto undecimo occupa-se dos ultimos tempos da Edade Média, nos quaes se assignala a queda do respectivo regimen, ao passo que se vêem bruxolear no horisonte as primeiras promessas da liberdade. Comprehende trez partes — *Auroras do Occidente*, *Epopêa do Riso* e *Tentanda via est*. Na primeira parte coordenam-se as poesias *Supplicio*

do Templario, Vaticinio de Dante, Delirio de Petrarcha e *Ultima ratio Regum,* nas quaes successivamente se interpreta com grande lucidez de critica o formidavel episodio social da extincção da ordem do Templo, a anciedade do poeta de Paolo e Francesca pela paz e pela liberdade, o golpe violentissimo que anniquilou o infeliz apaixonado de Laura e a descoberta da polvora consolidando o imperio de força bruta; com o magnifico poema do *Mar Tenebroso*, em que, divagando-se das paginas da antiga navegação mediterranea aos nossos gloriosos fastos maritimos, se accentua o amplexo definitivo, a que o descobrimento da India levou o Occidente e o Oriente, e o triumpho da Humanidade em face da nova concepção do universo determinada pela viagem circumnavegatoria de Fernão de Magalhães.

Ao *Mar Tenebroso* prende-se no mesmo arranjo de idéas o poemeto *Savonarola*, em que se analysa a acção dissidente d'esta celebre individualidade ao renascer da Antiguidade classica, e mais as poesias denominadas — *Phrase de Miguel Angelo* e a *Estatua*, em que se define a arte como o grande meio conciliador das crenças e o poderoso laço affectivo entre o mundo antigo e o moderno; e, por fim, o *Queimadeiro* e o *Eclipse da Razão*, lembrando a origem ignominiosa do decreto sobre a queima dos judeus e os entraves formulados nas doutrinas de Loyola ás expansões livres do pensamento.

A *Epopéa do Riso* forma um contraste, superiormente idealisado, com a *Epopéa da Lagrima*. Os terrores do sobrenatural, perpetuados e trazidos de tão longe pela tradição dissipam-se sob as risadas satiricas da comedia. Em seis pequenos trechos, d'uma expressão rapida e incisiva como o relampejar do conceito profundo que encerram — *Risum teneatis, Pathelin tragico, O Riso de Erasmo, O*

Riso de Rabelais, *O Riso de Aretino* e *O Riso de Cervantes*, estabelecem a gamma interessantissima em que se repercute a expansão comica e satirica, de que se tomaram os espiritos no periodo transitorio entre os tempos medievaes e os modernos.

Tentanda via est compõe-se de seis bellas poesias e d'um poema *O Bravo de Uiraçaba*, que pertence ao numero dos que se avantajam por suas bellezas de fórma e valor intrinseco, pelo decurso da Epopêa. Nas tres primeiras poesias — *A Sagração da Epopéa*, *O Vaticinio de Adamastor* e *O Poema de Camões*, bordam-se em tôrno do vulto ingente do nosso Epico, as scenas lastimosas da nossa agonia nacional de fins do seculo XVI, sobrevivendo nos *Lusiadas* o sentimento patrio, que resurgiu com uma pujança herculea ao cabo de sessenta annos de escravidão. As trez poesias immediatas — a *Batalha de Lepanto*, o *Desalento de Tasso*, *A confissão de Calderon*, são quadros pequenos, mas de grande significado philosophico nos themas conhecidos que annunciam os seus titulos. No *Bravo de Uiraçaba*, que fecha o canto, e por conseguinte o *Cyclo da Lucta*, com chave de ouro, reproduzem se com o maior ardor patriotico e sob a mais palpitante realidade, algumas scenas da passagem colonisadora dos Portuguezes pelas regiões austraes do Novo Mundo, esboçando-se simultaneamente o traçado politico das grandes missões catholicas.

Inaugura-se, finalmente, o radiante *Cyclo da Liberdade* com uma symphonia magistral, intitulada *A Philosophia*. E' uma Ode de uma concepção arrojadissima mettida n'uns moldes poeticos, que a acompanham com singular docilidade, e que tem a repassar-lhe as festivas saudações á liberdade, que se ergue para a especie humana em toda a plenitude da Consciencia e da Vida, a dolencia de um

threno funebre sobre as ruinas da Edade Média. N'esta composição, notavel a todos os respeitos, idealisa-se a emancipação religiosa no naufragio da Barca de San Pedro; revê-se summariamente a marcha escabrosa da humanidade até entrar no caminho da Edade normal, e descreve-se com desusada energia de semelhanças e imagens a lucta gigantesca entre o Cosmos e o Cahos.

O canto duodecimo é *A Epopéa da Revolução* occidental que se está operando desde os principios do seculo XVII. Constituem-na tres trilogias. A primeira — *Os Athletas da Ideia* — desenvolve-se no *Leviathan,* poemeto de alto valor ácerca da lucta travada entre o catholicismo e o protestantismo, que tão assignalada ficou na Inglaterra pela dictadura de Cromwel e que alou os braços ávidos de sangue até á França sob Luiz XIV, sendo interessantissima a maneira, por que o poeta nos inicia nas peripecias intimas que precederam alli a medonha explosão religiosa.

A este poemeto prende-se, como um quadro illustrativo, a poesia *Milton*, o celebre poeta idealisador da Revolução no seu *Paraiso Perdido;* e remata a primeira trilogia *O Banquete dos Livres*, isto é, a communhão das novas ideias, poema, cujos tres cantos merecem ser mencionados distincta, embora resumidamente. O primeiro é uma palestra philosophica entre os chefes e adeptos mais proeminentes das tres escholas revolucionarias, á excepção de Voltaire, que só apparece no canto segundo, noticiando de chofre o terremoto de 1755 que então acabava de arrazar Lisboa, seguido de um incendio, e descrevendo as tristes consequencias d'esse cataclysmo. No canto terceiro, sente-se o rugir da revolução em volta do throno de Luiz XVI e ouve-se o estrepitoso baquear do lugubre edificio da Bastilha.

A segunda trilogia, ou *A Explosão da Força*, é o painel movimentadissimo da Revolução franceza, dividido em quatro cantos, nos quaes nos surgem de sob o Terror, e desenhadas de uma maneira admiravel. as figuras sympathicas de Pinel, de Cabanis e de Condorcet, formando com sua mulher Sophia e sua filha Elisa uma trindade commoventissima, tão rudemente alcançada pelo conflicto sanguinario entre Danton e Robespierre. O segundo poemeto *A quarta Corda da Lyra* é o ultimo ecco da da vida do grande poeta André Chenier, tambem immolado na guilhotina aos furores dictatoriaes de Robespierre, e a exaltação do seu genio como um verdadeiro hyphen entre o de Homero e a alma popular.

Encerra a trilogia *A Orgia Militar*, série de cinco quadros idealisados sobre motivos das guerras do Imperio. No primeiro, Napoleão escolhe para sepultura o leito, de onde quizera arredar o curso da civilisação; no segundo, negreja o epilogo fatal de Waterloo; no terceiro, o imperador agonisante vê em sonhos a sua acção symbolisada n'um monte, sotterrando todos os obreiros da revolução; no quarto, surge o segundo imperio da lenda heroica de Napoleão; e no quinto, derriba-se a columna Vendôme, vendo o poeta por detraz d'este facto «o instincto da multidão em accordo com a consciencia da historia.»

A terceira trilogia tem por titulo as *Revoltas do Espirito*. O poema *O Tedio de Harold* collige os varios elementos constituintes da reacção europeia contra a Orgia militar de Napoleão, dominando por toda a téla, como fóco illuminador, a organisação privilegiada, sob o ponto de vista moral e artistico, do poeta inglez Byron, em cuja peregrinação pela França, Portugal, Hespanha, Italia e Grecia, se be-

bem largos ensinamentos, quer sobre o modo de sêr d'estes povos enredados na grande teia humana, quer sobre cada um d'elles em especial.

As *Vigilias do Fausto,* segundo poemeto, personificam miudamente na esplendida creação de Goëthe o genio especulativo do seculo XIX; e no terceiro poemeto — *Struggle for Life* — lamenta-se o conflicto entre a França e a Allemanha, judiciosamente comparado ao duello revoltante de Hildebrand e Hadebrand (pae e filho); e na grande obra de Victor Hugo, justamente glorificado pela França e pelo mundo inteiro, reconhece áquella nação a força vivificante da sua consciencia moral!

Paz e Verdade! Não se encontrariam pedras mais bem talhadas para fechar a abobada do magestoso edificio. Ao cabo de uma jornada tão longa, tão cortada de luctas de toda a especie, tão accidentada de alegrias e de dôres, tão assombrada de duvidas e incertezas, aquellas duas palavras resaltam ao espirito ancioso como a expressão consoladora do destino humano.

Quando se chegará a celebrar n'um Templo erguido sobre essas duas Columnas a desejada reconciliação universal? A esta pergunta, que suspendemos sobre o futuro, ao terminar a leitura da Epopêa, responde-nos o illustre poeta no seu formosissimo poemeto final com a scena de Alastor, que voga extasiado oceano em fóra para essa utopia, e, quando se julga prestes a alcançal-a, afunda-se com a barca pelos abysmos, que se entreabrem repentinamente debaixo d'ella.

*

Ha ainda uma pagina a lêr: uma pagina de dôr, como a que abriu o livro.

Theophilo Braga engastou o seu trabalho formi-

davel entre essas duas paginas, como as métas invariaveis, dentro das quaes se executam todos os movimentos do seu espirito e do seu coração. Na primeira resplandecem juntas n'uma visão de amor eterno as imagens de ambos os seus filhinhos; na ultima esbate-se immensamente saudosa apenas a lembrança da *Graça Ineffavel.*

Sente-se, mas não se explica, a delicadeza sublime de semelhante singularisação.

*

Algumas palavras mais. Como se vê, nem pretenções tivemos a formular um juizo critico em termos ácerca da *Visão dos Tempos,* encarada sob o seu triplice aspecto de obra de sciencia, de litteratura e de arte. Era trabalho que demandava um estudo vagaroso, que se não compadece com a opportunidade de uma noticia bibliographica, nem com o tempo que, sem maior sacrificio, se póde consagrar ao conhecimento indispensavel das grandes producções do espirito moderno.

Os traços, que ahi deixamos, têm apenas a singeleza de impressões pessoaes e de notas tomadas ao correr da leitura, para dar aos que não a fizeram ainda uma idéa soffrivel da valiosissima obra poetica do douto professor, gloria e ufania da nossa patria açoriana, e a quem o paiz, n'um rasgo de justiça, arrancará um dia ao silencio do seu eremiterio de paz, de honra e do trabalho util, para o reconhecer unanimemente como um dos seus modelos civicos mais completos.

Busquem a sinceridade d'estas nossas palavras na apreciação que ha tempos fizemos n'este mesmo logar ao livro *Theophilo Braga e a sua Obra,* devido á penna talentosa e séria de Teixeira Bastos,

e busquem-na egualmente na affirmativa que mais atraz fizémos, e em cujo commento não são presumiveis amabilidades, de como a *Visão dos Tempos* trouxe o seu auctor a um apogeu de gloria, de que todas as suas outras obras não o lograriam approximar.

De facto, para se comprehender a poderosa envergadura d'aquelle espirito, para abrangel-o no perfeito conjuncto de todas as suas forças fraccionadas por uma infinidade de trabalhos, que se não ligam de prompto n'uma filiação harmonica, de maneira a formarmos um juizo seguro, é preciso lêr a *Visão dos Tempos*.

A' vista d'esta prova eloquentissima e irrefutavel, chega-se naturalmente á illação, de que todos os escriptos de Theophilo Braga representam estudos preparatorios de maior ou de menor fôlego, notas eruditas á sua Epopêa, verdadeiros ensaios do seu espirito para levantar o vôo arrojado com que se remontou ao berço tenebroso de Humanidade, perlustrando com prodigioso e alto criterio scientifico a sua trajectoria trabalhosissima através dos tempos, e apontando com firmeza o caminho por onde ella continúa, acorrentada ao seu destino por leis immutaveis.

O poeta, com effeito, sobrelevou ao historiador e ao philosopho de uma maneira definitiva e triumphal.» [1]

*

* *

«Está publicada, em quatro volumes, a *Visão dos Tempos*, vasta compilação de toda a obra poetica do nosso illustre correligionario.

---

[1] Nicoláo Florentino (Pseudonymo): Antonio Maria de Freitas. *Jornal do Commercio*, n.os 12:641-2. (29-1-96. Anno XLIII.)

Analysar uma obra de Theophilo Braga é trabalho que demanda muito tempo e escrupulo.

E' sabido que se o fundo de todos os seus trabalhos é sempre constituido por solidas doutrinas, positivamente averiguadas pela sciencia, nem sempre a exposição d'ellas é feita de uma maneira accessivel a todas as intelligencias. E, porventura, este despreso da fórma, esta negligencia de atavios litterarios, foi uma das origens d'onde brotou mais impetuosa a corrente, que por esse paiz fóra se tem alastrado contra Theophilo Braga. Detractores de toda a especie se têm levantado contra este glorioso ornamento da democracia portugueza. Uns, movidos pelo orgulho que *do alto do seu desdem não os deixa vêr ninguem;* outros pela inveja, a maior parte pela incapacidade de poderem accumular uma tão extraordinaria erudição: todos esses entes pequeninos, mesquinhos, têm querido deslustrar o nome de Theophilo, usurpar-lhe o logar eminente, que elle occupa no mundo scientifico, roubar-lhe toda a gloria, que elle conquistou á custa de extraordinario e honesto trabalho.

Mas, assim como os clamores das rãs não conseguiram moderar os ardores do sol, assim tambem todos esses declamadores, que sentimentos pouco nobres têm movido, não conseguirão jámais tirar a Theophilo Braga a sua grande e exclusiva gloria de ter introduzido em Portugal a moderna escola positivista; de ter sido elle o orientador, o disciplinador, o educador de toda a mocidade moderna, que hoje constitue o grande nucleo da democracia portugueza. Cabe a Theophilo Braga a gloria de ter sido o preparador, o fomentador indirecto da implantação da Republica no Brasil: porque foram os seus trabalhos de propaganda democratica, de vulgarisação dos principios da Philosophia positiva que

levaram ás terras de Santa Cruz os germens das idéas republicanas, que uma pleiade de homens de talento, educados pelo grande mestre, se encarregou de desenvolver successivamente, até que fructificaram no memoravel dia 25 de Novembro.

E' certo que com Theophilo Braga collaboraram na mesma obra de poderosa disciplinação mental homens como Julio de Mattos, Teixeira Bastos e Consiglieri Pedroso: mas é tambem certo que elle foi de todos o que mais trabalhou sempre, o que sempre mais incansavel se mostrou, o que mais fiel permaneceu no seu pôsto. Por isso não podemos agora eximir-nos a, felicitando Theophilo Braga pelo seu novo trabalho, saudarmos ao mesmo tempo n'elle o glorioso mestre da moderna democracia portugueza e brasileira.» [1]

*

«Em hora propicia ás nossas letras, inauguramos a secção bibliographica da nossa folha. *A Visão dos Tempos,* de Theophilo Braga, na primorosa edição recente, condensa toda a obra poetica do eminente revolucionario e renovador da nossa litteratura. No Cyclo da Fatalidade, no da Lucta e no da Liberdade reapparecem os livros esculpturaes que desde a *Visão dos Tempos,* as *Torrentes,* a *Ondina do Lago* e as *Tempestades Sooras,* até ás *Miragens Seculares,* offereceram aos poetas portuguezes d'estes ultimos trinta annos libertação e orientação.

Não alludimos á simples libertação do canon classico, que sobreviveu a Castilho: simples exploração das fórmulas, ou da fórma. Sobreviveu, tal canon, mal ferido na refrega coimbrã, e de todo se esba-

[1] *Debate*, nº 22, de 3-11-95. Lisboa.

teu, afinal, nos elevados dominios da arte pura. A *orientação scientifica* da Poesia é que constitue a obra exclusiva e pessoal do auctor da *Visão dos Tempos*. Nenhum outro dos poetas magnos do nosso tempo lhe contestaria quinhão, por mais modesto, do aprêço geral, consciente, n'essa obra redemptora.

Muito de proposito dissemos *do nosso tempo*. Nem entre nós, nem lá fóra, o trabalho da systematisação podia hoje ser realisado por outro reformador. Os especiaes dotes de erudição de Theophilo Braga constituem-n'o singular, entre os reformadores litterarios dos nossos dias, e só elle, depois do mallogro da *Lenda dos Seculos*, poderia findar, audaciosa e firmemente, a Epopoêa dos seculos e, das regiões da contemplação, regressar até nós, insusceptivel de desvairamento.

Precede cada um dos treze cantos da *Visão dos Tempos* um elenco philosophico, que, vinculado ao proemio da obra geral, lhe synthetisa a explicação. Modestamente define Theophilo Braga o seu trabalho — uma tentativa de relêvo poetico na estructura da Epopêa humana, por Augusto Comte, quanto ao encadeamento psychologico da epopeia. A analyse pormenorisada das composições poeticas da *Visão dos Tempos*. — trabalho irrealisavel e descabido n'uma secção de noticias bibliographicas — demonstrará que a tentativa é uma realisação gloriosa para a nossa arte, e, implicitamente, para o nosso paiz. E seria, por egual, a fulgurante resposta do talento aos seus miserabilissimos detractores, dado que estes não estivessem, desde as origens e as intenções, abaixo da discussão. Seja-nos relevada pelos leitores de espirito severo a referencia misericordiosa.

Theophilo Braga consagra a sua obra capital á memoria de seus filhos, prematuramente arrancados pela morte á ventura da existencia. E aos Poetas

que lhe dulcificaram, n'um livro consolador, o amargurado coração, dedica sentidissimas estrophes em que a saudade do pae, a gratidão do amigo e a resignação do sabio se entrelaçam em grinalda funèraria e luminosa, dependurada na fachada monumental do edificio que o grande escriptor ergueu ás nossas lettras.

Bello, commovente e glorioso livro!» [1]

Teixeira Bastos o luminoso vulgarisador, depois de ter escripto esse bello monumento de critica litteraria *Theophilo Braga e a sua Obra*, apreciou novamente a epopèa da *Visão dos Tempos* n'esta sua phase integral. O problema que expõe já tinha sido considerado pelo professor Antonio Maria de Freitas em um juizo critico sobre a obra magistral de Teixeira Bastos. Transcrevemos d'esse juizo as palavras sobre a difficuldade de aquilalatar a obra de Theophilo Braga:

«Por outro lado, a actividade do illustre escriptor, acompanhada de uma audacia nada vulgar nas luctas do espirito, tem percorrido quasi todos os campos com tamanho folego, que não é facil seguil-a passo a passo, fixar os *varios aspectos* da sua poderosa mentalidade, coordenal-os e dar-lhes um todo harmonico de successão intima.

E não é só a unidade de força da sua obra vastissima, que o maior numero dos seus concidadãos lhe desconhece; muitas das suas ideias apresentam-se-nos como uma nebulosa á vista desarmada; a sua penna precipita-se a trechos com as abaladas transcendentaes do seu espirito, n'uma technica, que mal se compadece com a mediana cultura do nosso mundo estudioso.

---

[1] *Paiz*, n.º 22, de 4-11-95. Lisboa.

Atraz das largas homenagens que se prestam ao dr. Theophilo Braga, — pelo que se lhe não pode negar, reservam-se suspeitas e retrahimentos pelo que se não comprehende, e finalmente um horror supersticioso pela demolição do velho edificio mental, que iamos palliando dentro das fórmulas commodas de todo o nosso systema de vida indigena. —

Para uns, Theophilo Braga é o seu *poeta;* para outros, o seu *historiador;* para uns terceiros, o seu *philosopho;* — feições consideradas em geral sob uma distincção pertinaz; havendo bem poucos que lhe admirem tudo isso consubstanciado na mais perfeita estructura do cerebro humano e logicamente travado no decurso da sua grande actividade.

Uns adoram-no apenas no periodo da sua formação esthetica, do seu labor artistico. Aspiram a graça, a formosura, os perfumes da sua *Bacchante*, com o mesmo extasis ardente e soffrego com que Méry osculava a *Bacchante* de Bartolini, com a mesma loucura que levava Pygmalião a desposar a sua *Venus*, apenas arrancada de um bloco de marmore frio e impassivel. Desconhecem-no ao vêl-o entrar nos carneiros da Patria e da humanidade para revolver os despojos funebres de seculos, que aguardavam socegadamente o tribunal de Josaphat, e submetel-os ao juizo philosophico, que ha tempos se ergue inexoravel sobre toda a obra social do passado, julgando-a em ultima instancia. —

Outros querem que o dr. Theophilo Braga seja por excellencia o investigador incansavel, o sabio apaixonado e profundo das edades patrias, que elle tem feito reviver, dando-lhes fórma e injectando-lhes vida, traduzindo maravilhosamente a alma portugueza nos encantos singelos da sua puericia e nos impulsos grandiosos da sua virilidade, pezando-lhes ainda assim menos que elle consumisse a sua pri-

mitiva actividade nos devaneios do lyrismo, do que se invertesse mais tarde no methodo philosophico, que tornou um tanto dura e incomprehensivel a sua delicada e lucida alma de artista, e menos accessivel e sympathica a segunda phase do seu trabalho mental, aquella que o guindaria por certo á veneração de todos os que amam este cantinho patrio e gostam de o vêr recordado e enaltecido nos seus homens e nas suas cousas.

Aquelles que o abraçam no campo das abstracções não se prendem com o culto intimo dos outros. Acima do *poeta* e do *historiador*, vêem o *philosopho* codificando as leis immutaveis por que se têm regido o amor e as sociedades, e avançando determinadamente por deducção cerrada até previsões, que parecia bem longe do alcance do homem vir a estabelecer.

Mas é forçoso convir com todos elles que em Theophilo Braga não ha uma triplice individualidade possivel de desmembrar, por incongruente; que as tres feições, sob que elle se nos revela na sua larga actividade, não são essencialmente distinctas ou demarcadas por mudanças bruscas no seu caracter scientifico-litterario.

Assim nol-o prova Teixeira Bastos, no seu primoroso livro, com um conhecimento profundo da obra do notavel escriptor e com os recursos de talento, de illustração e methodo que todos nós lhe conhecemos.

O perfil do sr. Theophilo Braga está fielmente colhido nos seus tres periodos de labutação *artistica*, *scientifica* e *philosophica*, que se succederam n'uma evolução intima, constituindo um todo indivisivel de trabalho mental.

Onde se suppunha haver saltos enormes, ha, pelo contrario, transições logicas e suaves; onde se jul-

gava existir um pujante cerebro truncado, disperso caprichosamente, e por vezes confuso, resurge elle em admiravel synthese, na mais luminosa e imponente unidade de acção, que se póde encontrar entre os obreiros da geração moderna.» [1]

*

Consignemos aqui a ultima sentença de Teixeira Bastos, o discipulo dilectissimo, annunciando o proximo apparecimento da edição integral da *Visão:*

«No nosso mundo litterario occupa logar proeminente Theophilo Braga, cujo espirito se tem debatido sempre no dilemma dos dois amores — como elle proprio diz no preliminar da recente edição dos seus *Contos Phantasticos* — attrahido para a Arte e seduzido pela Sciencia. Artista e sabio, impõe-se com esta dupla individualidade á admiração dos contemporaneos, mas o segundo aspecto tem injustamente offuscado o primeiro aos olhos do publico que o aprecia e respeita. Todavia o artista não é inferior ao sabio, antes lhe leva vantagem em rasão da espontaneidade do talento, fecundado e aperfeiçoado pelo saber encyclopedico e rigorosamente disciplinado.

Foi, como artista, que Theophilo Braga primeiramente se revelou. Já com um volume de versos, ensaios poeticos dos quinze annos, publicado em Ponta Delgada, veiu para o continente afim de seguir o curso de direito na Universidade de Coimbra, abandonando a ilha de S. Miguel, sua terra

---

[1] A. M. de Freitas (Nicoláo Florentino) *Jornal do Commercio*, n.º 11: 903 (Anno XI.)

natal, onde vira a luz em 24 de fevereiro de 1843.

Em Coimbra o illustre açoriano lançou-se com todo o fogo da sua alma na grande ebulição litteraria que agitava então a academia, e surgiu entre os primeiros, dando á publicidade em 1864 a *Visão dos Tempos,* assombrosa revelação de um poeta sublime. O artista, mostrando logo a sua poderosa superioridade, conquistou o publico, que o encheu de applausos. Em breve as *Tempestades sonoras* confirmaram a reputação ganha com a *Visão dos Tempos.*

Mas a grandeza do triumpho converteu-se em supplicio para o artista.

As difficuldades dos primeiros annos do Coimbra, que conseguira vencer á custa de tenacidade inquebrantavel, mal tinham desapparecido deante do successo estupendo do poeta, quando renasceram com grande vigor e adquiriram maior intensidade no meio das luctas litterarias da celebre *Questão Coimbrã.* O artista guerreado de todos os lados, cedeu então o passo ao homem de sciencia.

Theophilo Braga conta o caso d'esta fórma, no mencionado preliminar: «De repente achei-me cercado de odios; cortaram-me os viveres na empreza do jornal, nas aulas de Direito tiraram-me a mesquinha distincção academica, os criticos espalmaram-me rudemente, os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarchas das lettras com o pezo da sua auctoridade sorriam com equivocos sobre o meu valor intellectual, chegando a circularem lendas depressivas do meu caracter e costumes que só consegui desfazer com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrificios. Outro qualquer ter-se-hia rendido.

«Vi-me forçado a inverter as bases da minha existencia, abandonando a Arte que me seduzia,

porque me abandonára a serenidade contemplativa, e lançei-me á critica, á erudição, á sciencia, á philosophia.»

A *Ondina do Lago*, (1866) e as *Torrentes*, (1869) livros de poesia que continuam a Epopêa da humanidade, inaugurada com a *Visão dos Tempos*, já appareceram no periodo de combate.

Theophilo Braga, lançado no novo rumo, estuda e collige as Tradições populares no *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* (1867-1869), nos *Contos tradicionaes* (1883) e no *Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições* (1885); applica a critica moderna á *Historia da Litteratura portugueza* (1870-1892), refaz a sua doutrina philosophica escrevendo os *Traços geraes de Philosophia positiva* (1877), inicia a publicação de uma *Historia Universal* (1879), elabora o seu *Systema de Sociologia* (1884) intrevem na politica, adoptando o *Mandato imperativo*, fazendo Conferencias democraticas e criticando a situação em artigos de jornaes, nas *Soluções positivas da Politica portugueza* (1879) e na *Dissolução do Systema monarchico constitucional* (1880); investiga as *Origens poeticas do Christianismo* (1880) e as *Lendas christãs* (1892); interpreta o *Cancioneiro da Vaticana* (1877); aborda a critica da instrucção publica portugueza na sua *Historia da Universidade de Coimbra* (1892 1895); e emfim assenta os fundamentos da nossa historia nacional, na *Patria portugueza* (1894).

Esta obra colossal, em que Theophilo Braga dispende a sua prodigiosa actividade durante vinte e oito annos, foi erguendo aos olhos do publico o homem de sciencia, o erudito, o pensador, e deixando na penumbra o artista eminente que se revelara no comêço da sua carreira litteraria. Mas o talento poetico, sentindo-se abafado e não vencido pelos

trabalhos de erudição e de critica, de sciencia e de philosophia, irrompia com novo fogo a cada momento de serena contemplação que o infatigavel luctador conseguia obtêr no meio da sua laboriosa existencia. O artista aproveitava até com superior criterio no interesse da concepcão poetica, que o absorvia desde a mocidade, todos os abundantes materiaes com que trabalhava nos seus estudos de litteratura, de sciencia ou de philosophia. Como a abelha que da essencia das flores fabrica o mel, Theophilo Braga do fructo succulento dos seus trabalhos de sabio ia extrahindo uma parte ideal para elaborar e gradualmente aperfeiçoar a iniciada Epopêa da Humanidade.

A philosophia positiva de Augusto Comte, que lhe renovou a mentalidade, orientando-a e disciplinando-a, deu-lhe tambem uma mais nitida comprehensão do que deveria ser o poema moderno por excellencia, isto é uma Epopêa formada pela representação synthetica dos successivos cyclos da evolução historica.

Pouco a pouco, quasi ás furtadelas, a alma do artista irrompendo d'entre as lucubrações do sabio foi desenvolvendo, modificando, aperfeiçoando a sua obra poetica, a *Visão dos Tempos*, iniciada sob a influencia da metaphysica de Hegel e das theorias de Vico.

Nas *Miragens seculares* (1884) reuniu Theophilo Braga uma grande parte da sua producção artistica posterior á publicação das *Torrentes*, e sob a orientação da philosophia de Comte estabeleceu a ligação dogmatica de todos os seus poemetos, que até então constituiam a sua vasta Epopêa da Humanidade, aggrupando-os n'uma trilogia — *A Fatalidade*, *A Lucta* e *A Liberdade*, e precedendo-os de hymnos á Tradição, á Historia e á Philosophia. Não

conseguiram as *Miragens seculares*, apesar de todo o seu merito, fazer com que o publico tornasse a vêr o artista, que tão festejado foi na sua brilhante apparição, no homem superior em que desde longos annos só se acostumara a admirar o sabio e a respeitar o erudito.

O grande poeta, porém, não dera ainda por finda a obra de arte que no meio do seu trabalho colossal e através de todas as tempestades da vida constituira sempre o enlêvo das suas horas contemplativas, o oásis do seu espirito fatigado de luctar, o consolo unico que suavisava os insanaveis golpes soffridos pelo coração.

Hoje a alma poetica do artista, a idealisação synthetica de cada um dos cyclos historicos ou das phases successivas da Civilisação humana, está prestes a vir á luz em toda a sua grandeza e em toda a sua unidade dogmatica n'uma edição completa e definitiva.

Poder-se-ha apreciar então a grande Epopêa da Humanidade, a *Visão dos Tempos*, bello producto de arte que encerra a essencia de trinta e tantos annos de trabalhos, de luctas e de soffrimentos. Desde que o publico a aprecie, ha de vêr em Theophilo Braga, — temos pelo menos esta convicção, — acima do critico, do historiador, do erudito, do homem de sciencia e do philosopho, o artista superior, o poeta sublime, que dotou as lettras portuguezas com uma surprehendente obra de arte.» [1]

O Dr. Emilo Teza, professor na Universidade de

---

[1] Teixeira Bastos, *Occidente*, revista illustrada, N º 591 (25-V-1895). — Com um retrato em gravura copia da photographia Bobone.

Padua, no prologo da sua versão dos poemetos *Stella Matutina* e *Infancia de Homero*, considera esta dupla manifestação mental e sentimental do poeta:

«Theophilo Braga é um dos historiadores mais eruditos da sua litteratura nacional; cheio de ideias é alimentador de ideias, fixa as almas que na marcha dos seculos transmigraram na palavra portugueza. Attende muito aos detalhes, mas não se lhe sacrifica; e no calor da eloquencia mostra-se o firme investigador que se arrebata ou que elles violentamente sustentam. Eis por que a par da sua eschola póde mantêr-se uma outra; e bom é que sejam duas, em todas as regiões litterarias do mundo.

Nos sentimentos da vida social é um philosopho, d'aquelles corajosos que vêem alto e longe, ministros do altar da Esperança; que dão confôrto aos angustiados e aviventam os desditosos com a sua chamma. Que ama tambem a contemplação mais tranquilla na natureza das cousas e juntamente dos homens trasformando-se em hymnos de outro calor e colorido. E' que verdadeiramente o philosopho é para o poeta um irmão; não gerado por um pae desapiedado que fizesse um herdeiro de toda a sciencia ou de toda a arte, que pozesse como tyranno ante aquelle outro: são senhores poderosos de dois castellos, que se auxiliam e amam, o Braga philosopho é por vezes inflexivel e audaz; o Braga poeta sabe adaptar-se e tambem impôr-se.» [1]

*

«Repetimol-o ainda uma vez mais, a alma dos grandes artistas portuguezes não é senão a lucta

---

[1] *Dai Canti di Th. Braga*. Versioni di E. Teza; pag. 7. Padua, 1898.

perpetua entre a Rasão e a Paixão; esta muitas vezes minando ou submergindo aquella, para terminar na revolta, nas imprecações angustiosas ou lyricas, na sêde de anniquilamento de um desesperado da existencia, como Camillo Castello Branco, o mais genial dos romancistas portuguezes, ou de um lyrico exaltado como Anthero de Quental, ambos predestinados, pela indole particular da sua nevrose, á queda final no Nada, no suicidio.

Filhos do celebre Gil de Santarem da lenda, a ancia de saber n'elles provém unicamente da sêde de amar. —

«A edição integral dos quarenta mil versos da *Visão dos Tempos* (Epopêa da Humanidade) de Theophilo Braga data de 1895; mas o apparecimento dos diversos poemas que compõem esta colossal *Lenda dos Seculos,* é anterior muitissimo, por que a primeira collecção remonta a 1864.

E' o drama da Historia que se desenrola, segundo os cyclos indicados por Comte, e certamente, como disse o critico Bruno, nem André Lefèvre nem Sully-Prudhomme, não lhe podem ser comparados pelo rigor methodico da execução, como pela vastidão do assumpto.

N'esta obra a Lyra de Orpheo torna-se o Symbolo grandioso da ideia de graça e de amor, na evolução da Humanidade, pela acção soberana do Tempo.

Em contraposição do genio grego, o genio do Oriente não soube descobrir a harmonia da Natureza e chegou a considerar a Vida como uma expiação, cujo termo supremo era o aniquilamento do Nirvana: esta influencia penetrou na Europa com as religiões dyonisiacas, momento historico implicito no mytho de Orpheo dilacerado pelas Bacchantes.

O destino humano deve conformar-se egualmente

com a harmonia da Natureza; foi o que presentiu o mytho orphico, assimilando ao culto appollineo ao rito da exaltação bacchica.

Na *Visão dos Tempos* os dois factores da evolução natural e humana são representados: o *Tempo*, como o demi-urgo, que mediante o progresso da Tradição, cria a ordem cosmica e o agrupamento das raças; e o *Amor*, com o influxo sympathico que conduz ao altruismo moral e á idealisação esthetica.

Toda esta corrente doutrinaria, inclusa no Orphismo tradicional da Grecia, passou em parte, graças á philosophia alexandrina, para o Christianismo, para fecundar ulteriormente o hymno dos Trovadores e a Cavallaria. Varios poemas, episodios e especialmente a *Ondina do Lago*, representam esta phase historica.

A Lyra symbolica significa que a Poesia tinha na sua origem a dignidade de uma funcção social: ella suppria a synthese philosophica pelo sentimento. Mas a Lyra, que proclama a Harmonia da Natureza deve chegar egualmente á comprehensão da Vida. Desencadeadas pelo espirito oriental, as paixões individuaes oppõem-se á theoria da mutua harmonia, e eis que o corpo de Orpheu é arrastado aos pedaços pelo mar. Desde então a Lyra permaneceu fluctuante sobre as aguas do Mediterraneo illuminando com o seu fulgor auroral este mar interior, para fazer comprehender a unidade das Civilisações occidentaes. De seculo em seculo, poetas inspirados escutaram a sua resonancia. Mas eis que o Oriente uma segunda vez rue sobre a Europa: Constantinopla é tomada, e a Lyra então se afasta para mais longe, ella avança para o grande Oceano, para o Mar Tenebroso. E' a Era dos grandes Descobrimentos dos portuguezes. Camões, na passagem do Cabo

das Tormentas, reconhece a voz mysteriosa da Lyra encantada; d'ahi o exito universal e secular dos *Lusiadas*. Goëthe um pouco mais tarde, comprehendeu por seu turno a necessidade de restituir á Poesia a sua alta missão. Mas hoje os governos empiricos destinados á conservação da ordem, são verdadeiros factores de catastrophes sociaes; eis porque estamos ainda longe da *Edade normal*. Apezar de tudo, o que não têm sabido fazer os estadistas, nem os philosophos, compete aos poetas tental-o.

Tal é a symphonia magestosa, orchestrada por este maravilhoso poeta que se chama Theophilo Braga, e que é antes de tudo um luctador do pensamento. A sua obra é d'aquellas cujos principios se podem discutir, mas não a alta valia conscienciosa, nem a generosidade de vistas, nem o esplendor da imaginação.» [1]

«E', sobre trabalho prodigioso, bastante a fazer e firmar solidamente a reputação litteraria de quem só esse titulo tivesse a garantir-lh'a, um trabalho magnifico e esplendido de erudição, de critica e de poesia a que entre nós — e nem talvez entre extranhos — eu não conheço outro, que não o sr. Theophilo Braga, que podesse metter hombros.

Lê-se e pasma se; relê-se e o pasmo não diminue, e antes se avoluma, esta obra monumental, sendo preciso um grande esforço de contensão para nos capacitarmos de que um só homem levantou desde os alicerces até á cuspide esse maravilhoso edificio, em que consumidos os mais seguros e formosos materiaes da natureza, da sciencia e da

---

[1] Philéas Lebesgue, *Le Portugal littéraire d'aujourd'hui*, p. 18 a 21. Paris, 1904.

arte, n'um conjuncto harmonico e cheio e perfeito, em que se desdobram, passo a passo, n'um immenso panorama, tamanho como a historia inteira da Humanidade, as paginas todas d'esta, bem caracterisadas e reçumantes, verdadeira resurreição ao mesmo tempo que genuina interpretação de todo o passado.

E ante uma obra n'estas condições, que enche de assombro e admiração quem lhe percorre as paginas, e bem se não alcança como abastaram a vida e os estudos, por mais indefessos de um só homem para a levantar, que dizer-se n'uma apreciação critica, que demandaria longos dias de estudo, applicação e exame, quanto mais n'uma simples noticia bibliographica?

Não sei que a mais possa e deva ir do que a ainda uma vez, e por modo o mais enthusiasta e vehemente, applaudir o grande, o immortal escriptor a quem admiro desde os bancos da Universidade, uma das glorias mais puras e levantadas do nosso paiz, como tal considerado e consagrado entre nós, apesar das mil pequeninas invejas e egoismos do nosso meio, e como tal considerado e consagrado no estrangeiro.» [1]

---

[1] Dr. Rodrigo Velloso, *Aurora do Cávado*, n.º 1450. De 6-XI-90. Barcellos.

Apresentamos a nota bibliographica da versão polyglotta de alguns Poemetos da *Visão dos Tempos:*

VERSÕES ITALIANAS: *Stella Matutina*, e *Infancia de Homero*, Dr. Emilo Teza. — *O Poema de Camões, O Riso de Cervantes, Delirio de Petrarcha, Phrase de Miguel Angelo, Beijo de Tasso*, Dr. F. Paolo Pace. — *Muero porque no muero*, Marco A. Canini. — *Canzone di Fatima*, Diego Garoglio. — *Jesus Mendico*, Prospero Peregallo — *Ondina do Lago*, Antonio Padula e G. Voltan. — *Pathelin tragico, Samyaza, Stella Matutina*, A. Padula.

Phase comteana II: *(A continuidade humana objectivada na expressão sociologica dos grandes Mythos tradicionaes.)*

A *unidade objectiva* na concepção da marcha da Humanidade foi formulada por Pascal n'este nitido pensamento: «Toda a série dos homens durante o curso de tantos seculos, deve ser considerada como um mesmo homem, que subsiste sempre, e que incessantemente apprende.»

Para fixar em uma verdadeira expressão artistica esta unidade objectiva, Theophilo Braga deu relêvo aos elementos poeticos dos grandes Mythos da continuidade humana, *Hasis-Adra*, *Xisuthros*, *Kedher*, *Samiri*, *Ashaverus*, *Cartaphilo*, *Glauco*, *João de Espera em Deus*, *Preste João*, como vultos transmittindo o Facho sagrado da vida moral (ou do segundo nascimento) através dos periodos tradicionaes e historicos, conduzindo á immortalidade subjectiva.

A *Visão dos Tempos* será remodelada sobre esta base por uma melhor coordenação dos varios poemas, harmonisando a ascensão *psychologica* com a representação *sociologica*.

Porventura em 1914, em que se completam cincoenta annos sobre a primeira tentativa da Epopêa humana, apparecerá esta edição definitiva *Ne varietur* da *Visão dos Tempos*.

Versões castelhanas: *A Sombra do Propheta*, *Infancia de de Homero*, Currus Enriquez.

Versões francezas: *Scena da Pérola de Ophir*, Brinn' Gaubast. — *Grace ineffable*, Id. — *Passo de Roncesvalles*, Henry Faure.

Versões allemãs: *A cortina* (Soneto), *Enlêvo*, *Desolação*, *Quella ch'emparadisa la mia mente*, *Serenidade*, *Despedida*, *O Passado*, Dr. Wilhelm Storck.

Versões suecas: *O Poema de Camões*, *Phrase de Miguel Angelo*, *Soneto da Ondina*, *Graça ineffavel*, Bjorckman Goran.

B) Idealisação nacionalista

(Rhapsodias da Grande Epopêa de um pequeno Povo)

1902 a 1908

ALMA PORTUGUEZA

Sobre a expressão artistica do *ethos* portuguez escreveu o illustre lusophilo Philéas Lebesgue, no *Mercure de France:*

«Para attingir a concepção épica é necessario ao Poeta abstrahir bastante de si, para se reconhecer na Raça completa, da qual elle tem a missão instinctiva de totalisar a alma nas transcendencias voluntarias da sua personalidade engrandecida pela ideia do sacrificio. E' questão de educação e de atmosphera, e esta atmosphera parece ser o ambiente natural das épocas primitivas. Para o Aédo épico ha duas maneiras de escapar ás estreitezas lyricas do Eu, pelo amor unido ao enthusiasmo heroico, ou pelo *pensamento constructivo* alimentado de aspirações redemptoras pela exaltação de uma fé. — E' uma construcção rythmica com profundidade, á qual preside o accôrdo perfeito das grandes ideias conservadoras e tradicionaes: o Respeito pelo Costume, a Fé, a Nação. A Esthetica aqui conjuga-se directamente com a Sciencia e a Religião, por um contracto segundo o qual potencia e gloria prevalecem ao goso e exito.

A poesia de Camões é bella principalmente pela vida intensa que ella exprime. Um hespanhol, Ca-

nalejas, disse: «Os *Lusiadas* são mais do que o Poema de Portugal, são o poema da Civilisação iberica inteira. Antes de tudo isso é o poema de um homem, e eis aqui o assombro: este homem era tão completo, tão vigorosamente elle proprio que se tornou a voz de todo um Povo. Tudo quanto este povo accumulou de sensações, concentrou de sentimentos, concebeu de ideias em seguida por via da Antiguidade ou da Edade Média, elle o torna a sentir, elle o exprime. —

E eis aqui o poeta egual pelo coração aos seus proprios heroes.

Elle tem a virtude dos verdadeiros fortes. Não existe figura mais nobre para collocar em effigie em uma das nossas avenidas. Elle ensina a defrontar com o perigo, que ainda não desappareceu para ninguem. Amanhã, talvez, toda a Europa occidental deverá unir-se para salvaguardar a paz do mundo: parece pois necessario que Camões presida em Paris ao advento d'esta éra nova, que assegurará sem duvida á França um direito de primogenitura, a Portugal um renascimento. Anatole France apresentando ultimamente ao publico francez *le plus grand des Portugais actuels, le maître Theophile Braga*, é o annuncio de que se a Humanidade deve iniciar o seu novo cyclo lançando os alicerces do templo da Paz, será sobre o solo latino, em que se comprehende a Inglaterra, que esta construcção poderá realisar-se.

Theophilo Braga, com effeito é um crente da Humanidade; mas, ao contrario das obcecadas theorias de conclusões prematuras, elle permanece ao mesmo tempo um fanatico da Raça e da Patria. Ninguem mais do que elle se votou á glorificação popular dos grandes homens da sua nação, a começar por Camões. Para elle o resurgimento de Portugal só é

possivel pela restauração intelligente e progresiva do sentimento nacional. Por que ha uma raça lusitana, um povo portuguez de composição ethnica particular, com o predominio do atavismo sceltico (ligurico.) Os trinta e dois volumes da *Historia da Litteratura portugueza,* o *Romanceiro geral portuguez,* a *Patria portugueza* e toda a série dos recentes poemas da *Alma portugueza*, ahi estão para demonstral-o á saciedade. Taes são os titulos d'esta raça á perfeita autonomia, titulos de alta e valente nobreza sabiamente extrahidos aos pulverulentos archivos de todas as categorias, classificados pela mão sagaz do sabio para edificação de Portugal. O que Camões operou pelo sentimento heroico, Theophilo Braga realisa-o e o continúa pelo pensamento puro, pela rasão positiva, pela constructividade soberana. As aptidões d'este homem são extraordinarias e duplas: n'elle o raciocinio, a vontade acham sempre, para a obra a crear, o alimento do fervor e do enthuziasmo. A imaginação aqui é egual á rasão, e uma sabe accommodar-se no instante exigido a servidora da outra. Toda a existencia de Braga, é, em resumo, um modelo de tenacidade. Apaixonado pela Sciencia e pela Arte, mas pobre, elle trabalha simultaneamente para viver e se instruir, e chega, sem ruido mas sem desalento a traçar o sulco até á altura a que elle aspira. Antes de ser conhecido no seu paiz, soube tornar-se uma personalidade europêa. Trabalha, eis o segredo. As suas convicções não variaram. Durante longo tempo foi na vida familial que elle hauriu os seus melhores confortos: tinham-lhe inveja, guerreavam-o, e no momento em que se lhe abria alfim o horisonte glorioso e largo, o Destino fere-o com uma enchadada. Elle viu morrer em pequeno intervallo os seus dois filhos. Toda a nação chorou com

elle. Isto o ajudou a não titubear na fé do saber e da verdade. Entregou-se ao trabalho. Vae exaltar Portugal, preparar-lhe as bases em que assentar o resurgimento em que confia. Será isto não o olvido, mas a consolação. Outros, sem duvida, souberam, depois de Camões, encarnar mais puramente o sentimento lyrico portuguez. Pode-se mostrar o encadeamento quasi ininterrupto, do qual Braga foi o primeiro a designar os anneis: Bocage, Garrett, João de Deus. Mas a expansão total da alma e do espirito portuguez, em ninguem mais, a não ser n'elle, se póde achar.

D'elle, como de Camões, se pode dizer, que totalisa a Iberia, cuja cabeça assim se transporta a Lisboa; por que ninguem ha, através das Hespanhas, da Europa e da America, que possa pretender a ultrapassal-o no momento actual. Não é uma lisonja banal que eu avanço; é um facto, que nenhum espirito sério e imparcial contradirá. Braga resume a sua terra, da qual elle encarna hoje as virtudes as mais elevadas: uma vontade de *sebastianismo,* de resistencia á defecção, e no culto intelligente de uma verdade separada do dogma, vivificada pela arte, apoiada sobre a tradição ethnica. Assim Braga é acima de tudo portuguez, portuguez pacifista e republicano, e apezar de tudo possuido de grandeza:

— «Portugal colonisador, que creou o Brasil, pode ainda fundar um grande imperio organisando as suas possessões de Africa; mas o problema a resolver está no seu proprio seio. E' preciso dar expressão ao Ideal nacional, alargando-o com o sentimento da solidariedade humana. Foi assim, que Portugal, na época dos Descobrimentos soube crear a sua Epopêa, universalisando a sua acção através do mundo.

Portugal pode ainda tornar-se um factor importante de cultura na humanidade; compete-lhe cooperar para o estabelecimento da Confederação latina do Occidente, na qual poderá encontrar finalmente a garantia inabalavel da sua autonomia.» —

Taes são as ideias que Braga tira de seu positivismo de largas syntheses, e curioso dos mysterios profundos contidos na psychologia dos povos. E' do cimo arduo da Philosophia que elle contempla primeiramente o drama sombrio da Historia; ahi nota os trez Cyclos da *Fatalidade*, da *Lucta* e o da *Liberdade*, e procura exprimir por Symbolos poeticos os progressivos estados da consciencia em que evolucionaram as civilisações e as raças. Ao mesmo tempo apparece-lhe a missão historica de Portugal, e é em volta d'este pensamento, que d'ora em deante fará gravitar todas as suas idealisações. A caracteristica essencial do seu genio é a constructividade. Nada ha aqui de commum com o dilettantismo intellectual que aggrega e desaggrega ideias por artificio ou prazer. Theophilo Braga só gosta das architecturas tendo um sentido e um objecto; elle edificou o templo do *Lusismo* para a nossa época, não trata de copiar ninguem. A sua *Visão dos Tempos* é tambem a unica Epopêa simultaneamente scientifica e nacional que a nossa época conseguiu produzir.

O visionario é certamente menos potente que o da *Legende des Siècles;* a preoccupação do detalhe e a technica do verso são levadas menos longe do que em Sully-Prudhomme; mas que amplitude de pensamento e que harmonia no conjuncto! Hugo e Leconte de Lisle não crearam senão episodios; Junqueiro e Gomes Leal, émulos e compatriotas do poeta, apenas interessam pela paixão ou o lyrismo

dos seus versos; sómente o auctor das *Tempestades sonoras* e da *Ondina do Lago* sabe fazer cantar em torno de Portugal a symphonia dos heroes da Historia, até produzir o sentimento, de que o despertar previsto pelo Sebastianismo não é um conto vão. Elle retoma o symbolo grego da *Lyra de Orpheo*, que apazigua a tempestade e domina as féras, e nos mostra a acção concommittante dos dois factores da creação: o Tempo, organisador da Natureza, e o Amor, lei do Homem. — Esta Lyra fluctuante illuminava como um crepusculo de alvorada proxima o mar interior *(Mare clausum)*, fazendo comprehender a unidade das Civilisações occidentaes através dos fócos dispersos pelas suas margens: o Egypto, a Palestina, a Grecia, a Italia e a Hespanha. Sebreveiu a invasão dos Turcos em Constantinopla. Eis que mar abaixo a Lyra vae para o Oceano, para o Mar Tenebroso.

Ella illumina então o caminho dos grandes Descobrimentos, a via da India e das Americas; o seu esplendor faz entrevêr a Magalhães a circumducção do globo:

— «A's Civilisações do *Mare clausum* vão succeder as do *Mare librum*. Na passagem do Cabo das Tormentas, Camões ouviu a resonancia longinqua da *Lyra de Orpheo,* fluctuando nas vagas oceanicas, e a universalidade dos *Lusiadas* fez-se por estas vagas reminiscencias.»

A superioridade de Braga provém d'elle ter sabido conjugar o sentimento universal ao sentimento portuguez, em que elle realça ao desvendar-lhe a essencia. Platonismo em Camões quando joven, hegelianismo sentimental no fundador da *Eschola de Coimbra*, apeando o velho Castilho pelo camonismo transcendente do seu juvenil enthuziasmo, de ambas as partes é o Amor sublimado por uma aspira-

ção de grandeza, de saber e de heroismo que se affirma como mobil sagrado do genio dos dois poetas.

Longe de nós, o pensamento de tentar o seu parallelo. Elles completam-se um ao outro, mas não se comparam. São dois ornamentos geniaes da historia litteraria portugueza, e Braga, arvorando o estandarte da Renascença poetica — tinha encontrado a fonte clara da alma ancestral. — Garrett, exilado em Paris em 1824, evocava através de Camões a alma da sua patria querida, e identificava-se em um rapto de inspiração divinatoria ao Cantor dos *Lusiadas*. Cada um depois carreou a sua pedra para o templo sagrado da gloria camoneana, que o Centenario de 1880 fez resplender com um brilhantismo unico. Camões torna-se o symbolo da Ideia lusitana, e por isso na occasião do Ultimatum inglez de 1891 a sua estatua em Lisboa foi coberta com um panno preto.» [1]

Em um outro estudo sobre a litterattra portugueza, Philéas Lebesgue falla d'esta circumstancia relacionando-a com a elaboração da *Alma portugueza*

«Desde o Ultimatum de 1891, uma especie de mal estar não deixou de actuar sobre Portugal, agitado por uma ardente preoccupação de regenerescencia. Assim foi em França depois dos seus desastres; mas aqui esse mal estar, depois de ter tomado um instante a attitude aggressiva da *revanche*, foi systemâtisar-se no humanitarismo. Portugal, que não tem de exercer uma acção mundial, reconcentrou-se mais completamente em si, commungando profundamente no ideal francez da justiça social.

---

[1] *Mercure de France*, (15-v-1906) p. 221 a 230.

Ah! Dom Quixote é perfeitamente o romance d'estes povos, e não envolve offensa alguma este meu pensamento; Dom Quixote não symbolisa outra cousa mais do que a falencia do idealismo aventureiro e cavalheiresco inaugurado pelo Trobadorismo, pela Tavola-Redonda, de que se empregnou tão vivamente, em rasão do seu mesmo atavismo sceltico (ligurico) esse Portugal descobridor e guerreiro. Com *Gil de Santarem*, com *Os Doze de Inglaterra*, faz-nos reviver os sobresaltos desvairados, os tumultos successivos d'esta alma, que o espirito dos Descobrimentos e a prodigiosa aventura colonial entretiveram por muito tempo, por mais tempo que o resto da Europa, na illusão bemdita da perpetua cruzada. O despertar foi amargo; nem podia ser de outro modo.» [1]

*

Eis a primeira noticia do plano da *Alma Portugueza*, publicada pelo poderoso romancista Abel Botelho, tendo-lhe sido communicado em uma visita a Theophilo Braga:

«Este assombroso trabalhador que é Theophilo Braga, ao passo que continúa a sua obra colossal, a *Historia da Litteratura portugueza*, tem em via de realisação tambem um outro emprehendimento, do mais alto e remontado valor.

Synthetisou o grande e admiravel escriptor na *Visão dos Tempos* toda a Epopêa humana; agora vae idealisar na *Alma portugueza* todas as manifestações do genio nacional.

Subdivide-se esta obra em seis partes:

1.ª — *Viriatho*, poema em prosa, em que, através

---

[1] Philéas Lebesgue, *Mercure de France* (15-XII-906) p. 636.

da narrativa da lucta contra os romanos, se revela o elemento anthropologico do *lusismo;*

2.ª — *Frei Gil de Santarem,* o pensamento portuguez na grande crise mental da Europa durante o seculo XIII;

3.ª — *Linda Ignez,* tragedia classica, destinada a exprimir toda a intensidade e doçura do genio amoroso portuguez;

4.ª — *Os Doze de Inglaterra,* poema idealisando o nosso espirito de aventura;

5.ª — *Rhapsodias da Epopéa portugueza,* a idealisação das Descobertas maritimas, em quadros cyclicos;

6.ª — *Gomes Freire,* drama, consubstanciando a nossa orientação social moderna.

E' um largo e admiravel plano.

Nem entre nós se encontra outro exemplo que assim, tão intensa e vantajosamente, como em Theophilo Braga, realise a alliança da phantasia com o methodo, da tenacidade com o genio.» [1]

1.º Viriatho — Narrativa Epo-historica

Da *Rassegna italiana,* (Fasc. 3.º, pag. 385) traduzimos um estudo critico sobre o *Viriatho;* é de uma bella unidade de vistas entre a Arte e a Erudição.

O seu auctor o Dr. Mezzacapo está publicando uma *Historia de Portugal* em que segue a doutrina da continuidade do typo lusitano no portuguez actual, o que muito valorisa o seu criterio superior:

---

[1] *O Dia,* n.º 599 (12-II 902.)

«Entre os estudiosos ha uma classe que, nem sempre apta para affirmar uma personalidade propria, consciente que a dirija a investigar e a constatar o bello aonde se encontre, se prostra diante de todos os opusculos que venham da Allemanha; desconhece ou não quer tomar conhecimento de outras producções litterarias que não sejam germanicas. Outros porém mais audazes vão á litteratura russa, onde um nervosismo inteiramente artificioso dá ás obras uma expressão artistica bastante conforme com o desequilibrio da consciencia actual.

D'aqui provém, que a generalidade dos criticos desconhece, a fóra o que é allemão ou russo, que os outros povos tambem produzem obras de arte e manifestações admiraveis do pensamento.

Se a vastidão dos territorios, se a prepotente força de grandes exercitos chama para estes povos a attenção das maiorias, á parte os estudiosos, sempre da força bruta triumphante, nem por isso as suas producções são intrinsecamente menos nobres, menos dignas de serem conhecidas, ao menos entre os poucos que se sentem ávidos de luz, e que a procuram e a accolhem d'onde quer que venha.

Acodem-nos espontaneamente estes pensamentos lendo o *Viriatho* do maior entre os poetas e os eruditos portuguezes vivos, quero dizer de Theophilo Braga.

Em verdade, da litteratura portugueza conhece-se entre nós pouquissimo; ou quasi podemos dizer, sómente o que sùbsiste na historia universal, e especialmente Camões, graças aos seus *Lusiadas* nas traducções italianas menos do que mediocres, bem longe de darem uma ideia da máscula belleza do estylo do original. Para que o publico italiano estudioso possa apreciar dignamente esta obra prima de uma das mais bellas linguas novo-latinas, auguramos

o dia não remoto que appareça uma traducção digna do texto. Felicitamo-nos que esta empreza se realise em Napoles, onde existe uma Sociedade de lusitanophilos que tem por titulo o nome de Luiz de Camões, presidida pelo reverendo Gioacchimo Tagliatela, homem pela erudição admiravel, e pela modestia verdadeiramente sacerdotal. Alma d'esta Sociedade é Antonio Padula, o incansavel apostolo da diffusão da litteratura portugueza entre nós.

Esta Sociedade faz alguma cousa de capital. Intenta apresentar a traducção das Obras completas do grande Poeta nacional portuguez, e para conseguir realisar esta empreza, dividiu o trabalho entre os seus membros, submettendo tudo a uma revisão geral. A edição será completada com documentos e estudos ácerca da nação em que nasceu o Poeta e a esse momento historico. Será, em summa, algum tanto pacientemente allemão e genialmente italiano (desculpem-me os leitores a modestia!)

Este trabalho especial tem induzido alguns dos membros d'aquella *Sociedade Luiz de Camões* a alargar o campo da propria actividade, por cuja convivencia se está fazendo alguma cousa semelhante ao objecto da *Sociedade de Estudos Portuguezes,* que ha alguns annos floresce progredindo cada vez mais em Paris.

Depois d'esta larga promessa, voltemos a Theophilo Braga e o seu *Viriatho.*

Como Luiz de Camões, o Braga canta a sua patria, onde existe um pequeno povo de grande historia. — Assim o *Viriatho,* uma das épo-historias com que o Poeta idealisa historicamente os principaes feitos da sua nação.

Por que chama elle ao seu trabalho épo historia? Por que começa em Viriatho a série das suas epo-historias?

Responderei cumulativamente ás duas perguntas.

O auctor insurge-se contra duas classes de eruditos, que por via diversa negam a Portugal a gloria de descender d'aquellas energicas tribus, habitadoras do occidente da Peninsula iberica, das quaes Roma teve forte resistencia.

Sómente ajuntando á força das armas o recurso da traição com que foi vencido Viriatho, é que dominaram a Lusitania. Alguns outros eruditos negam a existencia historica de Viriatho, apesar da auctoridade de Mommsen, rejeitando a existencia d'aquelle prototypo de *guerrilheiro* que de pastor de rebanhos chegou a chefe de gente valorosa; outros acceitando a figura historica, negam que Portugal possa gloriar-se d'ella, por que em seu juizo a antiga Lusitania nada tem que vêr com o territorio da monarchia fundada no seculo XII, e ainda existente.

São dois pontos da historia, que os limites de uma noticia biographica não permittem discutir, não embaraçando de podermos affirmar que essas duas opiniões provêm mais da hypercritica do que da critica verdadeira e sensata. No vol. I, do corrente anno da *Rassegna* foi objecto de um estudo meu demonstrar como a antiga Lusitania corresponde ao moderno Portugal. [1]

Devemos comtudo felicitar-nos d'estas tentativas hypercritas, porque sem ellas não teriamos provavelmente o bello trabalho de que estamos tratando.

O Braga escolheu um genero em que o poeta e o historiador disputam a primazia, empregando uma prosa que tem um effeito solemne e simples, na qual a propriedade do epitheto, usado com sobrie-

---

[1] *Lusitania e Portogallo. (Rassegna italiana,* anno XII, vol I, fasc. 1 °)

dade artistica ao modo dantesco, chega, direi mesmo, mais a esculpir do que a pintar. A sua prosa faz em certo modo notar que elle usa a «lingua das flores» tão apta para exprimir as incoerciveis cambiantes do sentimento, para fazer recordar a fluida espontaneidade do velho Homero. Tem tambem o clangor das armas, e imprime no animo algumas sensações que se sentem na leitura dos trechos heroicos dos *Lusiadas* no proprio texto. Não impede isto de ser doce e suave, especialmente quando descreve e faz fallar Lisia, que é como a nympha Egeria, que o poeta dá ao heroe; por tal modo contornando uma figura sempre humana, humanamente apresentada ao leitor.

Elle esculpe em alto relêvo o grande quadro em que o fundo é occupado pela massa do povo lusitano retratado na sua coragem tenaz, acompanhada da expressão de um sentimento de simplicidade ingenua, que se coaduna com homens ainda não faceados pelo refinamento de uma civilisação secular. São homens resistentes aos desastres, firmes na alta idealidade da independencia, em frente do poderio de um exercito invasor, costumados a não recuarem diante de nenhuma difficuldade, e desprezando os laços de uma polilica de um estado peritissimo n'ella, graças ás qualidades primitivas que ainda lhe não tinham sido destruidas. Roma operava contra a Lusitania como ainda hoje usam as potencias europêas contra os povos a quem entendem impôrlhes os progressos civis por meio da brutalidade e o fim da expoliação. O mundo permanece o mesmo.

O Braga sobre dados dispersos, mesmo laconicos e passageiros dos escriptores antigos sob deducções as mais plausiveis tiradas das descobertas dos monumentos, reconstrue todo o movimento da rebellião que se concentra no nome de Viriatho, mos-

trando o conhecimento profundo da alma humana e dos ambientes historicos de onde sáe a explicação facil, espontanea, logica d'aquelle movimento, que á mente dos hypocriticos appareceu tão extraordinario que o consideram como legenda.

De facto como se origina a rebellião lusitana? Nasce da fé na lealdade romana, que não fez suspeitar aquelles simplices montanhezes, que os representantes da primeira potencia do mundo de então, podessem considerar-se dispensados de observal-a tratando-os de barbaros. Effectivamente a guerra viriathina foi largamente definida pela phrase capitolina *bellum latronum*. A violação da fé nos tratados gerou a rebellião, que se tornou terrivel por que achou na pessôa de Viriatho a cabeça dirigente adaptada ao ambiente em que devia actuar.

Viriatho foi o Vercingetorix da Lusitania; mas se este se achou em frente do genio de Cesar, que o venceu, Viriatho só pela traição é que succumbe, pois que Roma não tinha ainda um Cesar.

Na descripção d'esta guerra, tem o Braga ensejo para desenhar ao vivo os usos e costumes e as crenças lusitanas, as tradições communs, que faziam de grupos anteriores um só povo. Accentua tambem com toques magistraes as linhas que distinguem o lusitano dos outros povos existentes na Peninsula, e em consequencia as rasões da rivalidade de que se aproveitavam os Romanos para conservarem a garra sobre a Iberia. Os inglezes nas Indias, não procediam, muitos seculos depois, diversamente. Toda esta erudição historica, completamente archeologica, é empregada tambem com um profundo senso artistico, por meio do qual se imprime grandiosidade ao magnifico quadro sem que tôlha a harmonia das suas perfeições, de que deriva uma plasticidade de representação impressionante.

O heroe, segundo Braga, em seu primitivo nome chamava se Ouriato; mas, no dia em que o chefe dos *Endres* lhe entregou o Collar dos tres crescentes, que se chama *Viria,* decorado com elle foi proclamado Viriatho, como homenagem á auctoridade de que ficou investido. Os *Endres* eram uma especie de sacerdotes depositarios das tradições nacionaes, consignadas em poemas sob o typo analogo ao dos Eddas, que se transmittiam de geração em geração entre estes endres, os quaes tambem conservavam a Pedra focal guardada pelas virgens sacrosantas e presidiam ao culto lunar da sua nação. Tambem lhe davam o nome de Viriatho, por que o Endre supremo recordava-se de um outro lusitano do mesmo nome, que militando sob Annibal, honrou o nome da sua raça com proezas, ficando morto na batalha de Cannas.

A épo-historia contém cincoenta e nove breves capitulos em prosa, intercalada de versos. Da parte poetica resaltam estrophes vehementissimas, como o hymno de guerra *Terra da Lusitania*, que resôa com uma valentia comparavel a uma Saga scandinava; e estancias de uma profunda doçura, como na *Declaração de amor*, em que se encontra toda a paixão suave da poesia popular portugueza.

Não deve maravilhar esta variedade de colorido e de sentimento, que se nota no *Viriatho.* Provém isso de uma das caracteristicas qualidades do intellecto de Braga, que lhe permitte ser simultaneamente o mais completo historiador da Litteratura do seu paiz e o mais elevado poeta. Tem a comprehensividade de Victor Hugo, e o acume critico de Giosué Carducci, sendo pois que em suas mãos a historia póde converter-se em poesia, sem nenhuma perder o vigor que lhe é proprio. A arte e a sciencia completam-se sem que uma amesquinhe a outra.

Não hesito portanto a affirmar que nenhum trabalho historico de paciente erudito germanico, consiga tanto como esta epo-historica a dar-nos completo o quadro e animado de uma das mais asperas luctas que Roma teve de sustentar para a conquista de uma provincia.

A phantasia do poeta completa a obra do historiador, e dá ao leitor o meio de penetrar ao âmago de uma série de suecessos historicos, dos quaes a critica fixa a realidade, mas a que a arte dá vida.

Competia agora esboçar o quadro do trabalho, accentuar parcialmente as suas linhas, apontar os mais commoventes episodios, seria esta uma critica e não uma simples noticia bibliographica. Como indicação bibliographica, deixei ainda assim percorrer a mão, justificada por um outro desejo de mostrar aos leitores da *Rassegna italiana*, como tambem sobre as margens do Tejo o intellecto humano se eleva aos altos conceitos, concorrendo a manifestações que augmentam o thesouro da Arte occidental. Não temos que admirar-nos, porque, como disse um grande poeta, «não ha povos pequenos, mas sómente pequenos homens». Se assim não fosse permaneceria Athenas tão grande?» [1]

*

* *

«Este novo livro do sr. Theophilo Braga pertence á série iniciada com os *Doze de Inglaterra*, poema de uma vasta concepção, e a que elle deu o titulo generico de *Alma Portugueza*. O auctor illustre da

---

[1] Gaetano Carlo Mezzaeapo, *Rassegna italiana*, vol .I, p. 385 a 389, anno XII. Napoles, 1904. *O Norte* (Porto), n.º 1:328 (V anno) 14-V-1904.

Historia da nossa Litteratura, com o seu amor intenso a Portugal, não desfalece um momento na construcção do maior monumento da nossa arte, e vae accumulando riquezas de material de observações sagazes, de notas e de factos que todos os dias desentulha das pezadas sombras do passado, trazendo-os para o esplendor da luz. E' um mineiro estranho, seguindo pacientemenre os veios de oiro da nossa grandeza passada, reconstituindo épocas antigas, tempos volvidos, civilisações mortas, com um forte poder de evocação. Theophilo possue todas as virtudes para a realisação das soberanas paginas historicas, eternisando as mais gloriosas victorias do seu povo: — uma solida orientação philosophica, um espirito perfeitamente disciplinado, uma analyse precisa, o conhecimento exacto dos planos em que faz mover as suas figuras, um inexgotavel saber archeologico e uma intuição preciosa, que já serviu a Michelet para a sua *Historia de Roma* e que era um dos mais altos dons de Mommsen, o philologo e epigraphista allemão recentemente falecido. A sua obra, portanto, se desfalece muitas vezes no brilho da execução plastica, com que o escriptor nunca se preoccupou, de resto, é sempre elevada e nobre pelo pensamento fecundo que lhe dá alento e pelo fim patriotico a que visa.

N'este volume, illuminado pelo reflexo de tantas bellezas, como os claros capitulos do idyllio entre Viriatho e Lisia, filha d'Idevor, procurou o sr. Theophilo Braga integrar o genio nacional no genio d'essas tribus guerreiras, ousadas e indomaveis, que outr'ora viveram na Lusitania, subjugadas pelo poder de Roma, que então cobria o mundo com as suas legiões, cercando todas as cidades de florestas de espadas. Como os portuguezes que depois vieram, os luzitanos eram tenazes e sentimentaes —

tenacidade revelada e perpetuada no impulso heroico com que os pastores do Herminio, combatendo sob as ordens do Caudilho, procuravam libertar-se da humilhação constante dos romanos, abandonando os seus gados e trocando cajados e fundas por ascumas e lanças, e sentimentalismo fixado flagrantemente em Viriatho, que esmorecido o fragor das batalhas ruidosas e sangrentas, extincto o derradeiro grito dos vencidos que rolavam no pó, se refugiava nas doçuras candidas do seu amor purissimo e casto. O caracter poetico da raça avulta ainda, n'um sobrio relêvo, n'essas lendas rimadas que as noivas cantavam á porta dos casaes, pelas tardes lentas e doiradas, quando as hostes dos consules se cruzavam em todas as direcções, em perseguição dos soldados do Cabecilha e quando Viriatho, montado no seu cavallo, fazendo rutilar ao sol amplo da victoria a sua espada invencivel, atravessava as aldeias repoisadas, seguido dos seus cavalleiros fieis, meditando ciladas. Algumas d'essas canções, como as da *Dobadoira* e das *Lavadeiras,* são de uma formosura sem pár e de uma innocencia lyrica resplandecente.

Theophilo Braga, buscando entre as densas sombras dos seculos a figura primacial do seu livro, ergueu-a com uma verdade maravilhosa, encarnando n'ella todas as qualidades excelsas que aureolaram um grande povo. *Viriatho* é a synthese de uma nacionalidade inteira. O seu genio guerreiro e lyrico reproduz-se mais tarde nos nossos conquistadores, que correram toda a terra procurando sempre o que á flôr do heroismo juntasse um pedaço de sonho e de aventura, e nos cantores das nossas epopéas. A' volta de Viriatho desenrolou o escriptor episodios, scenas e detalhes, para mais fazer destacar a personalidade do Caudilho, — paginas excellentes, co-

loridas e vivas, largamente ampliadas pela ficção e pelo sentir do poeta, em que refulgem uma ardente imaginação e altas faculdades estheticas e creadoras. Mas onde o sr. Theophilo Braga mais nos surprehende é na sua immensa erudição, dando quadros nitidos dos costumes e das tendencias do seculo II antes da éra christã, o estado em que se encontravam as sociedades d'essa remota éra, o poderio e o despotismo da Roma vencedora e triumphante, fazendo tremular por toda a parte os seus estandartes, e devassidão das almas, a corrupção dos grandes e dos poderosos que escarneciam em pleno senado a voz austera de Catão, quando ella clamava intemeratamente pela justiça contra os crimes e contra as podridões em que os consules manchavam as mãos impuras! A Lusitania d'essa época tão agitada e convulsionada de soffrimentos, de miserias e de aspirações, resurge da tréva, em telas de composição por vastas massas n'uma plethorica abundancia de tintas transparentes e fluidas.

Alguns trêchos do *Viriatho* são potentes de vigor e de tonalidade, pela ancia de que vibram e pelo enthusiastico ardor que communicam, como, por exemplo, o destrôço do exercito de Nigidio, na celebre Cava. Trezentos touros bravos, lançados a toda a desfilada e mordidos pelos cães de fila que os maioraes açulavam, precipitam-se sobre o acampamento romano, n'uma raiva fulgurante, escornando e estripando todos os legionarios, sobresaltados pela barbara e inesperada invasão. Depois, os cavalleiros de Viriatho, de olhos a arder como carvões igneos, brandindo os punhaes de dois gumes, exterminam os sobreviventes n'uma hallucinação sinistra e com uma insaciavel sêde de sangue. E' um carvão formidavel, essa carnificina tragica, na escuridão da noite mal allumiada pela claridade

pallida das estrellas que crepitavam nos céos altos. Respira-se um acre e perturbante cheiro de sangreira, escutam-se o tumulto, o ruido vertiginoso, o estertor dos moribundos, o som pezado das laminas que se embebem nas carnes, os ais perdidos, as lamentações, as agonias, os gemidos, as afflicções desesperadoras das legiões anniquiladas. A morte de Viriatho, assassinado traiçoeiramente na sua tenda, é tambem admiravel pela saccudida impressão que desperta, assim como os capitulos finaes, que a dôr e saudade de Lisia pelo noivo morto tanto enchem de emoção.

Viriatho é um livro de um poeta e de um historiador que tem cantado a sua patria em tantos poemas magistraes e perduraveis, e é ainda a affirmação de um talento esplendido, que se inspira nos feitos da sua raça, por muito a amar. A obra do sr. Theophilo Braga hade ter o seu dia de consagração nacional, certamente, tanto pela sua mentalidade superior como pela sua elevação moral.» [1]

*

«A expressão do sentimento universalista é a caracteristica de uma superior evolução na litteratura e na arte. E' certo, porém, que a idealisação esthetica antes de remontar á Humanidade, passou pelo estadio *nacional*.

A' directriz primeiro mencionada — em que já meditara Herder, Hegel, Comte, Quinet e Michelet — deu Theophilo Braga o relêvo poetico na epopêa philosophica das Edades — a *Visão dos Tempos*.

---

[1] João Grave, *Diario da Tarde*, n.º 252 (anno VI). — Porto — 4-11-1903.

E, foi ahi, que o auctor mediu a missão historica de Portugal, encontrando os thesouros mais suggestivos do ideal da nacionalidade.

Principiou então, sob o titulo de *Alma Portugueza — Os Doze de Inglaterra*, 1902 — a representar artisticamente o sentimento patrio, na aspiração generosa de travar quanto antes, a marcha accelerada de desnacionalisação que, lentamente, vem envenenando o veio riquissimo da tradição.

E' nisto que está a genese do poema de *Viriatho*, em que o espirito de independencia lusa encontrou a mais levantada traducção, estabelecendo-se a continuidade historica entre Portugal e a Lusitania.

Porque a anthropologia e a ethnologia através das tradições poeticas assentaram, positivamente, a inanidade das affirmações de Herculano, querendo principalmente concluir que, por não corresponder geographicamente Portugal moderno á Lusitania antiga, — foi nulla a persistencia anthropologica e ethnica do ramo ligurico: os Lusitanos.

Demais, a lei physiologica da persistencia de typos nacionaes através do decurso historico, observada por Muller, ficou demonstrada plenamente por Broca e William F. Edwards!

A' sessão senatorial em que a voz austera de Catão cae esbrazeada sobre a administração da Hespanha Ulterior, onde Sergio Galba, sem um pensamento governativo, se enlameava com traições, carnificinas e depredações; a accusação produzida contra elle pelo tribuno da plebe Aulo Scribonio e a réplica cynica do advogado Fulvio Nobilior, com que abre esta narrativa épo-historica. é tudo pleno de colorido e verdade, e traduz já flagrantemente a crise moral cuja plenitude Saliustio, mais tarde hade accusar nas palavras: *omnia venalia habere.*

Eloquente é o quadro em que se desenha nitida

a indole das tribus lusitanas, pondo-se em toda a luz a sua tenacidade inquebrantavel, como é frisante a perspectiva em que se vê uma larga campina coberta de cadaveres gritando a monstruosa perfidia do Pretor.

Foram os que ainda puderam erguer-se d'esse amontoamento de sangue e lama os que, Viriatho á frente, fizeram lavrar pelo occidente da Hespanha, como um incendio, a insurreição que Caio Vetilio debalde tentou reprimir.

Téla incomparavel é a que reproduz o choque e derrota das tropas d'este consul com as forças do Caudilho, como é notavel de descriptivo a acclamação do indomavel pastor que, deu toda a cohesão a tantas energias dispersas e que soube unir muitos povos n'uma alliança defensiva, para destroçar successivamente — elle tão fertil em recursos estrategicos! — tantos exercitos do invasor.

Não querendo especificar porque, de contrario, teriamos de indicar todos os episodios — tão vibrantes elles são! — não devemos furtar-nos a apontar o crescendo orchestral offerecido no capitulo em que se desenrolam os preparativos para o casamento do guerrilheiro audaz com essa encantadora rapariga que se chama Lisia; a anciosa interrogação dos *Loghans* pela ondulante e esbelta filha de Idevor, cuja resposta devia arrastar comsigo a felicidade d'essa mulher que tinha por Viriatho um amor tão profundo, tão terno, tão penetrante; o assassinato do libertador patriota em que se vê o sangue do arrojado vencedor cobrir de gloriosa mortalha quem na lucta jámais vacillara deante da morte; a visão; o tragico suicidio da formosa *Semnothea* — que acalentára um prospecto de ventura — e a vida de agonia do velho Endre que, hallucinadamente, tinha a previsão sublime do futuro.

Os assumptos bucolicos, os prazeres simples da vida pastoreal, espargellados n'este livro — sempre tão difficeis de apprehender, litterariamente, e em que têm fracassado esforços de tantos escriptores que, n'esta tentativa, só conseguem dar-nos o scenario de convenção — são apresentados com toda a verdade.

Deslumbrante é a polychromia que se lhe apossa da penna quando visa qualquer aspecto da nossa terra: quer cristas de serra, quer campos verdejantes.

D'ahi, ser profundamente dramatica e impressionante a successão de pinturas que offerece.

Esta evocação, de uma edade passada e da vida de um povo, constituindo um dos fins da Arte moderna, vivifica as impressões esbatidas do mundo circumdante e inicia a phase esthetica constructiva.

Como conhecedor profundo do temperamento e caracter, mas rebelde e incompativel com falsos ouropeis, é flagrante a psychologia e a saude moral com que vigorosamente illuminou vultos como o do protagonista — o typo dos lusitanos pela resistencia ao soffrimento e ás contrariedades da sorte, — em cujo contôrno intenso ha a vibração, o aprumo de homem capaz dos feitos mais arduos; de Idevor, o venerando Endre, o inspirado Ancião de bom conselho, do saber pratico da vida, o conhecedor das mais vetustas tradições lusonicas, e que por ellas unificava as almas; e de Lisia, a sempre noiva, a mulher nimbada de luz pela comprehensão de um amor libertador, a doce flor entreabrindo um sorriso em duas vidas de sacrificio — em que a visão do auctor dá a illusão do movimento, como se os tiveramos deante de nós na ancia, na aspiração do mesmo ideal.

Os outros typos são rapidos, mas o traço é lapi-

dar: Ditálcon, Andaca, Minouro, Andergus, Tantalo...; são ternas mulheres amantes: Nilliata, Caenia, Aponia...

Deixando as poesias cheias de rutila viveza *Baladro de guerra* e a *Acclamação de Viriatho*, o poema *Chrysaôr* — celebrando a Viria, symbolo da Confederação primitiva dos estados da Lusonia, — *A Canção da Viria*, *Benção da Espada*, *Coral do Tripudio*, a sentida cantilena *Trabalhos do Linho*, *Canção das Lavadeiras*, o bello e tocante quadro *A Dobadoira*, attentamos nas composições: *Chacoula da Espadellada, Endechas do Fiandão*, e *Ao morder do fio*, nas quaes ferindo-se alto a nota psychologica, ha toda a côr regional avultando a feição ethnica lusa da actividade da mulher. Considera-se o trabalho uma festa, allivia-se da fadiga com os seus cantares. Ouçamos a ultima:

AO MORDER DO FIO

Que inveja me faz
E tanto me toca,
No fio do linho
Que puxas da róca,
Os beijos que dás!
Presinto, adivinho,
Se esse linho eu fosse,
Como me era doce
Sentir tua bocca!

Tu segues fiando,
De mim descuidada,
A' bocca levando
A linha delgada
Que torces nos dedos!
Do linho os segredos
Tivera eu a posse,
Que os sonhos provoca,
Como me era doce,
Se esse linho eu fosse,
Sentir tua bocca!

E emquanto na roca
Tu passas fiando,
No immenso desejo
Que acorda o que vêjo
E a mente traz louca,
Ficarei sonhando:
Se esse linho eu fosse,
Como me era doce
Morder-me tua bocca!

No *Rimo de Abidis* ou *Amadis*, symbolisa-se o genio da nossa raça lusitana: luctando até á morte. mas deixando-se morrer de amor.

Eis a peripecia d essa historia:

DECLARAÇÃO DE AMOR

Apalpando o lado esquerdo
Não achei o coração!
Na repentina surpreza,
Com tamanha inquietação,
Conheci que m'o furtaram,
Não sei bem a occasião...
Fui logo á procura d'elle
Buscando o rasto no chão,
Escutando attentamente,
Se lhe ouvia a pulsação!
Talvez esteja perdido
Em remota solidão?

Quando já sem esperança
Cahia na decepção,
Fui dar com elle fechado
Em nevada, fina mão!
Não me atrevi a exigil-o,
E eu mesmo sorrindo então,
A quem assim m'o levara
Tive de pedir perdão,
Porque ha no amor a furto
O philtro da tentação.

Repare-se no latejar da fresca vinheta intitulada *Ao tear*, onde ha intuito pictural:

Olha a tecedeira
Como tece bem,
Como a lançadeira
Vae e vem ligeira;
Sua mão certeira
Que presteza tem!

Lembra uma dança
O som do tear,
De um sapatear
Que jámais se cança;
Mas que é a bonança
De um ditoso lar.

. . . . . .

Para que especificar mais?

Se n'esta obra, dominada por um profundo sentimento de retemperar, tudo é tão genuinamente e encantadoramente portuguez e, se em muitos dos adoraveis paineis em que colhe o viver do povo luso, a meia tinta é tão fluida que se adivinha logo a paleta de um mestre!

Pela maneira segura por que é tratado o *liguri-smo,* este poema, como acontece já com o assombroso estudo da *Historia da Poesia popular portugueza* (1902), carrêa mais materiaes para a firme solução de muitos problemas debatidos no *Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições,* (1885) e na *Patria portugueza* (1904), dos poucos livros que, entre nós, fornecem importantes elementos para a magna questão da estratificação ethnica.

Sociologicamente impõe-se o *Viriatho* pelo muito que fornece sobre o culto, rito, mythos, costumes, familia, casamento e propriedade na Lusitania.

Este documento litterario que se dirige pelo sentimento do auctor á doce commoção de todos, tem por alvo fructeador provocar a adhesão da affectivi-

dade humana, levantando a alma nacional, a impôr-lhe a convicção scientifica do nosso individualismo ethnico.

Este pensamento de verter sangue estuante nas arterias dessoradas do paiz é a aspiração altruista que atravessa toda a Obra de Theophilo Braga, tão larga e tão fecunda.» [1]

*

Sob este titulo *(Alma Portugueza)* iniciou o erudito professor do Curso superior de Lettras, homem de sciencia e publicista dr. Theophilo Braga, uma série de livros destinados a fazerem resaltar sob o aspecto de uma critica severa e de uma analyse historica rigorosa e honestissima, os homens e as scenas mais notaveis e culminantes da historia da nossa patria, intento este que merece os mais rasgados elogios, e é proprio do caracter impolluto e da alta comprehensão civica do dr. Theophilo Braga, talento de fino quilate que enaltece, honra, e glorifica o nosso paiz.

O illustre e erudito escriptor começou essa série dos nossos factos e homens notaveis, pelo grande Caudilho lusitano, Viriatho, que após a traição de Galba, o impudico consul romano que chacinou no campo da paz trinta mil lusitanos, homens, mulheres e creanças, que a elle tinham accorrido desarmados confiantes na fé romana, jurou guerra de exterminio a Roma, e tomando a direcção dos povos lusos derrotou tres consules, sendo finalmente morto á traição por dois dos seus companheiros de armas.

Viriatho foi um dos generaes revoltados contra o poder romano que mais preoccupações causou a

---

[1] Marques Braga, *Revista litteraria do Seculo,* n.º 74, (1904.)

Roma, embora o senado o considerasse perante a opinião publica como um simples chefe de salteadores.

A traição indecente de Galba, que tanto deshonrava a republica romana, foi acerbamente censurada no senado como um máo exemplo de falsa fé, que tirava á republica toda a sua alta importancia moral. E Galba teria sido deposto do seu alto cargo e castigado severamente, se não se houvesse servido com arte do poder da grande quantidade de ouro que havia roubado aos lusitanos e com o qual comprou aos senadores venaes a sua absolvição.

A guerra de Roma com o homerico e arrojado chefe lusitano é uma epopêa grandiosa que durou quatorze annos, sempre com desvantagem para as armas romanas, até que a republica entendeu ser de boa politica offerecer a paz, reconhecendo a autonomia da Lusitania.

Assim foi proposto e acceite, e os soldurios lusos recolheram aos seus lares depois de firmada a paz.

Dirigia porém a guerra o consul Cepio, mais patife e mais devasso e immoral do que o proprio Galba, e foi esse quem se lembrou de acommetter de novo os lusitanos então dispersos depois de firmado esse contracto.

Viriatho acudiu célere a defender a patria contra esse acto de falsa-fé, abandonando a esposa querida no proprio dia das suas bôdas, para ir retomar o commando supremo do exercito de que fôra investido depois da traição de Galba, pelos chefes lusitanos. Como parlamentarios mandou ao acampamento de Cepio os seus logares tenentes e amigos intimos que com elle tinham feito toda a campanha dos quatorze annos.

O consul, velhaco e tratante, entendeu-se com elles, e a morte de Viriatho foi ahi resolvida.

O prestigioso chefe dos lusitanos foi assassinado

com uma punhalada na garganta dentro da sua tenda de campanha, estando a dormir, cumprindo-se assim a prophecia dos augures que declararam que Viriatho não morreria na guerra, nem de golpe de espada ou de lança.

Morto o grande caudilho da liberdade da Lusitania, o general romano invadiu todo o territorio, submettendo as cidades e provincias umas após outras, sendo a mais destemida e heroica nacionalidade da peninsula hispanica declarada provincia romana submettida.

Viriatho é, pois, por assim dizer, o primeiro alento e o mais radiante clarão da alma portugueza, figura historico-lendaira de superior magestade e forte envergadura, propria para ser descripta e tratada por um sabio e um erudito como é Theophilo Braga.

Todo o livro do sabio academico é magistralmente escripto e interessantissimo, e illustrativo desde a primeira á ultima pagina.

Os costumes lusitanos, os seus descantes, os seus usos politicos e systema de guerra, a eleição de Viriatho como chefe supremo do exercito, a cerimonia da imposição da *Viria* ou collar dos tres crescentes, o thesouro historico da Lusitania escripto nos bastões dos vates ou rhapsodos, a pedra furada, que prognostinava o futuro, o culto religioso, as batalhas em que as armas lusitanas levaram de vencida as sólidas e aguerridas legiões romanas, os amores de Viriatho com a virgem Lisia, o seu casamento, as offerendas que todos os povos lusitanos fizeram ao seu chefe por motivo do casamento d'este, o suicidio de Lisia e a queda da independencia lusa, tudo isto, que é historico, empolgante, e tanto diz respeito á nossa patria, teve em Theophilo Braga o seu panegyrista mais auctorisado e respeitavel pelo seu profundo saber e encyclopedica erudição.

N'este tempo de triste decadencia que vamos atravessando, e no qual cada vez se accentua menos o amor patrio, esse sentimento sublime que é a égide defensiva da autonomia e liberdade do todos os povos, o livro de Theophilo Braga enche-nos a alma de uma grande consolação, e faz reviver em nós este semi-apagado orgulho civico e patriotico que parece ir-se afundando n'esse pantano traiçoeiro onde Viriatho fez afundar o exercito do consul Vetilio.

E' um livro sagrado, imponente, educador, excitante, proprio para levantar o abatido nivel do nosso ânimo e fazer renascer crenças e orgulhos n'estas pobres almas pervertidas pelo virus secular de uma politica reles e baixa que emmurchece e envenena tudo em que toca.

São poucos, pois, todos os elogios que se façam ao illustre professor e sapientissimo litterato, que do fundo da sua existencia modesta e recatada dôou á nação portugueza, em paginas de oiro, a historia dos seus primeiros feitos heroicos e a vida do homem destemido e patriota que mais alto e incansavelmente batalhou pela independencia da patria.

Livros como este ficam para todo o sempre n'uma litteratura, e glorificando quem os escreve servem de ensinamento áquelles que os lêem.

Alma Portugueza será pois a obra mais bella de Theophilo Braga, a enfileirar ao lado d'aquellas que tem produzido o seu magnifico talento e profundo saber. Gloria pois ao grande litterato, que assim lega á posteridade a descripção dos feitos e dos homens que nos fizeram grandes perante a Historia.» [1]

---

[1] Alfredo Gallis, *Tempo*, n.º 2:185 (8.º anno).

*

«Obra de resurreição, de evocação do nosso passado glorioso, se inicia agora com a energia e fortaleza de um talento como o que se reconhece em Theophilo Braga.

Alma portugueza só por si, — a creação d'este titulo em um homem dedicado ao trabalho pelo amor, — já nos dá ideia da elevação de pensamentos a que obedecem os seus principios, e da veneração que a sua obra nos deve merecer. Houve aqui já a grandeza de um lusitano, a inspiração de um valente patriota, que sente e soffre com a Patria, e a consagração de um espirito que communga no sacrosanto calix da nação, ungindo-se com o sympathico amor da humanidade.

Alma portugueza, é alma da patria, é a unificação do nosso espirito, é a abstracção de todos os nossos esforços materiaes enfeixados por uma fita de luz, é o supremo pontificado do nosso pensamento, em prol do qual collectivamente combatemos, trabalhamos e nos sacrificamos...

Tangêr na alma portugueza deve ser o vibrar hymnos de consolação e ventura, hymnos de coragem e heroismo: deve ser o aspirar o arôma que a aragem, passando por entre o arvoredo florido, nos traz das suas pétalas!» [1]

*

«A vida de um espirito superior caracterisa-se pela fecundação das grandes idéas reveladas ao mundo

---

[1] A. Fernandes Agudo, *Critica aos Doze de Inglaterra*, p. 17. (Porto, 1902.)

pensante pelas suas obras de trabalho activo. E o trabalho activo, — encarado debaixo do ponto de vista intelligente e litterario — é tanto mais fecundo, quanto os seus effeitos no mundo receptivo e estudioso são applicaveis á vida pratica, presente ou futura, dos cidadãos sujeitos ás contingencias do meio. Se por elles o homem pode chegar á consecução das suas aspirações supremas, o trabalho obedece ás imposições irredutiveis das leis scientificas, e como tal é grandioso; se por elles o homem, quando muito, apenas póde revelar o que de ha muito está estudado, estabelecido e decretado para que as cousas prevaleçam no seu estado normal e vulgar sem quebra da sua constancia monotona, o trabalho póde ser uma propaganda, — mas nunca um rasgo impetuoso de tentativas difficeis, em que se elaboram theses que são verdadeiros problemas cuja solução traria immensas vantagens para a prosecução da marcha das sociedades modernas; se por elles, porém, o homem não só recorda factos, lances particulares ou collectivos, e épocas, mas ainda as vias de relação, os pontos de contacto entre o passado e o presente, e portanto a solução da continuidade necessaria das cousas affins e inherentes ao estado geral de um povo ou de uma raça, então esse trabalho será por si uma synthese, envolverá no seu conjuncto as aspirações da vida real; será accolhido e victoriado por todos os espiritos cultos e conseguirá arrancar um triumnho entre todos os que disputam a immortalidade!

Infelizmente, entre nós, não são muitos os homens que tenham conseguido enveredar os seus estudos e as suas obras sob o prisma d'este ultimo ideal, assentando-os no seu plano. Theophilo Braga, porém, é um vulto que convém destacar. Os seus livros, caracterisa-os precisamente um intransigente

systema, exclusivamente seu, que assenta as suas raizes n'um passado glorioso do nosso povo, onde penetra pelos filamentos da raça de que vasculha e tira a limpo as mais delicadas questões da ethnologia iberica, estudando-as bem a fundo, para por ellas animar os presentes, emquanto radica conhecimentos até agora obscuros, e abrir um caminho firme para um futuro digno das grandezas e do valor particular dos lusitanos. Em quasi todos, esta nota resalta palpitante. Vê-se que trabalha, qual outro Couvier, em ramo differente, por reconstruir, solidificar na sua primitiva unidade, este pequeno povo avassalado por constantes invasões de toda a ordem, e dar-lhe o cunho possante, inconfundivel, seu, que todos nós devemos tentar destacar...

Mas em nenhum livro d'este grande escriptor, emquanto á nossa maneira de vêr, essas bases, esse alineamento, sobre uma demonstração clara e facil, se encontram tão visiveis e palpaveis como n'este seu novo livro — o *Viriatho*. Lendo-o, sômos arrastados por uma especie de magia para o campo d'essa acção guerreira, de lucta e de heroismo. Pelo seu grande poder de imaginação artistica, o auctor consegue arrebatar-nos para esses tempos agitados em que a ideia da independencia, parecendo um mytho, pulsava em todos os corações e obrigava aos maiores sacrificios. — E' assim que, com Viriatho, assistimos á derrota de Vetilio, — a primeira e a mais soberba que, subito, se desenrola á nossa vista, deixando-nos bem patente o exercito romano afundado n'aquella pseudo-planicie de relva verde; com elle assistimos ás duas de Caio Plancio: uma na Carpentania, a outra nas margens do Tagus; ainda á de Claudio Unimano, junto da fortaleza de Colla; finalmente a derrota de Nigidio com o seu exercito recolhido dentro da Cava pelo processo extraordina-

rio dos trezentos touros açulados por cães é surprehendente e, de tal fórma descripta, que nos arranca verdadeiros arrôbos de enthusiasmo e de calor a encher-nos de coragem — porque nos deixa vêr esse punhado de valentes a cuja raça pertencemos. E' ainda essa nota patriotica que o sr. Theophilo Braga faz resaltar em todas as paginas do seu livro, que nos desperta na alma um frémito de enthusiasmo, e de inveja — por vêrmos que esse tempo passou, e que já nos não é dado combater ao lado d'essas heroicas contrebias, tão unidas, tão corajosas e tão sympathicas!

O sr. Theophilo Braga, no *Viriatho*, consegue synthetisar-nos uma época para nós desconhecida: apoiados na sua imaginação, nós com elle andamos por montes e valles, observamos as montanhas, penetramos nas aldeias, conversamos com essa gente rude, que alguns denominaram barbara, — porque luctava pela autonomia dos seus direitos — e acompanhamos em todos os lances da sua acção aquelles personagens unificados pelo mesmo sentimento em prol do qual sacrificam as suas vidas para revindicarem a liberdade nacional. E', sem duvida, este um grande merecimento do livro, a par dos vastos conhecimentos da geographia peninsular antiga que nos ministra, e de varios caracteres. costumes e habitos do povo lusitano.

Conhecendo profusamente, desde norte a sul de Portugal, o fundo ethnico do nosso povo contemporaneo, havendo-o estudado com energia e amor, o sr. Theophilo Braga arranca do passado esse filamento unico do continente europeu e deixa-nos vêr que somos nós os progressores d'essa antiquissima raça ligurica, de que nos fallou Martins Sarmento, Pi y Margall, Guilherme de Humbolt e outros, ao mesmo tempo que demonstra com precisão os cara-

cteristicos proprios d'essa gente, bem destacada e inconfundivel no meio das muitas raças peninsulares.

Os *Baladros*, *Canções, Cantigas*, e *Endechas,* que introduz no decorrer da acção, são outras tantas affirmações do povo lusitano e, como taes, do povo portuguez — Assim o faz declarar pela bocca de Viriatho:

«— E' esta a feição da gente lusitana; do trabalho faz uma festa; allivia-se da fadiga com os seus cantares.»

Em resumo, este novo livro do sr. Theophilo Braga é um exemplar que todo o portuguez deve lêr e meditar, que todas as familias devem possuir, porque é preciso que todos os filhos d'esta patria — «Ditosa patria minha amada!» como disse o poeta — conheçam a envergadura possante d'este povo glorioso, salientada em todos os tempos e ainda nobremente vinculada em todos os nossos corações.» [1]

*

«*Viriatho* é um livro verdadeiramente estupendo pela nota vibrante de patriotismo que se desprende das suas trezentas e tantas paginas. Cercado pelo lamaçal em que por ahi se mergulham com gaudio as consciencias dos mandantes, a alma candida e patriotica de Theophilo solta o grito enthusiastico de protesto deixando-nos antevêr o resurgimento d'esta nacionalidade, que hade ser grandiosa porque a alma do seu povo caracterisa-se pelas manifestações seculares persistentes do typo anthropologico e ethnico, que se mantém desde as incursões dos Celtas e luctas contra a conquista dos romanos até

[1] Fernandes Agudo, *Correio da Noite,* n.º 7:341. (10-XI-903.)

á resistencia diante das invasões da orgia militar napoleonica.

O livro de Theophilo é o mais bello compendio que póde adoptar-se para educação das almas juvenis. D'elle resalta em cada pagina o amor d'esta patria muitas vezes abatida pelas ambições e vaidades dos máos, mas nunca morta pelo vigor e dedicação dos braços lusitanos.

Viriatho é para mim a obra prima da já vasta obra de Theophilo Braga. E' a narração épo-historica da velha Lusitania de Viriatho, salientando-se não só pelo poder extraordinario da synthese como pelo altissimo intuito que a inspirou.

A reconstituição da figura de Viriatho, o barbaro guerreiro dos Herminios, o *Dux latronum* da Roma de Lucullo e Marco Catão; os episodios das luctas e intrigas em que se viu envolvido o violento trabalhador, tem os mais firmes traços de psychologia arrancados á escuridão dos seculos. *Viriatho* póde dizer-se o embryão de uma formidavel obra de arte, de uma epopêa, se já não passou a éra dos poemas heroicos e não surge uma nova orientação inspirada na lucta do pensamento, no poder creador do trabalho, na agitação das paixões sociaes. A obra de Theophilo, hade ser fecundamente utilisada pela imaginação artistica d'algum grande poeta, que a converterá n'um poema equiparavel aos *Lusiadas*.

Já passa de cem obras que a actividade incomparavel de Theophilo tem produzido, dispersas por todos os ramos do saber humano; mas nenhuma d'ellas despertou ainda em nosso espirito tão profundas emoções de patriotismo. Crente fervoroso na superioridade da alma portugueza, vem dizer-nos em muitas das brilhantes paginas do *Viriatho*, que essa alma é caracterisada pela tenacidade e indomavel coragem diante das maiores calamidades,

pela facil adaptação a todos os meios cosmicos, pela sentimentalidade que leva ás aventuras heroicas, pela idealisação affectiva em que o amor é sempre um caso de vida ou de morte, e, sobre tudo isto, por uma grande capacidade especulativa e por um inconfundivel genio esthetico. Lança-nos na consoladora esperança de que este paiz tão abatido e vexado na actualidade por um systema anachronico, hade resurgir um dia para o convivio da grande vida civilisadora dos povos do futuro.

A alma de Theophilo, disse-o ainda ha pouco um abalisado critico portuense, ficará a affirmar uma individualidade que pelas suas faculdades de trabalho e pelo seu sacrificado amor á sciencia já não é facil encontrar entre nós, que definhamos quasi sem as virtudes que outr'ora foram vulgares. Por outro lado será sempre uma fonte de themas novos e altamente interessante que um artista mais bem dotado do que o illustre professor, poderá aproveitar.

Viriatho é mais um dos grandes monumentos da historia patria, que nenhum portuguez de coração deve deixar de possuir para se retemperar no sacrosanto amor da sua terra.» [1]

*

«E' surprehendente o espirito do sr. dr. Theophilo Braga. Cada dia nos revela uma face desconhecida. Poeta, critico, philologo, contista, philosopho, historiador, não ha ramo nenhum que não cultive com gloria propria e proveito nosso. O poeta da *Visão dos Tempos*, onde se lêem maravilhosos ver-

---

[1] Lino de Macedo, *Vanguarda*, n.º 5:386, (XIII anno) 19-XI-903. — *A Provincia*, n.º 262 (anno XVIII) 14-XI-903.

sos n'uma invocação á Hellade, é o critico das *Modernas ideias na Litteratura portugueza*, o auctor da *Sociologia*, o commentador do *Cancioneiro da Vaticana*.

Agora, na collecção da *Alma Portugueza*, o sr. dr. Theophilo Braga publica um livro, *Viriatho*, a que chama épo-historia, ou seja a narração poetisada de um acontecimento illustre.

Não é propriamente um romance historico. O cuidado da documentação, a pormenorisação da vida social dos lusonios ou lusitanos, a ligeira efabulação, não consentem que chamemos romance ao seu livro. E o illustre professor não nol-o quiz apresentar como tal.

O pensamento do sr. dr. Theophilo Braga ao iniciar a série dos volumes que compõem a *Alma Portugueza*, foi levantar monumentos ás épocas e aos heroes da nossa historia. Ao contrario do que affirmou Oliveira Martins, o sr. Theophilo Braga provou já exhuberantemente que dentro de Hespanha os lusitanos (e os portuguezes, seus descendentes) formavam um povo á parte, differenciando-se pela raça, pelos costumes e principalmente pelo valor e desmedido espirito de independencia que por largos annos trouxe Roma em cheque.

Póde discutir-se se os exemplos dos antepassados servem grandemente para exaltar os animos dos descendentes, mórmente quando ha uma tamanha solução de tradição. Creio até que é mais util prégar as ideias spencerianas que educam o individuo no respeito da propria força, do que aquelles que apenas affirmam a força primitiva da raça. Mas, seja de uma fórma ou outra, a intenção é alta e o resultado é um ensinamento de factos, que andavam completamente adulterados ou ignorados.

Pouquissimo ha escripto, em portuguez, sobre

Viriatho e a civilisação lusitana. O erudito lente de theologia, sr. dr. Antonio de Vasconcellos, escreveu ha annos uma monographia sobre o chefe luso; mas árida, eriçada de notas e de inscripções, só serviu para os archeologos e entendidos.

O livro do sr. Theophilo Braga, se não tem todas as condições para ser um livro popular, póde entrar em mais espêssas camadas; ha de quando em quando um sôpro épico que a sciencia não consegue abafar. Dá-nos o viver lusitano, sem o gélido das pedras carcomidas. Certos quadros, como o da chacina dos guerreiros lusos pelas cohortes, têm colorido e vigor; passa-se sobre a excessiva minucia (tomado o livro como destinado para o grande publico) para assistir ás victorias dos guerreiros peninsulares, até se chegar ao grande desastre final.

Para o illustre professor é preciso que a obra de arte tenha uma intenção social, que moralise ou eduque, que construa, que seja um elemento activo do progresso. Quer que o artista seja um sociologo, que vista de fórmas bellas uma ideia util.

E' uma opinião que hoje conta numerosos adeptos, infelizmente.

Como quer que seja, tenho um grande respeito pelas opiniões de cada um. E quando a pessoa de quem discordo é o sr. dr. Theophilo Braga, em cujos livros a minha geração aprendeu a pensar, curvo-me respeitosamente, muito inclinado a crêr que sou eu que estou em êrro.

E as restricções feitas não implicam outra cousa senão mostrar a attenção que puz na leitura do *Viriatho,* admiravel obra, como intenção do sociologo, como realisação de historiador, e muitas vezes de Poeta, escripta em linguagem sobria, que, se algumas vezes se arrasta em pormenores de historiador, outras se levanta em vôo de verdadeira epopêa,

obra digna do venerado mestre, que, recolhido no seu gabinete, de quando em quando nos manda um signal da sua força, um pouco de luz.» [1]

*

«A ultima obra de Theophilo Braga—*Viriatho*—, edição da acreditada Livraria Chardron, que tão insistentemente affirma os seus creditos de primeira casa editora de Portugal, — proporciona-nos ensejo de prestarmos o tributo da nossa admiração enthusiastica ao Homem Excepcional que honra o nosso paiz pela grandeza do seu talento, pela grandeza do seu saber e pela grandeza do seu caracter.

A narrativa epo-historica em que Theophilo Braga faz uma reconstituição da velha Lusitania de Viriatho, reconstituição só possivel aos seus extraordinarios conhecimentos e ao seu extraordinario poder da synthese, se, como obra d'arte, nos mostra em pleno vigor o poeta inspirado e o prosador correctissimo, salienta-se principalmente pelo altissimo intuito que a inspirou.

Sem tentarmos averiguar quem tem rasão — se Herculano affirmando nada haver de commum entre Portugal e a Lusitania, se Theophilo Braga garantindo que aquelle é a continuação d'esta, não podemos negar a nossa homenagem ao homem que procura dar á sua patria um ideal, conformando-o com as nossas mais longinquas tradições e integrando-o nas qualidades fundamentaes da raça.

Seja como fôr, desperta em nós uma grande ternura a porfia com que um homem, quasi isolado, insiste em dar-nos uma rasão de ser como grupo

---

[1] Henrique de Vasconcellos, *Novidades,* n.º 6:011 (1903.)

ethnico independente, para d'ahi deduzir o nosso jus á independencia politica, sem nos arredar da grande evolução geral, que elle entende no sentido mais largo, mais generoso e mais humano.

A sua actividade incomparavel, que já produziu muito mais de cem obras, algumas em varios volumes, dispersou-se por todos os ramos do saber, mas visou sempre ao nobre fim que deixamos apontado. Espirito educado no methodo positivo, do qual elle mesmo tem sido um dos vulgarisadores em Portugal, foi á arte, á sciencia e á philosopria buscar os materiaes com que elevou o mais solido monumento á gloria portugueza.

De todas as vezes que penetrou n'esse passado onde a nossa ignorancia commum se perde, sempre elle, o homem do excepcional trabalho e de sagacissimo espirito investigador, trouxe sempre alguma consolação para o nosso amor patriotico e algum alento para as nossas esperanças no futuro.

O *Viriatho* representa uma d'essas expedições com que a sua generosidade nos brinda. Crente na superioridade da alma portugueza, vem dizer-nos que ella é caracterisada pela tenacidade e indomavel coragem diante das maiores calamidades, pela facil adaptação a todos os meios cosmicos, pela sentimentalidade que leva ás aventuras heroicas, pela idealisação affectiva em que o amor é sempre um caso de vida ou de morte, e, sobre tudo isto, por uma grande capacidade especulativa e por um inconfundivel genio esthetico.

Parte d'estas qualidades encontra-as Theophilo Braga bem patentes na lucta que em tempo do Pastor dos Herminios os velhos lusitanos sustentaram contra a encorporação romana. E d'essas energias que honram e sustentam inconfundivel o typo portuguez, através dos seculos, as mais formosas e as

mais primorosas são aquellas que hoje, felizmente, sem discrepancias, todos os espiritos esclarecidos reconhecem no incomparavel Mestre.» [1]

*

Em carta de 24 de novembro de 1903 escrevia do Maranhão Fran-Paxeco, a proposito do poema *Viriatho:*

«E' impossivel contar-lhe a emoção que em mim produziu esta verdadeira obra prima. Dizendo-lhe que a li n'uma tarde, e que terminei chorando — bastará. E' a segunda vez que chóro, em cerca de nove annos de Brasil, sendo a primeira na occasião em que á chegada escrevi a minha mãe.» E no jornal do Maranhão, *Pacotilha,* de 26 d'esse mez (Anno XXII) publicava a seguinte impressão:

«O poema em prosa *Viriatho*, que acabámos de depôr sobre a banca, de olhos enxutos, após umas pacificadoras lagrimas de commoção. Ah! E' que este Poema sacode-nos os nervos e encanta-nos o espirito. Subjuga nos, arrasta-nos, convulsiona-nos. Arrebata o sêr pensante do mais pétreo raciocinador, mas estremece e alenta e aquece e aviva sobretudo o patriota N'aquellas paginas pulsa verazmente, com uma affectividade profundamente philosophica ou, melhor, com uma philosophia enamoradamente sentimental, o largo e premiante Amor da Patria. E não ha contraprova maior, nem mais resistente couraça, n'este lance, do que o afastamento do torrão natal. Então, sim, — então, a distancia, separado por immensos mares, tudo visto pela augmentativa lente da saudade, onde se não espelham

[1] Annibal Passos, *Jornal de Noticias,* n.º 272 (anno XVI). — 15-11-1903. Porto.

os dissabores pessoaes, nem as desditas sociaes, onde as recordações gratas acalcanham as manchas ambientes, então, olhando tudo pelo prisma sorrisonho das paizagens ideaes e dos prazeres pregosados, a Patria subtilisa-se, perde a fórma territorial que lhe delimita a geographia, e resurge-nos com outro corpo, – um corpo que não é corpo, que é uma abstracção deliciosa, uma duleica illusão, um sonho fadico! [1]

E foi por esta rasão, sentindo e pensando, que nós chorámos em cima das laudas finaes do *Viriatho*, ao vêr despedaçado pelo punhal de sicarios, a occultas, á traição, o vulto impávido, sem mêdo e sem mácula, tal o cavalleiro francez, do simples e valente Maioral da Mésta dos Herminios...

Um dos fins da arte moderna, doutrina Theophilo no prefacio, é a representação da vida e dos aspectos da natureza dos paizes longinquos, e tambem a evocação das edades passadas, vencendo por este *exotismo* o apagamento das impressões de tudo quanto nos cérca. Assim se inicia a phase esthetica constructiva. (Pag. x e xi.)

---

[1] De Goa, o eximio poeta Dr. Alberto Osorio de Castro, movido do mesmo sentimento, saudava o auctor do *Viriatho*:

«*Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Theophilo Braga.*

«Ao Mestre admiravel das ultimas gerações portuguezas, ao *great magician* da nossa Raça, que n'um periodo alto da plena maturidade do seu genio encyclopedico refloresce maravilhosamente n'essas duas primaveras dos *Doze de Inglaterra* e do *Viriatho* e vae fascinar-nos ainda com outras mocidades encantadoras da nossa Patria de amor e de bravura, de aventura e de sonho profundo.

Homenagem respeitosa
de
Alberto Osorio de Castro.

Goa, fevereiro, 1.º 1904.»

A Historia, estudada com criterio philosophico, é que virá a preponderar nas concepções dos vindouros. Predisse-o Comte, referindo-se á Poesia e á Politica, e repetiu-o Renan, no estreito ponto de vista despidamente scientifico. E, correndo a historia litteraria universal, corroboraremos á farta este assêrto, ao notarmos que as obras primas da litteratura humana, em sua maioria, ou são idealisações das épocas mortas ou esculpem, com passaporte para a posteridade, em traços igneos, a idiosincracia da collectividade em que os auctores se abebéraram. De tal modo, inebriando nos, este processo artistico educa-nos umas vezes e instrue-nos outras, se é que não enastra estas duas qualidades superiores.

O *Viriatho,* esquissando as pelêjas romanas contra a aguerrida Lusitania, que sempre derrotou, té ão assassinio do seu heroe, os vampiros consulares da temida Roma, avigora nos amortecidos portuguezes de hoje, descendentes d'esses arrojados lusonios, os instinctivos, mas não disciplinados, sentimentos nacionaes. E, contornando-nos a valentia d'esses indomaveis serranos, faz-nos conhecer o viver d'essas éras, as suas tradições oraes, os seus costumes, os seus anhelos, com uma erudição prodiogissima e uma esthesia incomparavel.

Nada alli se omittiu, nem o perfil dos pretores, nem a sabedoria de um velho endre, o prophetico Idevor, nem uma vaporosa ilha de recato e venturas, nem a sóbria descripção das hostes belligeras, nem baladros de guerra, nem as tão meigas quão torturadas nupcias do endurecido Viriatho com a druidica Lisia, nem hymnos de victoria, nada, absolutamente nada. Simplesmente de boquiabrir! E que lindas são as canções entremeadas no Poema!? Quem se negará á magia do terno *Rimo de Amadis?*...

Seria loucura tentar quaesquer transcripções. Porque a enveredarmos por esse caminho documental, haveriamos que transportar para aqui uns bons pedaços de prosa, d'essa eloquencia rude e captivadora dos trabalhos theophilianos, não a eloquencia dos rhetoricos, — imbrincada e maneirosa , que fallam muito e não dizem cousa alguma, nem de bello, nem de bom, nem de verdadeiro. Mas admittam, já que tocámos em canções, que reproduzâmos a das *lavadeiras,* que é uma das mais ligeiras e não das menos tocantes.

Eil-a:

Já os linhos florescem,
Já os dias crescem,
E ainda não apparecem
Os meus amores!

Já as neves descem,
Sem que as guerras cessem;
Mas nunca me esquecem
Os meus amores!

Já os linhos se tecem,
Mesmo as teias alvecem;
Ah, se bem cedo viessem
Os meus amores!

E a columna esgotou-se. Fica no tinteiro uma numerosa mó de cousas a repintar, é certo, mas resôa-nos o peito a dentro um innarravel jubilo por patentear novamente a mais arreigada admiração pela maior individualidade que Portugal abriga — e que é um inalienavel penhor da proxima resurreição moral do nosso carissimo paiz, esmagado pelos boçaes janizaros de uma purulenta monarchia »

Em carta impressa, dirigida a D. Olga Sarmento da Silveira, escrevia D. Virginia Quaresma, communicando a sua emoção:

«*Viriatho* é como, de resto, toda a obra do Mestre, a vibração viva, intensa e sentida da alma portugueza.

Aquelle heroe de tez morena e de olhar de fogo, de pulsos de ferro e de coração de ouro que dos Montes Herminios subtrahiu por muitos annos com arrôjo inquebrantavel e invencivel, a Patria do jugo estrangeiro,— esse vulto hieratico que apenas entreviamos no prologo da Historia quasi como um producto de idealismo patriota, surge-nos, de repente, illuminado de vida e de vigor das paginas do livro de Thecphilo Braga.

Já não é o protagonista indefinivel de uma Odysseia nebulosa que se destaca do fundo esfumado de uma tela que o influxo irresistivel do decorrer dos seculos deteriorou; é agora o athleta fundido em bronze que se ergue, nitidamente caracterisado em todas as linhas da sua heroicidade, de uma grande concepção historica assente nos mais positivos e irrefragaveis dados.

E, nas inflexões singulares da sua sensibilidade simultaneamente de poeta e de erudito, ora o apresenta envolvido n'um véo luminoso e irradiante de sonho e de poesia, ora insuffla n'aquellas bellas paginas todo o poder da sua lucidissima e poderosa rasão para firmar, baseando-se em argumentos evidentes e indiscutiveis, a sua nacionalidade genuinamente lusitana.

No seu duplo papel de historiador e de sonhador parece umas vezes cobrir-se de uma insuperavel envergadura de aço, manejando a penna com o arrôjo e serenidade com que um guerreiro consumado brandiria a lança faiscante nos mais arriscados lances de combate; outras vezes a sua penna modulavel crystalisa através de uma fina poeira de ouro o escravisado coração de um poeta.

O admiravel patriotismo sem falsear todavia, a verdade historica que resalta de cada ideia d'este extraordinario trabalho litterario; esse patriotismo que é todo um Evangelho de orações ferverosas de bemdito amor pela nossa adorada terra, é sublimado divinamente na descripção da morte de Viriatho a quem o punhal cobarde traiçoeiramente victimou.

Nos assassinos não póde haver lusitanos, gente sempre leal e aguerrida, e na physionomia infame de cada um d'elles é definida uma raça extranha á nossa, é-lhe attribuida uma nacionalidade que não nos pertence.

Fica assim amortecida uma nodoa aviltante para a origem da nossa raça e que o poder de uma ascendencia de seculos não tinha conseguido illibar.

Chamou-me a attenção, cara amiga, para esta maravilhosa passagem e fazendo lhe aqui ecco d'ella, será testemunhar, significativamente, o enthusiasmo que perdurou no meu espirito.

Associo-me, por ultimo ao seu alvitre, que não podia deixar de ser digno de applauso como manifestação que é da sua grande alma.

Sim, é preciso não esquecer que temos em aberto uma divida sagrada ao Mestre.

E' impreterivel, para honra do nome portuguez, que o espirito da mocidade das escolas se alente e animado d'aquelle impulso louvavel que o impelliu até João de Deus, o leve até ao pedestal onde se levanta a individualidade gigantesca de Theophilo Braga, n'uma mesma communhão de enthusiasmo, a fazer-lhe a justa apotheose de quanto o admira e de tanto que lhe é reconhecida.» [1]

---

[1] *Eccos da Avenida*, n.º 685 (:o XII·905.)

*

«O auctor vê no genio nacional um claro reflexo do genio lusitano; e tal approximação se lhe depara entre a «tenacidade» e a «sentimentalidade» dos lusitanos, cotejadas com o carácter portuguez, que, ao reproduzir a figura de um heroe lusitano, julga reproduzir uma figura nacional, nossa.

Deu elle ao seu trabalho o sub-titulo de «Epo-historia»; e de facto, nas paginas consagradas ao famigerado pastor dos Herminios, os factos históricos, registados pelos historiadores romanos, são engalanados e ampliados pela ficção e pelo sentimento ethnológico do auctor, do que resulta uma epopêa em prosa, cujas personagens tiveram existencia histórica e que, trasladadas para a epopêa, assumem proporções e brilho, incompativeis com os restrictos moldes de rigorosa historia.

Os costumes da Peninsula no século II antes da nossa éra, o estado social d'aquella época, a grandeza e os desvarios da conquista romana, as luctas homéricas da pequena tribu lusitânica com as legiões do grande Imperio, e por cima de tudo o lucilar caricioso do amor de Lisia, são grandes e bellos quadros que o artista da *Visão dos Tempos* expõe a toda a luz, nas paginas do *Viriatho*.

Os canticos e canções populares que, por explicavel anachronismo, o auctor vae entroncar na simplicidade sertaneja dos povos da «Lusitania», communicam á narrativa a feição sentimental, que se mescla na auréola de todos os heroes antigos, e que constitue a base mais humana de todos os grandes emprehendimentos e o fio aureo que concatena os versos da *Iliada,* da *Eneida*, do *Ramaiana,* da *Jerusalem*, dos *Lusiadas,* de todas as mais impereciveis epopêas.

Livro em que se aspira um estranho arôma de sólo pátrio, o *Viriatho* affigura se-nos uma grande e bella synthese da alma peninsular e uma boa acção .. litteraria e moral de um dos nossos maiores trabalhadores das lettras.» [1]

*

No seu estudo sobre *O Nirvana* — Interpretação psycho-pathologica d'um dogma — o Dr. Manuel Laranjeira ao definir o Budhismo como uma religião quasi sem metaphysica, unicamente typica pelo seu caracter franco de psychose collectiva, formado por successivas estratificações dogmaticas, escreveu em nota:

«O professor Theophilo Braga escrevia me: — Uma concepção que nos apparece systematisada em um Religião ou em uma Philosophia, não pode ser bem comprehendida nas manifestações das altas individualidades; é uma tendencia atávica, uma aspiração social, que adquire o seu maximo relêvo em um individuo preponderante, que lhe facilita a systematisação que a universalisa.» – exprimindo de um modo synthetico este mesmo pensamento e simultaneamente a significação historica de todas as manifestações que constituem a gloria d'esses a quem Emerson chamava *representative man*, isto é, integrando a vida dos grandes homens na vida collectiva. Esta these é ainda a mesma que Spencer desenvolveu amplamente na Introducção á *Sciencia social*, e Maudsley na *Physiologia do Espirito*, e acha-se exemplificada de um modo inexcedivel por Theophilo Braga no *Viriatho*, que é, através de

[1] Dr. Candido de Figueiredo — *Diario de Noticias*, n.º 13.624. (31-x-903.)

uma biographia, a resurreição de uma época e de uma raça.

De resto este modo de vêr, resulta muito natural e logicamente da applicação da theoria biologica da evolução no estudo das religiões.» [1]

Em carta de 21 de Março de 1905, escrevia o Dr. Manuel Laranjeira:

«Tenciono (e vá perdoando a indiscrição) em artigos subsequentes do meu estudo. transcrever ainda alguns fragmentos da sua carta, que é para mim a synthese de muitas cousas dispersas por uma sciencia europêa. O que lamento é que o meu estudo (que é apenas um corolario da ideia mais geral que v. aventou na conversa que tivémos em sua casa) não possa ter aquelle rigor absoluto dos estudos de psychologia collectiva de v. como o *Viriatho*, por exemplo, e que elle fique ainda apenas um subsidio medico psychologico para uma synthese posterior.»

2.º — Frei Gil de Santarem — Lenda faustiana da primeira Renascença

«A cerebração privilegiada de Theophilo Braga teve ha annos a colossal concepção de synthetisar, em seis simples obras de arte apenas, todos os quadros essenciaes da evolução cyclica portugueza através da Historia. Esta idéa monumental, subordinada, sob o titulo generico, *Alma portugueza*, a um largo e lucidissimo plano, que o *Dia* teve a fortuna de ser o primeiro jornal a annunciar, [2] está

---

[1] *Porto medico*, n.º 3, 2.º anno, (1905) p. 85

[2] Vidè supra, p. 259.

sendo realisada por aquelle subtilissimo pensador e eminente homem de lettras, com a tenacidade, a disciplinada orientação, o talento e o methodo que caracterisam a sua *maneira;* e vae ficando vasada em livros modelares, destinados a d'ora ávante condensarem, através dos tempos, as valentes rhapsodias d'este tão pequeno povo na cifra da sua população, como glorioso e grande pela tradição e pela historia.

O ultimo volume d'esta série, agora dado a lume n'uma d'aquellas sóbrias e elegantes edições da Livraria Chardron, é o estudo, sob a fórma de poema heroico, d'essa nossa grande e estranha figura que foi *Gil Rodrigues de Valadares,* um espirito formidavel de precursor, que, nascido e posto em actividade entre a primeira e a segunda Renascença, teve de uma os extasis fervorosos e os impetos revolucionarios, para deixar-se depois penetrar e absorver, até encerrar-se no isolamento claustral, por essa ancia de resignada pacificação e de sonho que não era senão o regresso ás ominosas sombras do Passado.

O *Fausto portuguez* lhe chamou Garrett; e com effeito, o nosso *Frei Gil,*— pelas primeiras crises affectivas da sua alma, objectivadas no culto á divorciada esposa do Rei de Leão, depois pela sua evolução espiritual do *Amor* para a *Sciencia,* pela sua vida accidentada, pela lenda das suas relações demoniacas, o seu deambular pelas universidades e os antros mais reputados da cabala e da alchimia, e pela sua comprehensão humanista da vida e da sociedade, — constitue bem, não só aquelle typo lendario que o genio de Goethe fixou, mas em certo modo o seu precursor, porque a vida de *Gil Rodrigues* decorreu, e as ancias generosas do seu pensamento emancipador irradiaram até á França, muito

antes que a lenda negativista, symbolisada no *Fausto,* se generalisasse pela Europa; o que sómente succedeu quando já estava por inteiro definida a transição do mundo medieval para a edade moderna.

N'esta epoca extraordinariamente interessante e fecunda, póde com ufania asseverar-se que Portugal foi bem representado. *Pedro Julião* (ao depois *João XXI), Santo Antonio de Lisboa* e *Frei Gil de Santarem,* são tres vultos immortaes, são tres typos preponderantes, que mui nobremente ficaram marcando na historia a intensidade e a excellencia da especulação mental portugueza, n'aquelles tempos revoltos de audacia e de abstracção, de lucta e de sonho. Comprehende-se, assim, que tratar qualquer d'essas tres figuras capazmente, trazel as, comprehensiveis, á emoção das massas e perpetual-as fielmente pela Arte, não seja facil tarefa. São demasiado grandes para que o genio do artista possa estudal as de perto sem a vertigem do deslumbramento; e cada qual, ainda o espirito mais vigorosamente creador, ao tentar essa ampliação, sente-se amesquinhado perante a sombra interminavel que aquelles vultos colossaes derramam seculos fóra.

Garrett, quando teve a intuição genial do grande valor das tradições para a elaboração esthetica da nossa vida social, lembrou-se naturalmente, entre outras, d'esta colossal figura de *Frei Gil,* que, para mais, andava tratada já em comedias hespanholas e em rimances gaulezes. Mas limitou-se a apontal-o episodicamente, na *Dona Branca.* Não lhe profundou a etiologia e o caracter; não estudou o quadro larguissimo em que se desdobrára a epopêa sentimental e mental da sua vida. Egualmente, Castilho chegou a annunciar a publicação de um romance sobre *Frei Gil,* mas não levou a effeito a promessa. Mais

tarde, Eça de Queiroz annunciou tambem a *Vida diabolica e milagrosa de S. Frei Gil*, porém em breve abandonou o assumpto, provavelmente porque a simples imaginação e os effeitos de estylo não lhe abundavam a capazmente supprir todas as exigencias que a descripção completa do quadro d'aquelle extraordinario seculo impunha. E, por motivos analogos porventura, falhou egualmente um drama do sr. Guerra Junqueiro, sobre o mesmo assumpto, que aqui ha annos andou annunciado.

Estava portanto reservada a gloria de tratar, com a amplitude e o brilho com que requeria ser tratado, este typo estranho de grande sentimental, ao sr. Theophilo Braga. E naturalmente assim tinha que ser. Porque só Theophilo Braga, espirito assombrosamente complexo, — a um tempo erudito e poeta, philosopho e trovador, pensador e artista, — teria hoje entre nós a envergadura espiritual e disporia da massa de conhecimentos bastantes, para visionar no seu formidando conjuncto aquella epoca, e parallelamente contar com as imprescindiveis faculdades de realisação para objectival-a. Este nosso *Fausto* «tinha que ser dado como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, em toda a luz do quadro», sentenciou judiciosamente Garrett; e eis o que fazia entibiar no emprehendimento ainda aos mais fortes, aos mais aptos, como elle proprio.

Para Theophilo Braga, porém, não ha impossiveis. Seduziu-o, determinou-o a metter mãos á obra a propria difficuldade da empreza. E com que encantadora fórma, com que exito admiravel! A gente lê, do primeiro ao ultimo quadro, o poema, e fica hesitante na preferencia. Todos egualmente bellos, todos traçados com uma largueza e um poder de ficção poetica, em que se pressente o genio do au-

ctor da *Visão dos Tempos,* todos corridos de imagens quentes e impetos vibrantes, como se compostos fôssem por um espirito radiando em plena mocidade. Ha, quanto a nós, n'este bello poema duas qualidades essenciaes a pôr em destaque: primeira, a rigida inteireza, a linha integra e completa como o vulto lendario do protagonista resalta da obra, mercê do contraste a proposito que, episodio por episodio, lhe trazem os logares, os homens e as cousas; segunda, a fina arte como, sempre que o ensejo se offerece, enramalhetando a acção despontam as mais lindas historias e conceitos do tempo. De sorte que esse vulto enorme, contradictorio por vezes, paradoxal, de *Frei Gil* apparece-nos, ao mesmo tempo, definido pelo movimento proprio e pelo scenario colorido e exacto em que esse movimento se enquadra.

São, no genero, encantadoras a *Aravia dos tres Estudantes,* a *Canção a Heresta,* os *Autos do Abbade João,* dos *Zêlos de José Carpinteiro* e da *Noiva de Coryntho,* o *Lai de Amadas,* e as lendas do *Aventureiro scandinavo* e dos *Sete dormentes.* Como trabalho superior de realisação, poderemos citar o idylio, repassado do mais transcendente lyrismo, entre *D. Thereza* e *Gil,* (pag. 58 a 60) a allegoria da panthera (pag. 146), e o soberbo dialogo entre *Gil* e o *Dante* (pag. 237), bem como, a pag. 184 e seguintes, o quadro horripilante do *Leproso.*

Pode, pois, orgulhar-se este Titan da litteratura patria, e o paiz com elle, de que, com o seu novo poema de *Frei Gil,* conseguiu mais do que vulgarisar e fixar estheticamente um precioso thema, quasi inedito; — fixou egualmente e definiu, sob a mais elevada fórma de arte, e assignalando o seu marcado logar na historia, a uma

das caracteristicas fundamentaes do genio nacional.» [1]

*

* *

«Theophilo Braga completando a evolução esthetica, que iniciára idealisando a *Humanidade* na sua marcha ascensional para a civilisação — *Visão dos Tempos,* começou a elaborar, n'um intuito de *nacionalismo,* os themas mais suggestivos do ideal da *Nacionalidade,* que se identifica com a missão universalista de Portugal no progresso humano.

Da *Alma Portugueza* já estão publicados tres poemas: *Viriatho,* em que se deu expressão artistica ao vulto que symbolisa a vitalidade resistente da Lusitania, diante da incorporação romana da peninsula hispanica; *Os Doze de Inglaterra,* onde se estamparam as duas feições mais caracteristicas da psychologia portugueza — o sentimento amoroso e o espirito de aventura; e o *Frei Gil de Santarem,* que acaba de vir á luz.

A crise revolucionaria vem desde o seculo XII, em uma dupla corrente mental e social, patenteando-se desde logo a acção antagonica da Egreja contra todos os esforços progressivos, como se vê expresso n'esse conflicto das *Duas Verdades,* das *Duas Espadas* e das *Duas Cidades.*

A' Verdade scientifica ella oppoz a intransigencia do Dogma theologico;

Ao Poder civil, a que se chamou o Braço secular, oppoz os anáthemas da Excommunhão;

A' Sociedade civil ou á Cidade terrena, contrapoz a Cidade de Deus, dos sonhos do Millenio e das bemaventuranças.

Sob o aspecto mental a corrente de aspirações

[1] *O Dia,* n.º 1:596. (3-VI-905.)

emancipadoras foi representada em Portugal, no seculo XIII, por Frei Gil de Santarem.

Vejamos a symbolisação artistica do Poema que é riquissima:

Gil Rodrigues de Valadares, filho do Alcaide-mór de Coimbra, cursa as Escolas do Mosteiro de Santa Cruz. Entrega-se ás doutrinas neo-platonicas — que predominaram na primeira Renascença, do seculo XIII, — attingindo a concepção que o leva a considerar o *Amor*, a *Sciencia* e o *Poder*, como as tres manifestações divinas por excellencia.

Intenta seguir essa trajectoria mystica-especulativa.

O *Amor* objectiva-o em D. Thereza *(Heresta)*, a esposa divorciada do rei de Leão, que vem tomar pósse do Castello de Montemór, que herdara de seu pae D. Sancho I, hospedando-se na passagem por Coimbra em Santa Cruz. Dá-se a psychose no escolar, apaixonando-se loucamente; por ella, vae Gil de Valadares bater-se no Cêrco de Montemór contra a hoste do rei de Portugal D. Affonso II. Fizeram-se tréguas e o accôrdo do rei com as irmãs, e Gil, tendo posto em suspeição, pela sua conducta, a fidelidade do Alcaide mór de Coimbra, Ruy Pires, seu pae, este propõe-lhe: que, para apagar o seu acto desvairado, vá servir no assedio de Alcacer do Sal, sustentado pelos Cruzados Teutonicos contra os mussulmanos, ou então cursar para a Universidade de Bolonha.

Gil prefere antes ir para as Escolas de Paris.

Parte subitamente como escolar errante, relaciona-se em Lisboa com Thomaz Scotto, e dirige-se para Toledo no intuito de vêr a Rainha divorciada, que elle ama desvairadamente á imitação dos Trovadores. Thereza estava, pelos seus grandes desgostos e pelas devoções das *Flagellantes,* em um estado de hallucinação, e no seu delirio attonito mal

o conheceu. E' então que Gil de Valadares comprehende que o *Amor*, nascido da Vontade ou propriamente o *Desejo*, se torna contemplativo pela *Piedade*. Condoido da loucura de Thereza, o escolar resolve seguir immediatamente para os Estudos de Paris e ahi entregar-se á *Sciencia*, á vêr se consegue trazer aquella mulher amada á rasão, á consciencia. Esta anciedade de saber leva-o a iniciar-se no espirito critico nas *Covas de Toledo*, onde se conservam as tradições de Cabala e da Alchimia. Espera alli o descobrimento da Panacêa universal. Em uma insurreição mental reconhece a decadencia do Monotheismo, e consequentemente a necessidade da construcção de uma Philosophia baseada sobre factos *positivos*, e não sobre méras relações das cousas ou entidades *cathegoricas*.

Parte para Paris, a ahi nas Escolas turbulentas da *Montanha Latina* Gil reconhece o syncretismo de todas as doutrinas determinado pelas Cruzadas.

Gil de Valadares entra na Côrte de Branca de Castella pelo prestigio da *Sciencia* (como medico); e alli, quando pela sua tristeza, attingindo o amor-*Ideal*, tinha renunciado a todas as esperanças (falecimento de Heresta), e o Poder se lhe tornava uma utopia, é alli que o *Poder* o procura e o investe de uma auctoridade extraordinaria. Os prelados e fidalgos portuguezes que estão refugiados na Côrte de Branca de Castella, trabalham para a deposição de Sancho II, e obtiveram uma bulla de Honorio III retirando-lhe o summo imperio e desligando senhores e vassallos do juramento de fidelidade.

O principe D. Affonso é o pretendente ao throno do irmão, e pelo seu casamento com Mathilde, a Condessa de Bolonha, é auxiliado pela rainha Branca e pelo Papa.

Como na Côrte predomina a Ordem dos Préga-

dores, então denominada dos *Irmãos da Virgem;* Jordão de Saxe, companheiro de estudos de Gil, revela-lhe que essa Ordem é a que dispõe do maior poder social, e a que sustenta a Egreja nos conflictos entre a Rasão e a Fé.

Então professo nos Dominicanos, Gil de Valadares é mandadc a Portugal intimar a D. Sancho II a bulla da deposição, é elle que assigna com D. Affonso III a carta de confirmação de privilegios á cidade de Lisboa, e é o que protege o monarcha contra o interdicto por causa do casamento com a filha do rei Affonso o Sabio, tendo ainda viva sua primeira mulher. Todo este Poder excepcional é representado pelo symbolo lendario do *Bastão de San Domingos,* que póde mais do que o Sceptro dos Reis. Já na velhice, retirado no seu asceterio em Santarem, Frei Gil reconhece que o *Poder* sem ideal é esteril, se não se inspirar no fim humano; que a *Sciencia* reduzida á critica das relações em vez dos phenomenos é improgressiva, e que só pela acção gradativa do tempo, alliando os factos cosmologicos, organicos e sociaes, é que se prestará á concepção positiva do mundo e da consciencia. A unica luz que nos guia n'esta incapacidade do *Poder* e incongruencia da *Sciencia*, é o *Amor,* realisandose na sympathia, na liga das Confraternidades, na associação para a cooperação pacifica, definindo a Providencia humana. Por este regresso á affectividade humana, como unico equilibrio nas crises de renovação social, sendo Frei Gil venerado pelas piedosas mulheres, ellas na sua morte proclamam, que a laurea do Sabio murchará, fulgindo eterna a auréola do Santo.

Pelas correntes philosophicas, theologicas, politicas, e artisticas que agitaram o surprehendente seculo XIII, o quadro é vastissimo e magestoso.

D'essa conflagração mental, d'essa enorme actividade scientifica com que se fortalecem os espiritos em dissidencia com a Theologia, erguese a figura historica e lendaria de Gil Rodrigues de Valadares, que é tratada poderosamente como representante do negativismo critico e naturalista.

O artista insufflou toda a sua paixão no desenho da indole calida do protagonista, patenteando a fervente edade em que a vida, jorrando impetos de seiva nova, se desdobra exuberantemente em impulsos cavalheirescos.

O outro vulto singular, que no poema resalta, e em que ha volatilisação de vida, é o do Escolar pobre, em quem o poeta encarnou a entidade malevola da tradição das Collegiadas e Universidades — Titivetilarius, que symbolisa a Dialectica que ia dissolvendo a Theologia. Com o seu rir sardonico, cheio de audacias, o lycanthropo Titivetilus tudo julga, vergasta tudo, crivando de ironias as cousas consagradas.

Ha outros typos cheios de individualidades, figuras vaporisadas e perfis admiravelmente modelados.

A parte amorosa do Poema é deliciosamente traçada, sentindo nos perturbados ao percorrer as emocionantes phases da paixão que, de repente, se apoderára da scintillante mocidade do Escolar de Santa Cruz. Está cheio da turbulencia de Coimbra e da belleza piedosa e serena de Heresta.

Pela mente de Gil ala-se a vaporosa imagem de Thereza:

Quando viu Dante a Beatriz no empyreo,
N'um extasi ineffavel, surprehendente,
Reconheceu em mystico delirio.
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Oh visão suave! alma expressão do sonho,
Ideal, indefinivel, mas presente;
Exclamo a sós, se em ti os olhos ponho:
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Quem sente o Bello, e arde em sua chamma,
Quem torna o espirito angustiado crente?
Quem tanto ardor de inspiração derrama?
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Se o canto escuto, ou se te absorvo a falla,
Se o ár te aspiro, ou se te evoco ausente,
E's sempre, oh vibração que o sêr me abala,
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Da narrativa dos *Tres Impostores* arrancamos o trecho que segue:

Na varanda do Vaticano o Papa
A multidão immensa contemplava,
Que viera a Roma ao Jubileu, e espera
Cabeça descoberta ao sol ardente,
A benção receber. Acolytado
Por Cardeal-sobrinho, o Papa exclama:
— *Minor Dei* sou eu, mas *Major hominum!* —
E ao erguer o braço, abendiçoando,
A multidão ajoelha reverente,
Levando a fronte á terra. Então o Papa
Disse para o sobrinho, que segura
A dalmática de ouro recamada:

— De que é que viverá toda esta gente? —
«Vivem de se enganarem uns aos outros.»

De intuição moral em um relance
Espontaneo, invencivel, torna o Papa:

— Tambem nós, da grandeza no fastigio,
Com nossas Bullas, Dogmas e Mysterios.
Vivemos de enganar a elles todos. —

Para explanar a segunda parte — *A Sciencia* — era preciso conhecer profundamente o phenomeno

social que resultou da transformação do Poder *espiritual* e do Poder *temporal:* o avanço para a affirmação da intelligencia humana, procurando a rasão pela observação, experiencia e pela critica um novo poder espiritual na Sciencia. E era forçoso notar tambem o renascimento, que depois do secuo XI, se opera em todas as manifestações sociaes estheticas.

Passam-nos diante dos olhos as tragicas *Covas de Toledo*, onde ha a iniciação na Magia negra. Vivemos em Paris, entre a revôlta mocidade, nas marulhentas escolas da *Montanha Latina.*

A lição de anatomia feita por Gil sobre a mulher que tiraram do Sena tem a belleza tranquilla, a nudez casta dos quadros que a Hellade nos legou.

Oxalá os pintores se inspirem n'esse trecho.

O Poema é cheio de lyrismo. Ouçamos a *Canção de um Jogral:*

Para a guerra parte o môço,
A' guerra do Mar-além:
Choram-no com alvorôço
A noiva, a irmã e a mãe.

Todo um anno a noiva o chora,
Dois annos a irmã tambem;
Do filho a ausencia deplora
Sempre e sempre a pobre mãe.

Lá na guerra o môço cae,
Novas bem tristes que vêm!
Como morrera seu pae,
Dos bravos a morte tem.

Passa um anno — a noiva accalma,
Dois annos á irmã... pois bem,
Toda a angustia immensa d'alma
Acompanha sempre a mãe.

Traja lucto a noiva linda,
Lucto egual á irmã convem;
Mas de uma amargura infinda
E' que se enlutara a mãe.

Trouxe lucto a noiva um anno,
Dois annos a irmã; porém
Lucto desolado, insano,
Toda a vida o trouxe a mãe.

Em Toledo, n'uma capella, Gil Rodrigues reconhece Heresta:

Tem no rosto a piedade da Madona,
Tem nos olhos um céo de azul saphira;
Tem na alma o ardor que não nos abandona
Na vida e morte, se ao ideal se aspira.

Tem de um Anjo, no mundo errante, o aspecto,
Quando canta uma etherea luz scintilla:
Tem na falla um oráculo secreto,
O mundo é antro escuro, ella a Sibylla.

Deixa que aspire em intimo delirio
Essa fragrancia de suave calma;
Só para ti — disse ella ao dar-me, lirio,
A Poesia, a flôr virgem da sua alma.

Ao chegar á Côrte de Branca de Castella — onde o pensador revolucionario alcança o *Poder*, — vêmo-nos envolvidos n'uma atmosphera de luxo e de elegancia, de fanatismo e de voluptuosidade e ouvimos a voz quente e acariciadora da Rainha soluçando amores com o Legado pontificio — *Honteuse Connivence*.

Como a Edade-média contém os germens das Litteraturas modernas — é a época em que surgem os esbôços dramaticos — Theophilo Braga, n'uma reconstrucção esthetica, tendo-nos já feito assistir a dois Autos, offerece um terceiro: o mimoso *Auto*

da Noiva de Corynthо, em que encontramos Branca com toda a côrte e a Junta de Prelados e nobres que machinava a deposição de Sancho II.

A esta Lenda — que suggestionou escriptores portuguezes como Almeida Garrett e Eça de Queiroz e foi tratada na Hespanha em *Comedias famosas* — só o alto espirito de Theophilo Braga conseguiu dar plena elaboração litteraria, porque o assumpto e a época demandavam a par de uma imaginação poetica excepcional uma erudição positiva assombrosa.

Para julgar, para criticar este poema, em que se idealisou o nosso *Doutor Fausto*, é preciso observar se o poeta attentou na intuição esthetica que d'este thema nacional teve Garrett — o artista de mais larga percepção espontanea que Portugal produziu depois de Camões.

De facto Frei Gil *apparece como protagonista de uma grande acção pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro.*

A symbolisação artistica não póde ser mais perfeita. Da brilhante realisação de um tal traçado — em que se unifica a synthese poetica com a synthese philosophica — está o julgamento de tão levantado Poema.

Temos, finalmente, no auctor do *Frei Gil de Santarem*, o Gœthe que Almeida Garrett pedira ha sessenta annos, nas *Viagens na minha terra.*» [1]

*

* *

«A estranha figura do Santo bruxo a que Almeida Garrett chamou o *Fausto portuguez*, tentou sempre

[1] Dr. Marques Braga, *Revista litteraria do Seculo,* n.º 144, (5-VI-905.)

todos os nossos grandes poetas e prosadores, talvez mais pela mysteriosa lenda que o envolve do que pela sua elevação e pela sua verdade humana. O auctor do *Frei Luiz de Souza*, que tão lucidamente a viu e comprehendeu, sonhou muitas vezes pôl-a de pé, illuminando-a com a claridade do seu genio, dando-lhe relêvo, moldando-a na ductilidade plastica da sua arte, eternisando-a na belleza da sua musa; mas, infelizmente, não nos legou paginas em que S. Frei Gil apparecesse «como protagonista de uma grande acção pintado em corpo inteiro», como tinha deixado entrevêr nas *Viagens na minha Terra*. Castilho, sem duvida influenciado por este original thema e inspirado pelo pensamento do poeta, chegou a annunciar um livro com o titulo de *O Homem do Diabo e de Deus, Santo Frei Gil;* mas o volume nunca surgiu nos tumultos gloriosos da publicidade. Eça de Queiroz, um dos maiores artistas de Portugal, foi tambem fortemente seduzido pelo enlêvo da vida aventureira e victoriosa do Santo, escrevendo ainda os primeiros capitulos de um romance, que não foram encontrados depois da sua morte, mas que deviam existir. A carta que elle enviou a Silva Pinto prova claramente que Eça iniciára a sua obra, pois que o seu S. Frei Gil «ficára uma tarde adormecido, á sombra d'arvores e á beira d'um arroyo», esquecendo-se a escutar o murmurio das aguas correntes, e que não mais accordará até ao momento em que o auctor do *Crime do Padre Amaro* dava noticia do extraordinario somno. Mais tarde, porém, Eça de Queiroz despertou-o da suave rapozeira, como o affirmou a Batalha Reis. Esse livro, que seria esplendido, composto pelo escriptor da *Correspondencia de Fradique Mendes*, dada a intensidade do seu sentimento esthetico, o seu enorme poder de evocação, as suggestões da sua

fórma admiravel sem uma aresta mais aggressiva, denominar se-ia *A vida diabolica e milagrosa de S. Frei Gil.* A morte, porém, veiu surprehender Eça de Queiroz precisamente no momento em que a sua actividade artistica se encontrava em plena florescencia, e o Santo lá ficou para todo o sempre perdido entre brumas, nas penumbras doces de uma floresta dormente de sussurro onde o poderoso romancista o abandonára.

O illustre lyrico Antonio Correia d'Oliveira trabalha ainda n'um poema sobre o frade que, depois de correr o mundo n'uma dolorosa peregrinação, se accolheu na quietude de um mosteiro, onde os derradeiros annos da sua existencia atormentada serenamente deslisaram, illuminados pelo luar de apparições mysticas que entrevia nos seus instantes asperos de allucinação. Os olhos do Santo, que se haviam deslumbrado nas radiações e no esplendor da formosura terrena, alavam-se até ás estrellas, com saudades do céo, e o seu coração, que tanto vibrara de um amor profano, que amara a sciencia e que amara a mulher, refugiou-se na tranquilla adoração de Deus, emaranhou-se nas abstracções theologicas, purificou-se de todas as ancias terrestres.

O que nenhum escriptor portuguez alcançára até hoje, conseguiu-o Theophilo Braga no seu bello poema *Frei Gil de Santarem*, recentemente publicado. O grande pensador, que é o orgulho da patria portugueza contemporanea, pela alta potencia do seu cerebro, pelas suas primaciaes faculdades creadoras, pela sua immensa capacidade de trabalho, pela sua rara argucia e pela fina lucidez da sua rasão, despiu o Santo lusitano de todas as sombras fabulosas que o escondiam ás percepções menos penetrantes, desentulhou-o da alluvião de todas as ficções grosseiras e sem raizes fundas na

realidade, e ergueu essa figura prodigiosa em planos naturaes, desenhando-a vigorosamente, através do rythmo e da ondulação das fórmas poeticas. Frei Gil não é mais o homem que andava na emoção popular como tendo pacto com o Diabo, praticando feitos bizarros e que na velhice triste se arrependeu, para se purificar no crisol da religião, mas simplesmente um espirito arguto, precursor, revolucionario e negativista, que se affirmou nos fulgurantes combates da civilisação libertadora. O estudante insubmisso, rebelde e errante, que primeiro frequenta as Escolas dos mosteiros e que depois, levado pelo impulso de uma ambição dominadora, corre a Europa e vae estudar em Paris as sciencias medicas, então julgadas como uma diabolica manifestação do atheismo e contaminadas de peccado, não foi, afinal, esse adivinho singular que o sentimento do povo perpetuou em iendas phantasticas através das edades, mas um homem que tendo penetrado, pelo estudo, as doutrinas neo-platonicas da primeira Renascença, attingiu a concepção da vida humana encerrada n'este luminoso triangulo: — o *Poder*, a *Sciencia* e o *Amor* — e que por ella quer ascender á explicação de todos os phenomenos vitaes. Até certa altura, a existencia de Frei Gil caminhou livremente por esta redemptora verêda: depois, na crise do seculo XIII, a subtileza espiritual do Santo ennevôa-se tambem e elle regressa á estreita e esteril disciplina monachal — elle que tinha triumphado pela sciencia, representando, como diz Theophilo Braga, na insurreição mental da primeira Renascença, a corrente do mysticismo critico e naturalista.

Tal é o motivo essencial do novo poema do auctor insigne da *Historia da Litteratura portugueza*, realisado com um vigor opulento de saber. Theophilo Braga, apesar da sua edade avançada,

adquiriu uma indomavel resistencia nas excelsas luctas intellectuaes, tem a visão clara e profunda dos grandes quadros, e o seu pensamento é viçoso, fresco, cheio de virilidade, de largos vôos, nobilitado de generosas aspirações. Dotado de uma poderosa perspicacia, vae á historia, aos costumes, ás religiões, á poesia, a tudo o que define a humanidade através dos seculos, e levanta da mudez dos tempos figuras de uma belleza radiante e pura. N'este seu livro, palpita, fulge, dardeja através de paginas magnificas, a luz de uma inspiração que nunca desfalece e antes se accende em nimbos translucidos. Logo no *Preludio*, com que o poema abre, passa o enlêvo de uma éra gloriosa e longinqua, evocada pela musa eloquente do poeta. Depois, seguem-se os tres cantos: — o *Amor*, a *Sciencia*, o *Poder*, — o primeiro dos quaes, sobretudo, de uma intensa dramatisação, é soberbo: e a creação soberana de Theophilo Braga avulta, perfeita, consistente e viva, sem a mais tenue mancha que lhe embacie o brilho esplendoroso. Na obra de Theophilo Braga, este livro hade ficar como um dos mais notaveis, certamente.» [1]

*

«Mais um dos episodios da série da *Alma Portugueza*, em que o dr. Theophilo Braga, conforme a sua propria rubrica, congloba as Rhapsodias da grande Epopêa de um pequeno povo. Serve para thema do seu trabalho a lenda, perfeitamente faustiana, de Frei Gil de Santarem. O áspero conflicto da primeira Renascença colloca Gil de Valadares

[1] João Grave, *Diario da Tarde*, n.º 143 (23-VI-905.) Porto.

n'aquella situação especial de espirito indagador, que pretende formar da vida uma ideia absoluta e orientar por ella os destinos humanos. O primeiro impulso leva-o ao *Amor*, -- fórmula d'essa actividade que, com o seu proprio nome, o grande Platão definiu. A sua psychose individual, consubstanciando-se no romanesco amor pela rainha Thereza, esposa divorciada do rei de Leão, leva-o, como mobil poderoso da paixão, á *Sciencia*, que cursa brilhantemente na Universidade de Paris. Mas a Sciencia resulta esteril, se o *Poder* não lhe dér azo á sua efficacia. Por sua vez, o *Poder* corresponde ao seu desejo. Porém Frei Gil, já com a cabeça coberta de neve, do mesmo Poder reconhece a improficuidade, dado que lhe não assista, como vivificador ideal, um fim humano. Qual é, pois, a Verdade, em tão tempestuosa ascensão de theorias e de aspirações? A verdade é o *Amor,* laço de communhão social, sem o qual tudo perecerá no frio dominio das philosophias e dos systemas. E foi sempre amor o seu anceio: quer como *desejo* se revelasse, quer como *piedade* se definisse, quer como poder se pretendesse exercer.

Como todas as suas obras, o poema de *Frei Gil* honra o privilegiado talento de Theophilo. Ninguem como elle possue um talento de generalisador tão profundo, ninguem melhor formula em syntheses os mais complexos phenomenos humanos. Accresce ainda, a realçar o valor do seu novo livro, o poderoso espirito de poeta, com faculdades de concepção que não podem ser excedidas e com delicadezas de artista que não desmerecem ao pé das mais subtis creações do sentimento litterario.» [1]

---

[1] Mayer Garção, *Pacotilha,* n.º 217, (anno XXV.) Maranhão, 12-X-905.—Philéas Lebesgue, no *Mercure de France* (15-VI-1905)

3.º — Os Doze de Inglaterra — Poema

«Na vanguarda dos que devem ser distinguidos n'esta solemne apreciação, destaca-se com judiciosa auctoridade uma das figuras mais brilhantes da mentalidade feminina em Portugal, a erudita e primorosa escriptora, philologa distincta e critica imparcial, a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Foi com prazer de enthusiasta e felicidade de admirador, que depois de impresso o texto da nossa apreciação, viemos a saber de uma carta enviada por ella a Theophilo Braga, em que lhe manifesta a sua impressão pelos *Doze de Inglaterra*. E tanta foi a nossa alegria, quanto o prazer que temos em podermos reproduzir aqui alguns trechos seus, como apoio e testemunho de que a nossa maneirs de vêr se reflecte tambem no espirito dos primeiros pensadores e estudiosos.

Diz ella n'essa carta a Theophilo Braga a respeito do seu trabalho: [1]

«O poema, li-o todo, com verdadeiro prazer. Admiro a arte com que V. juntou factores positivos, combinando successos verdadeiros e outros lendarios, com liberdade engenhosa, bem se vê, mas ainda assim com exactidão sufficiente para contentar rigoristas que não admitam que a phantasia do poeta modifique factos e typos historicos. Todas as figuras que desenha, todas as tradições poeticas a que allude, os ditos e rifões citados, os variadissi-

---

escrevendo sobre o *Frei Gil de Santarem:* «a obra potentemente symbolica e metaphysica... Que poeta seria Braga com taes dons metaphysicos, se tivesse a arte visionaria de um Dante ou de um Victor Hugo.»

[1] F. Agudo, *Theophilo Braga e a Alma Portugueza*, p. 103.

mos *intermezzos* lyricos e dramaticos que interrompem a narração, formam um conjuncto encantador. D. João I e os inclytos Infantes, Aljubarrota, a Ala dos Namorados e os Fieis do Amor; Nun'Alvares, João das Regras e Martim d'Ocem, Vasco de Lobeira e o seu *Amadis;* Anna d'Arfet e Machin; Froissart e Chaucer; Van-Eyk e a *Bella Portugueza;* Ignez de Castro e a *Flor de Altura;* D. João de Eça ou de Tenorio; a Barca de San Brendan e o Mar Tenebroso; San Thiago de Compostella e o Peito Bordelo; as Cóvas de Salamanca e o Escolar das Nuvens, as Ilhas Encantadas e o Preste João; visões e prophecias que apontam para a época dos Descobrimentos e das Conquistas; hespanholadas expressivas; — Divisas em francez, Lôas e Soláos; Gestas e Romances; Tristão e Iseult; Wolfran von Eschenbach e o Lohengrin; Carlosmagno e Roland, nada falta ahi. Temos n'esse grandioso quadro (um, entre sete que V. planeia!) — uma lucida synthese da Epoca de D. João I, e ao mesmo tempo a idealisação conscienciosa e carinhosa de todas as manifestações medievaes do genio amoroso do Povo portuguez e do espirito cavalheiresco que animou a nação nos seculos XIV e XV, impellindo-a a acções heroicas.

Continuador inspirado de Almeida Garrett, V. prestou a esse poeta a mais significativa entre todas as homenagens a que o seu Centenario deu motivo.

No meio d'este formidavel baquear politico e da desnacionalisação do mundo portuguez, consola vêr como V. hastêa bem alto o pendão da mentalidade portugueza. Bemdito seja!» [1]

---

[1] Datada do Porto, a 17 de abril de 1902. Foi transcrita esta carta na *Voz Publica* e em varios jornaes do Brasil.

*

«A obra d'este escriptor maravilhosamente fecundo é uma das mais vastas e variadas da lingua portugueza. Elle escreve incansavelmente desde 1858, quando publicou o seu primeiro volume de versos *Folhas Verdes*. Isto foi aos 15 annos de edade. Hoje tem em circulação cento e tantos volumes em prosa e verso, poemas, romances, contos, dramas, tragedias, historia, linguistica, philosophia, critica, sociologia, pedagogia, direito, etc.

O presente poema faz parte de uma série denominada *Alma portugueza*, composta das seguintes obras: *Viriatho*, narrativa epo-historica; *Frei Gil de Santarem*, drama-lenda; *Linda Ignez*, tragedia classica; *Os Doze de Inglaterra*, poema; *O Peito Lusitano,* rhapsodias cyclicas das Navegações; *Camões*, poema epo-lyrico; *Gomes Freire,* drama em cinco actos.

O assumpto d'*Os Doze de Inglaterra* é uma lenda da cavalleria portugueza, que Camões cantou em vinte e sete estrophes, no canto VI dos *Lusiadas*.

No *Proemio* apparece ao auctor a alma do licenciado Mestre Pero Perez, que lhe pede que refaça o poema que Garrett havia escripto sobre *Os Doze de Inglaterra*, porque era condição para o seu repouso eterno que um poeta restaurasse novellas taes, como as que elle em vida havia condemnado ao auto de fé. O poeta põe-se ás ordens da alma penada, mas pergunta-lhe com hade refazer o poema de Garrett, que se havia perdido em um naufragio. Mestre Pero Perez promette-lhe inspiral-o com o auxilio de Titania, e o poeta põe-se a escrever.

Foi depois da guerra dos Cem annos. Ricardo II da Inglaterra, feita a paz, regressa a Londres. Juntamente com o tratado, é celebrado o seu casa-

mento com a princeza Isabel, de sete annos apenas, filha do rei de França. Na côrte ingleza, emquanto toda a fidalguia festeja o duplo acontecimento e o duque de Glocester, tio de Ricardo, o felicita pela escôlha de uma noiva de sete annos, dá-se um successo inesperado. Diz Glocester, que foi sabio o rei em ter escolhido noiva de tão tenra edade em época como essa, «quando as damas da mais alta linhagem fazem gala de delirante e audaz desenvoltura.» O duque de York secunda a malicia de Glocester. O rei sorri. As damas protestam; mas Glocester insiste, dizendo que o tribunal da historia será implacavel n'essas narrativas. Acode o duque de Lencastre, tambem tio do soberano, que não ha chronista que perpetue memorias indignas. Contesta Glocester e indica a obra de Kuyghton. *De Eventibus Angliae,* como sendo de uma brutal franqueza. O rei manda buscar o in-folio á bibliotheca e o conde de Arundel lê um trecho em que o auctor diz horrores das damas inglezas. Uma das donzellas presentes pede ao rei uma reparação.

O rei pergunta aos cavalheiros presentes se elles confirmam aquelles dizeres. Doze de entre elles estendem a mão direita para o livro, em fórma de juramento.

A offensa é pungente. Ricardo pergunta se não ha quem se queira tornar paladino das damas aggravadas. Ninguem se move. Então o rei incumbe ao duque de Lencastre de providenciar para que as offendidas não fiquem sem reparação, confórme as leis da cavalleria.

Na reunião que se effectua em casa do duque fica resolvido mandar-se uma embaixada a Lisboa, pedindo licença ao rei de Portugal para doze cavalleiros da *Ala dos Namorados* virem pugnar em campo raso pela honra offendida das damas inglezas.

Parte a embaixada e é bem accolhida. Os cavalleiros lusos ardem no desejo de ir a Londres desaffrontar as damas. E' tirada a sorte e são assim designados: Alvaro Vaz de Almada, o *Justador;* Alvaro Mendes de Cerveira, Lopo Fernandes Pereira, Martim Gomes de Azevedo, Luiz Gonçalves Malafaia, Pero Homem da Costa, Soeiro da Costa, Ruy Mendes de Cerveira, Ruy Mendes da Silva e Alvaro Gonçalves Coutinho, o *Magriço.* Todos partem a bordo da náo *Frol da Rosa*, excepto o *Magriço* que vae a Guadalupe por terra, em cumprimento de um voto feito á Virgem Maria, para que fosse escolhido.

Assim os onze chegam primeiro a Londres, onde entram escoltados por quinhentos cavalleiros inglezes, que formavam a guarda de honra do rei Ricardo. Grandes festas; mas impressiona só haver onze paladinos, quando doze são os adversarios e doze as damas aggravadas. A cousa explica-se, porém. Tira-se a sorte para se saber a que dama pertence cada cavalleiro. Só a gentil Ethwalda fica sem defensor. Caíra-lhe por sorte o peregrino *Magriço.* Lagrimas abundantes banham-lhe o rosto; recolhe-se ao oratorio, em prece.

Chega o dia da grande lucta. Os cavalleiros medem-se dois a dois, quatro a quarto e por fim doze a doze. Os bravos da *Ala dos Namorados* vencem em toda a linha. No ultimo momento chega o *Magriço*, esbaforido e coberto de pó, e derrota tambem o seu adversario. Grandes festas. Banquete no palacio do duque de Lencastre, em que se congrassam os adversarios.

Muitos outros episodios bordam essa interessante lenda, que pinta bem os costumes cavalheirescos d'esses tempos.

Que dizer, agora, do merito propriamente da

obra litteraria? Theophilo Braga é d'esses homens felizes que têm admiradores incondicionaes e formidaveis detractores. Toda a sua obra é uma grande epopêa nacional. Com uma enorme erudição, elle aborda todos os generos litterarios com uma perfeita despreoccupação da esthetica predominante, procurando apenas dar ás suas obras o cunho nacionalistico ou theorico das suas concepções. O que é talvez menos é um *litterato.*» [1]

*

«O auctor illustre d'essa obra monumental que intitulou *Historia da Litteratura portugueza*, assume tambem inquestionavelmente a cathegoria d'um grande poeta. Mas a sua arte é, na essencia, intellectual. Não prima na fórma. Não tem o nervosismo nem a subtileza, nem a fina esthesia que em versos cheios de rythmo e sonoridade, impõem as idéas poeticas. Dá-se com Theophila Braga o que, ao invez, se nota em muitos outros artistas da palavra. Ha-os que concertam impeccavelmente as suas composições que versificam com uma perfeição inexcedivel, todavia, sem fundo, sem pensamento, sem objectivo ideal. E' uma poesia que simplesmente captiva o ouvido, que encanta pela elevação formal, não deixando porém, cousa alguma que satisfaça o espirito.

A poesia de Theophilo é precisamente o contrario d'isto. Debalde se lhe busca o requinte das expressões, a delicadeza da eurythmia, a sensibilidade esthetica, o fogo sagrado da inspiração. Sendo um erudito, um critico, um philosopho, um homem de

---

O Paiz, n.º 6831 6-IV-901 (Rio de Janeiro)

profundo saber, a sua poesia é filha d'estas mesmas qualidades, erguendo-se á maior altura pelo arrojado das concepções e pela extraordinaria percepção das significações historicas.

E' um poeta historiador de uma altissima transcendencia. Dos seus primeiros versos, a *Visão dos Tempos* é bastante para constituir a reputação de um escriptor. Mas desde a época já remota, em que este seu livro foi composto, quantas evocações da alma portugueza tiveram no vasto entendimento de Theophilo Braga a sua diffieilima e estranha realisação? A narrativa epo-historica de *Viriatho*, o drama-lenda de *Frei Gil de Santarem*, o poema dos *Doze de Inglaterra*, *O Mar tenebroso*, são obras de um portuguez insigne, prenhes de originalidade e de grandeza — trabalhos de um valor incontestavel, verdadeiros monumentos de idealisação tradicional e de revivescencia do *lusismo*, como o proprio auctor ensina.

Nenhum poeta nacional, antigo ou moderno teria a pujança de labôr e a intrepidez litteraria capazes de produzir semelhantes prodigios de estudo. São livros de escabrosa leitura, certamente. Tanto a fórma como a materia em que se acham elaborados demandam ao leitor uma preparação historica e uma disposição mental que raro se encontram hoje. No emtanto, esses livros estão, seguramente, sem prejuizo das outras obras do auctor, destinados a uma carreira inesquecivel pelos seculos fóra. São livros immortaes a que a posteridade fará justiça, porque os ennobrece e valorisa um ardente amor da pátria portugueza.» [1]

---

[1] Jacob, *Correio do Norte*, n.º 45 — 1.º anno — Porto, (22 IX-906).

*

Transcrevemos da *Revista do Norte* (Maranhão), n.º 19, o seguinte trecho da correspondencia litteraria de Mayer Garção, sobre o apparecimento d'este poema:

«O facto da commemoração anniversaria da morte de Antonio Nobre, com as *Despedidas,* me ter levado a destacar a publicação d'esse livro de versos derradeiros, impediu-me de dar esse destaque a uma obra de alto valor, que representa a iniciação de mais uma admiravel empreza por parte do grande homem de lettras, que é Thoophilo Braga.

Refiro-me a *Os Doze de Inglaterra,* com que Theophilo acaba de começar a epopêa da *Alma Portugueza.*

O episodio dos *Lusiadas* que trata da expedição cavalheiresca de Magriço e dos seus intrepidos companheiros é universalmente conhecido. Quizera-o já desenvolver Garrett n'um poema, mas não levou a cabo a generosa intenção. Realisou-a agora Theophilo Braga e a sua concepção é ainda mais vasta do que a do grande romantico. Symbolisando nos cavalleiros portuguezes, que vão defender as damas do Duque de Lencastre o caracter amoroso e cavalheiresco da raça, extrae d'esse amor, d'esse espirito de cavalleria andante, o typo nacional de um Povo, que pelo caminho heroico da Aventura realisou a conquista de um ideal humano e abriu as portas á Civilisação moderna, na dilatação de novos mundos para a expansão universalista.

O poema é feito em verso de varios metros, e constitue um altissimo trabalho historico e litterario, como todos os que sáem da penna do illustre escriptor. E' o quadro de uma época, com os seus costumes, as suas lendas, os seus romances de uma

admiravel ingenuidade anciosa e trabalhadora. Nos saráos da côrte de Londres, como nos paços de Cintra, e na romaria através de Hespanha e França de Magriço, esses cantos de um ideal satisfeito surgem matisando a narrativa heroica, como flores de uma poetica belleza. Percival diz a sua anciedade, o *Graal* relampeja no seu mysterio, Lohengrin assoma na sua barca de ouro, a *Ala dos Namorados* avança a sorrir nos combates, Amadis desembainha a espada, Roland chega emfim aos labios o seu *Oliphant,* e a branca andorinha do Calvario arranca com delicadezas de mãe, os espinhos da fronte do Sonhador crucificado.» [1]

*

«Ha annos, ao fallar do esplendido livro *Theophilo Braga e a sua Obra*, de Teixeira Bastos, dizia o critico portuguez *Nicoláo Florentino* (Antonio Maria de Freitas) que Theophilo era para uns o seu poeta, para outros o seu critico, para aquell'outros o seu pedagogista, para estes o seu historiador, para aquelles o seu philosopho, para um grande numero emfim, o seu publicista (doutrinario politico). E realmente assim é. Para nós, porém, Theophilo Braga é *tudo* porque consubstancia um systema completo, desde a Belletristica, pela sciencia e pela Philosophia até á Politica. E como base do grandioso edificio dos conhecimentos humanos, só nos faltaria que Theophilo á semelhança de Leonardo de Vinci, se nos revelasse tambem nos dominios da Arte pura — Musica, Pintura, Esculptura, Architectura. Pasmarão muitos, entretanto, se lhes dissermos que o Mestre

---

[1] *O Norte,* n.º 761. (III anno, 5-VII-902.) Porto.

é um magnifico desenhista, que conhece profundamente a arte de Beethoven e que os pintores portuguezes muitissimo lucrariam, se executassem themas que Theophilo lhes suscitasse — motivos esse originalissimos transbordantes de belleza e de portuguezismo. Em artes manuaes é tambem typographo — e, quando tinham vida os seus encantadores filhinhos, carpinteirava os seus brinquedos infantis.

Raciocinam alguns soberbos patetas que um homem só pode ser superior n'uma especialidade. Não reflectem esses dizedores se esses vultos malleaveis são dilettantes, e por tanto borboleteam ou se se devotam a todas as questões com o mesmo fervor, dando-lhes todo o seu sangue, toda a sua alma, consagrando-lhes o summo da sua vida, n'uma absorpção exclusiva, absoluta. Ora Theophilo é uma d'estas personalidades singulares, um *Eu* formidavel. Trabalha pela Familia, pela Patria e pela Humanidade; olhos fitos na posteridade, sorrindo aos desvarios da impotencia e ás sentenças recriminatorias dos que no cerebro apenas sentem latejar uns globulos mirrados, que percebem sómente uma parte minima das cousas humanas.

Assim é que estes espiritosinhos admittem em Theophilo um critico magistral e um historiador *hors ligne*. Mas reputam-o *atrazado* em philosophia, por se filiar no Positivismo, cujas leis tem comprovado com as descobertas scientificas hodiernas. E chegam a não tolerar que um scientista da sua estatura possa mostrar-se um relumbrante belletrista. Não crêem n'esta plasticidade. E por isso, dispensam-se de o lêr. Foi para esses, de tino fechado, que se escreveram n'*As modernas Ideias na litteratura portugueza*, 1.º vol., pags. 324, a proposito de Balzac, as seguintes palavras: — «Ha certos precon-

ceitos entre o vulgo, que a critica de má-fé aproveita, para deprimir irremediavelmente aquelle contra quem se arma. Se um talento, que na pintura se revelou pela paizagem, vier a tratar um assumpto historico magistralmente, não faltará quem lhe grite: não é aquelle o seu genero. Se se revela um lyrico, e o lyrismo não exclue o conhecimento do direito ou da historia, ao manifestar-se superiormente em qualquer d'estas sciencias, bradam-lhe logo: está deslocado. Quando concedem um pouco de talento para uma cousa é com exclusão absoluta de tudo o mais.» Que perfurante psychologia da critiquice luso brasileira!...

N'este rumo surgem os pernosticos, que não tragam a incongruencia de um pensador ser poeta. Poesia, para elles, é rimar quatro cousinhas innocentes a varias Ellas, cantar o pallôr da Lua, chorar tristuras sobre as mansas aguas d'um riacho lacrimejante e saudoso... Não comprehendem, dos rumores do universo, senão o rumôr das saias de Elvira, no dizer zombeteiro do Eça.

Spencer na *Educação* pensa:

— «E agora não deixaremos de observar o seguinte facto capital: a sciencia, não só dirige a esculptura, a pintura, a musica, a poesia, mas ella propria é poetica. *A opinião, geralmente em voga, de que a sciencia e a poesia são oppostas é um erro.*

Mas o que não é verdade é que os factos da sciencia sejam oppostos á poesia, e que a cultura scientifica seja necessariamente inimiga do exercicio da imaginação e do amor do Bello. Bem pelo contrario, a sciencia abre horisontes novos á poesia, onde só existe o vago para os que ignoram.»

O notavel pensador dos *Primeiros Principios*, n'isto como no resto, não faz mais do que ampliar Comte, que prophetisou e encaminhou a alliança

da poesia com a philosophia. Porque a verdade é que, sem esta, aquella é um divertido *brinco de imaginação,* confórme chama á arte o sr. Sylvio Romero. Bem sabemos que para compôr poesia philosophica é necessario uma vasta cultura. Nem sem ella Theophilo faria a *Visão dos Tempos*, nem sem largos conhecimentos theologicos Dante ergueria a *Divina Comedia*. E não ignoramos tambem que os nossos poetas, portuguezes e brasileiros, na sua maioria, são inaccessiveis a semelhante regimen de instrucção. Por esta elementar attenuante é que Guerra Junqueiro ficará sem repercussão, devido á incolor significação da sua Obra.

Na poesia de Theophilo ha talvez falta de qualidades oratorias, mas não de qualidades propriamente poeticas. Este conceito, applicado por Brunetière a Sully-Prudhomme, reverte com exacção para o auctor da *Visão dos Tempos*. Poderá porventura pensar de mais e sentir de menos. Mas acaso pensar na evolução colossal da Humanidade não será sentir toda essa enorme agitação, todo esse marulhar infindavel das sociedades e das religiões, dos continentes e dos oceanos, das instituições temporaes e das revoluções espirituaes, da espada e da bigorna? Ou Brunetière, e com elle os mais criticantes, entendem que por sentimento só devemos encarar aquillo que adhere e refere a mulher?!...

Theophilo, elaborando aos 58 annos *Os Doze de Inglaterra,* e concluindo a *Visão dos Tempos* aos 52, a edade em que se alevantam as obras primas, demonstra-nos que entrou no apogeu da gloria. Os sete volumes que formarão *a Alma Portugueza*, — accrescentarão o seu luzente diadema de poeta e evidenciarão o seu poder no poema em prosa (*Viriatho)* e nos dramas *(Frei Gil de Santarem, a*

Linda Ignez, Gomes Freire). Com quanta mais rasão não diria Schlegell, hoje, como exclamou sobre Camões — Theophilo é uma litteratura inteira!

N'*Os Doze de Inglaterra*, a par de uma erudição incomparavel, que se palpa nos menores detalhes e nos cantos em linguagem antiga, admira se um garbo extrêmo no manejo do verso, uma elegancia de que ficam distantes Basilio da Gama, Filinto e Garrett, os que melhor trataram o verso branco, por certo o mais difficil, ainda que seja o menos agradavel aos ouvidos sonorosos dos peralvilhos do retaplan moderno. Bouheller, o chefe da recente escola naturista, apregôa o regresso a esta poesia, elegendo-a como a mais digna de retratar o pensamento contemporaneo, sem forçar o idealisador á estulta compressão da rima, que raramente permitte composições de folego.

N'este poema, como na *Visão dos Tempos*, Theophilo é inconfundivel. «Na sua poesia tão pessoal não ha uma unica sombra de fatuidade poetica, nenhuma ostentação da sua pessoa, traço algum de dandismo, nem de byronismo, nem de romantismo. A submissão do poeta ao seu assumpto é inteira, tão inteira que tem algo de tocante.» Este juizo é de Brunetière ácerca de Sully-Prudhomme o laureado academico francez, actualmente o poeta europeu com quem Theophilo tem mais pontos de contacto. E ninguem dirá que elle não assenta maravilhosamente em toda a Obra belletristica genial do chefe da litteratura da lingua portugueza.

Os Doze de Inglaterra, vêm ainda n'um plano salutarissimo alentar o *nacionalismo* lusiada. Viu esta feição criteriosamente o joven sr. Fernandes Agudo, que acaba de redigir um folheto de 124 paginas — *Theophilo Braga e a Alma Portugueza.*

Diz este môço com justiça: — «Theophilo Braga sahiu-me o nosso maior poeta da actualidade.» [1]

*
* *

Extractamos d'esse opusculo de critica aos *Doze de Inglaterra* os trechos que dão uma ideia nitida do poema:

«Li estas trezentas paginas em quatro horas. Devorei, não li. Não me foi possivel descançar um momento antes de chegar ao fim. Surprehendentes, estupendas, impressionantes estas scenas todas!

Eu esperava outra cousa de Theophilo Braga — palavra de honra! Esperava versos de um philosophismo transcendente, profundo — mas pezado, retumbante, cahindo ás vezes no doutrinarismo positivo e forte, sem o chiste vibratil que os realmente poetas sabem intercalar nas grandes scenas da emoção; porém, o meu espanto começou no *Proemio*, redobrou na *Invocação*, e á medida que fui avançando no movimento da acção, foi-me esta admiração, esta suggestão verdadeiramente bella, atacando a alma, despertando o coração, e quanto mais me fui entranhando na leitura do livro, mais este arrebate de sentidos e de prazer foi tomando posse de mim, e eu posso dizer que cheguei a ser embalado n'aquella harmonia de sons e cadencia de linguagem magnifica... Theophilo Braga sahiu-me o nosso maior poeta da actualidade, o homem que melhor soube combinar a reacção no sentimento na-

[1] Fran-Paxeco. — *Revista do Norte* (Maranhão); *Jornal de Recife*, 18-IX-1902. (Pernambuco.)

cional, e ainda aquelle que, em si, soube achar a nota da nossa emoção patriotica, cheia de vida e de amor. E' um lyrico, e é um épico, ao mesmo tempo que um narrativo inegualavel! —

Mas ainda não fica aqui: porque brevemente começámos a achar novos conceitos moraes, novas incisões na nossa vida passada, inteiramente applicaveis ao nosso estado presente...

Ha aqui a nossa patria, que Theophilo Braga quiz encarnar no seu ideal, imprimindo-lhe amor, e incutindo-lhe coragem. Ha aqui a sublimidade épica, que elle soube arrancar do povo lusitano, desnudando-lhe a intelligencia, para nos mostrar que desde tempos remotos nós nos assignalámos, — pois que ao lado do valor heroico e da coragem, possuimos a inspiração intellectual e o valor moral — muito acima das outras nações.

Porém, quando chega a esta altura, o grande poeta, encarando com a vertigem arruinadora da nossa actual decadencia, parece sentir um ataque de revolta e quer dar-lhe um impulso, para a sustêr, — bem traduzido d'esta fórma:

N'este tremendo e funebre momento
Em que um povo deslisa para a vala,
E apathico se cala,
Sem ter a consciencia do seu fim,
Quem pudesse vibrar o sentimento
Das harpas de Taliésin, de Aneurin!
Quando do paroxismo a hora avança,
N'um hausto de ideal dar-lhe esperança.

Isto é alma, é vida, é amor...

Como poeta patriota e sentimental, Theophilo Braga conseguiu pôr-se ao lado de Garrett, e exceder a todos os outros que a historia litteraria regista como grandes talentos.

Agora: que caso é este dos *Doze de Inglaterra?*... E' tambem Theophilo Braga que nol-o diz, com uma fina verosimilhança historica:

Com o Tratado que assegura firme,
Foi tambem assignado o casamento
Do joven rei Ricardo de Inglaterra
Com Isabel, princeza infantil, filha
Do rei de França.
A benção do Arcebispo
De Cantorbéry em Calais os une.

Já na Sala estrellada o Rei sentado
No sólio está, da côrte recebendo
Mil felicitações dos Duques, Condes,
Das gentis Damas. Bem feliz regresso!
Entre os presentes, notam-se os dois tios
Do soberano, o Duque de Gocéster,
E o de Lencastre, a quem sorrindo abraça
Com effusão: á côrte participa
Do casamento a venturosa nova.

Entre applausos, malicioso exclama
N'um francez culto, usual em toda a côrte,
Desde a conquista antiga dos Normandos,
O Duque de Glocéster:
— Senhor! déstes
Frisante exemplo de prudencia e tino,
Desposando a Princeza de sete annos,
Na edade toda de pureza estreme!
Ah, por certo, esse meio é o mais seguro
De colher uma flôr incomparavel,
A edénica flôr da virgindade,
Em época como esta, quando as Damas
Da mais alta linhagem fazem gala
De delirante e audaz desenvoltura,
Tornando-nos odiosos os costumes
Da outr'ora celebrada Côrte ingleza.

Logo o Duque de York, de atrevido
Solta um remoque sobre o mesmo assumpto;

— Tambem os casamentos prematuros
Vantagens trazem; dão ás vezes tempo
De se fazerem dois ou mais divorcios,
Succedendo-se em séries os maridos.

O Rei sorriu-se, e alguns dos cavalleiros.
Certas Damas córaram despeitadas...

Porém o despeito das damas não ficou sómente no rubor das faces. O vexame, o insulto, era flagrante, para que a bisarria dos seus pergaminhos se curvasse perante tamanha ousadia! Veiu o odio, veiu o desespêro — e a seguir o protesto.

Protestaram as damas, que eram muitas e de alta nobreza, perante o Rei, que era testemunha da real licenciosidade e *desenvoltura* dos seus corrompidos costumes. Que fazer n'estas alturas? Qual o appêllo da realissima soberania? Elle que estava conscio da verdade insultuosa dos cavalleiros?...

O tribunal da Historia incorruptivel
Sentenceia severo e com clareza.

Abriram a historia. E, como que em pleno consistorio, — onde rei, damas, nobreza e cavalleiros, tudo era presente, — o Conde de Arundel lê:

= Das mais altas linhagens, as Senhoras
Alarde fazem de desenvoltura!
Vestidas de homem, trajam com donaire
Cotas de seda com variadas côres;
Com cintos de ouro; levam na cabeça
Longos capuzes, que com garbo enrolam
Em fórma de turbante, andando armadas
De punhaes ponteagudos. Sofreando
Indomitos cavallos, imprevistas
Aventuras no seu capricho correm
Essas Damas inglezas, que acompanham,
Taes como ellas, mancebos desregrados...
Os matrimoniaes laços dissolvendo. =

Pára o leitor na vertigem do escandalo. Era o momento decisivo e a perplexidade unanime. As damas querem um desaggravo. O rei consulta os cavalleiros e estes apontam para o livro: era a formal confirmação das suas palavras de ha pouco, e o solemne *veredictum* nas suas convicções pela alta desmoralisação da nobreza feminina de Inglaterra.

Estava, pois, aberto o protesto, e as damas precisavam de desaffrontar-se. E' aqui que começa a acção do poema.

Theophilo Braga soube deixar-nos vêr bem todas as scenas com uma precisão e vernaculidade extremas, com um encanto e suavidade mysteriosos. Vê-se ali a disposição e a coordenação de factos que nós não estavamos acostumados a saborear, nem a possuir — porque ali ha uma linguagem toda nossa, toda filha da nossa acuidade lusitana, perfeitamente acommodada a qualquer côrte d'aquelle tempo... Ha um *quid* que o critico, por mais perspicaz, não classifica á primeira vista sem se sentir coacto, perplexo e admirado por tamanha incisão philosophica, acompanhada de uma tão alta brandura de sentimentos, e de homogeneidade ideal!

Vêde como elle nos mostrou o *Aggravo das Damas*, por uma fórma em que resalta o melindre feminino, ao mesmo tempo que destaca o orgulho da cavallaria insultuosa — a principal causadora do aggravo!...

Mas, quando as faz entrar nos paços de Saboya, e se trata de escolher quem possa tomar a peito o desaggravo d'essas damas offendidas no seu pundonor fidalgo, é então que o poeta por um conhecimento quasi universal do estado dos paizes, faz sobresahir Portugal á altura do seu valor, como o unico em Honra e Brios, Valor e Coragem, capaz

de desaffrontar uma infamia — seja ella passada a dentro do reino mais forte e poderoso!

O grande poeta conhece o seu paiz e por isso o ama: d'esse amor são filhas as seguintes estrophes immorredouras nos annaes da nossa crença invicta. E' quasi como em um genio de revolta que nos faz sentir esta sua passagem do lyrismo para o epico-narrativo:

Conheceis Portugal! N'aquella terra
Morrem de amor ainda os Cavalleiros;
E vós sabeis como o amor é sempre
Vivo estimulo do Valor e da Honra!
Foi pelo amor, que um grupo de mancebos
A *Ala dos Namorados* constituindo,
Jurou salvar a Patria portugueza
Ante a invasão das hostes de Castella!
O heroico Amor centuplicou-lhe as forças;
Triumpharam na victoria incomparavel
No campo e matagaes de Aljubarrota.

Vê-se por aqui que Theophilo Braga, o grande poeta, deseja fazer reviver no nosso espirito esta heroicidade movida pelo amor que nos dá arrancos de força nas luctas da vida e das restaurações nacionaes.

E' este amor que, identificando-se com a alma da nação, nos fará vibrar prodigios imprevistos, e sobretudo saldar victorias de que sômos capazes. Vendo o descalabro de toda esta nossa corrente politica, quer insufflar-nos o amor da patria, pela historia gloriosa dos nossos passados, para vêr se, com este impulso, sustemos Portugal na sua voragem!

Theophilo Braga, que segue no seu poema o ideal da Patria amada, fez tambem estas interrogações no ultimo canto:

O que é o Amor? que torna o Heroe forte;
Que ao Poeta dá a alta visão do Bello?
Que accalma a dôr, e vence mesmo a morte?
Que une as almas em secretissimo élo?
Não o sei n'este momento!
Explicae-me o ineffavel sentimento.

A Offterdingen, um dos personagens do *Entremez da Camara estrellada*, dá o poeta esta resposta bastante positiva e real:

Para mim, e por quanto eu entrevêjo
Na vida do Universo,
O Amor — é o Desejo!
Submette o Cáos revoltoso, adverso;
Funda a Ordem illeza
Na harmonia immanente á Natureza.

Porém, só por si, este qualificativo não caracterisava bastantemente a idéa do poeta: porque não é só aquillo o amor. Abélard, em uma das suas cartas, dissera a Heloisa: — «o amor crê no que teme... a sua grandeza encontra o fundamento de *piedade* na fraqueza humana.»

E é esta idéa que Theophilo addiciona pela resposta immediata de Eschenbach:

Para mim, ai! revela-m'o a existencia,
O Amor é a Piedade!
Conflagra-se a Materia com violencia;
Só a razão descobre a immanencia
Da latente unidade.

Pela Piedade a alma em nós se apura,
Sublima o soffrimento!
Lá do Monte Salvat no ethereo assento,
E' que existe do Amor a noção pura,
Ideal conhecimento.

. . . . . .

Reporta-nos depois o poeta, por uma natural e profunda philosophia á Dôr humana, ao soffrimento, ao espectaculo do universo, e então nós, n'um arranco de patriotismo que as palavras d'esse Percival fazem vibrar, sômos guindados á altura real do Amor, á causa principalissima da acção, e é n'este momento que a nossa intelligencia penetra, por uma intuição magnetica, n'essa nova phase que elle nos expõe, entre nós ainda sem precedentes. E' surprehendente e maravilhosa a fórma porque este thema alli se encontra tratado!

Porém vejamos ainda o effeito que essas vibrações emocionaes produzem na Humanidade. Vejamos ainda quão fundo perfura, a dentro do todo social, esta synthese ideal, symbolisada na palavra — Amor:

Do Universo n'esta horrorosa trâma
E interminavel lide,
Os que soffrem, a Dôr mais os divide
No grupo estranho — *Aquelle que não ama.*

Esse vae arrastado
Pela corrente cega
Por paixões e appetites dominado,
E toda a vida emprega
Sem outra luz ideal
Na sensualidade do animal,
Vaidade do talento,
Orgulho do Poder ou formosura;
Na riqueza, ou na gloria de um momento,
No odio do interesse...
Tudo por fim perece,
Arrojados á paz da sepultura!

O que não ama! — Esse entra e sáe da vida
Movido unicamente pelo espinho
Cravado no seu sêr
Do estimulo da cousa appetecida!

E a final no cansado desalento
Do illudido prazer,
A morte o elabora em seu cadinho,
Dá-lhe apaziguamento,
Sem que, aterrado, a possa comprehender.

Os outros são — *Os que amam!* Fazem esses
Do Amor o ideal da vida;
Amam o Bello, o Bem sem interesses;
Das emoções, deliciosas mésses,
A Dôr é supprimida!
O puro ideal os leva ao sacrificio,
E então a morte é-lhes da vida o inicio.

Esse Amor tem a expressão completa,
Se á condolencia a alma nos conduz;
A existencia da Dôr sempre repleta
Foge á fatalidade,
Aureolada de indefinida luz,
Pela emoção suave da Piedade,
Como a sentiram Budda e Jesus!

E' nossa mãe commum a Humanidade,
Em seu seio nos trouxe
Da civilisação á enorme altura!
Symbolo augusto e doce,
D'essa augustiada e ideal Maternidade
A Virgem-Mãe é sempre a imagem pura.

A Virgem-Mãe, trazendo nos seus braços
Esse votado ao sacrificio, o Filho,
Que na renuncia funda a Liberdade,
Com que célico brilho
Seu amor illumina os nossos passos,
Ensinando da condolencia o trilho!
Oh Mater Dolorosa! és a Piedade.

E d'esta forma o Amor vem-nos da Humanidade pelos preciosissimos veios da piedade, e insufla-nos a coragem e o valor. Pela *piedade* chegamos ao *desejo* de retribuir á humanidade a divida confraternal que nos une — e esta união harmonica — é o Amor.

Theophilo Braga, abordando este assumpto, e desenvolvendo um thema tão melindroso, imprimiu-lhe um caracter tão exclusivamente moderno, consentaneo e harmonico, perante as vistas de quem saiba avaliar a profundeza scientifica da sua exposição que, para nós, é isto uma das concretisações do Bello!

No seu livro, ainda sobre este ponto, destaca-se uma particularidade pouco vulgar — que propriamente os grandes philosophos não puderam attingir: vê-se que agarrou n'esta concepção ideologica e a accommodou justamente ao todo social, fazendo tocar todos os pontos sensiveis da emoção humana.

O reinado de D. João I, cortado de agitações e de passos tão decisivos para a historia futura de Portugal, foi por isso um d'aquelles que melhor se prestou á phantasia do povo, nas suas concepções grandiosas da aventura e do genio cavalheiresco. A evidencia quasi inesperada d'este principe, a preponderante hegemonia que em breve alcançou em todo o reino, as suas façanhas quasi milagrosas de feitos de armas, como o de Aljubarrota, que elle quiz attestar e perpetuar ás almas crentes n'essa soberba Batalha, confirmaram-lhe os direitos de um homem extraordinario que a plebe circumdou de outros tantos prodigios que deram origem ás muitas lendas. E, para ser completo o quadro, nem lhe faltou essa soberba aventura dos doze cavalleiros que, por um impulso de amor e brio, mar em fóra, lá vão assignalar um extraordinario duello, tão épicamente detalhado no livro de Theophilo Braga.

«Tem esta lenda cavalheiresca, diz-nos o poeta préviamente, a importancia de precisar o momento em que esse sentimento tem por objectivo a *ditosa Patria* amada, e em que a audacia aventureira se vae exercer nas Explorações maritimas pela costa

africana e Atlantico, até á realisação dos grandes descobrimentos da róta da India, do Brasil e da Circumducção do globo. Este momento em que o vago impulso tenta exercer-se em uma acção historica, fica accentuado nos *Doze de Inglaterra.*» Porém n'este poema, o poeta conseguiu propriamente dar-nos o que nem Camões soube distinguir. Porque, intercalando em toda a acção da obra, a par dos factos da historia épica, soberbas lendas, inteiramente phantasticas, como a do *Percival errante*, o *Perdão de Lohengrin,* soube destacal-as na bocca dos proprios personagens com uma precisão que se não confunde com a historia, e muito menos ainda com as exclusivamente portuguezas como *a Ala dos Namorados,* o *Crisauto do Amadis* e o *Amor e Morte.* Camões não fez d'isto: pois que, ou seja na preponderancia que faz exercer pelos deuses no movimento da sua acção, ou seja na narração épico-historica dos acontecimentos, elle quasi que confunde o verdadeiro com o falso e a phantasia com a historia. Ainda n'este ponto Theophilo Braga foi mais perfeito que Almeida Garrett, porque, quando este reuniu as lendas populares portuguezas, desmembrou-as da época historica a que pertencem, deixando-as por assim dizer isoladas, o que não acontece nos *Doze de Inglaterra,* em que as vêmos reportadas á sua data propria.

Theophilo Braga parece ter ainda, na execução do seu plano, obedecido a um segundo principio: — julgando, talvez, que, sem ellas, o poema ficaria desmerecido de vida e sentimento, intercalou-as, para suavisar. Não ficava; com ellas, o poema tem mais alma, e maior corroboração do sentimento artistico — sómente.

Quando em 1898 o illustre litterato publicou o seu *Gil Vicente*, disse-nos em uma das suas pagi-

nas: — «Por uma clara comprehensão dos phenomenos sociaes e das fórmas de cada civilisação se adquire o criterio para bem avaliar as manifestações do genio esthetico, em qualquer arte ou litteratura.» Nos *Doze de Inglaterra* continuou o seu plano. Obedecendo aos phenomenos psychologicos da época a que se reporta o seu poema, o poeta arrancou d'ahi essa visão sublime do futuro.

As lendas evocadas nos *Doze de Inglaterra* são, pois, uma innovação utilissima que todos nós devemos acatar como a crença do nosso heroismo e amor patrio.

Embora Theophilo Braga, para as agrupar, tivesse algumas vezes de arrostar com o pesonagem por verêdas tortuosas e difficeis, como succede ás apontadas no trajecto do *voto do Magriço*, nada isso influe na belleza e perfeição do poema. Assim nós vêmos Alvaro Gonçalves seguir por terra para Guadalupe. Aqui nós ficamos conhecendo a existencia do tumulo de Diniz de Castro, cujo odio pelo Mestre de Aviz, o irmão d'esse principe morto, claramente manifesta ao cavalleiro portuguez. D'aqui o Magriço é transportado ao Porto; sem duvida, o poeta dirigiu para ali o personagem para, por sua vez, nos contar a lenda d'essa martyr emparedada, que o viajante depois encontra na *Bella Portugueza*. D'ali, pela impossibilidade metaphorica do embarque, e por uma coincidencia estranha, é levado ás Cóvas de Salamanca, tão celebres ainda hoje, na alma popular das nossas provincias. O poeta vae-nos narrando tudo isto com uma inspiração sublime e encantadora. Segue-se-lhe depois Compostella, Paris, e, n'uma parte e n'outra, é, ou a lenda de Santhiago, por quem os nossos bradaram em Aljubarrota, ou os cantos religiosos de França, que se traduzem perfeitamente no *Calix iste*, no *Osculo*

da traição, na *Lenda da andorinha*, no *Barizel,* o seu grande arranco de visão humana e da psychologia. Perdôa-se perfeitamente a incoherencia de uma viagem, varias vezes cortada em direcções differentes pela harmonia de conceito que ella nos traz, e pela vastidão de principios que encerra.

Ainda aqui Theophilo Braga foi um grande poeta: porque, sem sacrificar a historia á arte e á comprehensão esthetica, soube por uma simples tergiversação de itinerario, alliar o Bello ao Sublime, e a Phantasia ao Facto.

A lenda, pois, no seu livro é uma das modernas fórmas da poesia, que, pela disposição em que se encontra, é uma nova fórma de conceber.

A sua importancia, para o estudo psychologico de um povo no aproveitamento das suas ficções e mythos, já elle nol-a mostrára e demonstrára n'aquella sua outra obra *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições.*

Nos doze cantos que compõem o seu poema não ha uma unica linha em que se não denuncie uma alma exclusivamente socegada e tranquilla, seguindo ininterruptamente o seu ideal — que é o ideal da regeneração moderna, refundido no tributo que todos devem á Patria.

O que são os *Doze de Inglaterra,* afinal de contas? Qual é o thema propriamente exclusivo d'esta obra? — Lida ella, elle resalta logo á vista. Um tratado de *fiel alliada* que era preciso fazer-se entre a nossa nação e a de Inglaterra, mas qua era preciso tambem encobrir-se e occultar-se aos olhos das outras nações europêas e ao povo com algum facto estupendo e desusado, o qual lhes não deixasse perceber as intenções de D. João I e Ricardo II, estava premeditado. Esse facto foram as simuladas justas d'estes doze cavalleiros que entre pompas e

festas sahiam do porto de Lisboa a desaggravar a honra de melindrosas damas da côrte de Inglaterra. Nada mais simples.

> Que habil estratagema! Emquanto sôa
> Pelo mundo o insólito alvorôço
> Da Expedição dos bravos Cavalleiros,
> Que vão desaggravar da Côrte ingleza
> As gentis damas, por formal convite,
> A Hespanha, a França e a Escossia ignoram
> Esta partida dos Embaixadores,
> E interesses que as duas Côrtes tratam!
> Até mesmo os Chronistas abastantes
> D'esse Tratado ignorarão a letra.
> Presentimentos da Diplomacia...

E isto bastou para ser revestido das mais soberbas e desencontradas lendas que agora vêmos reproduzidas com maestria e superioridade esthetica. Era preciso que aqui, ou em Inglaterra, os embaixadores que vinham assignar o tratado, passassem desapercebidamente por entre o povo exaltado. Era preciso que D. João I, ou o rei Ricardo, reconcentrados e adentro do gabinete com os ministros, pudessem combinar e assignar á vontade, sem ser notado ou comprehendido o seu intento. E conseguiram-no: porque aqui ou lá, o povo embrenhado e embriagado na folia — que hoje, como então, o despreoccupa e lhe absorve a attenção — não queria saber nem vêr outra coisa mais do que o resultado honroso que d'esse impressionante duello, lhe podia advir para os seus brios de lusitano ou de saxão. Dos perniciosos resultados de tal embuste, teve o cavalleiro João Pereira da Cunha — um dos doze, — inteira visão, quando, em pleno banquete — que o poeta nos narra no canto XI, — pespega com uma taça, em cheio, na cara de Austin, um dos amigos intimos do monarcha inglez, sómente porque este

cortezão ousou interrompel-o no momento em que o nosso ia erguer o seu *gab*. Vê-se n'esta accção a coragem de um lusitano que se sente ludibriado nas suas intenções sagradas.

As palavras, que o poeta pôz na bocca de Austin, no momento em que Pereira da Cunha se erguia, são estas:

— «Para que te cansar mais, Cavalleiro!
Esses feitos, que ambicionado tendes,
Se realisados fôrem, certamente
A Portugal darão fumos de gloria;
Será tudo em proveito de Inglaterra!
De Inglaterra. da qual é feudatario,
Servindo-a com galés em guerra armadas
Dez, e por mezes seis consecutivos,
E defendendo-lhe a Corôa ingleza
De ameaças de Castella — a independencia.» —

Este era o tratado que o nosso cavalleiro ignorava. E, por certo, como a todo o bom portuguez, uma revolta intima isto lhe produziu, — o que bem significativamente traduzia, arremessando-lhe a taça á cara, para lhe mostrar que o povo portuguez não respeita tratados, desde que elles venham aviltar o caracter da Patria!

Porém Theophilo Braga n'estes doze cantos soube imprimir-lhe um tom que quasi não fere estas notas senão por accidente, sendo comtudo este o teclado do poema. Seguiu exactamente no seu elenco o que, vagamente, se sabe ter-se passado no tempo do Mestre de Avis; quer dizer: assim como D. João I, para assignar aquelle tratado com o Rei de Inglaterra soube afastar d'ahi as vistas do povo, distrahindo-o com festas, danças, e outras cousas impressionantes, assim tambem Theophilo foi retirando da plataforma da sua obra a idéa principal, introduzindo o leitor em todos os salões aonde havia di-

vertimentos, recitações, entremezes, aproveitando, para isso, todas as lendas da época, verdadeiras sublimidades artisticas, e deixando-nos a furto, como que descuidadosamente, vêr as poucas vergonhas da politica, nas suas cavillações para com o povo. Isto é de uma grandiosidade de conceito, e de uma altura de vistas, que confunde o bom critico e o melhor patriota.

Assim no primeiro, no segundo, e no terceiro cantos encontramo-nos nos paços de Saboya, e ahi vêmos desenrolar-se o germen que, metamorphoseando-se em um *aggravo* pouco coherente, veiu a dar no canto quarto a *Mensagem ducal* — que tinha por fim a *santa alliança* — toda rodeada de pretextos e de embustes, bem visiveis no canto quinto, passado na *Sala das Pêgas,* em Cintra, onde o rei D. João, depois de assignado secretamente o tratado em Lisboa, chega com o embaixador de Inglaterra para fingir que tambem quer assistir. No canto sexto ha o *Festival da Partida* dos cavalleiros para o torneio, todo revestido de jograes, cantilenas, danças e outras festanças para entretêr e para confundir bem mais a intenção da embaixada. Vêm depois os cantos setimo e oitavo, e esses aproveita-os o poeta para nos descrever e contar as lendas do tempo. No nono já os vêmos na côrte ingleza, onde tudo anda azafamado, em preparativos de festa, emquanto os nossos embaixadores, com o Rei de Inglaterra, confirmam o que já D. João I tinha assignado. No canto decimo apparece-nos o *Torneio*, em que mais uma vez os nossos se assignalam; e no undecimo os *Gabs do Banquete,* que tão tragicamente finalisa pelo vehemente protesto de Pereira da Cunha, que fez da cara de Austin o que nós deviamos ter feito muitas vezes dos esponjosos esmaltes da corôa ingleza. No duodecimo levanta o poeta as suas vistas

para a *Empreza tingitana*, as quaes baixa depois, em epilogo, sobre o *crepusculo da Historia*, que concretisa nas nossas futuras Descobertas.

E' um elenco sublime, da força do qual nós não possuiamos em lingua portugueza.

Mas duas cousas ainda me ferem emocionalmente para que não finalisemos, sem sobre ellas nos revelarmos: — a vibratilidade delicada, sensitiva, verdadeiramente lyrica, dedicada ás damas d'aquelle tempo, e o appêllo ultimo á Patria nos seus extremos de seducção que a podem submergir.

Destacam-se n'este sentido quadros de uma imagem puramente bella, cheios de um ideal magistralmente esboçado e digno de reparo.

Em Cintra, por exemplo, depois que os nomes dos cavalleiros que haviam ir ao torneio foram tirados á sorte, vêmos essas damas esbeltas, gentis, com a graça das boninas, o perfume das rosas, a meiguice e o amor das açucenas, todas entretidas na escôlha de phrases que haviam de distinguir tão fogosos môços que assim a fortuna fadara para defeza do seu sexo. Diz-nos o poeta:

Passou-se o dia discorrendo á solta
Nos amenos jardins que o paço cercam,
Cantando e rindo, emquanto estão as damas
Rocolhidas, sollícitas, compondo
As graciosas *Divisas*, que hãode á noite
Caber em sorte a cada cavalleiro.
Que intenções maliciosas! que mysterios,
Que prenuncios fatidicos encerram
Essas phrases concisas, sibyllinas!
São as doze Divisas extrahidas
Dos poemas francezes mais selectos,
Mais lidos pelas Damas.

Porém se de Cintra passâmos para a Côrte ingleza, ahi a imaginação do poeta, sempre fertil e gra-

ciosa, nos acompanha em todas as narrativas da sua acção. E' ainda sobre a escôlha das divisas, que em Inglaterra devem caber a cada uma das aggravadas damas, para assim estas saberem qual o cavalleiro defensor da sua honra, que as vêmos correr para junto do Rei e

Como um bando de pombas sobre o campo
Recem-semeado, as Damas gentis chegam,
Pressurosas, contentes, perturbadas,
E as Divisas da mão do Rei recebem.

Vê-se então essa magnifica acção em que cada dama se revê no cavalleiro que traz comsigo o mesmo symbolico distinctivo.

Mas se d'aqui ainda passamos ás amarguras da linda Ethwalda, a quem coube a divisa do Magriço, — que foi por terra, e portanto ainda não estava n'aquelle momento, — vêmol-a na capella, prostrada de joelhos na frente do altar, exclamando em transportes de afflicção:

«Virgem! Mãe da piedade,
Da sorte a iniquidade
Que a tua mão suste-a!
Sem quebra da pureza
Da minha mocidade,
Agora esta incerteza
Mata-me em tanta angustia!
Acode á que delira;
Contra mim a mentira
Não seja triumphante!
A dôr é sem limite,
Succumbo a esta dôr;
Ah! piedosa, permitte,
Salvar-me em breve instante
Venha o meu Defensor...»

E' sempre de um encanto suavissimo a sua poesia, revestida de uma tenuidade infinda que nos ar-

rebata. As damas são em todo o poema tratadas com uma delicadeza extrema.

De graça, de maviosidade, de encanto e sobretudo de amor, são repletas as suas paginas quando toca n'aquelle sexo. — Se bem que, o poeta, no comêço, ou por outra no primeiro e segundo cantos, nos deixa vêr claramente a dissolução ingenita das côrtes — quer aqui, quer lá.

Uma outra emoção que nos fica depois da leitura d'esta obra é uma especie de appêllo á Patria, que o poeta reproduz n'um brado intimo, como que gemendo pelas desgraças advindas da nossa inepcia que, por ventura, possamos deixar alastrar:

Ai, se este Povo, que o passado affronta
E a verêdas incognitas se arroja,
Se com o ouro defronta,
E na abjecção se roja!
Toda essa valentia e tanto heroismo,
Todo o vigor moral que ao tempo imprime,
Baquearão no desdoiro,
De que não se redime;
Se em vez do Amor da Patria, que sentia
E lhe dava a humana hegemonia,
Deixa absorver-se por venal Thesouro...

Esta ultima tirada do poema, deixa-nos como que assim bem entranhada a idéa da restauração que todos nós devemos envidar pelo combate, pela critica, pela acção, pelo livro ou mesmo pela politica. Ha aqui um sentimento patriotico que nos anima e conforta e nos alenta ao trabalho e á vida em pról da causa santa de Portugal, Sustêl-o na sua vertigem, arrancal-o da voragem, sobpôr-lhe um dique na corrente, irmos nós proprios ao seu encontro, pugnando, debatendo, esforçando até vencer os sustos do poeta — actualmente bem fundados — é o dever dos que escrevem e dos que estudam.

O poema de Theophilo Braga, cujo parecer aqui levemente esboçamos, é a obra poetica mais grandiosa que nos ultimos tempos se tem produzido no continente europeu. A sua acção, como vimos, é magestosa e imponente, soberba e divina; em frente d'ella, o bom discipulo, ainda que mediocre enthusiasta, mal póde calar o que n'alma lhe actua de sentimento, para não dizer bem alto da justiça da obra. Mas não é só o discipulo que admira e venera o mestre — que muito bem póde cahir no defeito da parcialidade — que assim avalia e reproduz; são com elle os frios e rigidos observadores, directores da critica e abalisadas auctoridades que com elle bradam, e que com elle o communicam. E' a imprensa brasileira e a imprensa portugueza que se unem para tecer em grinalda a corôa que, de justiça, se deve tributar, como apotheose de gloria, ao arrojadissimo auctor dos *Doze de Inglaterra*. E' emfim todo o que leu este poema com interesse patrio e imparcialidade critica, que envia protestos de louvor ao engenho e talento que presidiram á producção da obra.

O Peito Lusitano — Rhapsodias cyclicas da Navegação

Apenas estão publicados alguns poemetos: *O Mar Tenebroso,* por occasião do centenario do Infante D. Henrique; *O Velho do Restello* e o *Baptismo das Náos*, quando se celebrou o quarto centenario do descobrimento da róta maritima da India; e *Mais Mundos!* consagrando o centenario da descoberta do Brasil.

Do *Velho do Restello* escreveu o Dr. Emilio Teza, da Universidade de Padua:

«Vasco da Gama teve por duas vezes o louvor

da bocca dos principes, de D. Manuel, o Venturoso, e de Luiz de Camões, o desgraçado. Em qual das vozes sôou mais longe no espaço e no tempo? Quando no Livro da Nação se narram os festas e as esperanças do forte conquistador, pintou o poeta, junto da capella de Nossa Senhora do Restello, um Velho, que meneando a cabeça com tristeza prorompia n'estas palavras de ira, de prudencia e de dôr:

> Oh frandulento gosto que se atiça
> C'uma aura popular, que honra se chama!
> (IV, 95.)

Passados quatro seculos, na viva e animada phantasia, Theophilo Braga evoca esse antigo vidente, interroga-o, sente-o, interpreta-o; eis aqui um poemeto, de poucas cutavas, em que mais do que o hymno de guerra e triumpho, d'entre os homens do seculo XV, um juiz falla com a face voltada para o XIX seculo.

Estamos em setembro de 1499. Convidado pelo seu Rei, sáe da Náo o heroe, de barba intonsa, vestes luctuosas e no coração a dôr pelo irmão que perdera; porém aureolado pelos alegres olhares que sobre elle incidem, pela nova gloria da sua terra; sacerdotes e fidalgos a acclamal-o, o povo a bemdizel-o, indo ao lado de D. Manuel para o Paço da Alcáçova. Comtudo por toda a parte agita-se e corre ancioso aquelle Velho, que ao primeiro sarpar da Armada tinha já enchido os áres com sombrios presentimentos. Não ficará agora satisfeito, observando o triumpho? As páreas dos principes indianos, scrinios de manilhas, anneis e grossas pérolas e innumeraveis gemmas? Não falta a rainha á apparatosa recepção. Nada commove aquella austeridade: *Ao cheiro d'essa canella — o reino se despovôa*

dos seus cavalleiros. Duzentos foram á Empreza e só voltaram cincoenta, mas indomaveis, excitados pela fama e honra da terra natal. O Amor unifica esse povo e prepara-o para as altas emprezas. Mas, ai! a sensualidade das riquezas o corrompe! Vê os jubilos e teme, ainda que remoto o tremendo provir! Que importa, se Calçadilha, o bispo, excitando á fortunosa empreza das armas, sente a divina voz, que lançando na estirpe lusitana a dissolução das riquezas orientaes, torna-a instrumento da Fé triumphante? Não attrairá tambem os olhares cubiçosos, não armará, ensanguentando-a contra os innocentes, velhos e crianças, a mão cruel? Ao Portugal vencedor não lhe inquinará o sangue este veneno? Assim pensa e geme, porém o rumor dos festivos gritos abafa-lhe a severa palavra. Mas quando no altar da Virgem o antiste põe como humilde affecto as soberbas joias e pedrarias do Oriente, de novo se torna juiz o austéro Velho, sacudindo a cabeça: — Não vos saciarão os Thezouros; a avidez procurará descobrir novas fontes, para se dessedentar; o rei abrirá a mão aos estrangeiros; a generosidade torna-se perdularia, e cedo mostra-se condemnadora a sentença da Historia.

Os sacros hymnos a confundiam, mas perdura nos seculos a satira plebêa; crueldade e avareza são inexoravelmente punidas. Voltando-se, elevando todos os corações para o Amor, a ditosa Patria amada inspirará novas emprezas que darão gloria, paz e justiça, livre d'esse mal que contaminou já uma outra gente pelo temido thezouro occulto nas aguas do Rheno. — Oh poesia dos Poetas.» [1]

---

[1] Dr. Teza, *Rivista bibliographica italiana*. Firenze.

*

Mais Mundos! Poemeto.

«São muitas as publicações destinadas á proxima commemoração do quarto centenario do Descobrimento do Brasil.

D'entre ellas destaca-se um poemeto do grande pensador portuguez Theophilo Braga, intitulado *Mais Mundos!* e que Fran Paxeco, nosso collega da imprensa e um dos mais ardorosos discipulos d'aquelle eminente philosopho, acaba de imprimir na typographia Aldina.

N'este poemeto, escripto em excellentes versos de varia medida, Theophilo revoca para Bartholomeu Dias a gloria de haver sido o instigador das felizes viagens feitas por Vasco da Gama descobrindo o caminho maritimo para as Indias, e da que fez Pedro Alvares Cabral, de que resultou o descobrimento do nosso paiz.

E' um ponto de summo interesse este, como se vê, a que Theophilo imprime a respeitabilidade e prestigio do seu valor.» [1]

*

«Dentro em poucos dias será o poemeto conhecido do nosso publico, que o julgará como merece. Por ora, o que cumpre consignar é a actividade d'esse incansavel trabalhador, que não deixa passar sem commentario e sem preito uma data memoravel ou um facto interessante na historia dos dois paizes irmãos.

E é um admiravel typo humano o d'esse benedi-

[1] Oliveira Gomes, *A Tribuna*, n.º 485 (10-IV-900). Brasil.

ctino, que ha tantos annos, sem uma hora de desalento, sem uma fraqueza moral, sem um momento de desconfiança na victoria final da verdade e da justiça, lavra a geira fecunda com a mesma tenacidade, o mesmo affinco, nutrindo a terra com o suór bemdito da mentalidade pura.

Desde mil outocentos e cincoenta e outo, quanto labor! Mais de cem volumes, escriptos sob o imperio da divisa sadia e forte de Zola: *Nulla dies sine linea.*

E aos invernos succedem-se os invernos; já não têm conta as revoadas de andorinhas nas beiradas do seu eremiterio; e a elaboração constante, tenaz, persistente, a gestação gloriosa d'esse raro espirito proseguem com uma regularidade de chronometro, com o isochronismo de uma pendula!

Louco, visionario, caturra, ideologo lhe chamam, em ár de mofa, os incapazes de lhe imitarem o exemplo. Santa loucura, abençoada caturrice que á lingua, á philosophia, á sciencia e á historia luso brasileira legam o unico capital capaz de guardar, através do tempo e do espaço, os brios e as tradições nacionaes de Portugal e do Brasil!» [1]

*

«Acompanhava-o (e que gloriosa companhia!) a alma pensadora, philosophica, eminentemente grandiosa do auctor da *Visão dos Tempos*, do mestre incorruptivel e infatigavel, uma celebridade europêa e uma gloria nacional — Theophilo Braga! — e essa alma vinha toda inteira, traduzindo a pujança admi-

[1] Dr. Cunha e Costa, (Jacques Bonhomme) *A Imprensa*, n.º 550 (10-IV-900). Rio de Janeiro.

ravel d'aquella prodigiosa mentalidade, patenteando todo o seu puro sentimento de patriotismo no bello poemêto *Mais Mundos!* que o eminente mestre escreveu expressamente para commemorar o quarto centenario do Descobrimento do Brasil; poemêto que Fran Paxêco amavelmente nos offereceu e que summamente agradecemos. O trabalhador emerito que em quarenta annos de inegualavel actividade tem enriquecido a litteratura e a sciencia com cento e doze volumes, nos quaes os mais altos problemas sociaes são tratados, tendendo sempre mais ou menos para os profundos estudos do passado glorioso da patria, da sua actual situação desoladora, e do futuro não longinquo, em que pela disciplina mental e pela educação civica, a nossa gloriosa nacionalidade hade erguer-se do aviltamento e inercia actuaes, para cumprir ainda uma alta missão civilisadora, — esse incansavel trabalhador, repetimos, não podia esquecer o solemnissimo momento historico que atravessâmos, nem deixar de commemorar o lusitano feito assignalado que ao mundo dêu um novo e grandioso mundo.» [1]

*

«O nome do auctor dispensa elogios; entretanto, força é confessar, sem esse modo convencional de ser agradavel a todos os litteratos, a idéa, a fórma e a inspiração encantam na rhapsodia de Theophilo Braga. O auctor teve a rara felicidade de conceber a perfeita idéa da grande descoberta de 1500; e a sua concepção transmitte-se fiel, impressionante ao leitor:

---

[1] Luciano Fataça, *O Portugal moderno*, n.º 19, (21-IV-900.) Rio de Janeiro.

Da capellinha branca da Senhora,
Da pequenina Ermida de Belem,
Pouco antes que o relogio a hora marque
A inolvidavel hora
Em que se faz o embarque,
O Rei Dom Manuel saindo vem.» [1]

*

«Um primoroso poemeto intitulado *Mais Mundos!* onde o grande feito de Pedro Alvares Cabral, tem a necessaria consagração. A figura de Bartholomeu Dias destaca-se de uma fórma soberba.

Transcrevemos esta primorosa passagem, em que se faz resaltar a poesia do seu triste fim:

— O que posso eu querer? Do menoscabo
Do esquecimento e da mudez da Historia,
Seja a unica gloria
O dia em que estes dias meus acabo.
Lá onde o mar se quebra com bravura
No lamentoso e Tormentorio Cabo,
Ahi desejo eu ter a sepultura,
Sem mais signal ou cruz
Que uma vaga plangente,
No Cabo que primeiro eu transpuz,
Abrindo a travessia do Oriente.

E' cada vez mais digno de admiração o incessante labôr de Theophilo Braga, que, sem descanso, n'uma larga vida litteraria de 40 annos, nos apresenta uma obra de 112 volumes, subordinados todos a um plano monumental, a uma orientação scientifica, concentrados logicamente no mais grandioso conjuncto que jámais se concebeu em Portugal.» [2]

[1] *A Republica* (n.º 105, anno IX), Ceará. (8-v-900).
[2] Faustino da Fonseca. Notic do *Seculo*.

III

A obra de renovação historica

Em 1878 escrevia Eça de Queiroz: «Ha quasi doze annos, vinda parte de Coimbra, parte d'aqui, parte d'acolá, uma *extraordinaria geração, educada fóra* do Catholicismo e do *Romantismo,* ou tendo-se emancipado d'elles, reclamava-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução. Que tem feito ella? A não ser Theophilo Braga, constantemente — quem trabalha? Onde estão os livros? Esta geração tem o aspecto de ter falhado.» [1]

Significa este facto, que a *phase negativa* da Eschola de Coimbra, que realisara a dissolução do Romantismo em Portugal, estava terminada. Era obrigação encetar a *phase constructiva*. Como inicial-a? qual o pensamento? Eis a falha da geração.

Desde 1856, dois annos depois da morte de Garrett, presentiu Rebello da Silva, que a obra de renovação litteraria d'aquelle iniciador devia ser continuada pela creação da Historia da Litteratura, dando-nos a consciencia da continuidade do passa-

[1] *Renascença*, p 20. (Biographia de Ramalho Ortigão.)

do: «Atraz das nações cultas entrámos no trilho novo (o *Romantismo)* que os seus exemplos rasgaram, guiado pelo grande e deslumbrante engenho de um homem (GARRETT) que reunia em si um prodigio de dotes inimitaveis de poeta, de orador, estadista, e que em cada provincia do saber ou da invenção que percorreu, não deixou rival. Mas, o que antes estava *(Renascença classica* e *Edade Média)* as rasões da sua existencia, e o pensamento dos seculos, no sentido litterario e philosophico, esperam debalde pelo Villemain que os hade classificar e descrever.» [1]

Era urgente entrar n'esta corrente evolutiva, já predominante nas litteraturas modernas; eis o impulso a que obedeceu Theophilo Braga fundando a *Historia da Litteratura portugueza* em 1869.

A) A evolução final do Romantismo

Em um juizo critico sobre os *Estudos da Edade Média*, caracterisava Oliveira Martins a actividade litteraria de Theophilo Braga:

«Os seus estudos apparecem como uma grande teia nebulósa, incoherente, muitas vezes indecifravel... mas revela-se ali um trabalhador notavel, um talento verdadeiro, reconhece-se o vulto mais original da geração litteraria, que vae succedendo aos homens do Romantismo.

«Essa, a geração de Garrett e de Herculano, de Camillo e de Rebello, de Mendes Leal e Soares de Passos, e dos companheiros e continuadores de todos, disse já a sua ultima palavra, da mesma fórma que a Europa inteira a proferiu.

---

[1] *Annaes das Sciencias e das Lettras*, I, 59.

E' necessario que comprehendamos a revolução, 1830, isto é, o subjectivismo na arte, o parlamentarismo na politica. Victor Hugo e Benjamin Constant são já da historia. — Cada doutrina responde a um modo;... negar a revolução, seria negar a luz.

1830 acabou já; é da historia. Oh! mas quando nós comparamos á pleiada immensa, brilhante e cheia de vida dos homens que nos precederam com os poucos, de si fracos, acanhados, dispersos, que sobre si têm a herança de gigantes... devemos estremecer. —

No movimento europeu de 1830, é pelos *criticos* e pelos historiadores, que a grande cadêa do progresso se une. E' na alma do povo revelada pelos trabalhos litterarios e historicos, pela descoberta da Poesia popular e da vida communal, que o espirito moderno tem de ir retemperar-se. O transitorio, a impressão do momento, os poetas e os politicos, constitucionaes de 1830, republicanos de 1848, Hugo, Guizot e Mazzini, são os que para nós representam já a historia.

Na litteratura portugueza, não obstante os enormissimos defeitos de escriptor do sr. Theophilo Braga, é elle o iniciador d'este moderno cyclo, como *poeta* e como *critico*.» [1]

Muitos criticos lamentaram que trocasse a poesia pela critica e erudição historica; não comprehendiam este pensamento de Ch. Baudelaire: «*Tous les grands poètes deviennent naturellement, fatalement critiques. Je plains les poètes que guide le seul instinct; je les crois incomplets.*»

Oliveira Martins, no opusculo citado, refere-se a esta forma de actividade:

---

[1] No *Jornal do Commercio*, de Lisboa.

«Convém, porém, que *na propria historia se defina a acção* de Theophilo Braga, que, ainda com máos livros (*Historia da Poesia popular portugueza*, 1867; *Poesia do Direito*, 1865; e *Os Foraes*, 1868) é importante.[1]

Nós não tinhamos historia philosophica;... Comtudo direi tambem francamente, que estes tres livros não têm precedentes na litteratura portugueza. — Vistas, portanto, philosophicas, generalisa-

---

[1] Máos livros? foi um preconceito de então. Em 1867, a *Historia da Poesia popular portugueza* não podia ser mais do que um esbôço, porque se não tinha realisado a publicação dos Cantos populares da Galliza, das Asturias, da Catalunha e da Andalusia; nem os do Alemtejo, Algarve, Madeira, Açôres e Brasil, para com as comparações com os Cantos da Alta Italia (Piemonte) e da Bretanha formar a synthese da unidade ethnica occidental. Mas n'este livro já apparece reconhecido o phenomeno da fórma syncretica da Poesia, Canto e Dansa, evolucionando na tradição e desmembrando-se em generos independentes. Isto salva o livro.

Don Joaquin Costa, no seu estudo das Tradições celto-hispanas, escreve: «Até ao presente são já muitos os auctores que têm consagrado fructuosas vigilias a esquadrinhar os elementos poeticos enthezourados na historia das Legislações, principalmente na *indica, grega, romana, germanica, franceza* e *portugueza*, devendo apontar aqui em primeira linha Vico, Jacob Grimm, Reyscher, Dümge, Creuzer, Chassan, Michelet, Altessere, Theophilo Braga, Fustel de Coulanges, etc.» (p. 8) A importancia d'esse pequeno livro *Poesia do Direito* foi caracterisada por Rodrigues de Freitas; e os drs Oliveira Valle e Caetano de Andrade d'elle extrahiram theses para as Conclusões magnas do seu doutoramento.

A these de um *germanismo* popular nos *Foraes*, que tanto irritara Herculano, estava desde 1860 sabiamente fundamentada pelo maior medievista hespanhol D. Thomas Muñoz y Romero no seu Discurso de recepção na Academia de Historia de Madrid. Ignorava-o o auctor dos *Foraes*, na sua intuição original, faltando-lhe a auctoridade para impôr essa importante verdade da historia das Instituições populares da peninsula.

ções superiores. ninguem tentara ainda, e é esse o terreno para que o genio de Theophilo Braga o estava chamando. — Acredito que, assim como os trez livros de poesia da historia de Theophilo Braga hão de ser vivedouros na litteratura portugueza, *os seus estudos historicos não serão de futuro considerados senão como inauguração, entre nós, da Historia philosophica.*» (pag. 15.) E confirma n'elles: «*a iniciação* na nossa litteratura historica *de uma critica largamente philosophica.*» (pag. 39.)

Philéas Lebesgue, no estudo *Portugal littéraire d'Aujourd'hui*, accentuando a crise mental de 1870, em que Theophilo Braga: «*reussi à fondre dans la doctrine positive d'Auguste Comte, la double influence de Hegel et de Vico chère à sa jeunesse,*» põe no maximo relêvo esta renovação historica:

«E' a Theophilo Braga, que devemos remontarnos para entrar no dominio da pura critica historica, philosophica ou litteraria.

«Colossal e inteiramente construida com perfeito methodo scientifico e ao mesmo tempo com egual serenidade, culmina acima das passageiras dissidencias de eschola a obra universal do grande pensador, a mais pura gloria do Portugal contemporaneo.

«Pelo seu brilho e valia ella é digna de transpôr todas as fronteiras; porque em parte alguma se acha um cerebro mais vasto, mais comprehensivo e mais fecundo do que aquelle que diffue em salutares palavras durante um quarto de seculo. N'esta obra, que consta de mais de cem volumes publicados (historia, philosophia, critica, folk-lore, poemas, etc.) tudo deriva de um plano fundamental, que transparece através do desenvolvimento da humanidade inteira, segundo a evolução particular da civilisação portugueza. —

«No limiar do templo magnifico, que constitue a *Historia da Litteratura portugueza*, Theophilo Braga colloca á maneira de peristylo este monumental estudo de *ethnologia*, que se intitula *A Patria portugueza*, (O Territorio e a Raça). N'elle considera em todos os seus detalhes e com uma maravilhosa segurança de investigação, a formação da Nacionalidade portugueza através das vicissitudes da sua longa historia desde a época pre-historica até á invasão dos Arabes. Depois vêm as deducções *psychologicas* e a analyse do temperamento portuguez, que completa a conclusão a favor da missão e da influencia exercida no Mundo por Portugal.» [1]

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

Em 1872 publicou Anthero do Quental em folhetins do *Primeiro de Janeiro*, e depois em opusculo, nas *Considerações sobre a philosophia da Historia litteraria portugueza*, um juizo critico sobre o methodo seguido por Theophilo Braga no seu trabalho historico:

«Sabemos hoje que a Esthetica, sob pena de se excluir systematicamente da realidade, não póde ser absoluta senão nas suas leis fundamentaes, isto é, n'aquillo mesmo em que é absoluto e immutavel o espirito humano: em tudo mais é, como elle, variavel e progressiva. Tem uma statica e uma dynamica: e se a primeira, que é toda abstracta, explica e dá a rasão da segunda, que é toda concreta, é a

[1] *Le Portugal littéraire d'Aujourd'hui*, pag. 54 a 56.

segunda quem explica e dá a rasão das obras d'arte, naturalmente concretas e contidas nas condições do tempo e do meio. Ao methodo exclusivamente abstracto substituiu-se o methodo *historico,* e para logo todas as Litteraturas, as antigas e as modernas, as barbaras e as cultas, alumiadas por uma luz nova, appareceram com as suas feições caracteristicas, os seus relêvos naturaes, os seu contornos, e vieram tomar cada qual o logar que lhe competia na série dos desenvolvimentos do espirito humano. Para logo tambem se tornou manifesta a alta significação das Litteraturas, testemunhas desprevenidas e candidas, vindo depôr uma apoz outra sobre o viver intimo das respectivas sociedades e denunciando ingenuamente a feição psychologica correspondente a cada povo e a cada edade. A philosophia da historia encontrou n'ellas o instrumento mais delicado e, ao mesmo tempo, o mais preciso, para determinar o gráo de valor moral de cada civilisação: na sua mão um poema pôde tornar-se, muitas vezes, o ramo de ouro da Sibylla, com que descesse á região dos mortos, a interrogal-os; versos cantados ha mil, ha dois e tres mil annos por poetas desconhecidos, explicaram os movimentos das raças, as origens, os esplendores, as revoluções e as catastrophes dos imperios.

A Historia litteraria deixou de ser uma curiosidade; appareceu como uma realidade cheia de vida e de expressão. Correspondendo a uma ordem de phenomenos distinctos e importantissimos, tornou-se objecto de uma sciencia e, como tal, um ramo da philosophia. Hoje, por toda a Europa, os estudos de historia litteraria, transformados, seguem com firmeza no caminho aberto com juvenil impetuosidade pela escola allemã do comêço d'ests seculo: refundem-se, desenvolvem-se ou corrigem-se as pri-

meiras conclusões naturalmente incompletas umas e outras prematuras ou em extremo systematicas, e á grande renovação sahida d'este movimento se ligam muitos dos nomes mais illustres e das obras mais fecundas do nosso tempo.

Entre nós, as duas gerações litterarias, que se succederam desde 1830 até hoje, mais apaixonadas e creadoras do que criticas, mais poeticas e enthusiastas do que reflectidas, e, sobretudo, dominadas por aquella como que instinctiva repugnancia ás ideias geraes propria de um povo educado pelo catholicismo no que elle tem de mais estreito e esterilisador, receberam com desdem, ou apenas aceitataram, o que havia de mais superficial no movimento renovador, quando não o ignoraram completamente. A historia litteraria continuou *erudita*, como d'antes, na sua gravidade inexpressiva, e a critica, apesar de muitas proclamações revolucionarias, acatou todavia o altar consagrado e o velho idolo do *gosto*. E' verdade que o *gosto*, sacudido no seu somno secular por mãos juvenis, teve de abandonar as vestes antigas e compromettedoras do *classico* e de se fazer (ou deixar que o fizessem) *romantico*. Era já um grande passo, confessemol-o: simplesmente, este primeiro passo, timido ainda, obrigava a dar um segundo e mais decisivo — e esse é que não se deu.

Nem se podia dar. Devemos muito áquellas duas gerações, é justo confessal o. Mas a sua missão foi outra, e outro o seu trabalho. N'este empenho de fazer penetrar o espirito philosophico na historia da litteratura patria, e de levantar entre nós a critica á altura em que mãos vigorosas e illustres a têm elevado n'outros paizes, a geração nova achou-se sem predecessores nem mestres entre os escriptores nacionaes, e teve forçosamente de se virar para os

extranhos. D'aqui uma certa confusão, a adopção quasi *sur parole* dos systemas estrangeiros, e algum máo estylo...

Entretanto, a sua vocação é essa, evidentemente: critica e philosophia. Menos creadora e espontanea; e libertada já dos preconceitos da educação tradicional, a nova geração tem por área natural dos seus trabalhos os estudos criticos e as ideias geraes.

A historia philosophica, a philologia, as sciencias sociaes, eis o vasto campo que, entre nós, a sua actividade tem de desbravar e fecundar.

Na Historia litteraria, os primeiros passos n'este caminho foram dados corajosamente por um trabalhador dotado de energia e perseverança singulares, o sr. Theophilo Braga. Podem disputar-lhe qualquer outra especie de gloria, menos esta, já não pequena, de iniciador. A consideração do que ha de viril e quasi heroico na attitude dos exploradores, faz-nos vêr na sua obra mais ainda o valor de uma acção pessoal do que o das conclusões scientificas, e dá-lhe um merecimento independente das muitas imperfeições e lacunas, que seria pueril pretender dissimular... os seus trabalhos propriamente criticos. N'estes, que constituem a parte mais séria e fecunda da sua obra, encontramos os processos da sciencia, como os têm comprehendido os mestres d'este seculo, applicados geralmente com discernimento, com uma grave despreoccupação de tudo o que não é a logica e a verdade, e dando resultados positivos, muitos dos quaes se devem considerar definitivos. Distinguem-se por estas qualidades, entre os volumes da sua grande *Historia da Litteratura portugueza*, já publicados, os estudos sobre *Sá de Miranda e a sua Escola*, sobre os *Poetas palacianos do Seculo* XV, e sobre o *Theatro portuguez nos Seculos* XVI *e* XVII. Ha novidade e ao mesmo tempo se-

gurança em muitas partes d'aquelles estudos: entrevêem-se as revoluções litterarias, no que ellas têm de mais intimo, isto é, nas suas relações com os costumes e as opiniões que se transformam; assiste-se ao nascimento e á decadencia das escolas; vêem-se as rasões do progresso de certos generos, do estacionamento ou esterilidade de certos outros. Ha alli verdadeiras descobertas biographicas e chronologicas, e mais de uma approximação feliz que lança uma luz nova sobre os assumptos.

Deve esta parte da obra do sr. Theophilo Braga (a analytica e critica) ser considerada não só como o que ha de mais sólido no edificio levantado por suas mãos laboriosas, mas ainda como um trabalho em si, de indisputavel valor.

Ninguem melhor do que o sr. Theophilo Braga, comprehendeu a alta significação da nossa Poesia popular, que estudou com verdadeiro amor e respeito religioso: e este sentimento do *primitivo* e do *espontaneo* deve-o ao seu ponto de vista ethnologico. Por este sentimento pôde com muito tacto discriminar a parte da imitação e do convencional nas obras da poesia culta, embora a meu vêr, concluisse mal do facto d'essa imitação. Por elle pôde caracterisar certas physionomias originaes, até aqui mal comprehendidas, Gil Vicente, por exemplo. Em tudo era a sua critica excellente.

Se a escola *ethnologica* está representada, entre os escriptores novos, pelo sr. Theophilo Braga, a escola social e historica — a unica, talvez, a que propriamente se deverá dar o nome de philosophica — acaba de achar egualmente entre nós um digno representante n'um escriptor môço e do maior futuro, o sr. Oliveira Martins, que n'um livro recente estudou, a proposito de Camões (e para nos explicar Camões) a litteratura portugueza do seculo XVI, no

ponto de vista largo e comprehensivo, ao mesmo tempo *politico* e *psychologico*, que caracterisa esta ultima escola. [1]

N'este ponto de vista, a litteratura de um povo, considerada como um todo symetrico, uma obra gigantesca e collectiva, apresenta-se como a expressão do seu espirito nacional, determinado não por tal ou tal elemento primitivo e, por assim dizer, physiologico, mas pelos elementos complexos, uns fataes outros livres, uns criados outros herdados, cuja synthese constitue a *idéa* da sua nacionalidade — raça, instituições, religião, tradição historica, e vocação politica e economica no meio dos outros povos. A idéa nacional, na sua evolução, determina gradualmente o que se póde chamar o temperamento na nação: e; se esta surda fermentação se manifesta em tudo, nos seus actos e nos seus pensamentos, revela-se sobre tudo na sua imaginação, isto é, no seu ideal, cuja expressão mais livre é a arte e a litteratura. N'esta invisivel circulação da seiva interior ha periodos, periodos de revolução, de progresso, de retrocesso, de incubação ou de plenitude de forças: a estes correspondem invaria-

[1] O auctor da *Historia da Litteratura portugueza* seguiu o methodo *ethnologico*, investigando as fontes tradicionaes que são a base organica das creações estheticas; mas assentou a sua obra no criterio *psychologico*, para a comprehensão das altas individualidades. Em 1872 escrevia Adolpho Coelho no Elenco dos capitulos da *Historia da Litteratura portugueza*, então com 9 volumes:

«A historia intima da nação portugueza, as suas crenças, costumes, luctas, glorias, vacillações, angustias, a sua agonia moral, lenta e terrivel, produzida pelo despotismo da força arvorada em lei e do despotismo da crença e do fanatismo actuando como dissolvente da vontade, da virilidade, da intelligencia, de todas as forças geniaes e sacrosantas do homem, tudo se vê claro, evidente, indubitavel na *Historia da Litteratura portugueza*.»

velmente os periodos artisticos e litterarios, com suas revoluções, suas variações de intensidade, lenta formação de escolas, morbidos estacionamentos, subitas e inflammadas florescencias. E, como n'esta vegetação collectiva, cada ramo, cada folha, cada fructo, se alimenta com a seiva commum e tem uma vitalidade proporcional á força que trabalha o grande tronco, o espirito individual acompanha o espirito nacional nas suas evoluções, gradúa pela d'elle a sua intensidade: a sua liberdade interior tem por limites, realisando-se, as condições do meio em que se desenvolve, e o genio do artista, do poeta, ainda quando protesta e se revolta, é sempre *adequado* ao genio do seu povo e da sua epoca. E' por aqui que a historia litteraria se liga á philosophia da historia, ou antes, que faz parte d'ella. As grandes epocas litterarias coincidem com as epocas de plenitude do sentimento nacional, aquellas em que esse sentimento tomando consciencia de si, se revela em obras harmonicas e complexas, que são como que o fructo definitivo da lenta elaboração das instituições, dos costumes, dos pensamentos. Reaes e juntamente ideaes, essas obras supremas dizem-nos ao mesmo tempo o que um povo *foi* e o que *quiz sêr*, descobrem-nos a sua *aspiração* intima e marcam os *limites* dentro dos quaes lhe foi dado realisal-a. São o commentario moral das revoluções politicas e sociaes, e como que os annaes da consciencia nacional: e, para a philosophia é na consciencia que a historia encontra a sua explicação definitiva e a sua final justificação.

A nossa renovação moral e litteraria será possivel no dia em que, pela reforma das instituições sociaes, por uma nova e melhor comprehensão da justiça, comece outra vez o espirito a circular n'este grande corpo, mais inerte ainda do que acabado,

volte a animal-o uma alma, um ideal collectivo. Então Portugal terá de novo uma rasão de ser, e a ideia nacional, mais brilhante e mais quente depois do seu eclipse secular, fará rebentar outra vez fructos e flôres de este chão endurecido sim, mas debaixo do qual ha ainda (embora a grande profundidade) fontes vivas em abundancia. As grandes acções serão outra vez possiveis, e um melhor e mais alto heroismo: por elle serão não só possiveis mas quasi inevitaveis os grandes pensamentos poeticos. A renovação litteraria de Portugal é correlativa com a sua renovação social e está dependente d'ella: é a conclusão do livro do sr. O. Martins, conclusão que todos devemos acceitar, não como uma vaga esperança, mas como uma verdade philosophica cuja realisação não depende senão do nosso esforço, da energia do nosso sentimento moral. Sômos os operarios do nosso proprio destino, e desde já as nossas mãos o vão aperfeiçoando: terá a fórma que lhe dermos.

N'este trabalho solemne da renovação nacional, grande é a tarefa que está talhada para a geração nova, e immensa a sua responsabilidade! Estará ella, pela intelligencia e pelo coração, pela sciencia e pela virtude, á altura d'esta obra austera e formidavel? Muitos o duvidam, vendo-lhe no rosto uma pallidez de máo agouro... Não me cabe a mim decidil-o: direi sómente que (quaesquer que tenham de ser os nossos destinos) para darem testemunho das intenções serias de uma parte consideravel da nossa geração, do seu espirito renovador, da sua aspiração a uma melhor sciencia, bastarão em todo o tempo obras como a *Historia da Litteratura portugueza*, do sr. Theophilo Braga, e o Ensaio sobre Camões do sr. Oliveira Martins.»

1. Criterio ethnologico: *Fontes tradicionaes da Litteratura portugueza*

A Patria portugueza (o Territorio e a Raça)

«Sob o bello titulo que adoptou, fez Theophilo Braga o agrupamento, discutido, de todos os phenomenos de ordem *statica*, referentes a Portugal, quer se occupem da influencia do meio ou da raça, quer do costume, da tradição e do sentimento. Este vasto plano deu origem a cinco volumes, respectivamente, ácerca de *O Territorio e a Raça; As Instituições locaes; A formação da Nacionalidade; As Tradições nacionaes; As Prophecias nacionaes.*

No luminoso introito d'este livro, põe-se em relêvo o problema que se pretende resolver e que consiste na explicação legitima da formação de uma pequena nacionalidade no seculo XII, dando inicio á autonomia de outros Estados peninsulares, e resistindo sempre á incorporação na unidade leoneza, navarra ou castelhana, e ainda, através de todos os accidentes da politica internacional da Europa, conservando a sua independencia.

N'este largo elenco, o sr. Theophilo Braga não se contenta com o senso subjectivista de que a nacionalidade portugueza seja o producto exclusivo da vontade dos grandes homens que illustraram a sua vida historica. Este ponto de vista, metaphysico e idealista, teve por seu mais alto representante na sciencia portugueza a Oliveira Martins; e deriva da desdenhosa indifferença com que já Alexandre Herculano abandonára as inquirições sobre a linhagem da gente portugueza. Atrazou-se, assim, o methodo mesmo para menos do que as aliás phantasiosas origens que a erudição desvairada do seculo XVII depositara em paginas ingenuas, quando não pro-

positalmente apocryphas, na mentirosa orientação oriunda dos falsos Chronicões.

Theophilo Braga busca as origens anthropologicas; procura as differenciações ethnicas; e, n'esse proposito, arma-se de um cabedal de conhecimentos que acabam por causar o verdadeiro assombro.

Começa pelo comêço; vae até á população prehistorica que habitou esta nossa região; ahi, em curioso lance, discute essa questão da Atlantida, concluindo da raça ser amarella de matiz branco, de civilisação bronzifera, de religião lunar, de astronomia planetaria, de escriptura ideographica.

Entrando, na analyse das caracteristicas especificas das populações ibericas, Theophilo Braga recorre, com uma erudição prodigiosa, aos dados multiplos fornecidos pelas sciencias subsidiarias da philosophia da historia, peculiarmente a linguistica. E, recapitulando as suas conclusões sobre as raças da Europa meridional antes da conquista romana, mostra como o trabalho de systematisação só se torna possivel quando se demonstrou — como o auctor o fez — a entrada na Europa de uma raça uralo-altaica pelo norte, ou *sabmeana*, e a invasão de outro ramo da mesma raça, ou *iberica*, sendo a primeira repellida pelas invasões das tribus que vieram a constituir os Germanos e Scandinavos, e a segunda fusionada pelo ingresso e occupação dos Celtas. Eis uma das secções capitaes d'este primoroso estudo.

Eis nos traços typicos, o trabalho fundamental e imprescindivel de Theophilo Braga. Elle se occupa logo, em logicos capitulos integrantes, dos Ligures e dos Celtas da Lusitania; da civilisação celtiberica; das colonias dos phenicios, jonios e carthaginezes; do dominio e civilisação romana; da invasão germanica e unidade da monarchia visigoda; finalmen-

te, da invasão dos Arabes na Hespanha, e sua influencia no desenvolvimento da população livre.

Assim, poucas paginas tam prescrutadoras e tam vibrantes se têm escripto sobre a emotividade amorosa idyosincrasica dos portuguezes, quaes as que lhe consagra n'este volume o sr. Theophilo Braga. Tambem é notavel, de subtil severidade, a critica justificativa da expressão de raça *mosarabe,* condemnada levemente, como se a mixtura social definida por Gayangos não derivasse de uma castiçagem que tenderia a promover o, mais ou menos ephemero, apparecimento de typos humanos intermedios, mas proprios.

De fugida, ás carreiras, a fim de que o relato da obra não fique, de todo, incompleto e desfigurado, notaremos que attende Theophilo Braga a que a situação da nacionalidade lusitana sobre a orla maritima da peninsula hispanica leva tambem a considerar a condição mesologica que attrahiu os Portuguezes para as explorações atlanticas e para a empreza da circumnavegação do mundo.

Assim, analysa o escriptor, primeiro que tudo, o territorio hispanico como primeiro factor historico. Isto é importantissimo, por dois motivos, que comprehendem todo o cyclo da nossa evolução concreta. De inicio, porque o facto, preponderante, conforme se expressa justamente Theophilo Braga, é que, não obstante toda a integralidade peninsular, Portugal, sem fronteiras naturaes que o destaquem do sólo hispanico, apparece-nos com um organismo nacional autonomo, conservando-o através de sete seculos *contra uma corrente tempestuosa e violenta de unificação politica.* No apogeu de nossa civilisação e em sua desclassificada revertencia, similhante condição topographica, pelo effeito da beira d'agua, então, volve a ser ponderada supremamente, mercê

do sentido explicativo da nova e extraordinaria iniciativa da actividade da civilisação moderna. Ella torna Portugal um dos mais importantes factores da marcha da Humanidade.

Eis o que proclama Theophilo Braga, e assevera-o não sob a illusão nacionalista, não com a emphase oratoria, mas com a exação scientifica.

Ahi se afere o delicado quilate da affirmativa.

Concebido e executado este plano culminante, magnifico de amplitude, o livro transcende os limites d'este pequeno paiz. Como a historia mesma de Portugal, elle não interessa exclusivamente os portuguezes; provoca, merece e corrobora a attenção de todos os que se preoccupam da cultura geral.

Tem assim Theophilo Braga o alto direito de exprimir o bello pensamento de Schiller, não só como a synthese do seu processo critico e do seu intuito historico, mas ainda como a sancção da perfeita conformidade da obra realisada no cotejo com o projecto proposto.

O poeta tudesco disse que «um espirito philosophico não póde interessar-se particularmente por uma nação, senão quando ella lhe apparece como condição do progresso da humanidade inteira.» [1]

*

«E' notavel a série de estudos que o insigne litterato tem emprehendido sobre assumptos que se prendem especialmente com a nossa historia litteraria, em todos os seus ramos e tradições, e n'esse campo ninguem o tem, de certo, excedido, e nem sequer egualado.

[1] José Sampaio (Bruno), *Voz Publica*, n.º 1334, (13-XI-1894).

De conhecimentos vastissimos, de uma erudição extraordinaria, Theophilo Braga é, sem duvida alguma, um dos nossos primeiros homens de lettras, e um d'aquelles que melhor se tem affirmado pelo genero e importancia do seu incansavel labor.

Na *Patria portugueza*, que acabamos de lêr, affirmam-se, como sempre, as elevadas qualidades do escriptor e do critico.

A historia de Portugal, no que diz respeito ao territorio e á raça, estava por fazer. Essa lacuna acaba de a preencher, com a sua alta competencia, Theophilo Braga.

Indo beber ás fontes mais puras e auxiliando-se do seu proprio criterio, conseguiu dar-nos um livro tão novo como interessante, por se compendiarem nas suas paginas todos os elementos, mesmo os mais remotos, que contribuiram para a formação da Nacionalidade portugueza.

Principiando por fallar do territorio hispanico, como primeiro factor historico, o sabio escriptor diz que a historia de Portugal deve andar intimamente ligada a todas as vicissitudes por que passou o territorio hispanico, quer em quanto á occupação de raças que aqui se formaram, quer emquanto á autonomia dos Estados politicos que se constituiram, quer mesmo ao reflexo das transformações sociaes e revoluções por que esses Estados passaram, e até na solidariedade de uma civilisação em que estes povos, apesar das suas divergencias, collaboraram simultaneamente.

«E' este o facto sobre que deve assentar a historia de Portugal, tão interessante nas suas origens como no seu desenvolvimento.»

Depois, Theophilo Braga trata, em outros capitulos, das antiguidades pre-historicas em Portugal, das populações ibericas, dos ligures e celtas que

habitaram a Lusitania; do modo como se formou a civilisação iberica e dos elementos que para ella concorreram; das colonias dos phenicios, jonicos e carthaginezes que se estabeleceram no nosso sólo; do periodo do dominio romano e da influencia que entre nós veiu a exercer a sua civilisação; da invasão germanica e da unidade da monarchia visigoda; e, finalmente, da invasão dos arabes na Hespanha e da sua influencia no desenvolvimento da população livre.

Theophilo Braga, depois de referir que o territorio occupado pelos Arabes ou pelos leoneres não estava devastado, como querem fazer suppôr alguns chronistas, accrescenta:

«Quando o territorio do sul do Douro e a Beira cahiram sob o poder dos monarchas leonezes, elles não tiveram que repovoar; o mais que fizeram foi confiar a guarda dos castellos a algum fidalgo asturo-leonez ou gallego.

«Quando o Condado de Portugal se tornou autonomo, foi essa numerosa população que serviu de base ás tentativas continuas de emancipação proseguidas pelo cavalleiro franko Henrique de Borgonha, depois por sua mulher D. Thereza, e com exito definitivo por seu filho Affonso Henriques.»

Pelo que rapidamente aqui deixamos escripto, far-se-ha, sem duvida, uma ideia, ainda que pallida, do valor d'este novo livro do infatigavel publicista.»[1]

O Povo portuguez nos seus Costumes Crenças e Tradições

«Não se calcula facilmente a somma de materiaes recolhidos e a quantidade de obras consultadas para

---

[1] Bento Carqueja, *Commercio do Porto*, n.º 200 (XLI anno)—2-VIII-1894.

colher aqui e além os elementos necessarios para a formação da synthese organisada pelo sr. Theophilo Braga. Depois de Garrett, foi o auctor da *Visão dos Tempos* quem mais contribuiu para a vulgarisação dos estudos ethnographicos em Portugal. Garrett limitara-se á colheita do *Romanceiro;* o sr. Theophilo Braga, não contente com a exploração da poesia popular, internou-se pelas verêdas de todas as tradições. O seu exemplo foi imitado e por ventura, ás vezes, excedido. O *Folk-Lore* namorou a mocidade estudiosa portugueza e hoje existe no paiz uma seita de enthusiastas, á frente dos quaes será de justiça collocar o sr. Leite de Vasconcellos, cujas investigações se têm dilatado por quasi todo o vastissimo campo da ethnographia. Dous collegas do sr. Theophilo Braga no Curso superior de Lettras, os srs. Adolpho Coelho e Zophimo Pedroso, não têm prestado menores serviços. E se é licito citar exemplos de casa, não deixa de merecer louvores o sr. Antonio Thomaz Pires, de Elvas, que anda publicando uma interessante série de cantigas da bocca do povo, em Espinho.

Só depois da colheita realisada por tão intrepidos ceifeiros é que seria possivel fazer-se o trabalho de coordenação e de synthetisação do sr. Theophilo Braga, da mesma maneira que o botanico não poderia proceder á classificação das plantas sem o auxilio dos herborisadores.» [1]

Sobre este livro escreveu o insigne folklorista Paul Sébillot:

«Para Theophilo Braga a persistencia dos typos anthropologicos é demonstrada pelos Costumes po-

[1] Dr. Souza Viterbo — *Jornal da Manhã* n.º 331 (XIV anno) 1885.

pulares; n'elles se encontram restos da época em que os antepassados levavam uma vida nomada: investiga em largos traços estas *sobrevivencias,* comparando-as aos similares europeus e a constatar os vestigios que deixaram aos differentes povos que desde os tempos historicos têm habitado Portugal. Além d'isso examina os differentes estados sociaes representados pelos costumes populares actuaes de Portugal, os ritos funerarios, o casamento, o direito consuetudinario; a infancia e suas diversas manifestações desde o momento em que apparecem os rudimentos da linguagem, os seus jogos onde elle encontra vestigios, de um estado social extincto. Os trajes, as dansas e os intrumentos de musica fornecem a Theophilo Braga ensêjo para investigações interessantes; pelas dansas elle constata infiltrações hespanholas e francezas.

Quanto ás *Crenças e Festas publicas,* apresenta considerações geralmente justas sobre a importancia ethnica e historica das Superstições populares; por ventura indo um pouco longe, procurar através da Edade média, dos Arabes, dos Gregos e Romanos, o fundo das superstições populares até á Chaldêa; não ha que increpar, porquanto as investigações são interessantes e instructivas, e que o auctor liga naturalmente com o elemento indigena portuguez. No capitulo sobre *Hierologia* pisavamos terreno menos escorregadio, estudando as superstições populares de Portugal. Elle resume com muita clareza os diversos presagios, as superstições derivadas dos cultos chtonianos ou da prostituição sagrada, dos cultos phallicos ou lunares, as sobrevivencias do Polytheismo sideral ou solar. As Entidades magicas ou malévolas, as Fadas, as divindades das aguas, das fontes, os encantadores, a medicina popular, o raio, as pedras, tudo successivamente se passa em

revista; o capitulo III é dedicado ao Calendario popular.

As *Tradições e o Saber popular,* é uma revista de conjuncto da Litteratura oral de Portugal; comprehendendo os Modismos, Proverbios e Adivinhas, cuja importancia está superiormente exposta; —o estudo sobre o Theatro popular é dos mais interessantes, e bom seria que se fizessem monographias sobre este assumpto tão bem estudadas como a de Theophilo Braga. Trata depois dos Contos, das Lendas, da influencia dos Livros populares, e da Historia de Portugal como ella se conta e canta na Voz do povo.

E' um quadro, como se vê, bem traçado e egualmente bem realisado. Theophilo Braga investigou com esmero a época da Edade média do seu paiz, e achou materiaes para numerosos e curiosas comparações. Depois de se ter lido o seu livro, fica-se com uma ideia geral bem nitida sobre o estado emologico, se me permitem esta expressão, dos Portuguezes nas diversas épocas da sua sua historia, e sobretudo da epoca actual; é um documento ethnographico e folk-lorico indispensavel para todos aquelles que se quizerem occupar de trabalhos de conjuncto sobre o Folk-Lore. Embora recheado de documentos, as buscas são faeeis, n'este livro, por meio de um indice analytico, que remette o leitor á pagina em que está o assumpto de que carece.» [1]

*

Alejandro Guichot, no seu livro *La Montaña de los Angeles,* p. 191, sob o titulo de *Demotica* estuda

[1] Paul Sébillot, *Revue des Traditions populaires*, n.º 1 (2.ª année) p. 42. 1887.

varias lendas, e diz explicando o uso d'esta palavra:

«A la ciencia descriptiva, antropológico psicologica *Folk-Lore*, propuso Braga llamarle *Demotica*, denominacion ciertamente más completa y más propia de los idiomas neo-latinos; subordinando en ella y en cuerpo de doctrina, á la Etnografia y a la Demografia como primera parte, la Demopsicologia y la Hierologia como segunda, y la Literatura popular y la Etologia como tercera. En sus bases de la Critica etnologica desarrolla el estudio del caracter de aquella ciencia social descriptiva, segun las tres synthesis, activa, afectiva y especulativa, de las que trató en parte el malogrado Machado y Alvares. El estudio de Braga, repetiendo lo que expuse en otra ocasion, ha completado el concepto y solucionado, á mi juicio, la discussion promovida por los folkloristas inglezes, terminando las dudas a que aun quedaban en la aplicacion de los diverses nombres circulados por Europa para la interpretacion de la palabra anglo-sajona; nombres que, es justo consignar, se ocorrieran primeramente a los españoles, excepto el de Braga, merced al trabajo del iniciador y propagandista de los nuevos estudos en España. —El estudio de Braga se contiene en la introduccion de *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições...*»

«Asi como el individuo, durante su vida, experimenta los estados y pasa por las edades que la especie humana ha presentado y recorrido en su desenvolvimiento, asì en el grupo humano, mil estudios lo comprueban, existen etnográfica, física y psicológicamente fenómenos que proporcionan immenso material de estudio para el Folk-Lore y otras ciencias, los fenómenos de *persistencias*, conservación de los modos de la actividad que no convienen con el es-

tado general de una época; de *retrocesos*, ó de retorno de un pueblo adelantado á costumbres arcáicas que abandonó, y de *supervivencias*, mantenimiento de creencias y pensamientos de extinguidas sociedades; los fenómenos de que hablan elocuentemente muy modernas obras como *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, del ilustre Braga.» [1]

Contos tradicionaes do Povo portuguez

«Esta obra representa um thesouro riquissimo de preciosidades, que o auctor pouco a pouco colheu da voz popular e desencantou dos antigos monumentos da litterattra patria. No vasto plano dos seus escriptos vem continuar a *Bibliotheca das Tradições portuguezas*, base fundamental dos seus estudos sobre a nossa vida litteraria, e que comprehende o *Cancioneiro e Romanceiro geral,* os *Contos do Archipelago açoriano*, os *Cantos populares do Brasil,* a *Floresta de Romances com forma litteraria*, emfim o *Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, actualmente no prélo. Obra promettida em 1871, só agora pôde vir á luz, quando já este ramo *folklorico* tem por exploradores Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos, Consiglieri Pedroso e outros, que se lançaram com enthusiasmo no caminho aberto entre nós por Theophilo Braga, depois das tentativas mais artisticas do que scientificas de Almeida Garrett. Apesar de estarem publicados muitos contos, colligidos por aquelles illustres folkloristas, a collecção de que vimos fallando nada perde do seu interesse historico e valor scientifico,

---

[1] Al. Guichot, *El Pacto,* n.º 14, (1 anno) Sevilha, 1886.

tanto pela quantidade de Contos, Lendas e Fabulas — duzentos e quarenta e nove, quasi todos ineditos — como pela qualidade e importancia das materias. O volume I encerra *Contos de Fadas, Casos e Facecias*, que o auctor ouviu em casa ou a *patranheiros de fama*, ou que recebeu dos drs. Ernesto do Canto e Teixeira Soares, na parte açoriana, e de Reis Damaso, na bella contribuição do Algarve. No volume II, *Historias e Exemplos de thema tradicional e fórma litteraria*, reuniu os *Contos e Historias de proveito e exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, destacando os bons elementos tradicionaes «dos exaggerados preambulos e divagações do nosso quinhentista,» e outros muitos desenterrados dos *Livros de Linhagens*, de manuscriptos da Livraria de Alcobaça e das obras de Gil Vicente, Saraiva de Souza, João de Barros, Rodrigues Lobo, Padres Manuel Bernardes, Manuel Consciencia, Vieira e João Baptista de Castro. Esta parte — a segunda da collecção — tem grande valor tradicional e descobre uma nova fonte á actividade dos exploradores; os nossos antigos monumentos litterarios e as obras dos nossos classicos são decerto uma mina inexhaurivel de riquezas de semelhante natureza. O volume II contém ainda a terceira parte consagrada ás *Lendas, Patranhas e Fabulas*.

Esta valiosa collecção de Contos é acompanhada de uma *Advertencia preliminar*, de um estudo da *Novellistica popular, sua origrm, persistencia e transmissões*, de outro sobre a *Litteratura dos Contos populares de Portugal* e de grande numero de notas comparativas.

Na advertencia explica-nos Theophilo Braga os processos empregados na colheita dos Contos oraes. Os Contos, como os ouvimos na dicção popular, envolvem os themas tradicionaes em phrases sem

nexo e repetições de palavras, o que torna difficil a sua fixação pela escripta. Escreve o auctor: «Para conservar-lhes o caracter de *documento humano*, como diz Zola, é preciso vêr n'estas narrativas mais do que um texto para estudo da dialectologia popular, e fugir dos retoques artisticos: esse termo médio só se poderia achar visando a fixar o estado dos themas tradicionaes.» (p. VI.) Como conseguil-o? Como fugir da redacção vacillante e verdadeiramente pessoal de cada narrador sem cahir na fórma litteraria e artificial como succedeu com Almeida Garrett e Estacio da Veiga? O processo adoptado por Theophilo Braga para a fórma definitiva, simultaneamente ethnica e artistica do Conto consistiu em «fazel-os redigir por creanças, verdadeiro ponto de transição entre a alma popular e a intelligencia culta.» (p. VIII.) Parece-nos processo seguro e digno de ser imitado por todos os folkloristas. Emquanto á classificação dos Contos tradicionaes attendeu o collector ao caracter maravilhoso, anecdotico ou moral da narrativa, separando os *Contos mythicos* dos *Exemplos* de thema tradicional, mas com manifesto intuito moral, e das *Facecias*, obedecendo assim a um principio verdadeiramente scientifico. Como esta parte da litteratura popular constitue, desde que se fundou a moderna Pedagogia, um dos elementos da da educação, Theophilo Braga teve o cuidado de abandonar os Contos eroticos, «cujas situações perturbariam a ingenuidade infantil.» (p. XIII.)

E' já fabulosa a somma de materiaes ethnographicos accumulados pelos investigadores europeus, desde que Jacob Grimm iniciou esta ordem de trabalhos, e dia a dia vae crescendo incalculavelmente, tornando-se cada vez mais difficil para o sociologista o aproveitamento de tudo o que tem vindo a lume nas collecções especiaes de cada explorador e

nas revistas destinadas a estudos de semelhante natureza. Basta lançar os olhos para as paginas do *Bibliographischer Anzeiger für romanischen Sprachen und Literaturen,* publicação do dr. Emil Ebering, e por ahi avaliar a grandeza do movimento folklorico.

No terreno da Novellistica comparada a erudição está feita e, como diz Theophilo Braga, «hoje o difficil é não nos aproveitarmos do trabalho dos outros.» (p. XII.) Portanto o caminho que ha a seguir é empregar o trabalho alheio na construcção da Psychologia collectiva, para a qual este ramo de estudos fornece tantos e fundamentaes subsidios. Só assim se poderá remontar aos primeiros gráos do desenvolvimento mental e á origem primordial de todas as concepções — o Mytho. D'este problema trata o eminente professor na sua introducção sobre a *Novellistica popular*, servindo-se do methodo scientifico para investigar a origem dos Contos, communs á humanidade em geral, a fórma da transmissão entre povos differentes e o gráo da sua persistencia nas sociedades contemporaneas.

Apoiando-se no criterio positivo das tres phases successivas do periodo religioso da humanidade, lança immensa luz sobre o assumpto por subordinar o sentido mythico ao exame da situação social descripta nos Contos, e investigar os elementos primitivos nas concepções concretas proprias das tribus selvagens. «Na morphologia dos Contos, diz elle, ha um desdobramento gradual que corresponde ao progresso mental; a *Fabula,* nascida de uma simples comparação material, eleva-se ao intuito moral no *Apologo*, fixando-se na fórma litteraria, e dissolvendo-se na corrente oral que apenas conserva a conclusão ou moralidade do *Anexim.* A Fabula, depois da Metaphora, é a fórma a mais rudimentar do Conto; nasce d'esse estado mental subjectivo, e d'esse

sentimento religioso do animismo em que se dá falla ás cousas inanimadas, como as pedras; esta faculdade subsiste ainda nos proeessos rhetoricos da *Prosopopêa,* e na imprecação espontanea do povo.» (p. xx). Partindo d'esta phase mental, puramente mente *fetichista,* vêmos que os contos mythicos marcam já a transição para a phase *polytheista* — no predominio do culto solar e sideral. «Nos Contos ha o conflicto de sêres malévolos, elemento preponderante na credulidade fetichista, e os poderes magicos são caracteristicos de cultos decahidos e de raças escravisadas, que já se não encontram nas epopêas polytheistas.» (Ibidem.) Eis sufficientemente indicado o ponto de partida que deve tomar o sociologista que pretenda aproveitar os enormes cabedaes amontoados pela ethnographia e bem assim o criterio seguro para uma rigorosa classificação scientifica dos materiaes folkloricos.

Theophilo Braga procura realisar esta classificação n'um importantissimo schema, baseando-se na successão dos estados mentaes da humanidade e nas capacidades das raças. Pertencem ao primeiro estado mental, o das concepções *fetichistas*, a Fabula, o Apologo e o Anexim; ao segundo, o das concepções *polytheistas,* o Conto, o Enigma, a Epopêa e a Theogonia; ao terceiro, emfim, o das concepções *monotheistas,* o Caso, a Novella, a Lenda, o Exemplo e a Parabola. As primeiras concepções germinam entre as povos selvagens e persistem nas civilisações kuschistas e mongoloides; as polytheistas, proprias das sociedades rudimentares, encontram-se desenvolvidas nas civilisações semiticas e áricas; emquanto ás concepções monotheistas, marcam um estado de adiantamento em que as ideias abstractas adquirem toda a preponderancia, o que só succede nas sociedades superiores. (Schema, pag. XLVI.)

As condições determinadas da unidade de certas Fabulas e Contos que ainda hoje se encontram dispersos por toda a Europa e na Asia, algumas vezes mesmo entre os povos selvagens, como por exemplo o conto dos *Dois Irmãos*, que tem um paradigma entre os Bechuanas, explica-os Theophilo Braga por um fundo ethnico commum — o elemento kuschita e o elemento mongolico, a que pertenciam os lybios e os Iberos do Mediterraneo.

Sobre este fundo proto-historico da civilisação humana, assentaram mais tarde as suas civilisações os Semitas e os Arias, elevados ao polytheismo; estes conservaram sempre, entre os elementos constituitivos dos seus Contos, vestigios do estado inicial de animismo, de manituismo, de sabeismo e de totemismo. «Ha entre estas duas raças superiores, diz Theophilo Braga, differenças provenientes não só dos seus cruzamentos ethnicos... mas do seu meio ou habitat: o polytheismo dos semitas é *anthropopathico*, ao passo que o dos árias é *anthropomorphico*. Na investigação dos mythos primitivos que subsistem ainda nos Contos populares, importa distinguir esta dupla proveniencia, sem o que infallivelmente se vae cahir em um systema artificial.» (p. XXXVI.)

Basta o que deixamos dito para se comprehender a alta importancia scientifica d'este estudo sobre a *Novellistica popular*. Escusado será determo-nos nas minuciosidades de erudição com que o eminente professor comprova o seu modo de vêr.

O estudo sobre a *Litteratura dos Contos populares em Portugal*, com que abre o segundo volume, é essencialmente historico, pode mesmo ser considerado como um capitulo da *Historia da Litteratura portugueza*. Se não tem a transcendencia philosophica do que vimos de analysar, possue em compensação o interesse particular que se liga ás nos-

sas proprias cousas. Existem duas correntes de Contos, a persistente na transmissão oral do povo e a que se conserva por via de redacção litteraria; a universalidade da primeira ordem de Contos «não se pode explicar historicamente, diz Theophilo Braga; este processo compete aos Contos generalisados pela fórma litteraria, cuja transmissão se estabelece quasi de um modo chronologico e por documentos que subsistem.» (p. 6) Os nossos mais antigos documentos litterarios em prosa são contos recebidos dos Arabes, particularmente da collecção *Kalila e Dimna;* os trovadores, os jograes e os menestreis vindos do centro da Europa, augmentaram as fontes litterarias dos Contos, estabelecendo-se essa unanimidade de sentimentos da Civilisação, occidental. (p. 7 O auctor investiga nos escriptores nacionaes as referencias a este ramo da Novellistica até á collecção de Gonçalo Fernandes Trancoso, no seculo XVI, e d'ahi até ao Romantismo e á direcção scientifica moderna.

Nas notas que acompanham esta collecção de Contos, refere Theophilo Braga grande numero de paradigmas e fornece preciosos elementos para o estudo comparativo da Novelistica popular.» [1]

*

No *Imparcial* de Madrid e sob o titulo de *Publicistas portuguezes*, encontramos um notavel artigo firmado pelo illustre jornalista hespanhol D. José Carracido, lente cathedratico da Universidade central d'aquella cidade, em que se relacionam as tradições populares com a Historia da Litteratura:

---

[1] Teixeira Bastos, *A Discussão*, n.º 119 (abril de 1984.)

«Se a historia da litteratura fosse, como em outros tempos, o catalogo chronologico illustrado de notas criticas sobre as obras ditadas pelo engenho humano, só poderiamos citar o *Systema de Sociologia* do professor do Curso superior de Lettras de Lisboa, para o julgar como publicista na rigorosa accepção do termo; sendo hoje, porém, a historia, nas suas varias manifestações, vasto panorama da série evolutiva dos organismos sociaes que hade patentear a cada momento a persistencia da causa geradora que preside ao desenvolvimento da vida dos povos, não é possivel escrever sobre estes assumptos sem se mostrar ao mesmo tempo publicista, e o historiador da litteratura ainda em mais alto gráo, porque nada ha mais genuinamente nacional do que as obras litterarias. A arvore da sciencia é muito cosmopolita e poderá ser frondosa ou rachitica conforme as latitudes em que fôr cultivada; mas o seu typo é sempre o mesmo. Em compensação, a flóra litteraria ostenta diversas especies em cada zona social e talvez que por intuição d'esta intima adherencia da obra artistica ao solo patrio os povos têm adoptado sempre como appellativo os nomes dos seus poetas, pondo em segundo plano os dos seus sabios. Um sentimento egoista determinou esta selecção.

Assim é que o auctor da vastissima *Historia da Litteratura portugueza* é publicista e dos mais profundos, porque a obra immensa da suá vida tende no espjrito geral que a informa, e na portentosa erudição patenteada no seu desenvolvimento, a realçar a personalidade da sua nação, determinando os peculiares caracteres especificos do organismo social, evidenciando a sua persistencia através das successivas manifestações do engenho.

O criterio de submissão á realidade, demonstrado no aprêço dado a todos os factos, sem exclu-

são dos de mais infima especie. é o que inspira todos os trabalhos de Theophilo Braga, affirmando na sua dilatada série que os produziu um espirito que professa theorica e praticamente as leis da Philosophia positiva. Como o geologo que estuda nos fundos abysmos do planeta os mais rudimentares esbôços da vida organica, e d'elles parte para seguir o seu desenvolvimento progressivo até attingir as fórmas mais complexas, o investigador do genio da Nacionalidade portugueza esquadrinhou as massas populares para surprehender nos seus Estribilhos e Canções as primordiaes fórmas litterarias, explorou minuciosamente o archipelago dos Açóres para colleccionar o seu *Romanceiro*, e escolheu d'entre elle as fórmas litterarias sobreviventes n'esta colonia portugueza, que já pereceram na metrópole; e por fim, percorreu todas as phases da litteratura culta, dissecando n'ella as influencias extranhas que contribuiram para a modelar, e as circumstancias historicas que determinaram a sua grandeza e decadencia. Cancioneiros, romanceiros, antologias. edições criticas dos principaes poetas portuguezes que constituem a base que pelo proprio trabalho de investigação Theophilo Braga accrescentou para cimentar solidamente a sua grandiosa *Historia da Litteratura portugueza*, desenvolvida em numerosos volumes, que se á primeira vista parecem um conjuncto insystematico, estudados detidamente n'elles se conhece a connexão organica que os inspira e o immenso amor patrio que palpita em todas as suas paginas, ora eruditas, ora eloquentes.

Dado o caracter eminentemente nacional da obra d'este historiador, é de suppôr que n'ella se manifeste certa hostilidade á Hespanha. para se desligar de todos os liames e exhibir livremente a propria e una personalidade do organismo que se apresenta

com caracteres bastantes para constituir uma especie social independente; mas não é assim, porque a recta consciencia do profundo e austero investigador supplanta o apaixonado sentimento do patriota, confirmando mais uma vez que nenhum culto póde competir com o das ideias, nem aspiração alguma comparar-se com a de alcançar a verdade pelo interesse scientifico, para que os intuitos generosos impulsem a consciencia, encaminhando-a para a justiça, despresadora de mesquinhos egoismos.

Se é certo que o infatigavel revindicador das glorias litterarias de Portugal nos contesta algumas vezes o direito de prioridade de algumas obras, nunca nos abandona truncando a communidade de origens e interrompendo as mutuas connexões, e reconhece na *Eschola Galliziana* ou gallega os primeiros germens da litteratura que se estenderam desde as margens do Minho até ás do Douro, importados nos tempos do fundador da monarchia lusitana, D. Affonso Henriques, os quaes não perderam a sua vitalidade até fins do seculo XIII, segundo o revela o *Cancioneiro* hoje chamado *da Ajuda*.

Consignando Theophilo Braga estes precedentes sem os attenuar no seu valor nem desfigurar a verdade para lisongear exclusivismos regionaes, busca as origens da sua nacionalidade, em época recente para proclamar que «as expedições maritimas do seculo XV e as grandes navegações do seculo XVI deram ao povo portuguez uma missão superior no progresso da humanidade, ao mesmo tempo que lhe imprimiram caracter proprio dotado do vigor de nacionalidade independente entre os povos peninsulares.»

E' indubitavel que as nações como os individuos, mais que pela extensão e pelo seu vulto se caracterisam e reputam por seus feitos, e hoje mais do que

nunca póde affirmar-se a exactidão da these posta por Theophilo Braga; porque a immensa e energica explosão do sentimento nacional perante o cubiçoso procedimento da Inglaterra, demonstrou com esse instincto sempre sabiamente revelado pelas multidões nos momentos supremos, que ao cercear-lhe o seu dominio colonial feriam a nação no mais intimo da sua alma, arrebatando-lhe os testemunhos authenticos da sua personalidade social.

Já indicámos o caracter da obra do historiador da Litteratura portugueza em relação com o sentimento de nacionalidade, mas com o ser tão dilatado, que assombra só o pensar na somma do trabalho material que suppõe. ainda se alargou a outras espheras a inverosimil fecundidade do eminente escriptor lusitano. Causa espanto o imaginar como um homem que apenas conta quarenta e sete annos, tendo passado a adolescencia e a mocidade no meio das maiores privações, até o ponto de grangear, como Michelet, minguado sustento auferindo um mesquinho salario em uma imprensa, achara tempo disponivel para escrever em verso uma Epopêa cyclica da Humanidade, proseguida em varios volumes e terminada em 1884 com a collecção de poemas *Miragens seculares*. Simultaneamente com estas producções rimadas, dirigiu e collaborou activamente por espaço de quatro annos na revista *O Positivismo*, ao mesmo tempo que traçava o *Systema de Sociologia*, exercendo a sua portentosa actividade em emprezas diversas, mas todas profundas e inspiradas n'um firme criterio.

Desde o anno de 1872 é Theophilo Braga professor em Lisboa, depois de ruidosissima opposição, em que teve por antagonista Pinheiro Chagas. A brilhante eloquencia d'este, que Madrid admirou e applaudiu, e as avançadas ideias philosophicas e

politicas d'aquelle foram armas esgrimidas para terçarem o resultado do concurso; mas entre um e outro havia a differença de que o primeiro é profundo investigador e o segundo brilhante expositor; e o jury entregou por unanimidade a cadeira a Theophilo Braga, que d'ella tomou posse.

Hoje vive o professor do Curso superior de Lettras consagrado á cadeira e ás tiras de papel em que continua derramando os thesouros do seu saber, ao mesmo tempo que busca allivio para as dolorosas perdas de familia que lhe entristeceram o lar, de cuja vida é fervorosissimo devoto. Da ultima vez que o visitei estava escrevendo a *Historia da Universidade de Coimbra*, na qual só deixava de trabalhar algumas noites para assistir ás reuniões do Club de Propaganda republicana.

Se, pelo avançado das suas ideias, se julgasse que elle é um homem arrogante e dèsabrido, incorrer-se-hia n'um erro, porque o seu caracter é bondosissimo como o da culta sociedade portugueza, as suas maneiras modestas até á timidez apparente, e tão amavel commigo nos seus juizos a respeito de Hespanha.» [1]

Historia da Poesia popular portugueza

«Até 1867, anno em que Theophilo Braga publicou a primeira edição d'esta obra, o que existia, entre nós, era a compilação material, que exceptuado o interesse esthetico, nenhum principio systematico orientava; concorrendo ainda para annullar o seu valor restricto os retoques com que os collecciona-

[1] D José Carracido, *Publicistas portugueses* — traduzido na *Actualidade*, do Porto, 1891.

dores, n'um prurido litterario, falseavam o sentir popular. Foi elle, já com os recursos da sua alta envergadura, quem introduziu methodo scientifico na solução de problema de tanto relêvo como é o do exame comparativo do nosso lyrismo popular e das narrativas heroicas com o conjuncto europeu, que logicamente leva a concluir pela sua surprehendente unidade. Os aspectos psychologico, anthropologico, ethnographico, historico e esthetico com que o auctor encara, n'um intuito reconstructivo, todo esse syncretismo de crenças e emoções primitivas das raças que se fixaram na Europa e foram unificadas pela Occidentalidade, cuja resultante é o phenomeno da poesia popular européa, sem cujo criterio seria impossivel o estudo d'este documento humano — pois não se apprehenderia a verdade historica encerrada nas tradições poeticas — revela bem não só a sua difficuldade mas ainda a complexidade de conhecimentos que se exigem a quem se propozer entrar, sériamente, na solução de problemas, que a cada passo surgem ao attentar-se na idealisação de themas tradicionaes e na sua adaptação a novas concepções e interesses.

O 1.º volume contém as origens da nossa poesia popular, dividindo-se em tres partes.

Acompanharemos, de preferencia, as duas primeiras.

E' consagrada a inicial á *formação e desenvolvimento da Poesia popular occidental.*

Examina-se n'ella, profundamente, a existencia da poesia — simultaneamente cantada e dansada, fundada na *accentuação* e na *rima*, bases da metrificação moderna — nas camadas populares de Roma, vê-se que entre os povos do Occidente — que integrados no Imperio se foram romanisando — essa poesia encontrou novas condições sociaes para se

desenvolver sobretudo pela similaridade dos costumes, pela ampliação do lexico nos dialectos vulgares chamados novo-latinos. Theophilo Braga, reconstruindo esse fundo historico, esclarece com os seus residuos tradicionaes as analogias da poesia popular nas nacionalidades modernas.

O Christianismo, adverte o sabio escriptor, com os seus elementos poeticos e a Egreja como corporação politica e docente, transformando os Polytheismos das raças europêas no Monotheismo, provocaram a elaboração de um residuo de mythos destituidos da crença em themas poeticos tradicionaes, sempre condemnados pelo rigor dos Concilios como superstições, ou adaptados ao culto por interpretações allegoricas. E' a começar do IV seculo que se opéra este phenomeno, em que esses themas poeticos estimulam a sympathia popular e inspiram o genio individual, ambos no mais completo accôrdo.

As invasões germanicas, do norte da Europa, e a dos Arabes ao sul, nos profundos abalos sociaes aproximam novas fontes de poesia das raças, ampliando a intensidade da poesia vulgar, e interrompendo por longo tempo a disciplina latina. E' n'esta crise, que recebem fórma escripta as Linguas romanicas, e se fixam as novas fórmas poeticas, sem relação alguma com a metrica latina. (p. 305.)

Depois de medir a actuação que na poesia popular em geral operaram as outras fórmas sociaes, costumes e civilisações da Europa, fomentando manifestações typicas em cada uma das actuaes collectividades, conclue o sabio professor que os vestigios tradicionaes projectam intensa luz, explicando as analogias da poesia popular nas modernas nacionalidades que lhes foi anthropologicamente transmittida por fócos communs de persistencia e de irradiação.

Termina esta primeira parte pela synthese evolutiva da nossa poesia vulgar, em que ha quatro épocas destacantes: do seculo VIII-XII, XII-XV, XV-XVIII e XIX.

A segunda parte é relativa ás *Nacionalidades peninsulares na sua Tradição poetica.*

Só pelo processo comparativo, só por um estudo sobre o conjuncto das fórmas poeticas do identico elemento popular que constituiu essas sociedades — sobrevivencia de uma vasta camada anthropologica cujo estrato primordial foi principalmente a base ligurica — se conseguirá reconstituir organicamente a unidade da sua tradição. Por isso, só integrada nos grupos ethnicos *Asturo-Gallecio-Portuguez* e *Extremenho-Betico-Algarvio* será claramente comprehendida a nossa poesia popular. Entretanto, como os principaes elementos que na Peninsula se fusionaram estenderam-se á França meridional, Bretanha e Italia, o auctor tem sempre em vista os paradigmas similares da poesia d'estes povos.

Esta coordenação fundamental, em que Theophilo Braga assentára em 1885 no *Curso de Historia da Litteratura portugueza* (p. 399) e nitidificára em 1896 na *Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza*, (p. 62-70) recebe agora uma tal demonstração que é um triumpho. E' considerando o phenomeno da poesia popular portuguesa com o concurso d'estas verificações que vêmos reflectir-ne n'ella admiravelmente as grandes crises da collectividade nacional.

Creado no seculo XII (1109) o Condado português, breve estado autonomo, firma-se nos *mosarabes*. E' no periodo fructeador do seculo VIII ao XII que se opera o desenvolvimento d'essa importante e forte classe social de que organicamente resultou o povo dos modernos Estados peninsulares, e como

então foi vasta a elaboração lyrica e narrativa, que se transmittiu oralmente, esta a razão porque o auctor considera, lucidamente, como primeira época historica da Poesia popular, não só portuguêsa mas tambem dos outros povos romanicos, o lapso que medeia entre estes dois seculos, determinando, com toda a segurança, os antecedentes em que dominou a unidade romana e a unidade catholica, quer unificando os iberos, ligures e celtas, quer suevos e visigodos (germanos).

A systematisação critica e o criterio sociologico com que é fixado todo o valor historico do elemento *mosarabe*, que manteve a tradição juridica dos costumes e o symbolismo germanico syncretisado com residuos celticos, ibericos e com novas adaptações semitas ; a enumeração synthetica com que se prova o que houve de assimilação do caracter e da cultura arabe — pois não existem factos que neguem a intima approximação e a coexistencia pacifica das duas raças — é um quadro expressivo e eloquente d'essa classe activa agricola e fabril, em que se elaboraram os costumes juridicos dos *Foraes* e os themas tradicionaes dos *Romanceiros*.

Tendo determinado desenvolvidamente até que ponto o elemento arabe carregou litterariamente no hispano-godo, principalmente pela fórma narrativa dos *Alhadits*, consigna que se deu uma attenuação n'essa influencia devido á reviviscencia das tradições germanicas — causada pelas invasões dos normandos nos seculos IX e X — que foram elaboradas em cantos populares — poesia principalmente narrativa.

A exposição do processo apropriativo do fundo germanico, nos primeiros tres seculos da monarchia portugueza, é notavel.

De largo alcance — para a comprehensão da sua

genese, é a fórma como Theophilo Braga accentua a simultaneidade dos dois phenomenos: creação das linguas nacionaes peninsulares e da nova poetica. Seguindo a sua linha evolutiva faz resaltar os seus periodos organicos de lenta elaboração, que foram oraes, facto que importa ter sempre bem presente mas que muitos philologos parecem esquecer. Tudo isto é rigorosamente comprovado com numerosos paradigmas em que é explicado o movimento de adaptação a novos successos, ás condições actuaes, que é o processo logico da tradição e da conservação da poesia do povo.

Tendo a Poesia popular portugueza, como já se frisou, o seu commentario historico na poesia dos differentes grupos ethnicos da Peninsula, passa o insigne escriptor, a examinar a região *Gallecio-Asturo-Portugueza*. Demonstrando que no seculo XV ainda era conhecida a unidade da tradição poetica em Portugal e na Galliza, infere, em seguida, da sua unidade ethenica. Prova com as mais recentes investigações anthropologicas — reforçando o que ácerca da ethnographia iberica transmittiram os geographos gregos e romanos — ser de approximada homogeneidade o fundo ethnico peninsular — gentes pré-celticas (substratum iberico e principalmente ligurico). Causas mesologicas (relêvos orographicos), vicissitudes historicas, tudo concorreu para fomentar o espirito de autonomia — traduzido mais tarde, plenamente, na existencia de varias nacionalidades. D'esta differenciação a resultante foi: regiões com a mesma tradição poetica e costumes ficarem desconhecidas politicamente. Exemplificando com paradigmas que se encontram por toda a região occidental — e levam á verdade irrefragavel da unidade lyrica do Occidente europeu — vê-se que é perfeita a concordancia com os dados anthropolo-

gicos resultando ser na sua constituição ethnica que se encontra a tradição lyrica da Galliza, que se filia no fundo commum da Aquitania, onde a raça pertencia, confórme Strabão, mais ao typo iberico do que ao gaulez, (p. 138) asserto esclarecido e confirmado pelo eminente Broca.

De seguida indica o fóco de civilisação que, na reconstituição da sociedade neo-gotica, foi esse fragmento da Lusitania, esse fragmento de Portugal — a Galliza; relata como foi annullada a sua vitalidade nacional pela absorpção centralista de Castella, notificando que a resistencia deve-a á tradição lyrica em que conserva a sua feição ethnica e esse espirito local a que chama *soidade*. Para definir integralmente o substratum lyrico — *Serranilha* portugueza, além de ir, n'um intuito comparativo, examinar a estabilidade d'esta fórma poetica ao lyrismo popular francez e italiano, inicia o estudo das *Muiñeiras* — cuja fórma é identica á da antiga Serranilha — patenteando todo o valor ethnico e tradicional d'esse typo genuino do lyrismo peninsular.

Esta persistencia por todo o Occidente só póde provir de um fundo primitivo do Lyrismo occidental, que se mantem a despeito dos separatismos politicos.

Determinando a fixidez dos Cantos lyricos na tradição popular actual, é superior a fórma como analysa a canção da *Ruada* ou *Foliada*, que explica a estructura das cantigas minhotas em *tercetos*, a *seguidilha*, que apparece na Galliza e Minho, a quadra, etc., etc. A despeito de na Galliza preponderarem os cantos lyricos sobre os épicos ou recitados — o que tem explicação na emigração dos naturaes e na conservação da tradição pelas mulheres — o que é certo é que o Romanceiro, apresentando um caracter tão archaico como o do lyrismo, o que denota a sua enorme vitalidade, explica o

phenomeno da idealisação poetica com o facto historico, e ao mesmo tempo a estructura metrica antes da fórma dos octonarios do seculo XV (p. 194).

E' com todos estes elementos que Theophilo Braga critica syntheticamente os romances oraes de Portugal, cuja maior parte têm paradigmas na Galliza.

Mas não são unicamente as fórmas épicas, do typo rudimentar do Romance, que apresentam flagrante unidade; manifestam-a tambem exuberantemente as superstições populares, proverbios, jogos infantis e adivinhas determinando uma vez mais — a despeito da desmembração d'esse territorio lusitanico que tem permanecido para nós extranho tantos seculos — que o unitarismo ethnico impõe-se. Resumindo: nas fórmas lyricas gallecio-portuguezas acham-se os typos que se desenvolveram litterariamente nos Cancioneiros trobadorescos e nos grandes poetas lyricos no seculo XV e XVI, o que explica todo o seu valor. Com conhecimento profundo da Hespanha pré-romana — recompondo com o estudo da poesia gallega o velho lyrismo portuguez, reflexo das fórmas oraes perdidas — precisou Theophilo Braga a base *lusitana*, facto de um alcance extraordinario; porque é n'ella que está a genese commum dos themas tradicionaes das creações artisticas.

Passando á Canção popular das Asturias, comprova que é identica á da Galliza a mais antiga camada anthropologica asturo-leonesa, observando que entre nós, persistem fórmas metricas similares ás d'esta região — estylo das cantigas de *Estavillar;* e que o romance do *Figueiral* liga-se pela sua estructura a essa camada. Assente a unidade d'este substratum attenta, em seguida, na Canção popular portuguêsa.

Depois de traçar com a habitual segurança critica, a curva evolutiva da nossa nacionalidade, desce a rebuscar o fecundo veio tradicional, verificando com o processo comparativo, o lusitanismo dos Romances populares — themas odyssaicos — *Não Catherineta*, da *Bella Infanta* e da *Noiva roubada*, que concluem pela similaridade de uma tradição derivada da camada ligurica. Em todas as outras referencias, que são muitas e valiosas, feitas, n'esta parte da sua obra, a cantos tradicionaes relaciona-os sempre com as nossas origens ethnicas e civilisação do Occidente, accentuando, n'uma insistencia salutar, o valor da pristina base anthropologica.

Passando á região *Extremenha-Betico-Algarvia*, e principiando a discorrer sobre a Canção popular da Extremadura, é capital o estudo confrontativo, em que deduz a concepção primitiva, que determinou a lenda *La Serrana de la Vera*, que apparece metrificada nos cantos d'essa região hespanhola. [1] Frisando o dynamismo da Canção popular da Andalusia, aponta com dados historicos, deducções ethnologicas e designações identicas, a communidade do caracter ethnico e observa: nas cantigas portuguêsas e andalusas, determinam-se os moldes da Canção que se desenvolveu musicalmente no *Soláo* e na *Modinha*, que se relacionam com as Canções italianas que produziram a *Aria*. Pelas

[1] E' verdadeiramente assombroso, como no região norte do districto de Bragança se encontra o Romance da *Serrana e o Pastor*, (*Instituto* de Coimbra, vol. 54, p. 376) como variante da *Serrana de la Vera*. E completando este cyclo, o Romance de *Gayarra*, das Asturias, apparece tambem em Bragança, com o titulo *A Dama e o Cavalleiro*. (*Id. Ib*, p. 379.) Só foram publicados estes romances portuguezes pela primeira vez em 1907. Que melhor verificação da segurança do methodo?

cantigas populares da Andalusia se definem as fórmas da cantiga portuguêsa, nos seus dois typos, a *Seguidilha* e a *Copla*. Está fórma presta-se ás mais delicadas expressões do sentimento; constitue o o germen da Monodia *(Canzone a una voce)* e da *Modinha* portuguêsa, que pelo desenvolvimento artistico e litterario se separaram da ingenuidade popular. (p. 297.)

Ao occupar-se da Canção popular do Algarve, define o tronco anthropologico d'essa provincia, provando que as tribus maurescas não alteraram os caracteres da população lusitana, e que é anterior a esse acantonamento a tradição das *Puellae gaditanae*, que decahiu na vulgarisada crença das *Moiras* encantadas.

A terceira parte tem por objecto *A Versificação popular e os Generos poeticos.*

No § 1.º explica «como do genio das linguas romanicas derivou o systema completo e perfeito da versificação popular, que se fixou nas Litteraturas.» E trata do syllabismo, dichotomia, accentuação, assonancia, aliteração, rima, estrophe e discurso poetico. Entra seguidamente no § 2.º — *Os Generos poeticos, e os Themas universaes da idealisação popular* — «na parte viva da Poesia do povo, proveniente da relação intima da Palavra pelo seu *accento* prosodico com as fórmas da *Melodia* e da Dansa, que determinam a creação e desenvolvimento completo da *Canção.*»

Os themas fundamentaes da poesia do povo, tomados das concepções primitivas do anno solar, são estudados nas tres fórmas definitivas da Canção popular, lyrica, narrativa e dramatica (p. 397 a 477) — apresentando os germens fecundos da evolução litteraria e musical moderna.

O superior criterio com que o auctor da *Historia*

da Poesia popular portugueza remonta aos residuos poeticos das gentes, que precederam na Europa a raça árica, bastaria para fazer resaltar esta obra pela comprehensão suprema de que só o conhecimento nitido do mais antigo sub-sólo anthropologico europeu e successivas estratificações. só o profundo estudo ethnologico, que explicasse lucidamente a persistencia dos costumes e das concepções mythicas, que activamente operaram na sua poesia fornecendo-lhe themas universaes, levaria á intelligencia das fórmas communs do lyrismo europeu e das narrativas heroicas.

Esta obra em que tudo está largamente fundamentado, não abrindo logar a duvidas, tão logica é a sua deducção, é mais uma prova flagrante de que só a alta intelligencia, o real talento de observação e a erudição assombrosa mas coordenada de Theophilo Braga era capaz de conseguir estabelecer fio conductor, assentar continuidade historica em materia de tanta difficuldade e complicação, tratada, quantas vezes! — tumultuariamente, em considerados escriptores estrangeiros.

Pelo methodo ethnologico com que systematisa as tradições — até á publicação d'este livro inaccessiveis, por falta de quem as analysasse e explicasse indicando os parallelismos — é um manancial riquissimo.

Para o consagrar bastava a fórma como se determinam seguramente as nossas origens ethnicas; mas, além d'isso, por esta preciosa obra, os alicerces da tradição portugueza ficam legitima e esplendidamente não só desvendados, mas, o que é muito mais, nitidificados; dando-se, d'este modo, ao povo portuguez consciencia da sua unidade vae n'isto um grande estimulo para um renascimento.

Ha só uma cousa que eguala a profundidade com

que são tratadas as origens da nossa poesia tradicional, é o ponto de vista superior que dirigiu Theophilo Braga.

A critica synthetica não póde ser mais firme.

Com o illustre, com o insigne escriptor, que tem posto em toda a luz os problemas mais obscuros da nossa evolução litteraria, têm sido justos illustrados criticos estrangeiros.

Em Portugal, um antemural de infame silencio pretende levantar-se sobre as suas obras, que são monumentos, e d'onde rompem verdades que nos obrigam a consagrar em Theophilo Braga o primeiro espirito portuguez.

Ao iniciar o segundo volume — *A Côrte e a Egreja, sua influencia na Poesia popular* (seculo XII a XV) — examina Theophilo Braga visceralmente a persistencia do typo *lusitano*, principalmente na *Terra portucalense*, de que resultou a independencia do Condado de Portugal, que através das dissidencias dos Estados peninsulares ibericos, impulsionou Affonso Henriques a dar realidade a essa revivescencia ethnica constituindo a Nacionalidade portugueza. Consigna o facto fundamental da existencia de uma população livre com instituições locaes, ou Concelhos, governando-se por magistrados seus, fórma social que antecedeu o estabelecimento da realeza em Portugal, e a que os monarchas desde D. Affonso Henriques até D. Affonso III não fizeram mais de que reconhecer em Cartas de Foral. Taes eram, conclue o auctor, depois das raizes anthropologicas, as bases ethnicas para uma Nacionalidade, em que a realeza foi estrangeira e sempre um corpo extranho, parasiticamente encravado no seu organismo visando ao unitarismo *iberico*.

Passa, depois, a ponderar a actuação da *Cultura franceza e do Poder real*. Affonso VI, de Castella,

fôra successivamente casado com tres francezas; e a dois francezes Raymundo e Henrique de Borgonha, deu em casamento suas duas filhas, concedendo aos genros os Condados da Galliza e de Portugal. A corrente de imigração franceza para a Hespanha era estimulada pela cruzada contra os mussulmanos equiparada nas indulgencias ao voto da peregrinação á Palestina. O clero francez actuára directamente no animo das rainhas, exercendo uma influencia no governo, pela occupação das sédes episcopaes por prelados francezes. Era a poderosa Abbadia de Cluny que dirigia esta absorpção, que visava á extincção da egreja nacional ou mosarabe, pela Egreja de Roma, então sob o pontificado de Hildebrando, do partido francez. E' justamente a influencia da Côrte e da Egreja, que propaga a cultura franceza, do Lyrismo e das Gestas, das Lendas agiographicas e novellescas, que afastam os espiritos da sympathia pelos cantos populares nacionaes.

A colonisação franceza continuou ainda depois da morte de D. Affonso Henriques, dando-se-lhe Pontevel e seu têrmo, approximando-se da margem direita do Tejo, pela doação aos frankos de Villa Verde e Lourinhã. N'estes Foraes encontram-se duas designações *Gallici* e *Franci*, como se nota no de Atouguia: é a mesma divisão dos Gallo-frankos e dos Gallo-romanos, do norte e do sul da França, que se mantinha em Portugal; os francos tornaram-se os privilegiados *(franquias)* da colonia, sendo todos cavalleiros, emquanto prevalecia a peonagem nos francezes meridionaes. Esta divisão de raça reflete-se nas fórmas das tradições poeticas da lingua d'Oil e da lingua d'Oc, divulgadas em Portugal: os Gallo-francos por si e pelos jograes que percorriam a peninsula, repetiam os cantos épicos, as *Gestas* cyclicas da lucta dos grandes vassallos

contra a realeza; as Canções trobadorescas, muito antes do regresso de D. Affonso III de França com os fidalgos seus partidarios que ahi se refugiaram, eram tambem repetidas em Portugal pelos trovadores que acompanhavam as Cruzadas e pelos jograes que frequentavam a côrte, e as romagens. Esta influencia gallo-romana tornou-se mais poderosa, quando pela guerra dos Albigenses os trovadores do sul da França se refugiaram em Hespanha, e nas côrtes peninsulares fidalgos e reis se entregavam á imitação do *Gay saber* em contraposição á *Nova Mestria*. Estas duas correntes poeticas actuaram sobre o desdem pela poesia popular, estabelecendo a separação entre o *Villão* e o *Cortezão*, que veiu pela acção continuada do tempo a produzir a esterilidade artistica (p. 3-25).

A *Nova Mestria* comprehende tres materias: a Canção de Gesta guerreira e feudal; os poemas de Tavola-Redonda, do cyclo de Arthur e de Santo Graal, e as lendas metrificadas de Troya, e mesmo assumptos da Historia sagrada. Sob a influencia franceza, e pela propaganda dos jograes d'estas Canções de Gesta e das Novellas bretãs sahiram alguns Romances velhos, que se apagaram na transmissão oral, ficando apenas vestigios intercalados na *Cronica do Ultramar*, mandada redigir por Affonso o Sabio; os que apparecem entre o povo sobre Carlos Magno, Roland, Roncesvalles, *Flores e Branca Flor*, *Tristão e Yseult* são em redacção poetica octonaria do seculo XV (p. 28).

Segue Theophilo Braga a vulgarisação d'esses tres themas fundamentaes da nova mestria discutindo-os e comprovando-os desenvolvidamente com numerosos e ricos documentos francezes, portuguezes, hespanhoes, italianos, allemães, etc., sobre que estabelece a relação tradicional; attentando nos que

receberam fórma litteraria, nos que se desenvolveram épicamente e nos que receberam a fórma da prosa novellesca (p. 29-53).

A poesia das linguas romanicas distinguiu-se além da *accentuação* pela *rima*, e esta caracteristica lhe deu o nome generico de *rimance;* da procura da rima proveiu o nome de *trova* designando a cantiga vulgar, de que o quinhentista Ferreira fallava com desdem. Ainda hoje em Traz-os-Montes o nome de *Trovo* designa a canção narrativa. Das fórmas populares tiraram os provençaes os rudimentos lyricos, que serviram de modelo ás novas litteraturas; e o desenvolvimento culto das fórmas do verso e da estrophe, constituiu a *Arte de Trovar,* distinguindo-se em *Gran Mestria* (Arte mayor) dos processos espontaneos do povo, a que chamaram *Arte commum* ou *Mestria menor.* [1] Separando-se cada vez mais o cortezão do villão, os cantos populares perderam-se em grande parte na transmissão oral, e os trovadores fidalgos versificando *em maneira de Proençal,* como diz o rei D. Diniz, esgotavam todo o esforço em artificios incompativeis com a expressão do sentimento.

Só indirectamente é que a belleza natural da poesia do povo veiu animar o lyrismo trobadoresco, que se apagava; uma classe sahida do povo e exercendo o mister de cantores vagabundos (*Mister de joglaria* — p. 77-95) é que convergia ás côrtes e palacios da nobreza, levando-lhes as novas cantigas,

---

[1] A Canção servia usualmente para pagar a generosa hospitalidade ao peregrino, ao qual no solar se dava palha fresca sobre que se deitasse, cantando em paga «*sa romance sur un air nouveau*». Nas alcavalas exigidas á passagem das pontes tambem se admittia a Canção por paga, como a infima expressão da miseria anonyma. (pag. 66.)

umas vulgarisadas de alguns trovadores mais afamados, outras imitando semi-litterariamente as canções anonymas que lhe eram mais queridas ou proprias da occasião, como as da entrada de Maio.

Não é facil encontrar Canções genuinamente populares do seculo XII a XIV; mas authentica-se a sua existencia nas referencias dos trovadores fidalgos, quando as imitam nas composições satiricas, nas balladas e quando os jograes reproduzem as fórmas tradicionaes metrificando n'ellas as invenções do momento, confundindo a *Arte maior* com a *Arte commum*. Aos versos curtos, proprios para a dansa e para o canto, como os quaternarios e quinarios, sempre empregados nas Canções lyricas e narrativas pelo povo, deu-se nas Poeticas ou Artes de Trovar, o nome de versos de *arte menor*, contrapostos á *arte maior*, ou octonarios, e *Gran Mestria* ou os endecasyllabos. O desdem dos cortezãos contra os cantares de villão é que fez conservar alguns vestigios da poesia popular d'este periodo de transformação e assimilação de novos elementos.

Florescia a Canção laboriosamente trabalhada nas rimas e estructura estrophica, com requintes de galanice consuistica, lisongeando as damas em extremos de galanteria e como intriga divertida dos passatempos da Côrte. Arte mayor *(Gran Mestria)*, constituia uma complicada doutrina, em que o Amor era uma idealisação que se afastava da realidade até tornar-se uma allegoria. A *Gaia Doctrina*, fôra creada pelos trovadores da Provença, e por esses seus artificios propagara-se a todas as Côrtes da Europa: *Gay* (joy) tinha o sentido que tem no francez *joie* e no velho portuguez *goio*, a alegria resultante das virtudes cavalheirescas, (em antithese como *tristo*, que no italiano significa malvado). O Amor era o thema da Canção trobadoresca, constituido

uma doutrina especulativa e mystica, que se debatia nas *Côrtes dv Amor* e nos Puy, estabelendo-se julgamentos que passavam como decisões ou *Arresta amorum*. O titulo mais glorioso com que se podia designar um trovador, era apontando-o como grande mestre de amor. Quando o lyrismo provençal se tornou moda nas Côrtes e um distinctivo de gosto na nobreza, já elle estava em decadencia. Os reis de Aragão, Affonso II e Pedro III versificam em provençal, n'esse estylo o rei sabio Affonso X, de Castella, o mesmo o Conde de Campagne, Thibaut, que veiu a ser o rei de Napoles, e o Conde de Anjou, rei da Sicilia, pae de S. Luiz, sendo da côrte d'este que os fidalgos portuguezes trouxeram a maneira de trovar á provençalesca.

Da procura de rimas e fórmas artificiosas da Canção é que proviéra o nome de trovador, como notou Etienne Pasquier: «Os poetas provençaes eram chamados *trovadores* pelas invenções que elles achavam (trouvaient). E consistia a sua poesia em Sonetos, Pastorellas, Canções, Sirventes e Tenções.» O Soneto era a canção subordinada á melodia, anterior á fórma que lhe deu o subjectivismo italiano; a Sirvente era a satira politica pessoal; a Pastorella era a canção bailada entre raparigas a que (como ainda hoje no Alentejo) se dava o appellativo de *pastora*, e dialogada; a Tenção era uma questão de amor proposta como enigma, e segundo os interlocutares ora se chamava *torneamens* e *jocs-partis*; muitos outros typos lyricos se distinguiam com os nomes de *descorts*, *planch*, *redonda*, *retruengue*, *complaint*, *alba*, *serena*. Pela sua parte os versos variavam, sendo «*de dez syllabas*, á la manera *de los Lemosis*,» como define o Marquez de Santillana, e contraposto á redondilha menor da poesia popular.

A paixão pela poesia provençal era notavel na Italia.

No reinado de D. Diniz — um dos mais fecundos e eximios trovadores portuguezes — a alma do mosarabe, ou melhor o *lusismo* soffreu além d'este apagamento da sua poesia, um duro ataque ao seu direito e crença religiosa: os Foraes, que eram os estatutos territoriaes, ficaram supplantados pela introducção do Direito romano com a fundação da Universidade de Coimbra, Direito que visava ao estabelecimento dos poderes majestaticos que levaram a monarchia ao absolutismo; o rito mosarabe ou da egreja nacional, foi substituido pelo romano, mantido na capella real; a poesia do povo ficou considerada *sin regla ni cuento*, como dizia o Marquez de Santillana. Na vida historica de Portugal o genio da nacionalidade, o *lusismo*, a autonomia local e resistencia individualista foram constantemente abafados pelo poder real, desde que não precisou mais apoiar-se aos Concelhos contra os fidalgos asturo-leoneses e contra a Egreja aristocratica.

E' natural que as Canções trobadorescas — que se desenvolveram poeticamente no *Madrigal* e que chegaram a definir-se musicalmente na Aria — fossem moldadas no gosto popular para aproveitar as melodias tradicionaes ou as dansas locaes.

As Canções provençaes, são o inicio do moderno lyrismo europeu, em que os trovadores deram fórma escripta embora rudimentar ás Canções populares do occidente. Sobre esses rudimentos é que os lyricos italianos elaboraram o *Dolce Stil nuovo*, que pelo Petrarchismo dominou como modelo em todas as litteraturas desde o seculo XV (Escola sevilhana) até ao seculo XVII (Portugal, França e Inglaterra) (p. 54, 55, 66, 77).

Como não se comprehende o desabrochar da

poesia popular das modernas sociedades, sem determinar bem a antipathia do elemento ecclesiastico oppondo-se ás manifestações do genio do povo, ás suas tradições, quando imaginava que eram vestigios de polytheismo ou paganismo, apresenta Theophilo Braga um profundo estudo sobre *A Cultura latino-ecclesiastica*.

Para distinguir a sua actividade mental dos que se entregavam ao estudo das letras *humanas*, o clerigo definiu o seu mister como interprete das letras sagradas, commentando e exemplificando o seu texto. E' n'este trabalho que redige as *Lendas* religiosas em que evhemerisa os velhos mythos populares; em que apresenta á credulidade popular as vidas dos Santos, muitas vezes personificações de deuses pagãos; e em que moralisa para o vulgo por meio de Contos, Parabolas, Fabulas e Exemplos, em que syneretisa elementos populares e eruditos, como na *Gesta Romanorum;* e em que unifica a tradição occidental e a oriental. Mesmo as festas religiosas são por vezes revivescencias do polytheismo, como a *Festa do Corpo de Deus*, que sob o governo de René d'Anjou é uma renascença do Provençalismo, na sua relação tradicional com as festas do mytho solar do primeiro de Maio, das canções lyricas, das cavalgadas e das dansas figuradas.

Com a primeira Renascença o humanismo prevalece nas Côrtes, e a aristocracia apaixona-se pelas Bellas-Letras; a Clerezia entrega-se mais á corrente popular, traduzindo a Biblia em romance para os minguados de saber, e pondo em vulgar as grandes e poeticas lendas, como a *Visão de Tundal* ou da descida aos infernos, e a historia de *Barlaam* e *Josaphat*, que tambem appareceu na lingua portugueza como dos primeiros documentos da nossa

litteratura. N'este periodo a poesia popular portugueza acha-se bem representada nos *Lendarios*, *Santoraes* e *Exemplarios*, de que são compilados os mais caracteristicos:

Lendarios: *O Tributo das Donzellas* (Peito Bordello, Canção do Figueiral e as Donzellas de Simancas). No estudo d'este thema observa-se como a poesia popular elabora os elementos mythicos persistentes no substratum ethnico, e como vae determinar a idealisação artistica, que lhe dá fórma consciente nas Litteraturas. A lenda do *Abbade João* — como clerical tem o caracter de insensibilidade do fanatismo religioso; a preoccupação do milagre afasta a idealisação poetica.

Sentoraes: *Santo Antonio*. E' profundo o estudo ethnologico e historico que o auctor apresenta. Transcrevemos as ultimas palavras: «Tentou-se tirar o typo lendario das suas incrustações ethnicas, fazendo de Santo Antonio o vulto para a consagração social de um centenario, sem consideral-o sob o seu aspecto *historico*. Não se pensou sequer n'isto nem tampouco se comprehendeu tal necessidade. Não exerceu uma acção impulsiva na sociedade, para que esta o incorporasse na sua immortalidade; é por isso que a figura brilhante do doutor das Universidades do seculo XIII, que manteve o estandarte da philosophia e theologia aristotelica e averroista, desappareceu debaixo da efflorescencia poetica das tradições populares. O centenario de Santo Antonio, sem o relêvo dado ao aspecto historico, ficou uma adaptação dos antigos elementos ethnicos ás condições profanas das glorificações modernas. Renovou-se a repetição d'um velho processo, que não tende a elevar a consciencia social, podendo-se applicar a este espectaculo perante o povo o celebre hemistychio: *fallit tua pietas incautum*.

No estudo sobre a *Rainha Santa* demonstra-se plenamente que a tradição persiste sempre em um trabalho de adaptação. Lendas antiquissimas e situações referidas na vida da rainha Santa Isabel da Hungria revivescem em Santa Isabel de Portugal.

Exemplarios: A Egreja aproveitou a sympathia popular pelos Contos e Fabulas tradicionaes para moralisar com allegorias a que chamava *Exemplos*, e formavam parte obrigada de todos os Sermões na Edade média. Esses Contos novellescos provinham de correntes diversas, uns do saber da cultura greco-romana, outros da tradição oriental espalhada na Europa pelos arabes e pelo refluxo das Cruzadas, outros dos Lais narrativos da Bretanha, e dos Flabiaux dos troveiros. Todas estas correntes se encontraram no seculo XIII fecundando a imaginação popular, chegando alguns themas novellescos a receber fórma versificada; o *Exemplo* conservou-se em prosa, na espontaneidade oral e capricho do narrador. Quando a Egreja se aristocratisou baniu das prédicas os Exemplos.

E' sobre este fundo tradicional que se elabora toda essa litteratura novellistica do fim da Edade média a que deram fórma genios estheticos como Boccacio, Sachetti e Fiorentino. Pertencem a esta elaboração muitos themas que entraram nos Nobiliarios portuguezes do seculo XIV, nos quaes se pódem determinar as fontes da sua proveniencia *(disjecta membra)*; o *Rei Lear*, a *Dama pé de cabra* e a sua variante *Solar dos Marinhos* e a lenda de *Gaia* (p. 100-170).

De seguida fixa a época em que para Portugal madrugou o sentimento unificador de *Patria*, que suggere aos portuguezes uma acção commum, uma impulsão progressiva, que constitue a vida historica da *Nacionalidade* (p. 171-182).

Deu-se no seculo XV, quasi simultaneamente entre todas as nacionalidades da Europa, uma profunda manifestação da poesia popular, com caracteres morphologicos e themas tradicionaes communs, taes como os *Romances* hespanhoes, as *Aravias* portuguezas, as *Canzone* e *Stranbotti* italianas, os *Gwerziou* da Bretanha, as *Ballads* da Inglaterra e Escocia, os *Volkslieder* da Allemanha, os *Kampviser* scandinavos, e as *Chansons à toile* fancezas.

A transformação social, em que as classes servas elevando-se á livre burguezia, dando apoio á realeza contra o poder senhorial, se constituem em um terceiro Estado na existencia nacional, explica esta intensidade de vida affectiva que inspira essa simultanea manifestação de poesia. Os themas tradicionaes vulgarisados na Edade média em rudimentos semi litterarios, jogralescos, trobadorescos, goliardescos e scholarescos, tinham sido assimilados na transmissão oral, e reduzidos aos seus traços mais pittorescos; a estabilidade civil, terminadas as guerras privadas, dava logar á idealisação dos costumes e ao prazer da sociabilidade, em que o *Canto* e a *Dansa* nos divertimentos domesticos vivificavam a letra das canções lyricas e narrativas. O povo é agora a burguezia dando força á realeza, em quanto esta, luctando contra o poder senhorial, se não torna absoluta com os exercitos permanentes. Mas no seculo XV começa a erudição classica, a paixão pelo humanismo, e tanto a aristocracia culta como a Egreja aristocratisando-se, desprezam e condemnam os Cantos populares; o *Cortezão* e o *Clerigo* continuam o seu odio contra o Villão ou leigo, que se eleva á dignidade de cidadão, ao passo que as festas realengas se tornam mais deslumbrantes com as dansas e cantares da multidão.

De seguida accentua Theophilo Braga que a

constituição e incorporação do Terceiro Estado se apresenta caracterisada em tres épocas na historia social da Europa. Explana-as scientificamente e conclue que na sua marcha, a evolução do Povo é indissoluvel e conjuncta com o fortalecimento do Poder real. E' no seculo XV que termina tambem a lucta dos grandes vassallos contra a realeza, e é n'essa lucta que o Povo tem a consciencia da sua importancia social.

Em Portugal a *consciencia da autonomia* manifesta-se flagrantemente na Revolução de Lisboa, (1383) que no seu desdobramento leva ao throno o Mestre de Avis.

O *lusismo* achara o seu ponto de apoio; e depois de D. João I ter tomado a offensiva contra Castella, e obtido uma trégua prolongada, proseguiu no mesmo impulso atavico, começando a occupação da Africa Tingitana e a exploração do Atlantico. O impulso ethnico podia mais do que os homens, abrindo uma grande epoca, preparadora de todas as grandiosas iniciativas de Portugal. Em uma época fecunda de vida, o povo portuguez não ficou calado; elle celebrou nos seus cantos a revolução de Lisboa, e a figura surprehendente do Condestavel, a que chamava *Santo* como o mais alto titulo humano; os trabalhos das navegações por mares tenebrosos tambem deixaram ecco nos seus proverbios.

Mas a riqueza d'esta poesia do Povo no seculo XV desappareceu quasi completamente no territorio continental, conservando-se com uma vivacidade extraordinaria nos dois fócos insulares, o Archipelago da Madeira e o Archipelago dos Açores, [1] reconsti-

[1] O facto dos romances tradicionaes nos Açores serem designados pelo titulo de *Aravias* e esta palavra apparecer reflectida nas tradições da America latina, com o mesmo sen-

tuindo-se por ella os Cantos lyricos e narrativos de Portugal no seculo XV.

Como é pelos elementos da população que melhor se comprehende a elaboração da poesia tradicional, o auctor estuda profundamente a sociedade madeirense e açoriana definindo nitidamente os veios poeticos; e, consignando que as tradições que foram levadas para as ilhas não as recebeu Portugal da Hespanha iberica, da Italia, Bretanha ou França do norte, mas esses themas communs aos povos occidentaes demonstram o individualismo vigoroso e persistente da nossa raça. E' o que se começa a comprehender, desde que em vez de determinar á tôa fócos de irradiação tradicional se reconstitue o fundo commum ethnico pelas persistencias populares.

Este documento vivo e incomparavel do que era a poesia popular no seculo XV: as collecções insulanas dos dois Archipelagos atlanticos ficaram confinadas e estaveis — puras — com a colonisação que ali se estabeleceu, sem jámais receberem novos elementos de população, nem contribuições tradicionaes. Tambem as Canções lyricas francesas se espalharam pela Europa no seculo XV, facto devido aos habitos de côrte, sendo imitados na vida desafogada da burguezia, e nunca se encontram fixadas pela escripta em collecções anteriores a esse seculo.

Os *Romances viejos*, (p. 199-251) — elaboração semi-litteraria do Romance popular — que se colligiram em Hespanha são do seculo XV, e nunca appareceram em manuscriptos anteriores a esta data.

---

tido de canto narrativo ou heroico, leva Theophilo Braga a attentar n'esse problema ethnologico extraordinario, explicando a sua connexão historica, projectando intensa luz sobre o *ligurismo*.

Foram vulgarisados no seculo XVI, pela generalisação da imprensa que publicou numerosos em *Pliegos sueltos* ou folhas volantes. Os escriptores hespanhoes e portugueses versaram-nos litterariamente mantendo a fórma popular da *assonancia* e do verso octonario. Dos Quinhentistas foi Gil Vicente quem mais se approximou da poesia popular, inserindo nas suas Obras passagens de romances e de canções.

No maior seculo da historia, começa a éra das *Grandes Navegações,* realisadas pelo povo português, que pela audacia aventureira e actividade maritima conseguira a plena manifestação do seu *genio nacional.* O facto dos Descobrimentos assim como influiu na corrente da civilisação humana, não podia deixar de imprimir um maior relêvo ao caracter português, tornando-o primacial nas altas individualidades activas, affectivas e especulativas. O seculo XVI comprehende a maior somma de documentos do genio nacional na arte, na litteratura, na politica, nas sciencias, na philosophia, no commercio, a que se ligam como representantes os gloriosos nomes dos Quinhentistas. Todas as energias de Portugal se conjugavam n'este momento excepcional da sua vida e *missão historica.* Mas n'esta evolução ascencional do fecundo seculo, e antes do seu término, Portugal sente-se impellido para — uma austera, apagada e vil tristeza — e a sua propria nacionalidade espoliada de autonomia, sendo incorporada por effeito dos parentescos reaes na unidade *iberica.* Este phenomeno momentoso ainda não foi considerado pelos historiadores. Na corrente progressiva em que se expandia o *genio nacional,* ia-se formando a força regressiva, que se concentrava e viria a supplantal-o *desnacionalisando-o,* ou apagando os caracteres do seu individualismo. A actividade das Grandes Navegações e conquistas

que dispersaram a energia nacional, enfraquecia a vida local de um povo pouco numeroso; começou a servir de apoio o centralismo da Côrte; e o prestigio de uma faustosa Monarchia. O rei D. Manoel que se achou por acaso successor de um throno, sem intelligencia da situação, aproveitou-se dos resultados dos Descobrimentos planeados antes do casual governo para tornar a sua realeza pharaonica, apparatosa. N'este intuito visou á unificação *iberica* pelos casamentos com as filhas de Fernando e Isabel de Castella, empregando para isso o tornar-se o instrumento das perseguições religiosas, porque pela unidade catholica mais rapidamente conseguiria a unidade politica. No sonho egoista da sua grandeza, o sentimento do *lusismo* é substituido pela audaciosa utopia da *Monarchia universal*. Portugal era pequeno para a sua vaidade, os fóros municipaes são por elle diminuidos, as côrtes não se convocam, o elemento industrial e mercantil é expulso a titulo de orthodoxia religiosa, e a grandeza heroica da occupação das descobertas maritimas é explorada pelo proprio monarcha pelo chatinismo ganancioso feito pelas suas armadas.

E este programma de *desnacionalisação* é continuado selo seu filho D. João III, como instrumento passivo da Inquisição, e depois da Companhia de Jesus, que elle introduziu no seu estado minando-lhe o organismo nacional ante o interesse clerical da unidade catholica (p. 392-393). D. João III, e os infantes seus irmãos, que tanto o perturbavam, acham-se inconscientemente servindo os planos *ibericos* de Carlos V, que lhes explorava o seu fanatismo imbecil. O povo cáe n'essa tristeza a que alludem Gil Vicente e Camões, e que provocava lagrimas em Sá de Miranda. Avançava se pela acção politica para a unificação iberica, sem que

o povo desse por tal crime; e é n'esta angustia, que ia ter o seu paroxismo em 1580, que todos os genios litterarios dos Quinhentistas se approximam das fontes tradicionaes populares, e instintivamente tentam reanimar-se n'ellas. Quem percorrer todas as obras dos nossos poetas, dramaturgos e pensadores do seculo XVI ahi achará abundantes referencias ás cancões, romances, aphorismos, costumes e contos populares, transparecendo através da cultura humanista e das imitações italianas da Renascença. Era o que restava do genio nacional. Essas obras ficaram na maior parte ineditas até ao fim do seculo XVI, e por isso não produziram o seu effeito vital. Quando o *iberismo* triumphava com a entrada de Philippe II em Portugal, o catholicismo preparava-lhe as festas officiaes da sua recepção, com repiques de sinos e Te-Deum. O povo cahia em um somnambulismo, em que pelas vagas prophecias merlinicas esperava um salvador vindouro.

A poesia popular portuguêsa no seculo em que mais se reflecte na litteratura nacional está semi-apagada pela influencia castelhana que prepondera na Côrte (p. 316-18).

De seguida avalia Theophilo Braga a actuação castelhana e clerical nas canções *lyrica*, *narrativa* e *bailada* (p. 319-410).

No seculo XVI, a par dos descobrimentos maritimos realisaram-se as occupações coloniaes da India e Brasil; e emquanto na metropole o genio nacionol era obliterado pelo iberismo unitarista dos monarchas portuguêses, e pela compressão do terror inquisitorial e do obscurantismo jesuitico, a tradição poetica refloria n'esses longinquos dominios pela saudade da patria, Assim como se recompõe a primitiva *unidade lusitana* pelos cantos populares da Galliza, Asturias e Andalusia, tambem o poder da

acção de Portugal se reflecte nas manifestações da Pesia popular na India (p. 411-412), Brasil (423-444) Africa e entre os Judeus levantinos das familias expulsas por D. Manuel (p. 445-449).

Sob o dominio castelhano, a lingua portuguêsa fôra abandonada pelos litteratos; Faria e Sousa commentava a epopêa nacional dos *Lusiadas* em castelhano; e os poetas dramaticos abandonando o *Auto* vicentino, cultivavam a *Comedia famosa,* seu desenvalvimento normal, enriquecendo o repertorio do theatro hespanhol, que pela sua riqueza de themas influiu em todas as litteraturas modernas. As Collecções dos Romances e Canções hespanholas reimprimiram-se com frequencia em Portugal, para satisfazer as necessidades da leitura da classe média. Os mais delicados poetas lyricos, como Rodrigues Lobo, celebrando em um Romanceiro a viagem de Philippe III a Portugal, ou D. Francisco Manuel de Mello nas *Musas de Melodino* e na *Historia dos movimentos da Catalunha*, preferindo o castelhano seguiam este impulso de desnacionalisação, que vinha impresso pelo iberismo de accôrdo com o catholicismo, realisado pela Casa de Austria. Apenas a lingua portuguêsa era ouvida nos Pateos das Comedias; a poesia popular existia obliterada no automatismo dos costumes.

Como em uma scena do *Fidalgo Aprendiz*, D. Francisco Manuel de Mello deixou o esbôço da historia do romance popular no seculo XVI, Theophilo Braga, com notavel processo de critica philosophica e com eloquencia irresistivel, faz resaltar todas as allusões apresentando o quadro da poesia tradicional n'esta época.

No Romance castelhano prevalecia o caracter historico; e por este effeito desenvolveu-se em duas novas fórmas: os *Romances gradinos* (influxo da

conquista de Granada) e os de *Guapos* ou *Valentões*. Decahindo do gosto os Romances mouriscos foram os seus heroes substituidos pelos rufiões de bêcos, ou *xaques*, galerianos e vadios afamados. A *Xacara* era o nome dado aos romances que celebravam os feitos audaciosos e crimes dos meliantes. Embora em Portugal tambem se imprimissem Relações sobre acontecimentos e personagens extraordinarios, a fórma da *Xácara* no seu aspecto narrativo veiu a constituir os *Fados* relatando em melopêa plangente situações do viver de certas classes miseraveis da sociedade, como marujos, rameiras e soldados.

Assim como os Romances velhos se transformaram por degradação em cantos narrativos das aventuras de Guapos, Temerones, Afanadores e Contrabandistas, tambem os Cantos lyricos e bailados degeneraram nas *Chacones* e *Chacotas*. Podemos concluir, que a Canção teve no seculo XVII o seu maior desenvolvimento na fórma dramatica, determinando a creação do *Ballet*, do *Madrigal* e do *Villancico*, e em que mesmo a Canção lyrica recebeu o typo da *Aria*, elemento fundamental da Opera (p. 450-463).

Apesar da restauração da nacionalidade portuguêsa em 1640, a influencia castelhana continuou na Côrte, nas Tertulias litterarias ou Academias poeticas; imitaram-se os Romances com a *assonancia* até com os versos endecasyllabicos, prevalecendo o gosto culteranista. Mas todo este castelhanismo é uma crusta superficial, sob ella existiu uma camada ethnica em que se reconhece o lusismo, que dá á historia da civilisação peninsular um novo aspecto.

O talento poetico com que a Hespanha se revelou no seculo XV e XVI, de uma paixão amorosa e

galanteria que não é natural ao genio iberico, succedendo-se uma decadencia de gosto e chateza, indicam estes phenomenos que uma crise profunda se passou no caracter d'aquella nação. Pretendem uns criticos attribuir á pressão despotica da Casa de Austria e ao deprimente influxo da Inquisição sobre os espiritos essa transformação deploravel; mas a causa está para nós em um facto ainda não considerado: a Hespanha foi, segundo a noção geographica da Lusitania pre-strabonica, occupada pela raça dos Lusos até quasi aos Pyreneus; na occupação dos Iberos nem toda essa raça foi impellida e confinada para o oéste da peninsula, ficando largo elemento lusitano esparso em povoações intermeadas nas regiões propriamente ibericas. Quando a Hespanha iberica se lançou ás descobertas maritimas e á occupação colonial no continente e ilhas americanas, esses elementos *lusitanos* ou lusonios primitivos seguiram a sua tendencia maritima e aventureira, e foram colonisar o Perú, o Mexico, as Philippinas, as Antilhas. Assim em Hespanha veiu a estremar-se a raça dos Iberos, e a accentuar-se os seus caracteres proprios. Foi então que o seu fanatismo se tornou mais sanguinario, e que o seu imperialismo se exerceu sem um plano, pondo-se ao serviço da unidade catholica. A decadencia intellectual não foi completa no seculo XVII; então Portugal sob o dominio castelhano ou iberico, fornecia-lhe escriptores e poetas, que enriqueciam a sua litteratura. A independencia de Portugal em 1640 não foi sómente uma diminuição de territorio, foi um depauperamento nas capacidades constitutivas da Civilisação hespanhola. Este influxo do *lusismo*, essencial ao renascimento da raça e civilisação iberica, só poderá restabelecer-se não já pela inmixtão, como na época proto-historica, mas conscientemente

pela acção hegemonica exercida nas relações de uma grande e fecunda Federação.

O povo portuguez estava morto politicamente; o rei governava com auctoridade paternal, e a nação era uma entidade apenas conhecida como um logradouro hereditario, á qual outorgava direitos pela sua alta generosidade, mantendo o privilegio na ordem social á maneira do milagre do Deus dos theologos na ordem physica. Desde 1640, em que a dynastia de Bragança exerceu o dominio de Portugal, o processo de *desnacionalisação* aggravou-se pela degradação moral.

Mede Theophilo Braga este influxo na *Modinha* (Canção lyrica), na Canção narrativa e nas dansas. Concluindo que se deu no seculo XVIII, em Portugal, a completa degradação da poesia popular, e um total esquecimento da tradição, tendo como consequencia o apagamento da Litteratura nas fórmas convencionaes do arcadismo e a perda do sentimento de nacionalidade. Manifestou-se este ultimo phenomeno, quando pela invasão napoleonica D. João VI fugia diante do exercito faminto e maltrapilho de Junot, e a sua deserção era exaltada como um triumpho generoso. A obliteração das tradições é o meio empregado para apagar em um povo o sentimento da propria independencia; o que fizeram os despotas do seculo XVIII, repete-se ainda hoje na Russia, em relação á Polonia: «Tudo o que se liga a um pensamento de independencia, tudo quanto possa despertar uma recordação de nacionalidade é severamente punido» (p. 464-492).

Na terceira parte d'esta notabilissima obra demonstra Theophilo Braga que o interesse pelos cantos populares precedeu o Romantismo — revivescencia das Litteraturas modernas nas suas origens estheticas da Edade-média — que deveu o seu maior

impulso ás revoluções do liberalismo. Esta simultaneidade tambem apparece em Portugal; o homem que tres vezes emigrou pelas perseguições do governo absolutista — Almeida Garrett, [1] ao iniciar a nova época da Litteratura portugueza do Romantismo, foi tambem o que achou o veio organico da tradição nacional representada na poesia popular.

Ninguem imaginava que o nosso povo tinha tanta riqueza poetica; os seus estudos mais artisticos do que scientificos exerceram a larga influencia de suscitar a attenção por esses cantares, que eram considerados grosseiros e privativos da gente rude. Olhando-os pela sua feição esthetica Garrett, prejudicou-se, mas venceu a indifferença das classes cultas por esses vestigios da nossa poesia tradicional. A obra de Garrett é preciosa pela influencia suggestiva que exerceu (p. 493-513).

Foi Theophilo Braga o primeiro que em Portugal explorou a poesia popular scientificamente. Os seus numerosos trabalhos publicados desde 1867, impozeram-se pela systematisação e interpretação, pela luz que tiraram das tradições, e pela synthese que estabeleceram; tudo resultante da segurança do seu criterio psychologico, anthropologico, ethnographico, historico e esthetico.

No estrangeiro as suas obras foram recebidas com applauso e em Portugal têm tido fructeador influxo. Occupa-se ainda este volume das *Investigações do Folk-Lore portuguez* e apresenta um estudo ma-

---

[1] Em 1904, publicou Theophilo Braga a obra — *Garrett e o Romantismo*, em que explanou o complexo phenomeno esthetico, que, no comêço do seculo XIX, agitou as litteraturas suscitando em todos os povos os esforços para a liberdade e onde deu todo o relêvo ao artista supremo e á accidentada época social.

gistral sobre as *Melodias populares* e a *tonalidade portugueza.*

Transcrevemos as ultimas palavras:

«A situação do povo em frente da civilisação moderna e que lhe esterilisa a energia poetica, é a mesma que se manifesta em Portugal, aggravada por seculos de fanatismo e de despotismo. A' passiva resistencia ás calamidades sociaes dá-lhe apoio a sua poesia tradicional, o seu descante, como elle o confessa: — Eu heide morrer cantando, — Já que chorando nasci... Para acordar o genio do povo aos actos corajosos, á dignidade civica, á consciencia de nação livre, é preciso fazer-lhe pulsar o *sentimento da raça*, implicito n'essa resistencia de temperamento *(malo assuetum)* e sobretudo nos costumes e vitalidade da sua tradição poetica. A consciencia d'esse individualismo ethnico dá-lhe direito de figurar como nação autonoma entre as nações superiores, ás quaes abriu caminho pelos grandes descobrimentos.

Gladstone, observando o movimento de approximação das populações britonicas da França e da Inglaterra para estabelecerem a reconstrucção da sua unidade ethnica, reconheceu que o renascimento da ideia de *raça* e da *nacionalidade* vem dar ao homem um maior desenvolvimento de actividade e relêvo moral. Podesse este livro despertar o sentimento da raça, que por si surgiria a energia da Nacionalidade portugueza, cuja synthese historica se resume em oito seculos de resistencia, que na sua poesia são *oito seculos de esperança.*» (p. 565-566.)

Na primeira parte da *Historia da Poesia popular portugueza* (2.º vol.) explana-se brilhantemente a influencia senhorial franceza do Conde D. Henrique de Borgonha a D. Diniz. (Seculo XII a XIV.)

Tendo no 1.º vol. ponderado o motivo porque a

Provença se tornou um fóco de poesia, analysa visceralmente as causas que a levaram a acordar Occidentalidade. Define o caracter d'essa poesia, trata da arte poetica provençal, accentua a importancia dos trovadores e sobretudo dos jograes e notifica o estimulo fecundo exercido por D. Diniz e por outros que trovavam á provençalesca.

São riquissimos os materiaes apresentados para o estudo dos *Cancioneiros*.

E' ao illustre sociologo que se deve a interpretação explicativa do vigoroso estado moral e social, que motivou a manifestação de sentimento, a assombrosa efflorescencia da poesia popular, que no seculo XV se dá intensa e quasi simultaneamente em todos os paizes europeus — denunciando a incorporação do Terceiro Estado.

Em Portugal, a revolução de Lisboa que funda a dynastia de Aviz e as grandes navegações — que deixaram écco vibrante na litteratura — em que se manifesta a plena expansão do *lusismo*, não são senão a resultante do apparecimento do Terceiro Estado, da affirmação da soberania nacional, a que o auctor imprime o mais vivo colorido.

E' capital o estudo que insere sobre os fócos insulares em que demonstra que a poesia popular da Madeira e Açôres se conservou sem se esterilisar, expondo e resolvendo os problemas ethnicos e historicos de alto interesse. [1]

---

[1] São notaveis as paginas que versam sobre archeologia geographica bem como as dedicadas ao problema de primeira importancia das nossas origens ethnicas, onde se estabelecem as caracteristicas differenciaes que apartam o *lusismo* do *iberismo*. Oxalá ellas chegassem ao conhecimento de todos porque desarreigam erros enkistados sobre a estratificação anthropologica no territorio lusitano.

Mede profundamente a desnacionalisação systematica, corollario das ideias *ibericas* de D. Manuel, que desejava unificar sob uma mesma corôa as Hespanhas, e do obscurantismo clerical que conduzem á perda na nacionalidade em 1580 e cujo influxo pernicioso augmenta em progressão notavel nos seculos XVII e XVIII, obliterando a Tradição, abastardando a Litteratura e esmagando a liberdade politica.

Ao tratar do regresso ás fontes tradicionaes pelo Romantismo, (seculo XIX) aponta a revivescencia da alma nacional simultanea com o liberalismo e com o estudo da poesia tradicional.

Sem se percorrer attentamente esta obra — onde se examinam as fontes organicas da elaboração artistica e se determina o *nacionalismo* — não se poderá conhecer scientificamente a Litteratura patria.

A *Historia da Poesia popular portugueza* (1.º e 2.º vol.) determinando a *unidade tradicional da Occidentalidade*, através das fórmas persistentes dos communs elementos poeticos nas nacionalidades meridionaes, revéla a primitiva *unidade lusitana* de Portugal, Galliza, Asturias e Andalusia — *Hespanha lusitana* ou *occidental;* patenteia a Poesia popular através da curva evolutiva do nosso paiz, manifestando a vitalidade do *lusismo* — a existencia de uma alma nacional; por isso fica sendo a base da *Historia da Litteratura portugueza* — monumento critico e philosophico levantado ao nosso genio esthetico.» [1]

---

[1] Dr. Marques Braga, *Boletim da Associação do Magisterio secundario official*, Anno I, Fasc. V, p. 156 a 179. Lisboa, março de 1905.

Romanceiro geral portuguez

As tres fórmas da Canção popular — lyrica, recitada e dansada — desenvolveram-se sobre o mesmo thema de um polytheismo sideral, em que a entrada do Verão e sahida do Inverno foram allegorisadas em Balladas, em Romances e em Dansas dialogadas.

O romance narrativo — velho rudimento épico popular — tem, portanto, certos themas poeticos universaes, que derivam das concepções primitivas dos solsticios estival e hibernal; os compiladores criticos da poesia vulgar, como Theophilo Braga, têm determinado um certo numero de paradigmas de romances communs a Italia, França, Hespanha, Portugal, Bretanha insular e Grecia moderna, e concluem reconhecendo, não um centro de irradiação, mas um identico fundo anthropologico, que unifica tradicionalmente estes povos.

Na *Historia da Poesia popular* fixou-se esse fundo social anterior á civilisação latina, e ficou traçada a curva evolutiva do romance em Portugal, e as transformações que elle soffreu na elaboração artistica dos nossos escriptores.

Na estratificação ethnica, que produziu o povo portuguez, ha a attender á influencia, ás contribuições dos differentes typos anthropologicos que se firmaram ou estacionaram, no occidente da Peninsula hispanica.

Pela incorporação dos romanees que, desde 1824 até hoje, têm apparecido no continente, ilhas adjacentes, e nas occupações coloniaes da India e Brasil — onde a tradição refloriu pela saudade da Patria — vê-se que em o nosso Romanceiro subsistem residuos liguricos, scandinavos, germanicos, frankos, que se syncretisaram, ou se revivificaram por coincidencias historicas.

Theophilo Braga. empregando simultaneamente os salutares criterios anthropologico, ethnico e historico — tão brilhantemente explanados em os preciosos volumes da *Historia da Poesia popular portugueza* — apresenta a seguinte logica classificação para os romances heroicos e novellescos:

Cyclo Odyssaico ou atlantico;
Cyclo Scandinavo-germanico;
Cyclo Carlingio — *(Materia de França);*
Cyclo Arthuriano — *(Materia de Bretanha).*

Do Cyclo Odyssaico ou atlantico apresenta os romances *Não Catherineta*, *Bella Infanta*, *Nausica* e *D. Marcos*, innumeras versões e variantes não só do continente, mas tambem das regiões onde chegou a expansão do povo portuguez, nos grandes descobrimentos maritimos do seculo XV. Todos estes romances levam á conclusão a similaridade de uma tradição derivada da camada ligurica — base unificadora da occidentalidade.

O Cyclo Scandinavo germanico é representado pelo romance açoriano que começa — *Eu bem quizera, senhora,* pelo *Caso de Juliana e Jorge*, *Tristes Novas* e *D. Martinho de Avisado*, *Estoria do Bravo-Franco* e *Dom Aleixo,* com grande numero de versões e variantes dos Açôres, Madeira, Brasil e India.

Certamente, estes themas são vestigios do cyclo de *Sigurd* propagado á Hespanha pelas invasões scandinavas.

O Cyclo Carlingio — *(Materia de França)* — é documentado com os romances *Reginaldo, D. Beltrão, D. Gayfeiros*, *Cruel Vento* e *Carlos Magno*, acompanhados de muitas versões e variantes do continente, Açôres e Madeira.

A influencia franceza deu-se quando no seculo XI se estabeleceram colonias frankas na Peninsula, e

preponderou a cultura franceza por via do alto clero e da nobreza.

Em Portugal não havendo tradições épicas, lendas heroicas que substituissem a *Materia de França*, ficaram muitos themas, que só depois do seculo XV irromperam na tradição oral, como se observa pelas collecções insulanas da Madeira e Açores. Esses themas permaneceram entre o povo desde a sua primitiva communicação jogralesca ás colonias francezas estabelecidas em Portugal, e moldaram-se na fórma pre-existente da *Aravia*.

As canções de Gesta e particularmente as Gestas carlingias, que se desenvolviam intensamente nos fócos da lucta senhorial, foram perdendo o interesse nos paizes em que se não dava a resistencia dos barões feudaes contra a realeza, sendo substituidas pelas narrativas de aventuras amorosas e religiosas, como as do Cyclo da Tavola Redonda.

Do Cyclo Arthuriano — *(Materia de Bretanha)* — conservam-se themas nos romances *Infantina*, *Conde Nilo*, *Princeza Peregrina*, *Claralinda*, *Dom Carlos de Além-mar*, *A Romeira* e a *Filha do Imperador de Roma*, de cujos cantos narrativos offerece copiosas versões e variantes — o que indica flagrantemente a sua riqueza — surprehendidas no territorio continental, Açôres, Madeira e Brasil.

Os poemas de aventuras amorosas e de devaneios mysticos do Cyclo Arthuriano e da Cavalleria celeste, depois de empolgarem a côrte, espalharam-se entre o povo, sobretudo pelo elemento musical dos *Lais*, ou canções narrativas do mesmo typo da *Cantilena* franka e da *Aravia* lusitana ou romance peninsular.

O presente volume do *Romanceiro geral* ainda insere narrações de aventuras do Cyclo da Mulher perseguida, de que apresenta os cantos narrativos:

Sylvaninha, Conde Yanno, Helena, Dona Anna, Guimar e *Casamento e mortalha*, com abundantes versões e variantes, onde se surprehendem vestigios das cantilenas barbaras espalhadas pelas invasões dos hunnos.

Foi Almeida Garrett o revelador da riqueza da nossa poesia popular explorando o Romanceiro — n'um intuito esthetico — segundo os processos do seu tempo. Scientificamente foi o estudo das tradições encetado por Theophilo Braga (1867), que, á medida que ia interrogando a tradição poetica, aproveitava os subsidios peninsulares e europeus, fornecidos por outros ethnologos, completando, com um criterio largo, os elementos para a critica synthetica, com que demonstrou a unidade da poesia popular da Occidentalidade.

O material critico para a apreciação plena e comprehensão scientifica d'esta edição capital do Romanceiro está nos dois volumes da *Historia da Poesia popular,* onde o auctor explica a origem dos differentes romances investigando a sua realidade historica, notificando como foram apropriados pelo povo, apresentando os parallelismos, que existem no occidente da Europa, e resolvendo o problema da versificação.

Sem se conhecer a *Historia da Poesia popular portugueza*, tambem se não póde entrar n'um exame profundo da nossa Litteratura, porque se ignorariam os germens tradicionaes, oraes e anonymos, que foram estheticamente elaborados por individualidades cultas.

No *Romanceiro geral* os cantos narrativos foram recolhidos com genuino cunho popular e *carinhosamente.* Empregâmos propositadamente o adverbio, porque Theophilo Braga considerando a poesia tradicional como phenomeno psychologico vê n'ella a

natureza em flagrante creação, respeitando sempre os monumentos do povo — uma das mais sinceras manifestações subjectivas da Humanidade — tendo presente a luminosa observação de Jacob Grimm: «Podemos affirmar, que nas tradições e cantos do povo nós nunca encontrámos uma mentira; o povo respeita-os bastante para deixal-os taes como elles são, e como elle os sabe. Quanto a particularidades e minucias, que por effeito do tempo podem destacar-se e perder-se, assim como os ramos isolados se seccam e cáem do cimo das grandes arvores cheias tambem de seiva e de força, a natureza remediou a coisa n'isso como em tudo o mais, tendo o cuidado de reparar as perdas por uma eterna renovação.»

A presente compilação é tambem muito valorisada pelas copiosas versões e variantes que insere, e ainda pelas notas, em que apresentou redacções differentes de versos, apontando sempre a sua proveniencia.

O systema e plano da classificação dos romances é, como já dissémos, modelar.

Na *Historia da Poesia popular portugueza* cotejou-se a nossa poesia tradicional com a dos outros estados hispanicos e com o conjuncto europeu demonstrando-se apresentar aquella os typos lyricos mais archaicos, patenteando-se, d'este modo, a sua vitalidade; o *Romanceiro geral portuguez* leva á mesma conclusão, accentuando ainda que é um thesouro a nossa poesia vulgar, pelas innumeras variantes e versões de narrações épicas coiligidas.

Explorando, ha quarenta annos, as tradições portuguezas — a que se deve a conservação de elementos vitaes do passado — tem Theophilo Braga suscitado a sympathia pela poesia popular, e chamado

a attenção dos escriptores para ella, e para o povo, com o fim de evitar a esterilidade artistica.

Já fôra a tradição o vinculo affectivo, que na larga expansão por além-mar, déra apoio á Patria.

Estudar as nossas tradições é cuidar da reconstituição d'este povo, que soffreu a pressão catholica, inquisitorial e jesuitica, e cuja decadencia continúa, sob a pedantocracia parlamentar.

A *Bibliotheca das Tradições portuguezas,* a que pertence o *Romanceiro geral*, não é só preciosa scientificamente, ella tem tambem um alto valor moral, porque — demonstrando o individualismo da raça lusitana, e dos nossos costumes e tradições — visa a insufflar no povo portuguez um sentimento commum, que lhe dê a noção intima da sua unidade.

Será essa força, desde que se torne consciente, o maior impulso de resurgimento.

O 2.º vol. abrange os romances de aventuras do Cyclo da Esposa infiel — em que se surprehende a repercussão dos lais gallo-bretãos, e os fabliaux, cuja resultante foi a novella; — o Cyclo de Peregrinos e Cativos, Xácaras e coplas de burlas; os romances historicos e lendarios do Cyclo néo-godo e mosarabe, do Cyclo portuguez tradicional e semi-litterario; e as Canções narrativas sacras e devotas dos Cyclos evangelico popular, Marial, sanctoral e Lendas piedosas.

Como ja notificámos ácêrca do 1.º volume d'este vasto *Romanceiro geral*, o presente tomo impõe-se tambem pelo valor da classificação das canções narrativas, sua genuinidade, pelo caracter archaico e riqueza do grande numero de cantos colligidos — de fórma que não só se encontram representadas as terras por onde se expandiu a synergia lusa, mas ainda se evidencia o estado da tradição em as nos-

sas provincias, ilhas adjacentes e colonias: isto é, a vitalidade do *lusismo*.

Era de difficil labôr esta empreza pois que, para a levar a cabo, exigia-se a revisão de todos os romances que, desde 1824 até hoje, têm sido inseridos em livros e revistas.

Tendo-se já chegado a demonstrar pelos estudos comparativos da poesia vulgar até onde se estendeu a camada ligurica e a unidade e similaridade dos themas e fórmas poeticas da Occidentalidade, com os dois volumes d'este *Romanceiro* em que as narrativas épicas foram coordenadas scientificamente na sua complexa diversidade é já muito mais facil e seguro continuar a investigação dos parallelismos com os cantos de outras regiões, caminhando-se d'este modo para uma larga synthese capital, que gradualmente irá melhorando na sua concreta applicação.

Ao percorrer os trabalhos fundamentaes sobre tradições portuguezas — que interpretam e systematisam os cantos populares e vão subsidiando largamente a Ethnogenia, — é-se naturalmente impulsionado a irmanar os dois espiritos primaciaes a quem, modernamente, mais deve a revivescencia patria: Almeida Garrett e Theophilo Braga.» [1]

*

Sobre a integração das tradições populares do Brasil na unidade ethnologica portugueza, escreveu o grande critico José Verissimo, nos seus *Estudos brazileiros:*

«O sr. Theophilo Braga, que prefacia e annota

---

[1] Dr. Marques Braga, *Vanguarda* (22-VI-906.)

a raccolta do sr. Sylvio Romero (*Cantos populares do Brasil*, 1883) é um dos primeiros escriptores, que de nós e das nossas cousas trata com relativo conhecimento d'ellas, e uma intelligente sympathia por nós. Em Portugal, até bem pouco tempo tinhamos encontrado, a respeito de litteratura, ou uma profunda indifferença a que se alliava não menos profunda ignorancia do nosso movimento litterario, ou uma especie de benevolencia protectora, e como quer que seja para nós humilhante, e impertinente, ou a systematica negação d'esse movimento, de envolta com manifesta antipathia e má vontade a nosso respeito.

E' o arauto d'estes ultimos sentimentos o sr. Camillo Castello Branco. Alexandre Herculano e o velho Castilho representam o segundo modo, d'onde excluo o outro Castilho, José, porque este, apesar de uma ou outra alambicada palinodia, mal conseguiu occultar-nos a sua má vontade.

Com a renovação dos estudos em Portugal, apóz a defecção do Romantismo, novos espiritos surgiram menos peiados por esse estreitissimo chauvinismo portuguez, tão bem representado, sob o aspecto litterario, pelos srs. Thomaz Ribeiro e Pinheiro Chagas.

Repetia-se ridiculamente emquanto á Litteratura, o phenomeno que se dera na politica quando foi dos movimentos da Independencia. Procurava-se por uma systematica negação da nossa litteratura conservar-nos na vassallagem intellectual da metrópole, como outr'óra as Côrtes de Vinte tiveram a ingenua velleidade de recolonisar o Brasil.

Isto porém, por honra de Portugal, parece ter passado, e julgo não exagerar attribuindo ao sr. Theophilo Braga e aos seus companheiros da nova geração, esta concepção mais nobre e mais justa

das relações litterarias entre os dois paizes. Com effeito em um bello estudo sobre a litteratura da sua patria, elle deu um logar ao Brasil, fazendo sentir a sua influencia sobre a mãe patria e comprehendendo o que essa influencia teve e poderia ter de salutar e fortificante.

Na introducção que *Sobre a Poesia popular do Brazil* poz o sr. Theophilo Braga aos Cantos collegidos pelo sr. Sylvio Romero, vem clara e succintamente exposta a nova concepção do brazileirismo — acceite-se esta palavra como synthetisando quanto possa fazer o caracter brazileiro — qual resulta dos estudos e trabalhos mais recentes aqui e sobre nós mesmo feitos.

— «Existe uma nacionalidade brasileira, escreve o sr. Theophilo Braga, superior a todas as combinações da politica e dos interesses dynasticos, formada pelas condições fataes da ethnologia e da mesologia, e á qual a marcha historica das suas luctas pela independencia e do seu conflicto com as velhas civilisações europêas, vem completar a obra da natureza dando-lhe o relêvo moral, o caracter e o destino consciente na corrente simultanea de todos os seus factores.» (t. 1, 9.)

Para elle, os nossos cantos populares, á parte o interesse que têm como documento para o estudo da formação ethnologica da nossa nacionalidade — «appresenta um duplo valor, por que trazem os themas tradicionaes sobre que a nova litteratura brasileira tem de assentar as suas bases organicas, e por que são a irradiação remota dos vestigios tradicionaes deixados pelo povo portuguez na epoca da sua grande actividade e expansão colonisadora.» (il., p. 10.)

Egualmente bem comprehendeu o sr. Theophilo Braga o que havia de falso na tendencia da nossa

poesia de seguir o, como elle diz, atrazado romantismo europeu, se bem me pareça haja desacertado quando attribue exclusivamente a sua tendencia principalmente representada no *subjectivismo byroniano* o desvairamento d'ella. — Como bem reconhece o sr. Theophilo Braga, e como resulta dos estudos do sr. Sylvio Romero, e dos outros criticos brasileiros, a nossa poesia — «só poderá achar o seu caracter original conhecendo e comprehendendo o elemento ethnico das suas tradições populares.» —

O sr. Theophilo Braga foi entre os escriptores portuguezes e brazileiros, do meu conhecimento ao menos, o primeiro que se occupou detida e largamente d'essa especial fórma da nossa poesia popular a *Modinha*, derivando-a das Serranilhas e outras Canções tradicionaes portuguezas esquecidas no seculo XVII e conservadas no Brasil sob a fórma da *Modinha* e indo n'ella filiar, e ao que nos parece com razão, o nosso lyrismo, que se lhe antolha superior ao portuguez.» [1]

«A *Modinha* é a mais rica das fórmas porque se manifesta a inspiração poetica do nosso povo. N'ella transforma-se a xacara dos trovadores e castellãs guitarristas, ou mais immediatamente, o *Fado* do povo portuguez. E', como bem diz o sr. Theophilo Braga, uma fórma brasileira.» [2]

*

No tomo VII da Biblioteca de las Tradiciones populares foi publicado o *Cancioneiro popular gallego* por D. José Perez Ballasteros, acompanhado de uma introducção sobre a *Poesia popular da Gal-*

---

[1] *Estudos brazileiros*, p. 160 a 164. Pará, 1889.
[2] Ibid., p. 151.

liza por Theophilo Braga. D. Carolina Michaella de Vasconcellos resume «a importante these defendida n'esse estudo:»

«Graças tanto á sua situação geographica como á sua constituição ethnica... «Galliza foi o fóco da civilisação peninsular e o berço da elaboração lyrica. Graças ao abandono e á atonia e passividade provincial em que cahiu posteriormente, submettida a Castella, depois da fatal desmembração da parte sul, (Portugal) não sómente um fundo valioso de Tradições e Costumeiras mas tambem typos de poesia archaica se conservaram no canto nordeste da peninsula em relativa pureza, embora em fórma reduzida e baralhada e mal comprehendida até hoje. Com auxilio dos cantares trovadorescos que melhor representam o genero popular, isto é, dos versos que Braga chama *Serranilhas*, é possivel e é preciso comprehender e recompôr a estructura primitiva não só das *Muinheiras*, mas tambem das trovas descobertas por Leite de Vasconcellos e tudo o mais que fôr apparecendo em disticos assonantados, de parelhas perfeita ou imperfeitamente desdobradas, com ou sem estribilho, em monologo ou dialogo. Esses disticos das *Serranilhas* e *Muinheiras* são o verdadeiro genero nacional e tradicional, que chegou a penetrar nas litteraturas palacianas de Portugal e Hespanha; no Cancioneiro individual de D. Diniz e seus proceres, nas Poesias do Arcipreste de Hita e Marquez de Santilhana, nos dramas de Gil Vicente, na lyrica quinhentista como Castillejo e S. Juan de la Cruz; e como motes de Voltas e Glosas ou como centões nas obras de Camões e de camonistas.» [1]

[1] *Cancioneiro d'Ajuda*, II, 58.

«Voltando ás contribuições de Theophilo Braga, tenho de citar um estudo em que trata mais uma vez de caracteres e das fórmas da poesia popular gallega.

Ao comparar as *Muinheiras*, as *Ruadas* ou *Cantares de pandeiro* d'aquella provincia, com os archaicos *Cantares de amigo*, póde agora introduzir na discussão um elemento novo, de importancia superior: versos vulgares, ainda hoje cantados em Portugal pelos agricultores de Tras-os-Montes (Rebordainhos de Moncorvo) nas segadas e mondas do trigo, e ahi colhidos da tradição oral pelo notavel philologo o folklorista dr. José Leite de Vasconcellos. —... (quatro cantares acompanhados de *refrem*) versados, embora com algumas alterações que deterioram o typo puro, nos mesmos moldes dos cantares primêvos de estylo genuinamente popular, que os Cancioneiros encerram, estas quatro composições vulgares que, mais pela fórma que pelo fundo, de importancia capital, por que provam a continuidade de uma tradição secular e demonstram que houve positivamente relações entre os escriptores dos Cancioneiros e o povo.» [1]

«Monaci, por não concordar com esta hypothese (de Paul Meyer, que os *Cantares de amigo* são obra de litteratos mais tarde apprendidos e cantados pelo vulgo) adopta e sublinha a opinião de Braga, que os proprios cantos que possuimos, foram colhidos, em fórma rude e agreste, da bocca do povo e retocados pelos trovadores dionysios com tanta fidelidade, que até conservaram intactas as assonancias. — Meyer, detalhou novamente o seu

---

[1] D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 56.

modo de vêr, sustentando ao mesmo tempo o caracter e a origem popular do *genero*, e a fórma litteraria da especie. – N'estes principios de debate sobre um dos problemas mais importantes ligados a lyrica medieval — Theophilo Braga, nacionalista convicto, continuou firme no seu posto. Partindo da dansa — *Bailemos já todas, todas, ay, amigas* — que nos foi conservada em duas redacções muito parecidas, mas com attribuição a dois poetas diversos, ambos gallegos, sendo um clerigo e o outro jogral, (*Canc. Vat.*, n.º 462 e 761) contesta o direito de considerarmos qualquer dos dois como plagiario, e defende a these que ambos se serviram de uma velha letra popular, a qual copiaram apenas. Aponta mais algumas *Serranas* de caracter archaico nas obras de Gil Vicente, notando a persistencia do typo, e opina que sendo plebeus os trovadores que assignam as mais ingenuas *Serranilhas*, está provada a communhão directa com o povo.» [1]

2. Criterio psychologico: *As grandes Individualidades*

Fazer uma reconstituição historica sem deixar no esquecimento ou na sombra traço, detalhe, minúcia por mais apagados e esbatidos que sejam, evocar uma civilisação morta, estudar e reviver costumes e tendencias, condensar em paginas intensas e lucidas os modos de sentir e de pensar, isto é, a exprssão esthetica e mental de um povo inteiro, n'uma época, é uma obra tão vasta e complexa, que exige um cerebro autonomo, uma consciencia integra, uma

[1] *Cancioneiro da Ajuda*, II, 35 e 36.

visão critica penetrante e um espirito reflexivo e profundo. — O presente foge nos n'uma fuga eterna — disse Pascal; mas ha almas onde o passado remoto se reflecte nitidamente, com todos os seus esplendores e todas as suas decadencias: — são as dos historiadores, poetas pelo temperamento e pela intuição vivaz, pela phantasia que tudo abrange e exteriorisa em luminosas syntheses de uma serena belleza, pelo intellecto fino e subtil capaz de interpretar pela meditação concentrada e pela deducção philosophica os mais complicados movimentos, tanto individuaes como collectivos. A estas virtudes essenciaes, alliam ainda um dom poderoso e precioso de analyse precisa, de observação paciente e cheia de sagacidade, de psychologia exacta e, sobretudo, o alto poder de crear, de conceber, de assimilar, de dar fórma corporea ás idéas, de insuflar ás figuras acordadas e trazidas para a realidade um estremecimento de vida, uma palpitação de sonho, uma fulguração de verdade radiosa e tangivel.

Não basta sómente a abundancia dos conhecimentos e o requinte de uma prosa scintillante e sóbria que fixe nervosamente as mais tenues sensações externas; é tambem necessario uma capacidade psychica de tal ordem que o exame dos caracteres seja absolutamente equilibrado e harmonico. O historiador é um mineiro estranho que, na ancia das investigações, segue o filão de ouro até as suas origens, e o homem de sciencia que separa e purifica, com certeza e tino, as riquezas encontradas; o senso artistico com pura lucidez para descriminar e o sentimento da justiça universal para o julgamento; um esculptor que de um bloco inerte faz brotar figuras vivas e uma orientação segura d'onde nasce a força interior que atravessa tudo o que define o homem através das edades, trazendo de lá noções, emoção,

materiaes para a edificação protheica de um monumento perduravel.

Modernamente, em Portugal, ninguem como Theophilo Braga tem excavado e procurado tanto nas reconditas opulencias das éras extinctas, ninguem, como elle, foi ainda tão longe. A sua obra enorme surprehende pela plethorica exuberancia da erudição e pela ideia logica e moral a que toda obedece. Ella é um écco das glorias passadas, onde surgem heroes e genios, uma testemunha perpetua de todas as grandezas lusitanas, que vae da *Historia da Litteratura portugueza*, onde se relembram e se eternisam os triumphos intellectuaes de um paiz e de uma civilisação, aos *Doze de Inglaterra*, poema de concepção espiritual: — um écco e uma testemunha, o pensamento e a acção fundidos na mesma expressão synthetica. O illustre escriptor possue, além de uma memoria cultivada e ampla, que lhe permitte retêr tudo o que lê, uma poderosa imaginação para receber e reproduzir as imagens da vida, resuscitando-as depois pela audição e pelo tacto, e reconstituindo as figuras, apprehendendo-lhes a sua maneira de sentir e a sua maneira de sêr mental. E, sobretudo, é servido por uma vontade disciplinada que jámais desfalece e que o impelle continuamente — vontade de conquistar, de vencer, de realisar — a qualidade que mais ennobrece e completa um pensador.

Na *Historia da Litteratura portugueza*, Theophilo Braga vae até ás fontes productoras procurar racionalmente os factos que lhe sirvam de base e que dispõe com ordem e methodo. Se hoje não ignoramos qual o gráo de esplendor da nossa terra d'outros tempos, a elle o devemos. Tem arrancado da sombra verdadeiras epopêas. Nas letras contemporaneas, nenhuma actividade como a sua foi util e

dignificadora e nenhum talento como o seu tão fecundo e admiravel.» [1]

Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza

Discutindo as condições do meio social e mental em que foram escriptos os «11 volumes da *Historia da Litteratura portugueza*, que viram a luz no *curto espaço de dois annos*» escreveu Adolpho Coelho, em um extenso exame critico: «a maior parte das paginas d'esses livros são provas inabalaveis da perseverança do auctor no trabalho, da sua já larga erudição e fina penetração. O auctor manifesta n'elles os dotes necessarios a um bom historiador litterario. Busca sempre os pontos de vista elevados, trata de examinar os phenomenos litterarios sob o ponto de vista genetico, comparativo, historico, physiologico, isto é, trata as questões no mais largo campo a que a sciencia do nosso tempo as levou, campo inteiramente desconhecido até elle em Portugal, onde os que escreviam estavam ainda abaixo de Marmontel e Lahharpe.

«Pode dizer-se que o estudo da historia da nossa litteratura foi elle quem o fundou entre nós. Os ensaios anteriores que havia da mão de portuguezes nem merecem ser mencionados; os estrangeiros que tratavam da nossa litteratura estavam collocados sob um ponto de vista mais ou menos elevado, mas longe das fontes, e não fazendo da nossa litteratura senão o objecto de um estudo accidental, a poucos resultados chegaram, fornecendo-nos ainda assim cousas muito apreciaveis.» [2]

---

[1] João Grave, *Diario da Tarde*, n.º 282 (3-XII-1902). Porto.
[2] *Bibliographia critica de Historia e Litteratura*, p. 129. — Porto, 1871.

Promettendo «fazer um estudo critico, severo e detido sobre esse bello monumento da sua perseverança, sciencia e intelligencia» indicava F. Adolpho Coelho o criterio a seguir: «Para apreciar bem a *Historia da Litteratura portugueza* é mister não só ter estudado tanto ou mais que o seu auctor, conhecer a fundo as grandes questões litterarias, historicas, philologicas e ethnologicas, e ainda as politicas e moraes, ter largos conhecimentos em summa, mas conhecer ainda as circumstancias particulares em que ella é feita, as condições em que o seu auctor trabalha. Só estas ultimas é que nos podem explicar as incoherencias, as contradicções, os erros mesmo ás vezes graves que se encontram aqui e acolá n'essa obra vastissima. Esses defeitos — resultam em maior parte da falta quasi absoluta de solidos trabalhos anteriores ao de Theophilo Braga sobre a historia da lingua portugueza e a ethnologia peninsular, do isolamento em que a obra tem sido concebida e executada, da falta de recursos de toda a especie, da rapidez prodigiosa com que ella tem sido preparada para a imprensa pela força das circumstancias que era mister aproveitar para a não deixar eternamente em apontamentos desligados na gaveta, e sobretudo, de que o Theophilo, bem consideradas as cousas não tem predecessores na *Historia da Litteratura portugueza*. Em Portugal tem faltado absolutamente o espirito critico, sem o qual não se podia dar um passo regular n'esse campo escabrosissimo; o que lá fóra se escreveu, embora dirigido por o bom espirito, era baseado sobre conhecimentos especiaes da nossa litteratura muito incompletos e muito elementares; ainda assim, Bouterwek, Wolf, Diez, e mesmo F. Denis é que podem ser considerados não como predecessores verdadeiros, mas como guardas avançadas de Theophilo

Braga na *Historia da Litteratura portugueza*. O Theophilo não podia pois, fazer tudo de um jacto: construir a linguistica, a ethnologia, a historia litteraria de Portugal.» [1]

*

«O presente trabalho, admiravelmente disposto, com uma clareza expositiva perfeita, occupa-se dos *Elementos staticos da Litteratura*, antes de tudo. Ahi successivamente se discute a raça e o meio; a tradição e os costumes, a linguagem oral e escripta; a patria e a nacionalidade.

Vêm depois, logica e naturalmente, os *Elementos dynamicos da Litteratura*. Destacam, n'esta secção, por seu primoroso acabamento, todos os capitulos, aquelle sobre a Edade média (hegemonia da França); este sobre a Renascença (hegemonia da Italia); este outro sobre o Romantismo (hegemonia da Allemanha). Cumpre advertir que, no segundo periodo, o desenvolvimento assignala a hegemonia da Hespanha, no Culteranismo seiscentista, e a hegemonia da Inglaterra, no Arcadismo e na reacção proto-romantica.

A terceira parte d'esta obra, de uma leitura essencial, e indispensavel, consequentemente, consagra-se ao estudo das *Épocas historicas da Litteratura portugueza*.

Tres sejam: a primeira vae dos seculos XII a XV, onde se nota a preponderancia dos elementos tradicionaes e estheticos da Edade média, e o comêço de transição para o estudo da Antiguidade classica. A segunda época segue todo o percurso dos se-

---

[1] *A proposito da Historia da Litteratura portugueza* — Carta ao Auctor, p. 3. — Porto, Imprensa Portugueza, 1872. (Folheto)

culos XVI a XVIII, sob o predominio da imitação da antiguidade classica e abandono das tradições nacionaes. Finalmente a terceira época é a que em que estamos, d'este esplendido e excepcional seculo XIX. Litterariamente, elle, aqui, se assignala pela revivescencia das tradições nacionaes, mercê da idealisação da Edade média, e pela comprehensão do elemento classico, graças ao conceito da solidariedade historica.

A primeira época é repartida em dois periodos. No primeiro, entram os Trovadores e os romances cavalheirescos, com o typo soberdo do *Amadis de Gaula*. No segundo, cabem os poetas palacianos e os historiadores.

A segunda época contém tres periodos. O primeiro é o dos *Quinhentistas* (seculo XVI); o segundo o dos *Culteranistas* (seculo XVII); o terceiro o dos *Arcades* (seculo XVIII).

No primeiro d'estes, estudam-se, de comêço, os *Poetas da medida velha*, Gil Vicente e as origens do theatro nacional; e, depois, o doutissimo escriptor ensina-nos pelo que toca a Sá de Miranda e á Pleiada portugueza; a Camões e sua eschola lyrica e épica; á Comedia e á Tragedia classicas.

O volume, como se indicou, encerra-se pela apreciação dos chefes do Romantismo e dos ultra-romanticos. Termina com o exame da dissolução do romantismo e o surgimento da Eschola de Coimbra.» [1]

*

«Manifestada a positividade de alguns assêrtos, observadas com a consciencia de frio analysta as

---

[1] José Sampayo (Bruno) — *Voz Publica*, n.º 2012. (Anno VII. Porto (2-X-96).

conquistas do talento no presente seculo, chegamos á conclusão de que a mentalidade hodierna vae n'um encadeamento progressivo grangeando cabedaes valiosos e creando bases certas para encontrar um criterio definitivo como já achou, entre outros ramos scientificos, para a historia da litteratura.

Escreveu um dia Gaston Paris, em seu trabalho *La Poésie du Moyen-Age*, que a historia litteraria do mundo moderno é a influencia dos povos uns sobre os outros e da sua successiva hegemonia: é umas vezes um, outras vezes outro, iniciando a evolução que em seguida outros têm de realisar. Esta asserção axiomatica, baseada na marcha das litteraturas, acode-nos n'este momento ao relêrmos as primeiras paginas de um livro novo, publicado ultimamente por uma das organisações mais illustres da terra portuguza. Theophilo Braga, estudando a litteratura de sua patria pelos processos comparativo e scientifico, collocando-a no quadro das litteraturas novo-latinas, deixa antevêr nas primeiras linhas de sua *Introducção á Historia da Litteratura portugueza* a excellencia da obra que deu a lume e a sua proficiencia de emerito escriptor.

A vasta illustração do auctor, as suas idéas esclarecidas pelos principios modernos certificam a alta intuição que possue n'este genero de estudos, seguindo as doutrinas do presente seculo e manifestando opiniões proprias na materia que desenvolve. Embora a historia da litteratura houvesse sido entrevista por Bacon no seculo XVII, foi recentemente quasi em nossos dias, que, conhecendo a necessidade de se tornar exequivel a renovação da litteratura, Ampère comprehendeu que se devia firmar a historia litteraria em bases scientificas.

Theophilo Braga, distincto jornalista a quem devotamos a maior admiração e cujas obras de ha

muito nos têm sido guia em varios estudos, entendendo perfeitamente o gráo de desenvolvimento que se faz mister em qualquer historia litteraria, apresentou-se em 1871 com preciosos volumes sobre esse assumpto; mas os seus livros possuiam lacunas e, após 25 annos de meditação, ensino e estudo como nos diz o illustrado professor do Curso superior de Letras de Lisboa, nos dá hoje a *Introducção á Historia da Litteratura portugueza* totalmente refundida, completamente nova.

O livro de que nos estamos occupando é filho das idéas do tempo. Ahi, o escriptor prova a importancia dos costumes, tradições, lingua, religiões, etc., nas litteraturas; distingue o conceito de Renan em seu *L'Avenir de la Science,* sobre a alliança da philologia com a philosophia presentida por Vico; observa o valor da biographia de alguns individuos fortes e apaixonados para a sciencia da historia, como Emerson escreveu algures; em summa e emfim, destaca a concorrencia de todas as disciplinas scientificas influxionando a historia da litteratura.

Bellissimas são as paginas da obra cujas impressões nos foram bem profundas. A relação entre os Foraes, os documentos tradicionaes do direito consuetudinario e os romances populares, manifestação da alma nacional, relicario das tradições de uma raça que ahi revela os seus elementos ethnographicos; o estudo da linguagem oral e escripta, os processos de divergencia dos factores cooperadores da creação das linguas; a origem dos vocabulos portuguezes soffrendo as leis do homorganismo pela corrente popular (linguagem oral); o phenomeno do polymorphismo, aquelle em que as leis phoneticas determinam o desdobramento de palavras; toda esta indagação revela o glottologo erudito e astuto, esmerilhador incansavel e perspicaz.

Theophilo Braga applica a divisão dos phenomenos sociaes, *staticos* e *dynamicos* á vida litteraria dos povos, divisão esta já cogitada por Blainville e estendida por Comte a Sociologia.

Na apreciação dos *elementos dynamicos* elle se patenteia, como anteriormente no estudo dos *elementos staticos,* um possantissimo observador e omnimodo investigador descerrando a seu nuto todas as épocas e transformações das letras portuguezas.

As Gestas francas, as Novellas bretãs da Tavolaredonda, os cantos lyricos provençalescos, a relação entre os eruditos e o vulgo com as Canções dos trovadores espalhadas pelos jograes e a metrica latina usada pelos goliardos; os romances dos cyclos Carlingio e do San Graal são apresentados com o verdadeiro criterio e importancia necessarios, mostrando ao mesmo tempo o alto merecimento que o grande movimento d'este seculo fez dar a este genero de estudos.

Manuseando o escripto em questão, verêmos quão de aproveitavel se encerra n'aquelles capitulos! A discussão sobre o *Amadis de Gaula* a que se acha ligado o nome de Vasco de Lobeira; os *Poetas palacianos* synthetisando a efflorescencia da poesia na côrte portugueza; os *Quinhentistas* e *Seiscentistas;* o *Culteranismo*, a época do syncretismo das influencias italiana e hespanhola em Portugal e da reforma dos estudos philologicos; os *Arcades*, representados nas tertulias litterarias, das quaes muitas foram de extraordinaria ephemeridade; o *Romantismo* que comprehende a renovação litteraria, filha de emigrações liberaes; o *Ultra romantismo*, o exagero do estylo emphatico, dissolvendo-se pelos tempos da celebre *Questão Coimbrã;* finalmente, todos estes capitulos constituivos da segunda

parte do livro de que falamos mostram que Theophilo Braga é um incansavel obreiro, a quem com justiça proclamaram em um banquete presidido por Salmeron «*le plus grand remueur d'idées du Portugal en ce dernier quart de siècle*».[1]

Trovadores Galecio-Portuguezes

«Todos os que se occupam de Portugal conhecem as qualidades e defeitos do incansavel historiador da Litteratura patria: a rapidez com que Theophilo Braga trabalha, como verdadeiro repentista, combinando com facilidade extrema noções de historia, philosophia, litteratura, ethnographia e linguistica...: o seu patriotico empenho de revelar manifestações caracteristicas do genio nacional; o *quid divinatorium* de poeta, que o inspira e torna ás vezes singularmente perspicaz n'esta empreza; a sua ancia impulsiva de affirmar...; a sua indifferença contra a arte de compôr e limar, o costume de entremeiar observações justas e plausiveis com hypotheses surprehendentes pela sua ousadia;... e ainda a franqueza com que rejeita opiniões menos justificadas, substituindo-as por outras, logo que reconhece o erro.

De tudo isto ha nos escriptos citados, difficilimos de analysar e criticar *sem injustiça*, porque n'estes primeiros trabalhos predominam as conjecturas e generalisações prematuras. O tentamen de historiar a primeira Epoca da Lyrica peninsular (1871) quando mal se dispunha da quarta parte dos restos conservados; (i. é, perto de 509 poesias) partindo de mais

[1] Theodoro de Magalhães — *O Paiz*, n.º 4570. — Rio de Janeiro (8 IV-97).

a mais de quem conhecia imperfeitamente a época trobadoresca das Litteraturas estrangeiras, devia forçosamente falhar, se ainda hoje, depois de vinte annos de trabalho árduo da parte de alguns sabios estrangeiros, tantos problemas principaes aguardam solução definitiva. —

Acertada e fecunda era a tentativa de procurar nos Nobiliarios nacionaes e em documentos historicos os nomes, em grande parte aristocraticos, do Catalogo dos Trovadores impresso por Wolf e Varnhagen... Está claro que tambem n'esta parte do seu trabalho Th. Braga nem sempre podia escolher bem entre differentes homonymos, por ainda não conhecer as obras dos poetas e as allusões historicas que n'ellas se escondem.

Os volumes de Th. Braga, ricos em boa doutrina historica, apreciações engenhosas e affirmaçõs estimulantes, fructicaram. Tem-se dito que foi a leitura dos *Trovadores galecio-portuguezes*, que interessou um philologo italiano a ponto de se erigir em protector generoso dos estudos luso-provençaes, offertando a esta nação os seus primeiros e mais importantes monumentos poeticos em um magnifico volume. E a affirmação não tem nada de estranha.

Fallo de Ernesto Monaci, um dos fudadores da *Rivista di Filologia romanza* (1872)... Em principios do anno seguinte o ms. *(Cancioneiro portuguez da Bibl. do Vaticano)* já estava no prélo.» [1]

Tratando com severidade estes primeiros estudos provençalescos de Theophilo Braga, escreve D. Carolina Michaelis:

---

[1] D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Cancioneiro da Ajuda*, II, 30 a 34.

«Seja-me licito fazer uma vez a sua apologia, applicando-lhe as palavras que Scherer dedicou um dia a Jacob Grimm: «*Quem não ousou, não perdeu nem ganhou.* E' preciso que tenha a coragem de errar quem cultiva terrenos virgens. — Outras (obras) ha, e das mais bellas que existem, cheias de imperfeições, lacunas, temeridades, que deixam livre a escôlha entre varios pareceres sobre o mesmo assumpto, mas que irradiam um fluido suggestivo e estimulante, provocando-nos a continuar na exploração. convencidos que a abundancia de veios nem de longe fica exhaurida.» — «Os trabalhos de Th. Braga (embora não attinjam o vasto alcance dos de Jacob Grimm) são d'estes germinaes fecundos que evocam o poder critico e creador de outros, diversamente dotados.» (*Ibid.*, p. 44, n.º 2.)

*

Do trabalho da edição critica do *Cancioneiro da Vaticana,* escreveu Ramalho Ortigão na *Gazeta de Noticias*, e no Esbôço biographico:

«O *Cancioneiro da Vaticana,* publicado pelo romanista Ernesto Monaci, em Halle, é a reproducção diplomatica do texto manuscripto da Bibliotheca Vaticana, o qual se suppõe ter pertencido a Angelo Collocci, falecido no meado do seculo XVI. O referido texto era copia de um manuscripto do seculo XIV, mas o copista estrangeiro não conhecia a letra portugueza e trasladou de um texto muito deturpado; de sorte que a reproducção diplomatica de Monaci tem, como verdadeiro *fac-simile* que é, todas as difficuldades de leitura que se encontram na manuscripto da Vaticana. O intelligente editor italiano adoptou este processo com o fim de salvar o texto do manuscripto que se pulverisava, convi-

dando os philologos portuguezes a emprehenderem o trabalho de uma lição critica. Foi esse trabalho o que Theophilo Braga levou a cabo, como pagamento de uma divida nacional que a Litteratura portugueza contrahira com Ernesto Monaci.

As mil duzentas e cinco Canções foram integralmente restituidas á sua fórma authentica pelos severos processos da hermeneutica, attendendo á metrificação, á fórma strophica, a rima, o ritornello e o estudo comparativo da poetica provençal; algumas canções que se achavam deturpadissimas apparecem hoje plenamente restituidas por meio de um processo, que o romanista Storck qualifica de *maravilhoso*. A nova edição do Cancioneiro é precedida de um largo estudo sobre a Poesia provençal portugueza, (cento e doze paginas) em que se relata pela explicação critica do Cancioneiro a vida litteraria das côrtes de Dom Sancho II, Dom Affonso III, Dom Diniz e Dom Affonso IV. A parte em que estabeleee a filiação dos nossos Cancioneiros traz importantes revelações historicas que resultam da critica comparativa de dados algumas vezes extremamente accidentaes. [1] N'este prologo estuda-se ainda pela primeira vez o problema da unidade do lyrismo europeu, e expõe-se a uma nova luz o facto

[1] «J'ai trouvé votre article d'un très grand intérêt et je l'ai lu avec beaucoup de satisfation. Car non seulement j'ai appris par lui que les Chansoniers portugais se trouvent dans les mêmes conditions que ceux des Troubadours, des quels je me soit occupé longtemps, mais j'y vois aussi appliqué la même méthode pour établir la filiation des manuscrits de poesie lyrique du Moyen-âge et pour déterminer leurs sources... Depuis que j'ai lu vos recherches sur les Chansoniers portugais j'ai gagné une confiance plus grande à la sureté de mes argumentations et à la certitude de mes résultats» (Dr. Grober. Breslau, 20 Fevr. 1877.)

importantissimo das relações dos trovadores portuguezes com as tradições populares que elles imitaram. O *Cancioneiro da Vaticana* é a fonte primordial da nossa Litteratura. Sem elle seria impossivel escrever sobre bases positivas a Historia litteraria de Portugal. Como auxiliar d'esta ordem de estudos, esta obra de Theophilo Braga não tem menos importancia do que as criações mais originaes.» *(Esbôço biographico,* p. 9 e 10.)

*

«Sobre esta edição paleographica, fez a sua critica Theophilo Braga (*Cancioneiro portuguez da Vaticana,* Lisboa, 1878) restaurando com muita felicidade o texto, e ajuntando um glossario e uma larga introducção em que estão refundidos e melhorados outros trabalhos sobre a mesma materia, a partir do intitulado *Trovadores Galecio-portuguezes*, (Porto, 1871) trabalho juvenil e prematuro, mas que teve o merito de interessar a curiosidade de Monaci, e movel-o a atacar as suas arduas emprezas. Em todos os estudos numerosos de Braga ha, de envolta com uma certa desordem de exposição e de muitas hypotheses temerarias, um grande fundo de doutrina historica, muita sagacidade de investigador, e grande numero de observações novas e plausiveis, as quaes temos tido muito presentes n'este ligeiro estudo.» (Menendez Pelayo, *Antologia de Poetas lyricos castellanos*, t. III, p. XLVIII, nota.) No prologo d'este livro, Menendez Pelayo descreve como sobre a decadencia da poesia epica hespanhola denominada *Mister de Clerecia*, que tomava no seculo XIV um caracter didactico, florescia um vivissimo lyrismo galecio-portuguez, que se infiltrou em todas as linguas e poesias regionaes da penin-

sula. De modo que D. Thomas Sanchez preoccupado com a primeira, isto é, com a poesia do *Mister de Clerecia*, não comprehendia as affirmações phantasticas do P.e Sarmiento sobre a universalidade do lyrismo gallego. A Carta do Marquez de Santillana, dando apoio a Sarmiento, carecia de provas documentaes. Vieram com a descoberta dos Cancioneiros portuguezes de Roma, e em seguida do estudo das Serranilhas ou do elemento popular do lyrismo galleziano, continuado em Santillana, Arcipreste de Hita, Gil Vicente, Camões, até ao seculo XVIII, nas Lyras de Gonzaga. O estudo de Menendez Pelago (p. V a LII) é um resumo lucido dos trabalhos de Theophilo Braga sobre o lyrismo galecio portuguez, que, como elle confessa, citando-o por differentes vezes «hemos tenido muy presentes en este ligero estudio.»

Formação do Amadis de Gaula

Sobre a origem portugueza d'esta Novella sustentada por Theophilo Braga, escreve Menendez Pelayo:

«Não ha para que occultal-o ou negal-o; todos os grandes heroes das Gestas hespanholas são eminentemente realistas. Vivem na atmosphera do seu tempo, e d'ella recebem a sua grandeza. Suas emprezas, até quando são fabulosas, quadram com a realidade historica, e sem grande difficuldade identificam-se com a historia documentada. — Não é preciso amontoar exemplos: lembremo-nos de todos os nossos typos épicos: Bernardo del Carpio, Fernan Gonzales e seus successores; os Infantes de Lara e seu vingador Mudarra; finalmente e sobre todos o Cid, a quem casualmente a epopêa apresenta me-

nos grande do que apparece na historia escripta por seus proprios inimigos.

Pois bem, o *Amadis* é a negação de tudo isto. O *Amadis*, verdadeiro conto de *Fadas* appresenta os caracteres mais directamente oppostos á genuina epopêa castelhana. —

Havia na Peninsula hispanica alguma raça mais preparada do que a de Castella para receber o influxo do *Amadis de Gaula?* Só uma existia, retirada nas regiões occidentaes, sceltica (britonica) sem duvida alguma de origem, como o attestam ainda hoje as suas populares superstições.. como revelações inesperadas de um mesmo typo ethnico: (os antigos geographos e historiadores gregos notaram o parentesco de raças do Noroeste da Hespanha com as das Ilhas britanicas).

O *Amadis de Gaula* teve por typo os Poemas da Tavola-redonda... Aonde devia pegar esta semente senão nas regiões scelticas (britonicas) da Hespanha, unicas que alimentavam crenças, superstições e costumes analogos ao dos bretões, e unicas por tanto que podiam comprehender e sentir aquella poesia que resôa tão exotica a ouvidos castelhanos, aragonezes e catalães?

Em these geral, pois, parece mui verosimil a opinião que colloca o bêrço do *Amadis* na região galaico-portuguesa, cujos poetas deram carta de naturalisação pela primeira vez entre nós outros aos nomes de *Tristão* e *Yseult* e de *Lançarote*, e cujos cavalleiros gostavam, no fim do seculo XIV de honrar-se e distinguirem-se com sobrenomes tirados dos poemas do Cyclo bretão.

Além da relação bastante directa do *Amadis* com as ficções do Cyclo bretão mais populares na região galaico-portugueza do que em outra alguma da peninsula, o conhecimento que d'estas ficções

havia na côrte de D. Diniz e dos seus trovadores aulicos, como o provam o Cancioneiro da Bibliotheca Vaticana e o chamado Colocci-Brancuti: o facto de encontrar-se no segundo d'estes Cancioneiros o texto gallego, quasi litteral de uma poesia castellana intercalada no *Amadis* = Leonoreta sin roseta = a ausencia de todo o elemento tradicional e historico na novella, phenomeno inexplicavel se tivesse nascido em Castella, e muy verosimil pelo contrario em Portugal, que foi de todas as nacionalidades ibericas a mais tardia a formar-se, a que mais careceu de base épica, por que chegou á vida em tempos inteiramente historicos; e por ultimo o facto mesmo da tradição continuada e imperturbavel em Portugal e a ausencia em Castella de todos os antecedentes a respeito do auctor ou da época das primeiras redacções do *Amadis,* levam-nos senão a crêr a suspeitar que os portuguezes tiveram grande parte na creação d'esta rarissima novella.»

Quanto á determinação do poema primitivo sobre que foi elaborada a novella portugueza, escreve Menendez Pelayo: «Em que lingua estava composto este *Amadis?* Ninguem o sabe, nem mesmo se pode suspeitar. Toda a diligente investigação de Theophilo Braga, não conseguiu encontrar na *Vita Sancti Amandi,* publicada pelos Bolandistas, nem no poema francez de *Amadas et Ydoyne,* nem no inglez de *Sir Amadace,* mais do que longinquas coincidencias com semelhanças com o nosso.» [1]

---

[1] *Diccionario encyclopedico hispano-americano,* vb.º AMADIS. Na *Introducção á Historia das Novellas de Cavalleria,* Menendez Pelayo trata da questão de *Amadis* largamente, discutindo a obra de Theophilo Braga.

*

Acerca dos primeiros estudos de Teophilo Braga sobre Christovam Falcão, escreveu o dr. Rodrigues de Gusmão, dominado por uma impressão viva:

«Asseveramos com todo o desassombro, com a verdade propria de um caracter naturalmente isempto, sem a minima sombra de emphase ou lisonja, que admirámos a perspicacia, a sagacidade, e critica esclarecida, com que o eximio escriptor inquirindo e approximando especies dispersas, e interpretando diversas passagens das poesias, logrou reconstruir e dar vida á formosa estatua do cavalheiro-poeta. Foi uma creação maravilhosa!

Como que passeia ante nossos olhos, alquebrado pela doce melancholia, que inspirou os maviosos versos da sua tão celebrada Ecloga *Crisfal*, o distincto fidalgo da côrte d'el-rei D. Manuel e D. João III.

Contemporaneo de Bernardim Ribeiro, querido de Camões, que imitou os seus versos, recorda, por suas aventuras amorosas, a lenda do famoso Mancias, e a do terno amador da infanta Dona Beatriz.

Liamos o estudo do Sr. Theophilo Braga, e, entre as mais gratas sensações, dominava-nos um profundo sentimento de admiração pelos dotes preclaros d'este insigne escriptor, que fez romper chispas de brilhante luz d'onde outros não topavam senão trevas; que soube desentranhar realidades d'onde alguns criam se não encontravam senão chimeras.

Possuimos, finalmente, uma edição que se póde classificar verdadeiramente critica do mofino poeta portalegrense Christovão Falcão. E devemos este importante serviço a um dos mais infatigaveis cultores da litteratura portugueza o sr. Theophilo Braga.

Pela nossa parte aqui lhe agradecemos este serviço.

Portalegre, 25 de setembro de 1871.» [1]

Bernardim Ribeiro e o Bucolismo

Na verdade, em preliminar, se consigna que o livro publicado em 1872 com o titulo *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas* foi agora fundamentalmente reescripto, abandonando o auctor as hypotheses laboriosas com que procurava desvendar a vida do poeta, para dar-lhe o colorido da realidade historica, mettendo em obra recentissimas descobertas.

Esta sinceridade perfeita de Theophilo Braga é uma das maravilhas moraes da sua admiravel carreira. O exemplo systematico da abnegação da sua conducta causou o assombro de Ramalho Ortigão, que o inscreveu nas paginas da biographia publicada pela *Renascença*. Despindo os arminhos do heglianismo para se submettêr ao cilicio da disciplina severa da regra philosophica de Augusto Comte, Theophilo Braga não hesitou perante a incomprehensão injusta do rezinguento publico academico. Na sua sublime faina propagandistica, o nosso illustre correligionario logrou, de resto, ensejo de explicar a urgencia da fluctuante ideação no escriptor leal, cuja elaboração constante é continua producção. Rompe com lauda assim notavel o eximio estudo ácêrca de Eça de Queiroz.

Agora, seu criterio se fundamenta com excelentes passagens corroborantes, destacadas dos *Estudos de Historia religiosa,* por Ernesto Renan.

O trabalho concernente ao nosso infortunado

[1] F. A. Rodrigues de Gusmão — *Nação,* n.º 7093 (1871).

grande lyrico abre logicamente com o exame das relações entre a crise social da dictadura monarchica e a poesia palaciana, analysando as causas que no seculo XVI destacam os grandes lyricos.

Estudando a poesia da Côrte, como completando o quadro da formação do *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende, e dos Poetas palacianos que a cultivaram no primeiro quartel do seculo XVI, Theophilo Braga declara que ha um caracter novo, uma faisca que tudo anima e transforma — a inspiração do amor.

Registra que, conhecidas as causas sociaes que tornaram memoraveis os serões da Côrte, e a influencia que estes exerceram sobre os poetas fidalgos e sobre a formação dos Cancionarios quinhentistas, faltava relacionarmo-nos com esses sinceros apaixonados, que, emquanto os seus contemporaneos se afogavam com as riquezas da India e Brasil, cantavam com toda a verdade da sua alma, e se deixavam enlouquecer ou morrer de amor.

Este esplendido rasgo da intuição critica de Theophilo Braga, cuja plasticidade esthetica sobrenadou a prodigiosa erudição, quadra idoneamente ao feitio psychologico da gente portugueza. Ella é, entre todas, assignalavel pela sua immensa affectividade. Nos exemplares vivos ou nos modelos litterarios dos lusitanos é que o recente Gastão Danville deveria aprender para, com conhecimento de causa, redigir integral e perfeita *Psychologia do amor*.

Casos como o de Bernardim Ribeiro, exemplos como o de Christovam Falcão é que o habilitariam a versar melindrosos litigios, qual o que constitue a trama do seu capitulo VI sobre *O ponto de vista pathologico* na interpretação do amor.

A theoria do amôr considerado como uma manifestação pathologica, fundando-se, principalmente,

sobre a analogia apresentada pelos caracteres da paixão amorosa com os das diversas ideias obsidiantes, já de longa data, desde os fasciculos da *Revue philosophique*, que vem preoccupando o distincto monographista parisiense.

Na categoria critica, apoiando-se sobre a auctoridade do grande alienista Maudsley, por lance especifico da sua *Pathologia do Espirito*, Theophilo Braga define magistralmente a situação, psychologica e moral, que impelliu Bernardim Ribeiro para a loucura e idiotia final. Assegura que ella é hoje cabalmente explicada pelos conhecimentos scientificos da pathologia cerebral.

Bernardim Ribeiro foi dotado de uma singular precocidade intellectual e emotiva, como se descreve na Ecloga *Aleixo* (Era loucura pensar — coisas *que aun niño dezia)*. Esta precocidade marca a Theophilo Braga como devida á sensibilidade exquisita, desenvolvida pelo isolamento e pelos prolongados terrores da perseguição que dispersou a sua familia, tendo vivido confinado desde a infancia na Quinta dos Lobos, em Cintra. A protecção que encontrou entre os Zagalos, parentes de sua mãe, justificava-se pela fulguração do talento que revelava. Ora, essa extrema sensibilidade tomou o seu maximo relêvo na época da puberdade, e o amor foi para elle uma fatalidade. Resultou, escreve o professor do Curso superior de Lettras, exarando conceito de molde ás investigações de Danville, resultou para Bernardim Ribeiro o amôr uma doença invencivel, que o subjugou para sempre. Sua prima deixou-se abrazar n'essa mesma chamma, de suggestão dominativa. Emfim, os versos de Bernardim Ribeiro são, para o poderoso mestre, esta rapida aurora de felicidade, e o lamento pungentissimo da desgraçada paixão contrariada. Pela sua leitura, exclama, resu-

mindo, com nobre eloquencia Theophilo Braga, assiste-se á lucta d'aquelle espirito contra um desgosto que lhe devasta a existencia, que o desvaira e o leva á loucura.

A segunda parte do volume, interessantissima e mais que muito instructiva, consagra-se a Christovam Falcão.

Tres são os seus paragraphos constructivos. O primeiro trata dos amores de Crisfal e Maria; o segundo da influencia litteraria de Christovam Falcão; e o terceiro da historia externa das obras do poeta.

Na secção intermediaria, mostra-se como Camões estuda a ecloga de *Crisfal* e como, na *Sylvia de Lisardo*, fr. Bernardo de Brito a imitou. Termina esta parte do valioso trabalho com a annotação da preciosa carta inédita, que, no tomo óra, se inclue, de José Agostinho de Macedo, recommendando a Antonio Feliciano de Castilho o estudo do *Crisfal*. Essa missiva tem a data de 13 de agosto de 1824, e foi escripta em Lisboa, após a leitura, satisfeita e admirativa, das *Cartas d'Ecco a Narciso*, soporifera obra néo-classica, que, para quem estas linhas desdobra, possue, aliás, um saudoso encanto de amargura. E' recordação da infancia embalada, em sua melopêa, pela viva memoria de sua pobre, intelligentissima mãe, que, de menina e môça, por outiva de uma fraterna leitura unica, toda a vida, na sua sensibilidade tão fina e na sua bondade tão pura, de cór as conservára.

Organisando a bibliographia de Christovam Falcão, conta a curiosa, significativa historia da edição de 1871. Ahi declara que, emquanto cada um vae servindo as suas emoções antipathicas, elle, pela sua parte, sacrificou sempre a actividade a um interesse ideal, movido por motivos puros. Modelar

lição de abnegado civismo, com effeito, a vida proselytica d'este homem singular, cujas virtudes de cidadão se apuram no obstinado empenho de ensino collectivo, na tarefa persistente de erguer o nivel da cultura.

Com leal isenção, se confessam os erros da edição de 1871, mais que desculpaveis á face das circumstancias extraordinarias em que foi feita esta 7ª edição. Com identica lealdade, não se recusa Theophilo Braga a reconhecer os meritos da edição de 1893, onde julga como verdadeiramente apreciaveis as *variantes*, as quaes, comtudo, em seu entender, deveriam ser apresentadas em versos completos, para bem se aquilatarem.» [1]

*

Em carta de 19 de janeiro de 1897, consignava a illustre escriptora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos a impressão que lhe causára a leitura do livro *Bernardim Ribeiro e os Bocalistas:*

«Recebi hontem de tarde a novissima obra de v. dedicada á romantica historia dos dois amigos. Li-a toda de um folego. Ha pouco a pousei sobre a minha banca, e ainda debaixo de uma forte impressão que me produziram aquellas 435 paginas, escriptas com verdadeira paixão, é que me apresso a dar a v., os meus cordeaes agradecimentos e sinceros parabens. Não duvido que o publico as receba com prolongados applausos, internando-se depois deliciado na suavissima prosa de Bernardim Ribeiro e repetindo os versos bucolicos de ambos os poetas,

---

[1] José Sampaio (Bruno), *Voz Publica*, n.º 2115 (VIII anno.) Porto.

de uma ingenuidade e ternura tão encantadoras. A certeza hoje adquirida de que nas paginas palpitantes de emoção do *Crisfal* como da *Menina e Moça* se escondem acontecimentos e soffrimentos reaes, torna-as especialmente suggestivas — penetrantes como os desabafos da Heloisa portugueza, o *Carcel de Amor*, de Diego de S. Pedro, na *Werthers Leiden*.

«Pela minha parte, declaro que encontrei muito que admirar no seu volume. Os dados colhidos em documentos fidedignos parte por v., parte por outros investigadores, foram engenhosa e poeticamente aproveitados. Estou de accôrdo no principal, e tambem com relação a muitos pormenores.»

*

«Nunca é tarde para se falar de uma obra, que, quanto mais se lê e se coteja com muitas outras que versam sobre o mesmo assumpto, mais novidade historica e litteraria, mais interesse dramatico se lhe encontram.

E' o sexto volume da *Historia da Litteratura portugueza*, que o illustre escriptor está remodelando de accôrdo com as suas largas investigações e com a reflexão de muitos annos, tornando-se notavel a todos os respeitos esta segunda edição do seu ingente trabalho, que constitue o nosso mais copioso manancial de idéas e de factos para apreciarmos, desde os tempos antigos, a actividade litteraria do paiz, quer em si, quer em relação a todas as outras expressões da vida nacional.

Anciávamos pelo apparecimento de *Bernardim Ribeiro*, como pela volta de uma pessoa querida, ha muitos annos ausente de nós. Virão brancos os seus cabellos, enrugadas as faces, amortecido o fogo dos

olhos que nos arrancava ás tristezas da realidade para nos fazer devanear e sorrir como um raio alegre e creador do sol?

Como é que Theophilo Braga trataria essa figura extraordinaria de poeta, na sua compleição delicadissima, nos lances profundamente dramaticos da sua vida, na sua importancia litteraria em meio da Renascença, no seu enrêdo romantico com um turbilhão de personagens mais ou menos mysteriosas, na posição violentissima que a precipitou nos abysmos caliginosos da loucura?

Esta questão interessantissima tambem nos prendeu devéras e prende-nos ainda, dedicámos-lhes muitas horas de reflexão; sentimol-a em toda a difficuldade de uma liquidação satisfactoria no campo documental, e em toda a grandeza de dores moraes que resumam dos escriptos do poeta, ora com uma cadencia suave de resignação, ora com o impeto enlouquecedor do desespêro.

Apenas recebemos o precioso volume, abrimol-o e percorremol-o em differentes pontos. A impaciencia não nos permittiu uma leitura continuada, morosa, critica. Quizemos verificar primeiro pela impressão se era Bernardim Ribeiro que tinhamos ali. Tobias, o sympathico cego da Biblia, não percorreu mais avidamente com as mãos a cara e o corpo do filho para certificar-se de que era este que regressava intacto á casa paterna.

Effectivamente o erudito deu nos um *Bernardim Ribeiro*, entrevisto com luminosa intuição através da sua epoca e modelado com verdadeiro sentimento artistico. E' talvez esta a figura mais bem acabada da sua vasta galeria litteraria, dentro dos moldes historicos e didacticos a que ella obedece essencialmente.

Bernardim Ribeiro é, sem duvida, o mais sym-

pathico e attrahente dos escriptores portuguezes que fluctuam entre a Edade média e a Renascença, como o sonhador entre os ultimos vapores de uma visão inebriante e a primeira luz que lhe entra pela janella, chamando-o a uma realidade tambem cheia de prazeres de espirito e de coração.

O seu logar proeminente de poeta e de prosador está ha muito indiscutivelmente fixado por unanimidade de critica, ainda a menos indulgente e a menos impressionavel ás inflexões tocantes e suavissimas do seu dizer melancholico.

Mas a sua vida particular e mesmo os traços geraes para a sua biographia conservaram-se até ha bem pouco tempo esquivos n'um mysterio de torturar até ao desespêro a curiosidade de differentes investigadores.

A vida de Bernardim Ribeiro teve o seu principio nos tempos agitados e pavorosos de D. João II. D'aqui proveiu a difficuldade essencial em colher dados biographicos de maior circumstancia.

Não ha trabalho mais ingrato de investigação e de critica do que arrancar e apreciar á luz da historia os homens que se enredaram nas luctas entre o rei e a nobreza, sumindo-se a maior parte n'um mysterio quasi impenetravel, de que apenas se presentem os horrores.

Entre os servidores medianamente graduados do duque de Vizeu havia um com residencia no Torrão, antiga villa alemtejana, em cujas cercanias o duque possuia algumas propriedades.

Damião Ribeiro se chamava elle, e já se encontrava ao serviço da casa em vida do duque D. Fernando, pae de D. Diogo. Era natural da mesma villa e alli se creára até á edade de 15 ou 16 annos em companhia de seus paes, gente de modestos haveres.

Em 1482 apparece-nos pela primeira vez Damião Ribeiro, e já casado com D. Joanna Zagalo, da qual teve dois filhos: Beatriz e Bernardim.

Quando d'ahi a dois annos, em 23 de agosto de 1484, D. João II apunhalou o duque D. Diogo em Setubal e mandou fechar immediatamente as portas da cidade para que nenhum dos sectarios da nobreza sublevada conseguisse escapar, escapou Damião Ribeiro, por um feliz acaso, de participar da sorte desgraçadissima de seu amo, do bispo D. Garcia, de D. Pedro d'Athayde e de outros conjurados. Depois, foi um instante em quanto elle fez transportar a mulher e os filhos para a Quinta dos Lobos, no concelho de Cintra, propriedade de um seu parente o desembargador Antonio Zagalo, homem dotado de uma rarissima grandeza de alma, tratando em seguida de transpôr as fronteiras.

A Quinta dos Lobos, perdida n'um valle profundo, longe do povoado, era um excellente refugio para a mulher e para os filhos de um homiziado nas condições gravissimas de Damião Ribeiro, que tambem não podia encontrar mais generoso e seguro arrimo para a sua pobre familia do que em seu primo Antonio Zagalo.

Sabendo-se por um documento de 6 de maio de 1642, documento capitalissimo e inesperado para reconstruir a biographia de Bernardim Ribeiro, que o poeta pássara a melhor parte da sua vida na Quinta dos Lobos, (Cintra) tratámos de procurar com o nosso illustre amigo visconde de Sanches de Baêna a propriedade em questão, esperando encontrar n'ella a primeira e a mais importante confirmação material d'aquelle documento, de cujo achado nos coube a feliz casualidade.

Foi n'esta pittoresca estancia que Damião Ribeiro deixou os que lhe eram queridos e correu a asylar-se

em Hespanha, para onde fugiam todos os implicados na medonha lucta politica com a corôa portugueza, e onde encontravam tanto melhor accolhimento, quanto é certo que á propria nação visinha não desagradava, por motivos que não importa aqui esmiuçar, a encarniçada rebellião dos nobres contra o *Principe Perfeito*.

De pouco valia, porém, aos foragidos a hospitalidade de além da raia. O odio vingativo de D. João II perseguia-os com tanta teimosia e habilidade que, tirado o marquez de Monte-mór, não é facil encontrar outro conjurado que escapasse do ferro ou do veneno.

Não tardou tambem muito que o pobre criado do duque de Vizeu pagasse com a vida a cumplicidade na mallograda conspiração de seu amo. Parece que no mesmo anno de 1484, ahi por fins de dezembro, Joanna Zagalo ficou viuva com duas criancinhas, contando Bernardim Ribeiro talvez uns dois annos de edade.

Antonio Zagalo interessou-se como um perfeito pae pelo futuro dos dois orphãos. Beatriz perde-se de tradição pouco tempo depois, subsistindo apenas o irmão, ao qual o destino reservava uma vida accidentada de luctas de espirito e de coração, terriveis e porfiadas como poucos homens as podem ter.

Emquanto D. João II foi vivo, todas as familias que se assignalaram no movimento opposicionista contra a sua politica centralisadora, pelo papel activo de algum dos seus membros, conservaram-se sempre com o maior cuidado n'uma obscuridade que as protegesse das perseguições que noite e dia andavam em campo, não poupando os pobres innocentes que haviam herdado apenas o nome dos criminosos.

Espalhara-se por todo o paiz um terror indescri-

ptivel. Muitos dos culpados, ou que se suppunham como tal apenas por laços de familia ou relações de amisade, para escaparem ao carcere e ao ferro, arrastavam-se sós, ou com os seus, loucos, famintos, errando de noite como os animaes vadios por charnecas e azoreiras, deixando aqui um filho, acolá uma mulher, cahindo ás vezes elles proprios mais além, extenuados e com os algozes da morte, antes de tocarem os terras hospitaleiras da Hespanha.

Ninguem se atrevia a matar-lhes a fome, nem a dar-lhes um abrigo no mais somenos corveiro. Todos tinham medo de que os espias vissem n'essa obra de compaixão uma prova de cumplicidade.

O desembargador Antonio Zagallo possuia a quinta dos Lobos na sua qualidade de morgado. As discordias politicas haviam atirado com elle para este ermo, como para um sepulchro. Desde que D. João II respondeu ao repto dà nobreza com a cabeça sympathica do duque de Bragança, nunca mais Antonio Zagalo appareceu na côrte. Conservavâ-se tenazmente arredado de tudo o que directa ou indirectamente lhe pudesse ir perturbar o socego do seu eremiterio com os rumores inquietadores da tempestade, que se armára em volta do throno portuguez.

Ignez Alvares não partilhava com muito gosto do isolamento do irmão. Uma rapariga, que aspirára como ella os perfumes inebriantes dos festivos solares medievaes, não via sem cruciante magua, sem um desespêro que mal se continha ás vezes, os seus dezoito annos enterrados ao pé d'aquella serrania asphyxiante. A avesinha encarcerada, que vê as arvores florirem ao sol de abril e escuta os trinados amorosos que vão pelas ramarias, não se debate contra as grades da gaiola com mais ancia de liberdade do que ella.

Havia um anno que Ignez tinha justo o casamento com Sancho Tavares, rico proprietario de Extremoz; mas o irmão, na triste perspectiva de se vêr só e desamparado do minimo carinho de familia, diligenciou quanto possivel retardar a celebração d'esse casamento.

Alguns mezes depois da chegada de Joanna Zagalo Ribeiro e dos filhos á Quinta dos Lobos, Sancho Tavares partia com a sua noiva para o Alemtejo. A viuva do infeliz Damião Ribeiro passou a ter o governo da casa, com a saída de Ignez sua prima.

Os annos que decorrem de então até ao falecimento de D. João II, em 25 de outubro de 1495, foram passados n'um recolhimento, cuja intimidade não é difficil imaginarmos nas suas immensas tristezas alternadas dos sorrisos beneficos, que o morgado dos Lobos saberia com a sua formosa alma arrancar á pobre gente, que a desventura lhe lançára nos braços.

Foi elle quem guiou Bernardim Ribeiro nos primeiros passos da vida e lhe ministrou os conhecimentos litterarios, que serviram de base aos seus estudos universitarios e lhe desenvolveram o gosto pelas letras, que elle veiu a cultivar com primoroso relêvo de fórma e com a mais encantadora delicadeza de idéas e de sentimentos.

Quando D. Manuel subiu ao throno, raiou uma phase de rehabilitação para as familias perseguidas pelo seu antecessor. Todas se acercaram do novo monarcha a pedir-lhe restituição de bens, de honras e de empregos. Houve como que resurreições de individuos que haviam sido dados por mortos, e que afinal só esperavam na mais discreta obscuridade occasião para apparecer.

Bernardim Ribeiro poude, emfim, deixar a sua

clausura de onze annos e vir expandir o espirito ao sol vivificante da côrte manuelina. Antonio Zagalo, que se prendera durante esse tempo ao pupillo por um affecto vehemente, só comparavel ao amor de um pae pelo filho, orgulhava-se de o appresentar ás suas velhas relações, e seguia com o maior interesse e sollicitude os progressos que elle fazia em humanidades e as provas cada vez mais brilhantes do seu talento poetico.

Os Zagalos approximaram-se de el-rei D. Manoel, como poucas familias. A propria Ignez e seu marido deixaram Extremoz, attraidos pelos esplendores do *Rei Afortunado*, que a escolheu em 1504 para ama de sua filha a infanta D. Beatriz, mais tarde duqueza de Saboya.

Alguns genealogistas referem-se com sorrisos maliciosos á escolha que D. Manoel fizera da formosa ama. Passemos, porém, adeante.

Theophilo Braga, que ao reconstruir a vida do poeta nunca perde de vista as referencias autobiographicas d'este nas suas obras metricas, conclue pela Egloga II que Bernardim Ribeiro e, conseguintemente, sua mãe deixaram a Quinta dos Lobos, não pela côrte, mas sim pela sua saudosa casa do Torrão.

Não vamos fóra do que avança o illustre escriptor, admittindo, como é natural, que D. Manuel restituisse á viuva e ao filho de Damião Ribeiro os bens que D. João II lhe devia ter mandado confiscar. O que apenas nos conserva ainda hesitante em abraçar essa conclusão é, por outro lado, a affirmativa de que foi n'essa passagem do Torrão para Lisboa que Bernardim Ribeiro abandonou o amor de *Cruelcia (Lucrecia* Gonçalves) pela paixão ardentissima por sua prima Joanna Tavares.

Vamos encontral-o em 1504 sob as primeiras

impressões da mulher, a que um destino inclemente lhe encadeou todas as faculdades com o maior despotismo e com as mais angustiosas consequencias.

Tudo nos deixa crêr que n'esse anno já fosse falecido Antonio Zagalo, o segundo pae de Bernardim, devotado e carinhoso, e que ficou até certo ponto substituido por sua irmã D. Ignez Alvares Zagalo, de cuja affeição por elle tambem sobreviveram inequivocas provas.

Em fins de 1504 veiu Ignez Alvares para a côrte, com sua familia, para servir de ama á infanta D. Beatriz. Do seu casamento com Sancho Tavares trazia cinco filhos, e não houve mais pela rasão presumivel de el-rei D. Manuel lhe mandar logo o marido para a Africa, investido no cargo de escrivão de Sofala.

E, com vontade ou sem ella, o Sancho lá partiu de galêrno em pôpa, dizendo o ultimo adeus á mulher e aos filhos, — ultimo, porque o pobre homem nunca mais voltou ao reino. Foi a melhor maneira de D. Manuel arranjar para a filha uma ama, cujo leite não estivesse sujeito a contingencias nocivas e que podesse de futuro prestar-lhe toda a sua assistencia sem dependencias maritaes.

Os filhos de Ignez Alvares dividiam-se, quanto a sexos, em um rapaz e quatro meninas. Toda esta próle figura com maior ou menor importancia na historia do poeta, destacando-se a filha D. Joanna Tavares, que foi o objecto da medonha paixão que teve por epilogo pungentissimo a loucura de ambos.

N'esse mesmo anno Bernardim Ribeiro reune-se-lhes na côrte, por visivel determinação de Ignez. Foi affectuosissimo como se pode calcular o encontro dos primos. Joanna tinha de 13 para 14 annos.

O poeta ficou logo enamorado da sua belleza; mas essa attracção por uma creança, comquanto resalte já com uma certa vehemencia dos devaneios poeticos de Bernardim, levou annos a robustecer até explodir n'uma terrivel paixão.

Ignez Alvares queria, com effeito, continuar a obra educadora de seu irmão Antonio Zagalo; e por isso chamara o poeta, obtendo de D. Manuel uma doação para occorrer ás despezas que elle tinha de fazer para cursar a Universidade. A doação constava das Terras e Azenha dos Ferreiros, com seus termos, e foi feita em 1505 a Bernardim Ribeiro e a seus descendentes, quando os tivesse legitimos; do contrario, os bens doados passariam, como de facto passaram, ao dominio e posse da casa de Bragança.

Ao que se deprehende da data da doação e dos livros da Universidade relativos aos annos subsequentes, Bernardim Ribeiro devia ter concluido os seus estudos pouco depois de 1512, se por acaso ultrapassou este anno, obtendo o gráo de bacharel em leis, conforme se prova pelos documentos officiaes que lhe dão esse tratamento.

El-rei D. Manuel continuou a dispensar-lhe grande estima e protecção, conquistando o môço poeta uma evidencia das mais sympathicas e gloriosas nos famosos serões dos paços reaes.

A' medida que Bernardim ia conquistando uma justa celebridade de poeta, ia tambem crescendo o amor por sua prima D. Joanna Tavares.

Não ha documentos nem chronicas que nos digam a minima coisa ácêrca do caminho que essa paixão fizera entre ambos desde 1512 a 1516, em que ella tomou a sua phase essencialmente aterradora; mas Theophilo Braga, com uma penetração admiravel e com uma delicadeza de sentir, só dada aos grandes

poetas como o da *Visão dos Tempos*, desentranha das composições de Bernardim relativas a esse periodo, notas intimas sufficientes para confeccionar com muita approximação essa pagina inebriante da sua vida; e reproduz-nos de uma maneira profundamente tocante as vibrações apaixonadas d'aquella alma, amiudando-se e recrudescendo como o rugir da tempestade que avança a passos largos e pavorosos até desencadear-se.

Ignez Alvares não desapprovava a ligação affectuosa que se fôra pouco a pouco estabelecendo entre sua filha Joanna e seu primo Bernardim Ribeiro. Nem a grande differença de edade que elles faziam um do outro, nem qualquer outra especie de reflexão que em taes casos sempre acode ao espirito de uma mãe previdente, levaram Ignez a evitar-lhes uma vida em commum, debellando a tempo o incendio que se declarára.

Longe da sua acção se exercer como um calmante benefico, evidenciou-se, pelo contrario, no papel repugnante de medianeira entre os dois namorados. Assim nol-o deixa vêr, sem maiores sombras o poeta na sua novella *Menina e Môça*...

A primeira reflexão em que tropeçou a mãe desnaturada da pobre Joanna foi a da pobreza do primo, quando um bello dia, ahi pelo anno de 1517, se appresentou a requestar-lhe a mão da filha um rapaz de fortuna, Pero Gato, filho do conhecido contador de Çafim, Nuno Gato, cavalleiro da casa de el-rei D. Manuel.

Joanna Tavares devia ter formalmente rejeitado a immediata proposta de casamento de Pedro Gato. Revoltal-a-hia até ao intimo da alma só a ideia de que alguem, quanto mais sua mãe, admittia a possibilidade d'ella recalcar a trôco dos milhares de cruzados, com que vinha compral-a um extranho,

os sonhos de suprema ventura em que se unira a Bernardim na mais indissoluvel intimidade de alma e de corpo.

Ignez bem sabia o extremo de relações a que haviam chegado ambos, sem que todavia a consciencia nunca a houvesse instigado a sanar os tristes resultados do seu criminoso procedimento. Devia ser ella a primeira a arredar cuidadosamente da filha todos os pretendentes, por melhor partido que offerecessem, ou por mais faceis de contentar e menos exquisitos que fossem em questões de honra.

N'essa mulher, porém, estavam mortos, e bem mortos, todos os sentimentos que constituem o fundo moral do seu sexo e que adquirem a sua expressão mais sublime na mulher-mãe. Foi a propria Ignez quem preparou o casamento da filha com Pero Gato, surprehendendo a infeliz rapariga á ultima hora com essa resolução subita e inesperada.

O casamento de Joanna Tavares com Pero Gato foi ajustado, como se vê, sem ella o saber. Ao passo que por um lado a mãe a deixava á vontade com o primo, por outro tratava de a consorciar com um extranho, a que não bastava de certo ser *bem aposto cavalheiro e dos bens do mundo abastado* para supplantar, em determinado momento, um rival cuja preferencia estava consolidada por alguns annos de um convivio ardentemente amoroso.

Ignez Alvares dispunha na côrte de influencia bastante para que o processo do casamento corresse até final remate, sem que a filha e o namorado o desconfiassem sequer. E sem duvida que el-rei D. Manuel não ignorava os preparativos d'essa cilada tão ignobilmente armada pela ama da Infanta D. Beatriz em vergonhoso proveito do filho do seu contador de Çafim.

Ninguem, nem a propria auctoridade ecclesiasti-

ca, conseguiu demover Ignez do seu damnado proposito de casar a filha em condições tão profundamente tristes e vergonhosas.

Escreveu o poeta: «que se não fôra Enis, que era sabedora do segredo, morrera ou se fôra por esse mundo...» e que por fim a mãe «lhe fez ser contente d'aquella vida.»

Quanto a nós, esta resignação de Joanna em sujeitar-se ao casamento com Pero Gato com idéa da liberdade, em que podia continuar com o amante, não significa uma brécha aberta na boa indole da filha pelos conselhos indignos da mãe. Aquella especie de reviravolta filia-se já no medonho abalo que soffreu o cerebro da infeliz menina.

Foi na mesma noite, quando a mãe lhe declarou haver mercadejado a sua união com outro homem, que ella enlouqueceu. O *grito em que ella passou toda a noite* devia ter essas inflexões estranhas, arripiantes, inolvidaveis, que ao explodir da rasão humana repercutem terrores singulares.

Deu-se então uma das scenas mais violentas e mysteriosas d'este interessantissimo drama. Um bello dia (quantos mediariam entre elle e do casamento?) Pero Gato appareceu assassinado, e Joanna Tavares recolheu-se a casa de seu tio Alvaro Pires Zagalo, irmão do desembargador Antonio Zagalo, a quem succedera no senhorio da Quinta dos Lobos.

As mesmas trévas, que envolvem este ponto, negam-nos quaesquer noticias ácêrca da vida de Joanna em casa de Alvaro Pires, que então morava em Alcacer do Sal, e das relações que Bernardim voltou a ter com ella.

D'esta residencia recatada ou meio secreta da viuva de Pero Gato em Alcacer deixam os genealogistas concluir a probabilidade de haver existido

uma filha do poeta; probabilidade que encontrou écco em differentes escriptores, no numero dos quaes se contam Barbosa Machado e Camillo Castello Branco.

Nada se prova, porém, de fundamental a esse respeito, o que não exclue alguns estudiosos de acreditarem, que effectivamente deve ter havido um fructo dos amores de Bernardim Ribeiro com Joanna Tavares, pois só assim explicam certos lances da *Menina e Môça*... e as meias palavras com que alguns escriptores de cunho a isso se referem.

O dr. Theophilo Braga e o sr. visconde de Sanches de Baena abraçam piamente essa versão e sustentam-na como coisa corrente. D'esse fructo e que vem a descendencia do poeta *por via não legitima*.

E' todavia fóra de duvida que Bernardim Ribeiro se reapproximou da sua antiga namorâda, depois de viuva, se é que a vida conjugal d'esta chegou a durar um dia, e se elle, vendo-a na posse de outro homem, lhe voltou as costas e se partiu a chorar por esses penhascos de Cintra além até que ella se tornasse outra vez livre.

O abalo mental, que Joanna soffrêra, longe de ir diminuindo de effeitos, ia-se aggravando com rapidez, até adquirir o caracter agudo. Por fim tornou-se impossivel a Alvaro Pires tel-a em casa, e a infeliz senhora foi recolhida no convento de Santa Clara de Extremoz, pelos annos de 1519 ou 1520, sendo preciso ter ao seu serviço tres mulheres para a segurarem durante os terriveis accessos nervosos de que era accommettida. Assim o confirma a desalmada mãe em carta que da Italia escreve a D. Manuel em 25 de agosto de 1522.

Calcule-se o escandalo que toda esta fiada de acontecimentos causou na côrte de D. Manuel. O

monarcha andava profundamente desgostoso pelo ruido nada lisonjeiro que se levantára em tôrno da casa da infanta sua filha, podendo originar equivocos muito sérios.

Escusado é dizer que Bernardim Ribeiro cahiu logo no desagrado de D. Manuel, que lhe tirou o logar de escrivão da sua camara, bem como outras mercês, e nunca mais o admittiu na côrte.

Ignez Alvares Zagalo com outra sua filha por nome Francisca Tavares, acompanhou a Infanta quando em 1521 esta partiu para a Italia a reunir-se a seu marido Carlos, duque de Saboya.

Theophilo Braga, porém, escudado nos textos mais auctorisados e sobre tudo nos versos do poeta, dos quaes procura sempre fazer jorrar luz sobre as noticias menos authenticas, mantem como fidedigna a affirmativa de que elle, com effeito, esteve na Italia, onde se encontrou com Sá de Miranda, e d'onde a sua musa trouxe novos thesouros de inspiração e de metro.

O illustre escriptor põe a viagem de Bernardim á Italia em 1522. O ár de Portugal asphixiava o pobre poeta; as digressões ao Alemtejo e a Cintra já não exerciam a minima acção calmante nas tormentas do seu espirito e do seu coração.

Da Italia, considera-o regressado á patria em 1524, anno em que D. João III o reintegrou no cargo de escrivão da real camara, cargo que primeiramente lhe havia dado el-rei D. Manuel e depois tirado, como atraz deixámos referido.

E' por esse tempo que Theophilo Braga, admittido o regresso do poeta depois de dois annos de ausencia, nol-o defronta com a miseranda reclusa do convento de Santa Clara.

Joanna estava mentalmente perdida. O encontro dos dois amantes foi commoventissimo, impossivel

de descrever melhor do que o fez o proprio Bernardim Ribeiro no seguinte trecho de um seu formosissimo romance:

Minha vista então na sua
Puz; d'ella todo me enchi.
A primeira coisa que vi
E a derradeira tambem,
Que no mundo vão e vem.
Seus olhos verdes rasgados
De lagrimas carregados,
Logo em vendo-os pareciam
Que de lagrimas enchiam
Continuo as suas faces,
Que eram gram tempo pazes
Antre mim e os meus cuidados.
Louros cabellos ondados
Que um negro manto cobria,
Na tristeza parecia,
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver,
Como furtados, tirou;
Depois em cheio me olhou,
Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando
Disse assim mui só sentida:
— Pois que mór dor na vida,
Pera que houve ahi morrer?

Calou se sem mais dizer;
E de mim gemidos dando,
Fui-me para ella chorando
Pera a haver de consolar.
N'isto, pôz-se o sol ao ár,
E fez-se noite escura.
E disse mal á ventura
E á vida, que não morri!
E muito longe d'alli
Ouvi de um alto outeiro
Chamar: — Bernardim Ribeiro!
E dizer: — Olha onde estás!
Olhei diante e de traz
E vi tudo escuridão.

Cerrei meus olhos então
E nunca mais os abri,
Que depois que os perdi
Nunca vi tam grande bem,
Porém, ainda mal, porém.

«Até onde a linguagem humana pode subir! exclama o dr. Theophilo Braga. O poeta tornou á vêr D. Joanna Tavares; ainda os mesmos olhos verdes rasgados, mas cheios de lagrimas; os mesmos louros cabellos ondados, mas cobertos com o manto preto de professa de Santa Clara. E Joanna fitou o que tanto amava, a furto, mas olhando para elle em cheio, teve um d'esses ataques em que mal a seguravam tres mulheres: Seus alvos peitos rasgando, — Em voz alta se aqueixando.»

O erudido escriptor, guiando-se pelos trabalhos do grande alienista Maudsley, conclue da descripção feita pelo poeta do estado desgraçadissimo da sua amante qual o gráo de inconsciencia em que esta se encontrava. «... estavam mais alliviados os ataques de vertigem epileptica, em que eram precisas tres mulheres para a segurarem; mas D. Joanna Tavares ainda conservava a confusão e a incoherencia mental, que não a deixa logo reconhecer. Foi depois de um instante lucido em que ella pôde associar ao que via a reminiscencia quasi apagada do namorado, que se produziu logo o effeito d'esse choque mental inesperado, reappareceram as vertigens epilepticas. O poeta descreve esse momento tragico, em que a demencia se lhe manifesta incuravel, em que o espirito de *Aonia* morreu antes do seu corpo. E' a noite o vacuo em que o poeta tambem se afunda: — Olhei diante e detraz — E vi tudo escuridão.»

Não se póde precisar até quando a infeliz Joanna Tavares arrastou tão martyrisada existencia; é de

crêr, porém, que não fosse muito além de 1524, a julgar mais pelo periodo agudo em que entrára o mal e pela natureza d'este, do que por qualquer noticia que nos haja a esse respeito chegado através de tantos seculos.

O silencio tumular, que desde então se fez em roda de *Aonia*, absorvia tambem d'ahi a poucos annos o nome do seu apaixonado Bernardim, cuja debil organisação e excessiva impassivabilidade não lhe permittiram resistir ás tremendas agitações cerebraes occasionadas por aquelle lancinante quadro e pelas tristezas consumptivas que lhe deixára a historia tragica dos seus amores. Bernardim Ribeiro tambem acabou por enlouquecer, dando entrada no Hospital de Todos os Santos.

Theophilo Braga fixa o internato do poeta no hospital em 1546, anno em que apparece nomeado por D. João III um novo escrivão da sua camara, o dr. João de Barros. Foi evidentemente n'este anno, e talvez já depois de uma grande tolerancia compassiva da parte do monarcha, que Bernardim Ribeiro foi destituido do seu emprego no paço e encerrado na cella hospitalar, onde jazeu durante seis annos, cujo percurso devia ser bem doloroso, até que em 1552 se desprendeu dos miseraveis laços que o acorrentavam a este mundo de trabalhos, de dôres e de decepções, para se ir reunir á sua bem amada *Aonia*, mundificados ambos das suas culpas pelo mais acerbo soffrer que se póde imaginar.

Ao encerrar a singela conta que temos dado da nossa leitura do *Bernardim Ribeiro*, de Theophilo Braga, notaremos ainda a maneira firme e intelligente, por que o abalisado escriptor interpreta a novella, quer em face de outros escriptores de auctoridade, entre os quaes avulta o nobre visconde de

Sanches de Baêna, com á sua preciosa monographia ácêrca do poeta.

As primeiras edições de Theophilo Braga resentem-se todas mais ou menos do fogo, da vertiginosa impaciencia com que elle trabalha, embora as suas producções hajam nascido de planos profundos, pacientemente elaborados e amadurecidos.

Vejam-se os seus ultimos livros: *Sá de Miranda*, *Bernardim Ribeiro* e *Gil Vicente*. Comparem-se as antigas edições com as recentes.

Acham-se estas enriquecidas de novas descobertas documentaes, que vieram sem duvida determinal-as em grande parte; esse augmento de material não é, porém, o que mais nos apraz registar, mas, sim, o criterio, a reflexão e a serenidade na sua escolha e emprego, sem que todavia haja amortecido a viveza caracteristica do bello espirito de Theophilo Braga, nem esfriado o calor que do coração lhe irradia intensamente por todas as suas paginas.» [1]

Sá de Miranda e a Eschola italiana

«Quando em 1871 estampou o insigne professor do Curso superior de Lettras a *Historia dos Quinhentistas*, comprehendia a *Vida de Sá de Miranda* apenas 132 paginas.

Comtudo, então nada existia sobre o sympathico poeta além de considerandos rhetoricos. Pela leitura do seu texto, é que Theophilo Braga fundou em bases definitivas o esbôço biographico, deter-

---

[1] Antonio Maria de Freitas (Nicolau Florentino.) — *Jornal do Commercio*, n.º 13177 e seg. 1897. — *Correio das Eschola*s, n.º 12 e seg.

minando os pontos de referencia historica que fixam esta alta individualidade.

E' commovente o quadro das condições deploraveis, sob cujo influxo o mestre de toda a geração nova redigiu similhante monographia.

Elle nos recorda a passagem analoga de Augustin Thierry, fazendo perpassar ante os olhos scepticos a peleja moral concomitante da sua ideação critica.

Apesar de quaesquer insufficiencias de detalhe, cumpre consignar da tentativa primordial de Theophilo Braga uma influencia directa e fecunda, em todos aquelles que só visaram aos resultados.

O caracter glorioso do intentado esforço resulta da carta da eminente romanista D. Carolina Michaëlis, acompanhando a offerta de um exemplar das *Poesias de Sá de Miranda,* na sua monumental e incomparavel edição de 1885.

Qualifica com nitidez o nosso illustre amigo de bellas e justas aquellas palavras que lhe compensaram todas as amarguras.

Voltando ao seu trabalho, passados vinte e cinco annos, reconhece, modesta e nobremente, quanto se avançara e como elle mesmo, diz, ficára atrazado. Deu-lhe um intimo prazer o vêr outros irem mais adeante e mesmo muito longe. Sente, exclama, n'um dos pittorescos impetos da sua prosa, pessoal e ingenua, — supremo encanto da sua maneira — sente não poder calçar as botas de sete leguas, dos contos de fadas, para retomar a sua dianteira de outr'ora.

Comtudo, o publico resolverá se marchou.

O tomo apparecido servirá de auto documental.

Pois que Sá de Miranda synthetise o seculo XVI entre nós, começa o auctor por estudar a vida do poeta na Universidade de Lisboa e nos serões do

Paço, desde 1485 até 1521. No lance, se descriminam as fontes para a sua biographia, com o exame da respectiva genealogia. Ahi, se mostra como Sá de Miranda usou a velha poesia de Cancioneiro, colligindo Garcia de Rezende os seus versos no *Cancioneiro geral* e approximando-se da poesia geral, o renovador, que conhece as origens provençaes do moderno lyrismo.

Com a satira da côrte faustuosa de D. Manuel, desponta o peculiarismo representativo do poeta, cuja typica tristeza, já inicial, não é a depressão de uma personalista sensibilidade.

Verdadeiramente, redunda na expressão da consciencia portugueza, com o presentimento do seu destino.

No ensejo, apparece a viagem do poeta á Italia, o que dá margem a que o critico professo analyse a actividade da Renascença.

Parte do escripto de Goethe a Seidel: «Aquelle que uma vez viu a Italia, e sobretudo Roma, nunca se considerará completamente infeliz.» Admiravel referencia, que mais aviva hoje a atrazada reflexão sobre as paginas sêccas, grandes pelo contido psychologisno, do prepositado Stendhal.

De sua residencia na Italia, a comparação que, passados annos, fez Sá de Miranda de D. Leonor de Mascarenhas com a marqueza de Pescara, que em 1521 estava no esplendor dos seus trinta e um annos, absorta na mais enternecedora paixão por seu marido, ausente na campanha sangrenta entre hespanhoes e francezes, leva Theophilo Braga a concluir que o poeta a conheceu pessoalmente, e que Vittoria Colonna, pelo seu idealismo amoroso, influiria, de certo modo, na revelação do lyrismo petrarchista.

No momento, demonstra o eruditisssimo critico o

seu maravilhoso sentido esthetico, pela apropositada transcripção tomada do *Primeiro Dialogo* de Francisco de Hollanda, concernente ao episodio do seu encontro com Vittoria Colonna e Miguel Angelo, passado mais tarde, mas que nos revela traços psychologicos da incomparavel dama, que, ainda no tempo em que Sá de Miranda discorria na Italia, fez com que seu marido rejeitasse a corôa de Napoles.

Se todas as citações e extractos d'este *Dialogo* de Hollanda têm sido feitos sobre a livre traducção franceza do conde de Raczinsky, Theaphilo Braga serve-se da restitutiva edição critica do nosso consciencioso amigo Joaquim de Vasconcellos, tão indefeso quam de escrupulos plenos.

Com o regresso de Sá de Miranda a Portugal, eis o comêço da Eschola italiana (1526 a 1534).

Então, o poeta descreve a vida da Italia. Sá de Miranda conhecia, naturalmente, com effeito, a desenvoltura da vida italiana da Renascença, tal como se descreve na raridade bibliographica do *Retrato de la Lozana andalusa*, no typo das publicações recemproduzidas pelo bibliophilo Alcide Bonneau. Ao esboçar a comedia dos *Estrangeiros*, Sá de Miranda servia-se d'esse pretexto para pintar os paineis que observara. Na Carta a D. João III, o poeta allude ao que vira em Roma, o apparato da guerra que circumdava o Papa; e na Carta a Antonio Pereira, serve-se da sua reminiscencia da estatua de *Paschino* para menoscabar o uso de metter no theatro os assumptos religiosos, conforme o estylo de Gil Vicente.

Na quarta secção do seu livro, Theophilo Braga, havendo precedentemente determinado as causas que motivaram a sahida de Sá de Miranda da côrte, analysa-lhe a vida na provincia, concomitantemente

com a manifestação de novos talentos, quer dizer desde 1534 até 1553.

Apoz o relato dos desastres que enlutam os ultimos tempos de Sá de Miranda, surge o cyclo melancholico dos annos de desalento e morte (1553 a 1558). Esta derradeira phase levanta-se. corroborando-se, pelo exame da influencia moral do poeta nos fins do seculo XVI.

Na desorientação com que termina esse seculo, lembra Theophilo Braga que as consciencias procuram em torno de si um appoio moral; os que ainda não tinham apagado o sentimento de patria voltaram-se para Camões, que começou então a ser estudado, e os que sentiam a necessidade de um protesto de justiça e de dignidade encontraram em Sá de Miranda, na sua linguagem e na sua vida, o asylo para as almas. Mais do que a critica historica, conclue o nosso sincero correligionario, a hora presente nos faz comprehender como o seu estudo se torna em refugio.

Restava fallar da historia externa do texto das poesias de Sá de Miranda. Não olvidou a obrigação o lente do Curso superior de Lettras, sua regra e seu luminar.

Assim, estabelece o plano de uma coordenação, com a necessidade de recorrer ás fontes manuscriptas.

Corollariamente, ao cabo de haver discutido os codices manuscriptos de Sá de Miranda, fontes das edições impressas, versa o thema dos textos estampados em tiragens parciaes e completas. Declara-as reductiveis a tres typos, o primeiro de 1595, o segundo de 1614, emfim o ultimo de 1885.» [1]

---

[1] José Sampaio (Bruno) — *Voz Publica*, n.º 2014. (VII anno) Porto.

Estudando toda a elaboração do estudo sobre *Sá de Miranda e a Eschola italiana,* de 1871 a 1896, escreveu o dr. Rodrigo Velloso:

«... de modo que póde bem dizer-se que o trabalho do sr. Theophilo Braga, o primeiro modernamente entre nós a caracterisar a importancia de Sá de Miranda e sua influencia na nossa litteratura, o ultimo é a corôar-lhes estas, com o seu actual precioso livro.» [1]

Gil Vicente e as Origens do Theatro nacional
A Escola de Gil Vicente

«Empreza de vulto superior e de superior valia essa a que o talentoso publicista se votou, ella representa para as letras patrias um thesouro de conhecimentos do mais inapreciavel valor, pois que, fazendo resaltar os factos e os individuos na sua verdade historica, annulla por completo muita affirmação erronea que anda a occupar logar nas estantes.

Assim, o presente volume sobre *Gil Vicente* representa todo um trabalho de investigação e de restituição historica. O iniciador do theatro portuguez descreve-se n'essas linhas com uma riqueza de documentação tão completa que da sua authenticidade não podem restar duvidas.

São quinhentas e trinta e duas paginas gastas n'essa ardua tarefa, realisada toda no esquadrinhar de documentos velhos, que não em simples conjecturas de hypotheses sobre a individualidade a tornar definida e clara.

---

[1] *Aurora do Cávado,* n.º 1501. (4-XI-96). Barcellos.

Occupa setenta e seis paginas a introducção da brochura a que nos estamos referindo, e n'ella se descrevem as origens tradicionaes e populares do theatro portuguez. Começa pela relação da sociabilidade moderna com a nova fórma litteraria do Drama e vae até á epoca em que Almeida Garrett restaura o theatro nacional remontando-se a Gil Vicente.

Consagra-se a primeira parte a Gil Vicente: em tres paragraphos se divide, com alineas correspondentes, terminando o livro com um *Excursus* sobre o ourives Gil Vicente, muitas vezes confundido com o Gil Vicente poeta, e outro com uma resenha da questão vicentina.

A biographia do iniciador do theatro portuguez, delineada traço a traço, sem lacunas, sem claros, desde que o grande homem abriu os olhos á luz, em Guimarães, em 1470, até que para sempre os fechou na sua quinta do Mosteiro, em Torres Vedras, em 1540, é mais uma poderosa demonstração da exquisita meticulosidade e da inexcedivel lucidez com que o sr. Theophilo Braga realisa obras que, sendo, como esta, de uma fatigante investigação, exigem uma boa vontade e uma devoção superiores para serem levadas a cabo.

N'ella se descreve nitidamente como, sendo de origem plebeia, vindo de uma familia de artistas, Gil Vicente segue aos dezenove annos a faculdade de Leis na Universidade de Lisboa, e tempos depois consegue entrar na côrte de D. João II e ser escolhido mestre de rhetorica do duque de Beja, que depois havia de ser, como rei, cognominado — *o Venturoso*. Não se eximiu o sr. Theophilo Braga, de, a par e passo que foi seguindo a vida do poeta, assignalando-lhe os progressos e o justissimo renome, descrever, ainda que a largos traços, a

epoca historica a que elles precisamente correspondiam. E assim é que, a partir, especialmente, do reinado do *Principe Perfeito*, — *o homem*, como lhe chamava a rainha de Castella, — que subiu ao throno com a determinação firme de não ser, apenas, *rei das estradas de Portugal*, até ao reinado do *piedoso*, que mandava queimar os *herejes* e abandonava uma grande parte do nosso dominio colonial, a biographia do poeta acompanha os successos publicos.

N'essas paginas avulta, representativa de protectora no favor que o auctor dos *Autos* alcançou, a rainha D. Leonor. N'ellas se vê como a esposa, ciosa dos seus direitos, que não perdoou nunca ao esposo um delicto de adulterio; que com a morte desastrosa de seu filho o infante D. Affonso cerrou o coração para todos os affectos conjugaes e levou o seu resentimento pela injuria soffrida até ao extremo de não querer estar junto do rei seu marido á hora em que elle, envenenado ou não, agonisava, em Alvôr, tendo como unico parente a receber-lhe o suspiro ultimo o seu bastardo D. Jorge: n'ellas se vê como essa mulher, de coração tão duro para as fraquezas do conjuge, sabia ser prodiga de dedicações e de estimulos para aquelles que, fóra dos dominios da politica e das intrigas palacianas, punham o seu esforço e a sua intelligencia ao serviço da arte nacional.

Assim, revela-se n'essas paginas tambem como, levado pela mão da preclara princeza, Gil Vicente conseguiu fazer triumphar o seu valor até á mesma epoca tristemente assignalada pela elevação ao throno do rei beato, e pequena façanha não foi essa, attendendo se a que o espirito franco e leal do poeta brigava quasi a cada passo com a hypocrisia do tempo e com a intolerancia religiosa que desde a acclamação do rei *Venturoso* se fez sentir no paiz,

anniquillando-lhe a sua florescente e nascente industria pela expulsão dos judeus, e atrazando o desenvolvimento das lettras pelo terror subitamente diffundido.

Não se esqueceu, egualmente, o sr. dr. Theophilo Braga, de pôr em evidencia o descaroavel egoismo com que o rei D. Manuel galardoou o homem que tão assignalado valor deu á litteratura do seu reinado, nem, bem assim, de trazer para a luz outros muitissimos episodios que, prendendo-se directamente com a vida do poeta, não menos directamente se prendem com a historia nacional.

E, assim traçado, o novo livro do eminente publicista representa, como facilmente se avaliará e como, de resto, era licito esperar, um trabalho a todos os respeitos precioso, e indispensavel em todas as estantes.» [1]

*

«Hoje nos occupamos d'um outro não menos magnifico trabalho do mesmo eminente publicista — *Escola de Gil Vicente e desenvolvimento do Theatro nacional.*

No mesmo plano de trabalho seguindo, isto é, continuando n'este seu novo volume o mesmo processo de elaboração observado no *Gil Vicente e as Origens do Theatro nacional,* o sr. dr. Theophilo Braga começa pelas causas da estabilidade da obra do creador do theatro portuguez, historía as terras em que penetrou a sua influencia e passa á exposição da persistencia d'ella durante quatro seculos.

O § I, consagrado ao desenvolvimento do thea-

---

[1] José Sampayo (Bruno) — *Voz Publica,* n.º 2445 (18-III-98) Porto.

tro nacional no seculo XVI, é, — e quasi se dispensava a affirmação, — como os seus seguintes, um trabalho de aturada investigação e de atilado criterio. Ha, n'elle, larga copia de informações curiosissimas e do mais elevado interesse para os que se occupam das coisas nacionaes.

Nos §§ II, III, IV e V, em que se faz menção da influencia da Escola de Gil Vicente em Evora e em Lisboa, em Santarem e Coimbra, no Brasil, na India e na Africa, o espirito delicia-se com a leitura das paginas que o compõem. Affonso Alvares e Antonio Ribeiro Chiado, Balthazar Dias e Luiz de Camões, Gil Vicente de Almeida e Jorge Pinto, Anrique Lopes e Jeronymo Ribeiro Soares, Antonio Prestes e Simão Machado, etc., todos elles são passados em revista com a sua obra, da qual aqui e além se transcrevem graciosos trechos, que mais amenisam a leitura e melhor idéa prestam da nossa litteratura dramatica de ha seculos.

As ultimas paginas do livro, que fórma um grosso volume de perto de seiscentas paginas, occupam-n'as o estudo da Escola de Gil Vicente no seculo XIX, comprehendendo a persistencia do theatro popular e o romantismo e o theatro nacional.

Completa-se o trabalho, pois, com toda a minucia que seria para desejar, e obra de tal folego ficará na nossa litteratura contemporanea como um dos seus mais valiosos documentos de investigação historica.» [1]

*

«Depois de n'um volume anterior ter arrancado das trévas e das duvidas que a envolviam a figura inte-

[1] José Sampayo (Bruno) — *Voz Publica*, n.º 2654 (18-XI-98) Porto.

ressante e colossal do fundador genial do Theatro portuguez, o illustre professor do Curso superior de Lettras estuda minuciosamente com a segurança de criterio que o caracterisa e á face de numerosos documentos ineditos ou impressos a evolução das fórmas dramaticas nacionaes, as moduladas na fórmula vicentina, desde o seculo XVI até aos nossos dias.

E, na verdade, diminuto não é o prazer que a espiritos cultos se depara n'estas paginas sabias em que se descobrem nos antiquissimos trebêlhos, nos mômos e nas farças primitivas, bem como nas figurações e dansas das velhas corporações nas procissões de *Corpus* os esbôços ainda rudes de que o genio de Gil Vicente havia de tirar os seus admiraveis *Autos*.

Segue-se depois, através dos seculos, na sua boa e na sua má fortuna, a historia documentada dos Pateos das Comedias e dos Côrros em Lisboa, em cujos tablados se representaram as peças de tantos illustres poetas.

E por essas paginas fóra, eruditas e despretenciosas, em que a belleza da fórma cede por completo o passo á justeza do facto e ao rigor da observação, evoca-nos o dr. Theophilo Braga essa pittoresca figura do mulato Affonso Alvares, familiar do bispo de Evora D. Affonso de Portugal, esse rival do Chiado que, implacavel, o crivava das frechas hervadas da sua satirica musa:

> Eu não sei onde nasceste,
> cão, mulato, mú, rafeiro...

E o typo d'esse Antonio Ribeiro Chiado, o ribaldeiro frade que trocou o habito monastico pelo sistro

folião da musa dos tablados, e a quem o Alvares ripostava:

> Que se não foram filhinhos
> e a honra que mantenho,
> eu te fizera canhenho
> das pernas, mãos e focinhos
> pela virtude do Lenho.

E esse sympathico, suavissimo e ingenuo Balthazar Dias, o poeta cego que escrevia os seus autos para o povo emquanto que o grande Gil triumphava com deslumbramento n'essas magnificas côrtes quinhentistas; o poeta que mais se radicou na simples alma popular; o auctor do *Auto de Santo Aleixo,* que ainda hoje se representa por essas aldeias, e da *Historia da Imperatriz Porcina*, filha do Imperador *que Lodonio se dizia,* e cujas desgraças ainda agora fazem derramar lagrimas ás comadres sensiveis e ás cosinheiras lyricas; e Camões, Prestes, e Simão Machado e tantos outros, que, através dos tempos, conservaram as tradições do grande mestre recolhidas nas vivas fontes populares, e que, felizmente, têm resistido até hoje, apesar dos doutos poetas petrarchistas da Renascença, e dos culteranistas, dos jesuitas e da guerra implacavel do fanatismo religioso, intolerante e inesthetico.

E', pois, a *Eschola de Gil Vicente* um alto livro de critica litteraria, e que constitue uma das mais solidas pedras para o magestoso e immorredouro monumento que o eminente professor vae laboriosa e serenamente levantando para honra e gloria da Litteratura portugueza.» [1]

---

[1] João Grave, *Diario da Tarde,* n.º 31, anno I. (5-11-98) Porto.

*

«Depois de no *Gil Vicente e as Origens do Theatro nacional* ter estudado a vida e obra do secularisador do theatro portuguez e ter, em eruditissimo descrever, registado as primitivas fórmas das representações scenicas em Portugal, seguia-se naturalmente indicado o trabalho de apurar e criticar a influencia vicentina e a evolução do Auto até nós. A exposição d'isso é o objecto do volume que ora apparece.

Bem excusado é dizer que na explanação do importantissimo ponto, a obra de Theophilo Braga é opulenta de factos e de profundos elementos apreciativos. Se a curiosidade do publico portuguez, tão facil na piugada das coisas frivolas e tão arredio das investigações do verdadeiro saber, não deu, por impotencia de attenção, as consagrações devidas ao esforço colossal do eminente critico da nossa velha litteratura, ella pela simples noção da obra já feita e pelo conhecimento de um ou outro estudo, sabe que pelas dezenas de livros do sabio professor do Curso superior de Letras, a erudição sobe n'uma alta e poderosa onda. O que urge annotar agora é que, no actual estado definitivo do illustre escriptor, tão consciencioso que reconheceu dever refundir todo o trabalho realisado para o depurar e limpar de precipitações de estudo e ligeirezas de commentario, a obra de Theophilo Braga assume uma precisão de narrativa e uma limpidez de juizos que mostram o auctor na posse perfeita da sua sciencia e no pleno esplendor do seu entendimento. Os novos volumes da *Historia da Litteratura portugueza,* expurgados cuidadosamente os defeitos provindos da primeira e aliás santa febre de saber e de publicar, são notabilissimos documentos de averigua-

ção historica e de critica litteraria. Na *Escola de Gil Vicente* ha magnificas paginas de indicações absolutamente ineditas sobre o desenvolvimento do theatro nacional; os estudiosos das antigas letras portuguezas acharão alli os mais sérios estudos sobre as antigas fórmas de theatro, sobre as representações dos Côrros e Páteos de comedia e sobre a desenvolução e influencias do talento dramatico dos portuguezes.

Não sabemos se auctor e editor contam desde já com um justo e compensador apoio publico a tanta e tão nobre coragem de trabalhar. Mas o que certamente viram é que a obra de tal valor ha de chegar, passados os parvos caprichos da frandulagem, o ensejo para a triumphante acclamação. E quem teve animo para os grandes sacrificios, possuirá o alento de esperar por uma hora de justiça que forçosamente apparecerá em grande luz.» [1]

Camões — Epoca, Vida e Obra

«Como Luiz de Camões synthetisa maravilhosamente a alma portugueza da Renascença, abre este estudo com um quadro vasto d'essa phase memoravel, que é examinada em todas as suas correntes e sob todos os aspectos. Os primeiros capitulos constituem verdadeiramente o balanço de uma grande época. De seguida apontam-se as causas que contribuiram para o descalabro da Renascença, e notifica-se que se creou, como consequencia da acção maritima dos Portuguezes, uma força nova — a do *espirito moderno*. E as nossas Navegações, que

---

[1] Dr. Oliveira Alvarenga — *O Primeiro de Janeiro*, n.º 260, (2-XI-98), 30.º anno. Porto.

até agora eram encaradas fragmentariamente, são explicadas na sua unidade, como resultante de um plano integral.

E' plena de incognitas a vida de Luiz de Camões. O primeiro problema que Theophilo Braga ataca é o genealogico, arrancando o poeta ao syncretismo das homonymias, e deslindando os cruzamentos da familia. Bastava chegar-se á conclusáó de que a familia do épico tem por tronco em Portugal um *trovador* da Galliza para ser importante o estudo dos seus ascendentes. Este atavismo explica o genio poetico como uma remota vibração do lyrismo galecio-portuguez.

A data do nascimento de Camões, (1524) é fixada pela Canção XI, que é uma autobiographia completa. Determina-se ter sido Lisboa a localidade em que viu a luz, pulverisando-se as lendas que vinham confundir lamentavelmente o facto positivo da sua naturalidade. Fica-se sabendo que o pae do poeta, Simão Vaz de Camões, que teve por alvará a prerogativa de *cidadão de Lisboa*, tinha cargo administrativo nos Armazens da Guiné e India.

Auctor da *Historia da Universidade de Coimbra* e conhecendo como ninguem a evolução dos estudos classicos, Theophilo Braga traçou um quadro primoroso das Escholas de Santa Cruz, em que n'essa época predominava o systema pedagogico francez, apresentando as mais complexas reformas. Este capitulo é fortemente trabalhado e fundamentado com documentos preciosos e ineditos. Em toda a luz apparece a individualidade de D. Bento de Camões, que tanta influencia exerceu na farta educação erudita do sobrinho, e os conflictos entre *Parisienses*, *Bordalezes* e Jesuitas. Estes ultimos carregaram deleteriamente nos estudos humanisticos, manifestando mais tarde a maior avidez na India.

Como é indispensavel conhecer nitidamente a côrte de D. João III, para comprehender a vida do cantor das glorias patrias nos fugitivos dias de enthusiasmo e galanteio, é-nos exposto um perfeitissimo quadro de Portugal no seculo XVI, que tendo sido extraordinario no primeiro quartel, se ia transformando sombriamente com o *bigotismo* do paço, da nobreza e do povo. Era a influencia perniciosa de uns padres alcunhados de *Franchinotes*, que a si proprios se davam o nome de *Apostolos*, — os Jesuitas, que hallucinavam a sociedade com terrores rhetoricos de morte e de inferno.

Ao tratar dos Serões nos Paços da Ribeira e de Santa Clara, evidencia o valor das tradições sobre a dama que pelo seu talento de tão grande supremacia gosava na côrte, D. Francisca de Aragão. Attenta-se n'esta obra, no problema das Catherinas (de Lima, de Sousa, e da Gama) sendo os amores do levantado lyrico desdobrados e examinados desde a psychose de Coimbra até finalisarem com a paixão exclusiva, que lhe encheu a vida.

Das digressões pelo Ribatejo, acompanhamos o alto espirito a Ceuta. Sente-se o clima inhospito e o desconforto do meio militar africano, onde viu de perto desmoronar-se o imperio que os antepassados cimentaram com sangue. Das narrações dos chronistas arrancou Theophilo Braga a róta da Náo S. Bento, feita através de tremendas borrascas; recompõe-se a vida de pobreza do grande vulto em Gôa, e pelas Cartas e Elegias o seu estado moral. Agora patentea-se-nos o ingente drama indiano: o delirio pelas riquezas despovôa o reino, os saques e os roubos convertem se em base do dominio colonial, o clericalismo devora a possessão e defronta-se com a galeria dos Vice Reis, da qual — exceptuando D. Pedro de Mascarenhas — quasi todos

foram ladrões! Estancada a India, de seguida, de seguida o que era o commercio da China e o trafico real exclusivo do Japão. Os dezeseis annos de Camões no Oriente estão limpos d'esta avidez.

Relatando a maneira como se equipavam as esquadrilhas, descreve-nos o auctor a sahida da aventurosa Armada do Norte, descriminando as duas expedições navaes ao Estreito de Meca e ao Golpho Persico (1554 e 1555). Accentua-se que o Auto de *Filodemo*, que fôra á scena na India, já tinha sido representado em Lisboa. O problema de Macáo ficou pela primeira vez esclarecido, e demonstrado a impossibilidade de ter sido Camões nomeado Provedor dos Defuntos e Ausentes em 1556. Outro problema é o da estada do poeta em Ternate, agora facto decisivo. A genese da animadversão contra os Gamas é attribuido ao assassinato do chronista Gaspar Corrêa por mandado de D. Estevam da Gama, e ás loucuras da expedição commandada por D. Christovam da Gama. Verifica-se que a ilha Terceira foi idealisada no impressionante episodio da *Ilha dos Amores;* aponta-se a verdade sobre os destêrros do intenso lyrico, e através de toda esta valiosa obra chega-se á conclusão, que a genialidade de Luiz de Camões teve um objectivo — a expressão sympathica da Patria portugueza pela creação da Epopêa moderna.

Determinado o influxo da publicação dos *Lusiadas* (1572) n'um anno cheio de desastres, de terrores politicos e de perturbações palacianas, transcreve Theophilo Braga o Soneto do Dr. Gaspar Fructuoso, que na expressão do sentimento authentica a emoção immediata causada pelo Poema. Até agora não se tinha surprehendido a sua valia para documentar uma epoca.

Um dos aspectos que torna extraordinario o va-

lor d'esta obra *Camões — Epoca, Vida e Obra*, é terem sido colhidos nos seus elementos reaes, serem-nos dados ao vivo os meios que o cantor atravessou: a vida pedagogica de Coimbra, a Côrte, os dezeseis annos da India, e o tempo de Lisboa depois do regresso do Oriente. Até ao apparecimento d'este livro, o que tinhamos sobre o epico era secco e morto. Exigia-se um passo muito difficil: que os biographos presentissem dentro da vida accidentada que levou o altissimo Poeta. Foi o que fez Theophilo Braga. Dentro d'aquella grande e complicada existencia, surprehendeu o que ninguem vira, explicando tudo. Com o seu espirito assombrosamente constructivo, o critico da Litteratura portugueza collocou os materiaes até hoje accumulados em bases novas, dando-nos com uma visão amplissima integralmente a trajectoria de Camões. Demais, foram mettidos em obra muitissimos factos que andavam isolados e que só incorporados delicadamente no quadro biographico é que adquirem a suprema verdade elucidando completamente. Representa esta reconstrucção trinta e quatro annos de estudo depois da *Historia de Camões* de 1873, e um balanço e revisão de todas as contribuições e resultados criticos carreados para decifrar as incognitas, que eram a trama da vida do Epico. Theophilo Braha evitou salutarmente discussões de resultado negativo, como as que enchem a maior parte da obra do Dr. Storck, fixando no texto os factos definitivos. Reagindo contra o egoismo e o esquecimento collectivo já foi elle o principal fautor do movimento de 1880 — o Tricentenario — a quem nos legara os *Lusiadas*.

Ao lêr este substancioso trabalho temos Luiz de Camões vivo em a nossa frente, na agitação e depressão do Seculo XVI. Para a comprehensão da psychologia portugueza este livro relaciona-se com

o profundo estudo sobre Garrett: podemos caracterisal-o com as palavras que sobre o outro livro *Camões e o Sentimento nacional* escreveu Philéas Lebesgue: «Propoz-se a precisar abundantemente, notadamente — como era necessario interpretar a synthese profunda contida na obra de Camões, que a intelligencia portugueza levara tres seculos a comprehender — ao mesmo tempo mostrou quanto pode a coragem unida ao desinteresse, e como a fé tenaz em um ideal heroico triumpha de todas as perseguições.» [1]

Historia do Theatro portuguez no seculo XVII

«E' elle o primeiro a reconhecer que a construcção d'esse monumento se tem resentido do modo como elle trabalha; que o seu espirito, cedendo ás diversas impulsões que o proprio desenvolvimento dos seus estudos lhe imprime, tem seguido caminhos bem diversos desde que encetou a sua peregrinação através da *Historia da Litteratura portugueza*, que os seus pontos de vista têm mudado e têm dado um aspecto bem differente e bem contradictorio aos lanços do seu edificio, mas isso resulta da necessidade fatal imposta pelas condições do trabalho litterario portuguez, de ter de estudar diante do publico, de não poder o escriptor encerrar-se no seu gabinete de trabalho durante uns poucos de annos a preparar-se para poder emfim, ao cabo de um largo periodo de gestação, communicar ao publico o fructo das suas investigações e das suas reflexões.

---

[1] Dr. Marques Braga. Cf. *Mercure de France*, p. 128. (15-v-906.)

Mas esse monumento, apesar dos seus defeitos e das suas imperfeições, deixou uma profunda impressão no publico. Eu, que aliás combati vivamente um grande numero das suas theorias, nunca deixei comtudo de lhe prestar essa homenagem.

Sem duvida esta miscellanea de systemas, de affirmações, de triades obscurecem o espirito do leitor e a nitidez do livro. Desembaraçado d'esta bagagem ficaria emquanto a nós verdadeiramente primoroso. Em todos os seus livros de historia da litteratura portugueza, Theophilo Braga, no meio de um grande *fatras* de systematisações, deixou sempre alguma coisa aproveitavel, encontrou sempre um filão a seguir. O seu estudo do *Theatro portuguez no seculo XVII* é, por esse lado, digno de especial menção. Ninguem comprehendeu melhor do que elle o papel importante, e que até ao seu tempo fôra completamente posto de parte, que as Tragicomedias jesuiticas n'esse tempo desempenharam. Só isso bastava para dar valor seriissimo a esse livro.» [1]

*

«O sr. dr. Theophilo Braga, nos quatro volumes da sua *Historia do Theatro portuguez*, aproveitando o trabalho do sr. Trigoso foi muito mais além do sabio academico, porque tratou do assumpto á luz da critica moderna, e levou-o até aos nossos dias. Apreciou o caracter dos nossos principaes escriptores dramaticos; analysou as influencias a que obedeceram; examinou as differentes evoluções da litteratura dramatica desde Gil Vicente até

---

[1] Pinheiro Chagas, *Theophilo Braga e a Historia da Universidade.* (*O Paiz*, n.º 3596.) Rio de Janeiro.

ao visconde de Almeida Garrett; investigou por que meios se operaram as transformações do theatro; e compendiou numerosas noticias sobre o viver theatral das differentes épocas. O trabalho do sr. dr. Theophilo Braga é o mais completo que a litteratura dramatica nacional possue, e só elle basta para lhe grangear a qualificação de illustrado e mui estudioso critico, e para justificar o lisongeiro conceito em que o têm os homens imparciaes alheios a facções litterarias. Só com a sua *Historia do Theatro portuguez*, o sr. dr. Theophilo Braga affirma o seu elevado merecimento, e confunde os seus detractores. Os estudos sobre Gil Vicente e seus imitadores; sobre Antonio José da Silva e Manuel de Figueiredo; sobre as influencias politica e religiosa, na litteratura dramatica, têm o cunho de um criterio illuminado pela sciencia moderna.» [1]

Gonzaga

«Dos poetas agrupados pelo sr. Th. Braga no que chama a Arcadia Brasileira, é Thomaz Antonio Gonzaga porventura o maior, não por que n'elle houvesse mais, nem talvez tanto, genio como em Basilio da Gama, ou mais talento e virtuosidade que em Claudio Manoel da Costa, ou mais versatilidade de engenho que em Silva Alvarenga, mas por que, entre todos, elle fez a obra immortal de um unico poema de amor, que pela objectividade do

---

[1] Dr. Ribeiro Guimarães, *Memorias para a Historia dos Theatros de Lisboa*. (*Jornal do Commercio*, n.º 6230.) 1874. A *Historia do Theatro portuguez* acha-se resumida em um opusculo de 62 paginas, pelo antigo alumno do Curso superior de Lettras, João Salgado, (Bibliotheca do Povo e das Escolas, n.º 120.)

seu thema, pela sinceridade da sua emoção, pela belleza da fórma, pela generalidade humana do seu sentimento e expressão, escapou já ás contingencias das modas litterarias, á caducidade das escolas, e viverá como um dos primores da nossa litteratura. Vive tambem o *Uruguay*, como lhe vaticinou inspirado o seu proprio poeta, mas vive principalmente para os amadores do verso terso e bello e dos gestos e palavras epicas, como desde Camões ninguem talvez as dissera melhor. Viverá uma escôlha dos Sonetos de amor de Claudio Manoel, que os tem comparaveis aos melhores da musa portugueza. Viverá acaso ainda a lembrança mais que a obra de Silva Alvarenga, talento poetico multiplo, versatil, cuja *Glaura* tem por vezes accentos que não destôam de todo dos de *Marilia*. Mas não ha, penso eu, na obra de nenhum d'estes verdadeiros e excellentes poetas as virtudes que fazem as obras immortaes em tanto gráo como n'esse delicioso canto de amor que é *Marilia de Dirceu*.

Teve, pois, motivo o sr. Th. Braga de lhe dar maior espaço na sua revista dos poetas da Arcadia brasileira. Não póde dizer-se com certeza se Gonzaga pertenceu a alguma outra Arcadia, como a lusitana ou a romana, que não a Arcadia ideal que elle e os poetas seus visinhos e contemporaneos se crearam. Elle, parece, ainda a creou mais sua, mais intima, porque o seu appellido arcadico, Dirceo, de um só vocabulo é uma singularidade na nomenclatura dos árcades, que de todos exigia dois nomes. N'elle, portanto, mais que nos outros, a Arcadia brasileira é apenas uma tradição. Essa tradição poetica, elle a seguiu espontanea e de boa mente, mas as circumstancias da sua vida, objectivando o seu sentimento, realisando o poema intimo que todo o grande poeta deve trazer comsigo, revivesceram

uma tradição esgotada, dando aos seus poemas a vida que se não encontra em nenhum dos seus similares contemporaneos, e aquella originalidade sobre excellente que não consiste na novidade da invenção, mas está sobretudo ná renovação dos themas estheticos e da sua expressão, pela força do genio ao impulso de um sentimento profundamente verdadeiro.

E' caso ainda para discutir, em face dos documentos, e segundo boa doutrina critica, as imitações de Gonzaga. Um rapido exame que fiz das reminiscencias e imitações que lhe imputam convenceu-me da sem rasão dos censores. Que elle imitou ou, e direi melhor, que n'elle ha imitações, e mais reminiscencias que imitações, algumas quasi certo inconscientes, de Anacreonte, de Moscho, de Horacio, de Metastasio que por sua vez imitou a todos esses, e aos elegiacos latinos, não o negarei, sómente elle imitou como Virgilio, como mesmo Horacio, como Shakespeare, como Molière, como Camões, como todos os genios sem escapar um só, imitaram, ou copiaram, proposital ou insconscientemente.

Desde mais de meio seculo cessou a duvida que existia sobre a naturalidade de Gonzaga. Bastavam os seus depoimentos perante a Alçada (ser portuguez foi até um dos seus argumentos contra a accusação de conjurar pela independencia do Brasil) para decidir a questão, mas além d'esses documentos acham-se outros, como a sua certidão de baptismo e a justificação para casar-se em Moçambique, que o dão como natural do Porto, onde nasceu, segundo aquella certidão, em agosto de 1744. O dia se não sabe porque estava apagado ou comido no livro dos assentos. O sr. Th. Braga accrescenta mais aos conhecidos «as provanças de filiação para ser admittido á leitura de Bachareis na Casa da

Supplicação.» Seu pae era brasileiro, do Rio de Janeiro, e sua mãe portuense, filha de inglez.

Chamava-se Thomazia Isabel Clark, e do seu prenome tomaria elle o seu. Seu pae, o desembargador João Bernardo Gonzaga, em 1759 veiu do reino, onde exercia a magistratura, para a Relação da Bahia. N'esta cidade passou Gonzaga, como diz na Lyra VII da 2.ª parte «a flor da mocidade» (em outras edições, «flor da minha edade»). Este facto, pensa o sr. Th. Braga, não deixou de «influir na fórma poetica das Lyras suscitada pelo tom das Modinhas bahianas.»

Não é certo que ainda sem elle, não houvesse o poeta dado ás suas Lyras as fórmas das canções italianas e tambem da redondilha portugueza. Mas póde ter-se por certo que d'esses annos da cidade tão brasileira por tão mestiça, da terra das nossas tradições poeticas nacionaes, da nossa poesia popular. na *Modinha* em summa, viria a Gonzaga o que da inspiração popular ha na sua poesia. Isto mesmo notava eu, se me não levam a mal recordal-o, quando em ligeiro estudo consagrado a Gonzaga escrevia que o não julgava «brasileiro apenas pelas circumstancias da sua vida, senão tambem pela feição do seu estro e inspiração, pelas condições mesmas do seu lyrismo e do seu sentimento.» Não me inscrevo entretanto contra o conceito do sr. Th. Braga, pois de facto se verifica nas Lyras de Gonzaga alguma cousa que as distingue de identico lyrismo arcadiano, que se não confunde totalmente com elle e que tem já reconheciveis feições do nosso lyrismo brasileiro.

Da Bahia, com 18 annos, dos quaes tres pelo menos passados entre «as palmeiras» da «gran cidade» regressou com seus paes a Portugal. Alli, em Coimbra, formou-se em Leis em 1768, com 24 annos.

Destinando-se ao professorado, continuou entretanto a frequentar a faculdade, matriculando-se no livro dos Oppositores da faculdade juridica da nova reforma e fundação da Universidade, conforme documento agora publicado pelo sr. Th. Braga. Pensa este que o esperançava o regimen universitario que a reforma de Pombal de 1772 iria crear. «Para se fazer recommendavel ao reformador e visitador da Universidade, Gonzaga escreveu um *Tratado de Direito natural* e dedicou-o ao omnipotente ministro, offerecendo-o em volume de boa calligraphia e encadernado.» Esse manuscripto existe na collecção pombalina, com o titulo completo de *Direito natural accommodado ao Estado civil catholico*, e no frontespicio do livro Gonzaga assigna como *Oppositor ás cadeiras na Faculdade de Leis, na Universidade de Coimbra.*

O sr. Th. Braga transcreve a dedicatoria ao marquez de Pombal e o prologo, autographo. «Pelas doutrinas d'este livro, observa o critico portuguez, vê-se que Gonzaga era um regalista por tal fórma exagerado que tudo submettia ao poder summo conferido por Deus aos monarchas, que dominavam até sobre o poder pontifical.» A quéda de Pombal, que elle teria por seu protector, fêl-o mudar do intento de seguir o professorado na Universidade, e, segundo documentos agora pela primeira vez publicados pelo sr. Th. Braga, em 1778 concorria aos logares da magistratura. Depois de servir como Juiz de fóra em Beja, apparece em fevereiro de 1782 nomeado Ouvidor de Villa-Rica, hoje Ouro Preto, capital da capitania de Minas Geraes. Vem já com o titulo de Desembargador, «o que é explicavel pelo gráo superior que attingira para ser oppositor na faculdade de leis.»

Ao mesmo tempo que Ouvidor, foi nomeado pro-

vedor da fazenda dos defuntos e ausentes, capellas e residuos da comarca e capitania de Villa-Rica.

Não crê o sr. Th. Braga na culpa de Gonzaga na chamada Conjuração Mineira, e attribue a inimigos que se fizera o poeta como magistrado, á sua mesma opposição ao governador Luiz da Cunha e Menezes em negocios de contractos, e tambem á hostilidade do tio e tutor de Marilia, a sua injusta participação no processo e os rigores de que foi objecto.

Nunca pude crer na comparticipação de Gonzaga na Conjuração Mineira, qualquer que seja a importancia que lhe demos. Não me convenceram as rasões de Norberto na sua *Historia* e na biographia do poeta, nem a unanimidade dos historiadores que acceitam a sua cumplicidade n'aquella acção, querendo alguns á viva força fazer d'elle um martyr e um heroe da nossa independencia, esquecendo que elle protestou seguidamente e com boas rasões contra a accusação de a desejar e promover. O sr. Th. Braga é, creio, o primeiro a negar terminantemente a sua inconfidencia, apoiando o seu juizo em bons motivos. O exame dos que dá para suppôl-o victima de perseguições de inimigos creados pela sua rectidão de magistrado e do proprio parente e tutor de Marilia, excederia os limites e a mesma natureza d'este estudo.

O critico portuguez deu grande importancia a esta parte da vida de Gonzaga, fazendo com ella um paragrapho separado do seu estudo do poeta. Com muita habilidade, aproveita os depoimentos do processo e as especies biographicas das Lyras, e do seu exame resulta um Gonzaga que me parece o verdadeiro, um poeta sómente cheio do seu amor, inteiramente preoccupado de o realisar pelo casamento proximo com a mulher muito amada, cujo

vestido de noivado bordava, não tendo, não podendo ter, cabeça e gosto para conspirações e levantes. N'aquelle estado d'alma de sobrehumano egoismo, quem acreditará que os tivesse elle, um puro poeta, extranho a toda a condição que pudesse explicar a sua intervenção n'uma tentativa cujos perigos ninguem melhor do que elle conhecia? Aliás as rasões de sentimento e as conjecturas são no caso dispensaveis; basta, creio, a prova dos autos.

N'uma memoria biographica de Gonzaga publicada em 1849 na *Revista do Instituto* (T. XII, 2.ª ed. p. 120,) Varnhagen duvidou do casamento do poeta em Moçambique, até então, e ainda depois por todos acceito. Contra informação escripta do conselheiro Rezende Costa, um dos condemnados da Alçada de 1792, de que Gonzaga alli casára, allegava o nosso historiador que do contrario o informaram «pessoas que o conheceram em Moçambique». Acho n'esta declaração desauctorisada e vaga bem fraco fundamento para que só por ella ponha em duvida o sr. Th. Braga o casamenta de Gonzaga no desterro. Se não possuimos a certidão do casamento do poeta, possuimos o termo de inquirição dos contrahentes para esse casamento, o que leva a crêr que elle se effectuasse. Acceitando a versão de uma depressão mental sobrevinda a Gonzaga em Africa, aventa o critico portuguez a hypothese de que ou «abusaram da alienação do desventurado» ou aquelle «documento foi forjado para produzir o seu effeito em Villa-Rica e truncar assim todas as esperanças que alentavam... a *bella Marilia*,» E pelo resto da pagina sustenta a sua hypothese, que me parece gratuita.

Em paragraphos especiaes estuda o sr. Th. Braga as «fórmas poeticas da *Marilia de Dirceu*» e a «historia externa das Lyras de Gonzaga», seguindo

este paragrapho de uma excellente bibliographia d'esse livro, que segundo essa resenha, conta já 33 edições.» [1]

Bocage, sua Vida e Epoca litteraria

«Com uma perseverança egual á de Thierry, que cegou em meio do trabalho, em que se refugiára de outras ambições, o illustre professor do Curso superior de Lettras conseguiu reunir os mais notaveis e escondidos elementos para o estudo da época litteraria de Bocage; e sobre o poeta logrou fixar datas, apreciar factos e estabelecer descobertas, em tão larga monta, que com certeza se póde asseverar que ninguem mais obterá accrescentes fundamentaes, que possam modificar o juizo definitivo formado ácerca de *Elmano Sadino*. O improvisador dos Outeiros, o repentista das salas e dos cafés, o doidivanas das languidas noites amorosas, passa a uma

---

[1] José Verissimo, *Correio da Manhã*, n.º 115. (Anno 1) (7-x-901); *Estudos da Litteratura brazilleira*, 4.ª série, p. 184 a 200, com mais extensão. E no estudo *Arcadias e Arcades brazilleiras*, escreve: «Mas o que sobretudo valorisa singularmente o seu trabalho aos nossos olhos é ser sem duvida o mais completo, o mais seguro de vistas, o melhor informado dos que até agora appareceram sobre a chamada Arcadia brazileira e seus membros. — ... Theophilo Braga poderia servir de guia a quem por ventura quizesse desenvolver e aprofundar especies apenas tocadas ou indicadas por elle, que revelou a existencia nos archivos portuguezes de materiaes das quaes sómente aproveitou o indispensavel á feição da sua obra, feita no ponto de vista portuguez, e portanto sem necessidade dos desenvolvimentos que o ponto de vista brazileiro requeria. No actual momento, porém, é o seu trabalho a todos os respeitos o melhor, que sobre o assumpto existe e lhe devemos por isso graças.» *(Op. cit.*, p. 158.) 1905.

remota linha, como que se eclipsa deante d'este outro Bocage que o sr. Theophilo Braga nos veiu revelar; d'ora ávante o infeliz e até ha pouco desconhecido poeta, fica, ao alto, na historia, *como um typo com quem se conta*, na evolução intellectual portugueza, martyr do meio que não podia comprehendel-o, na consequente degradação a que chegára. Se Bocage não teve em sorte, infelizmente, dominar esse meio combalido, ao menos, o livro do sr. Theophilo Braga demonstra com exuberancia de dados, a superioridade genial da pobre victima do Intolerantismo, e a sua supremacia dentro da sociedade em que viveu. — No nosso *rincon* portuguez, exhausto pelo ascetismo fradesco e pelo cordão sanitario da policia, com que se asphyxiaram as mais nobres aspirações, n'uma cadeia de ferro, Bocage conseguiu ser, — e o sr. Theophilo Braga patenteia-o, — o mais alto padrão espiritual, em um circulo de eleitos, que de olhos postos no Encyclopedismo e na Revolução, anciavam a melhores destinos. D'esse circulo sahiram mais tarde, bastantes deputados das Côrtes de 1820. Porque comprehendeu a significação e o valor d'esse grupo, com a enorme lucidez com que explicou as *Arcadias* e a sua esphera acção, o sr. Theophilo Braga, no seu criterio superior, aparta-se completamente dos juizos rhetoricos, embora até certo ponto coloridos, que até agora têm pezado, como figuras inexpressivas de sarcophagos, sobre a memoria de Bocage. O seu livro, que nos fez recordar o de Gaston Paris sobre Francisco Villon, — é um processo sem appellação instaurado á sociedade portugueza; d'esse processo, julgado em quasi todas as suas minucias, com justiceira imparcialidade, visivel sempre que considerações *politicas* a não suffocam, a memoria de Bocage sáe incolume e como rediviva para a admiração dos pósteros. No seu

estylo, que modernamente adquiriu plasticidade e clareza brilhante — o illustre professor emociona por vezes com eloquencia, e prende singularmente a attenção do estudioso, que não quebra a leitura do volume, com tão fortes qualidades concatenadas. A *Vida de Bocage* empolga a attenção de quem a medita; sente-se gosto até nas pequenas notas de erudição, que por vezes parecem *desgarradas*. E' que se está lidando com um verdadeiro intellectual, que sabe o que diz, e que relaciona com são criterio a vida social á vida litteraria, mostrando uma como consequencia e corolario irreductivel da outra. E' a unica maneira de escrever a historia das Litteraturas, e entre nós a vastissima obra do sr. Theophilo Braga veiu a vasar-se n'ella definitivamente. — O juizo do sr. Theophilo Braga ácerca do Seculo XVIII é assás seguro, e essa época que, para nós é essencialmente de *preparação*... já o auctor a havia tratado com mestria na *Historia da Universidade*. — Como valor de conjuncto, a Historia do seculo XVIII em Portugal, jámais poderá ser escripta sem o concurso da consulta dos trabalhos do sr. Theophilo Braga; como comprehensão do auctor, bastará indicar que *ninguem* até hoje alcançou Bocage com a sagacidade critica, que d'este volume resalta; com relacionação com trabalhos anteriores, não anda longe da verdade quem jure na doutrina de que, mesmo sem elles, o livro, de que nos estamos occupando não perderia em cousa alguma. A sua influencia é nulla, no tomo do sr. Theophilo Braga. — A inquebrantaval admiração, — é este o termo — que votamos a tão notavel publicista, de tão variadas aptidões, tem raizes de longa data;... manda a verdade que se diga, que nunca encontrámos *ninguem* mais docil, mais convincente deante da Verdade, — jámais esqueceremos, que, por todos os ti-

tulos, aquelle sabio e poderoso escriptor é uma d'aquellas gloriosas figuras, deante das quaes a gente falla de cabeça descoberta.» [1]

*

«No livro ha pouco publicado, *Bocage*, o grande poeta apparece-nos inteiramente real, despido de lendas, clarificado, modelado em bronze. Mas o que mais o destaca, é o juizo critico sagaz de toda a obra bocagiana — dos seus principios determinantes, do meio que a gerou, das influencias que a dominaram, das causas que lhe deram relêvo — e a reconstrucção inabalavel de toda uma éra longinqua, tão maravilhosamente desentulhada e banhada de luz. Não é n'um rapido e leve artigo de jornal que Theophilo Braga póde ser julgado, pois é impossivel definir em poucas linhas todo o seu colossal labôr litterario. Isto nada mais representa do que a nossa sincera admiração por esse homem que tem sabido honrar-se tanto, honrando-nos a nós todós.» [2]

---

[1] Joaquim de Araujo. — No *Conimbricense* de 20 de Outubro de 1903. (Artigo datado de Genova, de 8 de Outubro.) Por occasião do Centenario de Bocage, reproduziu em folheto este juizo critico o seu auctor com accrescentamentos. Vem no prologo: «Chamado Theophilo Braga a presidir á commemoração em apotheose de Bocage, os setubalenses tiveram a clara comprehensão de que o pensador, a quem assim enalteciam, fôra quem conseguira deixar explicada ás gerações futuras a torturada e pallida figura do seu conterraneo. Sem as *distincções* concedidas a Theophilo Braga, a commemoração de Setubal seria de todo o ponto incompleta, porque redundava n'uma celebração de orago local, sem a significação critica, que a presença do renovador da *Visão dos Tempos* lhe imprimiu» (p. 3.)

[2] João Grave, *Diario da Tarde*, n.º 282 (v anno) 8-XII-902, Porto.

*

Accrescentemos aqui o juizo de Ramalho Ortigão, publicado no t. VIII das *Farpas*, nova série, 1877:

«A Academia das Sciencias foi o fóco da revolução e o berço da moderna liberdade em Portugal.

Em um excellente livro do sr. Theophilo Braga recentemente publicado — *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria* — encontram-se os mais preciosos documentos até hoje inéditos e pacientemente colligidos por aquelle eminente escriptor, em cujas obras, as mais eruditas que em Portugal se têm feito, o publico não apprendeu ainda senão a calumniar o auctor. Entre esses documentos tirados a lume pelo sr. Theophilo Braga, acham-se as mais curiosas revelações para a historia dos nossos primeiros academicos.

O duque de Lafões, o abbade José Correia da Serra, Joaquim José Ferreira Gordo, Antonio Pereira de Figueiredo, insignes na philosophia e nas sciencias naturaes, conhecidos e respeitados na Europa, estavam denunciados ao governo como jacobinos e eram espionados e perseguidos pela policia sob a direcção do Intendente Pina Manique, o qual nas suas *Contas para as Secretarias*, manuscriptos conservados na Torre do Tombo, por differentes vezes se refere aos alludidos academicos, accusando-os como sectarios das ideias da Revolução franceza, relacionados com os homens da Convenção, iniciadores do movimento liberal em Portugal. A policia envolve-os na mesma suspeição com os livreiros francezes residentes em Lisboa, com os addidos á Legação da França, com os frequentadores de botequim que se atrevem a ostentar nas tampas das suas caixas de rapé a figura da liberdade, com

os populares finalmente que em certa noite vão debaixo das proprias janellas do paço entoar a canção do *Çà-ira*.

Os cabeças d'este movimento de revolta contra o despotismo monarchico-catholico são designados pelo Intendente Manique com o nome generico, ainda hoje em voga, de *philosophos modernos*. Os livros dirigidos á Academia sob o nome do duque de Lafões são sequestrados na alfandega.

A publicação de qualquer escripto revolucionario por parte da Academia é um impossivel sob a espionagem dos registros policiaes...

A Academia encerrava pois no seu gremio o fermento da revolução, levedada mais tarde em 1820, e da qual procedeu a reforma das nossas instituições em 1834 e a liberdade subsequente.

A missão da Academia em Portugal não póde ainda hoje ser senão a mesma que era no fim do seculo passado.» *(Farpas*, p. 73 a 76.)

*

«*Foi necessario adquirir a intimidade do homem, para ter conhecimento da obra do escriptor*. E' uma triste verdade, que é preciso confessar sem hesitação, que pela nossa parte não temos duvida em fazer publica.

Demais, como discipulo da philosophia positiva, a analyse hoje de um livro de Theophilo Braga, tem para nós o duplo interesse do seu valor especial, e da manifestação da vitalidade da eschola no nosso paiz, onde elle é um dos seus mais distinctos propagandistas e sectarios.

Foi Theophilo Braga quem, depois de ter tido a coragem de se emancipar da philosophia official das escholas, que lhe guiára os primeiros trabalhos, e,

de com uma digna inteireza de animo proceder com a inflexibilidade do verdadeiro sabio á sua reorganisação mental, nos iniciou a seu turno na nova doutrina e nos fez vêr as excellencias do novo methodo. Como poderei agradecer-lhe este serviço, hoje, que pela philosophia positiva me encontro de posse de um seguro methodo de investigação scientifica, e com uma direcção superior de espirito que me faculta uma benefica tranquillidade?

A *Vida de Bocage* é um livro de historia litteraria escripto sob o moderno ponto de vista, isto é, não separando nunca o facto, que se trata de descrever, do meio que o produziu e que é a chave da sua explicação. E' um estudo de mesologia social — este capitulo da grande sciencia dos meios que actualmente serve de criterio para a explicação dos phenomenos historicos, até hoje incomprehensiveis ante a interpretação mais ou menos subjectiva da metaphysica e da dialectica.

O livro de que nos occupamos é do mais alto interesse, porque, como mui bem diz o auctor no prologo da sua obra, o povo portuguez apenas pronuncia o nome de dois poetas — Camões e Bocage — personificações de duas épocas notaveis da nossa vida nacional, irmanados por tantas situações identicas das suas agitadas existencias e vivendo na tradição popular emmoldurados pela mesma sympathica auréola de desventura. Camões representa a grandeza e a magestade de uma nação, que pelos seus ousados navegadores ia dar á civilisação europêa a posse do seu berço. Bocage symbolisa a decadencia e a atrophia do genio nacional sob a conjuncção sinistra da auctoridade despotica e do fanatismo, mas ao mesmo tempo esse vago anceio para o ideal da liberdade, que já tinha por essa época em França o seu altar e que começava a fazer tremer

nos seus alicerces mal seguros o antigo regimen portuguez.

Assim em Camões, áparte o que o genio individual possa reclamar como obra sua, é o meio que o faz grande, é a convicção e a serenidade da missão augusta que então Portugal desempenhava ante o mundo. Em Bocage o que o faz pequeno, futil, abaixo do seu talento, que era grande, é tambem o meio, mas o meio asphyxiante e deleterio de uma sociedade eivada dos velhos preconceitos de um formalismo estupido e governada pela censura do Santo-Officio e pelos espiões do Intendente Pina Manique.

Este contraste e este rebaixamento de um caracter, devido á influencia do meio que o cerca, fal-o Theophilo Braga sobresahír, pelo estudo rapido da sociedade portugueza nos ultimos dias do seculo XVIII, sociedade a um tempo hypocrita e dissoluta, fanatica e libertina, que se ia penitenciar cheia de horror ao ouvir uma innocente estrophe timidamente liberal do poeta, e lia soffregamente e sem córar a collecção dos seus sonetos obscenos! E' n'este periodo que as ideias da Revolução franceza começam a invadir Portugal, e que, apesar do cordão sanitario do Intendente, depõem a semente d'onde havia de brotar passados vinte annos o mais esplendido dos monumentos liberaes do nosso paiz. Basta esta circumstancia para dar o maior relêvo ao livro.

Podem n'elle os Aristarchos meticulosos, que á falta de poderem apreciar o pensamento capital da obra, se prendem com os minimos detalhes de redacção, achar na *Vida de Bocage* um ou outro descuido de fôrma.

Para mim tenho-o como um auxiliar precioso para a reconstrucção historica do ultimo quartel do seculo passado em Portugal; e como amostra do cri-

terio positivo é do mais alto valor entre nós, onde a historia está ainda no seu periodo litterario, em vez de ser estudada pelos processos da sciencia, e illuminada pelo methodo sociologico.» [1]

Garrett e o Romantismo

«*Garrett e o Romantismo*» não é uma bio-bliographia garrettiana com algumas banalidades encomiasticas, em que a adjectivação de uma apotheose convencional suppra o censo critico. A poderosa intellectualidade do auctor servida por uma erudição incomparavel faz com que as suas obras destaquem de entre os productos pêcos de uma collectiva anemia dupla da intelligencia e do caracter. Nunca se perde o tempo quando se lê Theophilo Braga, ainda mesmo que elle escreva sobre assumpto que nos seja familiar: não só pelo poder suggestivo do seu espirito, como porque o seu multiforme saber o faz, no natural pendor da associação de ideias, da simultaneidade dos factos, tratar todos os assumptos que com o seu se relacionem, o que dá a cada um dos seus livros um aspecto encyclopedico, que fatalmente nos ha de enriquecer o peculio intellectual ou com novos conhecimentos, ou com pontos de vista novos.

Garrett e o Romantismo é a biographia de Garrett, até á guerra civil de 1832-1834.

E, como nos homens publicos que procuraram,

---

[1] Consiglieri Pedroso, *Actualidade*, n.º 107. Porto. — No *Boletim da Associação do Magisterio Secundario official*, acham-se dois primorosos estudos criticos sobre a *Vida de Bocage*, e o prologo biographico que acompanha a versão inedita de Bocage da *Historia de Paulo e Virginia*, em que o Dr. Marques Braga patentêa a sua extrema lucidez.

pelo seu cerebro, influir nos acontecimentos da sua época, o que mais nos interessa é a sua obra e os motivos que lhes serviram de estimulo, e as difficuldades que tiveram a vencer, eis como o plano do livro se alarga.

Assistimos á mocidade de Garrett, no meio de uma familia preoccupada de classicismo, e com a preoccupação ainda hoje dominante em muitas familias portuguezas, especialmente ao norte do paiz, de empurrarem para o sacerdocio os mancebos intelligentes, antes de lhes prescrutarem a vocação, com o que apenas conseguem fazer mais um máo padre e esterilisar para o bem commum mais uma energia mental.

Vêmol-o, no ardor do seu sentimento meridional, arrancado pelo amor á vida clerical, passando a frequentar a Universidade.

Ahi, vêmol-o entrar resolutamente nos generosos conluios de toda a mocidade liberal e revolucionaria, contra o obscurantismo fradesco, contra a oppressão ingleza e a abjecção bragantina.

Ahi começam a manifestar-se oa seus dotes litterarios, ainda desviados pelos vicios da educação, mas revelando já toda a pujança do seu talento, toda a intensidade do seu patriotismo.

O mallogro da revolução de 1820, trahida por D. Miguel e perjurada pelo inepto D. João VI, força-o a procurar no exilio a segurança e a liberdade pessoal que na patria lhe era negada; exilío que com pequena interrupção se protela até á expedição da ilha Terceira, desde que D. Pedro tem o descôco de confiar a regencia do reino, em nome de sua filha, ao infante D. Miguel, votado de alma e coração ao partido apostolico, e constantemente suggestionado pela meretriz coroada — D. Carlota Joaquina.

A emigração foi, porém para Garrett, como para muitos outros, uma iniciação.

Cultivou relações pessoaes com homens de lettras, interessou-se na grande pugna litteraria do Romantismo...

E, a proposito, fez-nos Theophilo Braga uma exposição theorica e historica de esta grande escola, hoje tão inconscientemente motejada pelos prodigiosos anões da nossa litteratura.

A *Renascença*, na ancia de se emancipar da Egreja, passava violentamente sobre a Edade-média, cujo conhecimento foi obliterado. A' Grecia e á Roma do classicismo se iriam ligar, através dos «dez seculos barbaros» as nossas ideias philosophicas e as expressões do nosso sentimento artistico.

O *Romantismo*, reagindo contra este excessivo culto do classicismo, rehabilitou a *Edade-média*. Estudou as suas tradições, as suas lendas, a sua poesia, os seus movimentos sociaes, as suas luctas mentaes, e, sem desconhecer os serviços prestados á evolução humana pelas nações classicas, reintegrou n'essa evolução o Christianismo e o Feudalismo, os barbaros e os arabes, os trovadores e as cruzadas, as universidades e os concilios, a realeza e as communas.

O perigo estava em cahir no extremo opposto ao do classicismo, indo-se idealisar a Edade-média, a ponto de se fazer d'ella estimulo de regressão. Foi o que aconteceu com Chateaubriand e um pouco entre nós com Alexandre Herculano.

Garrett evitou o escôlho, seguindo na esteira romantica de Schiller, de Gœthe e de madame de Stael, influenciado sobretudo, qual nol-o mostra Theophilo Braga, pelos romances historicos de Walter Scott e pela *Nossa Senhora de Paris*, de Victor Hugo.

E' assim que o espirito de Garrett se abre aos ideaes novos; e, se, na emigração, n'um intuito patriotico escreve o poema *Camões*, e n'um intuito revolucionario escreve o drama *Catão*, apologiando a revolta contra a tyrannia; é á luz da guerra civil, no cêrco do Porto, que elle idealisa a lucta dos burguezes contra o bispo relatada nas chronicas, e nos dá o magistral *Arco de Sant'Anna*.

Tendo de acompanhar Garrett através dos acontecimentos politicos em que elle se viu envolvido, Theophilo Braga estuda com severidade esses acontecimentos fazendo do seu livro um elemento indispensavel para a comprehensão do constitucionalismo entre nós.» [1]

*

«Esta publicação, de grande folego, refere-se, documentadamente, ás origens e ao desenvolvimento da Litteratura romantica da Europa, e consta de mais de 500 paginas, bastante annotadas.

Theophilo Braga, o notavel cathedratico do Curso superior de Lettras, de Lisboa, é o escriptor que possue: = Uma solida orientação philosophica, um espirito perfeitamente disciplinado, uma analyse precisa; o conhecimento exacto dos planos em que faz mover as suas figuras, um inexgotavel saber archeologico e uma intuição preciosa, que já servia a Michelet para a sua *Historia de Roma* e que era um dos mais altos dotes de Mommsen, o philosopho e epigraphista allemão, recentemente falecido... =

Estudando a poderosa individualidade litteraria do poeta lyrico e magistral estylista que se chamou Almeida Garrett, o erudito director da antiga *Revista*

---

[1] Heliodoro Salgado, *Vanguarda*, n.º 6.338. (15-VII-906.)

de Estudos Livres, fez uma obra de extraordinaria investigação historica e philosophica.

A figura admiravel do velho lyrista das *Folhas cahidas*, do *Camões* e das *Viagens na minha terra*, reveste-se de uma verdadeira supremacia no movimento romantico da peninsula.

O seu descriptor esculpturou-a como se fosse um estatuario que se interesse para crear uma obra primorosa.

Eis porque se vê, n'este livro, o grande poeta portuguez apreciado á luz radiante da influencia que exerceu, como tambem os tempos agitados pelas luctas civicas e revolucionarias em que foi parte, «os seus exilios, tão inspirádores e tão beneficos á sua arte e os seus amores...» Tudo isto, o analysta do Romantismo estuda e critica, de modo a dar-nos uma ideia completa ácêrca do maior e mais pittoresco artista do fecundo periodo da Litteratura néo-latina.

Parte consideravel d'este volume pertence ao esclarecimento da civilisação das sociedades humanas que se denominou Romantismo.

Assim é que diz, a pag. 49:

«Em todos os povos onde se deu a renovação litteraria do Romantismo, vêmos o espirito nacional despertado pela nova concepção esthetica influindo na commoção politica, suscitando os esforços para a liberdade. Alexandre Herculano, que esteve fôra de Portugal na segunda emigração, reconheceu esta verdade:

— «A revolução litteraia que a geração actual intentou e concluiu, não foi um instincto, foi o resultado de largas cogitações: veiu com as grandes revoluções sociaes, e explica-se pelo mesmo pensamento d'estas.» —

A revolução portugueza, que determinou o esta-

belecimento das instituições representativo constitucionaes pelo modelo inglez, amplamente influiu sobre o movimento litterario.

Em todo este laborioso processo de transformação tomou uma parte directa Garrett, como espirito dirigente... e Garrett achou-se servindo com o seu talento e fé a causa nacional em 1836, como um poder espiritual junto do grande tribuno Passos Manuel.»

Foi, portanto, com causa e fundamento que Lopes de Mendonça, tratando da litteratura de Garrett, affirmou: *é uma nacionalidade que resuscita!*

E, sabiamente, Theophilo Braga veiu confirmar esta phrase quando disse que Almeida Garrett recebeu em cheio essa luz; achou a sua missão como homem e como artista; deu-lhe voz, expressão de protesto e de hymno de gloria, inspirando-se da sua tradição e restituindo-lh'a idealisada pela poesia.» [1]

*

«Garrett arejou essa litteratura, nacionalisou-a, deu-lhe graça, leveza e poesia .E' realmente — uma nacionalidade que resuscita.

A sua acção nas lettras nacionaes, e concomitantemente as causas philosophicas e politicas que actuaram em Garrett; os seus exilios, tão inspiradores e tão beneficos á sua arte; os seus amores, que tanto dominaram a sua arte e a sua vida, tudo isso o sr. Theophilo Braga concatena e explica, com documentação e erudição opulenta, para nos dar um volume admiravel de critica superior, indispen-

---

[1] Leopoldo de Freitas, *Diario popular*, n.º 6:045 (16-VI-904). S. Paulo. Brasil.

savel para o estudo perfeito do maior e mais pittoresco artista do seu tempo.

E' evidente que um trabalho sobre Garrett importa mil subsidios de investigação historica, sobretudo do constitucionalismo, e do mesmo passo um largo trabalho de analyse sobre esse movimento esthetico chamado Romantismo. Tal movimento estuda-o o sr. Theophilo Braga em 120 poderosas paginas do presente volume.» [1]

*

«A ultima obra — *Garrett e o Romantismo* — vindo accrescentar mais um capitulo brilhante á monumental série da *Historia da Litteratura portugueza,* affirma d'uma fórma poderosa e indiscutivel o cerebro de grande escriptor que é o illustre auctor da *Alma Portugueza.* Garrett surge-nos n'esta obra integralmente apresentado em toda a plenitude do seu genio, rodeado da sua epoca, das circumstancias historicas, litterarias e familiares que constituiram o *meio* em que o seu temperamento se creou e se educou. E assim é que um dos assumptos mais instructivos e mais largamente tratados se refere ao Romantismo em todos os seus aspectos, evidendenciando a assombrosa erudição do infatigavel e glorioso escriptor. Garrett tratado por tal penna magistral é bem luminosamente *uma nacionalidade que resuscita* — phrase de Lopes de Mendonça que o sr. Theophilo Braga considera de uma intuição genial.

Pareceria sem duvida a muitos que a individualidade de Almeida Garrett já estivesse esgotadamente estudada e que seria impossivel explorar mais

---

[1] Julio Brandão, *O Norte,* n.º 1. 295. (6-IV-904).

a intellectualidade e a Vida do cantor de Camões; — mas o sr. Theophilo Braga veiu provar á saciedade que não ha assumptos esgotados para engenhos sempre novos e sempre illuminados pela luz do talento e do estudo.

Prestamos-lhe a nossa homenagem intensa pelo seu suggestivo exemplo de Trabalho e de Intransigencia, que póde bem dizer-se significa *uma nacionalidade que não morre.*» [1]

Garrett e os Dramas romanticos — 1905

«A grande obra que na sua fecunda vida litteraria emprehendeu o sr. Theophilo Braga tem agora mais um livro dedicado á vida e aos trabalhos do escriptor que modelou e guiou as letras portuguezas no XIX seculo — Almeida Garrett.

A *Historia da Litteratura portugueza* ganhou para o seu complemento o mais valioso subsidio que um mestre d'aquella ordem podia dar-lhe.

Garrett é um nome que tanto como o de Alexandre Herculano, se realça na lista gloriosa e famosa dos escriptores que deram ás lettras portuguezas o brilho com que fulgiram n'esse seculo tão creador e de tão luminosas manifestações da intellectualidade humana que mereceu ser cognominado — das luzes. As gerações que cresceram e floresceram na segunda metade do lucido évo tiveram em Garrett um mestre para os poetas e os romancistas, como apprenderam com Herculano a procurar a verdade do passado que é a essencia da Historia e o objectivo do saber.

---

[1] Francisco Augusto Martins de Carvalho, *O Conimbricense*, n.º 5882 (9-IV-1904).

O sr. Theophilo Braga traçou n'este novo volume de 800 paginas a vida accidentada de Almeida Garrett na politica, nas lettras, na sociedade e na familia, encarando todos os incidentes pelo prisma de um exclusivismo litterario, que o deslumbra bastante para não vêr nem julgar com imparcialidade as fraquezas do homem e a boa ou má orientação do politico.

Elle vincula tanto a existencia do seu heróe aos azares da politica do tumultuoso reinado de D. Maria II, que o livro é tambem uma historia d'esse periodo da existencia do Portugal moderno.

Vê o sr. Theophilo Braga na antipathia da filha de D. Pedro IV, pelo antigo soldado de seu pae nas trincheiras do Porto e seu ministro na Belgica, a causa que perturbou a elaboração da obra de Garrett, que lhe ennuveou muitas vezes o espirito e o levou, senão á miseria, decerto aos apuros das necessidades materiaes que entorpecem o cerebro e transviam muitas vezes grandes espiritos. D. Maria II é julgada severamente e o principe consorte que foi rei titular de Portugal, não passa nos seus conceitos de intrigante soez, especulador politico que procurava sobre as ruinas do velho reino lusitano levantar a sua fortuna pessoal e a da sua gente allemã. Os Coburgos não são sympathicos ao sr. Theophilo Braga, que nem poupa um Leopoldo I da Belgica que morreu com cheiro de santidade no céo do regimen constitucional, nem a rainha Victoria, sua prima e protectora tambem do rei Fernando, que nunca esqueceu a origem allemã de sua mãe e de seu marido, outro Coburgo semi-rei.

O estylo de Theophilo Braga mal enroupa a superioridade das suas lições e não enfeita a sciencia que tão liberalmente transmitte aos seus leitores. N'este novo volume, que temos sobre a mesa, a pu-

jança da sua mentalidade e o seu merito têm tal realce que os dois senões desapparecem para só nos deixar a impressão de uma obra magna realisada com rara erudição e são patriotismo. Os defeitos do estylo, as falhas de methodo esvaem-se sob a attenção constante e a curiosidade de quem percorre as succulentas paginas que elle escreveu sobre os feitos do creador do Romantismo em Portugal.

A eschola chamada *romantica* procede da revolução que subverteu as sociedades vasadas nos moldes medievaes e fez o mundo moderno. As instituições enroscam-se umas nas outras com o tempo que as fórma ou as vae deformando. Cahido o throno, desabou o altar que o apoiava e do throno recebia a força; derrocados os privilegios, nivelaram-se as classes nas mesmas regalias e nos mesmos deveres; transformadas as normas da vida social foram precisas outras fórmas para as obras que deviam apparecer em meio novissimo e attender a costumes novos. O Romantismo foi iconoclasta na Litteratura, atacando em seus pedestaes os idolos do Classicismo, idolos adorados durante seculos de crença fanatica, como os revolucionarios de 1789 haviam feito pedaços de outros idolos politicos e ecclesiasticos.

Esse sentimento de reforma, de innovação na Litteratura como sequencia necessaria das reformas sociaes que se operavam em toda a parte pela força das armas, manifestaram-n'o os próceres da eschola romantica já no primeiro quartel do seculo. Que época fecunda de grandes escriptores foi essa de que fazemos agora a memoração centenaria!

Na Allemanha, em França, em Portugal, e podemos escrever, no nosso Brasil, de 1825 a 1850, vimos gravitar para o sol do Romantismo astros de todas as grandezas. Cingindo-nos ao assumpto d'esta

noticia, o livro de Theophilo Braga, foi esse o periodo mais brilhante das lettras portuguezas, que emergiam rutilantes dos poetas das duas Arcadias do seculo XVIII.

Em toda a primeira parte do livro de Theophilo Braga só se trata da genese do Romantismo na Allemanha, na França e na Inglaterra e da quéda do Classicismo como feito da revolução. Cita os conceitos de Lessing e de Schlegel sobre a transição instinctiva de uma evolução da Litteratura dramatica, d'aquella fórma franceza de Corneille e de Racine que não passava de um pseudo-classicismo para o drama romantico, que não é nem tragedia nem comedia. Mostra como Shakespeare e Lope de la Vega foram os precursores do drama romantico.

A these do sr. Theophilo Braga firma-se no facto de ser a Litteratura dramatica um documento de nacionalidade e um instrumento de nacionalisação. Não tem lettras proprias o povo que copia as alheias.

O pensamento eminente da obra é dar ao seu heróe, o eximio Garrett, o desempenho feliz de uma missão historica — a nacionalisação do theatro portuguez. Com effeito foi Garrett quem o fez e essa gloria lhe pertence exclusiva, sem concorrencia nenhuma.

O *Eurico,* de Alexandre Herculano, lembrando a gestação guerreira dos reis das Hespanhas, foi um romance historico dos moldes dos de Walter Scott; assim a *Abobada* e assim *Arrhas por Fôro de Hespanha*, do grande historiador. N'elles palpita o coração portuguez, mas não affirmam a sua nacionalidade no genero litterario.

Frei Luiz de Sousa tem outra feição ethnica, e se em tal materia a ethnologia tem cabimento, aquella obra prima é theatro portuguez nacional,

tanto quanto as obras de Shakespeare são de pura raça saxonia e de nenhuma outra raça.

O sr. Theophilo Braga descreve o theatro portuguez antes de Garrett, imitações francezas no drama ou na comedia, imitações latinas e gregas na farça.

Lembra as obras do Judeu, do infeliz brasileiro Antonio José, que adaptou com talento Molière mas que de portuguez só deixou *As guerras do Alecrim e Mangerona*, e Garção, o poeta do *Theatro novo* e da *Assembleia*, que foi mais poeta do que dramaturgo.

Garrett não teve outro precursor, porque nenhum escriptor lhe mostrou a róta e lhe desbastou o caminho. Não só creou elle a Litteratura dramatica do Portugal moderno que produziu Mendes Leal, Andrade Corvo, Pinheiro Chagas, como creou a arte theatral, levantou um theatro com a perseverança, a abnegação e o devotamento de um reformador. O Conservatorio dramatico e o theatro D. Maria II, que ainda hoje é em Lisboa um nucleo de bons artistas, são creações suas.

Quanto lhe custou leval-as a termo, conta-nos o sr. Theophilo Braga. As intrigas e malquerenças da politica partidaria cobriram de urzes o caminho, cingiram de espinhos a fronte altaneira do grande poeta. Elle, porém, venceu para justificar as paginas de enthusiastico louvor que lhe tece o seu biographo e commentador.

Garrett faleceu em 1854, e já vae mais de meio seculo de existencia prospera para a sua creação.

Este livro *Garrett e os Dramas romanticos*, já o notámos, é tambem uma historia politica do reinado de D. Maria II. Espirito variavel, não tendo tido a felicidade da educação materna, tendo perdido muito môça os conselhos do seu heroico pae, essa prin-

ceza foi envolvida por camarilhas interessadas na exploração do governo. O seu casamento com o principe Fernando de Coburgo Gotha não lhe deu o apoio de um criterio seguro e de um espirito observador para guial-a. Antes, exproba-lhe o auctor: foram os máos conselhos do consorte por sua vez inspirado por Leopoldo da Belgica, que trouxeram as perturbações politicas e as guerras civis que marcam o seu reinado.

Liberal de convicção, reformador por genio, Garrett foi um opposicionista e soffreu a má vontade e as perseguições das influencias da côrte. Tiraram-lhe todas as funcções que exercia, algumas gratuitas, deixaram-no muitas vezes á mingua, calumniaram-no com a perversidade dos politicos quando se temem das verdades que os esmagam e de um caracter que os offusca.

«Até certo ponto, diz o auctor, pezou sobre a missão social de Garrett um insistente desdem por isso que a essencia da sua obra, fôra levantar a nação pelo amor das tradições da boa terra portugueza »

Levantou-a com a penna e com a palavra, porque Garrett reunia os primôres do escriptor á eloquencia do tribuno. Foi um dos primeiros oradores parlamentares do seu tempo que teve por luminares da tribuna José Estevão e Passos Manuel.

A gestação do theatro portuguez fez-se entre os incidentes da politica liberal que elle presava e que a côrte desdenhava e os perigos das conspirações e os tumultos da guerra civil. O sr. Theophilo Braga enfeixou todos esses episodios tão variados e de genero tão diverso no resurgimento do theatro portuguez. Conta a genese de cada peça de Garrett e a historia anecdotica do sublime *Frei Luiz de Sousa* que nem os adversarios politicos puderam amesquinhar.

Desde o hymno patriotico que o joven estudante escreveu no Porto em 1820, cantando o advento do regimen monarchico constitucional, até á sexta edição do *Camões* revista pelo poeta nas vesperas da morte, todas as obras de Garrett são notadas e estudadas n'este volume farto de ensinamentos. Basta a leitura do longo catalogo para justificar a ideia do auctor — a obra de Garrett foi a creação do Theatro portuguez pela evocação das tradições portuguezas, a nacionalisação do theatro pelas glorias e pelos feitos a que a instituição devia servir.

Camões, poema da vida do épico que os gravára na perpetuidade, nos *Lusiadas*.

Dona Branca evoca a conquista do Algarve; o *Alfageme de Santarem*, que lembrava á rainha e ao povo que os portuguezes faziam reis; *Um Auto de Gil Vicente*, preito piedoso ao comediographo de D. Manuel; e tantos livros de prosa como *O Arco de Sant'Anna*, eivado de politica, e o *Romanceiro* e o *Parnaso lusitano*, todos attestando a preoccupação patriotica d'aquelle grande cerebro.

Este livro do sr. Theophilo Braga não é só uma apotheose, é uma resurreição, é nova incarnação de Garrett. Elle apparece ao leitor como se vivo fôsse e ainda luctasse pela verdade e pela liberdade que d'ella dimana.» [1]

*

Oliveira Martins, escrevia em 1875 (*Revista occidental*) sobre o espirito da historia da Litteratura:

«A unica especie de criterio a que o sr. Theophilo Braga parece sujeitar-se leva-o a conclusões que têm em si a propria refutação. O espirito de

[1] J. Verissimo, *Jornal do Commercio*, n.º 142 (anno 86). 22-V-1906.

nacionalidade, se importa muito para a vida das sociedades, nem é o unico nem é mesmo preponderante. Todas as sociedades humanas seja qual fôr a sua origem ethnologica, as circumstancias geographicas e climatologicas da região que habitam, andam sujeitas a regras invariaveis e absolutas que são n'esta cathegoria a reproducção das leis providenciaes do universo. — Superior aos caracteres *nacionaes*, porque os domina e n'um certo ponto os apaga, a historia ideal, como disse Vico, é o primeiro criterio por onde avaliar a vida moral de uma sociedade. Por despresar ou não reconhecer este ponto de vista...» tira Oliveira Martins a nota de falta de uma conclusão na historia litteraria portugueza.

Era prematura a sua inferencia. G. Filipponi, discutindo as bases da critica da historia litteraria, escreve:

«Parece conveniente referir o inesperado resultado que tirou Theophilo Braga da engenhosa applicação da distincção dos elementos *statico* e *dynamico* á Litteratura. Chega á descoberta de uma intima *solidariedade affectiva entre todas os povos da Europa*, revelada pelas creações artisticas com que elles mutuamente se influiram. D'aquellas relações de época e de escholas, de correntes de gosto e de renovação critica, vê-se que a continuidade da Civilisação Occidental, interrompida pelo conflicto de crenças e de costumes politicos actúa sempre como estimulo de coordenação social nas manifestações generosas e livres do espirito. Esplendida é pois a conclusão de Braga: = A lição, diz elle, implicita na Historia litteraria de qualquer elemento romanico é tal, que faz entrevêr a base da grande synthese sociocratica, para a qual se avança. =» [1]

---

[1] *Psiché,* n.º 1. (Anno XI) 20-VII-904). Palermo.

B) Função pedagogica

Na revista italiana *Natura ed Arte*, escrevia Angelo de Gubernatis sobre o primeiro volume da *Historia da Universidade de Coimbra:*

«A par da historia da instrucção, Braga, que é um dos chefes da democracia portugueza, segue o progresso das ideias liberaes e das reformas sociaes, das quaes a Universidade de Coimbra foi sempre a gloriosa vexilifera. Th. Braga é um dos escriptores contemporaneos que tem mais largamente comprehendido a Litteratura, e não podia nos seus nobres estudos de historia litteraria desconhecer as estreitas relações de actividade litteraria com as refórmas pedagogicas. Sectario dos methodos da Philosophia positiva, dos quaes é em Portugal um propugnador eloquente, Braga combate com energia contra todas as fórmas de dogmatismo, e preparou-se efficazmente para introduzir o methodo scientifico nas escholas portuguezas, reconhecendo que a Philosophia positiva é a unica doutrina que conduz a uma pedagogia completa, como aquella que patentêa o desenvolvimento geral da especie humana com o criterio historico, uma pedagogia individual e collectiva, uma methodologia logica deduzida do processo especial de cada sciencia, que pelo conhecimento biologico do nosso organismo estabelece a fórma e os gráos de ensino em todas as edades, e da connexão das nossas capacidades activas, affectivas e especulativas, subordinadas inteiramente ao fim humano. Na introducção estuda a fundação das Universidades como principio da ruina do systema catholico-feudal. O primeiro volume da obra divide-se em duas partes: a primeira, que vae do seculo XIII ao XV, estuda os primordios da Universidade de Lisboa e dos seus antecedentes pedagogi-

cos; a segunda, que comprehende os seculos XVI e XVII, estuda a Universidade em relação á Renascença e a reacção contra o Protestantismo, e á mudança da Universidade de Lisboa para Coimbra em 1537. Se na prefação e introducção o illustre auctor se absorve largamente na discussão dos principios, na parte substancial do livro expõe os factos com a seriedade de um historiador bem informado sobre a base de uma rica série de documentos; pelo que se pode dizer, que n'estas paginas, se ostenta uma grande parte e a mais ideal da Historia de Portugal dos seculos XIII a XVII.» [1]

M. Loiseau, em um extenso artigo sobre a *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrucção em Portugal*, conclue: «poder se-hia mesmo dizer com a *Instrucção na Europa;* por que este volume, pela riqueza dos documentos, pela profundidade dos pensamentos, a vasta erudição do seu auctor, e as aproximações engenhosas que contém, constitue, propriamente fallando, uma historia do Ensino na Europa, na qual se vê a larga parte que Portugal tomou no movimento dos espiritos e no desenvolvimento da intelligencia de 1289 a 1553, isto é durante o mais bello periodo da sua historia.» [2]

Historia da Universidade de Coimbra

«Acaba de publicar o sr. Theophilo Braga o primeiro volume da sua *Historia da Universidade de Coimbra,* livro de incontestavel valor, em que se

---

[1] *Natura ed Arte*, n.º 6. Fevereiro 15, 1892, p. 491. Milão.
[2] *Revue de la Société des Etudes historiques,* n.º 3, p. 200. Paris, 1893.

sente a alegria d'aquelle espirito e a persistencia e a tenacidade do seu infatigavel trabalho.

Note-se bem, para se avaliar quanto póde esta robusta organisação intellectual, que cada um dos numerosos livros que elle tem publicado representa uma somma enorme de labor preparatorio, uma quantidade prodigiosa de leituras e uma elaboração intellectual capaz de fazer estalar uns poucos de cerebros menos resistentes. E comtudo elle continúa methodicamente, intrepidamente, sem attender muito ao modo como a sua obra é discutida, a erigir o seu monumento.

No prologo da sua *Historia da Universidade* escreve elle uns periodos, que é uma confissão interessante: «Achavamo-nos, ao começar as nossas investigações, em um estado mental metaphysico, que nos fazia concentrar todos os nossos interesses moraes no periodo revolucionario, como uma anarchia fecunda, embora transitoria.» Conta depois como Augusto Comte imperou no seu espirito, e continúa: «A' medida que entrava n'esse regimen definitivo do espirito, ia abandonando a orientação metaphysica da cultura universitaria...»

Nada mais leal, mais digno e mais correcto do que reconhecer assim que o seu espirito tem obedecido a varias causas determinantes, nada mais aceitavel do que esse facto, porque é isso inevitavel com todos os espiritos estudiosos, diante dos quaes se vão abrindo a cada instante novos horizontes. Era tambem facilimo desculpar suas contradições a quem via perfeitamente que Theophilo Braga era obrigado, por assim dizer, a estudar na praça publica.

O que tornava, porém, impacientes os que dissentiam dos seus pontos de vista era o auctoritarismo inflexivel com que elle emittia as doutrinas que se

formulavam no seu espirito, e que não podiam deixar de variar á medida que o seu espirito ia encontrando novos aspectos. O que ainda hoje desperta, como disse, os pruridos bellicosos, é o lembrarmonos que, reconhecendo Theophilo Braga que obedeceu, n'um dos periodos da sua vida litteraria, a uma orientação metaphysica, é exactamente com o mesmo dogmatismo que não admitte réplicas que elle faz hoje as suas affirmações positivistas como fazia outr'ora as suas affirmações metaphysicas.

Vieram os annos, e para uns e para outros veiu tambem a accalmação. Ainda n'esta *Historia da Universidade* conserva Theophilo Braga um pouco os seus processos dogmaticos, mas o que está é muito menos severo com os homens, com as instituições e com os povos. Já não tem aquellas brutalidades de argumentador, que caíam de repente com a frieza e com a rudeza de um martello sobre os Herculanos, os Varnhagem, os Garrett, sobre o povo portuguez, sobre as instituições antigas. Tem uma comprehensão mais serena e mais justa dos acontecimentos. Ainda se deixa arrastar pelas fascinações do systema, e elle mesmo reconhece que é esse o seu fraco, tomando-o, é verdade, como o seu fórte.

No fim do prologo d'este seu ultimo livro, já diz: «Era o plano completo em que se exercem os nossos estudos sobre a civilisação portugueza e, se alguma coisa nos incita ao trabalho, é o que ordinariamente se despresa, — é o espirito de systema, que Voltaire exige como convergencia de toda a actividade.»

Perfeitamente de accôrdo: é indispensavel o espirito de systema; o que é, porém, necessario é que seja a convergencia de toda a actividade e não a paralysação d'essa mesma actividade.

E' este o inconveniente do espirito de systema quando se usa d'elle com precipitação, e percebemos que Theophilo Braga se deixe arrastar por essa tendencia do seu espirito, porque tem o dom de fascinar os outros, como elle proprio se fascina com os seus systemas improvisados. Vejamos ainda um exemplo na *Historia da Universidade:*

«Só quando a philosophia positiva me revelou as phases da grande revolução occidental que começa no seculo XIII e se expande na crise violenta do fim do seculo XVIII, é que comprehendi a missão das Universidades n'este esfôrço da civilisação européa para reconstituir um novo poder espiritual baseado sobre a veracidade das concepções scientificas, e como não correspondendo á urgencia d'esta necessidade social caíram na estabilidade e no pedantismo doutrinario. Essa missão foi melhor comprehendida pelas Academias, suscitadas pelas syntheses baconiana e cartesiana, vindo os seus resultados analyticos a constituir sob a Convenção a forma nova do ensino das Polytechnicas. Não foi, porém, ainda attingido o fim por falta de uma systematisação geral.»

A rapidez com que se forma um systema no espirito de Theophilo Braga é realmente extraordinaria; a nitidez com que o exprime é admiravel, e á primeira vista seduz. Effectivamente as Universidades borbulham na Edade média, no periodo da primeira Renascença do seculo XIII; o seculo XVII traz comsigo a grande revolução philosophica de Bacon e de Descartes, n'esse mesmo seculo principiam a a borbulhar por toda a parte as Academias, e da revolução franceza nasce a Escola polytechnica.

Estes factos, condensados artisticamente e apresentados n'um estylo de uma grande lucidez de palavra, deslumbram effectivamente á primeira vista,

e, como são apresentados sem provas abundantes, sem o apparato necessario dos raciocinios, parecem as conclusões simples e irrespondiveis de um grande trabalho e de um profundo e amplo estudo. Não são; constituem apenas um systema á primeira vista, concebido de relance em virtude da fascinação do tal espirito systematisador, que é o fraco e o fórte de Theophilo, expresso principalmente com a tal forma auctoritaria que incita naturalmente um espirito rebelde a investir com essas asserções.

A cada instante este geito fatal pela triade perturba o criterio de Theophilo Braga, e lhe dá uma verdadeira allucinação historica, e sobretudo impede-o de seguir nitidamente o desenvolvimento do seu pensamento, desnorteia completamento o leitor, obscurece-lhe a comprehensão da idéa do auctor pela multiplicidade extraordinaria das explicações, dos systemas, das triades que a mais Theophilo Braga, segundo o seu costume, expõe seccamente, apezar de serem pelo menos tão arrojadas, que, para serem aceitas, precisavam realmente de ser largamente demonstradas. Assim com a maior serenidade Theophilo Braga arroja esta triade como exprimindo a coisa mais simples e mais incontestavel d'este mundo:

«A civilisação humana assentará sobre esses tres elementos, que isoladamente produziram: o *especulativo* — a civilisação hellenica; o *activo* — a civilisação romana; e o *affectivo* — a civilisação da Edade média.»

E as triades continuam:

«A revolução religiosa sob os seus tres aspectos *Lutheranismo* (dissolução da disciplina); *Calvinismo* (dissolução da hierarchia); *Socinismo* (dissolução do dogma).»

E mais:

«A revolução politica sob os seus tres aspectos de: *Soberania nacional* (Revolução dos Paizes-Baixos); *Egualdade* (Revolução da Inglaterra); *Liberdade politica* (Revolução franceza).»

Na *Historia da Universidade* ha talvez mais do que em nenhum outro valiosos serviços prestados á historia do desenvolvimento intellectual do nosso paiz. E' perfeitamente comprehendido o papel que desempenharam no periodo da sua fundação as Universidades, onde, apesar da sua organisação ecclesiastica, se insinuou o poderoso elemento de secularisação da sociedade, que, baseando-se no direito romano resurgido, tanto contribuiu no seculo XV para a fundação definitiva da sociedade civil. Segue o leitor com muito interesse a historia movimentada da Universidade portugueza no periodo final da Edade média, o papel desempenhado no ensino pelas ordens mendicantes, a democracia ecclesiastica que constituía sem duvida um dos elementos mais importantes da transformação social n'essa época, a sorrateira intervenção da realeza, fazendo entrar a Universidade no systema geral do mecanismo que ella está lentamente elaborando, introduzindo-lhe o *provedor,* que é para a sua autonomia escholastica o mesmo que o juiz de fóra para a autonomia municipal, a curiosa organisação dos estudantes, entre os quaes apparecem os famosos *sopistas* e os não menos celebres *goliardos;* tudo isso é pintado com vivas côres e deixa no espirito uma boa impressão e uma noção clara dos factos, sobretudo para quem tiver a força necessaria para se não deixar enliar na rêde das systematisações do auctor.

A Universidade no seculo XVI não é estudada com menos criterio, e da mesma fórma é seguida com acerto a sua historia no seculo XVII. N'aquelle periodo tinha o episodio interessantissimo da vinda

dos mestres estrangeiros celebres como Buchanan, e dos mestres portuguezes que tinham feito a sua reputação no estrangeiro como André de Gouveia; no segundo periodo tinhamos a curiosissima campanha dos Jesuitas, que procuraram e conseguiram, depois de renhida lucta, assenhorear-se do ensino portuguez e, portanto, acima de tudo do ensino universitario.

E' no 3.º volume que Theophilo Braga tratará de um dos factos mais importantes da historia universitaria, o da reforma pombalina. Deus queira que elle não se deixe desvairar pela metaphysica revolucionaria e que saiba fazer justiça a esse movimento notavel dos espiritos em Portugal!

Procurámos fazer justiça ao relevante merito de Theophilo Braga, ás suas raras qualidades de estudioso sem escurecer os seus defeitos, defeitos de temperamento principalmente, que têm prejudicado bastantes vezes a acção d'aquelle espirito excepcional. Sejam esses defeitos quaes forem, o vulto de Theophilo Braga ha de ficar sendo sempre um dos vultos notaveis do nosso tempo.» [1]

*

Na polemica a proposito da dissidencia de estudantes de Coimbra com os do Porto, sobre a Commemoração de 31 de Janeiro, resumiram-se as ultimas épocas da *Historia da Universidade:*

«Durante a epoca de renovação intellectual que se chamou a Renascença, os Jesuitas apoderaram-se da Universidade, abriram lucta contra o espirito do

---

[1] Pinheiro Chagas — *O Paiz*, N.º 3596. — (Rio de Janeiro. 1892.

livre exame, e esterilisaram as reformas pedagogicas.

Nos seculos XVII e XVIII, o grande movimento intellectual faz-se de fóra e contra as Universidades. Bacon e Descartes, durante o seculo XVII, eram desconhecidos em Coimbra. A Universidade apoia a Inquisição nas perseguições aos judeus, e não são desconhecidos os processos contra os doutores Antonio Homem, Antonio Gomes, Manuel Rodrigues Navarro, André de Avelar, Francisco Vaz de Gouveia, Duarte Brandão, Francisco Caldeira, etc.

Os estudantes esgotavam-se em discussões de subtilezas cabalistas, ou creavam os *Ranchos* — um bandidismo — como o da *Carqueja*, e como regra de estudo usavam o systema das *matriculas incertas*. Quando os frades varatojanos faziam as procissões de penitencia, (1738) os estudantes em longas alas, uns descalsos, de pedregulho ao pescoço outros, com alavancas aos hombros e espadas atravessadas na bocca, em grita estridula de *Senhor Deus, misericordia*, atravancavam as ruas da cidade. E' o dr. Ribeiro Sanches que o conta.

Pela noite — alcouce e taberna.

Vem desde então o tom erotico e sombrio do coimbrão, como ha pouco o fazia notar um actual lente de philosophia.

A' crise pedagogica do seculo XVIII corresponde o novo typo das Polytechnicas. As Universidades permanecem cerradas ao novo espirito critico. Breve trecho volvido sobre a reforma pombalina, a de Coimbra decae na reacção, de modo que, quando Link viajou em Portugal e a visitou, considerou-a uma prolação de plena Edade média.

Em 1835 mesmo, a Universidade empenha combate de encontro á creação do Instituto das Sciencias physicas e mathematicas.

Quando por lá assomam gerações de fortes e ousados como a das revoltas de 1844, 1846 e 1848, a de 1851, ou ainda a de Anthero e Theophilo, ignoram que essas gerações deixam na historia o exemplo que vae esmagar a cobardia miseravel dos que em publico vêm prégar cautellas para arranjos videiros?

Fallam da Historia e desconhecem que a corrente evolutiva da nação conduz á democracia e que a educação intellectual consiste em pôr de accôrdo sentimentos e ideias?» [1]

Curso de Historia da Litteratura portugueza

«Eis aqui hoje um livro que confirma, desenvolve e demonstra tudo o que nós podiamos dizer, uma obra pedagogica de primeira ordem, cujo objecto directo é o ensino superior da juventude portugueza, mas que nos fornece novas provas do estado sempre avançado da cultura intellectual d'este paiz e da parte importante que a França teve outr'ora na edu-

---

[1] *Voz Publica*, n.º 397. (19-II, 1903.) Porto.

«Na sua obra *Direito civil brasileiro recopilado, ou Nova consolidação das Leis civis*, o Dr. Carlos Augusto de Carvalho, cita na sua Introducção muitas vezes a *Historia da Universidade de Coimbra* (p. III, IV, V, XXII, C); os *Foraes*, (CIII). Rio de Janeiro, 1899. 1 vol. In-8.º grande.

No 3.º vol. do *Livro do Centenario*, publicado pela Associação do Quarto Centenario do descobrimento do Brasil (e que deve haver na Bibliotheca da Academia) vem publicada a memoria do Dr. Julio de Barros Raja Gabaglio — *As Sciencias juridicas e sociaes no Brasil*.

N'esse trabalho o auctor, que é um magistrado illustre e justamente considerado, cita frequentemente e faz longos extractos da *Historia da Universidade*, a que chama obra monumental, referindo-se sempre ao auctor com os maiores elogios.» — F. Ramos Paz.

cação de um povo pequeno pelo numero e grande pelas obras.

O Curso de Litteratura portugueza, do sr. Theophilo Braga, é uma obra de reflexão, um dos livros que — como o nota um critico portuguez (este tambem auctor distincto), o sr. Teixeira Bastos — surge só n'um cerebro bem preparado. Não é difficil accumular os materiaes de um tal livro: é trabalho de paciencia; o que lhe dá o valor é a cohesão, é a intelligencia dos factos; n'uma palavra, são as verdades geraes e philosophicas que d'elle resultam.

O sr. Theophilo Braga era talvez o homem do mundo melhor preparado para similhante trabalho. Professor vitalicio de Litteraturas grega e latina em Lisboa, publicou já uma *Historia do Romantismo em Portugal* e muitos estudos litterarios. Elle está na pósse do seu assumpto como o pode estar um pedagogo; mas o que o colloca acima do mesmo assumpto, o que dá amplitude á sua obra é que elle é sobre tudo historiador e philosopho. O sr. Braga vulgarisou em Portugal o systema de Augusto Comte, como Stuart Mill e Ricardo Congreve o vulgarisaram na Inglaterra. Não tratando aqui qual é a solidez d'este systema, é certo que a vasta synthese que appresenta quando se applica a um assumpto como é a historia de uma litteratura nacional, deve ministrar-lhe luz. Temos acaso necessidade de dizer que o *Curso de Historia de Litteratura portugueza* está escripto segundo um methodo diametralmente contrario ao methodo dos Jesuitas.

E é preciso accrescentar que as tradições do ensino escholar por elles estabelecidas em Portugal tornarão talvez difficil a adopção d'este livro pelos estabelecimentos de instrucção publica? Os jesuitas como se sabe, ensinam dogmaticamente, peremptoriamente e por processos mnemotechnicos.

Raramente appellam á rasão, ao exame, ao juizo critico do alumno.

As suas lições formuladas por perguntas e respostas, á maneira do catechismo, impõem-se á memoria e deixam repousar o espirito. O sr. Braga pelo contrario pensou que um curso de ensino secundario, póde, sem perigo e com vantagem, parecer-se já a um curso de ensino superior e dirigir se sobretudo á reflexão do alumno; que além d'isso, não sendo mesmo assim, mais vale que um livro de pedagogia falle ao professor do que á creança, que é o mestre sobretudo que deve inspirar-se n'elle, d'elle extrahir a seiva para as suas lições, assimilando-o primeiro, afim de o ministrar, como leite aos seus discipulos. Estas vistas são elevadas, demasiado elevadas talvez para a média dos professores; do que é provavel a resistencia d'estes.» [1]

*

«No dia 10 de junho de 1880, dava-se em Lisboa um d'aquelles espectaculos notaveis, que poucos paizes e em muito raras occasiões, terão presenceado. Foi o tricentenario da morte de Camões a occasião em que representantes litterarios de todo o mundo civilisado se reuniram na capital portugueza para acompanhar os compatriotas do grande poeta a prestar a devida homenagem á sua memoria.

Os restos do poeta e do navegador, cujos feitos valorosos elle havia cantado, Vasco da Gama, foram transferidos para a mesma sepultura, em quanto reis, principes, nobres e povo se juntavam aos escriptores para tornar memoravel aquelle momento, unico na historia da nação.

---

[1] Leon Quesnel, *Revue litteraire et politique*, de 8 de Maio de 1886. Paris.

Appareceram centos de publicações especiaes, producções artisticas e novas contribuições historicas a respeito da vida e dos escriptos do cantor dos *Lusiadas*, servindo tudo isto para marcar uma éra nova na vida litteraria de Portugal.

Foi o comêço d'uma época nova, que desde então tem sido abundante em obras e monographias de investigação especial sobre as fontes e documentos primitivos das tradições e memorias portuguezas.

Proveiu naturalmente d'ahi um remodelamento ou refórma de methodos na applicação da historia litteraria, e um dos melhores exemplos do que dizemos é o livro que temos diante de nós.

O homem sobre quem, mais do que em qualquer outro, parece actuar alguma coisa do espirito litterario que inspirou o grande Camões, é certamente o auctor d'este livro.

A sua forte energia, o seu muito saber, a sua actividade extraordinaria difficilmente poderão ser excedidos por qualquer escriptor da peninsula e particularmente nos tempos modernos, o seu exemplo é uma excepção no meio dos seus concidadãos.

Animado de resoluto patriotismo, tem combatido insuperaveis obstaculos, fazendo conhecidos de todo o mundo os ricos thezouros da tradição portugueza, ou deixando aos seus compatriotas, tão exclusivos na sua vida litteraria, o germen do moderno saber europeu, cuja influencia liberal tanto tem emancipado os estudos modernos levantando-os do formalismo e estreiteza dos tempos medievaes.

Com o espirito de refórma escreveu o auctor em 1875 o *Manual de Historia da Litteratura portugueza*, que não produziu resultado porque estava adiantado demais para as necessidades do publico, ou como ironicamente disse a respeito d'elle um critico: — *Acharam-o sempre grande, e por este*

motivo deixaram de o adoptar. (Teixeira Bastos.)

N'este livro o auctor formula o seu methodo de critica litteraria nas seguintes palavras:

«A reforma do ensino da litteratura deve partir da conclusão a que chegou a sciencia moderna, que o estudo das creações intellectuaes não se póde fazer em abstracto. E' necessario nunca abandonar a communicação directa com os monumentos, explicando-os e apreciando-os pelas suas relações historicas com o meio e circumstancias em que foram produzidos. O estudo da litteratura feito nas vagas generalidades conduz a essas receitas de trópos, que tiram a seriedade ás mais altas concepções do espirito humano. Na instrucção de um paiz deve entrar com toda a sua importancia um elemento nacional; no ensino fundado nas ôcas abstracções nunca esse sentimento se desperta.»

E' em conformidade com esta doutrina, que o *Curso de Historia da Litteratura*, representa o ultimo gráo do progresso da concepção litteraria do auctor, já apreciada anteriormente, com illimitado enthusiasmo, por uma longa série de publicações, n'um decurso de tempo não pequeno. Tem atraz d'este ultimo trabalho 20 volumes da *Historia da Litteratura*; 12 volumes de *Fontes tradicionaes;* o *Cancioneiro portuguez da Vaticana;* diversas edições criticas d'alguns poetas nacionaes; os *Elementos da Nacionalidade portugueza*, a *Historia da Pedagogia em Portugal*, o *Systema de Sociologia*, e mais do que isto tudo, quinze annos de serviço activo como professor de Litteraturas modernas, especialmente litteratura portugueza no Curso superior de Lettras, de Lisboa.

Só este longo periodo de ensino nos seria garantia sufficiente para crêrmos que o auctor nos daria

n'este trabalho o fructo dos seus estudos, classificados e apresentados segundo o bom methodo, d'uma fórma clara e incisiva, e na verdade achamos esta obra muito superior áquella de ha dez annos em muitos pontos de vista, mas especialmente porque o auctor mostra n'este ultimo trabalho uma comprehensão mais perfeita da Edade média em relação com os periodos historicos que a precederam e que se lhe seguiram; na sua applicação á vida litteraria das nações da mesma admiravel divisão *statica* e *dynamica*, dada por Comte aos phenomenos sociaes; na sua systematica coordenação das modernas litteraturas; a sua determinação clara da relação da Litteratura portugueza com as litteraturas estrangeiras, e finalmente a sua philosophica conclusão da unidade das Litteraturas occidentaes, que formam assim uma contribuição aos elementos sociaes da Civilisação occidental.

Na sua Introducção o auctor expõe o que elle entende ser a base da critica litteraria, e entra logo na appreciação dos elementos staticos da litteratura: — *Raça*, *Tradição*, *Linguagem* e *Nacionalidade*, e depois de determinar os elementos dynamicos, define a Litteratura como:

«Uma synthese, o quadro do estado moral de uma nacionalidade; a expressão consciente da sua evolução secular e historica... Subordinada ao meio social pela sua origem e destino, a Litteratura reflecte todas as modificações successivas d'esse meio, achando-se como todos os outros phenomenos sociologicos, sujeita a leis naturaes de ordem *statica*, ou de conservação, e de progresso, ou de acção *dynamica*. Sem o conhecimento dos elementos staticos das litteraturas é impossivel comprehender a sua origem e modo de formação; sem a appreciação das condições dynamicas, mal se avaliara o que

pertence á influencia individual dos escriptores de genio. Pela mutua dependencia entre os phenomenos staticos e dynamicos é que se pódem caracterisar as épocas litterarias de esplendor ou decadencia, de invenção ou de imitação.

Os caracteristicos da raça, das tradições, fórmas da linguagem, sentimentos de nacionalidade, são os elementos de emoção universal, que os escriptores ou os artistas exprimem nas suas obras, e assim só póde ser uma obra prima, litteraria ou artistica, aquella — que mais assenta sobre bases ethnicas e tradicionaes.»

Com estes principios fundamentaes constantemente em vista, o auctor passa a investigar as differentes Epocas da litteratura portugueza, caracterisando os escriptores que mais se inspiraram nas tradições populares, desde o famoso rei D. Diniz, do seculo XIII; os poetas do Cancioneiro de Rezende, no seculo XV; Gil Vicente, Christovam Falcão e Luiz de Camões, no seculo XVI; Rodrigues Lobo, e D. Francisco Manuel de Mello no XVII; até Almeida Garrett, no XIX; vendo na celebridade de cada um d'elles apenas a medida da sua adherencia á tradição nacional. O poeta torna-se tanto maior quanto mais desce a inspirar-se na grande corrente da sympathia popular, na vida espiritual do povo.

Uma vantagem importante da obra é o beneficio que advêm ao leitor do conhecimento que o auctor tem das recentes investigações dos eruditos inglezes, allemães, francezes e italianos. A este respeito, a moderna escola de critica e os escriptores de historia litteraria em Portugal, mostram um trabalho sério, o que é realmente animador, comparando-se com os escriptores de ha muito poucas dezenas de annos

Comprehenderam bem o espirito activo da cul-

tura do seculo XIX, e em parte alguma mais do que na nobre Lusitania de hoje, podemos vêr as idéas liberaes da vida litteraria da Europa produzir mais ricos fructos e o enthusiasmo dos trabalhadores acompanhado de uma comprehensão tão verdadetra do seu dever para com o passado glorioso.

Para qualquer se convencer d'isto basta lêr este importante e opportuno trabalho de um dos seus mais brilhantes eruditos e mais instruidos escriptores.» [1]

---

[1] A. M. Elliott, (Trad. do *American Journal of Philology.*) *O Seculo,* n.º 1984 (Anno VII) 25 Junho, 1887.

IV

A obra de renovação philosophica e politica

No plano de coordenação das obras completas, apresentado no fim da Introducção do livro *Quarenta annos de vida litteraria,* acha-se esta indicação de um esforço progressivo:

«N'este contôrno geral de um labor continuo — a concepção *philosophica* foi definindo-se nas diversas correntes doutrinarias a que o espirito obedeceu procurando a orientação normal: Começámos pela influencia de Vico (de que nos proveiu o interesse pelo factos da Ethnologia); recebemos de Hegel a comprehensão dos phenomenos estheticos (e um exagerado *germanismo* na evolução historica); e assimilámos, em uma crise de renovação mental a synthese positiva de Augusto Comte, onde encontrámos bem definidas as relações theoricas d'esses tres eminentes pensadores.»

Em 1875 escrevia Littré na sua Revista uns trechos sobre *A Philosophia positiva em Portugal*:

«Theophilo Braga é um homem novo, assás conhecido mesmo fóra do seu paiz pelos seus trabalhos já bastante numerosos sobre a historia litteraria de Portugal; tenho entre mãos a primeira parte de uma vida de Camões (*Historia de Camões*, 1873)

que me tem interessado muito. E' professor de historia das litteraturas neo-latinas, no Curso superior de Lettras. O governo fundara ahi ha annos uma cadeira de Philosophia transcendental; para ella foi chamado Theophilo Braga para substituir temporariamente o titular d'ella. Como se achasse assás liberto da transcendencia da metaphysica, para não prestar-se a devaneios abriu o seu curso com umas lições de Esthetica positiva. Estão escriptas, e esperamos que as publicará de uma fórma ou de outra. [1]

Animado par esta tentativa, em 1874 abordou directamente a obra de Augusto Comte, e apezar de pouca preparação de seu auditorio e a exiguidade de tempo, tratou das seguintes questões: — Classificação dos Conhecimentos humanos; Concepção do mundo segundo a Theologia, a Metaphysica e a Sciencia positiva; Estudo da Alma desde a ideia formada pela Theologia, até ao momento em que este estudo entra no dominio da Biologia; finalmente, Constituição da Sciencia social com preliminares geraes sobre a Historia e Direito, a Moral, a Arte, a Economia politica e a Industria, tudo isto em vinte lições.

Este ensino excitou uma quasi tempestade; porém Theophilo Braga persistindo, foi acompanhado pela ávida attenção dos seus alumnos.— Em Portugal como na Hespanha, a Theologia esterilisou a intelligencia nacional e comprimiu o desenvolvimento das sciencias positivas. Os grandes acontecimentos que se realisaram no comêço da éra contem-

---

[1] Na Revista *Philosophic positive*, n.º 1, de Julho-Agosto, de 1875, pag. 34 a 51, publicou um estudo *Constitution de l'Esthetique positive* tendo por base a tradição popular.

poranea, dissiparam sem appêllo, mesmo n'estes dois paizes mantidos por tanto tempo isolados, um regimen atrazado; e o que lhe succedeu foi a metaphysica, sobre tudo aquella que nós tambem aqui conhecêmos, e que procura uma conciliação entre os sentimentos catholicos e as evidencias scientificas. Alfim, a philosophia positiva ali penetrou apoderando se logo de alguns espiritos bem preparados pelo meio geral predominante da Europa moderna. De sorte que, sob o imperio de circumstancias particulares, vemos succederem-se o regimen theologico, o regimen metaphysico e o regimen positivo segundo a fórmula de Comte. Note-se bem isto: a Hespanha e Portugal foram desde longe estacionados pela Theologia á aproximação das sciencias positivas, que por toda a parte fizeram tão assombrosos progressos no decurso dos XVII e XVIII seculos. O effeito d'este estacionamento foi desastroso; nada mais germinou n'estes dois paizes, que, a julgar pelo seu grande esplendor no seculo XVI, teriam trazido um poderoso contingente para a obra commum. De resto, é uma experiencia social completa: o regimen theologico indevidamente prolongado, esterilisou tudo; mas foi vencido pela situação geral; os espiritos abruptamente na posse de uma liberdade relativa, foram levados, transitoriamente, para a doutrina mais visinha, isto é, a metaphysica; e por fim, a sciencia, que de todos os lados para ali se transplanta, ahi conduz a sua filha unica e legitima, a philosophia positiva.»

Traços geraes da Philosophia positiva

«O sr. Theophilo Braga é incontestavelmente o mais robusto trabalhador da actual geração litteraria d'este paiz.

Da *Visão dos Tempos* ao livro que temos presente que enormissima série de estudos, que prodigiosa elaboração de ideias, que espantosa somma de trabalhos e de investigações!

E' certo que muitos d'esses livros se resentem da febre da producção, da paixão do systema, do exclusivismo da eschola; mas a par d'esses defeitos, filhos do temperamento eminentemente artistico e apaixonado do auctor, que prodigios de erudição e de bella elaboração intellectual não encerram taes livros, que são por si dos melhores e mais bellos titulos que a Litteratura portugueza contemporanea póde exhibir para comprovar a sua vitalidade!

Ha dois annos ou tres a esta parte que os trabalhos do sr. Theophilo Braga se apresentam filiados, pelo ponto de vista critico e pela systematisação das ideias na eschola de Philosophia positiva franceza, de que é chefe actualmente E. Littré. Vê-se que o sr. Theophilo Braga, como muitas das mais robustas intelligencias da nova geração scientifica e litteraria da Europa se penetrou profundamente da philosophia *comteana,* e, como talento essencialmente productor e expansivo, tenta divulgar e propagar as convicções que a nova série de ideias lhe construiu no espirito. E' este amor de propaganda e de proselytismo que caracterisa as fortes individualidades intellectuaes, como a do sr. Theophilo Braga.

O livro está á altura do bello talento do sr. Theophilo Braga e dos importantes assumptos que n'elle se tratam. A discussão da lei dos *tres estados* e a refutação ás impugnações que d'essa lei fez Huxley n'um dos seus ultimos livros — *As Sciencias naturaes e os problemas que ellas fazem sugir*, é profunda e completa, e pareceu-nos verdadeiramente notavel a comprovação que d'essa lei faz o sr. Theophilo

Braga pela *fórma psychologica*, designando o estado theologico, metaphysico e positivo pelas respectivas denominações de *syncretico, discretico* e *concretico*. E' um trabalho de fôlego, digno do estudo e da discussão dos que amam a Phllosophia positiva, a mais fecunda philosophia que tem produzido o espirito humano.» [1]

*

«Portugal offerece ainda algumas vezes o espectaculo de uma creança teimosa, levantando-se contra aquelles que por amor á verdade e ao progresso, procuram impulsal o na carreira detida que leva. De quando em vez levanta-se uma vozeria inutil, agridem-se, luctam, amparando uns o passado tradicional, e outros, rompendo abertamente com elle por bem de um futuro mais honroso.

Quem visse o modo porque um dos seus mais illustres filhos era accolhido no momento em que vinha de avançar em progresso para maior esplendor do seu paiz, julgaria que Portugal é refractario á razão e á perfectibilidade!

Guerra systematica fêl-a elle, quando Th. Braga hasteou com toda a audacia do seu nobre caracter a bandeira do *espirito novo* e abalou pelos fudamentos, as fórmulas litterarias da sabedoria portugueza, elevando o dogma da poesia ás altas concepções sociologicas. Foram fontes de inspiração do arrojado poeta as historias grega, romana, média e moderna. Por esse tempo se deprimiu o môço açoriano que representava as ideias modernas em face

---

[1] Alexandre da Conceição, *Correspondencia de Coimbra*, n.º 266, anno VI.

do pauperismo scientifico que lavrava entre os escriptores de eleição.

Tantas eram as ténebras que paravam sobre os horisontes da litteratura portugueza!

Em contacto com a Allemanha e a França, estendia Th. Braga o seu olhar sedento de luz ao norte e ao sul d'esses dois paizes e recolhia das civilisações ingleza e italiana o que ellas tinham de mais heroico e artistico, fazendo seu espirito girar entre aquelles dois pólos scientificos e modelando suas concepções altamente *nacionaes* pelas fórmas impeccaveis dos melhores pensadares de áquem e d'além Rheno. Póde-se dizer d'elle que refundiu em novos bronzes a obra da litteratura portugueza. Foi maior do que Garrett. maior do que Herculano, porque teve por si o methodo scientifico que elles ignoraram.

Desde os poetas e escriptores da *Renovação classica* até os escriptores e poetas *Coimbrãos* e seus antagonistas, ninguem o excedeu!

De uma erudição vasta e illimitada, abrangeu quasi todos os conhecimentos do seu tempo e terminou pela sua synthese geral mostrando-se *positivista* de grande estatura!

O seu ultimo trabalho resente-se apenas de certa confundibilidade a que está sujeito um espirito de môço que cedeu ao pezo de tanto estudo.

Tomando as questões mais intrincadaa que ora se debatem, Th. Braga discute-as na altura em que ellas pairam e com mão firme escreve os — *Traços geraes de Philosophia positiva* – onde não se sabe o que mais admirar se a vasta erudição do passado, se o modo porque está com a sciencia a dia! Tratando do facto *biologico* que serve de base á Sociologia, elle colloca a lei de Malthus sobre a *População* em frente do facto *historico* da *Auctoridade,*

em que se fundou Augusto Comte, fazendo resaltar assim a maior dependencia que tem aquella sciencia da Biologia. Depois da comprovação, por meio das novas descobertas scientificas, da *lei dos tres estados*, e da *hierarchia dos Conhecimentos humanos*, atacacados por H. Spenser e Huxeley na immortal pessoa do fundador da Philosophia positiva, faz o auctor considerações sociologicas da maior justeza e verdade, derivando-as todas da nova base adoptada por elle, segundo uma exposição clara dos factos physiologicos que illustram os annaes contemporaneos á maxima *positividade* a que chegou o nosso espirito.

Para quem estuda o desenvolvimento scientifico e litterario de Portugal, o que ha de mais notavel é o ascendente que vae tomando Th. Braga entre aquelles que o receberam a principio tão mal. Pareceria que os instrumentos com que procuraram feril-o serviram sómente de cavar mais fundo o abysmo que separa os ignorantes do homem de estudo. Esta consideração é de grande alcance para nós onde raros são os que se applicam ás sciencias e innumeros os que querem figurar, receiando a competencia d'aquelles contra quem se revestem das armas da diffamação!

Dos fins do seculo passado em diante as verdades accumularam-se no terreno scientifico e n'esse pélago revoltoso, o espirito moderno necessitava de uma synthese geral de todos os conhecimentos humanos; alguns sabios tentaram fazel-a; mas as suas preoccupações metaphysicas levaram-os a differentes caminhos.

Achamol-o sobretudo feliz na sua ultima parte. Ahi as considerações são mais amplas e tanto podem ser applicadas a Portugal como ao Brasil. Politico de grande elevação, não podem ser medidas

pelo estadio dos nossos estadistas as largas vistas de Th. Braga. A politica entre nós é geralmente tratada por desfastio ou interesse. Os homens publicos são corresponsaveis pelo nosso estado lastimoso de cousas. Mostraram que «os meios empregados pelas monarchias actuaes, isto é, uma energica centralisação administrativa, são insufficientes para manterem o vigor solidario de qualquer nacionalidsde; os povos já não se levantam em massa para defenderem as suas fronteiras, e as provincias são indifferentes aos desastres da capital.

Por isso mesmo que a autonomia de cada cantão se extingue diante de uma absorvente centralisação, é que as virtudes se extinguem lentamente, correspondendo apenas pela força ao acto de pagar. Paga-se tudo quanto consistir em exigencia material, e mais nada. Essa resistencia accusa ainda no fundo o sentimento local; e esse sentimento, revivendo pelo *Federalismo,* é que ha de outra vez ligar com vinculos organicos os diversos elementos nacionaes que hoje se desaggregam.»

O que ámanhã se verá realisado n'este Imperio, com grande prazer nosso, não é o resultado de um ou mais partidos; são as consequencias precisas dos principios estabelecidos pelo actual systema de governo.

Este caracter de generalidade que tem o livro de Th. Braga é peculiar á eschola positivista.

Um auctor allemão achava muito mesquinho o ideal d'aquelle que escreve só para o seu paiz. A humanidade é que deverá ser o ponto de união de um grande escriptor; estudal-a em suas relações mais complexas, á luz da sciencia, e nos seus phenomenos historicos, como sêr politico e social, eis tudo.

O partido democrata em Portugal tem outros ele-

mentos, quaes não possuimos aqui, vultos eminentes que são outros tantos orgãos de uma propaganda valente e séria. Se o povo está menos propenso a mudar de opiniões, não é menos verdade que a *élite* dos escriptores são todos elles genuinamente republicanos.

O livro de Th. Braga está destinado a marcar uma phase nova no mercado litterario do seu paiz e por elle pode-se ajuizar do que virá a ser a *Historia universal*, esbôço de Sociologia concreta, de que no presente se occupa o infatigavel escriptor.

A vida inteira de Th. Braga tem sido consagrada ao estudo e jámais alguem em lingua portugueza conseguiu fazer mais em tão pouco tempo! D'entre a geração moderna é elle um dos mais avantajados campeões, se não o primeiro a julgar pelo que produziu e póde ainda fazer. Portugal deve orgulhar-se de vêr n'elle uma das suas mais brilhantes glorias litterarias e scientificas.» [1]

A Historia Universal

«Este livro está escripto segundo um methodo inteiramente novo em Portugal: por isso, e afim de tornar mais clara a apreciação que d'elle nos propomos fazer, parece-nos opportuno dar antes uma breve ideia do movimento que recentemente tem dilatado a área dos estudos historicos, sobretudo desde que o geaio de Comte veiu enriquecer a cópia das conquistas da intelligencia com a constituição da sciencia sociologica. E' o quadro d'essa evolução que vamos succintamente expôr.

---

[1] José Leão, *A Republica*, n.º 26 (anno II) 31-III-1878. Rio de Janeiro. 1878.

Depois da renovação philosophica, iniciada pelo illustre pensador a quem nos referimos, renovação á qual os trabalhos posteriores dos seus discipulos têm dado um desenvolvimento tão brilhante, os methodos da investigação scientifica, sujeitos a uma direcção cada vez mais segura e racional, augmentaram prodigiosamente o numero das descobertas em quasi todos os ramos do saber humano. Da multidão de factos observados á luz do moderno criterio, tem-se tirado materiaes para a formação de novas sciencias; ao passo que outras, por effeito d'essa intensa elaboração, estão sendo, por assim dizer reconstruidas. Vêem-se pela primeira vez os seus processos subordinados á direcção da Philosophia; e esta por seu turno baseada, não em affirmações gratuitas, mas em factos reaes, estudados e reconhecidos scientificamente. E' principalmente n'esta dependencia reciproca, que consiste a superioridade do novo systema: é o que sobretudo o distingue e o extrema de todas as escolas metaphysicas.

Na exploração da verdade historica, é talvez onde mais se tem accentuado a influencia do positivismo. Recompôr o passado do homem desde as origens da civilisação, penetrar no espirito das instituições, dos costumes, das ideias, estudando rigorosamente os factos, e determinando-lhes as causas, os effeitos e as relações, escrever emfim a Historia com o desenvolvimento e a precisão que requer um assumpto tão importante, só era possivel depois das descobertas operadas pela linguistica, pela mythologia comparada, pela archeologia prehistorica e sobretudo depois da posse de um methodo efficaz, que no meio da complicação dos phenomenos sociaes, permittisse proceder com segurança no inquerito da verdade.

E esse methodo é devido precisamente á nova concepção philosophica. E' sabido que o caracter da Historia tem variado de uma geração para outra: cada épóca a considerou debaixo de um ponto de vista especial. Na infancia das sociedades, o maravilhoso liga-se intimamente a todas as interpretações humanas; as tradições em qne se fundaram as primeiras chronicas, resentiam-se naturalmente d'esse defeito. Desde o anthropomorphismo até ao periodo das concepções monotheistas, o homem encarou os phenomenos da natureza, não como succedendo segundo leis fixas, mas como devidos á acção d'uma vontade occulta, immanente nas coisas, ou existindo fóra d'ellas. Por isso tambem as sciencias tiveram o seu periodo theologico, do qual se foram successivamente emancipando, á medida que a repetida observação dos phenomenos levou ao conhecimento de modo invariavel da sua reprodução. E' facto averiguado, que as diversas classes de conhecimentos se constituiram chronologicamente em sciencias, segundo a ordem da sua simplicidade decrescente. Ora os factos sociaes, eminentemente complexos e accidentes na apparencia, embora sujeitos a leis invariaveis, foram os que, por isso mesmo, mais tarde deviam saccudir a tutela theologica; assim succede que a crença do providencialismo é tão custosa de extinguir, que ainda modernamente alguns historiadores recorrem a essa noção, para explicarem a evolução e as modificações que fatalmente se produzem no organismo das sociedades.

Mas o numero dos que assim procedem vae sensivelmente rareando. O criterio positivo tirou toda a auctoridade a esse modo de vêr anachronico, e ao caracter convencional da Historia-narração, veiu substituir as affirmações indestructiveis da Historia-sciencia. Depois que se evidenciou a solidarie-

dade humana, e se reconheceu a dependencia dos phenomenos sociaes para com as circumstancias inherentes á vida organica, as leis biologicas foram applicadas á interpretação do facto historico, e d'ahi resultou necessariamente a eliminação de antigas noções erroneas, como a intervenção sobrenatural, ou a acção dirigente das grandes individualidades.

Escripta debaixo d'este ponto de vista, a Historia tem ainda uma grande vantagem; como o interesse do seu assumpto prende agradavelmente os espiritos, sem exigir o esforço intellectual que requerem os estudos abstractos, é indubitavelmente o melhor meio para tornar accessiveis á maioria das intelligencias certas verdades do dominio da sciencia social, de cujas leis ella é como a comprovação empirica. Os trabalhos produzidos n'esta especialidade, segundo a direcção moderna, devem pois ser bem accolhidos por aquelles a quem interessa a emancipação da consciencia humana.

Cabe este louvor ao livro do sr. Theophilo Braga, livro inspirado na mais pura doutrina positiva, o que julgamos verdadeiramente á altura do seu assumpto, e digno do talento e da erudição do seu auctor. A *Historia universal* constitue um acontecimento n'este paiz onde a corrente das ideias chega sempre tarde, e onde o movimento scientifico actual quasi tem passado desapercebido.

Por esse motivo, mais louvavel se torna o esforço do arrojado innovador, que, no meio da apathia geral, deriva sómente da sua propria energia, e do seu desinteressado amor do progresso, o estimulo para arrostar com as difficuldades de tão árdua empreza.

Em um curto prólogo expõe o auctor o intuito da sua obra. «O que pretendemos com este livro?» — diz elle — «Actuar no limite das nossas forças pela

vulgarisação de noções claras da historia, para que a sociedade portugueza sáia da apathia mental, que tem sido a causa exclusiva do seu atrazo.»

Analysando em seguida o estado das consciencias, põe em evidencia a causa do mal estar social, denominado *indisciplina mental* ou *anarchia dos espiritos*, e aponta a maneira de o combater: «A aspiração revolucionaria precisa converter-se em opinião scientifica; e para que as sociedades progridam não é preciso que sejam simplesmente moraes, ou simplesmente ricas, é preciso mais uma coisa sem a qual a moralidade e riqueza são inefficazes — a sciencia.» (pag. 9.)

O livro consta de tres partes:

Civilisações turaniana e kuschito semita, Civilisações áricas e indo-européas, e *Civilisação moderna da Europa*. Acham-se apenas publicados tres fasciculos, comprehendendo as *Civilisações isoladas* (Egypto, Chaldêa, Babylonia e Assyria). Na compendiação das materias, o auctor escolhe os factos positivos fornecidos pela sciencia, pela historia e pela philosophia, eliminando aquelles, que não sendo funcção do progresso, não pódem servir para recompôr a causa moral que os determinou. E' este effectivamente o caminho a seguir, o unico processo acceitavel, desde que está reconhecida em Historia a existencia de factos negativos, os quaes, pelo seu caracter fortuito e contingente, embaraçam a investigação e falseiam o resultado. No desenvolvimento da sua obra, o sr. Theophilo Braga estuda em particular cada uma das grandes civilisações historicas; mas relaciona a evolução parcial de cada raça com o progresso geral: assim funda-se em parte no methodo ethnographico, e em parte no chronologico.

Não é intento nosso analysar detalhadamente a obra em toda a sua extensão, o que tornaria dema-

siadamente longa esta noticia; limitamo-nos a dar uma idéa do seu plano, e sómente insistiremos sobre alguns pontos, em que se desenvolvem theorias de acquisição recente para a sciencia e para a historia.

Determinar a actividade revelada pela tradição, pelas creações do genio collectivo, pelos monumentos e vestigios inconscientes do passado, e descobrir o intuito moral e racional d'essas manifestações, taes são, segundo o auctor da obra que nos occupa, os dois processos *objectivo* e *subjectivo* da historia. Ampliando esta idéa, affirma a necessidade de determinar as modificações operadas pelo influxo do *meio;* comprehendendo este — os agentes cosmicos, a cuja acção o homem esteve durante longos seculos fatalmente exposto, até que chegou emfim a sujeital-os pelo seu trabalho, e os agentes sociaes, que constituem um novo meio todo creado por elle. Da lucta sustentada contra os primeiros, e do esforço de resistencia entre o conflicto dos interesses no *meio social*, resultou o predominio das individualidades mais fortes ou mais habeis, e portanto o apuramento das raças, ou finalmente a evolução humana.

«Uma comprehensão scientifica do objecto da Historia, diz o sr. Theophilo Braga, considerará a actividade do homem sobre a terra sob estas quatro condições:

«Segundo as modificações exercidas pelo *meio cosmico;* e reciprocamente, a adaptação pelo trabalho humano d'esse meio cosmico ás condições da vida.

«Segundo as modificações do *meio social* transmittidas a essa actividade; e reflexamente, o aperfeiçoamento do meio social pela influencia das noções descobertas pelas grandes individualidades e pelo progresso adquirido na evolução.» (pag. 18.)

Tendo estas noções em vista, prosegue interpretando á luz da Sciencia as circumstancias do viver primitivo, e remonta, não á antiguidade biblica, mas á época de que datam os primeiros vestigios humanos; epoca em que nenhum computo póde rigorosamente determinar, mas que se póde avaliar em milhares de seculos. Hoje, que o immenso passado prehistorico se patenteia á nossa contemplação; quando os restos paleontologicos e os grosseiros productos da industria primitiva, recolhidos por assiduos exploradores, nos denunciam o viver rude do nosso antepassado, apenas sahido da animalidade, e dominado imperiosamente pela necessidade physica; o historiador deve ir interrogar o mysterio d'esses tempos remotos, nos quaes encontrará a origem das primeiras manifestações do engenho, o desabrochar da industria e da arte, o germen da civilisação emfim.

Para classificar as épocas prehistoricas, o auctor adopta a divisão proposta por Lubbock, que admitte quatro edades: a edade *paleolithica*, a *neolithica*, a *do bronze* e a *do ferro;* fazendo comprehender na época miocene e pliocene a edade paleolithica, no periodo quaternario a neolithica, e mais recentemente as outras duas. Tem-se discutido a authencidade dos vestigios do homem terciario; comtudo, embora até hoje a paleontologia humana não tenha fornecido elementos para decidir a questão, é certo que, os fragmentos de silex lascado achados por Burgeois nos depositos terciarios de Thenay, os ossos descobertos no mesmo logar e apresentando estrias e entalhes, nos quaes, segundo a opinião d'esse geologo, se manifesta a acção intencional do homem, e bem assim outras descobertas identicas, feitas quasi ao mesmo tempo em mais algumas localidades por varios exploradores como Desnoyers,

Delaunay e Capellini em França e o sr. Carlos Ribeiro em Portugal, é certo, dizemos, que todos esses vestigios constituem provas sufficientes para, ao menos, se affirmar que, já na época miocene, existia um sêr mais intelligente do que os animaes actuaes. Mas quando começa a competir a esse sêr o nome de homem? E' um mysterio que os dados actuaes não permittem esclarecer, e que provavelmente o futuro tão pouco conseguirá penetrar.

Seguindo a exposição da materia do livro, vêmos como as grandes revoluções geologicas e geographicas, e as alterações thermicas e climatericas, succedidas no fim do periodo terciario e durante o quaternario, de que são testemunho a flora e a fauna fosseis d'essas epocas, difficultaram as condições da vida: taes factos attestam a lucta que o homem teve necessariamente de sustentar contra a natureza; lucta dilatada, sem trégoas, da qual uma tenacidade indomavel o fez sahir vencedor, e apto emfim para applicar a sua energia livre a novos commettimentos, para realisar outras conquistas de mais lato alcance, com que inaugurou essa série de trabalhos gigantescos revelados pelos vestigios das civilisações extinctas, e que, de progresso em progresso, lhe facultaram o accesso do dia em que pôde finalmente assentar sobre alicerce inabalavel o opulento edificio da civilisação moderna.

A existencia da nossa especie no periodo quaternario é assignalada por numerosos vestigios. Por quasi toda a Europa e em algumas partes da Asia, Africa e America, têm sido exploradas as camadas sedimentares, as cavernas, os dolmens e as cidades lacustres. Têm-se colleccionado milhares de objectos prehistoricos da época neolithica, em que se póde estudar a industria nascente, os usos, e até certo ponto, o estado moral do homem d'essa época..

Resumindo essas conclusões, o auctor da *Historia universal* expõe-nos o modo como o nosso antepassado, pelos seus esforços, conseguiu ir melhorando a pouco e pouco as condições do seu viver, e como foi successivamente aperfeiçoando as suas faculdades; encontra tambem a explicação de certos factos ethnicos nas migrações primitivas, reveladas pela anthropologia, pela archeologia e pela linguistica. Antes das migrações indo-europêas, admitte o apparecimento de uma raça vinda da Asia, e trazendo comsigo o uso dos metaes. Esta raça seria a *turaniana*, que veiu inaugurar na Europa a edade do bronze. N'esta edade e na do ferro, a industria adquire um desenvolvimento notavel, e a posse d'esses metaes faz com que o homem por seu turno principie a actuar sobre o meio cosmico, e a adaptal-o ás suas necessidades.

No capitulo em que trata dos modificadores sociaes, o auctor, recorrendo ás fórmulas symbolicas inconscientemente conservadas na tradição e nas legislações, e comparando os usos primitivos com os de certos povos que ainda hoje permanecem no estado selvagem, chega a determinar a constituição primitiva da familia e da tribu, mostra como o alargamento d'esta deu origem a certas instituições, como o Direito e o culto publico; vê na *Federação* a primeira fórma politica das sociedades, e finalmente n'ella encontra tambem o comêço da vida nacional.

Prosegue depois enumerando os diversos factores do progresso, e entre elles especialisa: a *monogamia*, primeira causa da elevação moral e da preponderancia das sociedades indo-europêas; o *fusionamento das raças*, que determinou a fundição das diversas civilisações; o *impulso adquirido* nas sociedades, produzindo as manifestações da actividade inconsciente que se traduzem em diversas creações, por

ultimo, a *positividade,* nascida espontaneamente na sociedade moderna, mas que hoje se deve dirigir conscientemente, organisando o ensino pelo methodo historico-dogmatico, com o que affirma o sr. Theophilo Braga, *se disciplinará a anarchia moral e intellectual que tanto tem atrazado a evolução humana, e depois se fixará o regimen progressivo de uma mais saudavel actividade.*

Terminaram os *Prolegómenos* com algumas considerações judiciosissimas, em que se mostra que a propagação das ideias é o unico modo por que o individuo póde actuar sobre o meio social: — transcrevemos os seguintes periodos em que o auctor expõe esse pensamento. «Os movimentos sociaes — diz elle — têm a natureza dos movimentos organicos, fazem-se por effeito de um estimulo mental E assim como nenhum alimento é assimilado no organismo sem ser reduzido á unidade da cellula, assim nenhum impulso póde actuar sobre o progrssso das sociedades sem ser recebido por estas na fórma de uma noção. Nenhum progresso se fez ainda sem o estimulo de uma ideia; portanto, para actuar sobre a sociedade ou sobre a humanidade é esse o caminho.» (pag. 63.)

Isto mostra a utilidade da intervenção das poderosas individualidades na marcha do progresso: a evolução social effectua-se em virtude de uma lei organica; póde ser auxiliada, encaminhada do melhor modo, exactamente como se pode facilitar o desenvolvimento do organismo animal com a alimentação mais adequada, com a applicação das prescripções da hygiene, mas uma vez fixadas as condições d'essa evolução, não está no poder de ninguem alteral a. E' esta uma verdade que devia estar sempre presente no espirito dos que têm a seu cargo a direcção das sociedades.

Depois dos *Prolegómenos* segue-se a Historia do Egypto, por ser a civilisação d'essa paiz a mais antiga de que existem monumentos. Os trabalhos de Champollion e de outros egyptólogos permittiram reconstruir em parte o passado historico dos povos que habitaram a região do Nilo; o sr. Theophilo Braga funda-se principalmente nos estudos de Lenormant e de Maspero, aproveitando d'elles não o methodo, mas sómente os factos bem determinados, que interpreta segundo o criterio positivo. O seu processo tem por isso uma incontestavel superioridade sobre o d'esses orientalistes.

Admitte, como dissémos, a existsencia da *raça turaniana*, e — embora algum descredito tenha recahido sobre essa theoria, pelo facto de alguns espiritos orthodoxos, como Lenormant, a terem adoptado por confirmar, segundo elles, certas passagens do Génesis — acceita a refutação quanto á insufficiencia das provas linguisticas, mas não quanto á realidade do facto ethnico, e defende victoriosamente a hypothese com razões fundadas nas descobertas anthropologicas. na comparação dos mythos, e na confrontação dos costumes, das tradições, das superstições e dos processos industriaes dos povos d'essa raça. [1]

---

[1] O descredito do *Turanismo* limita-se á doutrina philologica dos que com esse nome pretendiam designar a unidade da familia das linguas uralo-altaicas, e tambem aos que davam esse titulo generico ás raças mongolicas e propriamente ás turco-tártaras. Ha porém um facto historico fundamental, que authentica a Civilisação do *Turan*, de uma *raça sociologica*. A designação de *Turan* em antagonismo com o Iran é um facto patenteado pelo Avesta; refere-se aos *Turanai* a epopêa da Mahabárata; entre os Brahmanes modernos, *Turan* e *Taurana* correspondem a um povo cujas doutrinas hereticas se contrapõem á dos Arias. A moderna concepção das raças so-

A configuração do solo explica até certo ponto a maneira como se constituem as nacionalidades, por outro lado o conhecimento das raças derrama uma luz immensa sobre certos factos que o historiador deve saber explicar, como são: o caracter nacional, o genio artistico e litterario, as ideias e as aspirações de uma época, etc. Attendendo a isto, o auctor começa cada monographia pela descripção geographica do respectivo territorio, e no desenvolvimento de cada capitulo vae successivamente expondo as alterações produzidas pelas conquistas, pelas invasões, pela absorpção de um povo vencido, ou mesmo pelo contacto prolongado de uma raça com outra.

A parte já publicada do livro mostra o progresso a que chegaram as *Civilisações isoladas;* segundo o plano da obra seguir-se-hão as *Civilisações cosmopolitas* (Judeus, Phenicios e Arabes), que propagaram pelo mundo as primeiras.

A *Historia universal* quando completa deve constituir um dos monumentos mais notaveis da sciencia no presente seculo. Será egualmente um honrosissimo titulo de gloria para o seu auctor e para o paiz.

Que o exemplo do sr. Theophilo Braga sirva de incentivo, para que se appliquem ao trabalho con-

---

ciologicas leva á comprehensão do que o *Turan* (do *Touro* contra o qual combate Mithra) totem da Civilisação occidental proto-historica que inventou o Zodiaco, em que o começo do Anno estival é representado pelo *Touro*. Essa raça sociologica é indicada por differentes nomes, Ligures, Scelt, Atlantes, Turan, e pelo conhecimento do Zodiaeo levado á America, á India, ao Egypto. O descredito do problema anthropologico e philologico é absolutamente extranho ás investigações sobre esta grande Civilisação bronzifera, sem a qual não se comprehendem as Civilisações historicas.

sciencioso e util tantas intelligencias que entre nós permanecem ociosas, por falta de direcção e de estimulo, é o voto que fazemos.» [1]

*

«Fortificado por uma solida educação scientifica dirigida pela disciplina positiva, governado por convicções inabalaveis e por uma vontade de ferro, rara n'este paiz onde tudo vérga, o sr. Theophilo Braga possue os conhecimentos scientificos da ordem hierarchica indispensaveis á perfeita comprehensão da Historia, como demonstrou pela publicação dos *Traços geraes de Philosophia positiva*, de 1877.»

E apreciando extensamente esse plano e sua realisação na *Historia Universal*, conclue o professor Carlos de Mello:

«Ainda que um pouco fraco sob o ponto de vista da geographia antiga, é tão bello, tão positivo, tão methodico na classificação dos dados historicos, tão synthetico na conclusão, tão independente das peias monarchico-religiosas e na solida comprehensão do criterio moderno da Historia, que mal se lhe pode notar aquí ou alli uma outra inversão de formas, um ou outro molde differente do que já empregara.

Depois, não se lhe pode censurar o arrebique do estylo, o rendilhado da phrase ou a cadencia do rythmo, tam emphatico ou ortodoxo, declamatorio ou pedantesco, com que tantos historiadores resalvam a sua ignorancia, demorando-se n'um retrato, aqui n'uma biographia, alli n'uma batalha, adiante n'uma declamação, n'uma qualquer cousa!... Nada

[1] F. Paula e Oliveira, *Diario de Portugal*, n.os 458 a 462. (Anno III) Lisboa, 1879.

d'isso. Imparcial e verdadeiro como um Polybio, severo como um Tacito, sem deixar na sombra algum facto importante a louvar ou a deprimir, o sr. Theophilo Braga não se demorou no inutil com narrações insulsas ou declamações estereis. Foi ao facto; observou-o, estudou-o, comprehendeu-o apresentou-o nú e cruamente tirando-lhe depois as conclusões naturaes.

Nem devia fazer de outro modo quem assignára o ultimo capitulo dos *Traços geraes de Philosophia positiva*.. Sendo mais amplo e ao mesmo tempo mais vigoroso o moderno ideal da Historia, mal fazia o escriptor vasando a sua alta concepção no molde acanhado e fraco dos passados seculos.

E' esta grandeza na originalidade da producção e na largueza das vistas que hão de levar a sua *Historia* para além dos Pyreneos como vaticinou Littré [1] e como o sentirão todos aquelles que o lêrem com a attenção do estudo affincado, livre de preconceitos, franco de prejuizos e com o enthusiasmo de uma convicção profunda na Historia que se lhe patentêa com uma simplicidade e grandeza raras n'um tempo em que tudo é falso, tudo apparente.

---

[1] «Mr. Theophilo Braga, l'un des écrivains les plus renommés du Portugal, et qui a donné un remarquable etude à notre Revue, (*Constitution de l'Esthetique positive*) entreprend de doter son pays d'un *Histoire universelle* de Sociologie concrete. Je ne doute pas qu'une pareille œuvre, executée par un homme tel que Mr. Braga, ne franchise les limites du Portugal et ne devienne un vrai service rendu à la Philosophic positive et à tout l'Occident, surtout l'Occident latin.»

Transcrevendo estas palavras accrescentava *O Cruzeiro* (n.º 97 — Rio de Janeiro, 1878): «Um tal testemunho prestado por tal auctoridade não deixaria a menor duvida sobre o homem e a obra, quando do seu immenso saber e aptidão não nos tivesse já dado repetidas provas.»

O estylo sempre claro é por vezes incorrecto; mas na generalidade é amplo e animado como o de Guizet, nervoso como o de Renan, mas com o colorido vigoroso do pincel de Michelet, vibrado pela mão de Edgard Quinet quando ha a fustigar uma instituição ou a azurragar uma indignidade, um crime.

Sob a fórma sente-se o palpitar vivificante de um enthusiasmo bom pelo que é grandioso, pelo que é bello, pelo que é verdadeiro — o trabalho, a lucta; não o enthusiasmo do que ignora e que se transforma em pasmaceira, mas o que é produzido pela dignidade da causa, pela elevação dos principios, pela firmeza da convicção e pela solidez e disciplina do estudo.

E' o que forma a grande força da obra e a energia das conclusões.» [1]

Origens poeticas do Christianismo

«Entre os grandes descobrimentos do espirito investigador do seculo XIX, é por certo um dos mais brilhantes e mais fecundos em consequencias imprevistas a revelação das primitivas Civilisações da India, dada pela interpretação e pelo estudo dos poemas védicos e pela constituição d'esse espantoso meio de analyse scientifica, que se chama Philologia ou sciencia da linguaguem. Sem esse poderoso meio de investigação, que é para a historia o que o telescopio foi para a astronomia, a nebulosa das origens da civilisação aryana, que é a civilisação do mundo, ficaria eternamente irresoluvel.

---

[1] Carlos de Mello, *Jornal do Commercio*, n.os 7647 e 7648. (21 de abril de 1879)

E' pela linguistica, efficazmente coadjuvada e moderada nas suas impaciencias de generalisação prematura, pela ethnographia e pela anthropologia, que conseguiu constituir-se uma outra sciencia inteiramente nova pelo espirito e pelos methodos, a sciencia das religiões. Antes dos grandes trabalhos de Eugenio Burnouf, Reynaud, Bopp, Grimm, Max Muller, Pictet e tantos outros sobre a sciencia da linguagem, o estudo comparado das religiões, tal como elle se comprehende hoje, seria perfeitamente impossivel.

E' graças a esses assombrosos trabalhos de investigação e de critica que as religiões, como tudo o que é filho do espirito humano, perderam o seu velho caracter theologico de revelações celestes para se reduzirem a simples productos da actividade moral e intellectual da humanidade nas diversas phases da sua trabalhosa e interminavel ascensão para o bem.

A sciencia das religiões é para a historia moral da humanidade o que a paleontologia é para a historia physica da terra: o estudo e o confronto imparcial e severo dos documentos fossilisados na linguagem, nas lendas, nos costumes e nos preconceitos, ou petrificados nas antigas chronicas e nas velhas epopêas e pelos quaes se caracterisa e classifica a formação religiosa em que se produziram, como se caracterisam e classificam as diversas camadas geologicas pelos vestigios da fauna e da flora que n'essas camadas se encontram.

O sentimento religioso parece estar mesmo sujeito na sua evolução historica a uma lei de progressão, que tem por primeiro termo o *fetichismo* e por derradeiro o *monotheismo,* antes da sua dissolução final no regimen da positividade ou das convicções scientificas. Essa lei, formulada pelo syste-

matisador da philosophia positiva, Auguste Comte, apesar do alto valor das provas que a recommendam, é no emtanto impugnada por alguns pensadores modernos com argumentos ainda não cabalmente respondidos.

Sejam porém quaes fôrem as conclusões definitivas a que a sciencia chegue a respeito d'esta lei de evolução do sentimento religioso, o que parece averiguado desde já é que o Christianismo, o mais importante szstema religioso da humanidade, não pelo numero dos seus adeptos, mas pelo papel preponderante que os povos que o seguem representam na civilisação do mundo, nada contém, como diz Baur, o erudito coripheu da escola de Tubingue, que, sob uma ou outra fórma, não fosse já anteriormente affirmado, quer como producto da actividade da rasão, quer como necessidade do sentimento, quer como exigencia da consciencia moral.

E' esta these fundamental, hoje acceite como um principio definitivamente assente, apesar das suas origens hegelianas, em sciencia das religiões, que o sr. Theophilo Braga desenvolve com larga proficiencia no seu novo livro *Origens poeticas do Christianismo.*

Espirito enriquecido por uma extraordinaria erudição, o sr. Theophilo Braga tem todos os defeitos e todas as qualidades de um sabio. Um d'esses defeitos é não contar com a educação atrazada do publico portuguez, para quem escreve.

Os seus livros por isso, fortemente impregnados de erudição, ricos de investigações originaes e de pontos de vista novos e elevados, não têm sobre o publico a acção instructiva e educadora que mereciam têr, por falta das qualidades intrinsecas do estylo e da fórma, que o leitor meridional ainda se não habituou a dispensar.

O livro do sr. Theophilo Braga sobre as origens do Christianismo, pela suprema independencia da sua critica, pela multiplicidade e elevação dos seus pontos de vista e pela flagrante verdade da maioria das suas conclusões, estava destinado a uma extensa e salutar propaganda, se o excesso da termenologia technica e a despreoccupação da fórma o não tornassem pouco accessivel ao publico que mais carecia de o entender e meditar.

Permittimo-nos esta severidade ao accusar a recepção de um livro do sr. Theophilo Braga levados precisamente pela sinceridade da admiração, que, sem restricções, consagramos ao seu elevadissimo talento, ao seu extraordinario amor do trabalho e ás suas energicas e invenciveis qualidades como homem de sciencia e como homem de combate, como philosopho e como polemista, como litterato e como critico.

Para nós o sr. Theophilo Braga é uma gloria contemporanea e d'aquellas cujos titulos a incorruptivel e desapaixonada posteridade menos hade contestar.» [1]

*

«Entre nós precisava-se d'este livro como da alimentação do organismo; era uma necessidade intellectual que acaba de ser satisfeita de uma maneira admiravel, robustecendo-nos o espirito, dando-nos a perfeita comprehensão dos elementos que constituiram uma doutrina que ainda hoje domina a maior parte das sociedades. O trabalho que temos á vista é uma pulverisação da instituição reli-

---

[1] Alexandre da Conceição — *Correspondencia da Figueira*, n.º 449. (v anno.)

giosa que tanto nos tem esterilisado servindo de apoio ao despotismo e dando causas a luctas sangrentas na humanidade.

Em Portugal, onde gradualmente desapparecem os restos de uma educação fradesca, que acredita na agua de Lourdes, e onde decáem a passos gigantescos as instituições condemnadas a desapparecer totalmente pela evolução historica, a recente obra do dr. Theophilo Braga, não obstante dever encontrar na circulação os elementos reaccionarios, nos ultimos paroxismos que a combatam, terá de certo a acceitação de todos os espiritos que pensam.

Divide o nosso primeiro homem de letras este seu monumental trabalho, em quatro capitulos. No primeiro — *Persistencia dos Cultos fetichistas no Christianismo,* dá-nos o intimo sensualista da religião christã, assentada nos symbolos do fetichismo primitivo. Dos mythos orgiasticos do chtonismo e cultos phallicos saiu a *Virgem Mãe* ou *Mãe Santissima* e tambem o sacrificio do homem, que não são mais do que restos d'esses symbolos.

No segundo — *Vestigios polytheistas do mytho orgiastico christão,* o sr. Theophilo Braga mostra-nos as relações do Christianismo com a lucta constante do bem e do mal ou entre a luz e as trevas, com o culto do fogo e com o mytho solar de Mithra, o deus que morre na flor da edade, e tambem resuscita, como o Christo. N'este capitulo, que é interessantissimo, e onde o seu auctor revela uma erudição espantosa, ha grande numero de exemplos que provam sobejamente a analogia entre o Christianismo e as religiões que o precederam. Vê-se que na personalidade de Jesus estão syncretisados muitissimos elementos mythicos dos cultos solares syrophenicios, phrygio-hellenicos, medo-persas, e que do

mesmo modo nas fórmas cultuaes abundam restos de mythos áricos das raças indo-europêas.

No capitulo III com o titulo — *Assimilação do Polytheismo árico e indo-rueopeu ás fórmas cultuaes do Christianismo*, occupa-se o sabio escriptor dos elementos áricos de que a religião christã se apoderou para se propagar no Occidente.

O ultimo intitula-se — *Costumes populares do Culto solar, que explicam os ritos christãos.* E' esplendido. N'elle vêmos a origem de muitos dos nossos costumes — taes como — as *Festas do Maio,* que ainda se repètem no Algarve com enthusiasmo e em fórmas pittorescas, a *Caçada furiosa*, o *enforcamento do Judas*, o *entrudo*, o *enterro do bacalhau.* Livros como estes com que inauguraram uma *Bibliotheca scientifica moderna* são sempre para Portugal um grande acontecimento e de summa importancia, porque aquelles que fôrem guiados pela orientação superior da philosophia positiva, não só comprehenderão o seu destino social como terão a consciencia de si proprios. A sciencia deve ser a nossa religião unica; só ella poderá dirigir as sociedades libertando-as da tutella das instituições anachronicas que as têm explorado e orientando-as no sentido do desenvolvimento e progresso.» [1]

Centenario de Camões

Referindo-se ao abalo nacional produzido pelo Centenario de Camões em 10 de junho de 1880, escreve Basilio Telles no livro *Do Ultimatum de 31 de Janeiro*, precisando o seu alcance social:

«Antes d'esta data não ha historia do partido re-

[1] Reis Damaso, *A Vanguarda*. Diario federal.

publicano, mas apenas historia da *ideia,* da *aspiração republicana*, porque só a contar d'aquella época a politica o póde reconhecer como novo factor, susceptivel de influir nos seus arranjos.» (Pag. 76.)

«E não era o caracter accentuadamente anti-dynastico da Commemoração camoneana, que n'esse presago anno de 1880, constituia o unico symptoma inquietador; era a popularidade dos oradores, que, no primeiro comicio contra o Tratado de Lourenço Marques, celebrado na cidade de Lisboa em Março do mesmo anno, proclamaram com desassombro a sua fé republicana.» (Pag. 87.) [1]

Sobre a Conferencia inicial do Centenario de Camões, escreveu Eduardo Coelho, membro da Commissão executiva:

«Realisou-se hontem a primeira Conferencia do Centenario na conformidade do artigo 2.º da 1.ª parte do Programma da Imprensa, estando o 1.º artigo já em execução, isto é, a abertura da secção especial em todos oa jornaes. Foi no salão do theatro da Trindade, como estava annunciado, sendo conferente o sr. Theophilo Braga, e o assumpto *Camões e a Nacionalidade portugueza*, ponto essencial do programma, e ideia capital da celebração. Assistiu a maioria da commissão executiva, o sr. director do theatro, Francisco Palha, muitos jornalistas, homens de lettras, alguns academicos, homens politicos de diversas parcialidades, cidadãos de todas as classes, militares, negociantes, artistas, professores, a mocidade academica e algumas senhoras.

O sr. Theophilo Braga preencheu as duas horas

[1] Este comicio foi presidido por Theophilo Braga, que redigiu o Protesto levado no dia seguinte ao parlamento.

fallando em pé, sem interrupção, e recebendo muitos e unanimes applausos em diversos pontos da sua prelecção, mantida sempre n'uma grande elevação scientifica, e produzida n'uma fórma facil, clara e popular, sendo no fim acclamado pelo auditorio, composto de mais de 600 pessoas, e que ouviu o orador com a maior attenção e interesse.

Um redactor d'este jornal, tomou algumas notas dos pontos essenciaes da Conferencia do sr. Theophilo Braga, e aqui resumimos muito essas notas, para dar uma ideia, embora vaga, d'aquelle bello e importante discurso, que provavelmente virá a ser reconstruido pelo seu auctor para ser publicado com os demais no livro de que falla o programma da Imprensa.

O illustre conferente começou por fazer sentir como as festas do Centenario encerram o elevado pensamento de pôr em actividade todas as forças sociaes, e serem uma d'estas manifestações que os povos só podem fazer para affirmar as suas aspirações e o estado da sua cultura de seculo a seculo, em volta de um symbolo vivificador. Camões foi o grande espirito dominante e sobrevivo da historia da Renascença no nosso paiz, da renascença que fez despertar as sociedades do somno em que haviam adormecido na Edade Média, somno de que acordaram ao chamamento da sciencia, á apparição de Gallileu e outros sabios, revelando as leis do movimento dos corpos celestes, creando a philosophia experimental, e começando a explicar os grandes phenomenos physicos, foram despertando a consciencia humana, fazendo renascer os seus direitos, abatendo o poder feudal e o predominio catholico.

Essa mesma sciencia deu origem ás Navegações e descobertas, assim como hoje a solemnisação do Centenario póde definir e disciplinar as forças da

sciencia e da industria para as navegações sociaes do futuro, servindo os destinos da patria. Accentuou como Portugal fez sobresahir no seculo XVI os elementos e os caracteres da sua nacionalidade, tornando-se com os seus feitos um bemfeitor da humanidade; não definira só a sua lingua, as suas leis, as suas artes, não accrescentára só os seus territorios, e colligira as glorias dos seus heroismos; ligára-se á solidariedade humana, produzindo um impulso poderoso de deslocação da actividade civilisadora do Mediterraneo, onde se haviam formado a Phenicia, Grecia, Roma, Italia e a absorvente Veneza, para o oceano Atlantico, cujos seios sulcámos de caminhos para todas as regiões do mundo desconhecidas até ao bêrço da humanidade. Camões é o laço que na historia nos liga pelos nossos feitos á solidariedade humana. O seu genio immortalisou-nos, mas temos outras glorias immensas taes como Gil Vicente e Damião de Goes.

Quando morreu Gil Vicente entrou a Inquisição e com ella a barreira que se havia de oppôr ao nosso desenvolvimento, o cancro que havia de devorar as visceras mais activas da nação; Goes, cercado de gloria, cahiu nos braços do Santo Officio, onde feneceu n'um carcere sem luz e sem um livro. Camões é o mais conhecido de todas as classes, e o povo ainda que não tenha lido a sua obra, tem a intuição d'ella, e esta intuição é o elemento de uma renovação da consciencia publica. Fez avultar um merito da sua obra, que foi uma obra para a humanidade, em que aquelle grande espirito se não poz ao serviço das paixões e interesses do seu tempo. Camões não era um aventureiro; era uma consciencia livre e desassombrada, um typo que devemos comprehender e venerar; a par dos *Lusiadas* ha duas outras epopêas, a Custodia dos Jeronymos, o

monumento historico e artistico feito pelo grande artista Gil Vicente, o ourives cinzelador, com o primeiro ouro que em 1501 veiu das nossas conquistas do Oriente e que as representa, e o templo manuelino de Belem, esse formoso exemplar da architectura nacional que representa os nossos triumphos e onde o escôpro dos nossos artistas reproduziu as reminiscencias da fauna e da flora oriental encontradas pelos nossos navegadores.

Nos *Lusiadas* reflecte-se o sentimento da solidariedade que os portuguezes estabeleceram entre o Occidente e o Oriente, onde fômos descobrir as origens das raças da Europa e encontrar tradições, linguas, symbolos poeticos, religiões similares que produziram profundo abalo nas consciencias, alargando os dominios da sciencia. Fallou da invasão dos turcos na Europa, e do heroismo dos portuguezes, libertando a civilisação nascente da asphyxia com que elles a ameaçavam; tratou largamente da funesta influencia dos Jesuitas que apoderando-se de todos os estudos, desde as Universidades até ás escholas infantis tudo viciaram, enervaram e aniquilaram, amollecendo todas as energias e dominando todas as inspirações a ponto de causarem a perda da nossa independencia em 1580.

Aqui mostrou quantos ensinamentos se não podiam tirar em 1880 do quadro que tres seculos antes offerecia a nação.

Falta-nos o espaço para resumir as nossas proprias notas. O orador fez sobresahir as vantagens de uma educação despreoccupada e scientifica, por todos os modos que possam dar ao povo a consciencia dos seus direitos. Invocou a intervenção da mulher, um dos braços do homem para esta regeneração; condemnou por egual o egoismo e a inhabilidade dos conservadores, e a cegueira, a precipita-

ção perigosa dos revolucionarios, expondo n'uma argumentação logica e clara como por uma educação scientifica se pódem, por meio da evolução, conseguir todos os progressos e todos os aperfeiçoamentos sociaes.

O Centenario será o despertar da consciencia de todos no sentido da unificação e engrandecimento da nacionalidade portugueza, e era um espectaculo consolador o vêr como a multidão sentia em si a intuição d'este grande facto, como os municipios, esses legitimos representantes das liberdades publicas, se lhe associavam com enthusiasmo, e como a mocidade academica, a povoação das escholas, que estavam acima das proprias instituições, porque ella será a dominadora e a directora da sociedade futura, acudia a unir-se em volta d'este brilhante symbolo chamado Camões.» [1]

*

«Theophilo Braga examinando a grande festa civica do Centenario Camoneano, descobre n'ella os elementos de revivescencia da nossa pequena nacionalidade, amesquinhada systematicamente pela politica da monarchia. Essa festa inolvidavel á qual concorreram as forças vivas da nação, estimuladas pelo sagrado enthusiasmo das horas solemnes, é sem duvida a prova incontestavel de que não estamos mortos e ao mesmo tempo de que o ideal e o criterio da philosophia positiva vae ganhando os corações e as intelligencias das classes dirigentes em Portugal e Brasil. N'este vasto imperio separado de nós por falsos interesses dynasticos, por idéas mesquinhas e injustificaveis, comprehendeu-se a alta si-

[1] *Diario de Noticias*, n.º 5:119 (7 de Maio de 1880).

gnificação do Centenario como festa de confraternisação, essencialmente democratica, espontanea, popular.» [1]

*

Em um artigo de Ramalho Ortigão intitulado *O Governo e o Centenario*, lê-se:

«Apesar da indifferença do governo e da abstenção discreta do soberano aconselhada pelo governo, a festa do Centenario fez-se em Lisboa de um modo que produziu a admiração da Europa, como sendo a mais bella e a mais sublime affirmação do espirito nacional de um povo. E' unica e exclusivamente á iniciativa da Commissão da Imprensa que se deve este facto. —

Quando não havia mais ninguem que louvar, entendeu o governo que estava chegada a vez da Commissão da Imprensa, e então na folha official do ministerio, no jornal *O Progresso*, o governo mandou escrever, que a Commissão da Imprensa pelo modo como tinha organisado a celebração do Centenario merecia dos poderes publicos a distincção de *ser levada a páo*.

Depois o governo mandou affirmar em artigos successivos do seu jornal, que essa Commissão composta dos primeiros escriptores portuguezes como Theophilo Braga, Pinheiro Chagas e Batalha Reis, dos trabalhadores mais valorosos e mais benemeritos como Eduardo Coelho e Luciano Cordeiro, dos homens mais inviolavelmente probos e honrados como Magalhães Lima, Rodrigo Pequito e Rodrigues da Costa, era uma corja de farçantes, de especuladores e de mentirosos. E sobre esses nomes muitos

---

[1] Dr. Julio de Mattos, *O Positivismo*, t. III, pag. 364.

dos quaes illustres pelo genio, outros pelo talento e todos venerandos pelo trabalho honesto, e pelo patriotismo provado, escreveu durante quinze dias as calumnias mais torpes e as injurias mais soezes que póde inventar um escriba reles estipendiado para enodoar reputações dignas o papel barato.» [1]

O Congresso das Associações

«Resta-nos do movimento emergente da celebração do jubileu camoniano o *Congresso das Associações* confederadas.

Para julgarmos do estado das ideias que vão ser debatidas n'esse parlamento, cuja realisação cumpre confessar que se deve principalmente á iniciativa e á tenacidade de um unico homem, o sr. Theophilo Braga, para apreciarmos d'antemão a orientação mental e a systematisação de principios que as differentes classes sociaes terão de revelar na reunião da dieta cooperativa a que nos referimos, a festa do Centenario do Marquez de Pombal, ultimamente celebrada, figura-se-nos ser um symptoma culminante e preciosissimo.» [2]

*

«O facto culminante da nossa vida social contemporanea é, sem duvida, este. A nossa sociedade, aquelles quatro milhões de egoismos que se exploram uns aos outros, como a definiu Ramalho Ortigão, tinha de ha muito perdido o fio que conduz á

---

[1] *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, e na *Actualidade*, do Porto.

[2] Ramalho Ortigão, *As Farpas*, n.º 1 (Junho a Julho) 1882, p. 46.

solidariedade humana, porque nenhuma idéa, nenhum fim superior, fazia convergir todos os espiritos, conciliar todas as opiniões, concretar todos os esforços. Nem uma nuvem salvadora despontava n'aquelle immenso céo de calmaria; o navegante mais audacioso e energico sentia-se desolado, perdido de indolencia, de desânimo, perante aquelle enorme estacionamento, em que tudo se esterilisava e morria, a litteratura e as artes, as industrias e o commercio, as sciencias, as crenças, a honestidade e a honra; onde a propria nacionalidade com a propria lingua eram arrastadas ao abysmo, sob a influencia de estrangeiras coisas, mal inoculadas pelos sevandijas da politica e das lettras.

Dos cerebros de dois homens, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga, surgiu o pensamento de vibrar sobre essa catalepsia nacional um choque violento, por um impulso que fosse justamente a bandeira norteadora do futuro. Esse, acharam-no no nome de Camões. Mas, não bastava o despertar do somno cataleptico, urgia pôr o doente a andar, encaminhal-o com carinhoso desvelo para que mais tarde podesse correr lésto pela estrada do progresso e da civilisação, e affirmar com a vitalidade a sua constituição organica. Para isso, o infatigavel trabalhador — o dr. Theophilo Braga, consignou no Programma dos festejos camoneanos, por proposta sua, a realisação de um *Congresso de todas as Associações portuguezas*. Vimol-o reunido ha dois annos em sessão solemne e commemorativa, vimol-o o anno passado encetar os seus trabalhos legislativos, e vimol-o este anno, ha alguns dias apenas, verdadeiro parlamento do povo, manifestar a sua vitalidade, affirmar principios e elaborar deliberações, e sempre, ha dois annos, ha um anno, ha dias, lá estava inquebrantavel, sereno, grandioso como o trabalho, severo como

a sciencia, o vulto do seu organisador, a amparal-o, a sustêl-o nos braços, como pae carinhoso que teme que uma falta de hygiene venha motivar a doença que arraste á sepultura o filhinho estremecido.

Assim, a principio, prevalecem ainda as palavras pomposas, a rhetorica de artificios vistosos; depois, na segunda sessão, as palavras sóbrias e severas dos grandes professores incutem no animo dos delegados a impressão soberana que produzem em todos as verdades rigorosamente expostas e demonstradas. Theophilo Braga, A. Coelho, Costa Godolphim, Consiglieri Pedroso, Sabino de Souza, Leonardo Torres, Joaquim de Vasconcellos e outros expõem as bellas theorias, annunciam os principios que devem servir de sólidos alicerces a todos os trabalhos praticos e executivos do Congresso.

O programma d'estes, extenso e complexo, não póde ser todo posto na tela da discussão porque o tempo correndo veloz para o praso marcado, não permitte que tão longas e importantes questões sejam tratadas com a reflexão e delongas que o seu grande alcance politico-social requer. A creação de um corpo representativo de todas as Associações, é objecto da approvação do Congresso, e, logo, para essa cabeça que deve fazer mover o grande corpo associativo de Portugal, que deve pensar por elle e assumir responsabilidades gravissimas, são designados os nomes mais illustres dos nossos contemporaneos.

Sem que o Congresso tenha feição alguma de politica partidaria, apparece-nos comtudo com insistencia este facto notavel: que estando alli reunidos, homens de todos os partidos politicos, porque se lhes não perguntava qual era o seu, para poderem alli entrar, as idéas da sã democracia, quer sob a côr republicana quer com a do socialismo eram

sempre as mais bem acceites, e os democratas os oradores mais bem accolhidos. A rasão d'isto é bem simples. Aquelle Congresso não era levado por suggestões partidarias de qualquer ordem; reunira-se para tratar dos interesses collectivos das Associações, isto é, de problemas sociaes, que só pelas leis scientificas se pódem resolver. E como aquelles principios são os que mais se approximam da verdade sublime dos factos, das revelações luminosas da sciencia, era naturalmente para elles que se dirigiam as sympathias, que se encaminhavam as esperanças.

Nos pareceres apresentados ao Congresso pelas suas commissões de estudo, ficam consignados os principios mais alevantados e indicado o caminho mais seguro que as Associações têm a seguir na nova phase da sua existencia. Porque devemos attentar bem este facto, proposto pelo dr. Theophilo Braga, no parecer n.º 1:

— «Que o principio associativo em Portugal saiu do seu periodo de elaboração e isolamento para entrar em uma nova phase da sua existencia, pela acção combinada e de convergencia de todas as iniciativas. Por tanto, na organisação de toda e qualquer associação que se constitua, deve ser este o principio geral a que convem subordinar a sua actividade particular.»

Logo depois de formulado este principio inicial, alicerce em que deviam basear-se todos os trabalhos do Congresso, e que marca como que a direcção e sentido em que todos elles devem dirigir os seus esforços, temos os pareceres que são magnificas theses de questões sociaes do mais elevado e momentoso interesse. Limitamo-nos a deixar apontadas, como em indice summario, quaes foram essas

questões, ou quaes as condições geraes a que o Congresso chegou, com relação a cada uma d'ellas.

Logo no parecer n.º 1, estabelecendo-se em largas considerações que sendo a politica e a religião dois grupos de phenomenos de ordem social, comprehendidos na moderna sciencia social, o seu estudo e livre discussão deve ser praticado no seio de todas as Associações, conclue:

«— Que as Associações, pela sua capacidade e respeitabilidade collectiva, não devem ser systematicamente alheias ás questões religiosas e politicas;

— Que como complementar da Associação deve reclamar-se o direito de reunião, ficando esta subordinada a um simples annuncio publico e á inspecção da auctoridade;

— Que se estabeleça, como garantia de toda a liberdade civil e politica, o pleno *direito de associação* sendo regulado por estatutos publicos, e apresentados á auctoridade sem dependencia de approvação;

— Que se promova a formação de uma lei organica geral das sociedades;

— Que se equiparem em tudo os direitos da mulher aos do homem nas associações, banindo restricções odiosas, incongruentes, e conseguindo por esta forma indirecta a sua emancipação civil e politica.»

No parecer n.º 2, elaborado pelo sr. Nobre França, ficam expostas relações de connexão e dependencia que existem entre o estado das associações e o estado geral do paiz e seu governo; apontando a necessidade urgente de uma reforma n'este, para que aquellas possam desenvolver-se e prosperar.

No parecer n.º 3, devido ao dr. Theophilo Braga,

discutem-se duas questões importantissimas: — a instrucção publica e a protecção ás classes operarias, com respeito aos meios de lhes proporcionar habitações convenientes por prêços módicos. A commissão propõe — a creação de caixas economicas escolares — de jardins d'infancia, — de museus escolares e de sociedades cooperativas de edificação e acquisição de casas, cujo fundo social se destine á compra de edificações e a construcção de outras, observando os seguintes principios:

— Que n'esses trabalhos sejam empregados, quanto possivel, os operarios associados;

— Que as vendas sejam fixadas em proporção com o capital empregado e correspondentes a um juro rasoavel, préviamente fixado;

— Que se aluguem as casas aos socios ás semanas ou aos mezes com amortisação annual, por modo que, um dia, cada familia possa vir a ter uma casa sua.»

Nos pareceres 4 e 5 tratou-se das questões de hygiene publica, pela sua acção importante sobre a saude e robustez das classes trabalhadoras, e da regulamentação do trabalho dos menores, ficando a *Junta das Associações* encarregada de elaborar um projecto de lei e respectivo regulamento para a creação de Conselhos de Juizes Arbitros, em Portugal, a fim de se resolverem por elles, de commum accôrdo, todas as pendencias e questões suscitadas entre as corporações ou seus associados, sem intervenção dos tribunaes civis que, além de dispendiosos, têm o duplo caracter de despotismo e perseguição.

Taes foram os trabalhos do ultimo Congresso. Esperamos agora pela realisação pratica d'estas soluções deliberativas e pensemos sempre que, no momento actual, a grande questão dominante nas

sociedades é a da *associação*. Ella é o grande *desideratum* para que devem tender todos os esforços, todas as energias.» [1]

A vida como um apostolado

«Se vinte e tres annos [2] de inalteravel amisade podem dar a um obscuro homem de lettras o direito de publicamente affirmar impressões pessoaes sobre um glorioso escriptor, esse direito invoco para fallar de Theophilo Braga.

Relações de muito estreito parentesco entre minha mãe e a esposa do eminente litterato, fizeram-me conhecel-o de perto aqui no Porto, por volta dos meus 15 annos. Precocemente inclinado ás coisas do pensamento, atravessava eu então a dolorosa crise moral dos que sentem desabar á leitura de certos livros negadores todo um systema de crenças religiosas, não tendo para substituil-as uma larga concepção philosophica, um grupo de verdades geraes, o quer que seja em que o espirito repouse; concentrado por temperamento, não conhecendo pessoa a quem fazer confidencias, não sabendo mesmo, talvez, exprimir bem nitidamente a minha singular anciedade, occultava a, lançando-me em contradictorios estudos e pedindo a obras de uma difficil comprehensão respostas que ellas não podiam dar ás torturantes interrogações de todo o meu sêr. N'esta situação enervante que, prolongada, constitue um sério perigo para a saude mental, se acaso, realisada n'aquella edade, não representa ja um

---

[1] Victor Ribeiro, *A Verdade*, n.os 169 e 171, (IV anno), Thomar. 1883.

[2] Hoje, trinta e sete.

desequilibrio de faculdades, Theophilo Braga prestou-me, sem o saber, o maior dos serviços. Foi, com effeito, elle quem. fallando-me pela primeira vez da Philosophia Positiva e despertando-me o desejo de a conhecer como a um novo e imprevisto mundo de ideias, definitivamente me affastou de livros que não podiam senão dilatar a esphera das minhas duvidas e avolumar os desalentos do meu coração. Decerto eu não podia comprehender então d'essa universal doutrina, que mais tarde havia eu proprio de vulgarisar ao lado d'elle e á sombra da sua auctoridade nas paginas do *Positivismo*, senão as linhas de contôrno, e essas mesmas vagamente, porque me faltava a preparação scientifica e o poder de abstracção reclamados por estudos d'esta ordem; entretanto, o pouco que eu comprehendia e o muito que adivinhava através da exposição suggestiva de Theophilo Braga, bastaram para me desviar dos tortuosos caminhos por que tomára ao acaso.

E foi assim, foi recebendo d'elle a direcção inicial do meu espirito, que eu apprendi a amar este homem superior e a julgar a lenda que o vinha apontando desde os revoltosos tempos da *Escola Coimbrã* como a encarnação da vaidade. Simples até ao extrêmo de attender uma creança e de lhe dar conselhos, despretencioso até ao ponto de coadjuvar os operarios da imprensa de Anselmo de Moraes na composição typographica da *Historia da Litteratura portugueza*, que base poderia ter fornecido este homem á construcção d'essa lenda absurda?

E' conhecida a historia da lucta iniciada em 1865 por Anthero de Quental e Thophilo Braga contra a litteratura de que Antonio Feliciano de Castilho foi o derradeiro representante discutivel. Provocados

pelo versejador da *Noite do Castello* n'uma carta-prefacio ao *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, os dois escriptores replicaram altivamente, pondo em contraste as aspirações litterarias da geração que vinha surgindo e os muribundos ideaes da que se afundava, não sem tentar pela ironia, pela insidia, por todas as fórmas do despeito, um prolongamento de dominio. Algumas phrases irreverentes e duras dirigidas a Castilho nas *Theocracias litterarias* bastaram para attrahir sobre Theophilo Braga os odios de duas terças partes da população portugueza. Não se viu que as cruezas de um pamphleto escripto no ardor da refrega não eram, no fundo, senão um desforço do môço escriptor contra quem, abusando da auctoridade que o paiz lhe conferira, o perseguia até prival-o dos meios de publicidade, seu unico recurso de subsistencia; viu-se só — e isso bastou para incendiar todas as cóleras e cimentar todas as diffamações — que um rapaz de 22 annos se atrevera a aggredir um velho. D'aqui a traiçoeira lenda.

E' facil ser-se justo quando se é feliz; mas quem, victimado por immerecidas perseguições, enegrecido pela calumnia, desarmado na lucta pela vida, póde garantir que não excederá os limites da legitima defeza? E esta era em 1865 a situação de Theophilo Braga, que conheceu a miseria e a fome, mercê das machinações e ardis de um litterato que todos imaginavam, sob a *sua olaia*, ingenuamente enlevado no canto da *cigarra de Anachreonte*.

Quando eu o conheci, Theophilo Braga luctava ainda contra os desastrosos effeitos da reputação que lhe haviam creado. Preterido em dois concursos ao professorado — o primeiro em 1868 na Academia Polytechnica do Porto e o segundo em 1871 na Universidade de Coimbra — por competidores cujas

obras ninguem conhece e cujos nomes ninguem sabe, preparava-se para disputar a Pinheiro Chagas e Luciano Cordeiro um logar no Curso superior de Lettras, desesperançado, todavia, quasi seguro de insuccesso e não indo a Lisboa, como elle me explicava, senão para aproveitar uma solemne opportunidade de exprimir em publico as suas ideias sobre a litteratura portugueza. Os factos desmentiram as previsões de Theophilo Braga; e, comtudo, não eram completamente infundados os seus receios, porque, como se sabe, elle deveu a cadeira, que ha 20 annos illustra, menos á boa vontade do jury que aos calorosos applausos de um auditorio em grande parte composto pela mocidade das escolas superiores de Lisboa.

Pela primeira vez se fazia justiça a este homem, cuja vida até aos 29 annos foi um rosario de amarguras. Porque, para além das temerosas luctas da sua mocidade fica ainda uma adolescencia em que, forçado por adversas condições de fortuna, elle teve de aprender e de exercitar o officio de typographo, e atraz d'ella ainda uma infancia a que prematuramente faltaram os solicitos carinhos de mãe — a mais terna e ao mesmo tempo a mais estimulante corrente de sympathia que um homem póde receber.

De 1872 para cá a vida de Theophilo Braga, economicamente desafogada e moralmente serena, teria sido uma feliz compensação de innumeraveis angustias, se o não tivesse ferido em pleno coração a morte quasi simultanea de dois unicos filhos. E' preciso ter conhecido, como eu conheci, essas adoraveis creanças e ter visto, como eu vi na mais intima convivencia, o enlevado amor de que as cercavam Theophilo Braga e a sr.ª D. Maria do Carmo, para comprehender e sentir bem essa irreparavel desgraça que toda uma geração de poetas commemora

no piedoso livro *A maior Dôr humana*. Theophilo e Maria da Graça, arrebatados pela tuberculose, o primeiro aos 13 annos e a segunda aos 16, foram como um sorriso da sorte na existencia do meu querido amigo: unico e ephemero sorriso!

Conhecida nos seus lances capitaes a vida de Theophilo Braga, uma pergunta occorre: Como é que, a despeito das hostilidades do meio e das fatalidades da sorte, pôde este homem, que apenas conta 50 annos, produzir uma obra que, partindo da poesia com a publicação das *Folhas Verdes* em 1859, successivamente abrange o direito, a historia, as religiões, a politica, as tradições populares e os systemas philosophicos? Por que estranho processo de autoestimulação pôde elle, perseguido e pobre, mantêr durante trinta e cinco annos n'uma inalteravel frescura o seu trabalho litterario dentro de uma sociedade sem correntes de ideias e sem interesses superiores?

A integral solução d'este problema de psychologia concreta não póde ser tentada sem o conhecimento, que eu infelizmente não possuo, da historia ancestral do eminente escriptor. As vocações, com effeito, não são productos casuaes das circumstancias, nem resultados de uma determinação voluntaria, mas invenciveis destinos que só a hereditariedade explica. Nascem *fadados*, diziam os antigos a respeito dos homens de genio, como dos loucos e dos delinquentes. Rejeitando a interpretação theologica, a psychologia actual acceita, comtudo, a concepção implicita n'aquelle termo, reconhecendo na hereditariedade a força que gera os candidatos á alienação mental e ao crime, como á gloria artistica ou scientifica. Ao lado, com effeito, do psycho-nevrotico, do criminoso occasional e do simples ho-

mem de habilidade, typos médios que as influencias physicas, economicas e educativas podem quasi completamente explicar, ha o degenerado, o criminoso-nato e o genio, sêres de excepção que sómente pela hereditariedade podem interpetrar-se.

E é por isso que eu n'este momento lastimo a minha absoluta ignorancia sobre os ascendentes de Theophilo Braga. Conhecidos elles, é possivel que eu conseguisse explicar a extraordinaria e complexa physionomia moral do escriptor cujo continuado trabalho justificadamente assombra quantos têm conhecimento d'esta dormente sociedade portugueza.

Sem aspirações a exercer uma parcella, minima sequer, de poder, sem necessidades decorativas, achando-se bem dentro da mais modesta vivenda que lhe comporte os livros, como dentro do mais inesthetico vestido que o agasalhe, não cultivando relações que lhe diminuam o tempo, não frequentando clubs, nada sollicitando, porque nada deseja, Theophilo Braga tem um unico prazer — adquirir idéas, uma unica preoccupação — espalhal-as. «Dentro de um pôço, dizia-me uma vez, desde que lá tivesse os meus livros, uma rêsma de papel e um lapis, eu conseguiria viver.» Esta affirmação define a um tempo a natureza contemplativa do homem, tal como ella resulta do exame da sua vida, e a especial feição da sua intellectualidade, tal como, a meu vêr, ella se denuncía na sua obra.

Expliquemos.

A vida de Theophilo Braga, subjectivamente movimentada e cheia de accidentes, como vimos, é, todavia, nos seus aspectos exteriores uniforme, quasi monotona; o seu drama, todo intimo, passa-se dentro de um cerebro, sem mutação de scenas, sem alteração de decor, como a consequencia de um destino litterario em conflicto com a resistente inercia

do meio. A tenacidade de trabalho que tanto caracterisa Theophilo Braga, vem-lhe d'esse destino; lançado na vida do commercio, da industria ou da politica, esse homem seria um subalterno, um timido, um vencido. A sua força procede exclusivamente da paixão litteraria que o absorve e constitue a finalidade da sua existencia. O mundo das coisas e dos homens, o mundo objectivo, existe para elle apenas como o regulador necessario das funcções do espirito; é, porém, no mundo das idéas que elle vive e se concentra, é ao mundo subjectivo que elle tem adstrictos os seus interesses. Não é esta a caracteristica das naturezas contemplativas?

Mas no grupo dos que vivem de uma subjectividade preponderante, ha os que proseguem a Verdade, descobrindo leis, formulando hypotheses, construindo syntheses, e os que proseguem o Bello, procurando a fórma mais justa de nos transmittirem sentimentos e impressões; ha os homens da sciencia, actuando pelas faculdades especulativas, e os artistas, actuando pela emoção. Sem se excluirem, porque ambos caminham em busca de um ideal, os dois typos raras vezes se consubstanciam n'uma individualidade, porque não é facil possuir-se ao mesmo tempo e n'um intensivo gráo creador as funcções de que derivam a obra da sciencia e a obra d'arte. Naturezas similares emquanto caracterisadas por um predominio do cerebro anterior, o homem de sciencia e o artista põem, todavia, em exercicio funcções differenciadas d'esse orgão; e n'isso se distinguem.

Ora, encontrando-se na obra de Theophilo Braga productos de todas as possiveis actividades mentaes, é licito perguntar por qual d'ellas se caracterisa melhor a sua individualidade litteraria. Preponderantemente poeta ou homem de sciencia? Eu atrevo-me

a affirmar que, a despeito do immenso valor da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades Sonoras*, não é pela poesia que Theophilo Braga deve ser julgado, mas pelos seus trabalhos de investigação e de critica. A meu vêr, n'este eminente litterato as faculdades que produziram o imperecivel monumento da *Historia da Litteratura portugueza* sobrepujam as que crearam os seus mais bellos poemas; n'elle o erudito e o philosopho têm mais vasto e significativo papel que o poeta.

E' claro que estou dando impressões pessoaes que me seria impossivel comprovar dentro do espaço de que disponho. Não é isto, todavia, o que. independentemente da analyse da sua obra, parecem indicar a sua vida, os seus habitos, tudo por que uma individualidade se exteriorisa? A sua existencia, em que não ha se quer o episodio de uma viagem fôra do paiz, é bem mais de um pensador que de um artista; os seus habitos, de uma regularidade quasi absoluta, lembram mais a chronometrica vida exterior de Kant que a vida cheia de imprevisto da maioria dos poetas; emfim, a sua maneira de fallar e de escrever denuncía um homem de sciencia tendo feito da palavra um instrumento de persuasão, incapaz de gastar o seu tempo ou de torturar o seu cerebro na procura de uma fórma esthetica. O que a mim me encanta nas melhores poesias de Theophilo Braga não é, como em Anthero do Quental ou em Guerra Junqueiro, a emoção que as domina ou a fórma que revestem, mas a concepção, que lhes preside; isto é dizer que, mesmo escrevendo verso, Theophilo é para mim, sobretudo, o pensador.

E é ainda o pensador que eu vejo através do propagandista republicano. Nos discursos — que elle

pronuncia n'uma voz velada e egual, desacompanhada de gestos, nos livros – que elle escreve n'uma linguagem serena e sóbria, Theophilo Braga dirige-se sempre á rasão de quem o escuta ou lê, espontanea ou systematicamente evitando a facil empreza de agitar emoções politicas. —

Fazendo a critica das *Soluções positivas da Politica portugueza,* escreve o Dr. Julio de Mattos:

«Como meios de propaganda que devem satisfazer as condições fundamentaes de serem comprehendidos pelos espiritos menos preparados e de poderem entrar nas bibliothecas menos ricas, os volumes de que vamos fallando são verdadeiramente preciosos. Ha n'elles a fidelidade, a clareza, a deducção rigorosa e sobretudo um sôpro d'aquelle enthusiasmo viril, que só as fortes convicções suggeridas pela sciencia podem prestar a uma obra qualquer.»

Do opusculo *Dissolução do Regimen monarchico representativo*, escreve: «pelo titulo mesmo do livro se vê, o fim do sr. Theophilo Braga, publicando-os, foi o de pôr em evidencia a tremenda e fatal dissolução porque está passando entre nós este systema da monarchia representativa, apontando ao mesmo tempo a espontanea formação de um grupo de opiniões e doutrinas que nos indicam o governo da Republica como aquelle em que naturalmente encontramos o termo d'esta transição politica, d'esta larga e demorada anarchia de ideias e de interesses, cuja perpetuação nos é ruinosa. O sr. Theophilo Braga conseguiu admiravelmente esse fim. Cada pagina d'este livro é um ensinamento profundo; a analyse que ahi se faz do desgraçado regimen é completa, perfeita.»

«E' o processo frio, severo, tremendo da monarchia e dos homens que a defendem. Todos estes

artigos (da *Dissolução do Regimen monarchico constitucional)* são irrespondiveis; não inventam accusações, não phantasiam responsabilidades, são apenas o commentario do bom senso aos factos de todos os dias. Tiram da evidente corrupção, da anarchia profunda que nos caracterisa como época de transição, toda a sua eloquencia, todo o espirito de persuação que os anima.

«Nós desejariamos vêr nas mãos de todos os bellos livros das *Soluções positivas da Politica portugueza*. E este nosso desejo traduz toda a admiração que temos por esses preciosos trabalhos.» [1]

«No partido que tem a honra de o contar entre os seus prestigiosos chefes, a sua funcção não é a de provocar a revolta nas praças, mas a de fazer a revolução nos espiritos. E se um dia este povo, ludibriado, e reduzido á fóme por tres gerações de intrigantes politicos, se este povo a quem se estão roubando cynicamente as mais fundamentaes liberdades, tiver a coragem de emancipar-se, mudando de instituições e procurando refazer o seu credito, exercer os seus direitos, preparar o seu futuro, Theophilo Braga desempenhará dentro da nova ordem de coisas o papel que Benjamin Constant, positivista, professor e homem de lettras como elle, desempenhou nas primeiras horas da Republica brasileira: elle será o inspirador das mais vastas reformas e o instituidor dos mais fecundos trabalhos. [2]

---

[1] Dr. Julio de Mattos, *O Positivismo*, vol. II, p. 156 a 164; e III, p. 356 a 370, onde vem um nitido resumo d'este trabalho politico.

[2] Idem, *A Semana de Lisboa* (Supplemento do *Jornal do Commercio*.) n.º 48 (26-XI-1803). Intercalaram-se n'este artigo os supratranscriptos trechos do *Positivismo*.

*

«O que em França se realisou com Littré e Gambeta e se realisa todos os dias com dezenas de operarios do pensamento, passa-se entre nós tambem, desde já, embora lentamente, graças á propaganda da Philosophia positiva que não recruta adeptos pela violencia ou pela exaltação do sentimento, mas que cria adhesões pela fria e rigorosa demonstração da verdade. Como positivista, convencido da ineffi-cacia da revolução na maioria dos casos, vêmos com intima satisfação que o criterio da philosophia scientifica se impõe dia a dia ao espirito sincero dos democratas. Que elle se propague constantemente eis o nosso desejo, eis o desejo do sr. Theophilo Braga o que primeiro publicamente professou em Portugal as ideias fundamentaes da philosophia de Augusto Comte.» [1]

*

A geração de Coimbra e as que a seguiram nas suas iniciativas dissolveram-se n'uma debandada com algumas clamorosas apostasias; a esse facto allude Basilio Telles no livro *Do Ultimatum:* «ao começar a dispersão dos rapazes que a vida academica, o Cenaculo, inanes projectos politicos e revistas frustres tiveram congregados por algum tempo — evolvendo com pausa dos *Direitos do Homem* para a Carta do sr. D. Pedro IV...» (Pag. 321.) Explica Basilio Telles esta dispersão por: «Esse sentimento que consiste em vêr que a nação não tem futuro; que toda a esperança de uma revivescencia patria deve ser abandonada; que por tanto

[1] Dr. Julio de Mattos, *O Positivismo,* vol III, p. 364.

nada valem esforços, ideias, planos para salvar o que o destino condemnou. — Uns suicidam-se; outros sequestram-se em Thebaidas, onde não possam ir affligil-os os surdos rumôres da catastrophe que se avisinha; alguns desinteressam-se propositadamente das questões politicas e sociaes para se votarem a trabalhos restrictos de erudição ou de sciencia; os restantes, egualmente scepticos cuidam apenas em gosar á pressa e por todos os meios que a sorte lhes depara, uma vida que a derrocada hade ámanhã colher nos seus escombros.» (Pg. 221.) Basilio Telles cita apenas o nome de Antonio Ennes; o de Oliveira Martins foi alvo de rudes censuras.

«O que ha de funesto e lamentavel na deserção do sr. Oliveira Martins e nos seus pobres sophismas por encobrir-lhe a face é o *exemplo* transmittido pelo curioso *mestre* aos discipulos, incontestavelmente numerosos e corrompidos ao nascer. Olhe-se com attenção severa para este duplo exemplo: de um lado o que deixamos indicado, quando nos referimos ao revolucionario convertido; do outro lado o caso de tenacidade, de brio, de convicção ardente, de sacrificio, de desprendimento levado ao gráo, incrivel entre nós, do sacrificio da popularidade: o caso do sr. Theophilo Braga. Este homem illustre que atravessa os melhores dias da mocidade, melhor diremos a mocidade inteira, avergado ao pêzo do trabalho, da pobreza, do isolamento e da perseguição, combatido pela rotina, pela ignorancia, pelo sentimentalismo, pela inveja, pela rivalidade (!) dos madraços, por todas as phalanges do Obscurantismo, — esse homem illustre tornou-se o guia mais seguro da geração nova na obra da demolição e reconstrucção da sociedade portugueza. Quando uma hora de impaciencia ou de duvida afasta para breve

ponto do verdadeiro terreno de combate um luctador insoffrido ou menos firme, póde este reconhecer-se e orientar-se, mercê d'aquelle guia sereno, imperturbavel e digno. A popularidade, que nada tem com a justiça, poderá faltar áquelle chefe, o maior de todos os chefes verdadeiros, que nada têm com os chefes de entremez; mas a confianca dos crentes esclarecidos não lhe faltará no caminho e no trabalho em que elle é a um tempo o guia mais experimentado e o exemplo mais seguro.» [1]

*

«Todos sabem que o eminente professor, depois de uma primeira educação theologica, atravesscu a phase metaphysica revolucionaria que o nome de Hegel symbolisava ao tempo, fixando-se por fim na philosophia positiva que elle considera uma doutrina *organica* e mesmo a unica que possa substituir nas consciencias o prestigio moral das crenças abaladas e das metaphysicas, necessariamente negativas todas. —

Assim as poucas notas que se seguem, tendem só a discriminar na influencia moral que o escriptor tem exercido, a parte critica da parte organica, o que elle tem destruido e o que tem creado.

Entre os aspectos d'esta individualidade, o grosso publico não conhece senão o mais superficial, talvez o que menos o revela. E' um *positivista revolucionario,* duas palavras em contradição que não bastam a definir o seu papel na crise moral do presente.

A primeira impressão não é favoravel ao escri-

[1] Silva Pinto, *A Era Nova,* n.º 455 (20-VIII) 1885, Lisboa.

tor: elle destôa flagrantemente dos moldes habituaes do escriptor portuguez. —

Este homem deve a si tudo o que é e fez-se na eschola severa da mais immerecida adversidade; no seu caminho enriçado de arestas teve muitas vezes que levar as mãos á cabeça, ao estomago tambem, para não desfalecer na construcção da sua obra — entre fuzilaria anonyma de encruzilhada com que o assaltaram injustiças de vario calibre e especie... D'ahi os seus maiores defeitos: — a rigidez de attitude no homem, a falta de indulgencia e de humanidade na critica, um espirito pezado e hirto que não quer dar aos seus pensamentos a vivacidade graciosa e agil que os torne communicativos á multidão.

Nem como politico, nem como poeta já póde ser um escritor popular. E comtudo ninguem possuiu talvez nunca em Portugal materiaes tão ricos para o ser.

Como poeta, o que o salva, destacando-o ahi dos contemporaneos, é o vigor do traçado, o desenho firme d'essa brilhante synthese que se admira na *Visão dos Tempos* e que, só por isso como desenho póde pôr-se ao lado da *Legende des Siècles.* — Estou entretanto convencido que a *Visão dos Tempos* com as investigações que o seu auctor pessoalmente fez sobre a nossa historia litteraria, é tudo quanto da immensa obra de Theophilo se liquidará no activo da consciencia nacional d'aqui a bons cem annos. — Nem lhe acceito o seu positivismo, nem o considero um reorgauisador, a não ser na parte muito restricta da nossa historia litteraria, coisa que não existia em Portugal e que, n'um assombro de trabalho, de talento e de audacia, elle creou. Só isso bastava para encher uma vida. A coragem inaudita com que, indifferente a criticas. seguindo

sempre no seu passo de elephante, organisou essa historia, a mais completa e a mais brilhante que podia tentar-se desde que a critica litteraria passou a ser uma coisa scientifica, só isso se impõe á admiração de todos os que conhecem o valor d'esta ordem de investigações.

Pessoalmente, o que no homem se impõe ao meu espirito é — uma Consciencia — que *não sabe capitular*. E tem-lhe custado caro esta consciencia... D'ahi lhe vem a intransigencia estoica que se admira nos actos da sua vida, tanto como se estranha no dogmatismo das suas ideias. Uma virtude do caracter que se volve em defeito da intelligencia. — Mais profundo, incommensuravelmente mais sabebedor e de uma orientação mais philosophica, Theophilo Braga, pela linguagem abstracta, pelas syntheses poderosamente comprehensivas e pelo completo abandono da fórma litteraria, transcende o alcance do commum dos leitores que não podem seguil-o no dédalo das suas generalisações. E' por isso menos real, menos efficaz a sua influencia no espirito publico? Não; menos *extensa*, sem duvida; porém mais *intensiva,* apreciavel pela qualidade mais que pelo numero dos seus leitores... O pensamento philosophico tem sobre o do litterato, orador ou poeta, esta grande vantagem: — que o seu poder de penetração é lento, pouco apparente, mas seguro, infalivel e profundo, desde que defina as necessidades mentaes de uma época. Póde elle temporariamente estagnar-se n'um estylo abstruso, inaccessivel á intelligencia vulgar, e apenas apreciado pelo escol de uma geração; se tem valor, tanto basta para que o germe se desenvolva e fructifique em monção opportuna. Ha d'isso notaveis exemplos: basta-nos citar o caso de Fichte, o incomprehendido, de quem o proprio Kant suspeitou a principio e que comtudo

traçou o plano da restauração germanica, de cujas ideias fundamentaes a Allemanha vive ainda hoje em educação e em politica; — Vico, exhumado por Michelet de sob a poeira de dois seculos; — Spinosa, redivivo na philosophia contemporanea, tres seculos depois que elle enterrara seus pensamentos n'um latim barbaro e sob fórmulas mathematicas, ainda sob condição de publicidade posthuma e anonyma. —

Nas obras de Theophilo Braga ha uma selecção a fazer: entre os escombros da sua critica destructiva, por vezes facciosa e até pessoal, em que o proselytista faz da penna um azorrague e da philosophia experimental um secco dogmatismo, encontram-se filões do mais puro ouro que importa isolar, lascas diamantinas de uma creação, que para cristalisar n'uma architectura potente, só pede um esfôrço de *clivagem* na revisão...

Salva-o a sinceridade, que é para um philosopho o primeiro artigo de moral; explica-se pelas condições pessoaes de lucta descaroavel em que a obra se fez; ah! mas como elle sabe ser justo e mesmo bom quando quer! Leiam nas *Modernas Ideias na Litteratura portugueza* esse maravilhoso estudo sobre João de Deus, sem o qual, talvez, não teria vingado a consagração do grande lyrico. Oiçam-o na revindicação de alguma gloria soterrada pela ingratidão nacional, ou quando rehabilita os perseguidos e os grandes calumniados da historia, — o poeta Garção, por exemplo, Camões, cujo Centenario á sua iniciativa se deve, e tantos outros por toda essa historia litteraria, que é um monumento.

Haveria sobre este homem outro estudo a fazer, de mais vital interesse, para a historia da educação portugueza — não a que se ministra nos institutos officiaes, porém a que orienta o espirito publico. Se-

ria a historia intellectual de um seculo, reflectido nas successivas transformações do pensamento de um homem que, não obstante, fica impotente para definir á consciencia nacional a fórmula de ordem e justiça que ella reclama.

Cada um de nós, os que lêem ou escrevem, querendo refundir a historia da sua intelligencia, ha de forçosamente encontrar-se com elle n'algumas avenidas do pensamento moderno, pois que dentro d'aquelle craneo passaram todas as correntes intellectuaes do seculo. E, passando, deixaram no seu humus fecundante o germe de uma renovação mental de que é cedo ainda para medir-se toda a largueza.

Como já notei a proposito de Herculano, um dos maiores defeitos da nossa litteratura tem sido o divorcio dos escriptores entre si e com o publico: reclamando cada um de si ou de algum hierophante estrangeiro nunca chega a estabelecer-se a tradição scientifica nacional. E' a maneira de frustar-se n'uma litteratura toda a tentativa de originalidade e de filiação evolutiva. Theophilo Braga, conhecendo *de visu* quantas difficuldades d'ahi resultam á reconstrucção evolutiva do pensamento de uma nacionalidade, foi o primeiro a reagir contra tal sorte. E soube fazel-o com a maior isenção e independencia, seguindo o conselho de João Paulo Richter, que elle cita algures. E' um exemplo a seguir...» [1]

*

«Theophilo Braga soube crear uma irradiante legião de adeptos das suas theorias geraes. Isto con-

---

[1] Dr. Silva Cordeiro, *A Crise em seus aspectos moraes*, p. 379 a 398. Coimbra, 1896.

substancia uma profunda transformação no pensar portuguez. Alexandre da Conceição, Reis Damaso, Moniz Barreto, Cecilio de Sousa, Ramalho Ortigão, [1] Teixeira de Queiroz, Magalhães Lima, Luciano Cordeiro, Manuel de Arriaga, Julio de Mattos, Teixeira Bastos, José Sampaio, Antonio Candido, Augusto Coelho, Antonio Freitas, Gomes Leal, Fialho de Almeida, Silva Cordeiro, João Bonança, Abel Botelho, Abel de Andrade, José Benevides, Fernando Carvalho, Brito Camacho, Ladisláo Batalha, e muitos outros, — despertaram ao seu impulso basico. As maiores glorias litterarias da nossa terra, no que toca aos doutrinarios derivam do grande movimento iniciado pelo Mestre. Tem bastos discipulos e conscienciosos proseguidores da sua indestructivel obra.

Mesmo no Brasil, entre a fina flôr intellectual, conta o grande Poeta prestantes seguidores. Haja vista á Mensagem que em 1 de Agosto de 1880, lhe enviaram numerosos habitantes da cultivadissima Paulicêa: = Mestre, diziam, já valeis muito

---

[1] Nos *Perfis Contemporaneos*, determina-se esta influencia em Ramalho Ortigão: «juntamente com Eça de Queiroz dá-se esse famoso *Crime da estrada de Cintra*, ao mesmo tempo que no seu espirito, silenciosamente, se operava uma santa e gradual evolução scientifica, artistica e litteraria. Os velhos ideaes fugiam perante novos materiaes accumulados, e do seu velho fundo sentimental surgiam as luminosas theorias, que realisavam n'elle uma renovação absoluta e radical. A sua convivencia mais intima com Theophilo Braga, critico, historiador e litterato veiu definitivamente orientar o seu espirito, que começava a dizer alguma cousa mais do que o céo era effectivamente d'um azul profundo, e que a brisa fagueira se entretinha a ciciar no salgueiral. — Começou então para elle essa epoca gloriosa e hostil...» Christo-Amil. *Universo illustrado*, t. 1, 2.ª série, p. 206. (Nov., 1883.)

pela força da intelligencia, pela coragem de enunciar, pela firmeza das doutrinas. Poeta, historiador, philologo e philosopho, conseguistes concentrar a nossa attenção e estima. Essa estima e admiração cresceram, ao tomardes posição na politica. Mestre nas letras, na philosophia e na historia — apparecestes, para nós, mestre tambem na politica. = E a maioria dos signatarios, que tanto aprendeu nos seus livros, occupou ou occupa hoje os mais elevados cargos da Republica brasileira, foi ou é vulto saliente na litteratura, como — Campos Sales, Bernardino de Campos, Julio Castilhos, Rangel Pestana, Francisco Glicerio, Silva Jardim, Theophilo Dias, Alberto Sales, Affonso Celso, Pereira Barreto, Peixoto Gomide, Sampaio Ferraz, Pereira da Costa, Americo de Campos, Carlos Ferreira, Alcides Lima, etc. Além d'estes que subscrevem a eloquente saudação, notam-se innumerôs admiradores por esse Cruzeiro fóra, do valor de Lauro Sodré, Martins Junior, Luiz Murat...

A *obra theofiliana* está-se republicando, toda ella claramente concatenada. Tanto interessa á Lusitania como a Vera Cruz. E Litré, Gaston Paris, Léo Quesnel, Amador de los Rios, Rafael Labra, Wilhelm Storck, Gubernatis, Currus Enriquez, Maxime Formont, Elliot, Bjornson, Giner de los Rios, Aubertin, Tebaldo Falcone, hespanhoes, francezes, italianos, inglezes, allemães, scandinavos, norte-americanos, nas suas constantes criticas provam que o immenso e sabio trabalho do mestre interessa a toda o orbe.» [1]

---

[1] Fran Paxeco — *Os Escriptores portuguezes*, THEOPHILO BRAGA, p. 16 a 33. Manaus, 1899. Id. *Sangue Latino*.

*

No seu trabalho de propaganda em que a vida se lhe apresenta como um apostolado, Theophilo Braga tem seguido o principio da disciplina positiva para o estabelecimento da ordem social: approximação entre os philosophos, os *proletarios* e as *mulheres*, como os que menos corrompidos pelas noções theologicas e metaphysicas, melhor cooperarão para o advento da edade normal. Isto explica a popularidade do pensador pelo esforço das Conferencias e a sympathia manifestada pela élite feminina. A sua *popularidade* deriva de uma intuição do livre espirito das suas Conferencias. [1] A adhesão

---

[1] No n.º 7.324 do *Seculo*, (23-v-902), dando noticia da publicação da *Historia da Poesia popular portugueza*, vem um facto caracteristico:

«Assim se intitula uma vasta e luminosa obra de restauração mental e affectiva da patria portugueza, de que é auctor esta grande alma de portuguez e altissimo escritor — Theophilo Braga.

Este nome é bem conhecido de todos os que pensam: e até uma vez, ha annos, quem estas linhas escreve ouviu pronunciar o seu nome á bocca rude de um camponez, inculto guardador de bois, lavrador mondadeiro de terras asperas. Como e porque iria este grande nome soar aos ouvidos de um homem perdido entre rebanhos, edoso e embranquecido no meio dos trigaes, das levadas regadeiras e das ceifas arduas do outomno?

Mas se lhe perguntassem quem era e o que era Theophilo, o camponez não saberia responder. Não soube, mesmo. Mas é que o nome do pensador, vibrando remotos e intensos gritos nacionaes, tem-se infiltrado a pouco e pouco no povo, inconscientemente, como succedeu ao amado nome de Camões, que muitos não conhecem, mas nome que todos pronunciam, aos nomes do Marquez de Pombal, de Bocage, etc. São nomes que encarnam o symbolo da patria, em qualquer das suas manifestações do sentimento ou da mentalidade.»

feminina, é um novo criterio, que Guyot no livro *L'Art au point de vue de la Sociologie* formulou:

«*La pensée humaine comme l'individualité méme d'un être, a besoin d'être aimée pour être comprise.*»

*

«Escrevendo de Theophilo Braga observou um critico, que para comprehender a sua obra, mais do que a analyse e o sufficiente saber — é preciso amal-o. Quem, como as mulheres, tem este dom sibyllino que presente a verdade antes mesmo da comprovação scientifica? Por esse criterio completado pela sympathia, tem sido julgada a obra de Theophilo Braga pelas nossas mais illustres escriptoras e artistas, taes como D. Alice Pestana (Caiel), D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e condessa de Proença a Velha (M. Grisalde).

Archivamos aqui gostosamente as suas valiosas apreciações:

Caiel (D. Alice Pestana) dedicando a Theophilo Braga o seu livro — *Commentarios á Vida,* (pag. XII. — Lisboa, 1900), inscreve estas memorandas palavras: — «*Ao genial architecto da Civilisação portugueza integral.*»

E em uma mensagem dirigida á assembleia, reunida a convite da *Associação escolar do Ensino liberal*, expõe a illustre escriptora:

«Nas tristes contingencias do nosso viver, presente e futuro, o nome de Theophilo Braga é como um resgate para nós todos. Por mim me está parecendo que n'este acto de glorifical-o vae muito do nosso instincto de salvação.

«Sob a influencia de escuros presagios, a existencia portugueza deslisa moralmente triste. *Fóra,* já de nós se repartem quinhões como se fôramos expulsos; *Dentro,* entôam-se-nos em côro funebres ladainhas, como na presença de um ataúde.

«N'este desesperado transe, *o que não representa, — o que não deve representar* — para nós, familia portugueza, o nome d'este portuguez, cuja obra mental é um facto humano tão assombroso que o nosso entendimento como que sente cansaço de procurar abrangel-o em synthese superficial.

«Succeda o que succeder, reserve-nos o futuro a mais dura lição que ainda tenha punido o desleixo e indifferença mais culposas, — Theophilo Braga entrado como rutila parcella no *activo* da mentalidade d'este seculo, ficará, n'esta série chronologica representando dignamente Portugal no universal Congresso do saber e na sua grandiosa cúpula — a estancia matinal do Bem absoluto.»

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, exaltando fervorosamente a concepção e a realisação do poema — *Os Doze de Inglaterra* — accentua:

«A idealisação conscienciosa e carinhosa de todas as manifestações medievaes do genio amoroso do povo portuguez e do espirito cavalheiresco que animou a Nação nos seculos XIV e XV, impellindo-a á acção heroica.»

E conclue proclamando o poeta:

«Continuador inspirado de Almeida Garrett — prestou a esse poeta a mais significativa entre todas as homenagens a que o seu Centenario deu motivo.

«No meio d'este formidavel baquear politico e da desnacionalisação do mundo portuguez — consola vêr como hastêa bem alto o pendão da mentalidade portugueza. Bemdito seja!» (19 de abril de 1902.)

A proposito da piedosa homenagem da *Maior Dôr humana,* escrevia D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, (no *Reporter,* n.º 666. — 9-XI-89), ácêrca de Theophilo Braga:

«Para quem de perto ou de longe conhece a vida d'esse benemerito da patria portugueza, d'esse escriptor que se tem consagrado ao estudo áspero e rude de todas as nossas cousas, e que conhece a alma da nossa raça nas crenças e superstições, nas ideias e nos preconceitos, nas attitudes mais varias e nos habitos mais pittorescos, nas *nuances* mais incoerciveis e nas palpitações mais rapidas e mais sinceras; para quem sabe como este erudito é tambem um philosopho; como este monge do estudo é tambem um poeta delicado e fremente, e quanta necessidade têm estes trabalhadores incansaveis de alguma flôr de affecto que respirem, de alguma doçura calma que os console e que os accolha ao sahirem das lugubres gehenas da Historia; — pensar que Deus lhe arrancou do regaço os filhos que alli tinha mimosos e aconchegados, é realmente invocar a *maior dôr humana.*

«Todos, até os que estão pela sua orientação mental mais affastados do grande investigador, cuja obra é já um monumento, grandioso se não perfeito — todos se juntaram commovidos da vibração unisona da mesma piedade! E cada um mandou uma palavra de affecto, uma lagrima de

sympathia, um ai dolorido com que João de Deus compoz e entreteceu esta grinalda de flores funereas...»

Na sua tentativa de determinar o caracter nacional da musica portugueza, a condessa de Proença a Velha (M. Grisalde) foi auxiliada por Theophilo Braga na escolha de composições lyricas dos nossos poetas para unificar a palavra e o canto. Foi memoravel a *Matinée* de 14 de Janeiro de 1903, em que no seu palacio, a condessa de Proença deu uma série de composições suas comprehendendo a evolução lyrica e melodica dos seculos XIV a XIX. Na terceira parte d'essa *matinée* apresentou uma Scena lyrica sobre os amores de Soror Marianna, a *Religiosa portugueza,* composta pela talentosa titular; Theophilo Braga escrevera para esse trabalho musical a poesia lyrica dramatica. No programma d'esta *matinée* escreveu a condessa de Proença:

«A terceira parte do programma é uma tentativa de expressão dramatica, escripta litterariamente sobre a historia dos desolados amores da celebre *Religiosa portugueza,* por Theophilo Braga. Sobre o auctor do poemeto *A's Ave-Marias,* apenas consagraremos uma nota fugitiva. Com que arte sabe despertar o amor do que é portuguez, dar relêvo ás ignoradas joias litterarias desconhecidas e incomprehendidas até aqui! E como lhe deverá ser grata a patria — debaixo do prodigioso encanto do seu trabalho! Generoso com o seu talento e saber, que espalha em volta de si — acha o meio de vulgarisar ideias e problemas scientificos e historicos, dando-lhe esta encantadora fórma poetica, que prende completamente.

«A Scena descreve o fim da tarde, quando no

Mosteiro da Conceição, de Beja, tocam as *Ave Marias*.

«Marianna, sentindo-se abandonada, solta esse grito intenso do *Nunca mais* — recordando um passado que não volta, e sentindo a existencia envolta em lugubres sombras.

«Junto d'ella está sua irmã mais nova, Peregrina, que vive desde os 3 annos na clausura, e aspira a voltar para o mundo que a seduz de longe.

«Marianna, presentindo que ella aspira ao amor, deixa entrevêr a fatalidade da sua existencia, e a instancias de sua irmã faz o *racconto* emocionante da sua desgraçada paixão, decidindo-se Peregrina, pelo terror dos seus soffrimentos, a acceitar o véo negro.

«O côro final abafa toda essa angustia humana envolvendo na oração todas as aspirações e saudades.

«*A's Ave-Marias* é um thema portuguez, que a Europa conhece pela vulgarisação excepcional das *Lettres d'une Religieuse portugaise*, admiradas pela intensidade do sentimento que as dictou.

«Que melhor thema para dar relêvo ao caracter tambem sentimental da nossa melodia!

«Aqui ficam os primeiros esforços para demonstrar que a lingua portugueza se presta admiravelmente ao canto, e que as nossas melodias populares encerram a tonalidade da nossa patria.

«Oxalá que o nosso ideal seja proseguido por outros com mais talento e recursos, que possam, emfim, realisar o que hoje singelamente esboçamos.»

Depois de este accorde perfeito, em que a intuição feminina de quatro almas de *élite* consagra a

obra de Theophilo, apenas me atrevo, pelo conhecimento da *Visão dos Tempos,* Epopêa da Humanidade, e da *Alma Portugueza,* Epopêa da nacionalidade, a determinar o logar que lhe compete na litteratura moderna do nosso paiz: — *O maior dos Poetas portuguezes.*» [1]

*

José Sampaio (Bruno) na sua obra *A Geração moderna,* synthetisa a missão de Theophilo Braga:

«Não vindo aqui momento idoneo para traçar sequer as grandes linhas geraes d'esta poderosa individualidade, não será ainda assim descabido desde que o nome de Theophilo Braga nos correu naturalmente dos bicos da penna, [2] como succederá nos mais variados departamentos do espirito, logo que se trate dos trabalhos da nova geração portugueza, chamar a attenção dos que lêem entre nós, e especialmente da gente môça, á qual estas linhas simples mais particularmente se dirigem, para este raro exemplo a imitar.

N'este tempo de decadencia, em que diariamente se assiste á dissolução dos caracteres na intriga politica, que enodôa a nação de lado a lado; quando

---

[1] Olga Moraes Sarmento da Silveira. O dr. Mazzacapo escrevia em 1904: «*maggiore fra i poeti* e gli eruditi *portoghesi viventi,* — voglio dire di Teofilo Braga.» (Rassegna italiana, vol. I, p. 385.) Oliveira Martins proclamando-o: «*um grande entre os grandes poetas modernos*» conclue: — «amemol-o porque trabalha.» — (*Canc. e Romanceiro*, p. 41.)

[2] A proposito dos *Contos phantasticos:*

«Não era um desconhecido o auctor d'este livro; antes um renome prolongado o assignalava na opinião, — seus *Contos*, elles são, n'uma fórma rica, enunciativos dos recursos extraordinarios do escriptor. Por elles se vê a influencia do espi-

a fé em symbolos, que já nada representam ao espirito, só morosamente se substitue por prolificas verdades, mais dando logar a um desolado scepticismo, esteril e frio, é realmente consolador volver os olhos para personalidades como Theophilo Braga, dando de penhor á causa do futuro todo o sangue que lhe corre nas veias.

N'uma terra de madraços, este homem affirma a grande força do trabalho, tenazmente enclausurado no estudo, vivendo para a sua obra; n'um paiz, onde a indifferença pelos interesses collectivos confina os homens nas preoccupações dos seus egoismos, Theophilo Braga propaga o seu credo com o ardor messianico dos primeiros christãos; e a uma patria, que se sente perdida a seguir no caminho desastroso que a sua historia tem percorrido e que, todavia, se não possue da coragem de, emancipada dos seus erros e livre dos preconceitos que a inutilisam, começar uma vida nova, elle procura, sem permittir a victoria aos funestos desalentos, que tem prostrado tantas dedicações indisciplinadas, incutir-lhe a salutar confiança nos seus destinos vindouros.

A meio da sua carreira, este homem singular tem

---

rito tradicional, para cuja orientação o litterato se não tem cansado de chamar os cuidados dos nossos artistas.

«A tendencia philosophica do escriptor revela-se na lembrança d'essa magnifica *Vertigem do Infinito* e nas inducções á espontaneidade de uma imaginação ardente appareceu na *Lava de um craneo.*

«Pelo que se refere á execução litteraria, estes *Contos* são frementes de impeto e, na sua precoce sabedoria, como Edgar Poë, o artista tira os effeitos mais estheticamente impressivos da sua vasta erudição, mostrando assim a inanidade do criterio que julga desimaginativa a cultura scientifica.» (Pag. 105.)

a coragem rara de fazer a reconstrucção das suas ideias submettendo a um methodo novo todo o corpo das suas opiniões anteriores, creando assim o direito de ser tão severo para os outros como o começou por ser para si mesmo; e a sua insaciavel sêde de saber condul-o a occupar-se, com um cuidado egual, de todos os problemas tão complexos, que se offerecem ás meditações humanas, evadindo-se por esta fórma da inferioridade mental que provém da exagerada especialidade do trabalho.

Modelo de civico altruismo, a sua actividade reparte-se por toda a área dos conhecimentos e a sua penna está sempre prompta a diffundir as acquisições constantes de um estudo ininterrompido. Historiador, poeta, philosopho e critico, elle comprehendeu que um dos grandes erros das passadas gerações litterarias foi o de não transportar aos dominios politicos a influencia, mais pura, da sua suprema intellectiva, deixando, por um desdem lamentoso e injustificavel, a direcção da sociedade nas mãos dos intrigantes e dos ineptos, como entre nós succedeu com Alexandre Herculano, cujo poder espiritual directamente não serviu a nacionalidade, que o venerou mais ou menos inconscientemente. Por isso Theophilo Braga applica as suas pujantes faculdades de critico ao exame circumstanciado do modo de sêr, politico, religioso, e economico do paiz. Elle é o primeiro a apreciar n'um conjuncto de doutrina politica a vaga aspiração de reforma, que sente esta sociedade doente e, traçando a linha do desenvolvimento ulterior d'essa aspiração confusa, elle procura resolvel-a n'uma applicação concreta da philosophia por que se norteia.

Esse é o seu trabalho dos ultimos annos; á maneira do que Littré compendiára nas suas *Applica-*

ções da Philosophia positiva ao governo das sociedades, Theophilo Braga, nas suas *Soluções positivas da Politica portugueza,* julga encontrar o corpo da doutrina tendente a restabelecer em bases duraveis uma sociedade politica que ameaça dissolver-se. Para isso não lhe bastam os sentimentaes frémitos para um ideal indefinido de justiça nem se contenta de applicar fórmulas politicas ou sociaes, concebidas no abstracto das theorias; antes se esforça em referir a sua concepção ao particularismo do meio sobre que ella tem de actuar, filiando-a na estructura da raça e fortalecendo-a na tradição collectiva.

Para elle a sociedade portugueza não é o producto inexplicavel dos grandes homens, mas, corolario inevitavel de um condicionalismo natural, ella tem n'esse facto mesmo a segurança da sua persistencia autonoma, dado que siga as *étapes* que as condições que a determinem e garantem, lhe ordenam percorra. D'esta consideração fundamental, largamente desenvolvida, provém toda a doutrina republicana e federalista, em cuja propaganda este homem superior se tem empregado ultimamente, audacioso fêcho de uma carreira gloriosa.

Como poeta, Theophilo Braga, pela sua concepção grandiosa da Epopêa cyclica da Historia, elevou-se a pontos a que raro se tem chegado nas litteraturas romanicas. [1] Como historiador, elle dá a prova da exuberancia de estudo, da profusão dos materiaes recolhidos bem como da sagacidade na critica dos factos, na hermeneutica dos documentos.

---

[1] Nos seus *Estudios inglezes,* Carlos Arturo Torres, consul de Columbia em Liverpool, escreve acerca da *Visão dos Tempos:* «Teofilo Braga — és un gran poeta filosofico. Pensador

Como portuguez, elle é um padrão de civismo, em que a mocidade não deve deixar um momento de aprender.

Na variedade das suas aptidões e na complexidade convergente dos seus esforços, Theophilo Braga fica, pois, uma figura tão extraordinaria e potente que, no moderno Portugal, para encontrar alguma cousa similhante, temos de recorrer ao só confronto d'esse collosso que se chamou Garrett.» [1]

---

enteramente moderno funde en su mente poderosa la doctrina de Augusto Comte, la influencia de Hegel y de Vico. — Un espirito assi conformado y assi nutrido al tender su vuelo por los horisontes de la Poesia, tenia que producir una obra formidable, el gran Poema epico de la moderna mentalidad; tal es la *Vision del Tiempo* (Epopéa de la Humanidad) una de las creaciones capitales del pensamiento contemporaneo. Imaginemos la *Legenda de los Siglos*, pero con el criterio y disciplina cientifica que faltaban a Hugo; el *Ahasverus*, de Quinet pero con el rigor metodico de la concentracion acerada, que faltaban a este; *Justice et Bonheur*, de Sully Prudhomme, pero con una amplitud de asunto infinitamente mayor. Es la Epopéa de la emancipacion moral del genero humano.» (Pag. 316 a 318.)

E o prof. Antonio Padula, no seu estudo *Camoens e i nuovi Poeti portoghesi*, conclue sobre a *Visão dos Tempos*: «I detti poemi, disposti por ordine cronologico e filosofico, constituiscono l'Epopea dell' Umanitá, nonche uno dei piu grandi monumenti poetici di tutli i secoli, Come ben diceva Anthero do Quental, rimane il dubio se quegli episodii abbia scritto un poeta contemporaneo di essi, ovvero un poeta dei nostri tempi.» (p. 59.)

[1] José Sampaio (Bruno), *A Geração moderna*. — Ensaios criticos, p. 101 a 105. Porto, 1885.

Bibliographia geral das Obras de Theophilo Braga

1859 — *Folhas Verdes* — Ponta Delgada. MDCCCLIX. 1 vol., in-8.º gr. de xx-258 p.
» — Collaboração no *Templo, Santelmo*, etc.
1862 — Collaboração no *Instituto*, de Coimbra.
1863 — *Stella Matutina*, Poema biblico — Porto 1863. In-8.º de 14 p. Folheto.
1864 — *Visão dos Tempos:* Antiguidade homerica — Harpa de Israel — Rosa Mystica. — Porto, 1864. 1 vol., in-8.º de XXXII-185 p.
» — *Idem* — Rio de Janeiro. 1 vol., in-8.º gr. de XXII-127 p.
» — *Tempestades Sonoras* — Porto, 1864. 1 vol., in-8.º de XXX-200 p.
1865 — *Poesia do Direito* — Porto, 1865. 1 vol., in-8.º de XVI-184 p.
» — *Contos Phantasticos* — Lisboa, 1865. 1 vol., in-8.º de XI-217 p.
» — *Theocracias litterarias* — Relance sobre o estado actual da Litteratura — Lisboa, 1865. In-8.º de 14 p. Folheto.
1866 — *Ondina do Lago.* Poema. — Porto, 1866. 1 vol., in-8.º de XXXVII-200 p.
1867 — *Historia da Poesia popular portugueza* — Porto, 1867. 1 vol, in-8.º de VIII-222 p.
» — *Cancioneiro popular*, colligido da tradição oral. — Coimbra, 1867. 1 vol., in-8.º de VIII-223 p.
» — *Romanceiro geral* — Coimbra, 1867. 1 vol. de VIII-216 p.
1868 — *Gaia*, por João Vaz. — Coimbra, 1868. Folheto in-8.º gr. de VIII-40 p.
» — *Historia do Direito portuguez* — Os Foraes — Coimbra, 1868. 1 vol. in-8.º gr. de XV — 157 p.
» — *Theses sobre os diversos ramos de Direito* — Coimbra, 1868. In-8.º gr. de 22 p. Folheto.
» — *Caracteristicas dos Actos commerciaes* — Porto, 1868. Folheto in-8.º gr. de 46 p.

1868 — *Revista critica de Litteratura moderna* — Porto, 1868. Folheto in-8.º de 32 p.
» — *Obras primas* de Chateaubriand — Coimbra, 1868. 1 vol., in-8.º de VIII-246 p.
1869 — *Torrentes* — Porto, 1869. 1 vol., in 8.º de VIII-318 p.
» — *Visão dos Tempos* — Porto, 1869. 1 vol. de XLVII-219 p. (3.ª ed. correcta e augmentada).
» — *Folhas Verdes* — Versos dos quinze annos — Porto, 1869. 1 vol., in-8.º de VIII-290 p.
» — *Cantos populares do Archipelago açoriano* — Porto, 1869. 1 vol., in 8.º de XVI-478 p.
» — *Floresta de varios Romances* — Porto, 1869. 1 vol, in-8.º de LII-217 p.
» — *Historia da Poesia moderna em Portugal* — Porto, 1869. Folheto in-8.º de 20 p.
» — *Excavações bibliographicas* — Porto, 1869. In-8.º. Folheto de 15 p.
» — *Obras primas* de Balzac — Porto, 1869. 1 vol., in-8.º de XXXII-263 p.
1870 — *Historia da Litteratura portugueza* — Introducção — Porto. 1870 In-8.º de VIII-355 p.
» — *Historia do Theatro portuguez* (Seculo XVI) — Porto, 1870. 1 vol., in-8.º de VIII-326 p.
» — *Historia do Theatro portuguez* (Seculo XVII) — Porto, 1870. 1 vol., in-8.º de VIII-364 p.
» — *Estudos da Edade média* — Porto, 1870. 1 vol., in-8.º de VII-352 p
» — *Espirito do Direito civil moderno* — Porto, 1870. Folheto in 8.º de 40 p.
1871 — *Historia do Theatro portuguez* (Seculo XVIII) — Porto, 1871. 1 vol., in 8.º de VIII-400 p.
» — *Historia do Theatro portuguez* (Seculo XIX) — Porto, 1871. Vol., in-8.º de VIII-296 p.
» — *Historia dos Quinhentistas* — Porto, 1871. 1 vol., in-8.º de VIII-328 p.
» — *Obras de Christovam Falcão* — Porto, 1876. In-4.º. Folheto de 24 p. (prologo); 40 de texto.
» — *Epopéas da Raça mosarabe* — Porto, 1871. 1 vol. de VII-378 p.
» — *Trovadores galecio-portuguezes* — Porto, 1871. In-8.º de VII-347 p.
» — *Poetas palacianos* (do seculo XV) — Porto, 1871. 1 vol, in-8.º de VI-435 p.
1872 — *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas* — Porto, 1872. 1 vol. in-8.º de VIII-316 p.

1872 — *Theoria da Historia da Litteratura portugueza* — Porto, 1872. 1 vol., in-8.º de 102 p.
» — *Os Criticos da Historia da Litteratura portugueza* — Porto, 1872. In-8.º, folheto de 48 p.
» — *Os Lusiadas* — Edição popular. — Porto, MDCCCLXXII. 1 vol., in-32, de XXIV-449 p.
1873 — *Historia de Camões* — Porto, 1873. 1 vol., in-8.º de VIII-443 p.
» — *Sobre a Litteratura portugueza* — Porto, 1873. (Introducção ao Dicc. do Fr. Domingos Vieira), 2.ª edição da *Theoria*.
» — *Sobre a Origem portugueza do Amadis de Gaula* — Imola, 1873. Folheto. (Separata da *Rivista di Filolozia Romanza*). In-8.º de 11 p.
» — *Historia das Novellas portuguezas de Cavalleria:* Amadis de Gaula — Porto, 1873. 1 vol., in-8.º de VI-300 p.
» — *Cronica da fundaçam do Moesteyro de Sam Vicente.* Porto, 1873 In-4.º de 25 folhas innumeradas.
» — *Obras completas de Luiz de Camões* — Porto, 1873 a 1874. 7 vol., in-8.º peq. (Bibliotheca da Actualidade.)
» — *Bibliographia critica de Historia e Litteratura* — Porto, 1873 a 1875. 1 vol., in-8.º gr., de 390 pag. (Collaboração.)
1874 — *Historia de Camões:* (sua Eschola) — Porto, 1874. 1 vol., in-8.º de VI-592 p.
» — *Obras completas de Camões.* (Vide supra.)
1875 — *Manual da Historia da Litteratura portugueza* — Porto, 1875. 1 vol., in-8.º de VII-475 p.
» — *Obras completas de Bocage* — Porto, 1875 a 1876. 7 vol., in-8.º peq. (Da Bibliotheca da Actualidade.)
» — *Philosophie Positive*, de Littré. (Collaboração.)
1876 — *Antologia portugueza* — Porto, 1876. 1 vol., in-8.º de XXVII-350 p.
» — *Grammatica portugueza elementar* — Porto, 1876. 1. vol. de XI-151 p.
1877 — *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria* — Porto, 1877. 1 vol., in-8.º peq. de 307 p.
» — *Parnaso portuguez moderno* — Lisboa, 1877. 1 vol., in-8.º de LXIV-320 p.
» — *Cancioneiro portuguez da Vaticana* — Breslão. (Separata da Zeitschrifte fur Romanische Litteratur). Folheto.
» — *Traços geraes de Philosophia positiva* — Lisboa, 1877. 1 vol., in-8.º gr. de 240 p.

1877 — *Michelet* — Conferencia — Lisboa, 1877. In-32, de 31 p.
» — *Academia*. De Madrid. (Collaboração.)
» — *Rivista di Letteratura Popolare* — Roma. (Collaboração.)
1878 — *Cancioneiro portuguez da Vaticana* — Edição critica. Lisboa, 1877. 1 vol. in-4.º de CXII-236 p.
» — *Voltaire*. Conferencia. — Porto, 1878. In-8.º gr. de 26 p.
» — *O Positivismo* — Porto, 1878. Tomo I. (Collaboração.)
1879 — *Historia universal* — Lisboa, 1879. 1 vol., in-8.º gr. de 284 p.
» — *Soluções positivas da Politica portugueza* — Lisboa, 1879. In-32: I, 94 p.; II, 132; III, 386 p.
» — *Cartas curiosas do Abbbde Costa* — Coimbra, 1879. In-8.º. Folheto de 24 p.
» — *O Positivismo* — Porto. Tomo II. (Collaboração.)
1880 — *Historia do Romantismo em Portugal* — Lisboa, 1880. 1 vol., in 8.º de 519 p.
» — *Parnaso de Luiz de Camões* — Porto, 1880. 3 vol., in-8.º. I, de VL-102 p.; II, 176; III, 212 p.
» — *Os Lusiadas* — (Edição do Centenario) — Porto, 1880. 1 vol., in-8.º gr. LX-451 p.
» — *Bibliographia Camoniana* — Lisboa, 1880. 1 vol., in-4.º de 256 p.
» — *Retrato e Biographia de Camões* — Lisboa, 1880. (Tira, dobrando em 32, com 6 p.)
» — *O Poema de Camões* — Lisboa, 1880. In-8.º de 8 p.
» — *Origens poeticas do Christianismo* — Porto, 1880. 1 vol., in-8.º de VIII-296 p.
» — *O Positivismo* — Porto, 1880. Tomo III. (Collaboração.)
» — *Camões e a Typographia* — Conferencia — Lisboa. (No Relatorio da Associação Typographica.)
1881 — *Questões de Litteratura e Arte portugueza* — Lisboa. 1 vol., in-8.º gr. de 408 p.
» — *Theoria da Historia da Litteratura portugueza* — Porto, 1881. 1 vol., in-8.º de VIII-206 p. (3.ª edição.)
» — *Dissolução do Systema monarchico representativo* — Lisboa, 1881. 1 vol., in-16, de IV 204 p.
» — *A Era Nova* — Lisboa, 1881. (Collaboração.)
» — *Plutarcho portuguez* — Porto. In-fol., 1 vol., 1881; II, 1882. (Collaboração.)
1882 — *Historia Universal* — Lisboa, 1882. 1 vol., in-8.º gr. de 320 p. Tomo II.
» — *Os Lusiadas* — Lisboa, 1882. 2 vol., in-32; tomo I, XX-125 p.; II, IX-140 p.
» — *O Positivismo* — Porto, 1882. Tomo IV (Collaboração.)

1883 — *Contos tradicionaes do Povo portuguez* — Porto, 1883. 2 vol. de: I, LI-232 p.; II de XXX-243 p.
» — *Cantos populares do Brasil* — Porto, 1883. 2 vol., I de XXXII 286 p., II, de 240.
» — *Excerptos de um Cancioneiro de Evora* — Evora, 1883. In-32.
» — *Revista de Estudos livres* — Porto, 1887. In-8.º gr. Tomo I. (Collaboração.)
1884 — *Miragens seculares* — Porto, 1884. I vol. in-8.º de XI 240 p.
» — *Systema de Sociologia* — Lisboa, 1884. I vol., in-8.º gr. de XVI-528 p.
» — *Os Centenarios como Synthese affectiva* — Porto, 1884. I vol., in-16 de IV-204 p.
» — *Revista de Estudos livres* — Porto, 1884. Tomo II. (Collaboração.)
» — *Illustracion iberica* — Barcellona. (Collaboração.)
1885 — *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições* — Coimbra, 1885. 2 vol., in-8.º, 1.º de VIII-416 p., 2.º de 546 p.
» — *Contos populares do Brasil* — Porto, 1885. I vol., in-8.º de XXXVI-235 p.
» — *Curso de Historia da Litteratura portugueza* — Porto, 1885. I vol., in 8.º gr. de 411 p.
» — *Cancioneiro popular gallego.* (Prologo) — Madrid, 1885. 3 vol., in 8.º
» — *Revista de Estudos livres* — Porto, 1885. Tomo III. (Collaboração.)
» — *Os Lusiadas.* Edição fac-simile. (Prologo.)
1886 — *Fabulas de Lafontaine* (Fab. XX e o Prologo) — Lisboa, 1886. In-folio.
1887 — *A primeira poesia impressa de Luiz de Camões* — Lisboa, 1887. Folheto in-4.º de 22 p.
1888 — *Os Lusiadas — Epopéa da Civilisação moderna* — Porto, 1888. Na edição dos *Lusiadas* da Cidade do Porto.
1889 — *Um Soneto de Camões glosado por Philippe II* — Lisboa, 1889. Folheto in-8.º de 30 p.
1890 — *A Epopéa da Humanidade.* (Na *Revista de Portugal.*)
» — *O Seculo XVIII em Portugal* (Ibidem.)
» — *Camões e a Poetia popular na India portugueza.* (No *Circulo Camoniano*)
» — *O maravilhoso, na Epopéa dos Lusiadas.* (Ibid.)
1891 — *Manifesto e Programa do Partido republicano portuguez.* Folha avulsa — Lisboa, 1891.

1891 — *Historia da Universidade de Coimbra* — Lisboa, 1891. In-8.º gr, Tomo I, de XVI-600 p.
» — *Camões e o Sentimento nacional* — Porto, 1891. 1 vol., in-8.º de VII-324 p.
1892 — *As modernas Ideias na Litteratura portugueza* — Porto, 1892. 2 vol., in-8.º, I-450 p.; II, 516.
» — *As Lendas christãs* — Porto, 1892. 1 vol. in-8.º de XI-400 p.
» — *Raios de extincta luz* — Poesias inéditas de Anthero. — Lisboa, 1892. 1 vol, in-8.º peq. de XLVIII-258 p.
» — *Camões, a Typographia e as Sciencias no seculo* XVI. Conferencia. — Lisboa, 1892. In 8.º gr. gothico de 8 p.
» — *A Synthese cartesiana* — Coimbra. (Prologo ao livro *Sobre a influencia do Cartesianismo* por Abel Andrade.)
» — Prologo á *Exposição popular do Positivismo* — Lisboa.
» — Prologo ao livro posthumo *Outomnaes* de Alexandre da Conceição — Porto.
» — *O Centenario da Descoberta da America* — Lisboa, In-4.º gr. de 20 p.
» — *Parecer para a impressão do Catalogo razonado* do Dr. G. Perez — Lisboa.
1893 — *Alma Portugueza* — Selecção de poesias lyricas — Porto, 1893. In-8.º gr. 1 vol. de VIII-202 p. (Com platino-typia.)
1894 — *O Mar tenebroso* — Porto, 1894. In-4.º : folheto de 47 p.
» — *Campo de Flores* de João de Deus — Lisboa, 1 vol.
» — *Contos phantasticos*. 2.ª edição — Lisboa, 1894. 1 vol., in-8.º de VII-216 p.
» — *A Patria portugueza* — O Territorio e a Raça — Porto, 1894. 1 vol., in-8.º de XVI-320 p.
» — *Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade* — Lisboa, 1894. Folio de XLII-168 p. (Das *Memorias da Academia*.)
» — *Historia da Universidade de Coimbra*. Tomo II. — Lisboa, 1894. 1 vol. In-8.º de 846 p.
» — *Tercetos de Camões* — Lisboa, 1894. Folheto in-8.º de 12 pag., com photo-lythographias.
» — *Visão dos Tempos* — Porto. 1894. 2.ª ed. in-8.º — I, XXI, 376 p.; II, 392 p.
1895 — *Idem*. Ibid., t. III, 334 p., IV-506.
» — *Introducção e Theoria da Historia da Litteratura* — Porto, 1895. 1 vol. in-8.º de VIII-440 p.

1895 — *Sá de Miranda e a Eschola italiana* — Porto, 1895. 1 vol., in 8.º de VIII-400.
1895 — *Anthero de Quental — Rodrigues de Freitas* — Lisboa, 1896. Folheto in-8.º de 21 p.
» — *Real Casa Pia* (Prologo) — Lisboa. In-8.º de XV-192 p.
» — *Campo de Flores* de João de Deus — Lisboa, 1896. 1 vol, in-8.º de XXV-689. Add.
1897 — *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* — Porto, 1897. 1 vol., in-8.º de VII-435 p.
1898 — *Prosas* de João de Deus — Lisboa, 1898. 1 vol., in-8.º peq. de XII-733 p.
» — *O Velho do Restello* — Lisboa, 1898. Folheto, in-4.º de 28 p.
» — *O Baptismo das Náos* — Lisboa, 1898. Folheto, in-4.º de 16 p.
» — *Gil Vicente e as origens do Theatro portuguez* — Porto, 1898. 1 vol de VIII-544 p.
» — *Eschola de Gil Vicente e o Desenvolvimento do Theatro nacional* — Porto, 1898. 1 vol., in-8.º de 586 p.
» — *Historia da Universidade de Coimbra* — Lisboa, 1898. Tomo III. 1 vol. de 772 p.
» — *Memorias para a Vida de José Agostinho de Macedo* (Obra posthuma de Innocencio) — Lisboa, 1898. 1 vol., in-8.º gr.
» — *Proposta para a Impressão dos Cancioneiros trobadorescos portuguezes* — Lisboa, 1898. Folheto.
1899 — *A Arcadia lusitana* — Porto, 1899. 1 vol., in-8.º de VIII-644 p.
» — *Obras ineditas* de Macedo — Lisboa, 1899. 1. vol.
» — *Os Doze de Inglaterra* (Excerptos) — Lisboa, 1899. Folheto de 20 pag.
1900 — *Garrett e o Pantheon* — Coimbra, 1900. Folheto in-16, de 8 p.
» — *Mais Mundos!* (Poemeto) — Rio de Janeiro, 1900. Folheto in-8.º de 16 p.
» — *Camões* (Biographia na *Encyclopedia illustrada*) — Porto. Folheto de 2 p.
» — *João Francisco Lisboa*. Proemio á edição de Lisboa das suas Obras.
1901 — *Idem* — Maranhão. In-8.º de 22 p.
» — *Eça de Queiroz e a sua Obra* (Conferencia) — Lisboa, 1901. Folheto in-8.º de 14 p.
» — *Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia* — Porto, 1901. 1 vol., in-8.º de 730 p.

1901 — *Psychose do Fausto* (Poemeto) — Coimbra, 1901. In-8.º de 46 p.
» — *Actas das Sessões da Academia*, n.º 1 — *(Proposta dos Cancioneiros.)*
» — *Uriel da Costa* — Estudo autobiographico — Lisboa, 1901. In-4.º de 36 p.
» — *Obras inéditas* de José Agostinho — Censuras — Lisboa, 1901. 1 vol. de XXIV-340 p.
1902 — *Historia da Universidade de Coimbra* — Lisboa, 1902. Tomo IV. 1 vol., in-8.º gr. de 688 p.
— *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria* — Porto, 1902. 1 vol., in-8.º de 611 p.
» — *Os Doze de Inglaterra*. Poema. — Porto, 1902. 1 vol., in-8.º de VIII-304.
» — *A Questão religiosa em Portugal* — Folha avulsa do jornal *O Norte*, do Porto.
» — *Idem* — Portalegre, 1902. Folheto de 34 p.
» — *Historia da Poesia popular portugueza* (As Origens.) — Lisboa, 1902. 1 vol, in-8.º de 480 p.
» — *Sobre o Cancioneiro geral de Evora* — Evora, 1902. In-8.º gr. de XIII p.
1903 — *Viriatho*. Narrativa épo-historica — Porto, 1903. 1 vol., in-8.º de IX-367 p.
» — *Quarenta annos de Vida litteraria* — Lisboa, 1903. 1 vol., in-8.º de LXXI-248 p.
» — *Obras completas de Garrett* — Lisboa, 1903. 2 vol., in-4.º gr. a 2 coll.
» — *Idem*. Ibid., 28 vol., in-8.º peq.
1904 — *Garrett e o Romantismo* — Porto, 1904. 1 vol., in-8.º de 544 p.
» — *Antonio José* — Martyr do Livre Pensamento — Lisboa. Folheto. In-8.º
1905 — *Historia da Poesia popular portugueza* (Cyclos Epicos). — Lisboa, 1905. 1 vol., in-8.º de VIII-569 p.
» — *Frei Gil de Santarem* (Fausto portuguez.) — Porto, 1905. 1 vol., in-8.º de XXII-376
» — *Garrett e as Dramas romanticos* — Porto, 1905. 1 vol., in-8.º de IV-600 p.
» — *O Festival de João de Deus* — Lisboa, 1905. 1 vol., in-8.º de XXXII-508 p.
» — *O Frei Luiz de Souza, de Garrett* (Prologo) — Lisboa, 1905. Folheto.
» — *Tricentenario da publicação do D. Quixote* (Conferencia) — Lisboa, 1905. Folheto.
» — *Cervantes de Saavedra* (estudo no *Occidente*) — Id.

1905 — *Quem foi o auctor do Segundo D. Quixote* — Lisboa, 1905. Folheto.
» — *Paulo e Virginia*, traducção inédita de Bocage. (Prologo biographico) — Porto, 1905. 1 vol, in-8.º
1906 — *Spinosa* (Conferencia) — Lisboa, 1906. Folheto de 23 p.
» — *Joaquim Silvestre Serrão, e a Musica religiosa* — Lisboa, 1906. In-12 de 61.
» — *Romanceiro geral portuguez* — Lisboa, 1906. 1 vol., in-8.º de VIII-640 p. Tomo I.
1907 — *Idem*. Ib. 1907. In 8.º de IV-580 p. Tomo II.
» — *Camões — Epoca, Vida e Obra* — Porto, 1907. 1 vol. de VIII-850 p.
» — *Gomes Freire*. Drama historico — Porto 1907. 1 vol. de XII-304.
1908 — *Camões — Obra e Eschola*. 2 vol., (No prélo.)
» — *Inez de Castro*. Trilogia. (No prélo.)
» — *Historia de Portugal*. (No prelo.)
» — *Romanceiro geral portuguez*. Tomo III. (No prelo.)

QUINQUAGENARIO

(1858 a 1908)

EM CINCOENTA ANNOS DE ACTIVIDADE MENTAL

INTRODUCÇÃO — THEOPHILO BRAGA: Caracteristica da actividade mental — Synthese do trabalho effectuado, por J. D. Ramalho Ortigão. ..... 1 a 16

I

A Eschola de Coimbra

e a dissolução do Romantismo

Aspecto d'essa época, por Anthero de Quental 17
A) A GERAÇÃO ACADEMICA DE 1862 A 1864 por Eça de Queiroz — Alberto Sampaio — Manuel de Arriaga — Anselmo de Andrade — Corrêa Barata — Augusto Fuschini — Alexandre da Conceição — Leite de Castro — Magalhães Lima ..... 18 a 34
B) A QUESTÃO LITTERARIA — UM PENSAMENTO DA MOCIDADE REALISADO GRADATIVAMENTE — Anonymo *(Os Coimbrões)* — Anthero de Quental — João Machado de Faria e Maia — Abel Botelho — Marianno Machado de Faria e Maia = Raymundo Capella — Dr. José de Lacerda ..... 34 a 58
C) JUIZO DEFINITIVO SOBRE A INFLUENCIA DA ESCHOLA DE COIMBRA — Basilio Telles — José Caldas — Ramalho Ortigão ..... 59 a 84

II

A obra de renovação poetica

TENTAMES LITTERARIOS DE 1858 — F. M. Supico — Eugenio Vaz Pacheco — José d'Amaral..... 85 a 96
PERIODO CONSTRUCTIVO DA ESCHOLA DE COIMBRA — O meio de Coimbra, pelo Dr. Antonio José de Almeida..... 96
A) Idealisação da Humanidade — Elaboração da Epopêa cyclica da Historia (1864 a 1869) = **Visão dos Tempos**
1 — PHASE HEGELIANA = *(Lucta da Liberdade contra a Fatalidade)* = *Visão des Tempos* — *Tempestades Sonoras* — *Ondina do Lago* — *Torrentes* = Anthero de Quental — Pinheiro Chagas — Belfort Duarte — Costa Godolphim — Leonel de Sampaio — Camillo Castello Branco — Antonio Feliciano de Castilho — Alexande Herculano — Luciano Cordeiro — Oliveira Martins — Julio de Vilhena — Candido de Figueiredo — L. Jardim — Maxime Formont — Dr. Xavier da Cunha — Eduardo Vidal..... .... 98 a 195
2 — PHASE COMTEANA I — *(A continuidade humana no seu determinismo psychologico)* = *Mirsagens Seculares* — José Leão — Guilherme Moniz Barreto — Silva Lisboa — Dr. Rodrigo Velloso..... 196 a 21
EDIÇÃO INTEGRAL DA VISÃO DOS TEMPOS — José Sampaio (Bruno) — Antonio Maria de Freitas — *(Debates e Paiz)* — Teixeira Bastos — Dr. Emilio Teza — Philéas Lebesgue ... . 195 a 25
PHASE COMTEANA II — *(A continuidade humana objectivada na expressão sociologica dos grandes Mythos tradicionaes* 251
B) Idealisação nacionalista — (Rhapsodias da Grande Epopéa de um pequeno Povo (1902 a 1908) — **Alma Portugueza** — Philéas Lebesgue 252
1.º VIRIATHO — Narrativa epo-historica — Dr. Mezzacapo — João Grave — Dr. Marques Braga — Alfredo Gallis — A. Fernandes Agudo — Lino de Macedo — Henrique de Vasconcellos — Annibal Passos — Fran Paxeco — Alberto Osorio de Castro — D. Virginia Quaresma — Dr. Candido de Figueiredo..... 260 a 300
2.º FREI GIL DE SANTAREM — Abel Botelho — Dr. Marques Braga — João Grave — Mayer Garção... 301 a 311
3.º OS DOZE DE INGLATERRA (Poema) — D. Carolina Mi-

chaëlis — A. Fernandes Agudo — *(Paiz* — Rio de Janeiro) — Jacob — Mayer Garção — Fran Paxeco — Fernandes Agudo..... 320 a 352
O Peito Lusitano — Rhapsodias cyclicas da Navegação — Dr. Emilio Teza — Oliveira Gomes — Cunha e Costa — Luciano Fataça — Faustino da Fonseca. 352 a 358

III

A obra de renovação historica

Eça de Queiroz..... 359
A) A evolução final do Romantismo — Oliveira Martins 360
Historia da Litteratura portugueza — Anthero de Quental..... 364 a 371
1 Criterio ethnologico — *Fontes tradicionaes da Litteratura portugueza* — **A Patria portugueza** (O Territorio e Raça) — José Sampaio (Bruno) — Bento Carqueja..... 372 a 377
O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições — Dr. Souza Viterbo — Paul Sébillot — Alejandre Guichot..... 377 a 382
Contos tradicionaes do Povo portuguez — Teixeira Bastos — D. José Carracido..... 382 a 393
Historia da Poesia popular portugueza — Dr. Marques Braga..... 393 a 427
Romanceiro geral portuguez — Dr. Marques Braga — José Verissimo — D. Carolina Michaëlis..... 428 a 440
2. Criterio psychologico — *As grandes individualidades* — João Grave..... 440
Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza — F. A. Coelho — José Sampaio (Bruno) — Theodoro de Magalhães..... 443 a 450
Trovadores Gãlecio-Portuguezes — D. Carolina Michaëlis — Gustave Grober — Menendez Pelayo.... 450 a 453
Formação do Amadis de Gaula — M. Pelayo.... 455 a 458
Christovam Falcão — Bernardim Ribeiro e o Bucolismo — Dr. Rodrigues de Gusmão — José Sampaio (Bruno) — D. Carolina Michaëlis — Antonio Maria de Freitas..... 458 a 482
Sá de Miranda e a Eschola italiana — José Sampaio (Bruno) — Dr. Rodrigo Velloso..... 482 a 487
Gil Vicente e as origens do Theatro nacional — A Es-

chola de **Gil Vicente** — José Sampayo (Bruno) — João Grave — Oliveira Alvarenga ..... 487 a 495
Camões — Epoca, Vida e Obras — Dr. Marques Braga ..... 495 a 500
Historia do Theatro portuguez — Pinheiro Chagas — Dr. Ribeiro Guimarães..... ..... . 500 a 502
Gonzaga — José Verissimo.... ..... 502 a 509
Bocage, sua Vida e Epoca litteraria — Joaquim de Araujo — João Grave — Ramalho Ortigão — Consiglieri Pedroso..... 509 a 517
Garrett e o Romantismo — Heliodoro Salgado — Leopoldo de Freitas — Julio Brandão — Francisco A. Martins de Carvalho..... 509 a 524
Garrett e os Dramas romanticos — José Verissimo 524 a 530
Oliveira Martins — G. Filipponi (a synthese) 530
B) FUNCÇÃO PEDAGOGICA — **Historia da Universidade de Coimbra** — Angelo de Gubernatis — Loiseau — Pinheiro Chagas — Anonymo..... 532 a 541
Curso de Historia da Litteratura portugueza — Léo Quesnel — A. M. Elliot..... 541 a 548

IV

A obra de renovação philosophica e politica

Emile Littré 439
Tracos geraes de Philosophia positiva — Alexandre da Conceição — José Leão..... 551 a 557
Historia universal — Francisco de Paula Oliveira — Carlos de Mello. ..... 557 a 571
Origens poeticas do Christianismo — Alexandre da Conceição — Reis Damaso..... 571 a 576
Centenario de Camões — Basilio Telles — Eduardo Coelho — Julio de Mattos — Ramalho Ortigão ... 576 a 583
Congresso das Associações — Ramalho Ortigão — Victor Ribeiro..... 583 a 588
A Vida como apostolado — Dr. Julio de Mattos — Bazilio Telles — Silva Pinto — Dr. Silva Cordeiro — Fran Paxeco — D. Alice Pestana — D. Carolina Michaëlis — D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — Condessa de Proença — D. Olga da Silveira — José Sampaio — Carlos Arturo Torres — Prof. Antonio Padula.... 589 a 618
Bibliographia geral das Obras de Theophilo Braga 619 a 629

Ceux qui vivent, ce sont ceux qui luttent, ce sont
Ceux dont un dessein ferme emplit l'âme et le front,
Ceux qui d'un haut destin gravissent l'âpre cime,
Ceux qui marchent pensifs, ayant un but sublime,
Ayant devant les yeux sans cesse, nuit et jour,
Ou quelque saint labeur, ou quelque grand amour.

FERNAND GREGH.

Camões (Epoca e Vida)... E' um dos volumes exhaustivos e definitivos da ultima phase do maior philosopho, do maior pensador, do maior trabalhador e do maior patriota de Portugal. Lê-se e pasma-se do saber immenso, do methodo seguro, do poder da synthese conjugado com o rigor de analyse, da modestia infinita, da probidade absoluta, do escrupulo raro, e, principalmente, do amor, do enlêvo de carinho com que o protagonista d'essa epopêa em prosa é tratado e tocado em si e nas suas relações com o seu tempo, com o passado e com o futuro. Uma *ideia mater*, essa ideia tão querida de Theophilo e que aquece toda a sua obra, domina o livro: *Camões dá expressão á nacionalidade e torna-se symbolo d'ella.*

E esta insistencia põe diante da nação e da historia esse sabio e esse philosopho como elle realmente o é: como o maior patriota de Portugal. Com effeito, em Camões, que possuia toda a sciencia da sua epoca, e em Theophilo, que possue toda a sciencia do seu tempo, ha uma cousa ainda maior do que o saber e o estro: ha o *civismo*, que em ambos é egual. Ninguem amou a sua terra mais do que Camões; ninguem mais do que Theophilo ama a sua terra. E esse amor, essa devoção, essa idolatria são no philosopho e no sabio tão profundamente idealistas, que esse espirito tão disciplinado pelo Positivismo tem, ao fallar na sua patria, verdadeiros arrôbos lyricos.

E só ouvindo-o se aquilatam bem o *civismo*, o *patriotismo* d'essa estranha figura que ha cincoenta annos, todos os dias, á mesma hora se levanta com a mesma fé com que adormecen na vespera, a pensar na sua terra, na felicidade da sua terra, na riqueza da sua terra, na belleza da sua terra. Só ouvindo-o.

Homem singular, homem estranho n'este tempo de criminoso egoismo e gelida indifferença. Grande cidadão e alto exemplo a novos e velhos. Quem vae alli? A mais intelligente, a mais nobre expressão da patria futura e um dos mais bellos exemplos do homem moral que jámais a creação produziu. E elle só — oh dictadores! — é a demonstração viva da inanidade da vossa obra. Esse velho que além vêdes é a arma mais formidavel, a força mais forte da nacionalidade portugueza, porque o seu poder escapa a todas as leis repressivas e sob a fórma de fluido imponderavel, mas de irresistivel expansão e penetração, vae a toda a parte e em todas as consciencias se insinúa. Mas é immenso! Elle está em cada protesto que vos irrita, em cada grito que vos assusta, em cada riso que vos encommoda, em cada lagrima que vos remorde. Theophilo é n'este momento a mais alta expressão da consciencia publica em Portugal. E tudo isto porque? Porque, apostólo da democracia e da liberdade, elle teve sempre diante dos olhos, dia e noite *ou quelque grand amour* — o grande amor da sua terra e o santo trabalho de a emancipar e engrandecer.

DR. CUNHA E COSTA, *O Semeador.*

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
B68Z75

Marques Braga (ed.)
Quinquagenario

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 . . 05 02 06 021 6